

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFICH
Programa de Pós-Graduação em História

Kelly Caroline Appelt

“CECI N’EST PAS UNE IMAGINATION RIDICULE”: circularidade de ideias entre escritores libertinos na França do século XVII (Cyrano de Bergerac, Chapelle, Charles Dassoucy e Tristan L’Hermite)

Belo Horizonte
2025

Kelly Caroline Appelt

“CECI N’EST PAS UNE IMAGINATION RIDICULE”: circularidade de ideias entre escritores libertinos na França do século XVII (Cyrano de Bergerac, Chapelle, Charles Dassoucy e Tristan L’Hermite)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para obtenção do título de doutora em História e Culturas Políticas.

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Regina Liebel.

Belo Horizonte

2025

944	Appelt, Kelly Caroline, 1994-
A648c	“Ceci n’est pas une imagination ridicule” [recurso
2025	eletrônico] : circularidade de ideias entre escritores libertinos na França do século XVII (Cyrano de Bergerac, Chapelle, Charles Dassoucy e Tristan L’Hermite) / Kelly Caroline Appelt. - 2025.
	1 recurso online (368 f. : il.): pdf.
	Orientador: Silvia Regina Liebel.
	Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1. História – Teses. 2. Libertinos na literatura - Teses. 3. França – História - Séc. XVII - Teses. I. Liebel, Silvia, 1980- . II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

"Ceci n'est pas une imagination ridicule: circularidade de ideias entre escritores libertinos na França do século XVII (Cyrano de Bergerac, Chapelle, Charles Dassoucy e Tristan L'Hermite)"

Kelly Caroline Appelt

Tese aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Profa. Dra. Silvia Regina Liebel - Orientadora
UFMG

Prof. Dr. Roger Chartier
Collège de France/Univ. of Pennsylvania

Profa. Dra. Giselle Martins Venâncio
UFF

Prof. Dr. Marina Thomé Bezzi
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Ana Paula Sampaio Caldeira
UFMG

Belo Horizonte, 24 de abril de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Sampaio Caldeira, Professora do Magistério Superior**, em 25/04/2025, às 10:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Silvia Regina Liebel, Professora do Magistério Superior**, em 25/04/2025, às 19:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marina Thomé Bezzi, Usuária Externa**, em 28/04/2025, às 10:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Roger André Pierre Chartier, Usuário Externo**, em 29/04/2025, às 10:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Giselle Martins Venancio, Usuário Externo**, em 24/06/2025, às 11:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4138347** e o código CRC **9BBA8C4D**.

À minha família

AGRADECIMENTOS

O longo caminho traçado até aqui só foi possível através dos vários incentivos e apoios recebidos durante o processo. Por isso, deixo aqui registrados os meus agradecimentos.

Primeiro, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa recebida.

À professora Dra. Silvia Liebel, a quem sou eternamente grata pela orientação e apoio. Com muita paciência, dedicação e inspiração, ela sempre me incentivou e me fez acreditar que seria possível alçar voos cada vez mais altos. Muito obrigada!

Ao membro da banca, Dr. Roger Chartier, e às membras Dra. Ana Paula Sampaio Caldeira, Dra. Giselle Martins Venancio e Dra. Marina Thome Bezzi. Sou imensamente grata pelo aceite em comporem a banca, pela disposição para a leitura, avaliação do meu trabalho e suas contribuições.

Aos membros do Grihl (Groupe de Recherches Interdisciplinaires sur l'Histoire du Littéraire) pela acolhida e, em especial, ao Dr. Nicolas Schapira pela ótima receptividade durante a estadia em Paris, pelas conversas e apontamentos que me fizeram observar a minha pesquisa com outros olhos. Também sou grata à Dra. Dinah Ribard pela disposição e pelas suas observações em relação ao meu trabalho. Ao Dr. Christian Jouhaud e à Dra. Laurence Giavarini pela disposição em me ouvir e pelas indicações de suas perspectivas a respeito da minha investigação.

Aos bibliotecários da Bibliothèque nationale de France e da Herzog August Bibliothek pela gentileza e pelos diversos auxílios para me encontrar no mundo dos textos e livros.

Aos colegas que conheci durante a passagem pela Herzog August Bibliothek, em Wolfenbüttel, Elis Pärn, Hans-Uwe Lammel, Andrea Hofmann, Mina Miyamoto Simon Smets. Tivemos ótimas conversas! À Dr. Elizabeth Harding, pela acolhida e disposição.

Ao meu companheiro de vida Zenir Mittman, pelo apoio incondicional, companheirismo e pelas risadas. Você sempre me encorajou a enfrentar os meus medos sem largar minha mão.

Ao meu pai e à minha mãe, Rosalvo Appelt e Leni Appelt, pelo carinho e por sempre me acolherem e me apoiarem. À minha tia, Elite Appelt, pela curiosidade em saber sobre meu trabalho e incentivo.

Aos familiares do Zenir, pelas companhias.

Às amigas, grandes amigas, Marina, Iris, Gabriela, Jhenifer, Nayara, Amanda, por sempre me apoiarem e compartilharem carinho pela nossa amizade. Aos amigos (e à amiga) que passaram pela mesma jornada do doutorado e me incentivaram, Leandro, João e Isabel.

*Mortel, c'est assez dormir! Levez-vous si vous désirez voir une rareté
qu'on n'imaginerait jamais dans votre monde.*

Cyrano de Bergerac

RESUMO

Cyrano de Bergerac, Chapelle, Charles Dassoucy e Tristan L’Hermite, ao recorrerem à ficção, expressaram reflexões e reivindicações sobre modos de viver e pensar independentes em um contexto de afirmação da ordem. Suas obras aqui analisadas, *Viagem à Lua* (1657) e *Viagem ao Sol* (1662), *Voyage de Chapelle et de Bachaumont* (1661), *Les Aventures de Monsieur Dassoucy* (1677) e *Le Page Disgracié* (1643), representam personagens movidas pela escrita, pela leitura, pela viagem, pela reflexão filosófica e pela imaginação, aspectos que favorecem a emergência e a emissão de ideias libertinas. O presente trabalho, situado no campo da história cultural e das práticas da cultura escrita, investiga a circularidade de ideias entre os escritores por meio dos textos. A proposta considera as representações das obras e as ações dos escritores, que permitem indicar as nuances sobre o contexto e desmistificar as imagens limitadoras sobre o período e os seus agentes. O trabalho demonstra – a partir de problematizações do termo libertino, das amizades entre os escritores, das práticas profissionais que os envolviam, da materialidade das fontes, das leituras, das propostas de viagens, das imaginações, da reivindicação do eu e da relevância da escrita – como a troca e a circulação de ideias se manifestam como um traço marcante dos escritores libertinos da França do século XVII, que utilizam seus escritos como verdadeiros aliados para a contestação dos dogmas e da sociedade ordenadora que viviam.

Palavras-chave: Libertinos, Circularidade de ideias, França, Século XVII.

ABSTRACT

Cyrano de Bergerac, Chapelle, Charles Dassoucy, and Tristan L'Hermite, by resorting to fiction, expressed reflections and challenges regarding independent ways of living and thinking within a context of imposed order. Their works analyzed here, *Voyage à la Lune* (1657) and *Voyage au Soleil* (1662), *Voyage de Chapelle et de Bachaumont* (1661), *Les Aventures de Monsieur Dassoucy* (1677) e *Le Page Disgracié* (1643), depict characters driven by writing, reading, travel, philosophical reflection and imagination, aspects that foster the emergence and expression of libertine ideas. This study, situated within the field of cultural history and the practices of written culture, investigates the circularity of ideas among these writers through their texts. The present study takes into account the representations within the works and the actions of the writers, which help reveal the nuances of the context and demystify the restrictive images associated with the period and its figures. This research demonstrates – through problematizations of the term libertine, the friendships between the writers, the professional practices in which they were engaged, the materiality of the sources, their readings, travel narratives, acts of imagination, the assertion of the self, and the central role of writing – how the exchange and circularity of ideas emerge as a defining characteristic of seventeenth-century French libertine authors, who used their writings as instruments for challenging prevailing dogmas and the structuring forces of their society.

Keywords: Libertines, Circularity of ideas, France, 17th Century.

RÉSUMÉ

Cyrano de Bergerac, Chapelle, Charles Dassoucy et Tristan L'Hermite, en ayant recours à la fiction, ont exprimé des réflexions et des revendications sur des modes de vivre et de penser indépendants dans un contexte d'affirmation de l'ordre. Leurs œuvres analysées ici, *Voyage à la Lune* (1657) et *Voyage au Soleil* (1662), *Voyage de Chapelle et de Bachaumont* (1661), *Les Aventures de Monsieur Dassoucy* (1677) et *Le Page Disgracié* (1643), représentant des personnages animés par l'écriture, la lecture, le voyage, la réflexion philosophique et l'imagination, des aspects qui favorisent l'émergence et l'expression d'idées libertines. Ce travail, inscrit dans le champ de l'histoire culturelle et des pratiques de la culture écrite, étudie la circularité des idées entre ces écrivains à travers leurs textes. La proposition prend en compte les représentations présentes dans leurs œuvres ainsi que les actions des écrivains, permettant de saisir les nuances du contexte et de déconstruire les images réductrices qui ont été construites autour de la période et de ses agents. Cette recherche montre – à partir de la problématisation du terme libertin, des amitiés entre les écrivains, des pratiques professionnelles qui les liaient, de la matérialité des sources, des lectures, des propositions de voyage, des imaginaires, de la revendication du moi et de l'importance de l'écriture – comment l'échange et la circulation des idées apparaissent comme un trait marquant des écrivains libertins de la France du XVII^e siècle, qui utilisent leurs écrits comme de véritables alliés dans la contestation des dogmes et de la société ordonnée dans laquelle ils vivaient.

Mots-clés: Libertins, Circularité des idées, France, XVII^e siècle.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Frontispício da primeira edição póstuma de <i>Histoire comique</i> , que possui a cartanagem e a censura do prefácio.....	154
Figura 2 – Texto dedicatório de <i>Histoire comique</i>	155
Figura 3 – Extrato do privilégio e primeira página do prefácio de <i>Histoire comique</i>	156
Figura 4 – Prefácio de <i>Histoire comique</i> cartanagem menos aparente, mas visível	157
Figura 5 – Prefácio de <i>Histoire comique</i> com cartanagem evidente	158
Figura 6 - Os diferentes modelos de esferas.....	180
Figura 7 – Alguns exemplos de ornamentos e variações.....	181
Figura 8 – Uma das peças contrafeitas de <i>Recueil de quelques pieces</i> que possui a esfera e o endereço imaginário	182
Figura 9 – Ornamento de flores do prefácio de <i>Recueil de quelques pieces</i>	183
Figura 10 – Sumário da coleção e indicação de “ <i>Voyage de Messieurs de Bachaumont et la Chapelle</i> ”	184
Figura 11 – Primeira página de <i>Voyage</i> com ornamento	185
Figura 11 - Frontispício da primeira parte de <i>Page disgracié</i> de 1643	187
Figura 12 – Frontispício da segunda parte de <i>Page disgracié</i> 1643.....	188
Figura 13 – Frontispício de <i>Les nouvelles oeuvres de Monsievr de Cyrano</i>	189
Figura 14 – Frontispício da primeira parte de <i>Avantures</i> de Dassoucy, datada 1677	190
Figura 15 – Figura sobre o movimento dos planetas de <i>Principia philosophiae</i> de Descartes, aludida por Dyrcona	225
Figura 16 – Figura de <i>Principia philosophiae</i> de Descartes referenciada por Dyrcona.....	226
Figura 17 – Ariston imerso em sua leitura no frontispício da segunda parte de <i>Page disgracié</i> de 1643	255

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 - SER LIBERTINO NO SÉCULO XVII	32
1.1. Definições sobre a categoria e problematizações sobre o termo	33
1.2. Ser ou não ser libertino: imaginar.....	52
1.3. Duas conjunturas político-religiosas particulares na França: 1620 e 1650	64
CAPÍTULO 2 – HOMOSSOCIABILIDADES E MASCULINIDADE ENTRE OS LIBERTINOS	88
2.1. Os espaços masculinos na Época Moderna: práticas e representações escritas	90
2.2. Amizades ideais	112
2.3. Amizades traídas: as (des)amizades de Cyrano, Chappelle e Dassoucy	127
CAPÍTULO 3 – PARADOXOS DA MATERIALIDADE E PUBLICAÇÃO DO TEXTO LIBERTINO	147
3.1. As contradições dos escritos: entre publicações, censuras e edições	149
3.1.1. Cyrano e as viagens para os outros mundos	149
3.1.2 Dassoucy e suas <i>Avantures</i>	165
3.1.3 Chappelle e a <i>Voyage</i>	172
3.1.4 Tristan e <i>Page disgracié</i>	185
3.2. Amor pela liberdade e submissões aceitáveis	193
CAPÍTULO 4 – LIVRO, O INÍCIO DE TUDO: LEITURA, ESCRITA, DESLOCAMENTO E IMAGINAÇÃO	210
4.1. Leituras e imaginações: inspirações e interações com os textos	213
4.2. Libertino, um ser em movimento através das viagens: fabulações e prazeres do deslocamento	248
4.3. Sonho(s) libertino(s): apreciações, críticas e inquietações oníricas	274
CAPÍTULO 5 – O ‘EU’ EM CENA E A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA	291
5.1. Reclamações do eu, contradições e imaginações privadas	292
5.2. A importância da escrita e a valorização do gênio libertino	309
CONSIDERAÇÕES FINAIS	328
REFERÊNCIAS	336
Fontes	336
Bibliografia.....	345

INTRODUÇÃO

Apesar de recém-chegado no mundo da Lua, Dyrcona aprendeu rapidamente o idioma dos selenitas apenas ouvindo-os falar. Depois de adquirir a prática, passou a expressar belas ideias, elevando o entretenimento dos habitantes através da delicadeza de suas palavras.¹ Tal passagem evidencia a adaptação do protagonista de *Viagem à Lua*, de Cyrano de Bergerac, que, ao estabelecer comunicação com os habitantes do outro mundo, não apenas absorveu novos conhecimentos, como também compartilhou e propagou suas próprias ideias. Dyrcona emerge, assim, como um indivíduo dotado de uma imaginação rica e repleta de ideias, que desejava refletir e debater sobre elas.

A troca e circulação de ideias, presente na trajetória do protagonista, também se manifesta como um traço marcante dos escritores libertinos da França do século XVII. Ao recorrerem à ficção, seus textos literários representam personagens movidas pela escrita, pela leitura, pela viagem, pela reflexão filosófica e pela imaginação, aspectos que possibilitam a emergência e a emissão de ideias. Através de suas obras, os escritores libertinos expressaram suas reflexões e reivindicaram modos de viver e pensar independentes, tornando-as verdadeiras aliadas para a contestação dos dogmas e da sociedade ordenadora que viviam. Pois os libertinos podem ser definidos como indivíduos questionadores – em relação à religião, à cultura, ao cosmos, à política, aos dogmatismos filosóficos –, que buscavam vivenciar uma autonomia de corpo e mente em um contexto onde a submissão era tida como a regra.²

Sendo assim, este trabalho objetiva estudar a circularidade de ideias a partir dos escritos libertinos, para compreensão do desenvolvimento de suas ações e das ideias de reivindicação e independência, que foram representadas e veiculadas através dos textos. Mais especificamente, o foco recai sobre as produções de Cyrano de Bergerac, Charles Dassoucy, Tristan L’Hermite e Chapelle. Cada um deles, com suas especificidades, construiu narrativas que, mesmo com suas devidas diferenças, aproximam-se, principalmente no que concerne às suas escolhas estilísticas, linguísticas e quanto à temática. Eles expressam com criticidade a reivindicação de autonomia, notadamente em relação aos dogmas religiosos e aos costumes da sociedade, o que

¹ No trecho específico, Dyrcona diz: “Quand je fus assez rompu dans l’idiome pour exprimer la plupart de mes conceptions, j’en contai des plus belles. Dèjà les compagnies ne s’entretenaient plus que de la gentillesse de mes bons mots”. CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004, p. 90.

² CHARLES-DAUBERT, Françoise. *Les libertins érudits en France au XVIIe siècle*. Vendôme: PUF, 1998, p. 5.

caracteriza a expressão do pensamento libertino observado a partir dos seus escritos em prosa: *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol*, de Cyrano, publicados postumamente em 1657 e em 1662;³ *Voyage de Chapelle et de Bachaumont*, publicada em 1661;⁴ *Les Aventures de Monsieur Dassoucy*, publicadas em 1677;⁵ e *Le Page Disgracié*, de Tristan, publicada em 1643.⁶ Tais textos compreendem o *corpus* principal da pesquisa. Também não se desconsiderou estabelecer relações com outras produções, como as peças teatrais, os poemas e as cartas, que também foram redigidos por eles. Assim, a partir da análise dos seus escritos, busca-se aprofundar a compreensão sobre as suas ideias e sobre as suas atuações, de forma a contribuir com o estudo das expressões libertinas que se desdobraram ao longo de todo o século XVII na França.

Os textos do *corpus* possuem construções similares ao proporem, através das viagens e aventuras de suas personagens, a emissão de questionamentos a respeito da moralidade religiosa e social, do dogmatismo e das superstições. Através dos deslocamentos por determinados

³ *Les États et empires de la Lune et du Soleil* serão designadas aqui como *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol*, mantendo o acordo com a forma com que as duas obras foram traduzidas para a língua portuguesa, conforme a edição do Clube do Livro e da editora Globo: CYRANO DE BERGERAC. *Viagem aos Impérios do Sol e da Lua*. Tradução José Maria Machado. São Paulo: Edição Clube do Livro, 1955; CYRANO DE BERGERAC. *Viagem à Lua*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Globo, 2007. As edições em língua francesa consultadas foram: CYRANO DE BERGERAC, Savinien de; LE BRET, Henry. *Histoire comique, par monsieur de Cyrano de Bergerac*. Contenant les Estats et Empires de la Lune. Paris: Charles de Sercy, 1657; CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Les nouvelles oeuvres de Monsierv de Cyrano de Bergerac*. Contenant l'Histoire Comique des Estats & Empires du Soleil, plvsievr letres, et avtres pieces diuertissantes. Paris: Charles de Sercy, 1662. BNF Z-20087 (1). CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*.

⁴ CHAPELLE; BACHAUMONT. *Voyage de messieurs de Bachaumont, et la Chapelle*. In: RECUEIL de quelques Pieces Nouvelles et Galantes, tant en Prose qu'en Vers; Dont les Titres se trouveront apres la Preface. Cologne: Pierre du Marteau, 1663; CHAPELLE; BACHAUMONT. *Oeuvres de Chapelle et de Bachaumont*. La Haie, Quillau, 1755.; CHAPELLE; BACHAUMONT. *Oeuvres de Chapelle et de Bachaumont*. Nouvelle édition. Révue et corrigé sur les meilleurs textes notamment sur l'édition de 1732. Précédée d'une notice par M. Tennat de Latour. Paris: P. Jannet, 1854. As edições contemporâneas da obra que foram consultadas compreendem: CHAPELLE; BACHAUMONT. *Voyage d'Encausse*. Établissement du texte, introduction et notes par Yves Giraud. Paris: Honoré Champion, 2007 e CHAPELLE; BACHAUMONT. *Voyage à Encausse*. Saint-Étienne: Institut Claude Longeon, 2008.

⁵ DASSOUCY, Charles. *Les Aventures de Monsieur Dassoucy*. Tome Premier. Paris: Claude Audinet, 1677; DASSOUCY, Charles. *Les Aventures de Monsieur Dassoucy*. Tome Second. Paris: Claude Audinet, 1677; DASSOUCY, Charles. *Les Aventures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*. Paris: Antoine Rafflé, 1677. A edição contemporânea utilizada foi: DASSOUCY, Charles. *Les Aventures et les Prisons*. Édition critique par Dominique Bertrand. Paris: Honoré Champion, 2008. É importante pontuar a disparidade dos títulos entre *Aventures* e *Aventures*. As edições de 1677 foram publicadas com a primeira grafia, sendo que a segunda aparece somente em edições posteriores. Com o objetivo de padronizar, ao longo do texto será empregada a segunda opção, mas no caso de consultas às primeiras edições, elas serão referenciadas conforme a escrita original (*Aventures*).

⁶ TRISTAN L'HERMITE. *Le page disgracié*. Ov l'on void de vifs caracteres d'hommes de tous temperamens, et de toutes professions. Par Mr de Tristan. Premiere partie. Paris: Tovssaint Qvinet, 1643; TRISTAN L'HERMITE. *Le page disgracié*. Ov l'on void de vifs caracteres d'hommes de tous temperamens, et de toutes professions. Par Mr de Tristan. Seconde partie. Paris: Tovssaint Qvinet, 164; TRISTAN L'HERMITE. *Le Page disgracie ov l'on void de vifs caracteres d'hommes de tous temperamens, et de toutes profefions*. Premiere partie. Paris: Andre Bovtonne, 1667; TRISTAN L'HERMITE. *Le Page disgracie ov l'on void de vifs caracteres d'hommes de tous temperamens, et de toutes professions*. Seconde partie. Paris: Andre Bovtonne, 1667. A edição preparada por Jacques Prévot se baseia nas publicações de 1667 também foi consultada: TRISTAN L'HERMITE. *Le Page disgracié*. Édition de Jacques Prévot. Paris: Folio Classique, Éditios Gallimard, 1994.

espaços, como a Lua, o Sol, territórios italianos, franceses e ingleses, os protagonistas e outras personagens das obras emitiram discursos questionadores, apresentando-se como críticos, satíricos e hedonistas em defesa da autonomia e da liberdade de corpo e pensamento, mesmo diante das perseguições sofridas. Mas essa autonomia – reivindicada a partir da escrita e da publicação de textos que revelavam uma insubordinação à ordem – era vivenciada de forma paradoxal e condicionada pelos poderes, pelas censuras e pela regulamentação progressiva das práticas e dos saberes afirmados ao longo do século.⁷ Ao mesmo tempo, os escritores libertinos se colocavam a serviço do poder oficial, tentando conquistar um espaço para o exercício da liberdade dentro de uma subordinação aceitável. Por isso, as mensagens e os questionamentos que permeavam seus escritos eram reivindicados em articulação com o caráter inventivo e ficcional desses textos, a partir de um arsenal poético “impregnado por figuras que encenam a descontinuidade, a incongruência e o excesso” – como metáforas, alegorias, equívocos, hipérboles, anáforas –, além da mistura de diferentes gêneros literários.⁸ Desse modo, as ideias e reflexões de Cyrano, Chappelle, Tristan e Dassoucy também eram expressas a partir de dissimulações, de equívocos que permitiam preservar suas propostas e ações diante de um contexto coercitivo, marcado por diversas formas de opressões e censuras, em meio ao fortalecimento dos poderes religiosos e políticos.

Também se deve apontar que a escolha do quarteto de escritores para este estudo se baseou na percepção de proximidade entre eles e nos laços pessoais e profissionais que foram representados em suas obras, já que é possível identificar menções que evidenciam suas ligações. Além disso, constatou-se que o nome de Cyrano frequentemente aparece associado a Chappelle e Dassoucy, uma vez que eles teriam mantido uma relação que foi classificada por Madeleine Alcover como um “trio gay”.⁹ Os dois primeiros escritores são, recorrentemente, vinculados ao matemático e filósofo libertino Pierre Gassendi, que mantinha amizade com François Luillier, pai de Chappelle, o que teria possibilitado ao sábio transmitir ensinamentos ao

⁷ Mais de um historiador apontou como os sujeitos e os escritos estavam sujeitos às ordenações e como eles lidavam com elas, como: MUCHEMBLED, Robert. *La Société poliee*. Politique et politesse en France du XVIe au XXe siècle. Paris: Seuil, 1998; CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução Mary del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. MARTIN, Henri-Jean. *Livre, pouvoirs et société a Paris au XVIIe siècle (1598-1701)*. t. 1, 2. Genève: Droz, 1999. Ver também, sob uma perspectiva interdisciplinar, as reflexões de uma obra coletiva que trata da liberdade de fala emergente durante o período moderno: MOREAU, Isabelle; HOLTZ, Grégoire (Dir.). « *Parler librement* » : La liberté de parole au tournant duXVIe et du XVIIe siècle. Lyon: ENS Éditions, 2005.

⁸ COSTA, Leila de Aguiar. Um faro para a modernidade: breves notas sobre o(s) outro(s) mundos(s) de Cyrano de Bergerac. *Carnets*, n. 3, p. 1-15, 2011.

⁹ ALCOVER, Madeleine. Un gay trio: Cyrano, Chappelle, Dassoucy. In: HEYNDELS, R.; WOSHINSKY, B. (Éd.). *L'Autre au XVIIe siècle*. Actes du quatrième colloque du Centre international de Rencontres sur le XVIIe siècle (University of Miami, 23-25 avril 1998). Biblio 17, v. 117, Tübingen, 1999.

jovem. A partir disso, Chapelle provavelmente repercutiu os ensinamentos recebidos com Cyrano, e também com Dassoucy, dada a proximidade entre eles.¹⁰ Já Tristan, embora tenha sido referenciado em determinados textos, é colocado pela literatura especializada um pouco mais distante do núcleo, sendo raramente correlacionado a ele, ainda que Joan Dejean tenha indicado a possibilidade dessa proximidade.¹¹

De todo modo, parte-se da hipótese de que existia uma proximidade entre esses escritores, a qual se manifestava em seus exercícios profissionais, nos laços pessoais construídos por meio de amizades, e nos aspectos culturais ligados à comunicação de suas ideias e reflexões libertinas através dos textos. A partir disso, é possível levantar questionamentos sobre as ideias transmitidas em suas obras: haveria similaridades entre elas? Seria possível identificar uma circularidade de ideias libertinas a partir de suas produções? Embora muitos trabalhos tenham apontado as disparidades nas proposições libertinas, indicando a diversidade de perspectivas encontrada nas obras, trabalhos mais recentes apontam para a similaridade de ideias dos escritores libertinos, ainda que poucos trabalhos se dediquem ao estudo específico sobre as relações estabelecidas nas produções do quarteto.¹² Quando feita essa comparação, torna-se possível observar as articulações desenvolvidas por esses escritores, no que se refere às ideias, reflexões libertinas, críticas, e também no modo como atuam no contexto vivido. Suas obras, ainda, permitem refletir sobre os processos de publicação e circulação de textos, os quais possibilitaram legitimar suas ideias e ações como escritores. Além disso, as representações das ligações com os pares por meio das obras favorecem a reivindicação de ideias e sua circularidade.

¹⁰ As pesquisas de Jean-Charles Darmon e de René Pintard apontam para uma influência maior de Gassendi – através da filosofia de Epicuro e de temáticas científicas – sobre os escritores Cyrano e Chapelle. DARMON, Jean-Charles. *Philosophie épicurienne et littérature au XVIIe siècle en France*. Études sur Gassendi, Cyrano de Bergerac, La Fontaine, Saint-Évremond. Paris: PUF, 1998; PINTARD, René. *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVIIe siècle*. Genève: Editions Slatkine, 2000.

¹¹ DEJEAN, Joan. *Libertine Strategies: Freedom and the Novel in Seventeenth-Century France*. Columbus: Ohio State University Press, 1981, p. 12.

¹² Em alguns trabalhos, Bruno Roche indicou as aproximações das proposições libertinas, primeiro, a partir da referência de Lucrécio e a partir da expressão do riso: ROCHE, Bruno. *Lumières épicuriennes au XVIIe siècle*. La Mothe le Vayer, Molière et La Fontaine, lecteurs et continuateurs de Lucrèce. Paris: Honoré Champion, 2020; ROCHE, Bruno. *Le Rire d'Éros ou le libertinage de l'imagination*. In: VAILLANT, Alain. *Esthétique du rire*. Paris: Presses universitaires de Paris-Ouest, 2012, p. 89-120; ROCHE, Bruno, *Le rire des libertins dans la première moitié du XVIIe siècle*. Paris: Honoré Champion, 2011. Jean-Charles Darmon apontou as similaridades da reivindicação da filosofia de Epicuro: DARMON, *Philosophie épicurienne et littérature au XVIIe siècle en France*, p. 39-65 e p. 211-263. Outros trabalhos, como de Laurence Tricoche Rauline aponta a similaridade quanto à reivindicação da primeira pessoa em obras libertinas e Sylvie Requémora indica a relação da viagem com a libertinagem como um aspecto comum. TRICOCHÉ-RAULINE, Laurence. *Identités libertines*. Paris: Honoré Champion, 2009; REQUEMORA, Sylvie. *Voyage et libertinage, ou l'usage du genre hodéporique comme "machine à déniaiser" dans la littérature française du XVIIe siècle*. *Annali d'Italianistica*, v. 21, p. 116-136, 2003.

Ao se propor a pesquisa sobre os libertinos deve-se apontar alguns aspectos sobre o sentido do termo “libertino”, que foi utilizado no século XVII com uma conotação negativa, um sentido acusatório aos indivíduos considerados incrédulos, indiferentes, críticos e contestadores em matéria de religião e costumes. No século seguinte, a palavra não é mais inteiramente relacionada à (ir)religião, sendo associada à depravação moral e à devassidão, denotando uma ligação com a licenciosidade e a questão sexual que, embora resultantes de uma moral constituída pelo universo da crença, começam a ganhar reflexões próprias. Já o século XIX será o momento em que a libertinagem passará a ser evidenciada como uma categoria, elaborada pela história literária, sendo compreendida em oposição ao classicismo e passando a congregar os escritores libertinos considerados dissidentes e imbuídos de livre-pensamento. Nesse período, mais precisamente no fim do século, emergem os primeiros historiadores da libertinagem, como Jacques Denis, René Grousset, François-Tommy Perrens e Pierre-Antonin Brun.¹³ Trata-se de autores que irão se dedicar ao estudo das obras dos libertinos, contribuindo com pesquisas sobre esses escritores e com a divulgação de seus escritos, embora muitas de suas análises tenham corroborado com a deslegitimação da escrita dos libertinos ao se basearem em ideias pré-concebidas, que associam os libertinos ao escândalo, à imoralidade e à impiedade. Eles acabaram por construir uma imagem desvalorizante sobre a produção dos libertinos, talvez por serem instigados pelas concepções acusatórias sobre os libertinos e as suas formas de expressão que foram produzidas pelos religiosos ao longo dos seiscentos.

No século XX é quando aparece a grande tese de René Pintard, obra exemplar no que se refere à pesquisa de arquivos e à reconstituição sobre as redes de sábios atuantes durante o século XVII na França. Em seu escrito, Pintard formula duas concepções que indicam uma distinção entre as práticas intelectuais e as práticas sociais, a partir das formulações de “libertinagem erudita” e “libertinagem de modos”. Duas concepções, sendo que a primeira, enquanto erudita, indica como a prática da libertinagem poderia se restringir ao campo das ideias, permanecendo no âmbito do pensamento, sendo desenvolvida de forma filosófica em

¹³ DENIS, Jacques. *Sceptiques ou libertins de la première moitié du XVIIe siècle*: Gassendi, Gabriel Naudé, Guy Patin, La Mothe Le Vayer, Cyrano de Bergerac. Mémoires de l'Académie de Caen. Genève, 1884. GROUSSET, René. Les Libertins. In: *Oeuvres posthumes*. Essais et poésies, recueillis et publiés avec les notices par R. Doumic et P. Imbart de la Tour. Paris: Hachette, 1886; PERRENS, François-Tommy. *Les libertins en France au XVIIe siècle*. Paris: Léon Chailley, 1896; BRUN, Pierre-Antonin. *Savinien de Cyrano Bergerac*. Sa vie et ses oeuvres d'après des documents inédits. Thèse de doctorat présentée à la Faculté des Lettres de Paris. Paris: Armand Colin & Cie, 1893; BRUN, Pierre-Antonin. *Autour du XVIIe siècle*. Les libertins, Maynard, Dassoucy, Desmarets, Ninon de Lenclos, Carmain, Boursault, Mérigon, Pavillon, Saint-Amant, Chaulieu, manuscrits inédits de Tallemant Des Réaux. Grenoble: H. Falque et F. Perrin, 1901. Sobre a crítica desses autores, conferir CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Les libertins. L'envers du grand siècle. *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, n. 28-29, p. 1-22, 2003.

esferas afastadas do poder ou marcadas pela duplicidade. Já a segunda teria uma aplicação prática na vida do libertino, podendo ser identificada a partir dos seus costumes, modos e ações vivenciadas no mundo.¹⁴ Esse tipo de divisão e as suas subdivisões, entre libertinagem de pensamento e libertinagem de costume, libertinagem filosófica e libertinagem prática, libertinagem “*flamboyant*” e libertinagem erudita, demarcaram boa parte das produções sobre a libertinagem ao longo do tempo, principalmente entre os séculos XIX e XX. A questão é que esse processo de categorização passou a ser criticado, pois compreende um espaço debatível, uma vez que depende em grande medida de como as fontes utilizadas pelos historiadores abordam tais categorias, além das categorizações conferirem certas objetividades aos conflitos polêmicos e ideológicos que estão presentes nas fontes, em suas formas políticas, religiosas, morais e intelectuais.¹⁵

Ainda que os conceitos elaborados por Pintard buscassem contribuir para o entendimento do fenômeno da libertinagem, é preciso considerar como a libertinagem constituía as múltiplas práticas dos indivíduos assim qualificados. Ao que parece, tais conceitos ainda encobrem uma percepção moralizante e restritiva a respeito dos libertinos, já que Pintard está particularmente mais interessado na libertinagem erudita, ao erigir um modelo de escritores ligados às redes internacionais de conhecimento da época, ignorando a possibilidade de que a libertinagem fosse vivenciada de outras formas, fora desse ambiente filosófico e erudito. Além disso, não se pode ignorar o fato de que, provavelmente, a libertinagem também compreendia as relações que os libertinos estabeleciam com outros indivíduos, com as instâncias de poder e a sociedade como um todo. Dessa forma, é mais proveitoso observar o fenômeno da libertinagem de forma múltipla, na medida em que ela pode ser vivenciada de diferentes formas e é parte constituinte das visões de mundo dos libertinos.

Nesse sentido, o presente trabalho também permite, através da análise das obras de Cyrano, Chappelle, Dassoucy e Tristan, ressignificar o entendimento das noções de libertinagem e de libertino. A proposta consiste em compreendê-las como expressões de uma busca por independência em um contexto onde os escritores, e suas atividades, perpassaram pelo reconhecimento, conquistando uma certa autonomia, ainda que estivessem sujeitos à dependência das estruturas do poder político. Tal condição foi apontada por Christian Jouhaud, ao destacar o paradoxo de uma liberdade que se desenvolvia sob restrições.¹⁶ Segundo Alain

¹⁴ PINTARD, *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVIIe siècle*.

¹⁵ CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Libertine and Libertinism: Polemic Uses of the Terms in Sixteenth- and Seventeenth Century English and Scottish Literature. *Journal for Early Modern Cultural Studies*, v. 12, n. 2, 2012, p. 13.

¹⁶ JOUHAUD, Christian. *Les Pouvoirs de la littérature*. Histoire d'un paradoxe. Paris: Gallimard, 2000, p. 10.

Viala, foi nesse momento que se delinearam os contornos de um novo status social em formação: o nascimento do escritor. Esse processo ocorreu, justamente, no século XVII e coincidiu com as profundas transformações nos campos culturais, que abriram espaços para a emergência de uma possível autonomia para os homens de letras.¹⁷ Sendo assim, a atuação dos escritores libertinos deve ser compreendida à luz de um processo paradoxal – entre emancipação e sujeição às estruturas de poder – que marcava o campo em germinação no qual estavam inseridos.¹⁸ A lógica do campo, ainda que concebida por Pierre Bourdieu para definir a autonomização dos produtores culturais no século XIX, enseja a reflexão sobre a história desse campo, sua emergência e suas configurações anteriores, como a que se delineou na cena literária do XVII, ainda em formação. Nesse período, os escritores libertinos imaginam a experiência de uma plena autonomia de pensamento e de escrita, evidenciando o processo de afirmação da literatura e das artes nas sociedades. Assim, os libertinos podem ser identificados como representantes fundamentais desse “primeiro campo literário”, ao vivenciarem a ambivalência entre a imaginação e a reivindicação de uma dada liberdade e a manutenção das redes de dependência – frequentando salões e círculos acadêmicos, buscando patronos, gratificações e uma certa legitimidade nas instituições – que regiam as condições de produção e circulação.¹⁹

Nesse sentido, Jean-Pierre Cavallé indica como desde o final da década de 1990, a historiografia da libertinagem tem buscado alargar as suas percepções sobre o fenômeno. Suas pesquisas apontam para a necessidade de rever o uso das categorias “libertinagem” e “libertino”, elaborações da historiografia literária, assim como para o questionamento das imagens negativas atribuídas à libertinagem. Parte desse trabalho reviu, de forma crítica, as compreensões que foram feitas sobre os libertinos ao longo do tempo e, principalmente, sobre

¹⁷ VIALA, Alain. *Naissance de l'écrivain*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1985, p. 7-8.

¹⁸ As reflexões de Pierre Bourdieu sobre o campo, ainda com uma ênfase mais tardia, também envolvem essa compreensão, já que não se pode ignorar as posições e as ações que cada agente desempenha dentro do próprio campo de ação: “Irredutível a um simples agregado de agentes isolados, a um conjunto aditivo de elementos simplesmente justapostos, o campo intelectual, da mesma maneira que o campo magnético constitui um sistema de linhas de força: isto é, os agentes ou sistemas de agentes que o compõem podem ser descritos como forças que se dispoem, opondo e compondo, lhe conferem sua estrutura específica num dado momento do tempo. Por outro lado, cada um deles é determinado pelo fato de fazer desse campo: à posição particular que ele aí ocupa deve com efeito, propriedades de posição, irredutíveis, às propriedades intrínsecas, e, particularmente, um tipo determinado de participação no campo cultural enquanto sistema de relações entre temas e problemas e, por isso mesmo, um tipo determinado de inconsciente cultural, chamaremos peso funcional, porque sua “massa” própria, isto é, seu poder (ou melhor, sua autoridade) dentro do campo, não pode ser definido independentemente da posição que ocupa no campo”. BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, Jean et al. (Org.). *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 105-106.

¹⁹ VIALA, *Naissance de l'écrivain*, p. 152 e p. 162-165. Ver também as reflexões do artigo sobre campo literário: SAINT-JACQUES, Denis; VIALA, Alain. À propos du champ littéraire. *Histoire, géographie, histoire littéraire. Annales. Histoire, Sciences Sociales*, v. 49, n. 2, 1994, p. 398-401.

os princípios que se consolidaram no século XIX.²⁰ Para isso, também se torna necessário reconhecer a importância de alargar as compreensões sobre o fenômeno, ao se privilegiar outras perspectivas de estudo que não somente a partir do episódio da irreligião, e sim através de outros temas que investiguem, por exemplo, as ideias propostas, os estilos de escrita, os modos de argumentação, a inscrição da expressão libertina na história das doutrinas filosóficas, as sociabilidades que envolvem os grupos libertinos, a contribuição cultural dos seus escritos, as relações com a sexualidade e a relação da libertinagem com a política. São várias possibilidades, considerando que o estudo dos libertinos permite o aprofundamento e a compreensão sobre os costumes, a história literária, a história dos livros, a história social dos escritores e a geografia intelectual da época moderna.

É inegável como os estudos mais recentes sobre a libertinagem se voltaram para a expansão da compreensão do fenômeno, ao repensarem as categorias e a importância dos escritos libertinos para se refletir sobre os diferentes eventos que demarcaram a dissidência no século XVII. Nessa esteira, torna-se fundamental apontar as contribuições da perspectiva filosófica do já citado Cavaillé, de Sylvia Giocanti e Alexandra Torero-Ibad; do campo literário, a partir dos estudos de Bruno Roche, Isabelle Moreau, Jean-Charles Darmon, Laurance Tricoche-Rauline, Madeleine Alcover, Dominique Bertrand e Sylvie Requémora; e do âmbito histórico de Didier Foucault e Stéphane Van Damme. Além de anunciarem novas possibilidades para a compreensão das expressões libertinas, esses pesquisadores e pesquisadoras evidenciaram a relevância e a contribuição das obras dos libertinos e as possíveis influências que suas ideias tiveram na posteridade.²¹ O historiador Jonathan Israel, por exemplo, ao

²⁰ CAVAILLÉ, Jean-Pierre. *Dis/simulations*. Jules-César, Vanini, François La Mothe Le Vayer, Gabriel Naudé, Louis Machon et Torquato Accetto. Religion, morale et politique au XVIIe siècle. Paris: Champion, 2002; CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Le “libertinage érudit”: fertilité et limites d’une catégorie historiographique. *Les Dossiers du Grihl*, n. 3, 2011. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/4827> Acesso em: 18 junho 2025.

²¹ ALCOVER, Madeleine. *Cyrano relu et corrigé (Lettres, États du Soleil, Fragment de Physique)*. Genève: Droz, 1990; BERTRAND, Dominique (Éd.). *Avez-vous lu Dassoucy?* Actes du colloque du Centre d’études sur les réformes, l’humanisme, et l’âge classique, CERHAC, Clermont-Ferrand, 25-26 juin 2004. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal, 2005; ROCHE, *Le rire des libertins dans la première moitié du XVIIe siècle*; ROCHE, *Le rire du page ou les métamorphoses du libertinage flamboyant*; CAVAILLÉ, Les libertins. L’envers du grand siècle; CAVAILLÉ, Jean-Pierre. *Postures libertines*. La culture des esprits forts. Toulouse: Anacharsis Éditions, 2011; CAVAILLÉ, Jean-Pierre. *Les Déniaisés*. Irréligion et libertinage au début de l’époque moderne. Paris: Classiques Garnier, 2013; DARMON, *Philosophie épicurienne et littérature au XVIIe siècle en France*; DARMON, Jean-Charles. *Le songe libertin*. Cyrano de Bergerac d’un monde à l’autre. Paris: Klincksieck, 2004; DARMON, Jean-Charles. Libertinage et politique: remarques sur l’utilité et les incertitudes d’un questionnement. *Littératures classiques*, v. 55, n. 3, p. 7-20, 2004; FOUCAULT, Didier. *Histoire du libertinage des goliards au marquis de Sade*. Paris: Perrin, 2007; GIOCANTI, Sylvia. Ce que le libertinage politique, s’il existe, doit au scepticisme. *Littératures classiques*, v. 55, n. 3, p. 53-67, 2005; GIOCANTI, Sylvia. Scepticisme ou libertinage ? Le cas de La Mothe Le Vayer. *Dix-septième siècle*, n. 4, v. 233, p. 701-716, 2006; MOREAU, Isabelle. “Guérir du sot”. Les stratégies d’écriture des libertins à l’âge classique. Paris: Honoré Champion, 2007; REQUEMORA, Sylvie. *Voguer vers la modernité*. Le Voyage à

investigar o iluminismo radical no contexto europeu, aponta a influência dos libertinos do século XVII entre as reflexões dos filósofos iluministas do século XVIII.²² Ainda antes de Israel, o filósofo Tullio Gregory apontou a emergência de uma reflexão sobre a razão a partir dos trabalhos de Pierre Charron, no século XVI, reflexão retomada pelos libertinos que desenvolvem suas considerações ao mesmo tempo em que René Descartes estava refletindo sobre o assunto.²³ É possível identificar, também, as ligações dos libertinos com os humanistas, tendo uma influência reconhecida principalmente com relação aos escritos antigos gregos e romanos, e os vínculos com os iluministas, podendo considerar os libertinos como os precursores de uma razão e filosofia crítica, que se mostrou contrária às ortodoxias tradicionais do momento.

Embora os estudos sobre os libertinos tenham vigorado nos últimos anos, uma falta pode ser sentida com a ausência de análises sobre eles no âmbito acadêmico brasileiro, embora essa também seja uma realidade em escala internacional.²⁴ As esferas dedicadas aos seus estudos ainda se concentram mais no âmbito filosófico e literário, sendo ocasionalmente estudados pelo

travers les genres au XVIIe siècle. Paris: PUPSP, 2012; TORERO-IBAD, Alexandra. *Libertinage, science et philosophie dans le matérialisme de Cyrano de Bergerac*. Paris: Honoré Champion, 2009; SRIBNAI, Judith. *Pierre Gassendi: le voyage vers la sagesse (1592-1655)*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 2017; TRICOHE-RAULINE, *Identités libertines*; VAN DAMME, Stéphane. *Libertinage de moeurs/ libertinage érudit. Le travail de la distinction. Les Dossiers du Grihl*, n. 3, 2022. <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/4826> Acesso em: 11 março 2025; VAN DAMME, Stéphane. *Violences fondatrices? Les épreuves aux origines de l'identité libertine sous l'Ancien Régime. Les Dossiers du Grihl*, n. 1, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/dossiersgrihl.722> Acesso em: 22 junho 2025; VAN DAMME, Stéphane. *Subversive Freedom: Libertine Anthropology and the Geography of Knowledge in Seventeenth-Century France. Early Modern French Studies*, v. 37, n. 2, p. 108-125, 2015; VAN DAMME, Stéphane. *La mappemonde sceptique: une géographie des "libertins érudits". Littératures classiques*, n. 92, v. 1, p. 77-112, 2017.

²² ISRAEL, Jonathan I. *Iluminismo radical: a filosofia e a construção da modernidade, 1650-1750*. Tradução Claudio Blanc. São Paulo: Madras, 2009.

²³ GREGORY, Tullio. *Genèse de la raison classique de Charron à Descartes*. Traduit par Marilène Raiola. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

²⁴ Alguns trabalhos em língua portuguesa podem ser destacados, como de Silvia Liebel, Maria Machado, Leila de Aguiar Costa: LIEBEL, Silvia. *Viagem à Lua: utopia, viagem imaginária e o mundo de ponta cabeça em Cyrano*. Revista MORUS – Utopia e Renascimento, v. 11, n. 2, p. 491-512, 2016; LIEBEL, Silvia. *O mundo às avessas na Europa dos séculos XVI e XVII: humor, sandice e crítica social*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006; MACHADO, Maria. *La Mort d'Agrippine, De Cyrano de Bergerac: Uma Tragédia Sem Eternidade*. Dissertação (Mestrado em Literaturas Românicas Modernas e Contemporâneas) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2002; COSTA, Um faro para a modernidade. Também pode-se destacar os trabalhos de Hansen e de Villalta (especificamente sobre o século XVIII): HANSEN, João Adolfo. O Discreto. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Libertinos Libertários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 77-102; VILLALTA, Luiz Carlos. Libertinagens e livros libertinos no mundo lusobrasileiro (1740-1802). In: MEGIANI, Ana Paula Torres; ALGRANTI, Leila Mezan (Org.). *O império por escrito: formas de transmissão da cultura letrada no mundo ibérico (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Alameda/Fapesp/ Cátedra Jaime Cortesão, 2009, p. 511-550; VILLALTA, Luiz Carlos. Leituras Libertinas. Revista do Arquivo Público Mineiro, v. 48, n. 1, p. 76-97, 2012. Em espanhol, pode-se indicar BALBOA, Samuel Herrera. *Pierre Gassendi: el proyecto de una filosofía de la naturaleza en los albores de la filosofía moderna*. Barcelona: Herder, 2019 e OSUNA, Camila Arbué; MUSICH, Walter N. *Comedia y barroco. Narrativas del cuerpo en los círculos teatrales libertinos. Caiana*, n. 2, p. 1-14, ago. 2013.

campo histórico. As produções em línguas estrangeiras, como a francesa, a italiana e a inglesa, parecem dominar a cena.²⁵ Por isso, é preciso reconhecer a relevância do estudo das produções desses escritores, de modo a colocá-los como focos de pesquisa. Pois, ao serem estudados a partir de perspectiva histórica, seria possível aprofundar os entendimentos sobre os processos perpassados pela sociedade francesa do período moderno, que mesmo diante da coerção emanada pelo Estado moderno, também vivenciou a emergência de práticas e ideias dissidentes, que ganharam cada vez mais terreno ao possibilitarem discussões a respeito da liberdade, da autonomia e da laicidade,²⁶ concepções que são amplamente discutidas pelas sociedades contemporâneas, principalmente como demandas nas disputas entre os povos e os seus governantes.

Nesse sentido, deve-se reconhecer as potencialidades das ficções literárias de Cyrano, Chapelle, Dassoucy e Tristan enquanto espaços que serviram para o exercício de pensamento dos escritores e enquanto ações,²⁷ já que através delas eles se colocam em cena, indicando ideias, produzindo uma imagem das suas atividades, imaginações e apontamentos sobre diversos temas. Além disso, seus textos permitem adentrar em discussões sobre o racionalismo, a ciência e o papel da fé durante o século XVII, enunciando a função da dissidência naquele período, o que indica como essa discussão se tornou literária, filosófica e histórica, adentrando as esferas culturais e educacionais, não sendo mais restrita apenas ao debate teológico. Dessa

²⁵ BIANCHI, Lorenzo. *Tradizione libertina e critica storica, da Naudé a Bayle*. Milano: Franco angeli, 1988; BIANCHI, Lorenzo. Per una biblioteca libertina: Gabriel Naudé e Charles Sorel. *Bibliothecae selectae da Cusano a Leopardi, a cura di Eugenio Canone*. Estrato: Olschki: 1993, p. 171-215; THEOPHRASTUS redivivus. Edizione prima e critica a cura di G. Canziani e G. Paganini, v. I. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1981; THEOPHRASTUS redivivus. Edizione prima e critica a cura di G. Canziani e G. Paganini, v. II. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1982; PAGANINI, Gianni. *Introduzione alle filosofie clandestine*. Roma/Bari: Laterza, 2008; Antonella Del Prete apresenta um panorama das produções no território italiano sobre os libertinos, ver DEL PRETE, Antonella. L'Italie et la libre-pensée : un amour durable (1990-2017). *Dix-septième siècle*, v. 4, n. 281, p. 587-598, 2018. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-dix-septieme-siecle-2018-4-page-587?lang=fr> Acesso: 23 março 2025; MORI, Gianluca. *L'Ateismo dei moderni*. Filosofia e negazione di Dio da Spinoza a d'Holbach. Roma: Carocci Editore, 2016; HARTH, Erica. *Cyrano de Bergerac and the Polemics of Modernity*. New York/London: Columbia University Press, 1970; DEJEAN, *Libertine Strategies*; DEJEAN, Joan. *The Reinvention of Obscenity*. Sex, Lies and Tabloids in Early Modern France. Chicago/London: University of Chicago Press, 2002; HORSLEY Adam. *Libertines and the Law*. Subversive Authors and Criminal Justice in Early Seventeenth-Century France. Oxford: Oxford University Press, 2021.

²⁶ Determinados trabalhos sublinham a relevância dos escritos libertinos para se pensar a irreligião no período moderno, o que contribui para refletir sobre o percurso da laicização da sociedade francesa. Ver CAVAILLÉ, *Les déniaisés*; GENGOUX, Nicole. L'incroyance a toujours existé. Le *Theophrastus redivivus*. In: TIZZIANI, Manuel; SEGUIN, Susana (Dir.). *Généalogie de l'incroyance au XVIIe siècle*. Lyon: Publications de l'ENS de Lyon, 2022. p. 1-9; MINOIS, Georges. *História do ateísmo: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias*. Tradução Flávia Nascimento Falleiros. São Paulo: Editora UNESP, 2014; MORI, Gianluca. *Athéisme et dissimulation au XVIIe siècle*. Guy Patin et le *Theophrastus redivivus*. Paris: Honoré Champion, 2022; SCHINO, Anna Lisa. Les athéismes libertins au XVII siècle. *La Lettre clandestine*, n. 31, p. 19-42, 2023.

²⁷ Nicolas Schapira evidencia a relevância da escrita como uma ação e uma produtora das identidades sociais dos “profissionais de letras” durante o período moderno. SCHAPIRA, Nicolas. *Un professionnel des lettres au XVIIe siècle*. Valentin Conrart: une histoire sociale. Seyssel: Champ Vallon, 2003.

forma, os escritos libertinos são compreendidos como uma forma de atuação política diante da emergência de novas ideias sobre o ser humano e o mundo, ao reivindicarem a liberdade – de espírito e de corpo – em uma sociedade de regime repressivo, onde a questão moral estava contida nos poderes religiosos e políticos.

Através do estudo das produções dos escritores libertinos, identifica-se que o século XVII não pode ser representado como um período completamente harmônico, em que as práticas e pensamentos dos agentes poderiam ser diferentes daqueles que os membros da Igreja e os servidores do Estado buscavam inculcar. Assim como o século não pode ser visto, obviamente, como um momento que vivia sufocado apenas pelos poderes político-religiosos.²⁸ É preciso, pois, reconhecer as nuances e o florescimento de produções em seus mais diversos âmbitos culturais, filosóficos, científicos, políticos e confessionais para que sejam desmistificadas as imagens limitadoras que foram construídas sobre o contexto e, também, sobre os seus agentes. Nesse sentido, as fontes aqui analisadas são reveladoras das tensões e movimentações que estavam ocorrendo na esfera erudita do período, e de como as produções textuais e literárias repercutem as demandas e reflexões dos sábios, o que indica o importante papel político que essas produções assumem ao longo do século, tal como reconhece Christian Jouhaud.²⁹ Deve-se lembrar que o cenário da cultura letrada no século XVII não era composto apenas pelos escritores, ele incluía patrocinadores e mecenas, os possíveis leitores – como nobres e burgueses –, a imprensa e seus agentes, os livreiros, além das instituições de poder, como a Igreja e o Estado, articulados a partir da corte, formando um conglomerado que perpassava espaços como os salões e as academias oficiais do Estado. Conforme apontam os trabalhos de Roger Chartier, a circulação multiplicada de textos – principalmente impressos – teria modificado as formas de sociabilidade, autorizando novos pensamentos e transformando as relações que os sujeitos estabelecem com o poder.³⁰ Dessa forma, reconhece-se a relevância da aproximação do estudo da libertinagem com as investigações do âmbito da história do livro

²⁸ CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2004, p. 16. A obra de Michel Jeanneret também indica como a transgressão e a indisciplina compunham a sociedade do século XVII francês: JEANNERET, Michel. *Éros rebelle, littérature et dissidence à l'âge classique*. Paris: Éditions du Seuil, 2003.

²⁹ Jouhaud apresenta tais compreensões em duas das suas obras, primeiro ao analisar os variados tipos de escritos que emergiram no período de crise vivenciado com o episódio da Fronda, entre os anos de 1648-1653. Depois, ao analisar o campo literário que se constitui ao longo do século, entre 1620 e 1670, em conjunto com a profissionalização da escrita e a institucionalização acadêmica literária, o que permitirá duas situações: o poder político controlando de perto as produções dos homens de letras e, ao mesmo tempo, a emergência de um corpo letrado dentro do Estado, conferindo uma “literalização” ao poder. JOUHAUD, Christian. *Les Pouvoirs de la littérature. Histoire d'un paradoxe*. Paris: Gallimard, 2000; JOUHAUD, Christian. *Mazarinades: la Fronde des mots*. Paris: Flammarion, 2009.

³⁰ CHARTIER, *A ordem dos livros*; CHARTIER, *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*; CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. Tradução George Schlesinger. São Paulo: UNESP, 2014.

e da cultura escrita, já que os textos literários constituem os principais veículos de comunicação e ação dos escritores libertinos no mundo. A partir disso, também se pode indicar que a cultura escrita do século XVII era constituída tanto por impressos quanto por manuscritos, como as fontes demonstram, evidenciando as trocas e as particularidades de cada um desses materiais, que viabilizaram a ação dos escritores libertinos ao emitirem suas reflexões.

Os textos produzidos pelos libertinos, enquanto literatura, repercutem as reflexões dos agentes do período, sobre uma realidade efervescente em ideias. Mais especificamente, as produções dos escritores libertinos apresentam as suas visões de mundo e as suas perspectivas diante de uma realidade em transformação. Ideias perpetuadas em textos não devem ser consideradas de forma descolada do sistema cultural, de um campo possuidor de suas próprias regras, que viabilizam os debates, as lutas e ações dos produtores da cultura e as práticas que envolviam suas relações e produções.³¹

As representações permitem que os indivíduos apresentem as suas concepções de mundo, os seus valores e os seus domínios, o que permeia a construção do mundo e da realidade social.³² Sendo assim, deve-se indicar a importância da mobilização do conceito de representação como um recurso que contribui para a análise das fontes aqui investigadas, pois, entende-se que esse conceito consiste em uma das formulações que melhor define as relações estabelecidas nas sociedades europeias durante o Antigo Regime, estando relacionada ao “utensílio nacional que os contemporâneos utilizavam para tornar sua própria sociedade menos opaca ao entendimento”. Nesse sentido, a perspectiva de representação servia como uma mediadora, pois a posição objetiva de cada indivíduo naquela sociedade dependia do crédito que aqueles de quem se esperava reconhecimento conferissem à representação que cada um dava sobre si mesmo. Todos visavam, portanto, representar através da imagem a ser exibida o ausente imaginado sobre si.³³

Também é evidente como a representação se apresenta nas fontes, obviamente por se tratarem de obras ficcionais, o que faz com que os escritores estejam lidando, constantemente, com a objetividade de representar e, ao mesmo tempo, de dissimular ou simular o que está sendo narrado, criando uma teatralização de suas poéticas.³⁴ Mas não se pode ignorar como tais

³¹ CHARTIER, Roger. Pierre Bourdieu e a história. *Topoi* (Rio de Janeiro), v. 3, n. 4, 2002, p. 140-142. BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Gênese e estrutura do campo literário. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

³² CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 18.

³³ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v. 5, n. 11, abr. 1991, p. 184-186.

³⁴ CAVAILLÉ, *Dis/simulations*.

representações possuem imbricações com a realidade dos escritores, ao estarem incluídos em um contexto histórico, em um campo cultural e, de certa forma, em um grupo, que compartilham perspectivas, reflexões e pensamentos que permitem a elaboração das suas ideias através das representações de suas produções.

Também deve-se atentar que a presente pesquisa está lidando com diferentes tipos de representações expressas nas fontes dos escritores libertinos. Pois os autores possuem um *corpus* original que se apresenta em perpétua redefinição, fragmentário e plural, possuidor de uma lógica própria na medida em que questiona a ordem estabelecida, criando, assim, novas possibilidades de análise sobre os indivíduos libertinos, os seus escritos e o mundo vivido. Tudo isso de modo a indicar como o fenômeno da libertinagem não pode ser compreendido apenas como uma ocorrência meramente intermediária entre os séculos dos humanistas e dos iluministas, e sim como um instante e uma condição produtora de transformações, de representações e de ideias que fundamentaram as discussões filosóficas e literárias, modelando e remodelando a emancipação do pensamento ocidental moderno.

A reflexão sobre as ideias dos libertinos e suas proposições permite refletir também a respeito das representações que foram construídas sobre o contexto em que os autores e os escritos aqui estudados estão inseridos: o século XVII. O período ficou conhecido como o “Grande Século” e tornou-se uma espécie de “monumento historiográfico da identidade francesa”, ao ser erigido, fixado e transmitido como um patrimônio.³⁵ A construção patrimonial sobre o período buscou privilegiar um discurso dominante sobre o século como grandioso, virtuoso e cristão, que foi transmitido quase como um mito, notadamente a partir da ascensão política de Louis XIV. Desde o seu reinado, tornaram-se evidentes os esforços de propaganda e de incentivo ao desenvolvimento de variadas áreas do conhecimento, das artes, das ciências, das letras, todas voltadas para o desenvolvimento e a consolidação da monarquia francesa.³⁶ Tal condição já vinha sendo implementada desde o reinado de Louis XIII, especialmente a partir da atuação do cardeal Richelieu e com a criação da Academia francesa em 1635, o que contribuiu para a unificação do código linguístico e a centralização administrativa do Estado, cristalizando, assim, uma memória de atuação do monarca. Pode-se dizer que boa parte das monarquias reinantes durante o período moderno foram constituídas por meio de discursos memoriais, assim como se continuou fazendo em outros governos e em outros períodos. A

³⁵ Tradução livre: “monument historiographique de l’identité française”. JOUHAUD, Christian. *Sauver le Grand-Siècle? Présence et transmission du passé*. Paris: Seuil: 2007, p. 8.

³⁶ BURKE, Peter. *A Fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Tradução Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

questão é que se pode reconhecer um esforço substancial durante o exercício de Louis XIV para a manutenção da sua imagem e da sua atuação como um governante absoluto, de forma a edificar uma memória patrimonial a ser transmitida para o futuro.

Ao se tornar *Grand Siècle*, o século XVII teve a sua imagem, e tudo o que ela representa, garantida pelo discurso memorial e institucional que continuou perpetuando a ideia ao longo dos anos. Para Michel Onfray, a obra de Voltaire, *Le Siècle de Louis XIV*, publicada em 1751, pode ter contribuído para que o século XVII viesse a se tornar conhecido de forma grandiosa, apesar desse tipo de exaltação já ser encontrada em textos dos seiscentos, como no poema de Charles Perrault, *Le Siècle de Louis le Grand*, publicado em 1687. No escrito de Voltaire, ele aponta como a grandeza do período estava no seu espírito, grandioso pela sua diplomacia, pela sua história, pelas suas conquistas, pelo seu regime monárquico, pela sua religião, pelos seus feitos de armas, sua política externa, suas obras, seus tratados de paz, seu comércio, seu governo, e claro, pelas suas belas-artes, pelas belas-letras, sua arquitetura, sua cultura, seus pensamentos e seus pensadores.³⁷ É evidente como a obra cria uma atmosfera de idealização sobre o período, o que corroborou para que o século se tornasse um protótipo harmônico, grandioso e conformado:

Voltaire esboça portanto um Grande Século clássico: católico e monarquista, apaixonado por simetria e ordem, harmonia e conformismo. Sua historiografia se parece com o castelo de Versailles, com os projetos dos jardins de André Le Nôtre, com os teatros mundanos do Rei Sol, com a música dos contemporâneos de Luís XIII, com as hortas de La Quintinie. Tudo é bem-comportado, calmo, descansando, no devido lugar. Geometria acima de tudo: o triunfo de Apolo!³⁸

A idealização sobre o século parece ainda sobreviver, visto que ele compreende um imaginário tradicional. Concepções que inviabilizam o reconhecimento das tensões, das contradições e das distinções que são inerentes à vivência humana em sociedade. Nesse sentido, Jouhaud alerta que, ao se estudar o século XVII, o/a historiador/a deve “fingir negligenciar as portas que o passado construiu”.³⁹ Para, assim, tentar adentrar pelas brechas e conseguir abrir

³⁷ ONFRAY, Michel. *Contra-história da filosofia: os libertinos barrocos*, III. Tradução Eduardo Bandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p. 15.

³⁸ *Idem*, p. 16-17.

³⁹ Tradução livre: “faire semblant de négliger les portes que le passé a construites”. JOUHAUD, *Sauver le Grand-Siècle?*, p. 26.

as “majestosas portas”, instaladas ao longo do tempo na entrada desse século, e passar por elas, para que os olhos do/a investigador/a se fixem no que se vislumbra, que é o que está do outro lado desta espécie de “portal” que se erigiu como antessala. É, portanto, dessa maneira que se objetiva adentrar no estudo dos libertinos e no contexto em que eles estão inseridos, com o intuito de apontar a importância dos escritos libertinos e suas ideias enquanto “brechas” que permitem a libertação da codificação tradicional que recai sobre o período, já que os libertinos testemunham através de suas obras o quanto o século foi perpassado por crises, oposições, diferenças e tensões em todos os seus âmbitos. Tais questões podem ser percebidas nas esferas intelectuais e culturais, de forma que os escritores libertinos são representativos da emergência de um pensamento crítico, de novas ideias, que são emanadas através das suas reflexões filosóficas e literárias. E de como nesse período se pode encontrar pessoas que desafiaram tudo o que havia sido herdado do passado, “não apenas conceitos comuns sobre humanidade, sociedade, política e o cosmos, mas também sobre a veracidade da Bíblia e da fé cristã ou qualquer outra”.⁴⁰

Onfray sugere que a construção da imagem harmoniosa sobre essa época supõe, evidentemente, escolhas que, muitas vezes, preferiram afastar escritores, pensamentos e correntes que melhor representariam os debates que o século XVII atravessou.⁴¹ Seguindo a perspectiva tradicional, o período seria representado por autores reconhecidos como clássicos da literatura como La Fontaine, Molière, Racine e Corneille; ou da filosofia como Descartes e Pascal; sendo feita poucas menções sobre os libertinos, como Cyrano, Dassoucy, Chapelle ou Tristan. Uma omissão herdeira da história literária, que preferiu atribuir autoridade “tão somente àqueles homens letrados, produtores de um discurso ficcional ou discurso crítico sobre o fazer ficcional”, integrantes de uma já consagrada “miríade literária”.⁴² Essa visão acaba por invisibilizar a importância de outros escritores como agentes atuantes em suas épocas, que ao serem analisados ampliariam, ainda mais, os entendimentos sobre a história francesa do Antigo Regime.

Ao ser atribuída uma imagem ordenadora para o século XVII, confundindo-se o discurso oficial com as realidades em mutação, torna-se impossível que os pensadores libertinos sejam reconhecidos enquanto representantes da época, visto que desde aquele contexto, ou melhor, desde o século XVI até o século XVIII, o termo foi utilizado como referência aos sujeitos

⁴⁰ ISRAEL, *Iluminismo radical*, p. 31.

⁴¹ ONFRAY, *Contra-história da filosofia: os libertinos barrocos*, III.

⁴² COSTA, Leila de Aguiar. *Antigos e modernos: a cena literária na França do século XVII*. São Paulo: Nankin: Edusp, 2009, p. 24.

“estigmatizados por seus comportamentos e pelas suas práticas, ao mesmo tempo que por ideias julgadas como perniciosas, quase sempre ligadas a doutrinas filosóficas ou filosofemas heterodoxos”.⁴³ Logo, a estigmatização dos libertinos, já existente, foi ativamente reforçada ao longo do século XIX, resultando numa distinção entre eles e aqueles que estariam mais aptos de serem os representantes da literatura do grande século. Uma consequência disso pode ser verificada quando se torna motivo de espanto, entre alguns acadêmicos, quando determinado escritor, considerado clássico, tem sua filiação libertina reconhecida, como Molière ou La Fontaine.⁴⁴

A prática de classificação dos autores entre aqueles que seriam mais ou menos aptos de serem os representantes do século, conforme seus estilos de escrita ou suas posições filosóficas, leva-nos ao questionamento do porquê os libertinos não serem classificados como clássicos. Conforme Cavaillé, o problema advém desde as noções largas e abstratas que são usadas para definir o classicismo – como a unidade, a pureza, a ordem, a medida, o equilíbrio e a harmonia –, até as formas com que os escritos libertinos foram analisados pela história literária. Os critérios definidores do classicismo, por si só, já excluem os libertinos, “pois o ambiente semântico espontaneamente evocado pelos termos ‘libertino’ e ‘libertinagem’ – desordem, confusão, irregularidade, etc. – parece incompatível com os princípios do classicismo e especialmente com a exigência de que um clássico seja um modelo literário”.⁴⁵

Por isso, torna-se relevante o estudo sobre os escritores libertinos do século XVII para identificá-los como produtos do seu tempo tal como aqueles escritores considerados como os clássicos, com a diferença de que os libertinos apontaram, por meio de suas ideias, contraposições aos ordenamentos, utilizando-se dos seus escritos como instrumentos de ação e de proposição da autonomia. Assim, estudar os escritores libertinos, suas produções e a

⁴³ Tradução livre: “stigmatisés pour leurs comportements et leurs pratiques en même temps que pour des idées jugées pernicieuses, presque toujours attachées à des doctrines philosophiques ou à des philosophèmes hétérodoxes”. CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Libérer le libertinage : une catégorie à l’épreuve des sources. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, n. 1, v. 64, jan.-fev., 2009, p. 47.

⁴⁴ MCKENNA, Antony. *Molière, dramaturge libertin*. Paris: Honoré Champion, 2005; MCKENNA, Antony. Pascal et Molière: la philosophie libertine de la sociabilité. In: *TEATRO do mundo. Languages barrocas do teatro europeu*. v. 2. Porto: Centro de Estudos Teatrais da Universidade do Porto/Núcleo de Estudos Literários, 2007. p. 45-56. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/13264694/teatro-do-mundo-aleph20letrasuppt-universidade-do-porto> Acesso em: 5 maio 2022. BERMANN, Mathieu. *Les Contes et nouvelles en vers de La Fontaine*. Licence et mondanité. Paris: Classiques Garnier, 2016.

⁴⁵ Tradução livre: “en tant que l’environnement sémantique évoqué spontanément par les termes de ‘libertin’ et de ‘libertinagem’ – désordre, confusion, irrégularité, etc. – paraît incompatible avec les principes du classicisme et surtout avec l’exigence suivant laquelle un classique est un modèle littéraire”. CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Pourquoi les libertins ne sont pas des classiques: réflexion critique sur la naissance d’une catégorie historiographique à partir des ouvrages de Pierre Brun. *Dix-septième siècle*, v. 3, n. 224, 2004, p. 381. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-dix-septieme-siecle-2004-3-page-381?lang=fr> Acesso em: 9 setembro 2021.

circularidade de ideias, permite observar as lutas de representações que envolvem os processos históricos do século XVII.

Ao se buscar analisar a circularidade de ideias e similaridades dos escritos libertinos, optou-se por iniciar o caminho desta pesquisa, no capítulo 1, a partir da reflexão sobre as definições do termo libertino e problematizações sobre ele para compreender a experiência libertina no contexto. Para isso, também será tratado das representações, dissimulações e ideias de imaginação articuladas por Cyrano, Dassoucy, Chapelle e Tristan em oposição à religião e aos costumes, que indicam perspectivas de um modo de viver no século XVII em busca da autonomia e dos prazeres. Tais reflexões emergiram de um contexto demarcado por embates, transformações sociais, culturais e políticas, tal como as décadas de 1620 e 1650, dois momentos considerados marcantes, pois foram atravessados por acirramentos e flutuações quanto ao controle sobre as produções textuais, o que teve um impacto na proliferação dos escritos libertinos.

A partir disso, volta-se para a compreensão dos laços, das amizades e das práticas profissionais que envolviam os escritores libertinos, um tema que será tratado no capítulo 2. Através disso, busca-se identificar as proximidades dos escritores e sua convivência, as quais serviram como inspiração ao serem representados e reivindicados nos seus escritos, o que permitia a construção e a legitimação das suas atuações e ideias. Além disso, identifica-se como o convívio desses homens era permeado pela homossociabilidade, enquanto uma prática da sociabilidade masculina durante o século XVII, o que favorecia o estabelecimento de vínculos íntimos, que, em alguns casos, superava a mera reciprocidade entre escritores atuantes no mesmo ofício. A partir daí, serão apontadas as práticas que envolviam os homens de letras e suas amizades – e, também, os seus desentendimentos –, pois tais atividades propiciavam a circularidade de ideias e de reflexões.

No capítulo 3, o foco recai sobre as publicações libertinas, a partir da análise da materialidade das fontes, que propicia a revelação das constantes operações sobre as obras e os impactos sobre as recepções. Os textos de Cyrano, Dassoucy, Chapelle e Tristan apresentam variações, decorrentes de uma mobilidade, que introduz mudanças de formas, de revisões e outras alterações que anunciam as contradições da publicação libertina. Tal processo também se relaciona com o paradoxo que envolvia a atuação dos escritores libertinos durante o século XVII, ao buscarem a autonomia por meio da escrita, em um contexto que clamava pela submissão aos poderes. Essa situação, contudo, poderia apresentar benefícios para os libertinos, enquanto suportes para que pudessem apresentar suas críticas, reivindicar suas ideias e publicar os seus textos.

Além de escritores, os libertinos eram leitores dedicados, o que conduz à discussão desenvolvida no capítulo 4, que explora a importância dos livros e das leituras para eles. O contato com o conhecimento podia impulsionar suas ideias, servindo de inspiração para a elaboração de novas concepções, representadas e discutidas em seus textos. Os diferentes tipos de livros que interessavam os libertinos, notadamente os que tratavam de filosofia, ciência, e relatos de viagem, também serviam de inspiração para a elaboração de suas obras e favoreciam reflexão sobre a sociedade em que viviam, a condição humana, as religiões, as superstições e a infinidade do universo. Tais aspectos se relacionam com os sonhos, um elemento referenciado nos textos e que guarda uma conexão com a imaginação, que foi considerada pelos libertinos uma fonte de reflexão, articulação e elaboração de ideias frente aos dogmatismos do século.

Nesse sentido, os escritos libertinos se transformam em verdadeiros refúgios de reflexão e, com auxílio da escrita ficcional, os escritores colocam o “eu” em cena, o que propicia o encontro com a própria subjetividade. Através dos textos, anunciam ideias, como a reivindicação do prazer por meio da escrita, que permite o divertimento, o riso e a elaboração de críticas dirigidas à sociedade em que viviam. Tais aspectos constituem a reflexão empreendida no capítulo 5, que também destaca a importância da prática da escrita como meio para que os libertinos difundissem e evidenciassem o valor de suas obras, do gênio libertino, de suas ideias e elaborações.

Busca-se, afinal, a partir de um aparente estudo de caso, apoiado em um corpus particular, uma compreensão ampla sobre os escritores libertinos, suas ideias e ações. Por meio delas, pode-se visualizar o século XVII francês e observar as atuações e práticas de seus agentes em meio às tensões, movimentações e transformações – culturais, sociais e políticas – que atravessaram as diferentes esferas da sociedade, permitindo apontar os debates, as reflexões e as lutas que marcaram o período moderno.

CAPÍTULO 1 - SER LIBERTINO NO SÉCULO XVII

“o ‘libertino’ é um personagem sobre quem a época não cessará de fantasiar”.¹

O termo ‘libertino’ foi utilizado ao longo do século XVII para classificar as práticas e as ideias insubordinadoras dos indivíduos que se opunham aos domínios em que a crença e a submissão eram tidas como regras, em seus múltiplos âmbitos, e a partir da reivindicação de autonomia e da elaboração de críticas aos dogmas religiosos, à determinadas concepções filosóficas e aos costumes da época em que viviam.² Na busca por uma possível emancipação de pensamento e de corpo, os escritores libertinos Cyrano, Chapelle, Dassoucy e Tristram teceram questionamentos a partir das suas produções textuais, que apontaram a relevância das suas reflexões, de suas imaginações e sobre ser libertino no século XVII.

Embora não se possa ignorar o fato do termo ter sido empregado de forma negativa ao longo do período, sendo utilizado pelos religiosos para desqualificar determinados indivíduos e apontar a suposta impostura diante dos dogmas da fé, busca-se indicar como os libertinos compreendiam agentes representativos de um questionamento existencial, de busca pela autonomia corporal e mental, durante o século XVII, um contexto que estava em transformação e que perpassava por incertezas e remodelações em todos os âmbitos da sociedade.³ A emergência de questionamentos fez com que os escritores libertinos se voltassem para os seus textos, propondo reflexões, imaginações e ideias que permitiam a ação e a contraposição frente às interdições emitidas pelos poderes políticos e religiosos da época.⁴

Na busca pela compreensão dos libertinos do século XVII, e do contexto que estavam inseridos, propõe-se uma reflexão sobre as definições da categoria e problematizações do termo ‘libertino’ para um entendimento de quem poderia assim ser considerado no período. No segundo momento, será apontando o exercício libertino de reflexão, a proposição de imaginações e a autonomia do pensamento, expressos através de uma escrita imaginativa e dissimulativa nos escritos. Por fim, será abordado dois períodos marcantes, as décadas de 1620

¹ Tradução livre: “le libertin est un personnage sur qui l’époque ne cessera de fantasmes”. GROS, Jean-Michel. *Les dissidentes de la philosophie à l’âge classique*. Paris: Honoré Champion, 2009, p. 11.

² CHARLES-DAUBERT, *Les libertins érudits en France au XVIIe siècle*.

³ MUCHEMBLED, *La Société polie*, p. 46-52.

⁴ CAVAILLÉ. *Dis/simulations*; CAVAILLÉ. *Les déniaisés*; GREGORY. *Genèse de la raison classique de Charron à Descartes*.

e 1650, momentos que perpassaram por fases de efervescência cultural ao passo que também foram caracterizados pelo reforço da ordem, o que indica flutuações quanto as restrições impostas aos escritos e a disseminação de ideias críticas na sociedade francesa do século XVII.

1.1. Definições sobre a categoria e problematizações sobre o termo

A historiografia da libertinagem aponta, como uma das primeiras dificuldades impostas aos investigadores do tema, a complexidade das definições que abrangem o seu objeto de estudo: o libertino. Primeiro, porque a palavra *libertino* foi e ainda é utilizada com uma conotação negativa. E, segundo, porque as construções sobre o termo, herdeiras dos seus usos e atribuições acusatórias, desde o século XVII, ainda embaraçam e dificultam a compreensão sobre o fenômeno na contemporaneidade. Sendo assim, cabe compreender os seus empregos, as suas significações e as suas alterações durante a época moderna para que se possa problematizar a sua utilização aqui como uma categoria de análise.

A palavra libertino advém da expressão latina *libertus* e depois *libertinus*, as quais eram utilizadas para designar o indivíduo liberto de qualquer espécie de privação de liberdade. Nos *Atos dos Apóstolos* existe a menção a uma “sinagoga dos Libertos” – em latim *libertinorum* –, que junto de “cirenenses e alexandrinos, e alguns da Cilícia e da Ásia” teriam discutido com Estêvão devido aos “prodígios e sinais” que ele realizava entre o povo.⁵ Isso quer dizer que tal sinagoga representaria os oponentes de Estêvão. Na interpretação da bíblia comentada por Jean Diodati, de 1644, ele aponta que a sinagoga de libertinos corresponderia aos judeus nascidos de ex-escravos que teriam sido libertados pelos romanos e, também, àqueles que foram desprezados por outros judeus.⁶ Aí existe então a utilização do termo em seu aspecto jurídico, para se referir aos estrangeiros ou ignorados por determinado grupo da sociedade.

Em francês, o termo *libertin* aparece já no século XV, com a tradução do Novo Testamento por Guiars de Moulins, no ano de 1477. Para Françoise Charles-Daubert, ali a expressão parece estar mais associada ao sentido teológico do que jurídico, visto que a tal seita da sinagoga dos libertos “teria sido uma das primeiras a rejeitar a doutrina do Cristo”, pois “seus membros eram considerados traidores do Espírito Santo, indignos do favor que Deus lhes

⁵ ATOS dos Apóstolos (VI:9). In: *Bíblia Sagrada*. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus Editora, 2017.

⁶ DIODATI citado por CHARLES-DAUBERT, Françoise. *Libertinage et la recherche contemporaine. XVIIe siècle*, v. 149, n. 4, oct.- déc., 1985, p. 409.

concedera ao recebê-los em Jerusalém; ela foi marcada aos olhos dos teólogos pela ingratidão”⁷. Não se pode deixar de evidenciar a relação etimológica entre os termos liberto e libertino, já que todo libertino é considerado liberto de algo ou de alguma coisa, podendo ser da religião, dos costumes, das normas ou de qualquer tipo de imposição que esteja submetido. *Affranchi* em francês, por exemplo, se refere a alguém que foi liberto e indica o caso dos romanos que se referiam assim a um escravo que recebeu a liberdade.⁸ Conforme o dicionário etimológico da língua latina, *libertus* e *libertinus* são derivados de *libertas*, com o significado de liberar advindo de *liber*, que quer dizer livre. Com isso, o vocábulo *libertus* carrega o mesmo sentido de livre, sendo definido, mais especificamente, como aquele que foi libertado. Assim, *libertinus* compreende aquele sujeito que é liberto de tudo, podendo ser um termo também utilizado para designar os filhos de quem é liberto.⁹ Dessa forma, é importante observar como mesmo que a etimologia da palavra se relacione com o sentido de livre, o emprego da palavra libertino, desde os seus primeiros usos, refere-se ao indivíduo que se liberta, ou ao menos se esforça para tal, e assim torna-se evidente como o emprego do termo carrega a marca de uma desonra, no sentido de que o indivíduo nega viver em uma situação de submissão para buscar sua emancipação, com desejo de ser livre diante de uma situação de dominação. Por isso, o uso da palavra libertino contém, desde seu aparecimento, um sentido negativo, que se tornará ainda mais patente nos séculos XVI e XVII.

Será, pois, com o passar dos séculos, que a palavra ganhará novas tonalidades, tornando-se cada vez mais atrelada aos indivíduos que não somente negam determinada doutrina religiosa, como divergem sobre determinadas concepções. O termo então vai aparecer entre as controvérsias apologéticas dos religiosos modernos franceses no século XVI sendo empregado por Jean Calvin, em 1544,¹⁰ para se dirigir aos anabatistas e seus múltiplos grupos residentes nos Países Baixos, os quais foram considerados como um exemplo do “desvio perigoso em relação ao ensino do Cristo”.¹¹ Com Calvin, os libertinos ganham o adjetivo de espirituais,

⁷ Tradução livre: “avait été l’une des premières à rejeter la doctrine du Christ. Ses membres étaient considérés comme traîtres à l’Esprit Saint, indignes de la faveur que Dieu leur avait faite en les accueillant à Jérusalem; elle était marquée aux yeux des théologiens par l’ingratitude”. *Idem, ibidem*.

⁸ Dictionnaire du Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales (CNRTL). Lexicographie de *Affranchi*, ver em: <https://www.cnrtl.fr/definition/academie4/affranchi> Acesso em: 06 fevereiro 2024.

⁹ Dictionnaire étymologique de la langue latine. Histoire des mots par Alfred Ernout et Alfred Meillet, Abbeville: Klincksieck et Cie, 2001, p. 355.

¹⁰ Duas das obras de Jean Calvin em que o termo apareceu seriam: *Brieve instruction pour armer tous bons fidèles contre les erreurs communes de la secte des anabaptistes*, publicado em 1544, e no *Traité contre la secte fantastique et furieuse des libertins qui se nomment spirituels*, de 1545. CHARLES-DAUBERT, *Libertinage et la recherche contemporaine*, p. 409.

¹¹ Tradução livre: “une déviation dangereuse par rapport à l’enseignement du Christ”. MARGOLIN, p. 4 citado por MOREAU, *Guérir du sot*, p. 32. Para Moreau, os chamados anabatistas seguiam uma doutrina correspondente a uma tradição original que pouco tinha relação com os que habitualmente podiam ser agrupados

sendo associados ao agrupamento de religiosos reformados emergentes entre os anos de 1525-1530 nas terras neerlandesas – assim como os anabatistas que advêm dessa localidade – que eram adeptos e seguidores de Quintin Couturier. Alguns anos mais tarde, por volta de 1545, Calvin aponta a sua insatisfação por esse agrupamento de religiosos e denuncia em seus escritos os tipos de acepção e as formas de religiosidade exteriores do grupo, que possuía interpretações diferentes sobre o livre arbítrio ou as palavras da Bíblia, concepções as quais ele condenava.¹²

Ainda no século XVI, a expressão de libertino rapidamente passou a ser associada com outros vocábulos, como papista, reformado ou político, dimensão que pode ter sido aflorada pelas discussões religiosas que ocorreram no fim do século. Na literatura que era produzida pelos crentes também ocorrem associações entre o dito ‘libertino espiritual’ como ateu, epicurista, misósofo ou lucianista, de modo que “o recurso à figura do perseguidor da Igreja” parece ter autorizado “todas as amálgamas”.¹³ Parte das associações que foram feitas advinham da apologética protestante, como é o caso da relação entre libertino e papista.¹⁴ Mas essa não foi uma exclusividade dos protestantes, pois, sob a pluma dos católicos, foram feitas associações entre o luterano e o libertino, relacionando-o, principalmente, com outros termos como epicurista, ateu e entre outros “zombadores de religião, chamados Lucianistas, gente perdida, que tomam por fábula os livros santos”, nas palavras do católico Raemond.¹⁵ Assim,

sob a acusação de libertinagem no início do século XVII, mas, talvez eles pudessem estar próximos, pelo apego à independência de interpretação diante dos textos e dogmas, como a livre interpretação do exame da palavra, e a confiança na razão. Didier Foucault, em sua obra que trata sobre a história da libertinagem, indica como os anabatistas emergiram no início dos anos 1520, sendo favoráveis à agitação protestante das regiões da Renânia suíça e badonesa. Para o autor, eles compartilhavam de princípios como a ausência de uma estrutura eclesiástica, a indiferença pela liturgia e a crença em uma sociedade composta por justos e pecadores. Alguns anabatistas também acreditavam que eles estavam libertos do pecado, além de praticarem a separação de bens, a liberdade sexual e incentivarem a comunidade de mulheres. FOUCAULT, *Histoire du libertinage des goliards au marquis de Sade*, p. 199

¹² FOUCAULT, Didier. Pires que des hérétiques? Les Églises chrétiennes face aux libertins aux XVI^e et XVIII^e siècles. Communication au colloque Mazamet, « La dissidence occidentale dans tous ses états... », 15 septembre 2012. In: ALBERT, Jean-Pierre Albert; BRENON, Anne; JIMENEZ, Pilar (Dir.). *Dissidence en Occident des débuts du christianisme au XX^e siècle*. Le religieux et le politique. Toulouse: Méridiennes/Presses universitaires du Mirail, 2016, p. 141-153.

¹³ Tradução livre: “le recours à la figure du persécuteur de l’Église autorise tous les amalgames”. MOREAU, *Guérir du sot*, p. 36. As associações entre libertino e outros termos podem ser encontradas na obra de Guillaume Farel, *Glaive de la parole véritable, tiré contre le Bouclier de défense, duquel un Cordelier libertin s’est voulu servir, tiré contre le ver ses fausses et damnable opinions*, de 1550, e também na de Calvin, como em *Traité des scandales qui empeschent aujourd’huy beaucoup de gens de venir à pure doctrine de l’Évangile, & en desbauchent d’autres*, do ano de 1566.

¹⁴ Como foi o caso de Farel em *Glaive de la parole véritable* ou como Pierre Viret, em 1565, com *L’interim fait par dialogues*, de 1565, em que apresenta diálogos empreendidos entre “Les Moyenneurs”, “Les Transformateurs”, “Les Libertins”, “Les Perfecteurs”, “Les Edicts” e “Les Moderezs”. *Idem*, p. 37.

¹⁵ Tradução livre: “mocqueurs de religion, nommez Lucianistes, gens perdus, qui tiennent pour fable les livres saints”. RAEMOND, 1610, p. 24 citado por MOREAU, *Guérir du sot*, p. 38.

pode-se reconhecer como, no decorrer do século, o termo irá ganhar novos usos, quase sempre associado à denúncia herética.¹⁶

A emergência do termo, utilizado pelos devotos, pode ser compreendida ao relacioná-lo ao contexto então vivenciado no século XVI, um momento marcado por múltiplas discordâncias no âmbito confessional, em virtude da ocorrência da Reforma e, em seguida, com a Contrarreforma. Tais eventos levaram os europeus ao enfrentamento de debates e disputas, muitas delas sangrentas, como as Guerras de Religião que moldarão a memória em torno da tolerância no Estado francês.¹⁷ O amplo debate a respeito das religiões, “em que os critérios doutrinários se desacreditam pela sua própria oposição”,¹⁸ possivelmente elevou a preocupação, assim como as tensões, entre os diferentes grupos religiosos opositores quanto ao que poderia ser considerado aceitável ou não. Muitos clérigos se envolveram em críticas e questionamentos sobre as práticas doutrinárias e as relações estabelecidas pelos indivíduos com os dogmas e os costumes.

O sentido acusatório da palavra libertino pode ser constatado, durante o século XVI, ao ser empregado para nomear alguém opositor da religião, em caso de associação com doutrinas consideradas opostas à oficial e que pregam a liberdade de costumes. Nesse sentido, o uso da palavra pelos crentes buscava qualificar as injúrias de adversários religiosos ou desobedientes da fé. Parece que o problema, então, recaía sobre as associações de religiosos não oficiais, mais do que propriamente em direção àqueles que não professavam nenhuma religião. O componente político se torna mais robusto e as acusações dos religiosos da época podem ser compreendidas não apenas como representativas da mera contraposição, e sim de uma tentativa real de combate ao que era considerado diferente, como uma forma de reunião e classificação dos indivíduos considerados impiedosos. Isto é, aqueles que, supostamente, não se subordinavam à religião (oficial) do Estado ou eram suspeitos de ausência de fé para, assim, circunscrever onde poderia habitar o perigo de não conformismo, pois em meio aos conflitos de guerras civis e após o alargamento do debate sobre a religião a partir da Reforma Protestante, qualquer insurgência poderia agravar ou causar novos desequilíbrios no plano político, religioso e social. Ainda assim, a dilatação do vocabulário para designar opositores da fé ou descrentes revela como o

¹⁶ Uma obra que indica a evolução do termo, ver SCHNEIDER, G. *Der Libertin*. Zur Geistes- und Sozialgeschichte des Bürgertums im 16 und 17 Jahrhundert. Stuttgart: Metzler, 1970.

¹⁷ Ver, nesse sentido, LIEBEL, Silvia. Abrir janelas nas almas dos homens: notas historiográficas nos 500 anos da Reforma Protestante. *História Unisinos*, v. 24, n. 3, p. 418-431, set.-nov., 2020 e a bibliografia nele citada sobre o tema.

¹⁸ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2017, p. 127.

fenômeno da incredulidade existia e poderia ser encontrado em muitas das consciências daquela época.

Diferentes tipos de questionamentos emergiram e, conforme indicou o teólogo e filósofo Pierre Charron (1541-1603), ainda no século XVI, o ser humano poderia enfrentar dúvidas ou dificuldades em reconhecer plenamente a finalidade da religião e o conhecimento de Deus.¹⁹ Para os estudiosos da temática da descrença, como é o caso do historiador Georges Minois, a presença da incredulidade ou, ao menos, da dúvida pode ser constatada em diferentes momentos históricos, mas no caso específico do período moderno, o autor não desconsiderou, por exemplo, que os indivíduos do Renascimento estivessem vivenciando questionamentos que os levassem a uma real descrença, que poderia ser apresentada de diferentes maneiras, muitas vezes, de forma matizada com concepções racionalistas, naturalistas, esotéricas e outras perspectivas de mundo baseadas em filosofias antigas renovadas e reinterpretadas à luz da modernidade.²⁰ Os séculos XV e XVI vivenciaram uma grande influência da Antiguidade no domínio das ideias filosóficas, as quais também foram utilizadas pela Igreja para que fossem reinterpretadas como base explicativa da teologia cristã, como é o caso do aristotelismo. Com o humanismo, textos antigos puderam ser acessados e compreendidos pelos estudiosos e filósofos, possibilitando a absorção de diversas perspectivas como o aristotelismo radical, o platonismo, o epicurismo, o ceticismo, o estoicismo, etc. Fato é que as produções escritas da época se basearam nessas novas perspectivas, o que contribuiu para o desenvolvimento de uma reflexão geral da sociedade durante o século XVI. Além disso, a Bíblia, os tratados dos Padres da Igreja e as somas de doutores escolásticos passaram a ser confrontados mediante o fluxo de questões que surgiam “dessas partes desconhecidas do pensamento antigo” e que passaram a ser disponibilizadas para um grande público por meio da imprensa em desenvolvimento.²¹

O questionamento foi tão profundo que ultrapassou a cena filosófica, conforme indica Minois ao observar a presença de concepções e ideias materialistas em escritos de camponeses do século XVI, o que demonstra como o ateísmo não era inconcebível na mentalidade popular daquela época.²² Diante disso, conforme o contato com novas perspectivas, para muitos pensadores do período se tornou necessário, ou no mínimo relevante, que eles voltassem para

¹⁹ Dentre as suas produções, pode-se destacar as que trataram mais especificamente desta temática: CHARRON, Pierre. *Les Trois vérités contre les athées, idolâtres, juifs, mahumetans, hérétiques et schismatiques, le tout traité en trois livres*. Bourdeaux: Sébastien Millanges, 1593 e CHARRON, Pierre. *De la sagesse*, 1601/1604, texto revu par Barbara de Negroni. Paris: Fayard, 1986.

²⁰ MINOIS, Georges. *História do ateísmo: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias*. Tradução Flávia Nascimento Falleiros. São Paulo: UNESP, 2014.

²¹ FOUCAULT, *Histoire du libertinage des goliards au marquis de Sade*, p. 194.

²² MINOIS, *História do ateísmo*, p. 107.

o questionamento de si mesmos e buscassem a emancipação da razão da tutela da fé, sendo que muitas delas acabavam se chocando com os relatos bíblicos e religiosos. Tal entendimento é compartilhado por Didier Foucault, ao investigar a presença da libertinagem no período renascentista, não deixando de apontar a herança do período antecedente, o medieval, em que podem ser identificados pensadores que já estavam refletindo sobre a complexa relação entre a razão e a religião.²³ O contexto então vivenciou a proliferação de ideias que possibilitaram novos questionamentos, muitos deles profundos, como pode ser verificado através dos escritos de autores libertinos, os quais debaterão, por exemplo, sobre a compreensão da alma, a existência ou não do inferno e a respeito da (im)possibilidade de alcance da imortalidade em um futuro *post-mortem*.

Lucien Febvre também foi um dos historiadores que buscou compreender o fenômeno da descrença, ao estudar o caso de François Rabelais (1494-1553) no século XVI. Para o autor, a incredulidade não seria possível de atingir os agentes dos quinhentos que mantiverem uma confiança inabalável nas Escrituras, especificamente pelo fato de que a religião se encerrava em todas as esferas sociais e culturais vivenciadas no período. Mais especificamente, Febvre aponta como o cristianismo se constituía em uma esfera em que o homem vivia a sua vida, ou melhor, toda a sua vida, intelectual, privada, pública, profissional e outras ocupações diversas. Todos as cerimônias, costumes e tradições eram cristãs ou cristianizadas, o que gerava uma ligação constante do sujeito com a religião.²⁴ Porém, em oposição à essa ideia, Minois a contrapõe de forma categórica ao identificar um cenário menos favorável à fé durante o século XVI, justamente pelo fato do período vivenciar o florescimento de múltiplos âmbitos, como o urbano, o mecânico e o comercial, e vivenciar a emergência de diversas criações, como a invenção da imprensa, que permitiu a circulação em larga escala de impressos, possibilitando a ampliação do conhecimento e incentivando o crescimento da curiosidade, do relativismo e do questionamento entre os sujeitos. Logo, a fagulha da incredulidade e do desejo de libertação dos costumes se mostrou possível, tal como pode ser identificado a partir de escritos de Jacques Gruet, Vanini, Noël Journet ou Giordano Bruno, cujas concepções ateias e heterodoxas defendiam a ideia do amor natural, liberado das proibições religiosas, e possíveis revoltas de tipos políticas e sociais.²⁵

²³ FOUCAULT, *Histoire du libertinage des goliards au marquis de Sade*.

²⁴ FEBVRE, Lucien. *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 308.

²⁵ MINOIS, *História do ateísmo*, p. 129-130.

No século XVII, o termo libertino volta a aparecer e será empregado pelos religiosos com um sentido ainda mais denunciativo ao adquirir uma conotação de depravação, como forma de “designar os indivíduos que rejeitam as crenças dominantes de seu tempo e desejam se libertar delas”.²⁶ A preocupação desse momento passa a se concentrar em um novo componente: aos costumes dos sujeitos e não somente a crença que cada um seguia. O jesuíta Garasse (1585-1631) é um dos devotos da época que se dedica a decifrar a doutrina dos possíveis descrentes em sua obra *La Doctrine curieuse*, de 1623, onde apresenta o retrato de quem são os libertinos e quais são as suas “máximas”.²⁷ No escrito, os libertinos são classificados como uma grande confraria de “belos Espíritos” e aprendizes do ateísmo, que mesmo com seus costumes duvidosos, enquanto “bêbados, moscas de taberna, espíritos insensíveis à piedade, que não têm outro Deus além de seu próprio ventre, que são cooptados por essa maldita confraria que se chama confraria das garrafas”, não poderiam ser considerados tão perigosos em comparação com os ateus, que poderiam ser “mais avançados na malícia”.²⁸ Para ele, a diferença entre os libertinos e os heréticos estaria nas escolhas e nas atitudes desempenhadas por cada um deles diante da religião. Os primeiros rejeitam a fé e os segundos não descartam todos os artigos religiosos, mas escolhem conforme o gosto aquilo que lhes parece bom. Dessa forma, o herético parece representar um caso mais problemático, justamente por ele estar dentro da esfera religiosa, cometendo indagações e interpretações diferentes sobre os dogmas, enquanto o irreligioso simplesmente está fora dela. Mas de qualquer forma, ambos os casos inquietam Garasse pois, naquele momento, aqueles que supostamente davam indícios de insubordinação às regras ou aos dogmas eram compreendidos como perturbações à ordem almejada pelas instituições eclesiásticas, que lutavam pela legitimação dos seus poderes a partir da disseminação e da imposição de valores católicos, os quais deveriam ser seguidos e observados a partir das ações dos agentes – eles compreendiam a apreciação da honestidade, obediência aos mandamentos, a dedicação aos preceitos religiosos conforme a frequência nas missas, a prática da confissão, a comunhão e a realização de rezas – e de toda a sociedade francesa.

Torna-se evidente a partir da obra de Garasse como o indivíduo considerado libertino por ele possui uma atitude social, como a de buscar por um pretexto para desempenhar a licenciosidade dos costumes. Por isso, para um religioso, o libertino ainda poderia acreditar em

²⁶ *Idem*, p. 212.

²⁷ GARASSE, François. *La Doctrine curieuse des beaux esprits de ce temps, ou pretenduz tels, contenant plusieurs maximes pernicieuses à l’Estat, à la Religion et aux bonnes Moeurs, combattue et renversee par le P. François Garassus de la Compagnie de Jésus*. Paris: Sébastion Chappelet, 1623.

²⁸ *Idem*, p. 38.

Deus, mas escolhia viver como se não acreditasse.²⁹ Um contemporâneo que segue na mesma direção de pensamento é Marin Mersenne em *L'impiété des déistes, athées et libertins de ce temps*, de 1624, onde os libertinos são considerados como seres que desejam viver livremente segundo os seus desejos e, por conta disso, não conseguem seguir as proposições da religião cristã.³⁰ Nesse caso, a impiedade deles reside na desobediência das regras do Evangelho, pois, ao viverem segundo os desejos, ocorre uma colisão com tais prescrições. A atitude de impiedade, na compreensão de Mersenne, deriva de uma rejeição ou descrença, pois o libertino rejeita “[o] Deus cristão que o ameaça de uma pena infernal para não crer em nenhum Deus (ateu) ou para crer em um Deus indulgente (deísta)”.³¹ O temor, então, seria para o sábio uma das razões causadoras da descrença dos libertinos. Ou seja, ao invés do libertino se tornar mais próximo da religião por medo de ser relegado ao inferno em seu destino *post-mortem* ou de ser incitado por esse e outros discursos religiosos que culpabilizam o ser, buscando atraí-lo por meio de um discurso amedrontador,³² o indivíduo libertino faz o inverso e recusa as premissas ameaçadoras optando por viver sob outra percepção da realidade.

Nos escritos de Cyrano de Bergerac, Charles Dassoucy e Tristan L’Hermite é possível encontrar referências a determinados termos usados pelos religiosos, os quais revelam indícios sobre como os libertinos são compreendidos no período e como tais escritores constróem suas críticas a partir do reemprego dos vocábulos acusatórios dos crentes. Em *Les États et Empires de la Lune* (1657) de Cyrano – cuja tradução para o português da obra ficou intitulada como *Viagem à Lua*³³ –, onde o personagem principal Dyrcona realiza uma viagem para o mundo da Lua, é possível verificar como a palavra é usada por Elias, um dos habitantes do Paraíso. Em uma conversa sobre a ascensão aos céus de São João Evangelista, o viajante é repreendido por ter ironizado o fato de o apóstolo ter vivido tempo demais e que, por conta disso, ele não deveria morrer já que sua hora havia passado – “Deus foi um dia avisado de que a alma deste evangelista estava tão desapegada que ele não o impediu mais que a força de cerrar os dentes”.³⁴ Elias ouviu a declaração com aborrecimento e reprimiu imediatamente a fala de Dyrcona dizendo:

²⁹ MCKENNA, Antony. *Molière dramaturge libertin*. Paris: Honoré Champion, 2005, p. 45-47.

³⁰ MERSENNE, Marin. *L'impiété des déistes, athées et libertins de ce temps, combattue et renversée de point en point par raisons tirées de la philosophie et de la théologie, ensemble la réfutation du Poème des Déistes*. Paris: Bilaine, 1624.

³¹ Tradução livre: “Dieu chrétien qui le menace d’une peine infernale pour ne croire en aucun Dieu (athée) ou pour ne croire qu’en un Dieu indulgent (déiste)”. MCKENNA, *Molière dramaturge libertin*, p. 46.

³² Para uma análise mais aprofundada sobre a pedagogia do medo e da culpabilização do indivíduo construída ao longo da modernidade, conferir DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente* (séculos 13 e 18). Bauru: EDUSC, 2003a, v. 1.

³³ CYRANO DE BERGERAC, *Viagem à Lua*.

³⁴ Tradução livre: “Dieu fut un jour averti que l’âme de cet évangéliste était si détachée qu’il ne le retenait plus qu’à force de serrer les dents”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 49.

Abominável, (...) tu tens o atrevimento de zombar sobre as coisas santas; ao menos não seria impunemente se o Todo-Sábio desejasse te deixar nas nações como um exemplo famoso de sua misericórdia. Vá, *impio*, para fora daqui. Vá publicar neste pequeno mundo e no outro, porque tu estás predestinado a retornar para lá o ódio irreconciliável que Deus dedica aos *ateus*.³⁵

É possível identificar na acusação como determinados temas seriam perigosos de serem satirizados, ou mesmo questionados. É importante observar como os termos que são utilizados para desqualificar o personagem Dyrcona são similares às palavras empregadas nos textos de Garasse e Mersenne, o que demonstra como Cyrano se utiliza de uma discussão perene no contexto vivido para evidenciar como aquela sociedade possuía indivíduos refletindo para além das histórias bíblicas e as suas mensagens, ou mais audaciosamente, como é o caso do personagem Dyrcona, que estava mais interessando em gracejar com os temas santos. Também pode-se dizer que neste episódio de indignação de Elias, o trecho expressa uma convergência entre a história da expulsão de Adão e Eva do Paraíso com as mensagens denunciatórias dos sacerdotes, com objetivo de ironizar a história da expulsão do homem desse local e oferecer uma versão diferente sobre o episódio, pois logo após a repressão exercida por Elias contra Dyrcona, ele acaba tendo como destino o mundo da Lua. Outra questão é como o episódio torna-se revelador da audácia do personagem narrador e evidencia o intuito dissociativo entre o que estava sendo narrado e a possível convicção pessoal do escritor Cyrano, ao enfatizar o elemento imaginativo do texto.

Na Lua, onde Dyrcona se encontra após a expulsão do Paraíso, ele é percebido pelos padres com desconfiança, tanto que ele passará por três tipos de julgamentos que discutem se ele poderia ser alguém dotado de razão. Na verdade, o que mais desagrada os sacerdotes lunares compreende o argumento de Dyrcona de que ele havia vindo de um mundo e que o ambiente em que estava se tratava de uma Lua. Por conta disso, os religiosos consideram que esse seria um pretexto suficiente para condenar o viajante à água, forma de exterminar os ateus naquele mundo. O trecho pode ser interpretado como uma alusão, invertida, à forma como os heréticos eram condenados pela Igreja durante a Idade Moderna europeia. Do mesmo modo que a represália dos lunares representa a problemática de perseguição perpassada por diversos agentes do período, no caso de escritores, filósofos, matemáticos e astrônomos – Théophile de Viau,

³⁵ Tradução livre: “Abominable, (...) tu as l’impudence de railler sur les choses saintes; au moins ne serait-ce pas impunément, si le Tout-Sage ne voulait te laisser aux nations en exemple fameux de sa miséricorde. Va, *impie*, hors d’ici. Va publier dans ce petit monde et dans l’autre, car tu es prédestiné à y retourner, la haine irréconciliable que Dieu porte aux *athées*”. *Idem*, p. 50. Grifo nosso.

Giulio Cesare Vanini, René Descartes, Giordano Bruno, Galileu Galilei – que foram pressionados ou interpelados pelos agentes da Igreja por conta das reflexões expressas em seus textos nem sempre estarem alinhadas com as concepções religiosas.

De forma similar, Charles Dassoucy em *Pensées* (1674) e *Aventures de Monsieur D'Assoucy* (1677) também faz referência às acusações dos religiosos. É possível encontrar ocasiões nos textos em que são empregadas palavras como ateu, ímpio, herético. Contudo, é importante se ater a um momento específico de *Aventures*, obra em que Dassoucy narra o seu deslocamento pelas regiões da França e Itália acompanhado de dois pajens. Em determinado momento da narrativa, ocorre um episódio importante de inversão entre a devoção de um religioso e a de Dassoucy. O personagem Triboulet é descrito como um sacerdote que se aproxima de Pierroton, um dos pajens que acompanha Dassoucy, e o religioso passa a interrogar enfaticamente o pajem sobre os costumes e convicções religiosas do seu mestre. Apesar da sua intenção de aproximação não ter sido identificada inicialmente pelo pajem, ela se torna evidente a partir do tom enérgico e denunciativo que o crente emprega ao acusar Dassoucy de heresia e ao tentar extrair evidências sobre as práticas pouco religiosas dele. Mas, em oposição a isso, o escritor transforma a situação revelando o verdadeiro interior de Triboulet, repleto de vícios que o corrompem, como a vaidade e a ofensa de pessoas inocentes, ao buscar pelo escândalo público. A partir dessa situação, Dassoucy indica quem seriam os verdadeiros ateus daquela sociedade, como os hipócritas e falsos devotos:

que não tem outra coisa na boca que fogo, forcas e torturas, e que soa por toda a parte o alerta sobre o pobre pecador. No entanto, esses são os verdadeiros ateus que nós procuramos em vão dentre os mais depravados e que nós não encontramos nem mesmo dentre os mais perversos de todos os homens, porque, fora o hipócrita, eu não creio que exista sobre a terra quem não reconhece a Divindade e que honra seus Altares. Sim, esses são os zombadores-Deus que são os verdadeiros inimigos do poder e da glória, e que do seu ser fazem uma quimera da qual eles se vangloriam em público e desfrutam em segredo. Porque, se eles creem em um Deus como nós o cremos e que apreendem Sua justiça, eles não seriam audaciosos de dela zombar.³⁶

³⁶ Tradução livre: “qui n’a dans la bouche que des feux, des potences et des roües, et qui sonne par tout le toxin sur le pauvre pecheur. Cependant ce sont là les veritables athées que nous cherchons en vain parmy les plus débauchez et que nous ne trouvons pas mesme parmy les plus scelerats de tous les hommes, puisque, hors de l’hypocrite, je ne croy pas qu’il y ait aucun homme sur la terre qui ne reconnoisse la Divinité et qui n’encense ses Autels. Oüy, ce sont ces mocques-Dieu qui sont les veritables ennemis de sa puissance et de sa gloire, et qui de son Estre s’en font une chimere dont ils se targuent en public et se joüent en secret. Car, s’ils croyoient un

Para além da evidente defesa de inocência de Dassoucy, ao se descrever como um devoto respeitoso da fé, o trecho revela a concepção dada pelo escritor sobre quem deveria ser considerado o verdadeiro herético: o hipócrita, aquele indivíduo que finge ser religioso para acusar outras pessoas de descrença por estar interessado apenas na polêmica da acusação, estando pouco afeito aos ritos religiosos. Ser hipócrita corresponderia, nesse sentido, àqueles que buscam se vangloriar de sua fé, mas que interiormente não necessariamente acreditam no que dizem acreditar. Uma atitude como essa, de fingir ter uma devoção, é considerada uma forma de zombar das temáticas santas, pois, para Dassoucy, o verdadeiro crente não precisa ostentar as suas convicções, ele apenas “porta em seu peito o verdadeiro culto”.³⁷

Pode-se dizer que Dassoucy também se refugia na imputação que Triboulet atribuiu anteriormente sobre Pierrotin, que por ele não ter respondido com clareza os questionamentos e dúvidas sobre Dassoucy, identifica o pajem como um “pequeno libertino” que estaria zombando do religioso.³⁸ O termo libertino aparece aqui novamente utilizado com sentido desqualificador para indicar uma atitude desrespeitosa, tal como ocorre no texto do padre Garasse, que reconhece os libertinos como “mosquitos de tabernas, espíritos insensíveis à piedade, que não possuem outro Deus que o seu ventre. (...) [Eles] são bem nomeados quando chamados libertinos, porque é como quem diria aprendizes do ateísmo”.³⁹ O pajem Pierrotin seria, a partir dessa perspectiva, um aprendiz do ateísmo pela sua proximidade com Dassoucy, embora a acusação tenha sido desqualificada pelo escritor ao reconhecer a hipocrisia e falsidade de Triboulet, que mascara sua falta de fé a partir da imputação do erro dos outros. Dessa forma, os relatos das personagens principais dos textos de Cyrano e Dassoucy indicam a problemática do contexto de forte vigilância das consciências, sendo seus textos os meios de uma reação crítica à política de perseguição dos supostos descrentes existentes na sociedade. Para além disso, os episódios ficcionais dos textos são reveladores das inquietações que estavam assolando as mentes dos indivíduos neste momento: com dúvidas relacionadas às ações dos religiosos, aos fenômenos da fé, a busca por respostas para além da visão teológica de mundo e a denúncia de superstições, que podem ser compreendidos como constituintes de um fenômeno amplo e cultural de compreensão da própria realidade.

Dieu comme nous le croyons, & qu'ils eussent apprehension de sa justice, ils ne seroient pas si hardis de s'en mocquer”. DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D'Assoucy*. Tome Premier, p. 241-243.

³⁷ Tradução livre: “Porte en son sein le veritable culte”. *Idem*, p. 241.

³⁸ Tradução livre: “petit libertin”. *Idem*, p. 220.

³⁹ Tradução livre: “mouscherons de tauernes, esprits insensibles à la piété, qui n'ont autre Dieu que leur ventre. (...) [Ils] sont bien nommez quand on les appelle Libertins; car c'est comme qui diroit apprentif de l'Atheisme”. GARASSE. *La Doctrine curieuse des beaux esprits de ce temps*, p. 37.

As acusações e desconfianças de teólogos e magistrados não podem ser interpretadas apenas como decorrentes da mera preocupação com a descrença, assim como a retomada destas tópicas nos textos de Cyrano e Dassoucy não seriam derivados apenas de uma autodefesa por parte deles. Com efeito, as acusações e desconfianças do período podem ser melhor entendidas ao se observar como elas são lugares-comuns observáveis em outras produções artísticas e textuais do século XVII. Conforme a leitura do filósofo Jean-Pierre Cavaillé, um desses lugares-comuns consistia na representação do mundo como o lugar da ocorrência de todos os erros e de todos os enganos, onde a experiência que lhe era associada compreendia a desilusão, o desapontamento. Essa forma de expressão, um tanto desiludida, se apoiava na valorização da experiência e da prudência como forma de vivenciar as experiências do mundo. Uma posição que está alinhada com a conjuntura de perda de confiança nos objetos de crença, quais eles fossem, durante o século XVII, e que explica o aumento das suspeitas, principalmente entre os religiosos. O outro tornou-se, assim, um representante da suspeição e da desconfiança, uma perspectiva que é reempregada, em maior ou menor grau, nos discursos dos indivíduos e em diferentes âmbitos da sociedade. Por isso, na visão de Cavaillé, essa seria uma evidência da presença da dissidência e da irreligião na Idade Moderna, sendo possível contradizer a ideia comumente difundida sobre a sólida crença dos agentes e da exceção da descrença durante esse período histórico em específico.⁴⁰

Ainda conforme o autor, durante o século XVII houve uma busca quase obsessiva pela figura do impostor, quase sempre representada na figura do outro, alguém que supostamente usurparia uma identidade ao simular o que não se é e ao dissimular o que se é, para, assim, obter glórias, honras, amores ou riquezas. Portanto, a emergência de uma palavra que designasse a impostura, ou melhor, que fosse atribuída a alguém, se tornou relevante não somente para caracterizar o outro como para se diferenciar, ou se esquivar, de um atributo que poderia ser duvidoso e diferente, pois até o século XIX o termo libertino foi usado como um adjetivo. Ao se identificar como o imaginário social da época estava repleto de figuras impostoras, como falsos profetas, falsos santos, falsos devotos, falsos príncipes e supostos “espíritos fortes”,⁴¹ também se evidencia como as visões de mundo do período moderno francês estavam fundamentadas em concepções de engano, impostura, erro, fraude e desilusão, o que explica uma produção significativa de textos publicados no período tratando sobre o libertino como

⁴⁰ CAVAILLÉ, *Les déniaisés*, p. 16-18.

⁴¹ *Idem*, p. 19.

sendo um indivíduo representativo da impostura.⁴² A partir disso, é possível compreender o aumento do uso da palavra libertino e a sua conotação exclusivamente acusatória, o que explica o porquê dele não ser autodesignado, o que quer dizer que os libertinos não se reconhecem efetivamente como libertinos.⁴³

Apesar de Cyrano e Dassoucy não se declararem como libertinos, é possível encontrar algumas referências à palavra em suas narrativas, como também ocorre com alguns textos de Tristan L'Hermite de forma mais evidente. Em *Stances* que compõe *Vers heroiques*, o escritor faz menção dela na seguinte frase: “e os mais libertinos que a obrigação surpreende”.⁴⁴ Na visão da estudiosa Laurence Tricoche-Rauline, a palavra busca expressar no trecho uma recusa de se submeter a uma servidão como do amor.⁴⁵ No entanto, em *Lettres Meslées*, mais especificamente na carta intitulada *A M. B. Avis secret pour le porter à la pieté. LXXXIV*, Tristan a menciona para finalizar uma reflexão dizendo: “eu tenho o rumor de ser mais libertino que fanático”.⁴⁶ Talvez aqui ocorra uma reivindicação direta e, ao mesmo tempo atenuada, de um tipo de libertinagem, pois ao longo do texto o escritor busca enfatizar a falta de devoção do destinatário da carta. De forma ambígua, o escritor nega sua descrença e relembra o seu interlocutor sobre como a devoção pode ser percebida:

A verdadeira devoção nem sempre é acompanhada de *gestos exteriores*, e nessa ocasião é muito melhor que o coração fale sozinho do que se a boca falasse sem ele. Entretanto, Senhor, quando não seja por exemplo e por medo de dar material a julgamentos precipitados; Você seria obrigado, ao orar a Deus, a manter uma *compostura adequada*. A distração indiferente nesse dever, é uma grande irreverência. Você não ousaria falar com um Rei com o chapéu sobre a cabeça e virando os olhos para outro lugar; você deve falar com Deus com os joelhos dobrados e sem considerar outros objetos. (...) Se fosse verdade que você tivesse abandonado Deus, não há dúvida que logo você seria abandonado pelos homens: e que as criaturas não poderiam sofrer a injúria que você teria feito ao seu Criador. Todo o edifício dos seus cuidados

⁴² Para além das obras de Garasse e de Mersenne, pode-se citar LOYAC, Jean de. *Le libertin converti*. Oeuvre qui fait voir la faiblesse de forts esprits de ce temps, et la fausseté de leurs maximes. Paris: T. du Bray, 1635.

⁴³ CAVAILLÉ, Libérer le libertinage, p. 50.

⁴⁴ Tradução livre: “Et les plus libertins que la contrainte étonne”. TRISTAN L'HERMITE, *Stances*. In: *Vers heroiques de s. Tristan*. Paris: Pierre des-hayes, 1648, p. 203. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=mullAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_book_other_versions_r&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false Acesso em : 07 fevereiro 2024.

⁴⁵ TRICOCHÉ-RAULINE, *Identité(s) libertine(s)*, p. 18.

⁴⁶ Tradução livre: “j’ay le bruit d’estre plutost libertin que bigot”. TRISTAN L'HERMITE. *Lettres Meslées de sievr de Tristan*. Paris: Avgvstin Covrbé, 1642, p. 480.

cederia; todos os seus fundamentos se encontrariam mal assegurados, e a sua fortuna cairia em ruína.⁴⁷

Na verdade, mais do que uma defesa da fé, Tristan relembra o destinatário de sua carta sobre a importância das práticas de devoção, embora ele concorde que elas nem sempre precisem ser expressas a partir de gestos exteriores. Tristan aponta como a possível negligência de ações exteriores não seria necessariamente uma manifestação de incredulidade real e segue uma lógica de pensamento semelhante ao defendido por Dassoucy, de como a fé, antes de tudo, compreende o interior das convicções de cada indivíduo. Contudo, Tristan enfatiza como na sociedade que vivia não bastava acreditar, era preciso seguir com as condutas esperadas, agindo e demonstrando através de ações exteriores a autenticidade de convicções interiores. O sujeito que não adotava a postura esperada ou adequada conforme a doutrina religiosa, poderia suscitar a desconfiança quanto à sua convicção.⁴⁸ Em razão disso, o escritor evidencia as consequências do abandono da fé de alguém: o abandono social, a exclusão como forma de repressão à suposta injúria cometida.

Reconhece-se como Tristan argumenta que as ações nem sempre refletem as convicções internas de alguém, enfatizando a importância de confiar na palavra. Em *Voyage de Chapelle et Bachaumont*, os narradores Chapelle e Bachaumont relatam as suas jornadas por territórios franceses. E, em um episódio específico da viagem, sugerem como, muitas vezes, os gestos exteriores que são utilizados pelos indivíduos para expressar uma atitude devota seriam, na realidade, decorrentes de superstições. Os viajantes são surpreendidos por um ser identificado como “deus do rio”, sentindo medo diante ele, e “com esta aparição, o medo nos fez fazer dois sinais da cruz e dar três passos para trás. Mas a curiosidade prevaleceu sobre o medo”.⁴⁹ Embora a referência ao gesto do sinal da cruz possa ser interpretada como uma subordinação

⁴⁷ Tradução livre: “La veritable deuotion n’est pas tousjours accompagnée des *gestes extérieurs*, & qu’il est beaucoup meiller en cette occasion, que le coeur parle tout seul, que si la bouche parloit sans luy. Cependant, Monsievr, quand ce ne seroit point pour l’exemple & de peur de donner matiere à des jugemens temeraires; Vous seriez obligé en priant Dieu, de garder vne *bien-seance conuenable*. La distraction nonchalante en ce deuoir, est vne grande irreuerence. Vous n’oseriez parler à vn Roy le chapeau sur la teste, & tournant les yeux autre part; vous deuriez bien parler à Dieu les genoux fléchis, & sans considerer d’autres objets. (...) Si estoit vray que vous eussiez abandonné Dieu, il n’y a point de doute que vous seriez bien tost abandonné des hommes: & que les creatures ne pourroient souffrir l’injure que vous auriez faite à leur Createur. Tout l’edifice de vos soins se démentiroit; tous vos fondemens se treueroient mal assurez, & vostre fortune tomberoit en ruine”. *Idem*, p. 476-478. Grifo nosso.

⁴⁸ GRIFFEJOEN, Constance. « Vous sçavez que j’ay le bruit... ». Tristan L’Hermite et les ambiguïtés du *kleos* libertin. *Cahiers Tristan L’Hermite*, n. XXXV, 2013, p. 80-82.

⁴⁹ Tradução livre: “A cette apparition, la peur nous fit faire deux signes de Croix & trois pas en arriere: mais la curiosité prévalut sur la crainte”. CHAPELLE; BACHAUMONT, *Oeuvres de Chapelle et de Bachaumont*, 1755, p. 25.

ou uma atitude de devoção da parte de Chapelle e Bachaumont, a frase seguinte refuta essa possibilidade ao revelar como seria problemático se eles tivessem se conformado à essa atitude e não tivessem curiosidade suficiente para desvelar a mensagem que aquele ser intentava transmitir a eles. A curiosidade deles prevaleceu, mostrando-se muito maior do que “os medos absurdos inspirados pela superstição”.⁵⁰

A partir das reflexões apresentadas pelos escritores, pode-se perceber a importância da religião, ou mais precisamente, da relação do ser humano com a religião, durante o século XVII, e como essa relação deveria ser manifesta através de condutas externas. Dessa forma, as práticas e condutas humanas são consideradas como um reflexo observável dessa relação, o que explica o foco das investidas de combate de Garasse não se limitarem apenas em acusar as possíveis blasfêmias dos indivíduos, ele insiste, principalmente, sobre o desregramento e a licenciosamente dos costumes, com atitudes compreendidas como elementos comprobatórios dos excessos decorrentes de uma mente libertina e pouco interessada em zelar pela *praxis* cristã. O problema então seria as atitudes dos indivíduos, ou melhor, as percepções sobre elas, pois as práticas são compreendidas como indicativas do como cada sujeito pensa em seu âmago, não sendo mais o bastante dizer crer em algo, o indivíduo precisava exteriorizar isso através de suas condutas. Sendo assim, o libertino no século XVII não é mais compreendido como apenas um seguidor de uma religião oposta à oficial como no século precedente, ele é assimilado, mais precisamente, como aquele que não segue os costumes e não tem fidelidade a Deus, pois escolhe não se sujeitar dessa forma.

O problema parece ser a reivindicação de liberdade, que sobrevém ao ato de questionar as práticas religiosas e seus temas ou não expressar as irreverências esperadas, pois, na compreensão dos religiosos, a tal liberdade “eles a querem para praticar sua depravação e suas impiedades”.⁵¹ Um caso que explicita tal percepção é a circunstância de acusação de Théophile de Viau, poeta que foi declaradamente perseguido pelo jesuíta Garasse e a sua companhia. Grande parte da literatura especializada no estudo da libertinagem reconhece como o texto do religioso contribuiu enormemente para a construção de uma imagem que desqualifica o poeta e outros escritores considerados como libertinos, justamente por naquele momento Théophile já estar sob suspeitas após a publicação dos seus poemas, os quais contavam com circulação

⁵⁰ Tradução livre: “les craintes absurdes inspirées par la superstition”. RAULINE, Laurence; ROCHE, Bruno. Introduction. In: CHAPELLE; BACHAUMONT. *Voyage à Encausse*. Édition critique. Institut Claude Longeon, Université Jean Monnet: Saint-Etienne, 2008, p. 22.

⁵¹ MINOIS, *História do ateísmo*, p. 231.

prévia desde o ano de 1622.⁵² *Parnasse Satyrique*, obra do poeta que é citada por Garasse, é qualificada como um escrito repleto de “ímpiedades, blasfêmias e abominações”.⁵³

Na interpretação de Matthieu Dupas, o uso da palavra abominação pode ser indicativo da acusação de sodomia, que não surge imediatamente no quadro do julgamento do escritor, mas que logo se torna uma questão, ao ser apontada como uma possível apologia que estaria presente nos versos e sonetos do poeta. Segundo Dupas, além da expressão “*foutre en cul*”, que era utilizada no contexto para aludir à sodomia, em outro trecho da obra do poeta, uma mulher acusou seu amante de ter praticado sodomia com ela, o que foi comparado a inserção de um clister.⁵⁴ Diante das múltiplas reprovações que o texto recebeu, os censuradores de Théophile se focaram em encontrar nos escritos a prova dos supostos costumes sodomitas do escritor. Esse tipo de imputação aparece também em Garasse, pois ele faz uma ligação direta entre os costumes do poeta com a sua escrita, o que indica uma leitura um tanto literal dos textos libertinos, retirando de contexto os enunciados de suas obras na medida em que relaciona a identidade do narrador dos escritos com o poeta que os escreviam. Assim, pode-se dizer que a leitura do clérigo, segundo Isabelle Moreau, “é suficientemente informada para poder servir de ‘matriz à investigação judiciária’” de Théophile de Viau, que ocorreu em momento posterior.⁵⁵

Além disso, é preciso destacar que Théophile era protestante, elemento que pode explicar parte da perseguição que ele sofre pelo clérigo jesuíta e, posteriormente, pelo Parlamento de Paris.⁵⁶ Embora o poeta tenha se convertido ao catolicismo em 1622, mesmo

⁵² Muitos estudiosos se debruçaram sobre o caso de Théophile de Viau, que em decorrência de suas acusações e de sua condenação teve execução em efígie e foi submetido ao exílio. As principais obras sobre ele compreendem ADAM, Antoine. *Théophile de Viau et la libre pensée française en 1520*. Paris: Droz, 1935; DEJEAN, Joan. Une autobiographie en procès. L'affaire Théophile de Viau. *Poétique*, n. 48, p. 431-448, nov. 1981; DUPAS, Matthieu. La sodomie dans l'affaire Théophile de Viau : questions de genre et de sexualité dans la France du premier xviie siècle. *Les Dossiers du Grihl*, n. 4, p. 1-21, 2010. Disponível em: <https://journals.openedition.org/dossiersgrihl/3934> Acesso em: 5 janeiro 2024; LACHÈVRE, Frédéric. *Le libertinage devant le Parlement de Paris*. Le procès du poète Théophile de Viau (11 juillet 1623- 1 septembre 1625), publication intégrale des pièces inédites des Archives nationales. Paris: Honoré Champion, 1909, 2 tomes; LACHÈVRE, Frédéric. *Le Libertinage au XVIIe siècle*. Le Procès de Théophile de Viau. v. I et II. Genève: Slatkine Reprints, 1968; VAN DAMME, Stéphane. *Théophile de Viau et les jésuites*. Procès et polémique littéraires au XVIIe siècle. Contribution à une histoire des pratiques textuelles. Mémoire présenté en vue de diplôme de l'E.H.E.S.S. sous la direction de Roger Chartier, juin 1994.

⁵³ LACHÈVRE, *Le Libertinage au XVIIe siècle*, p. 398.

⁵⁴ O poema em questão seria: “Lors qu’Anthoinette eut vu que malgré son desir / Son drolle à ...utre en cul prenoit tout son plaisir, / Et que son C. vivoit oysif & solitaire. / Que fais-tu, luy dit-elle, ô perfide assassin ! / J’ay plus besoin d’un V. que non point d’un clistere, /Je demande un ... teur, non pas un Medecin”. DUPAS, La sodomie dans l'affaire Théophile de Viau, p. 5-6.

⁵⁵ Tradução livre: “est suffisamment informée pour pouvoir servir de ‘matrice à l’enquête judiciaire’”. MOREAU, *Guérir du sot*, p. 65.

⁵⁶ Luiz Cesar de Sá aponta que a inserção de Théophile em círculos protestantes pode ter condicionado a recepção dos seus escritos, que acabaram sendo lidos como heréticos. DE SÁ, Luiz César. *Auctoritas e controvérsia nas práticas letradas francesas (1540-1630)*. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017, p. 34-35.

período em que decorreu a publicação de sua obra, o seu passado religioso possivelmente corroborou para que a sua desaprovação e perseguição fosse levada adiante como forma de “reafirmar uma Contrarreforma hesitante em clima galicano”.⁵⁷ O caso de Théophile se torna então exemplar nos mais variados sentidos: primeiro, ao evidenciar como a intolerância religiosa ainda repercutia na França do século XVII, mesmo após assinatura do Editto de Nantes por Henri IV, segundo, pelo caso ter extrapolado uma “habitual” denúncia religiosa, a partir do momento em que foi instaurado um processo legal, que objetivava o banimento e a repressão do poeta e, terceiro, pela acusação definir um marco na intensificação de combate contra escritores críticos como os libertinos. É nesse sentido que Moreau, em sua investigação sobre as estratégias de escrita dos textos libertinos, identifica o episódio como sendo exemplar de uma apologia de combate que foi institucionalizada contra os libertinos durante o século XVII e envolverá toda a sociedade francesa.⁵⁸

O processo de Théophile de Viau tornou-se um caso “exemplar” na medida em que a acusação singular, a designação de uma prática desviante do poeta, passou a representar as declarações, as ações e os costumes plurais de todos os libertinos. Assim, “o indivíduo Théophile só assusta porque ele está suscetível de representar um grupo”, ou melhor, as práticas coletivas de licenciosidade de um grupo de libertinos supostamente existentes naquela sociedade.⁵⁹ A partir desse momento, os libertinos serão verdadeiramente impactados e se tornam os principais alvos de combate religioso e jurídico de repressão e censura da expressão dissidente. O que fez com que, a partir desse momento, as denúncias de outros religiosos repercutissem a questão da presença de libertinos na sociedade francesa.

Com relação ao texto de Garasse, ainda é possível observar como ele erigiu um retrato sobre quem eram os libertinos do século XVII que influenciou tanto na percepção dos seus contemporâneos como nas de futuros pesquisadores do fenômeno da libertinagem, que muitas vezes, se utilizaram do seu texto com o intuito de apreender quem era o libertino no período. Um aspecto problemático, visto que a retratação que foi feita do ser libertino em sua obra advém de um ponto de vista acusatório e negativo, já que a origem do termo possui essa indicação. É por isso que, pelo menos nos últimos vinte anos, os historiadores da libertinagem vêm alertando sobre como a utilização da obra de Garasse enquanto uma forma de testemunho sobre a

⁵⁷ Tradução livre: “réaffirmer une Contre-Réforme hésitante en climat gallican”. MOTHU, Alain; STENZEL, Hartmut; CAVAILLÉ, Jean-Pierre; LOJACONO, Ettore. Discussion. Faut-il finir avec les libertins ? *Littératures classiques*, v. 92, n. 1, 2017, p. 138.

⁵⁸ MOREAU, *Guérir du sot*, p. 31.

⁵⁹ Tradução livre: “L’individu Théophile ne fait peur que parce qu’il est susceptible de représenter un groupe”. VAN DAMME, *Libertinage de moeurs / libertinage érudit*, p. 10.

libertinagem, a dissidência e, mais especificamente, sobre a figura do libertino, compreende quase uma contradição, pois o devoto acusou e condenou os libertinos a partir de irregularidades morais, o que eleva a possibilidade de que o libertino representado na obra esteja, em partes, afastado do que poderia sê-lo na realidade. Tal proposição foi levada com seriedade por Louise Godard de Donville, linguista que redigiu uma obra questionando se o libertino não seria então uma criação advinda do imaginário dos apologistas da fé do período, tendo em vista que eles idealizam uma representação do libertino muito mais do que tentam restaurá-la, como é o caso da obra de Garasse.⁶⁰ A perspectiva é intrigante e audaciosa por colocar em dúvida a existência dos libertinos, visto que o termo ganhou maior proporção a partir das reações condenatórias dos religiosos, transformando o libertino numa espécie de espectro da época, o qual não cessou de ser “fantasiado” e representado como alguém imoral, descrente e provocador. O libertino durante o período, foi, nesse sentido, reconhecido no outro, naquele que representaria o que é distinto e não é compatível com os dogmas e as imposições sociais da época. Nesse sentido, pode-se dizer que a criação de um imaginário sobre o sujeito libertino torna-se mais evidente entre os críticos, justamente em um período em que os diferentes grupos religiosos se “localizam”, após perpassarem por uma reclassificação geral da esfera confessional,⁶¹ e também diante do fortalecimento político sob o reinado de Louis XIII, que atuou como uma força de Estado deliberativa de imposição de regras, buscando remodelar as práticas e os costumes dos indivíduos.⁶²

É nesse sentido que podem ser compreendidos os episódios de perseguição sofridos pelas personagens principais das obras de Cyrano, Dassoucy, Tristan e Chapelle, como uma referência aos discursos acusatórios dos devotos proferidos ao longo do século XVII contra os libertinos. Através dos complexos momentos vividos pelos narradores dos escritos – ao serem acusados de irreligião, ao serem perseguidos por padres e magistrados ou serem vistos com desconfiança pelos outros membros da comunidade –, fica evidente como as dificuldades vivenciadas pelos escritores são transportadas para a ficção – ao ponto dos seus discursos chegaram a emanar uma certa inquietude e melancolia – e as suas narrativas serviram como os

⁶⁰ GODARD DE DONVILLE, Louise. *Le Libertin des origines à 1665: un produit des apologistes*. Paris, Seattle, Tübingen: Biblio 15, 1989.

⁶¹ CERTEAU, Michel de. *A Fábula mística séculos XVI e XVII*. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2015, v. 1.

⁶² Robert Muchembled também destaca a importância dos ministros Richelieu e Mazarin, que em torno de si passaram a reunir “criaturas”, como nobres, eclesiásticos, burgueses de alto escalão ou mais humildes, criando assim uma verdadeira rede de apoio e devoção ao protetor e, consequentemente, ao soberano, fortalecendo assim a fidelização e a agregação diante do astro (o símbolo solar já era reivindicado durante o reinado de Louis XIII), o que permitia o controle do soberano a partir do apoio como forma de validação de sua força. MUCHEMBLEMED, *La Société policiée*, p. 46-52.

meios de representação de uma espécie de *alter ego* em relação às vivências e condições repressivas que são perpassadas pelos libertinos ao longo do período.⁶³ O que quer dizer que os escritores se utilizam das construções feitas sobre os libertinos como uma forma de evasão diante de um contexto de acusação e de perseguição dos supostos dissidentes. É por isso que, ao mesmo tempo em que os viajantes performam atitudes libertinas, a partir de falas e comportamentos que os levariam a serem interpretados como descrentes ou zombadores dos poderes, eles demonstram perplexidade quando isso ocorre em atitudes de personagens terceiros.

Também é importante lembrar como o caso dos libertinos não se trata de uma situação isolada na história, onde a designação atribuída a eles é apoiada em um sentido denunciatório. Conforme indica o filósofo Pierre-François Moreau, a grande maioria dos nomes de “partidos” ou de correntes filosóficas de determinados grupos ou de indivíduos específicos são provenientes de termos forjados pelos seus adversários, às vezes rejeitados pelos interessados ou, ao contrário, às vezes retomados pelo desafio. Por outro lado, o pesquisador indica como, em um contexto de perseguição ou censura, existem termos que são impossíveis de serem reivindicados sob pena de se denunciar às autoridades como culpado imediato daquilo de que está sendo acusado.⁶⁴ Por isso, a categoria de libertino não pode ser reduzida apenas a uma criação amedrontadora advinda da escrita dos religiosos, visto que ao analisar os empregos da palavra, torna-se perceptível quem eram os seus destinatários: escritores, poetas, agentes questionadores, reflexivos em busca pela emancipação das mentes, como Cyrano, Dassoucy, Tristan e Chapelle. É preciso compreender o que se passou e quais contribuições os seus textos podem dar sobre isso, sem que a palavra libertino seja confinada a um discurso exclusivamente denunciatório. Além disso, ela pode ser interpretada como uma categoria de análise, permitindo a compreensão das reflexões propostas pelos escritores libertinos. Sendo assim, a existência da palavra bem como o seu emprego podem ser concebidos como indícios das ações empreendidas por esses sujeitos durante o século XVII – questionando e refletindo sobre a sociedade que viviam.

Dessa forma, os libertinos aqui analisados podem ser compreendidos como representantes de um questionamento existencial, a partir da concepção de mundo para além da ótica religiosa, e dos conflitos decorrentes disso e que afetaram todo o século, propiciando o

⁶³ A ideia sobre o *alter ego* na verdade é indicada por Bruno Roche em sua pesquisa sobre o escrito de Tristan l’Hermite. ROCHE, Le rire du page ou les métamorphoses du libertinage, p. 99-110.

⁶⁴ MOREAU, Pierre-François. Libertinage, clandestinité, libertinisme. In: BAHIER-PORTE, Christelle; MOREAU, Pierre-François; REGUIG, Delphine (Dir.). *Liberté de conscience et arts de penser (XVIIe-XVIIIe siècle)*. Mélanges en l’honneur d’Antony McKenna. Paris: Honoré Champion, 2017, p. 62-63.

alargamento das reflexões sobre a humanidade, a sociedade, a política, o universo, a exatidão das escrituras, o sentido das religiões e da vida, e tantos outros temas. Com efeito, os libertinos devem ser entendidos enquanto indivíduos que, inspirados pelas condições da época, vivenciaram a chamada “crise de consciência”,⁶⁵ e se dedicaram a vislumbrar a liberdade de pensamento, a partir de seus escritos, como possibilidade de autonomia em uma época em que “os debates sobre o homem, Deus e o mundo que penetravam na esfera pública, se revolviam em torno do confessional”.⁶⁶ De forma complementar, pode-se pontuar como a relevância dos textos de Cyrano, Dassoucy, Tristan e Chappelle consiste na apresentação de uma renovada perspectiva sobre a autonomia de consciência e a criatividade humana.

Percebe-se, então, como a reflexão sobre o termo libertino e os seus usos permite verificar a relevância do *corpus* documental e para desconstruir com as associações negativas atribuídas aos escritores libertinos. Da mesma forma, seus textos representam uma forma de constatação e de debate, possibilitando a identificação das tensões, resistências e conflitos vivenciados ao longo do século XVII, apesar das tentativas de aculturação e de dominação dos corpos e mentes empreendidas pelos poderes religiosos e estatais. Assim, ao se compreender o termo libertino como uma categoria de análise, torna-se possível se desprender da construção caricata feita sobre o fenômeno da libertinagem, muitas vezes, associando os libertinos à blasfêmia e considerando os seus textos e ideias como contraditórios, para que se possa chegar em entendimentos sobre a contribuição das suas reflexões e as particularidades da imaginação libertina, de modo a aprofundar as compreensões dos próprios escritores sobre o que poderia ser libertino.

1.2. Ser ou não ser libertino: imaginar

⁶⁵ Título da obra de Hazard que investiga o acirramento do debate e da crítica na cena erudita do final do século XVII e início do XVIII. Para o autor, o período final do século terá intensificado as discussões com o questionamento da religião e dos múltiplos valores que embasam a sociedade europeia. O que não impede que isso seja reconhecido anos antes, considerando que já estava sendo gestado um tipo de crítica que irá se desenvolver e ganhará mais força no fim do século. HAZARD, Paul. *A Crise da consciência europeia: 1680-1715*. Tradução Maria de Fátima Oliva do Coutto. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015, p. 15

⁶⁶ ISRAEL, *Iluminismo radical*, p. 31.

No mundo da Lua, a expressão “Sonhai em viver livremente”⁶⁷ pode ser tanto uma forma de saudação quanto de despedida. A frase é curta, mais muito significativa sobre como Dyrcona adquire novas formas de pensar ou interpretar a realidade a partir do contato com o outro mundo. Não é, pois, de forma aleatória que ele encontra um ser de origem espanhola, que relata ter sido obrigado a percorrer toda a Terra, decidindo abandoná-la pela Lua por não encontrar “um único país onde a imaginação estivesse em liberdade”.⁶⁸ O espanhol parece indicar para Dyrcona como, naquele mundo, haveria a possibilidade de imaginar de forma mais livre, sem que isso pudesse lhe causar problemas. Além dele, o viajante encontrará outros habitantes que valorizam a importância de ser livre para imaginar, como é o caso do demônio de Sócrates, quem serve como guia de Dyrcona e que reconhece como um homem deve ser livre para imaginar o que quiser, ainda que para crer em algo fosse necessário apresentar a imaginação possibilidades maiores ao sim do que ao não. Os acadêmicos lunares também parecem compartilhar de opinião semelhante, ao revelarem sua aversão às concepções religiosas que impossibilitam a liberdade de pensamento, as escolhas e as ações do ser humano.

De modo não muito diferente, em uma segunda viagem, agora para o Sol, Dyrcona descobre como a imaginação pode produzir todos os milagres imaginados, conforme relata um dos habitantes ao indicar como a imaginação dos seres não encontra obstáculos na matéria que os compõem, por isso que quando imaginam o lugar ou a parte que desejam se transformar, a matéria se altera a partir de um esforço de imaginação.⁶⁹ Assim, a imaginação é valorizada e utilizada como um recurso de transformação e alteração. Ela é força, seguindo a concepção dada por Michel de Montaigne ao relembrar a história de Cyppus, que por ter assistido, com grande afeição, ao combate de touros e ter sonhado várias noites em ter os cornos em sua testa, acabou produzindo-os em sua cabeça pela força da imaginação.⁷⁰ Além disso, a força da imaginação atuaria também sobre o corpo do outro, como no caso da imaginação uterina, em que as mulheres supostamente enviariam ao corpo dos filhos as marcas de suas fantasias.⁷¹

Premissas semelhantes também se encontram na narrativa sobre o mundo da Lua, em que Dyrcona imagina que a Lua poderia ser um mundo, o que lhe motiva a criar meios para se deslocar até o satélite e, posteriormente, acaba sendo confirmado por ele. Ou seja, o viajante é

⁶⁷ Tradução livre: “Songez à librement vivre”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 136.

⁶⁸ Tradução livre: “un seul pays où l’imagination même fût en liberté”. *Idem*, p. 76.

⁶⁹ *Idem*, p. 246-247.

⁷⁰ MONTAIGNE, Michel de. *Essais*: texte original de 1580, avec les variantes des Editions de 1582 e 1587, publié par R. Dezeimeris et H. Barckhausen. Féret et fils: Bordeaux, 1870-1873, p. 67.

⁷¹ SCHOLAR, Richard. La force de l’imagination de Montaigne : Camus, Malebranche, Pascal. *Littératures classiques*, n. 45, 2002, p. 129.

guiado pela imaginação ou, em suas, palavras, pelos “devaneios”, onde o pensamento se deixa levar pela imaginação, fazendo com que ele passe por um processo de transformação quanto a percepção do algo imaginado em algo real. A palavra em francês usada no texto para se referir a devaneio foi “*rêverie*”. Durante o século XVII, a palavra foi empregada com um sentido menos pejorativo conforme indica Madeleine Alcover, ao pontuar a evolução semântica do termo, pois o seu significado foi mudando de devaneio/demência/visão para devaneio/meditação ao longo do século.⁷² Assim, quando o narrador se expressa a partir da palavra, ele exprime mais do que uma simples fantasia, indicando como ele estava verdadeiramente raciocinando sobre o assunto e propondo uma nova perspectiva a partir do que imaginou.

Uma das distintas percepções apresentadas por Dyrcona também compreende o entendimento da origem do universo, em que um dos filósofos da Lua afirma como o espírito humano nem sempre consegue ser forte o bastante para conceber que o grande universo é feito de si mesmo, não sendo necessário recorrer a uma explicação religiosa como da Criação. A referência é clara sobre a compreensão da eternidade do universo ou a pluralidade de mundos, mas é interessante observar como ele expõe uma forma diferente de compreensão da realidade, não baseada nas convenções e explicações religiosas. O filósofo aponta a complexidade do ser humano se desprender de uma explicação, muitas vezes, motivado pelo medo da autonomia ou perplexidade diante da amplitude do universo e ao se imaginar estar dentro “de um que está dentro de outro”.⁷³ A possibilidade apresentada pelo sábio a Dyrcona é indicativa sobre o valor da imaginação e da necessidade de desafiar os limites convencionais de pensamento, de imaginar uma nova explicação ou, apenas, de ter a liberdade de pensamento para elaborar as compreensões sobre o mundo.

Dessa forma, os deslocamentos de Dyrcona para os dois mundos em *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol* colocam a imaginação como um elemento central das tramas para que o viajante vivencie uma experiência de liberdade de imaginação, elemento que é valorizado não somente pelos habitantes dos outros lugares, mas pelo próprio viajante ao vislumbrar o encontro com algo novo em ambientes tão diferentes da Terra. Assim, surge o questionamento: as narrativas de Cyrano não poderiam ser interpretadas como refúgios e, ao mesmo tempo, como um local de desdobramento da imaginação que permite explorar outras possibilidades onde a liberdade de pensamento e autonomia corporal seriam vividas? Seguindo essa hipótese, os escritos

⁷² A reflexão de Madeline Alcover consta na nota 58 de sua edição da obra de Cyrano. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 9.

⁷³ *Idem*, p. 123.

permitem que Cyrano desenvolva novas perspectivas sobre a vivência e a compreensão do mundo, isto é, sobre a vida humana e a natureza terrena.

Em *Aventures de Monsieur Dassoucy*, algo similar é proposto, com uma narrativa focada em descrever as aventuras de Dassoucy e seus pajens por diferentes regiões da Europa. Ainda que as viagens ocorrem em espaço terreno, sem a proposição de mundos extraterrestres, ocorre a referência à liberdade de pensamento, assim como a inclinação ao deslocamento revela a busca de autonomia de Dassoucy, enquanto viajante e personagem reflexivo diante de uma sociedade defensora dos bons costumes. Portanto, não é de forma aleatória que o personagem anuncia o seu incômodo com o ritual que envolvia os jantares na casa dos “grandes”. Ele afirma ser mais amigo da própria liberdade do que de bons pedaços de boa comida e acolhida, pois os contínuos festins não lhe permitiam respirar por conta de toda a civilidade que envolvia tais refeições, onde

Bem longe de ousar dizer o que se pensa, é necessário tudo escutar, tudo admirar e tudo honrar, e muitas vezes até mesmo as zombarias de um parasita confrontado. Onde não se ousaria proferir uma liberdade espiritual, falar com os olhos, nem rir que com o final dos dentes. Onde se a comida durar um ano, é necessário estar fixado a ela como se estivesse ali preso; onde, fora de estender a mão e de mover as mandíbulas, todo movimento é proibido.⁷⁴

Dassoucy se sente entediado ao ter que seguir várias regras que comprometem a expressividade de sua naturalidade. Por isso, ele reconhece ser mais feliz em sua própria mesa, e em suas palavras justifica: “porque nela eu tinha mais apetite, mais alegria e mais liberdade. Pois existe enfim um prazer muito maior no mundo que é comandar o seu pequeno império, de nele ser mestre de seu prato, e de receber, ao sair do espeto, uma coxa de carneiro ainda quente”.⁷⁵ A sua mesa pode ser compreendida como uma alusão à sua vida; Dassoucy se propõe seguir e inventar as suas próprias regras, não tendo que se restringir à outra pessoa para isso. Ele se torna, assim, o seu próprio soberano e guia em busca da liberdade e de autonomia. É

⁷⁴ Tradução livre: “Où bien loin d’oser dire ce que l’on pense, il faut tout écouter, tout louer & tout encenser, & bien souvent jusques aux colibets d’un Parasite effronté. Où l’on n’oseroit proferer une liberté spirituelle, parler que des yeux, ny rire que du bout des dents. Où si le repas duroit un an, il faut s’y tenir attaché comme si l’on y estoit cloué ; où hors de tendre la main & remuer les mâchoires, tout mouvement est interdit”. DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D’Assoucy*. Tome Premier, p. 140-141.

⁷⁵ Tradução livre: “pource que j’y avois plus d’appetit, plus de joye & plus de liberté. Car enfin est-il un plus grand plaisir au monde que de commander dans son petit Empire, d’y estre maistre de son plat, & d’y recevoir au sortir de la broche une élanche de mouton encore toute brûlante”. *Idem*, p. 146.

manifesto como o que motiva Dassoucy a seguir com seus deslocamentos, são os momentos em que ele pode ser ele mesmo, sem ter que se limitar às regras que comumente são esperadas ao se viver em sociedade. Com uma leitura aproximada sobre o texto, Judith Sribnai observa como Dassoucy elabora em suas *Aventures* o *ethos* do homem livre e virtuoso, onde no plano da ficção a prática de liberdade e autonomia de pensamento e de corpo poderiam ser vividas sem que elas gerassem punições aos seus praticantes.⁷⁶

Efetivamente, Dassoucy defende sua autonomia de agir e de pensar por si mesmo, independente das imposições sociais, permitindo uma elaboração sobre a possibilidade de ser independente ou de vir a ser para aproveitar o que a vida pode oferecer. Sendo assim, observa-se como os textos de Cyrano e Dassoucy imaginam personagens vivenciando instantes onde seria possível ser livre, formulando opiniões próprias sem necessariamente estarem sob influência de outrem, isto é, guiados pelos seus próprios instintos. Por isso, os seus textos podem ser compreendidos como espaços de anúncio de novas possibilidades e de desenvolvimento das imaginações dos escritores em um contexto em que a crença e a submissão eram regras a serem seguidas.

As reflexões de Cyrano e Dassoucy propõem, nesse sentido, uma perspectiva de vida aos seus personagens, que rejeitam os princípios ou valores da moral cristã, o que quer dizer que eles, então, aventam serem livres, longe de submissões. Para isso, o elemento da imaginação se torna crucial aos escritores, não sendo utilizada apenas como uma faculdade de elaboração e de concepção de ideias, mas sim como uma força criativa e formativa capaz de auxiliar os escritores na representação de mundos possíveis em suas narrativas, em que os indivíduos vivessem com menos impeditivos e onde pudessem propor questionamentos sobre, por exemplo, a Terra não ser o único mundo existente no universo, sobre a possibilidade de não se aderir à determinada religião quando não houvesse uma identificação com seus preceitos ou sobre o fato de não estar de acordo com normas sociais que impedem a expressão autêntica de si mesmo. É interessante observar como os exemplos citados anteriormente emergem de uma sociedade altamente hierarquizada, como era a sociedade francesa no século XVII, que, entretanto, vivencia a emergência de ideias concernentes ao direito à diversidade de pensamento. Assim, o uso da imaginação servirá como um catalisador de ideias para os escritores, reorientando os anseios em direção à almejada liberdade.

⁷⁶ SRIBNAI, Judith. Être empereur en son jardin: libertés et contraintes du roman personnel dans *Les Aventures de Monsieur Dassoucy*. [S. l.] p. 3-4.

Em *Le Page disgracié* de Tristan, a imaginação esteve atrelada à projeção de um personagem libertino que serve como característica das experiências do narrador Ariston, principalmente, em sua juventude. O narrador do texto indica como desde muito novo ele já questionava por si próprio os mistérios da religião, ao duvidar sobre a existência da escuridão e do fogo dos infernos.⁷⁷ Em sua iniciação como pajem na casa de um príncipe, Ariston relata não ser impossível de observar como haviam muitos jovens libertinos naquele ambiente, pois

A juventude se inclina às licenças, é tão propensa a assumir maus hábitos, que nada é preciso para corrompê-la. É uma mesa de espera para as boas ou para as más impressões: mas ela é mais suscetível às más do que às virtuosas. Existem homens feitos que se fortificam com os bons costumes entre as ocasiões do vício; mas seria um milagre se víssemos crianças conservarem sua inocência sem mácula entre as más companhias. Eu não demorei muito tempo nesta corte sem ver travessuras e sem tomar conhecimento de algumas pequenas libertinagens.⁷⁸

Conforme o trecho, o narrador reconhece no outro a libertinagem, mas não se deixa totalmente de fora, pois a ênfase na jovialidade serve como uma justificativa da sua inclinação à libertinagem. Conforme o seu próprio relato, Ariston reconhece ter sido quase impossível não ser influenciado pelas ideias e comportamentos de outros jovens considerados como libertinos. Dentre algumas de suas inclinações à libertinagem, ele relata ter adquirido o vício no jogo, assim como passa a se interessar mais pela leitura de contos e outros textos. Tendo lido grande repertório de textos, como romances e contos fabulosos, e se tornando um apreciador e hábil contador de fábulas, desde Homero e Ovídio até as de Esopo e de Perrault.⁷⁹ Assim, de certa forma, Ariston se descreve como alguém que desvela uma nova paixão, pelo imaginário propiciado pela leitura, e está mais interessado em desfrutar de novos prazeres, como o jogo. Ou seja, a coragem e curiosidade do pajem são colocados acima da culpa do pecado que ele poderia sentir ao optar pela vivência libertina do divertimento em abundância.

⁷⁷ TRISTAN L'HERMITE, *Le Page disgracie*. Première partie, 1667, p. 12.

⁷⁸ Tradução livre: “La jeunesse incline aux licences, est si sujette à prendre de mauuaises habitudes, qu’il ne faut rien pour la corrompre. C’est vne table d’attente pour les bonnes ou pour les mauuaises impressions: mais elle est beaucoup plus susceptible des mauuaises, que des vertueuses. Il se trouue des hōmes faits qui se fortifient aux bonnes moeurs parmy les occasions du vice : mais cela seroit comme miraculeux si l’on voyoit des enfans conserver leur innocence sans tâche parmy les mauuaises compagnies. Je ne fus donc pas long-temps en cette Cour, sans y voir des postiquerics, & sans y prendre la teinture de quelques petits libertinages”. *Idem*, p. 18-19.

⁷⁹ *Idem*, p. 25.

A inclinação à satisfação dos prazeres também é um elemento referenciado por Chapelle em *Voyage de Chapelle et Bachaumont*, onde são relatados os trajetos percorridos em direção a Encausse na região dos Pirineus, local reconhecido pelo poder terapêutico de suas águas. Com efeito, a descrição do percurso até a região serve como um pretexto para narrar os banquetes e encontros com diferentes amigos ou personalidades ao longo da viagem, conforme os versos que engrandecem o belo momento que tiveram em Blois, na residência de Gaston d'Orléans, em conjunto com a senhora e o senhor presidente Le Bailleul, onde puderam degustar à vontade das bebidas que foram servidas:

Neste lugar nós bebemos fresco,
Porque foram encontradas maravilhas
Sobre o vidro e sobre os banquetes,
E para prevenir as garrafas
De estar à mercê dos lacaios.⁸⁰

Entretanto, em outro trecho da obra, os narradores atentam para o fato de que: “em nossa viagem nem sempre sonhamos em fazer boa alimentação e que nós temos às vezes alguns momentos bastante ternos”.⁸¹ De fato, os prazeres alimentares não seriam a prioridade do deslocamento, eles seriam uma consequência da reunião com amigos ou indivíduos ilustres, onde ocorreriam também boas conversas. Em outro encontro, com alguém que é reconhecido como o pequeno duque e um senhor denominado Potel, Chapelle e Bachaumont afirmam como a conversa com eles “foi um pouco zombeteira” e que isso lhes fez perceber como estavam em boa companhia.⁸² Desse modo, a prática da conversação com indivíduos que gostam de zombar parece indicar a forma pela qual os narradores adquirirem a satisfação, onde poderiam desfrutar do prazer de partilhar não somente boas bebidas e comidas, como também ideias, gracejos e anedotas. A palavra usada no texto para se referir à conversa zombeteira também é um elemento importante, pois é indicativa sobre o tom das conversas, pois o termo *goguenarde*, naquele período, servia para designar algo engraçado, talvez uma provocação, uma piada zombeteira ou

⁸⁰ Tradução livre: “En ce lieu nous bûmes frais; / Car il a trouvé des merveilles / Sur la glace & sur les banquets; / Et pour empêcher les bouteilles / D’être à la merci des Laquais”. CHAPELLE; BACHAUMONT, *Oeuvres de Chapelle et de Bachaumont*, 1755, p. 14.

⁸¹ Tradução livre: “nôtre Voïage, nous ne songions pas toujours à faire bonne chère; & que nous avions quelquefois des momens assés tendres”. *Idem*, p. 40.

⁸² *Idem*, p. 12.

alguém afeito a observar o lado cômico e prazeroso das coisas.⁸³ Dessa forma, estar na presença de indivíduos zombeteiros, para Chapelle e Bachaumont, proporcionava momentos agradáveis de partilha e de apreciação do lado cômico das coisas. O que indica como os narradores estavam mais inclinados a se divertir do que a se envolver na discussão de temas sérios, aspecto revelador sobre a postura libertina dos narradores, ao enfatizarem a busca do divertimento como parte da vivência do prazer.

Os narradores e outros personagens que compõem as obras de Cyrano, Dassoucy, Tristan e Chapelle são, em sua maioria, libertinos declarados, indivíduos questionadores, críticos, satíricos e hedonistas ao defenderem a autonomia e a liberdade de pensamento, e ao enfatizarem os momentos prazerosos da vida. Por consequência, essa postura pode ser compreendida como um elemento da elaboração e expressão de um grande discurso libertino que acaba sendo transmitido através dos seus escritos. No entanto, os personagens dos textos, ora são defensores, ora adotam um tom moralizar e edificante, anunciando o espanto sobre determinadas temas ou reflexões que são introduzidas por intermédio do diálogo com outras personagens. Por isso, embora os protagonistas sejam libertinos, eles não são assim o tempo todo, isto é, eles são libertinos do mesmo modo que não são. Eles se encontram no limiar da possibilidade, de virem a ser, de serem ou não serem, colocando-se diante das cenas com perspectivas que poderiam ser representativas da libertinagem se assim fossem possíveis, tornando manifesto um mundo observado e, também, imaginado no caminho de ser livre.

A equivocidade, presente nas opiniões dos narradores e de outros personagens, chegou a ser interpretada indevidamente pela crítica literária do século XIX e XX como um elemento comprobatório da contradição ou da falta de método e de definição filosófica da reflexão libertina. Contudo, ela pode ser melhor compreendida como uma prática de dissimulação, um procedimento comum e muito louvado no século XVII. “Afinal, falar de uma coisa querendo falar de outra, obscurecer intencionalmente o discurso, não deixa de ser dissimulação”, conforme reconhece o historiador Carlos Ziller Camenietzki ao identificar como a dissimulação compreendia um discurso típico e muito representativo da literatura barroca em desenvolvimento nos Seiscentos. A cultura barroca dissimularia ao se utilizar de diferentes elementos, com o uso da metáfora, da analogia, da alegoria, da criptografia ou da anamorfose.⁸⁴

⁸³ Um dos editores da obra de Chapelle e Bachaumont indica o significado para: “Goguenard: railleur, qui trouve toujours le mot pour rire, qui voit le côté risible ou Plaisant des choses”. CHAPELLE; BACHAUMONT, *Voyage d'Encausse*, 2007, p. 64.

⁸⁴ CAMENIETZKI, Carlos Ziller. Dissimulações honestas e cultura científica na Idade Barroca. *Sigila*, n. 8, 2001, p. 81-82.

O emprego destes elementos seria múltiplo, fato é que boa parte deles podem ser identificados nos escritos de Cyrano, Dassoucy, Tristan e Chapelle.

Com relação à dissimulação, Camenietzki e Cavaillé estão de acordo quanto ao ponto de que tal prática era amplamente difundida entre os sábios e escritores do século XVII. Dessa forma, pode-se reconhecer como elas se manifestam nos textos dos libertinos a partir da equivocidade dos personagens, de afirmação e negação da libertinagem, que suavizam confrontos diretos. Contudo, a dissimulação não parece ter sido empregada como um elemento meramente estratégico na escrita libertina, sendo, na verdade, constituinte de uma forma de expressão que era própria da cultura escrita em que Cyrano, Dassoucy, Tristan e Chapelle estavam imersos. Efetivamente, Cavaillé afirma com convicção como o contexto dos escritores libertinos estava imerso em uma cultura da dissimulação, ou seja, de prática de dissimulação que se expressava em seus textos, constituindo, assim, uma maneira de comunicação intrínseca à expressividade da cultura sábia da época.⁸⁵

A dissimulação, ao ser compreendida como um meio de negação sobre algo que é verdadeiro, foi expressa nos textos dos escritores investigados através das falas das personagens das obras, que nem sempre assumem o papel de indivíduo questionador que colocam em causa os costumes e a religião de sua época, tal como seria esperado que fizesse um libertino. Uma passagem importante que expõe a prática é da *Viagem à Lua* de Cyrano, em que o narrador Dyrcona apresenta um discurso um tanto devoto e avesso às vivências que teve no mundo da Lua ao declarar: “Eu admiro mil vezes a Providência de Deus que conteve esses homens, naturalmente ímpios, em um lugar onde eles não pudessem corromper os bem amados e os tendo punido de seu orgulho ao abandoná-los à sua própria suficiência”.⁸⁶ O olhar deslumbrado do narrador se voltou para as discussões filosóficas sobre a origem do universo, a composição da natureza e os costumes diferentes dos selenitas, se transformou em uma impiedade, desvalorizando todo o caminho de descobrimento que percorreu ao longo da trama na obtenção de novos conhecimentos. Com efeito, a declaração transforma o narrador em um devoto comprometido e não em um suspeito libertino, de forma a se desvencilhar de qualquer culpabilização pelo o que viveu no outro mundo, como se o que tivesse lá ocorrido, lá tenha ficado.

⁸⁵ CAVAILLÉ, *Dis/simulations*, p. 371.

⁸⁶ Tradução livre: “J’admire mille fois la Providence de Dieu qui avait reculé ces hommes, naturellement impies, en un lieu où ils ne pussent corrompre ses bien-aimés et les avait punis de leur orgueil en les abandonnant à leur propre suffisance”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 160.

Nas *Aventures* de Dassoucy, é significativo o trecho em que o narrador identifica o pajem Pierrotin como um indivíduo que sempre falava o contrário do que desejava dizer, sendo pouco disciplinado ou discreto – apesar dele se defender bem quando o religioso Triboulet o questiona sobre as práticas pouco religiosas de Dassoucy, numa tentativa de incriminação de ambos –, que lhe ocasionou inimigos na região de Montpellier e, conseqüentemente, acabou atraindo a raiva da população da região para com ele e o seu mestre Dassoucy.⁸⁷ Numa defesa sobre si mesmo, Dassoucy identifica os atributos libertinos em Pierrotin para se esquivar da possibilidade dele ser considerado inadequado. Antes mesmo que alguém lhe acusasse disso, ele identifica a fonte do problema como sendo proveniente do pajem, embora ele também acabe sofrendo as conseqüências da indisciplina de Pierrotin. A dificuldade ou confusão na hora de se expressar do pajem, que acaba comunicando o inverso do que deseja exprimir, é esclarecedor sobre como a dissimulação opera nos textos de escritores libertinos, que longe de representarem os seus personagens como sendo apenas uma coisa, preferem imaginar alguém que possui múltiplas opiniões e qualidades.

Em razão disso, a dissimulação não pode ser considerada como um elemento enganoso, pois o objetivo de dissimular dos escritores não era buscar ir contra ao que pensavam, mas expressar algo através de um pensamento ou posição próximo ao que já pensavam. Assim, dissimular significa produzir algo relacionado ao que se pensa, tomando cautela diante do que se busca expressar, tornando possível a diversão a partir do conflito de ilusão causado entre o que poderia ou não constituir um pensamento, já que o leitor da mensagem é, em partes, mantido na ignorância sobre essa equivocidade.⁸⁸ Assim, não seria possível pensar como a imaginação pode estar relacionada com a dissimulação? Pois Cyrano, Dassoucy, Tristan e Chapelle criam mundos derivados de uma representação de duplo efeito, em que se pode admirar e imaginar circunstâncias e novas possibilidades ao passo que esses mesmos espaços também compreendem reflexos distintos, dissimulados e até mesmo invertidos da realidade de onde advêm os escritores. Tal procedimento, ao ser compreendido a partir do conceito de representação, é indicativo de como os escritores estão, o tempo todo, tentando mostrar ou solicitar uma coisa para tornar possível outra, de modo que a representação pode ser entendida

⁸⁷ DASSOUCY, *Les Aventures de monsieur D'Assoucy*. Tome second, p. 97-99.

⁸⁸ D'ANGELO, Filippo. « Je suis le héros véritable de mon roman » : l'équivocité de la voix narrative dans les récits à la première personne au XVIIIe siècle. *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, n. 33, 2004, p. 6. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ccrh/237> Acesso em: 11 março 2025.

como algo que intenta dizer algo ao mesmo tempo em que é outra: a coisa que designa e que não é.⁸⁹

Ao refletirem sobre determinada ideia, a imaginação permitia aos escritores a experimentação da criatividade e da proposição de dissimulação, possibilitando a criação de espaços onde não seria possível ser somente uma coisa ou outra, mas sim tudo ao mesmo tempo: viajante, libertino, ateu, devoto, hipócrita, questionador, sonhador, divertido ou melancólico. Desse modo, longe de proporem uma coisa ou outra entre ser ou não ser libertino, os textos podem ser compreendidos como espaços em que se poderia almejar ser o que quisesse, desde que isso estivesse alinhada com a busca do deleite.

Se Cyrano, Dassoucy, Tristan e Chapelle estavam imaginando através de suas narrativas, existe, então, uma espécie de reivindicação pela autonomia de expressão, de falar sobre si ou do outro a partir de uma perspectiva particular, já que as obras são escritas em primeira pessoa. A imaginação se torna um componente essencial, pois ela auxilia no desenvolvimento de algo que era tido como relegado ao privado no período: a autonomia. Os narradores ensaiam, então, diante de universos e espaços a serem explorados, a construção de mundos que poderiam ser governados por si mesmos à medida que exploram e vivenciam os prazeres de descoberta e troca com outros personagens das obras. Dessa forma, através dos textos, os escritores imaginam personagens que vivem uma experiência mental guiada pela convicção própria a partir do contato com novas ideias, e onde o corpo consegue viver um tanto mais livre ao transitar por diferentes lugares, e ao poder experimentar novas emoções, leituras, cheiros e sabores que se desvelam conforme os ambientes visitados.

Os escritos descrevem espaços imaginados em que se poderia ser libertino, o que é indicativo sobre a existência de uma dimensão política do espaço libertino, o que quer dizer que as “imaginações” das obras transcendem as questões individuais que estariam relacionadas à proposição de ideias presente no texto por seus escritores. Dessa forma, é possível reconhecer uma circularidade de temas e similaridades de lugares-comuns reivindicados nos textos de Cyrano, Dassoucy, Tristan e Chapelle, ao indicarem ao longo dos deslocamentos dos seus narradores como eles encontram (1) lugares para se recolher, onde poderiam ocorrer conversas e práticas prazerosas e a troca de ideias contestatórias às estruturas de poder, sendo (2) afastados da influência do poder ou da corte, ao se distanciarem de Paris, por exemplo, e ao estarem quase

⁸⁹ SRIBNAI, Judith. Représentation et altérité dans *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* de Cyrano de Bergerac. *Sociocriticism*, v. XXXIV, n. 1-2, s. p., 2019.

sempre se referindo às distintas formas de (3) perseguições vividas por eles mesmos ou das outras personagens.⁹⁰

Para Pierre Gassendi – quem atuou como instrutor de Chappelle, passando a lecionar para o conjunto de conhecidos como Cyrano e talvez Dassoucy e Tristan –, o espaço imaginário compreendia o espaço infinito e incorpóreo do universo, não podendo ser concebido como um produto derivado apenas da imaginação, pois as dimensões dos espaços seriam identificadas de forma semelhante às dimensões corporais que os seres humanos estariam acostumados a perceber nos corpos físicos.⁹¹ Na verdade, o sábio sugere como o espaço teria sua independência, ele existiria independente do seu entendimento e se foi pensado algo sobre ele, em oposição à compreensão escolástica que concebia o espaço além mundo como proveniente apenas da imaginação.

Contudo, quando se identifica que os escritores exploram o espaço imaginário em suas obras, a não ser no caso de Cyrano que efetivamente busca refletir sobre o universo infinito ou o movimento dos corpos celestes, esse conceito de “espaço imaginário” pode ser compreendido como um mundo em vias de ser livre. As narrativas de Dassoucy, Tristan e Chappelle refletem, então, sobre a condição humana nesse espaço em transformação, e Cyrano se aprofunda na reflexão sobre a infinidade do universo e a pluralidade dos mundos e os impactos gerados por ele na compreensão da realidade. Assim, os escritos têm como foco descrever as experiências dos personagens, que buscam viver de forma autônoma para adquirir novos conhecimentos e poder desfrutar da felicidade, apesar de todas as opressões do mundo que impunham dificuldades para que ela fosse vivida plenamente no plano terrestre.

Por último, não se pode deixar de pontuar como os escritores possuem propostas similares e inspirações compartilhadas por conta das ligações que tiveram ao longo de suas vidas – e não somente por causa da preposição de temáticas comuns expressas nos textos –, a partir dos meios em que circulavam, ao participarem dos mesmos núcleos de estudos, espaços em que refletiam sobre ideias e concepções semelhantes, como no caso das aulas de Gassendi. Relacionado a isso, Madeleine Alcover pontua como havia um núcleo de escritores atuantes nos anos de 1648-1650 e que, dentre alguns nomes, o quarteto de autores aqui investigados pode ser identificado. Ao se observar as páginas preliminares dos textos publicados durante esse período – os quais serão explorados no segundo e terceiro capítulo deste trabalho –, pode-

⁹⁰ Jean-Charles Darmon está se referindo mais especificamente ao valor do sonho na obra de Cyrano e como a referência ao elemento onírico transcende algo individual por estar relacionado com a política libertina dos espaços. DARMON, Jean-Charles. L'imagination de l'espace entre argumentation philosophique et fiction de Gassendi à Cyrano. *Études littéraires*, v. 34, n. 1-2, 2002, p. 238.

⁹¹ DARMON, *Le songe libertin*, p. 102.

se encontrar os seus nomes e de outros autores conhecidos, o que reitera o argumento sobre a aproximação existente entre eles e que poderia proporcionar a circularidade de ideias reflexivas e críticas.⁹² Assim, não pode ser descartado o aspecto de como em um primeiro momento, antes de Cyrano e Chapelle romperem completamente com Dassoucy, preliminares dos seus manuscritos provavelmente circulavam nesses ambientes, permitindo a inspiração e, mais do que isso, a criação de modelos e de perspectivas críticas para suas imaginações literárias. Desse modo, as similaridades entre as fontes não consistem apenas em reivindicações aproximadas de temáticas imaginativas, dissimuladas e libertinas, elas decorrem também dos laços pessoais, intelectuais e culturais que atravessam as existências dos escritores e o contexto vivenciado por eles.

1.3. Duas conjunturas político-religiosas particulares na França: 1620 e 1650

O ano de 1619 iniciou de forma traumática em solo francês, na localidade de Toulouse, com a condenação e a morte na fogueira de Giulio Cesare Vanini, também conhecido como Lucilio Vanini.⁹³ De origem italiana, parte das influências do escritor remontam ao averroísmo de Pomponazzi e de Cardan, tendo inclusive frequentado possíveis círculos de pensadores libertinos na França.⁹⁴ Anos depois, emerge o caso de Théophile de Viau, que teve seu exílio decretado em 1625. Trata-se de dois casos que delimitam de forma perturbadora como os libertinos foram compreendidos durante o século XVII. Os casos de Vanini e Viau podem ser entendidos como os testemunhos de uma ofensiva religiosa contra os libertinos que foi se recrudesando ao longo do século. Para Minois, o período foi demarcado por uma preocupação constante, principalmente entre os religiosos, sobre o suposto ateísmo e a descrença que avançavam na França. Mersenne foi um dos devotos que anunciou a inquietação que o arrebatou

⁹² ALCOVER, Madeleine. Biographie. In: CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil (avec Le Fragment de physique)*, p. L.

⁹³ Dentre a extensa produção sobre o caso de Vanini, ver principalmente as seguintes produções FOUCAULT, Didier. *Un philosophe libertin dans l'Europe baroque*. Giulio Cesare Vanini. Paris: Champion, 2003; FOUCAULT, Didier. *1619. Vanini, un libertin sur le bûcher*. Portet-sur-Garonne: Editions Midipyrénéennes, 2018.

⁹⁴ Sobre as obras do autor, conferir a edição que conta com a primeira tradução de seus textos: VANINI, Giulio Cesare. *Oeuvres philosophiques de Vanini, traduits pour la première fois par M. X. Rousselot*. Paris: Librairie de Charles Gosselin, 1842.

na época, ao declarar que havia mais de cinquenta mil ateus em Paris.⁹⁵ Alegação um pouco exagerada, mas que indica a problemática do período, assim como Garasse, que em *Doctrine curieuse*, alerta sobre o “perigo” dos ateus e dos libertinos.

Os casos de Vanini e de Viau também constituem parte das estatísticas da época sobre a quantidade de julgamentos e do acirramento da repressão por parte do Estado aos dissidentes, diante da ofensiva religiosa pós-tridentina e em decorrência do fortalecimento do poder político. Na localidade de Paris, por exemplo, de 1599 a 1617, “houve nove condenações por impiedade, das quais sete com pena capital; de 1616 a 1617, houve dezenove condenações, das quais dezesseis à morte; de 1636 a 1650, houve vinte e duas, das quais dezoito à morte”.⁹⁶ Um decreto de 1636 assinala a recrudescência da impiedade e a necessidade de endurecer a repressão contra aqueles que blasfemam.⁹⁷ Dentre essas condenações, estariam o roubo de artefatos santos e casos de magia. Sobre a produção de obras apologéticas, também pode-se constatar um aumento, principalmente entre os anos de 1623 e 1640, não sendo restritas à esfera dos teólogos, tendo produções entre os eruditos como Mersenne, e entre filósofos e políticos, como Bacon, apenas para citar alguns exemplos. São muitos os questionamentos que advogam contra os descrentes, e essa discussão acabou por atingir diferentes âmbitos, o que indica como o debate sobre a possibilidade da descrença foi um motivo de reflexão que demarcou os antagonismos entre os sábios do período.

A discussão também atinge os libertinos, os quais introduzem em seus textos discussões a respeito da descrença a partir de personagens supostamente ateus. A peça teatral de Cyrano, *La Mort d’Agrippine*, publicada no ano de 1654, pode ser considerada emblemática sobre isso.⁹⁸ O relato de Tallemant des Réaux pontuou o que teria chamado a sua atenção sobre a obra. Ele assinala com as seguintes palavras: “um louco chamado Cyrano fez uma peça de teatro intitulada *La Mort d’Agrippine*, onde Sejanus disse coisas horríveis contra os deuses. A peça era uma verdadeira ladainha”.⁹⁹ Sejanus é o personagem da obra, o qual profere discursos que

⁹⁵ MERSENNE, Marin. *Quaestiones celeberrimae in Genesim*, A952, col. 671, 1623 citado por MINOIS, *História do ateísmo*, p. 220.

⁹⁶ *Idem*, p. 221.

⁹⁷ HISTOIRE nouvelle, merveilleuse et espouvantable d’un jeune homme d’Aix en Provence emporté par le diable et pendu à un amandier, pour avoir impiement blasphémé le saint nom de Dieu et méprisé la sainte Messe, deux siens compagnons estans demeurez sans aucun mal. Paris: Fleury Bourriquant, 12 Janvier de la presente année 1614.

⁹⁸ CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *La Mort d’Agrippine*. Tragedie par Mr de Cyrano Bergerac. Paris: Charles de Sercy, 1654.

⁹⁹ Tradução livre: “Un fou nommé Cyrano fit une pièce de théâtre intitulée *La Mort d’Agrippine*, où Sejanus disait des choses horribles contre les dieux. La pièce était un vrai galimatias”. TALLEMANT DES RÉAUX. *Historiettes*, II, p. 886-887 citado por ALCOVER, Madeleine. Biographie. In: CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. LIX-LX.

realmente beiram a incredulidade, como pode ser verificado quando ele se refere à morte, indicando não a temer por não esperar nada dela. Em um diálogo empreendido com Térentius, o seu confidente, ele faz um questionamento sobre os deuses:

Esses filhos do medo,
Esses belos nada que adoramos, e sem saber porquê,
Esses sedentos pelo sangue de bestas que golpeamos,
Esses Deuses que o homem fez, e que não fizeram o homem,
Os Estados mais rígidos esse caprichoso apoia,
Vá, Vá, Térentius, *quem os teme, nada teme*.¹⁰⁰

Para além do questionamento da providência, Sejanus indica os temores humanos com relação às divindades e os dogmas religiosos. Na sua concepção, os seres humanos não precisam temer os deuses, já que as divindades e os medos são meras criações humanas. Cyrano transforma Sejanus em um questionador das religiões e de superstições, como uma referência ao debate sobre a descrença do período, o que indica como a reflexão também integrou as discussões dos libertinos. As personagens dos seus textos se transformam em verdadeiros mensageiros dos questionamentos e das inquietações que assolavam as mentes no período, transformando a temática da religião em um dos grandes assuntos a serem atacados e discutidos em seus escritos.

Outras passagens dos textos de Dassoucy, Tristan e Chapelle são marcantes e ilustrativas sobre a experiência desse conflito. No segundo volume de *Aventures*, o narrador Dassoucy relata a experiência que perpassou quando criança, quando jovens vieram questionar a amizade afetuosa que ele tinha com outro menino, e em resposta a isso, ele retira um dos livros que possuía em seu bolso em ameaça e espanta do grupo. Em seguida, por conta de sua fama de feiticeiro, ele foi chamado para curar a doença misteriosa de um jovem, já que os médicos não conseguiam identificar a enfermidade. Ele, sem ter nenhum conhecimento da medicina, afirmou que o jovem estava doente pela imaginação e, por isso, lhe indicou caminhar três vezes ao dia, o que resultou na recuperação da prostração em que o menino se encontrava. Por conta disso ele foi considerado, com apenas nove anos de idade, um mágico.¹⁰¹ A crítica de Dassoucy é

¹⁰⁰ Tradução livre: “Ces enfants de l’effroi, / Ces beaux riens qu’on adore, et sans savoir pourquoi, / Ces altérés du sang des bêtes qu’on assomme, / Ces Dieux que l’homme a faits, et qui n’ont point fait l’homme, / De plus fermes États ce fantasque soutien, / Va, Va, Térentius, *qui les craint, ne craint rien*”. CRYANO DE BERGERAC, *La Mort d’Agrippine*, p. 38. Grifo nosso.

¹⁰¹ DASSOUCY, *Les Aventures de monsieur D’Assoucy*. Tome second, p. 78-81.

evidente sobre como os humanos se apegam às superstições e aos rumores populares. A superstição poderia ser tão profunda a ponto dele, um menino de nove anos, ser considerado capaz de curar uma doença mental, ou seja, o conhecimento sobrenatural que ele supostamente teria estaria acima dos conhecimentos de um médico, sendo relevador sobre a ignorância dos agentes e como a crença em demasia poderia ofuscar a racionalidade dos indivíduos.

Em *Page disgracié*, Tristan discorre sobre como o pajem ficou tão surpreendido com a obra de Baptiste Porta, denominada *Magie naturelle*, que resolveu executar um dos ensinamentos do livro sobre uma vela, preparada a partir de cânfora e enxofre misturados com uma bebida alcoólica, que produziria um fogo capaz de transformar os rostos dos indivíduos envolvidos no ritual nas feições daqueles que partiram. Em meio à execução da cerimônia, que envolvia uma densa fumaça, impedindo de ver os rostos dos envolvidos, um barulho interrompe o momento até que um novo rosto aparece, espantando o pajem e o seu mestre. Na verdade, a aparição se tratava do preceptor do pajem e do mestre a quem ele servia, que abismado com a cena causou um barulho a ponto de todos os domésticos irem até o local e ficarem estarecidos com o que viam.¹⁰² Por conta disso, o pajem foi acusado de ter conjurado o diabo e recebeu mais de vinte chicotadas pela travessura, e mesmo que a acusação de magia, durante esse período, fosse considerada algo muito grave, o mestre do pajem intercedeu por ele a ponto da punição permanecer no âmbito privado.

Já em *Voyage de Chappelle e Bachaumont*, os questionamentos concernentes aos temas religiosos aparecem quando os viajantes entram em contato com um lugar santo. Em Narbonne, visitam uma catedral, que era considerada uma obra-prima pela sua arquitetura, contudo, Chappelle e Bachaumont se decepcionam ao confirmarem que, chegado no local, fizeram votos a Deus para nunca mais ver o ambiente em suas vidas, tanto pela estrutura quando pela antiga pintura que lá estaria exposta, como quadro

Onde se vê saindo Lázaro
Meio morto do seu túmulo.
Mas o pintor o fez bem
Seco, pálido, horrendo, negro e amedrontador,
Que parece bem menos o retrato

¹⁰² TRISTAN L'HERMITE, *Le Page disgracié*. Première partie, 1667, p. 84-87.

Do bom Lázaro que de um demônio.¹⁰³

A composição se tratava de uma representação da ressurreição de Lázaro, preparada por Sebastiano del Piombo entre os anos de 1517 e 1519, cuja intento consistia em referenciar a história do milagre narrado no Novo Testamento, em que Jesus teria trazido Lázaro à vida depois dele ter passado alguns dias sepultado. Chapelle e Bachaumont, em contraposição, parecem ter se interessado pouco pelo milagre, a ponto de a figura de Lázaro chamar mais sua atenção pela representação amedrontadora do que o fato que está sendo narrado na pintura. Dessa forma, os viajantes abnegam a fascinação pelo milagre, ou sobrenatural, como forma de questionamento das narrativas religiosas, por elas atraírem uma espécie de culpa, opressão ou desconforto ao ser humano, tanto que eles preferem sair daquele espaço em busca de distração e diversão. Nesse caso, a descrença e a racionalização constituem o pano de fundo da reflexão da dupla. Assim, eles poderiam vivenciar os prazeres terrenos, o que demonstra uma clara inspiração no epicurismo, que apontava a importância de desfrutar do presente, já que a morte não significava nada mais do que a privação de sensação.¹⁰⁴

É interessante observar que em contraposição às intolerâncias e as repressões sofridas por libertinos como Lucilio Vanini e Théophile de Viau, os primeiros vinte anos do século XVII tiveram momentos favoráveis que possibilitaram o desabrochar de ideias questionadoras, mesmo diante da preocupação dos religiosos. Segundo Emmanuel Le Roy Ladurie, a vitória difícil de Henrique III e, depois, a vitória quase total de Henrique IV proporcionaram um descanso ao protestantismo francês. A partir disso, emergiu um pluralismo confessional e uma diversidade ideológica, que contribuíram para o florescimento de novas perspectivas de reflexão entre os agentes da época. O historiador Ladurie também destaca que o vitorioso modelo nacional-estatal produziu, nos espaços franceses, uma lógica absolutista em termos de poder, mas, por outro lado, gerou uma configuração semiliberal no que tange à cultura intelectual. Durante a época de Richelieu, “os grandes, e mesmo certos militares protestantes, serão submetidos a vexações pelo cardeal. Mas os pensadores, os escritores de uma época que se tornou barroca e mesmo libertina permanecerão relativamente livres para escrever como

¹⁰³ Tradução livre: “Où l’on voit sortir un Lazare/ A demi mort de son tombeau. / Mais le peintre l’a si bien fait / Sec, pâle, hideux, noir, effroïable, / Qu’il semble bien moins le Portrait/ Du bon Lazare que d’un Diable”. CHAPELLE; BACHAUMONT. *Oeuvres de Chapelle et de Bachaumont*, 1854, p. 43.

¹⁰⁴ EPICURO. *Cartas & máximas principais*: “Como um deus entre os homens”. Tradução, apresentação e notas Maira Cecília Gomes dos Reis. Introdução Tim O’Keefe. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2020, p. 86. Lucrécio também rememorou os ensinamentos de Epicuro: LUCRÉCIO. *Sobre a natureza das coisas*. Tradução, notas e paratextos Rodrigo Tadeu Gonçalves. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 209-227.

publicar”.¹⁰⁵ Na mesma direção, Reinhart Koselleck aponta que ordem política produzida pelo Estado, ao pacificar o espaço devastado pelas guerras civis religiosos, criou a condição necessária para a emergência de um mundo moral.¹⁰⁶

Ocorre um verdadeiro borbulhamento cultural em que as potencialidades contidas nos escritos humanistas passam a se concretizar nas múltiplas correntes de pensamento do período. Será nesse espaço, no plano intelectual, que se desenvolvem diferentes tipos de meditações, que corroboram para a efervescência de novas ideias e das produções, trazendo a público outros pontos de vista e diferentes possibilidades para a compreensão de mundo. Conforme Minois, o período então vivencia diferentes desenvolvimentos, como a revolução científica galileana que abala os fundamentos da ciência dedutiva aristotélica; a lógica cartesiana de dúvida metódica e das ideias claras que acaba corroendo os silogismos e os argumentos de autoridade dos escolásticos; o pessimismo jansenista que opõe sua austeridade e sua rejeição do mundo ao triunfalismo humanista e secular dos jesuítas; e o ceticismo de libertinos eruditos que insulta as certezas religiosas e metafísicas da reforma católica, enquanto o zelo dos devotos torna-se crítica do realismo político dos cardeais-ministros.¹⁰⁷

Será nesse contexto que emergem novos agrupamentos de letrados – uma temática que será abordada com mais profundidade no segundo capítulo –, como salões literários, círculos eruditos, bibliotecas, gabinetes intelectuais, muitos deles ligados ao fluxo de produções filosóficas e matemáticas da época.¹⁰⁸ Em 1630, por exemplo, emerge o grupo Tétrada, que reúne homens como Élie Diodat, François de La Mothe Le Vayer, Pierre Gassendi e Gabriel Naudé, reconhecidos escritores libertinos que se utilizam das reuniões como espaços para debaterem e divulgarem as suas ideias, analisando hipóteses filosóficas diversas, testemunhando as novidades que estavam sendo produzidas no âmbito literário, filosófico e científico do período. Na mesma linha, outro grupo que se forma na época é a Academia Puteana, coordenada pelos irmãos Dupuy, os quais se reúnem ao longo de 1617 a 1645 no espaço do Tribunal de Thou. Os seus encontros são frequentados por diversos aristocratas da época, eruditos, magistrados, embaixadores, etc. Todos estavam muito interessados em refletir

¹⁰⁵ LADURIE, Emmanuel Le Roy. *O Estado monárquico*. França, 1649-1610. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 252-253.

¹⁰⁶ KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Tradução Luciana Villas-Boas Castelo-Branco. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 1999, p. 15.

¹⁰⁷ MINOIS, Georges. *Censure et culture sous l'Ancien Régime*. Paris: Fayard, 1995, p. 64-65.

¹⁰⁸ É interessante observar como as bibliotecas ou modelos de bibliotecas, que reúnem o agrupamento de livros ou “gabinetes de curiosidades” se desenvolvem com vitalidade por toda a Europa nos séculos XVI e XVII. Para informações detalhadas sobre isso, conferir BARBIER, Frédéric. *História das bibliotecas: de Alexandria às bibliotecas virtuais*. Tradução Regina Salgado Campos. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018.

conjuntamente sobre os dogmas religiosos, as contradições filosóficas e outros temas de interesse diversos.¹⁰⁹ Ao longo de todo o século XVII vão emergir diversos grupos de eruditos voltados para o debate de ideias e interessados pelas novas discussões filosóficas e científicas que ganham a cena do período, tornando suas reuniões ambientes encorajadores da expressividade libertina do pensamento.

Em *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol* de Cyrano podem ser encontradas referências sobre as reuniões entre sábios e a ebulição de ideias que florescia ao longo do século XVII. Uma dessas referências são os momentos em que o viajante no mundo da Lua é convidado a participar de uma reunião com dois eruditos, instante em que discorrem em conjunto sobre a eternidade do mundo, a concepção de micro ou macrocosmo e questões ligadas aos costumes humanos como indagações a respeito da gerontocracia ou da possibilidade ou não de procriação durante o casamento. Todas as reflexões evidenciam a criticidade dos filósofos lunares e como eles estão questionando os dogmas religiosos, um elemento constituinte da realidade que Cyrano vivenciava, em que o questionamento se desenvolvia paulatinamente entre os pensadores da época, especificamente entre as mentes mais inquietas e críticas como as dos libertinos, o que fará com que temas como esses apareçam em suas produções.

O afloramento de ideias nesse contexto pode ser compreendido a partir de uma longa perspectiva, que envolve um processo iniciado anos antes. Didier Foucault, ao tratar da história da libertinagem, identifica como o desenvolvimento e a proliferação do pensamento crítico se desenvolve justamente a partir de uma conjuntura de relaxamento transitório que irá acometer os primeiros anos do século XVII.¹¹⁰ O reinado de Henri IV, que perdurou de 1572 até 1610, é reconhecido como um desses momentos favoráveis, cujos efeitos podem ser percebidos no âmbito das produções culturais, as quais parecem ter florescido com menos interdições ao longo do período em que esteve no comando do reino. Primeiro, pode-se dizer que sob o governo de Henri IV, o Estado emerge como uma instância superior que buscará garantir o interesse comum dos súditos após os intensos conflitos religiosos, estabelecendo o armistício para que as religiões rivais pudessem coexistir sem grandes hostilidades e que os fiéis pudessem apaziguar os seus embates, como simbolizou a assinatura do Édito de Nantes em 1598, ao legitimar o direito da prática de culto para os protestantes. Com isso, o que se realiza através de ações estatais são tentativas de incorporação da tolerância, ou melhor, de uma convivência menos

¹⁰⁹ MINOIS, *História do ateísmo*, p. 213.

¹¹⁰ FOUCAULT, *Histoire du libertinage des goliards au marquis de Sade*, p. 233-234.

violenta entre católicos e huguenotes, pois na opinião do historiador Emmanuel Le Roy Ladurie, a tolerância ainda é uma palavra prematura para o contexto.¹¹¹

O reinado de Henri IV torna-se então reconhecido em sua época, assim como posteriormente pela historiografia francesa, enquanto um governo que buscou efetivar a pacificação – embora seja possível identificar a partir dessa ideia algumas construções idealizadas sobre a figura do rei –,¹¹² a partir do empreendimento de iniciativas de aproximação interconfessional ou por meio de alianças que são estabelecidas entre a coroa e os nobres huguenotes, garantindo assim possíveis apoios.¹¹³ Além disso, as instâncias administrativas passam por alterações, como é o caso da atividade da censura, que ficou reconhecida por ter vivenciado um abrandamento durante essa época. Contudo, é necessário relativizar tal construção, especificamente pelo fato de que também se verifica nesse momento uma reconstrução da história monárquica que buscou “ocultar”, através de uma retórica do esquecimento, as memórias dos conflitos das guerras religiosas e de outros embates marcantes do século XVI e parte do século XVII.¹¹⁴ Escritores protestantes que tentaram manter viva a memória dos conflitos tiveram que se exilar. Desse modo, a suposta atenuação da ação da censura permitiu com que apenas alguns autores pudessem expressar suas ideias com menos restrições, o que indica como a censura é abrandada em algumas frentes, enquanto em outras ela se mantém fortemente.

Ainda que a censura não tenha sido abrandada como um todo, Minois explica as razões para possíveis mitigações das restrições. A primeira delas corresponde à possível inexpressividade que os ministros da época tiveram na falta de aplicabilidade de interdições, algo notável principalmente entre os novos membros protestantes que compunham cargos administrativos e não estavam interessados em “censurar os livros dos seus correligionários” — afinal, boa parte das buscas da censura no período compreendiam injúrias religiosas. A segunda explicação compreende a personalidade do rei e a relação que ele estabeleceu com as *lettres*. Durante o seu governo, os escritos literários ocuparam um lugar secundário e não

¹¹¹ LADURIE, *O Estado monárquico*, p. 191.

¹¹² *Idem.*; BÉLY, Lucien. *La France au XVII^e siècle*. Puissance de l'État, contrôle de la société. Paris: Presses Universitaires de France, 2015.

¹¹³ CASSAN, Michel. Guerres de Religion, pacification, réconciliation. In: COLLARD, Franck; COTTRET, Monique (Dir.). *Conciliation, réconciliation aux temps médiévaux et modernes*. Nanterre: Presses Universitaires de Paris Nanterre, 2012.

¹¹⁴ Para um estudo detalhado sobre a ação da política monárquica do esquecimento e as guerras de religião na França, ver FRISCH, Andrea. *Forgetting Differences*. Tragedy, Historiography, and the French Wars of Religion. Edinburg University Press: Edinburgh, 2015.

primordial, causando uma preocupação reduzida, a ponto de não ser interessante criar novas formas de interdições, mais diretas, sobre o que estava sendo impresso na época.¹¹⁵

Contudo, com o assassinato de Henri IV, o reino francês enfrenta momentos turbulentos diante das incertezas que passam a inquietar os súditos com a regência de Marie de Médicis, entre 1610 e 1614, pois o herdeiro ao trono, Louis XIII, ainda era muito jovem para assumir o posto como soberano. Dentre as várias inquietações que assolam a época, uma delas corresponde à mobilidade política da regente, que passa a se aproximar da coroa espanhola, que já possuía um histórico de tensão com os franceses devido os seus domínios e por ser uma representante da religião católica. Conjuntamente a isso, Marie de Médicis molda o seu entorno real com novos conselheiros, em sua maioria católicos e estrangeiros, como é o caso de Concini, italiano que se torna o seu primeiro ministro. Tais alterações vão corroborar para o aumento da desconfiança com que alguns nobres ligados ao poder real, tanto protestantes como católicos, passarão a ter com a rainha.¹¹⁶ Assim, o momento torna-se um instante de transição em que a regente passa a redefinir os interesses do seu reino ao estabelecer novas relações internacionais. No caso específico dos protestantes, que estavam ocupando cargos administrativos e gozavam de determinados privilégios sob o governo de Henri IV, as ações empreendidas pela rainha sinalizam que eles não estão mais sendo incluídos nos novos planos de governo, o que irá gerar descontentamentos, tornando a situação ainda mais instável e favorável para a aparição de obras críticas.¹¹⁷

Dessa forma, a nova regência marca um momento de instabilidade política, o que também impacta na vigilância do que está sendo produzido e publicado na época. Consequentemente, o instante se torna propício para que a “licenciosidade” se desenvolva na sociedade francesa, se fortalecendo principalmente na localidade de Paris. Conforme a indicação de Foucault, os indivíduos da época são tomados por um intenso desejo de aproveitar os prazeres da vida, especialmente após terem vivido momentos rigorosos durante o período da guerra civil.¹¹⁸ Pode-se dizer que o desejo que se anunciava naquele momento era o de liberdade, uma tomada de distância das normas morais e religiosas, o que esterrecia os devotos, esses preocupados em estabelecer a renovação, o fortalecimento e o ordenamento do campo religioso para garantir e angariar novos fiéis.

¹¹⁵ MINOIS, *Censure et culture sous l'Ancien Régime*, p. 58.

¹¹⁶ Ver, nesse sentido, LIEBEL, Silvia. A queda da marquesa d'Ancre impressa dos dois lados do canal da Mancha (1617). *Rev. hist.*, São Paulo, n. 183, p. 1-30, 2024.

¹¹⁷ BÉLY, *La France au XVIIe siècle*.

¹¹⁸ FOUCAULT, *Histoire du libertinage des goliards au marquis de Sade*, p. 233.

Durante esse período, a produção de escritos questionadores e satíricos foi tão expressiva que chamou atenção de Frédéric Lachèvre, o que o levou a preparar uma espécie de compilação das coleções de poesias “livres e satíricas” que estiveram em circulação durante os primeiros vinte anos do século XVII, entre 1600 e 1626. Com isso, ele identificou os escritores e as temáticas mais recorrentes das coleções. Em sua maioria, as coletâneas exaltam temas como a virtude e os vícios, os quais são apresentados de formas satíricas e são quase sempre punidos nas poesias analisadas. A periodicidade que compreendeu a avaliação de Lachèvre é outro aspecto relevante, sendo justificada pelo fato de que os gêneros e os estilos dos escritos pesquisados diferem em partes dos tipos de escrita que podem ser encontradas nos textos de Théophile de Viau, em *Parnasse satyrique*, o qual foi condenado em 1625. Conforme Lachèvre, as poesias que analisou não fazem um apelo completo ao erótico, elemento que pode ser verificado nos escritos de Viau. Assim, para o estudioso, as obras podem ter inspirado o filósofo, embora os escritos dele sejam compreendidos por Lachèvre como uma espécie de culminação, o que quer dizer que as suas obras foram gestadas a partir de amostras análogas às suas, mas que certamente possuem relações com as tendências precedentes, as quais influenciaram nas inovações discursivas do escritor – como a recorrência às temáticas eróticas ou as referências sobre os múltiplos prazeres corporais, tópicos que foram condenados por aqueles que o acusaram.¹¹⁹

Ainda que a abundância de obras críticas tenha se mantido ao longo de todo o século XVII, pode se verificar algumas alterações nos anos de 1623 até 1626, em que se identifica uma crise que atinge de forma profunda os libertinos, em decorrência da condenação de Théophile de Viau e da sua repercussão pública na sociedade francesa a partir dos escritos do jesuíta Garasse.¹²⁰ A crise compreendia então o processo de condenação de Viau e a publicação acusatória de Garasse, pois o que religioso fez foi julgar “os costumes e as crenças de uma pessoa pelos seus escritos, confundindo voluntariamente julgamento doutrinal e julgamento penal”.¹²¹ Após o relativo relaxamento do controle de produção impressa entre o reinado de Henri IV e o período de regência de Marie de Médicis, os anos de 1630-1650 passarão por momentos de maiores repressões para aqueles que conheceram a “liberdade de consciência” em épocas anteriores. A censura desses anos subsequentes será ampliada e passará a operar de forma mais restritiva. Uma das razões para a ocorrência disso foi o desenvolvimento e a busca

¹¹⁹ LACHÈVRE, Frédéric. *Les recueils collectifs de poésies libres et satiriques publiés depuis 1600 jusqu'à la mort de Théophile (1626)*. Paris: Honoré Champion, 1914.

¹²⁰ CAVAILLÉ, Le “libertinage érudit”.

¹²¹ Tradução livre: “mœurs et des croyances d'une personne par ses écrits, en confondant volontairement jugement doctrinal et jugement pénal”. MOREAU, *Guérir du sot*, p. 1114.

pela construção de um Estado absolutista a partir de governantes como o de Louis XIII e de seus ministros, em que a censura vai se tornar um elemento imprescindível para que se possa tentar moldar e controlar as produções e os indivíduos.¹²²

Parte da ofensiva político-religiosa que se desenvolve no século XVII também advém de um longo processo anterior, decorrente do implemento de uma política do sério, que tentou controlar e abafar a “risada ensurdecadora” advinda da Renascença.¹²³ A expressão que é empregada por Minois abarca o riso decorrente dos carnavais populares, das obras satíricas de filósofos humanistas, das cortes de costumes dissolutos e do desejo de liberação dos costumes que a época teria vivenciado. Robert Muchembled aponta como o Renascimento teve um contexto favorável para a definição de um Eu balbuciente, com a emergência de personalidades fortes, que afirmavam o seu gênio em alto e bom som.¹²⁴ Nesse período, muitas certezas foram abaladas, com os contatos estabelecidos com o diferente, como os territórios das Américas, o que permitiu uma reflexão a respeito da própria realidade. Além disso, ao longo do século XVI, houve proliferações de reflexões dissidentes, tornando-se possível a formulação de uma concepção ateia do mundo.¹²⁵ Tudo isso se somou ao confronto confessional e político, com a eclosão das guerras de religião, o que não dificultou que a visão das autoridades sobre o mundo tenha sido compreendida de forma diferente, mais pessimista no fim do século. Para eles, o mundo estava corrompido ou de ponta-cabeça.¹²⁶ Uma das soluções para resolver essa alteração seria voltar a colocar o mundo em ordem e, se possível, acabar com o riso derivado da zombaria e do deboche que emanava das esferas culturais. Assim, buscou-se disciplinar o riso, tornando-o mais “polido, discreto, elegante, distinto, e se possível silencioso”, podendo ser utilizado com parcimônia, em situações de ridicularização dos defeitos, dos pecados e dos vícios, ou para reagir a inocentes brincadeiras com finalidade recreativa.¹²⁷

O restabelecimento da autoridade se traduz a partir de ondas de interdições, da definição dos alvos a serem atacados e contidos, como se pode reconhecer a partir dos casos de Vanini e Viau na primeira metade do século XVII. Os libertinos, assim como os loucos, os ateus e os

¹²² MINOIS, *Censure et culture sous l'Ancien Régime*, p. 64.

¹²³ MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Tradução Maria Elena Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

¹²⁴ MUCHEMBLED, Robert. *O orgasmo e o Ocidente*. Uma história do prazer do século XVI a nossos dias. Tradução Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 60.

¹²⁵ MINOIS, *História do ateísmo*, p. 124.

¹²⁶ A reflexão sobre a ideia do mundo de ponta-cabeça no período moderno é uma temática também explorada em LIEBEL, *O mundo às avessas na Europa dos séculos XVI e XVII*.

¹²⁷ MINOIS, *História do riso e do escárnio*, p. 222.

questionadores se tornam os alvos da época,¹²⁸ conforme verifica-se através dos testemunhos dos teólogos, que se detiveram sobre algumas dessas temáticas. Em *Viagem à Lua* de Cyrano, Dyrcona é surpreendido ao chegar no mundo da Lua e ser questionado pelos governantes lunares sobre as suas alegações de que ele era um homem advindo da Terra e que era uma criatura racional. Os teólogos lunares se espantam com as defesas feitas pelo viajante sobre a Lua, de que o satélite era um mundo, mas que de onde ele veio (Terra) tal mundo era concebido apenas como uma lua. O que o narrador apontou como um pretexto foi utilizado pelos clérigos lunares para que eles buscassem sua condenação. O viajante então descreve como os religiosos “vão incorporados, levar sua queixa ao rei, que lhes promete justiça” e ordenam que ele seja colocado no banco do réu.¹²⁹ São grandes as semelhanças entre a descrição do viajante e o que fez, por exemplo, Garasse quanto ao caso de Viau. Ainda assim, mais do que uma referência ao caso do escritor condenado, Cyrano faz uma crítica potente às perseguições intelectuais de sua época e evidencia a situação complexa em que os escritores críticos vão se deparar, na qual suas palavras, assim como seus escritos, podem ser utilizadas como argumentos para que eles fossem condenados e qualificados como descrentes.

Os religiosos tornam-se aliados do Estado nesse processo, pois estarão engajados em reafirmar e orientar os agentes para a fidelização aos dogmas e a busca por uma vida mais honesta,¹³⁰ o que fará com que as possíveis “dissidências” ou as “licenciosidades” decorrentes da crítica dirigida à religião ou ao poder, e outros questionamentos, sejam afastadas ou reprimidas. A atitude dos jesuítas durante o século XVII evidencia o procedimento aculturante dos religiosos do período, especificamente daqueles ligados à Companhia de Jesus, ainda que a companhia tenha sido banida de 1594 a 1604 e depois tenha sido reestabelecida na França. Os jesuítas se tornaram uma espécie de força aliada da Igreja e do Estado, ao iniciarem um trabalho de reforma cultural, fundamentado na ideia de uma fé humanista e otimista, transformando a religião em uma representante da decência e do equilíbrio, algo que poderia

¹²⁸ Sobre a história da loucura ver a obra de Michel Foucault que é uma referência no assunto: FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978. Para Jean-Charles Darmon, a relação entre loucura e libertinagem ou ateísmo foi algo recorrentemente evocado desde o século XVII, sendo também identificado em períodos posteriores. Inclusive, com relação a mitologia que é associada ao nome de Cyrano de Bergerac, uma delas o relaciona com a loucura por conta dos escritos do autor serem demarcados pelo “excesso impetuoso de sua imaginação sem fé nem lei”. DARMON, Jean-Charles. Entre le monde de *La Mort d'Agrippine* et *L'Autre Monde* des oiseaux-juges : variations lucrétiennes sur la mort et critique du politique selon Cyrano de Bergerac. *Littératures classiques*, v. 55, n. 3, p. 187-224, 2004.

¹²⁹ CYRANO DE BERGERAC, *Viagem à Lua*, p. 77. Em francês: “Ils crurent que cela leur fournissait un prétexte assez juste pour me faire condamner à l’eau: c’était la façon d’exterminer les athées. Ils vont en corps à cette fin faire leur plainte au roi qui leur promet justice: on ordonne que je [serai] remis sur la selette”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 98.

¹³⁰ BÉLY, *La France au XVIIe siècle*.

ser simbolizado por meio do chamado “*honnête-homme*”.¹³¹ O homem honesto seria aquele portador da polidez, da educação e mais do que isso, ele deveria ser possuidor de uma formação de caráter, que deveria ser empreendida através do cultivo das ciências e das letras.¹³²

A referência ao homem honesto se relaciona com o desenvolvimento de um discurso moral que ganha corpo justamente nessa época, pois no século XVII não basta mais ser apenas um bom cristão, é necessário aderir a um determinado tipo de comportamento em que a demonstração da conduta moral pudesse ser percebida pelos olhos do outro enquanto o seu observador: “cada um deve ser aquilo que realmente parece e ajustar assim o seu ser moral às aparências exigidas pelo seu estado no mundo”.¹³³ Porém, ao mesmo tempo, no caso dos escritos de moralistas da época, o discurso moral passou de uma prescrição meticulosa das regras para uma forma de descrição desconstrutiva, oferecendo maneiras de ler as aparências em vez de apenas prescrever novas formas de comportamento. Talvez tenha sido nesse sentido a fala de Agrippa d’Aubigné em sua obra *Les Tragiques*: “Estamos enojados de livros que ensinam; ofereçam-nos livros capazes de nos emocionar”.¹³⁴ Dessa forma, entende-se que seria preciso observar de perto as ações dos sujeitos, pois seria através dessa observação que poderia se detectar os desvios de civilidade e de naturalidade, em que a polidez pode ser usada como uma aparência ou uma máscara que engana, o que permitiria desnudar as virtudes que disfarçam os vícios humanos.¹³⁵

Em *Voyage* de Chapelle e Bachaumont, através de um episódio contido no texto, exemplifica-se a tensão entre o parecer e o ser e a vigilância das condutas que se instalou durante o século XVII. A narrativa supostamente trata da travessia recreativa feita por Chapelle e Bachaumont, apesar de alguns estudiosos terem apontado como a viagem, na verdade, poderia ter inspirações decorrentes de um exílio, que ao menos Chapelle teria perpassado em algum momento de sua vida, mas que no texto aparece mascarado, como se fosse uma viagem elogiosa e prazerosa.¹³⁶ Quando chegam na região de Montpellier, Chapelle e Bachaumont encontram

¹³¹ MINOIS, *Censure et culture sous l’Ancien Régime*.

¹³² BIRCHAL, Telma de Souza. Aquele que busca a Deus, o incrédulo e o *honnête-homme*: natureza e sobrenatureza nestes três tipos de homem. *Kriterion*, v. 47, n. 114, 2006, p. 338.

¹³³ CHARTIER, *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*, p. 62.

¹³⁴ D’AUBIGNÉ, Agrippa. *Les Tragiques*. Paris: Champion, 1995 citado por BIET, Christian. Emoções experimentais: teatro e tragédia no século XVII francês. Afetos, sentidos, paixões. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). *História das emoções*: 1. Da Antiguidade às Luzes. Tradução de Franciso Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020, p. 516

¹³⁵ MÉCHOULAN, Eric. From Moralists to Libertines. In: PRENDERGAST, Christopher (Ed.). *A History of Modern French Literature: from the Sixteenth Century to the Twentieth Century*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2016, p. 233-234.

¹³⁶ RAULINE, Laurence; ROCHE, Bruno. Introduction. In: CHAPPELLE; BACHAUMONT, *Voyage à Encausse*, 2008, p. 8.

Dassoucy, mas a descrição feita é negativa, especialmente depois que se deparam com uma multidão reunida apoiando a condenação “por um crime que é abominação entre as mulheres” – como uma referência ao crime de sodomia.¹³⁷

Após identificarem Dassoucy, Chapelle e Bachaumont são acolhidos por uma assembleia de preciosas, a qual é descrita com um tom bastante sarcástico, e apontam a sua infâmia, pois naquele momento ele estava sendo acusado por sodomia e outros comportamentos, como irreligião e contrabando de crianças. Em outro momento, os escritores descrevem como a multidão estava inflamada e indignada com os supostos crimes de Dassoucy. Por conta disso, eles resolvem deixar Montpellier, temendo que as pessoas da cidade pudessem cogitar que eles conhecessem o acusado, o que poderia gerar suspeitas a respeito de suas condutas. No caminho de partida acabam encontrando novamente Dassoucy, que estava em companhia de um jovem pajem, elemento que foi utilizado pelo escritor em suas *Aventures*, possivelmente como uma referência sarcástica às acusações de Chapelle. Nesse momento, ele tenta trocar algumas palavras com os viajantes, porém eles indicam não estarem interessados no “lazer de escutar um longo discurso, nem de fazê-lo. Então cada um foi para o seu lado, ele muito rápido, embora a pé”, e eles docemente a cavalo.¹³⁸ Apesar disso, um tempo depois encontram novamente Dassoucy na região de Avignon, onde passam a questioná-lo a respeito do jovem que o acompanha:

Esse pequeno Pajem, que o segue
E que atrás de você se esgueira,
O que ele faz? Em qual exercício,
Em qual arte você o instruiu?
‘Ele *sabe tudo*’, disse ele. *Se lhe convém*,
Ele está ao seu serviço.¹³⁹

As perguntas podem ser compreendidas como alusões ao fato de que Dassoucy foi alvo de acusações semelhantes na época, tendo inclusive sido encarcerado em Montpellier no ano

¹³⁷ Tradução livre da autora: “pour un crime qui est en abomination parmi les femmes”. BACHAUMONT, *Oeuvres de Chapelle et de Bachaumont*, 1854, p. 81.

¹³⁸ Tradução livre da autora: “le loisir d’écouter un long discours, ni de le faire. Chacun donc alla de son côté, lui for vite, quoi-qu’à pied”. *Idem*, p. 85.

¹³⁹ Tradução livre da autora: “Ce petit Page, qui vous suit / Et qui derrière vous se glisse, / Que fait-il? En quel exercice, / En quel art l’avez-vous instruit”? / ‘Il *sait tout*, dit-il. *S’il vous duit, / Il est bien à votre service.*”. CHAPELLE; BACHAUMONT, *Oeuvres de Chapelle et de Bachaumont*, 1755, p. 65.

de 1656 por ter supostamente praticado o comércio de crianças, as quais seriam fornecidas para cirurgões anatomistas da região, além de ser considerado um “bruxo mágico”.¹⁴⁰

Diante das duras acusações que Chapelle e Bachaumont proferem contra Dassoucy, pode-se compreendê-las a partir de dois aspectos. Um deles abrange a conivência dos escritores com os rumores da época, pois ao acusarem Dassoucy publicamente se colocam de acordo com as convenções sociais de então, que hostilizam aqueles que não são capazes de controlar os seus vícios a ponto de sucumbirem a eles e ao divulgá-los amplamente para a sociedade. A outra questão corresponde a uma inquietação política de Chapelle, numa tentativa de afastar as possíveis suspeitas que poderiam recair sobre a sua própria figura, especificamente pelo fato de que ele, assim como Cyrano, teriam estabelecido relações de amizade um tanto próximas com Dassoucy quando eles eram mais jovens. Assim, o episódio de acusação de Dassoucy pode ser compreendido como uma dissimulação: Chapelle veste uma máscara que pretende negar a sua idiossincrasia libertina por meio de um discurso moralizante que apresenta as consequências que poderiam sobrevir aos sujeitos que pervertem as regras. Apesar disso, como apontou Cavaillé, a criminalização jurídica ou a condenação moral de sodomia e da descrença não eram suficientes para que determinado sujeito perdesse a sua boa reputação pública, principalmente em ambientes aristocráticos,¹⁴¹ o que indica como existiam, durante o século XVII, limites aceitáveis a respeito de determinados costumes e a depender dos espaços em que eles aconteciam. No caso de Dassoucy, a linha do aceitável se rompeu totalmente quando nem os seus pares o apoiaram mais e, do mesmo modo como Chapelle, Cyrano também se manifestou “Contre Soucidas” em suas *Lettres*, publicadas em 1654, indicando o despreço e a incompatibilidade de que passou a ter com seu ex-amigo quando resolve condená-lo como um homem corrompido e ateu.¹⁴²

É importante ressaltar que mesmo diante das várias acusações que foram feitas a Dassoucy pelos seus ex-amigos, são poucos os documentos encontrados, como testemunhos escritos da época, para além das narrativas literárias, que comprovariam efetivamente que ele tenha praticado os crimes que lhe são atribuídos.¹⁴³ Para Cavaillé, que estudou a especificidade

¹⁴⁰ CAVAILLÉ, Jean-Pierre. *Les limites de l'acceptable*. Mémoire pour l'Habilitation à diriger des Recherches – Université Toulouse 2 Jean Jaurès, 2016, p. 87.

¹⁴¹ *Idem*, p. 89.

¹⁴² CYRANO DE BERGERAC. *Oeuvres diverses*: Lettres satiriques, amoureuses, etc. Les entretiens pointus, Le pédant joué, comédie, La mort d'Agrippine, tragédie. Nouvelle édition par Frédéric Lachèvre. Paris: Librairie Garnier, 1933, p. 94-95.

¹⁴³ Um consenso quase unânime entre os estudiosos que se dedicaram ao estudo das obras de Dassoucy, como indicam BERTRAND, Dominique (Éd.). *Avez-vous lu Dassoucy ?*; CATUSSE, Guy. Les prisons de Monsieur Dassoucy. *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, n. 39, p. 118-139, 2007. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ccrh/3369> Acesso em: 10 março 2025; CATUSSE, Guy. D'un bon usage de

do comprometimento da reputação de Dassoucy, o texto de Chapelle teve impactos expressivos na vida do seu ex-amigo, desencadeando vários dos reveses profissionais, econômicos e jurídicos que o escritor e músico acabou sofrendo após a publicação da obra, tendo sido preso por mais de um ano na prisão do Santo Ofício em Roma, em 1667-1668 por conta de “blasfêmias e proposições heréticas concernentes à imortalidade da alma e da ingestão de carnes em dias interditos” e, depois, em seu retorno a França em 1673 por causas semelhantes acrescidas à sodomia.¹⁴⁴

Numa tentativa de defesa, Dassoucy compôs *La prison de Mr D'Assoucy*, de 1674, e *Pensées de Mr D'Assoucy dans le Saint-Office*, de 1676, que discorrem sobre o período em que passou encarcerado, com o objetivo de expor as dificuldades perpassadas na situação de afastamento da sociedade civil. Já em *Aventures*, publicada em 1677, seria uma narrativa que daria continuidade à sua defesa ao passo em que relata as adversidades enfrentadas em seus deslocamentos pelos territórios franceses e italianos, sendo uma obra que parece mesclar ficção com realidade. No texto prefacial da obra, Dassoucy indica como aquele que for ler a sua narrativa poderá, conjuntamente a ele, acompanhar as suas “desgraças” e assim se indignar contra a impertinência do “diabo” do boato, pois o leitor, acredita Dassoucy, teria a capacidade de bem julgar o que fosse ler, justamente pela indignação que ele acredita que os indivíduos deveriam ter com a impertinência do ouvir dizer.¹⁴⁵ A referência ao boato e ao rumor compreende uma alusão direta as imputações que circularam contra ele, especificamente, com as publicações de Cyrano e de Chapelle, que o desprezaram publicamente baseados nos seus costumes supostamente dissolutos.

No entanto, Dassoucy traz uma perspectiva interessante em seus escritos sobre seus ex-amigos, que pareciam levar uma vida um tanto “desregrada”. Quando se refere a Chapelle, tema de um capítulo em suas *Aventures*, evidencia os seus piores costumes, de não ser tão devoto quanto parece, e constrói a imagem de um indivíduo que vivia em cabarés, no templo de Baco por ser alcoólatra, glutão e sodomita.¹⁴⁶ Os excessos de Chapelle são apontados, inclusive, em

l'équivoque: les *aventures* de Dassoucy. *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, n. 33, 2004. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ccrh/241> Acesso em: 22 abril 2024; CAVAILLÉ, Jean-Pierre. *Les limites de l'acceptable*, p. 87-98. No entanto, Bertrand e Catusse apresentam um documento concernente à última encarceração de Dassoucy de 1673 em Paris, que consiste no depoimento de dois jovens que revelam terem sido vítimas de suas práticas sodomitas.

¹⁴⁴ ACTE de condamnation du 22 mars 1668 e COPIE du procès-verbal contre le musicien D'Assoucy, arrêté le 8 mars 1673. In: DASSOUCY, *Les aventures et les prisons*, p. 594.

¹⁴⁵ DASSOUCY, *Aventures burlesques de Dassoucy*, p. 10.

¹⁴⁶ Uma das primeiras manifestações contra Chapelle foi publicada anteriormente em *Rimes redoublées*, texto datado de 1671, alguns anos antes de *Aventures* que vieram a público em 1677. Os textos em questão são intitulados “En faveur de Monsieur Chapelle, mon très-cher et très-parfait Amy” e “A Monsieur Chapelle, mon

uma das correspondências do escritor e poeta Jean Chapelain a Bernier – amigo de Chapelle, e também aluno de Gassendi, tendo formação em medicina e atuado como filósofo –, numa carta datada de 25 de setembro de 1669, que se refere aos exageros cometidos por Chapelle com a comida e a bebida.¹⁴⁷ Apesar de não ser possível comprovar todas as acusações delegadas a seus inimigos, no caso de Chapelle os seus costumes descomedidos também não passaram despercebidos por outras pessoas: ainda jovem, talvez por volta dos dezessete ou dezoito anos, Chapelle foi exilado em uma comunidade religiosa chamada Saint-Lazare por decisão de suas tias, as quais identificaram as possíveis libertinagens do sobrinho ainda moço. Esse fato pode ser observado na leitura de outros escritos para além de sua *Voyage*, em que Chapelle retrata os momentos difíceis que passou no claustro, como na carta dedicada a Moreau, em *Description* que relata a situação do seu aprisionamento e no soneto *Contre ses parentes*, em que descreve o aborrecimento que teve com seus familiares por tê-lo exilado.¹⁴⁸

As imputações e as trocas de farpas que aparecem nos escritos de Cyrano, Chapelle e Dassoucy significam mais do que uma simples inimizade entre ex-amigos, elas desnudam a grande problemática do período, a questão do controle das condutas e da instauração de um remodelamento dos comportamentos que será implementado ao longo do século XVII. Conforme indica Muchembled, parte desse processo advém do fortalecimento do Estado moderno, que “por toda parte apoiado sobre uma Igreja única, que exige o monopólio da vigilância das almas, experimenta métodos mais eficazes de controle social, a fim de cumprir da melhor maneira as missões devidas ao príncipe”, quem deveria defender a verdadeira fé, manter a paz, impor o direito e promover o bem coletivo.¹⁴⁹

Parte do desenvolvimento de controle social pressupõe a imposição de regras de comportamento que permitiriam a regulação de condutas a partir das normas sob a influência dos códigos de polidez, ações que são decorrentes de um processo civilizador. O sociólogo Norbert Elias identifica o ápice desse processo precisamente no século XVII, que consistiu em uma mudança na conduta e nos sentimentos rumo a uma direção específica. Para o seu

trés-cher et très-parfait Amy”. DASSOUY, Charles. *Les Rimes Redoublées de Monsievr Dassovcy*. Paris: Claude Negro, 1671, p. 102-118.

¹⁴⁷ O relato de Bernier consiste em dizer que: “M. Chapelle s’est remis de son mal deplore pas l’usage du lait pour toute nourriture et pour toute boisson pendant quatre mois; et il faisait état de le continuer jusqu’à Noël lorsqu’il vint me dire adieu pour Torraine où il est encore”. LES CORRESPONDANTS de François Bernier pendant son Voyage dans l’Inde. Lettres inédites de Chapelain. Par L. de Lens. Angers: Tous Les Libraires, 1872, p. 43.

¹⁴⁸ SRIBNAI, Judith. “Je ne ferai point ici la description de la Maison de Saint-Lazare”: pratique et politique de la frontière carcérale chez Chapelle. *Les Dossiers du Grihl*, v. 1, n. 5, 2011. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/4912> Acesso em: 11 março 2025. CHAPELLE; BACHAUMONT, *Oeuvres de Chapelle et de Bachaumont*, 1854, p. 103-252.

¹⁴⁹ MUCHEMBLED, Robert. *História da violência: do fim da Idade Média aos nossos dias*. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 117.

desenvolvimento, foi necessário a imposição de maneiras, as quais deveriam ser seguidas por serem consideradas mais convenientes do que outras.¹⁵⁰ Os manuais de civilidade, que foram fortemente difundidos durante esse período, revelam a importância de controlar movimentos, ações, fisiologias, pensamentos e, se possível, disposições da “alma”. Por exemplo, Cureau de La Chambre, conselheiro do rei e médico, em seu estudo sobre as paixões discorre sobre o riso, que se praticado em excesso pode ser considerado problemático, pois na opinião do médico o riso acarreta consequências corporais muito fortes para o corpo humano, sendo que muitas delas beiram a “espécie de delírio, de histeria, de epilepsia, de uma violência inconfessada que deixa sem forças e que pode até provocar a morte”.¹⁵¹ A compreensão negativa do riso em excesso é indicativa da grande busca da época pelo controle, que poderia ser alcançado através da aplicação da civilidade através das condutas mundanas dos agentes modernos.

Naquele contexto, os sujeitos deveriam se esquivar do que era considerado incomum ou imprudente, como o riso, a bruxaria, o misticismo e a loucura, situações que poderiam retirar o ser humano do controle de suas condutas, o que é indicativo de mudanças no âmbito da sensibilidade dos modernos, os quais deveriam rejeitar quaisquer tipos de excessos. Na obra de Cyrano, em *Viagem ao Sol*, é possível encontrar referências a alguns desses elementos em diferentes situações, mas um deles é expressivo acerca do controle que era exercido sobre o que era produzido na época, que indica como o Estado buscou moldar os indivíduos principalmente a partir da vigilância do que estava sendo impresso e comercializado pelos livreiros. Um momento complexo vivido por Dyrcona no mundo solar é quando, antes de partir para uma nova viagem, ele passa a ser acusado pelos parlamentares da região de Toulouse de ser um feiticeiro, em decorrência de um escrito que tentou publicar no qual relatava a viagem que fez até o mundo da Lua. Os homens de toga longa vão até a casa de Colignac, amigo do viajante, e indicam estarem procurando por um bruxo que estava hospedado em sua casa. Em resposta, o amigo de Dyrcona alega que aquela acusação era uma calúnia. Um dos homens acusadores então toma a palavra e indica que aquele parlamento já possuía familiaridade com esse tipo de acusação – uma clara alusão ao caso de Vanini – e que o feiticeiro que estavam procurando se tratava do escritor da *Viagem à Lua*, e ressalta com espanto: “Como! ter subido até a Lua!”. Nesse momento, outro magistrado comunica a sua indignação a Colignac, detalhando alguns dos elementos que são descritos na narrativa de Dyrcona e seriam indicativos da feitiçaria praticada pelo viajante ao estabelecer contato com o mundo da Lua:

¹⁵⁰ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do estado e civilização*. V. 2. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

¹⁵¹ LA CHAMBRE, 1663, p. 230-231 citado por MINOIS, *História do riso e do escárnio*, p. 293.

Boa pergunta! (...) Ele foi assistir ao *sabbat* que se celebrava naquele dia: e, de fato, você vê como ele conhecia o demônio de Sócrates. Depois disso, você se surpreende que o Diabo o trouxe de volta, como ele diz, a este mundo? Mas, seja como for, veja, tantas luas, tantas chaminés, tantas viagens aéreas, não valem nada, eu não disse nada de tudo; e entre você e eu (com essas palavras, ele aproxima a sua boca de sua orelha), eu nunca vi um feiticeiro que não tivesse relações com a lua.¹⁵²

As interpretações feitas pelos magistrados revelam a problemática da proposta do viajante em escrever uma obra em que teria visitado o mundo da Lua, algo inconcebível para os parlamentares, que logo relacionam o que ele escreveu com supostos casos de bruxaria, por conta da alusão ao astro. Na realidade, o grande problema residia na reivindicação de uma imaginação livre pelo viajante ao longo das obras que narra, justamente pelo fato dele tentar desbravar espaços que ainda eram objetos pouco conhecidos na época. Além disso, conforme a lógica de ordenamento do mundo e a harmonia da época, determinados temas pertenciam às coisas altas – representados na figura do soberano, do Estado, dos poderes políticos como também poderia ser reconhecido na Igreja, no poder religiosos emanado pelos clérigos –, ou seja, temáticas cosmológicas ainda eram perigosas de serem discutidas de maneira livre ou sem vinculações com interpretações religiosas de mundo, além de não deverem ser questionadas tão abertamente.¹⁵³

Ainda que para Elias a marcha do processo civilizador não possa ser considerada uma imposição que foi prescrita de forma racional aos indivíduos do período, o autor indica a importância dos tratados de “*savoir-vivre*” na corte francesa. Um elemento que contribuiu para que os indivíduos passassem a controlar as suas pulsões e emoções, principalmente no que tange a violência, como a proibição dos duelos em território francês pode ser uma amostra disso como aponta Muchembled.¹⁵⁴ A aristocracia guerreira foi, nesse sentido, um desses grupos que buscou ser atraído pelo rei para a sua corte com a finalidade de curializá-la.¹⁵⁵ Durante esse processo, torna-se evidente como o poder estatal desenvolveu uma sensibilidade induzida, que permitia a aplicabilidade racional de procedimentos civilizatórios, mediante o esforço despendido pelo

¹⁵² Tradução livre: “Belle demande (...) Il allait assister au sabbat qui s'y tenait possible ce jour-là: et en effet vous voyez qu'il eut accointance avec le démon de Socrate. Après cela, vous étonnez-vous que le Diable l'ait, comme il dit, rapporté en ce monde? Mais quoi qu'il en soit, voyez-vous, tant de lunes, tant de cheminées, tant de voyages par l'air, ne valent rien, je dis rien du tout; et entre vous et moi (à ces mots, il approcha sa bouche de son oreille), je n'ai jamais vu de sorcier qui n'eût commerce avec la lune.” CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 169.

¹⁵³ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

¹⁵⁴ MUCHEMBLED, *História da violência*, p. 159-193.

¹⁵⁵ MUCHEMBLED, *La Société policiée*, p. 115.

Estado em aplicar todos os seus poderes para monopolizar a violência, de modo a modelar o sujeito, levando-o a integrar-se a partir do autocontrole e estabelecendo limites como formas de contenção da agressividade no espaço público, um processo que se inicia especialmente a partir de 1650.¹⁵⁶ Tal condição é claramente exposta nas fontes, como pode ser exemplificado a partir do caso do pajem de Tristan em *Page disgracié*, que por falta de controle acaba proferindo golpes de espada contra um dos serviçais que trabalhava junto a ele. Em seguida, numa tentativa de se esquivar das punições pelo crime cometido, o pajem acaba fugindo e o seu mestre envia guardas à sua procura que, ao encontrá-lo, são recebidos a golpes de espada e feridos. Como consequência da sua ação, o pajem foge dos seus mestres diante da possibilidade de ser julgado e encarcerado pelos crimes que cometeu.¹⁵⁷

O governo de Louis XIII foi marcado por uma repressão evidente contra possíveis revoltas, dentre elas populares, camponesas, nobiliárquicas, religiosas ou conspirações da nobreza. Pois, o contexto perpassava por uma centralização dos poderes como forma de implementação de um absolutismo monárquico – atitude que também pode ser percebida a partir do momento que a França parte em ofensiva bélica contra a Espanha, como uma das formas de se afirmar politicamente –. Contudo, não se pode deixar de evidenciar como o período subsequente irá enfrentar conflitos e tensões, que derivam de um momento de instabilidade política durante a regência de Anne D’Autriche, após a morte de Louis XIII no ano de 1643.

Com efeito, o momento é delicado, pois Richelieu havia morrido em 1642, deixando uma ponta de esperança na população, que se via cansada pelas altas demandas e os gastos fiscais despendidos pelo ministro no entrave da guerra contra os espanhóis. Apesar disso, em seguida assume Mazarin e a rainha Anne d’Autriche, que se torna a regente sob a condição de seguir o Conselho de Regência idealizado pelo rei, que seria composto pelo ministro, a rainha, Gaston d’Orléans, Henri de Condé, primo do rei, chanceler Séguier, Bouthillier, superintendente de finanças, e Chavigny, secretário de Estado dos negócios estrangeiros.¹⁵⁸ Enfim, parte da motivação pela preparação do conselho consistia numa tentativa de proteção do futuro reinado do herdeiro ao trono Louis XIV, que na época era menor de idade.

Algumas leituras sobre a regência de Anne d’Autriche, entre os anos de 1643 e 1651, indicam como a repressão estatal pode ter tido momentos amenos, como indicou Charles de

¹⁵⁶ MUCHEMBLED, *História da violência*, p. 196.

¹⁵⁷ TRISTAN L’HERMITE, *Le Page disgracié*. Première partie, 1667, p. 131-165.

¹⁵⁸ BÉLY, *La France au XVIIe siècle*, p. 459.

Saint-Évremond ao descrever a atmosfera agradável nos meios mundanos parisienses durante a regência:

Eu vi o tempo da boa Regência
Tempo onde reinava uma feliz abundância,
Tempo onde a Cidade assim como a Corte
Respiravam somente os jogos e o amor.

Uma Política indulgente,
De nossa natureza inocente
Favorecia todos os desejos;
Todo gosto parecia legítimo;
O doce erro não se chamava de crime;
Os vícios delicados se nomeavam prazeres.¹⁵⁹

A partir do relato, fica evidente como os indivíduos, principalmente entre a juventude aristocrática, pareciam gozar de certa liberdade, vivendo uma vida marcada pelos prazeres. A vida do próprio Chapelle é exemplar nesse sentido, repleta de prazeres e liberdades, ao frequentar cabarés e reuniões de sábios, onde podia se deliciar com boas companhias, comidas e bebidas à vontade. Além dele, o círculo formado em torno de Gaston d'Orléans exemplifica o caso por ter congregado em sua corte poetas, músicos e escritores afeitos à poesia licenciosa, indivíduos que no período já eram reconhecidos pelos seus costumes dissolutos, como Denis Sanguin de Saint-Pavin, Claude de Chouigny, também identificado como barão de Blot, e também Tristan L'Hermite, que atuou durante anos enquanto poeta cortesão de Gaston tendo provavelmente vivenciado o meio zombeteiro e irreverente daquele núcleo. Este mesmo círculo teve a presença de Ninon de Lenclos em suas reuniões, uma escritora afeita à filosofia de Epicuro que ficou conhecida como uma libertina pela posteridade, sendo inclusive citada por Chapelle como a “mulher ou esposa de Epicuro”.¹⁶⁰

Entretanto, havia um clima de oposição no ar, especificamente pelo fato de que Mazarin e a rainha regente parecem ter dado continuidade à política iniciada com Richelieu e Louis XIII,

¹⁵⁹ Tradução livre: “J’ai vû les temps de la bonne Régence; / Temps où régnoit une heureuse abondance, / Temps où la Ville aussi-bien que la Cour / Ne respiroient que les jeux & l’amour. // Une Politique indulgence, / De notre nature inocente / Favorisoit tous les desirs; / Tout goût paroissoit legitime; / La douce erreur ne s’appelloit point crime; / Les vices délicats se nommoient des plaisirs”. SAINT-ÉVREMOND, Charles de Marguetel de Saint-Denis. *Oeuvres de M. de Saint-Évremond, avec la vie de l’auteur par M. des Maizeaux, membre de la Société Royale*. Nouvelle édition. Tome troisième, [s.n.], Paris, 1753, p. 294.

¹⁶⁰ HARDY, Martine. *Ninon de Lenclos (1623-1705), le parcours d’une libertine au XVIIe siècle*. Mémoire de maître en Histoire de la Faculté des Arts et Sciences, Université de Montréal, 2011, p. 24.

de modo a manter a guerra contra os Habsburgos, o que continuava a aumentar os gastos para a manutenção do confronto, ainda que nesse momento já houvesse tentativas de negociação de paz, desde que ela viesse a ser favorável para o reino francês. A pressão advinha de todos os lados, dos príncipes e membros da família real que almejavam galgar novos poderes sem o rei, da parte da nobreza e dos parlamentares que se mostravam insatisfeitos com a monopolização de governo do cardeal Mazarin a partir dos votos de confiança expressos pela rainha Anne d'Autriche, assim como da parte dos burgueses e negociantes, da população e dos camponeses, que eram afligidos pelos altos tributos que lhes eram impostos. Assim, pode-se dizer que parte do conflito que ficou reconhecido como a Fronda, ocorrido por volta dos anos de 1648 a 1653 – ainda que existam variações a respeito da datação –, adveio de um clima de descontentamento que se sobrepôs a uma revolta generalizada contra o governo do cardeal Mazarin, que se utilizou de um governo coercivo para impor novos encargos fiscais, apesar da grande oposição de todo o espectro social do período.¹⁶¹

A oposição declarada atinge o campo da prática inicialmente entre juízes, oficiais, populares e burgueses que se revoltam contra um novo aumento dos impostos anunciado pelo ministro. Em seguida, são os parlamentares que revelam as suas hostilidades contra a rainha regente e Mazarin, ao formarem uma frente que exige, a partir de um manifesto, algumas questões como a supressão dos intendentos que arrecadam impostos, acordo prévio com o Parlamento caso venham a ser aumentados e implementados novos impostos, a proibição de gastos desmedidos, o controle do “*chambre de contes*”, etc.¹⁶² A resistência das instituições administrativas e judiciais se manteve, inclusive, com o apoio popular nas cidades, até que a onda iniciada pelos parlamentares atinge a nobreza e as congregações da aristocracia, que se tornam cada vez mais hostis a Mazarin e a sua política. A oposição foi tão intensa que os partidários de Mazarin e os adeptos revoltosos dos aristocratas vivenciaram uma luta política assim como militar, levando a instauração de uma guerra civil e gerando uma insurreição generalizada em toda a sociedade francesa, o que fez com que a rainha regente e o ministro tivessem que procurar abrigo fora de Paris durante alguns momentos em que o conflito se alastrou pela capital.

Ao mesmo tempo em que os entraves políticos, ideológicos e militares se desenvolviam, o momento vivenciou a efervescência de questionamentos que emergiam com a produção de

¹⁶¹ PARROTT, David. *1652. The Cardinal, the Prince, and the Crisis of the Fronde*. Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 1.

¹⁶² LADURIE, Emmanuel Le Roy. *Brève histoire de l'Ancien Régime*. Du XVe au XVIIIe siècle. Paris: Fayard, 2017, p. 171.

panfletos, escritos e imagens, que buscavam anunciar tanto as oposições contra Mazarin, a monarquia e o governo, como notícias dos acontecimentos sobre os embates travados em meio às barricadas que se formavam na capital. As chamadas *mazarinades* são exemplos desses panfletos que foram disseminados profusamente durante o desenvolvimento da Fronda e indicavam uma oposição direta ao primeiro ministro e à sua política, com difamações e propagandas, embora a literatura especializada sobre o tema tenha evidenciado como parte das informações que eram veiculadas a partir desse tipo de material consistiam em mensagens de manipulação do leitor em favor dos *frondeurs*,¹⁶³ os oponentes de Mazarin, que em sua maioria desejavam defender a soberania da monarquia acima dos interesses do ministro ao invés de proporem uma revolução de renovação total do sistema.

A produção panfletária durante o período de controvérsias políticas tem um aumento exponencial, conforme indica Minois, ao verificar que durante os anos de 1649 e 1652 emergem na cena pública francesa cerca de mil panfletos por ano. Os números são impressionantes, principalmente, ao se comparar a quantidade de panfletos que foram impressos nos anos seguintes, em que os ânimos estavam menos exaltados, e de mil e noventa e três títulos em 1652, se passa para apenas dezoito em 1653, vinte e um em 1659, e noventa e quatro em 1660.¹⁶⁴ A emergência de panfletos também pode ser vista como indício de como os indivíduos do período possivelmente estiveram mais sensibilizados a se engajar na preparação assim como no consumo e leitura dos materiais escritos. Um momento de instabilidade política permite o reavivamento de questionamentos, de reflexões e de dúvidas. Os libertinos não ficaram alheios a isso, como pode ser verificado a partir das fontes, que foram em sua maioria escritas e publicadas durante os anos de 1640 até 1677. É exemplar nesse sentido a produção de Cyrano, que chegou a produzir uma carta denominada *Contre les frondeurs*, publicada no seu conjunto de *Lettres*, escrito em que o autor adota a postura de Mazarin de maneira a produzir uma reflexão sarcástica sobre os seus partidários e o governo do ministro.¹⁶⁵ Na análise de Didier Kahn, seria até mesmo possível identificar uma posição antimonarquista da parte de Cyrano que estaria, na interpretação do autor, mais próximo de um republicanismo.¹⁶⁶ Apesar da afirmação complexa de Kahn sobre o republicanismo de Cyrano — visto que seria necessário preparar uma análise cautelosa a respeito disso e que foge em partes do objetivo deste trabalho —, é possível identificar como, a partir dos anos de 1650, os libertinos, assim como outros

¹⁶³ JOUHAUD, *Mazarinades*.

¹⁶⁴ MINOIS, *Censure et culture sous l'Ancien Régime*, p. 85-86.

¹⁶⁵ CYRANO DE BERGERAC, *Les oeuvres diverses*, p. 227-253.

¹⁶⁶ KAHN, Didier. Cyrano, la république et la révolution d'Angleterre. *Les Dossiers du Grihl*, n. 3, 2010. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/3789> Acesso em: 20 junho 2025.

pensadores da época, passarão a constatar a falência dos grandes sistemas dogmáticos. Da mesma forma, eles irão renunciar ao alcance da verdade em meio à evolução de ideias que permite com que os agentes do período professem seus questionamentos em meio ao processo geral de racionalização e secularização que se estabeleceu em toda a Europa Ocidental, possibilitando um questionamento geral em todos os níveis da sociedade — ainda que não nas sociedades em seu conjunto.¹⁶⁷

Contudo, é preciso atentar-se para um elemento, rememorado também por René Pintard, Martine Hardy e Roger Chartier, sobre como o momento posterior da Fronda foi marcado por um vigor expressivo do Estado, na tentativa de combater a grande produção de panfletos difamatórios, que poderiam questionar ainda mais o poder.¹⁶⁸ Estudiosos como Bernard Barbiche e Chartier confirmam como diversas medidas de mitigação de publicação foram instituídas, com éditos e meios de promulgação, visando a verificação dos ateliês das tipografias, reformulando os privilégios para publicação de livros.¹⁶⁹ No caso dos panfletos, uma das medidas de impedimento da explosão panfletária pelo Parlamento de Paris adveio de ordenanças, como a de fevereiro de 1658, que denunciava as gazetas de mão.¹⁷⁰

Dessa forma, é possível identificar como os anos de 1620 e 1650 foram demarcados por momentos importantes que permitiram a proliferação de textos questionadores e críticos, em seus mais diversos formatos de veiculação, como no caso das narrativas dos libertinos. Por isso, é preciso reconhecer como a criticidade e a dissidência sempre estiveram em circulação durante a Idade Moderna, e os trinta anos que marcam um período conturbado politicamente em território francês podem servir como demarcações para identificar os momentos de flutuação das interdições. Tais demarcações assinalam momentos de menor e maior impacto sobre as práticas “livres” e sobre os textos críticos que vieram a ganhar a cena pública.

¹⁶⁷ ISRAEL, *Iluminismo radical*, p. 31.

¹⁶⁸ PINTARD, *Libertinage érudit dans la première moitié du XVIIe siècle*, p. 37; HARDY, *Ninon de Lenclos (1623-1705)*, p. 25; CHARTIER, Roger. Pamphlets et gazettes. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (Dir.). *Histoire de l'édition française*. Tome 1. Paris: Fayard-Cercle de la librairie, 1989, p. 424.

¹⁶⁹ Henri-Jean Martin também apontou variações no processo de concessão de privilégios durante os períodos de 1598-1630 e, depois, de 1630-1643. Ver MARTIN, Henri-Jean. *Livre, pouvoirs et société a Paris au XVIIe siècle (1598-1701)*. Tome 1. Genève: Droz, 1999, p. 444-455.

¹⁷⁰ CHARTIER; MARTIN, *Histoire de l'édition française*, p. 377 e p. 424.

CAPÍTULO 2 – HOMOSSOCIABILIDADES E MASCULINIDADE ENTRE OS LIBERTINOS

O que você me diz desta assembleia, os meus convidados não estavam em boa companhia?¹

Durante o século XVII, ocorreram mudanças de pensamentos, emoções, condutas e convicções, fazendo emergir questionamentos e outras reflexões no âmbito das sensibilidades dos agentes na França monárquica. Uma dessas repercussões compreendeu às percepções sobre os gêneros e as relações que podiam ser estabelecidas entre eles. Por exemplo, ao longo desse século, a homossexualidade foi cada vez mais condenada e criticada, sendo considerado o momento de triunfo da cultura heterossexual – mesmo que o termo tenha sido cunhado no século XIX –, conforme apontou Louis-Georges Tin.² Entretanto, não se pode deixar de observar como nos escritos dos homens de letras, e propriamente entre os libertinos, eram emitidas vozes que valorizavam a convivência masculina e as suas relações recíprocas de amizade e de amor, relevando a importância de uma dada cumplicidade masculina para a vivência das experiências afetivas e relacionais, assim como das práticas sociais, culturais e profissionais.

O entendimento da virilidade também passou por transformações no período moderno, não sendo mais compreendida, somente, como resultante da força ou da dominação inquestionável do homem viril, mas como uma capacidade onde o homem unia a sua ferocidade dominadora à sabedoria, à ponderação, à prudência, ou melhor, à circunspeção. Nesse sentido, o homem moderno deveria ser terrível e belo, formoso e austero, uma união quase paradoxal, mas que visava sobretudo a dominação (de si e do outro) de maneira mais delicada possível.³ Tal perspectiva impregnou as estruturas sociais e de poder, a ponto de serem aumentadas as expectativas e as imposições sobre os sexos. Contudo, mais de um estudo apresentou a perspectiva de que, ao longo do século XV ao XVIII, as relações de gênero podiam ser

¹ Tradução livre: “Que dites-vous de cet assemblage, m'es invites n'étaient-ils pas en bonne compagnie?”. CAPRON, Loïc (Ed.). *Correspondance complète de Guy Patin et autres écrits*. Paris: Bibliothèque interuniversitaire de Santé, 2018. Disponível em: <https://www.biusante.parisdescartes.fr/patin/?do=pg&let=0251> Acesso em: 21 outubro 2024.

² TIN, Louis-Georges. *L'invention de la culture hétérosexuelle*. Paris: Éditions Autrement (Collection Mutations/Sexe en tous genres, n. 249), 2008.

³ VIGARELLO, Georges. A virilidade moderna: convicções e questionamentos. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). *História da virilidade*. 1. A invenção da virilidade Da Antiguidade às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2022, p. 205-216.

vivenciadas e percebidas de formas fluidas e diversas, mesmo diante das imposições do Estado e da Igreja, se forem feitas comparações às compreensões heteronormativas que passaram a ser produzidas posteriormente, e com mais força desde o século XIX. Além disso, a socialização dos homens, comumente realizada em um contexto homossocial, pode ter favorecido a tolerância em torno das demonstrações e ligações passionais entre os machos, a ponto de isso não impedir a realização do matrimônio e o exercício da paternidade.⁴

No âmago das reuniões e das práticas que envolviam os homens de letras, eles desenvolveram as suas relações e elaboraram as suas ideias, o que podia corroborar com o estabelecimento de afinidades e de vínculos mais íntimos entre os participantes. Em alguns casos, essas relações atingiram uma certa familiaridade e revelaram traços passionais, superando uma mera reciprocidade entre homens eruditos que atuavam no mesmo ofício. Dessa forma, a convivialidade desses homens era permeada pela homossociabilidade, isto é, a valorização da frequência e dos laços estabelecidos entre eles.⁵ Uma perspectiva não sublinhada por Madeleine Alcover, quando defendeu que as obras de Cyrano produziam uma espécie de apologia ao amor masculino, um componente também interpretado por ela como derivado da homossexualidade do escritor e dos seus amigos Chapelle e Dassoucy, o chamado “trio gay”.⁶ Todavia, independentemente das sexualidades dos escritores, que no caso de Cyrano, Chapelle e Dassoucy chegaram a ser aludidas pelos seus contemporâneos e, também, estimadas pela literatura especializada,⁷ não se pode desconsiderar que a alusão à homossexualidade compreendia uma expressão da homossociabilidade dos agentes, pois, segundo Michèle Rosellini, a vivência da homossexualidade compreendia um processo da prática de sociabilidades masculinas da elite social do século XVII.⁸

⁴ TAMAGNE, Florence. *Mauvais genre? Une histoire des représentations de l'homosexualité*. Paris: LM, 2001; ROSELLINI, Michèle. Homosexualité et esprit fort dans la première moitié du XVIIIe siècle: indices poétiques d'une « invisible affinité ». *Les Dossiers du Grihl*, n. 4, 2010. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/3949> Acesso em: 12 dezembro 2024; PRÉVOST, Aurélie. *L'amitié aux XVIe et XVIIIe siècles en France*. Normes, réalités et représentations. Tome 1: Une étude. Thèse (Doctorat en l'Histoire) – Université Lumière Lyon 2, Lyon, 2011, Prévost, 2011, p. 54-60.

⁵ A obra de Eve Sedgwick desenvolve o conceito de homossociabilidade, originário do inglês ‘*homosociality*’, e aponta os vínculos de fortalecimento e reconhecimento que os homens estabelecem em seus grupos. SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire*. New York: Columbia University Press, 1992.

⁶ ALCOVER, Un gay trio e ALCOVER, Biographie. In: CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. XXXIV.

⁷ O amigo de Cyrano, Henri Le Bret, citou a inclinação do escritor no prefácio de *Histoire comique*. Montigny apontou em sua *Lettre à Eraste* o estado de vida irregular e a espécie de “*moinerie profane*” de que o escritor era o instrutor. Jean-Luc Hennig e Dominique Bertrand reconhecem a homossexualidade de Dassoucy, e Bertrand alertou sobre este fato talvez ter contribuído para o silêncio acadêmico em torno do estudo de suas obras e de sua vida. BERTRAND, *Avez-vous lu Dassoucy?*, p. 8; DASSOUCY, *Les Aventures et les Prisons*, p. 18-18; HENNIG, *Dassoucy & les garçons*. Paris: Fayard, 2011.

⁸ ROSELLINI, Homosexualité et esprit fort dans la première moitié du XVIIIe siècle.

Por isso, neste capítulo, busca-se analisar as relações, as parcerias e as companhias desfrutadas pelos libertinos, que foram representadas em seus textos e tiveram os seus espaços forjados a partir dos escritos.⁹ Elas seriam, primeiro, reveladoras sobre as formas de legitimação das suas ideias e ações como escritores, e segundo, decorrentes da própria retórica libertina que valorizava a convivência e o deleite entre os pares como um recurso significativo para a aquisição do conhecimento e do bem viver em favor da fruição do prazer. Além disso, as reivindicações de companhias e amigos estavam em consonância com a circularidade de ideias também florescente nos espaços frequentados.

2.1. Os espaços masculinos na Época Moderna: práticas e representações escritas

Desde as primeiras páginas de *Viagem à Lua* podem ser encontradas indicações da sociabilidade vivenciada por Dyrcona com seus amigos e outros indivíduos. Na abertura do livro se encontra o relato sobre ele estar retornando de uma casa próxima de Paris ao lado de quatro amigos. Nesse momento, ele observou a beleza da Lua cheia e revelou a sua ideia de que o satélite poderia ser um mundo como a Terra, arrancando gargalhadas dos seus companheiros, o que poderia significar que aquela era uma proposta extravagante demais. Apesar da reação cômica dos seus amigos, o jovem não se abalou e buscou ascender ao céu para verificar a sua suspeita. Antes de chegar no espaço lunar, o viajante chegou numa região denominada Nouvelle-France, em referência às possessões francesas nas terras canadenses. Local em que encontrou o governador M. de Montmagny, homem com quem Dyrcona desenvolveu uma longa conversa sobre a rotação da Terra e o movimento dos planetas e estrelas, temas que emergiam devido à inquietação do governante a respeito do deslocamento feito pelo viajante para chegar até ali. Durante a conversa, o viajante não hesitou em demonstrar um certo entusiasmo ao estar refletindo com alguém temas e conhecimentos filosóficos e científicos, derivados da sua observação e das leituras de escritores antigos e modernos. Na conversa, também trataram de temas como o heliocentrismo, a infinidade do universo e reflexões sobre a percepção limitada que os seres humanos tinham sobre o universo, o que impedia a compreensão da sua

⁹ A produção dos textos podia compreender uma atividade colaborativa entre homens, refletindo-se em discursos, representados e emitidos pelos escritos, que estariam atravessados por essa relação de reciprocidade e vínculo estabelecida entre eles. Essa foi a perspectiva destacada no trabalho de: MASTEN, Jeffrey. *Textual Intercourse: Collaboration, Authorship, and Sexualities in Renaissance Drama*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

pluralidade. Foi nesse momento que o governante revelou ser um leitor dos livros de Gassendi,¹⁰ o que poderia ser interpretado como reivindicação de uma referência, pois o filósofo em questão era um dos sábios interessados pelos movimentos dos planetas e a questão da infinidade do mundo. Mas, para além dessa referência, o momento testemunha a valorização da troca de ideias como fruto de uma sociabilidade entre homens, um tema que atravessa, consideravelmente, a história sobre os mundos da Lua e do Sol de Cyrano.

Além disso, o diálogo seria demonstrativo da eloquência do narrador Dyrcona e das outras personagens das obras, que eram, em sua maioria, homens. Tais personagens masculinas estavam encarregadas de fornecer uma gama de conhecimentos ao viajante, sobre os costumes das sociedades da Lua e do Sol, assim como outros aspectos relevantes à cultura e à filosofia dos espaços. Esses momentos de convivialidade e do estabelecimento dos diálogos eram reveladores sobre as companhias, majoritariamente masculinas, que o narrador tinha e como elas eram importantes para a aquisição de conhecimento do viajante em suas jornadas pelos outros mundos. Apesar das personagens femininas serem encontradas em algumas páginas das obras, o foco dado a elas era muito menor em comparação com o espaço concedido aos homens – e às suas conversas. Até mesmo os seres de outras naturezas, como as árvores e as aves, cujos gêneros nem sempre eram identificados, foram colocadas em maior destaque do que as mulheres. Dessa forma, torna-se perceptível que as trocas amigáveis, espirituais, aprazíveis e eruditas constituíam a base das relações estabelecidas pelos machos nos escritos de Cyrano.

Em sua biografia sobre o escritor e na análise que fez sobre os textos de *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol*, Alcover considerou que o amor pelos homens era o que tinha estimulado a elaboração das obras.¹¹ Em outros trabalhos, a pesquisadora enfatizou a relação de muita proximidade que o escritor manteve com colegas como Chapelle e Dassoucy, reconhecendo-os como um “trio gay”.¹² A insistência da autora sobre o tema poderia, talvez, ser compreendida como uma tentativa de reconhecimento da homossexualidade de Cyrano, que por muito tempo foi desprezada pela literatura, principalmente depois do sucesso da peça de Edmond de Rostand no século XIX, onde o herói possuía o mesmo nome do escritor e foi representado como um homem heterossexual apaixonado pela sua prima Roxane.¹³ Contudo, parece que Alcover buscou por representações (ou comprovações?) da sexualidade do escritor através das suas

¹⁰ CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 19.

¹¹ *Idem*, p. CCII-CCIX.

¹² ALCOVER, Un gay trio, p. 271-274.

¹³ ROSTAND, Edmond. *Cyrano de Bergerac*. Comédie héroïque en 5 actes et en vers. Paris: Théâtre de la Porte Saint-Martin, 1897 Disponível em: [ark:/12148/btv1b84060](https://nbn-resolving.org/urn:nbn:fr:sh:12148-btv1b84060) Acesso em: 23 janeiro 2025.

obras, o que pode ser problemático, já que sempre vão existir nuances a serem consideradas nos elementos e informações apresentadas nas produções textuais. E com relação à perspectiva de homossexualidade, parece que a pesquisadora partiu de uma concepção existencial um tanto contemporânea, desconsiderando que no século XVII as relações estabelecidas entre os homens eram amplamente difundidas e exaltadas no meio em que os libertinos conviviam, isto é, entre os escritores, os eruditos, os homens de letras em geral, como uma forma de fortalecer as suas cumplicidades e o reconhecimento em favor dos seus exercícios das letras.¹⁴

Na perspectiva de Michèle Rosellini, a homossexualidade masculina era um fenômeno amplamente difundido na elite social da época, tendo como exemplo o príncipe de Condé durante o reinado de Louis XIII. Uma tendência que não impedia que os homens estabelecessem ligações com as mulheres e vivenciassem o casamento ou a paternidade.¹⁵ Na interpretação de Florence Tamagne e Louis-Georges Tin, a homossexualidade da época podia compreender uma consequência das homossociabilidades, já que os espaços destinados às sociabilidades eram quase que exclusivamente voltados para uma convivência não mista, focada na convivialidade das figuras masculinas.¹⁶ Como era o caso dos homens de letras, que viviam imersos em uma rede de machos que exaltavam outros machos e, assim, estabeleciam os seus laços de amizade e de reciprocidade. Tais conexões possibilitavam que os escritores construíssem a legitimidade das suas atuações e dos seus escritos a partir do crivo do outro, isto é, de outro homem. Por isso, mesmo que no século XVII mais de uma mulher tenha emergido como escritora e tenha atuado nos salões – onde, evidentemente, havia uma convivência plena entre homens e mulheres – e em outras esferas públicas, as mulheres ainda se deparavam com a prevalência masculina nos espaços de poder.¹⁷ Mesmo entre a população em geral, ao apontar o desenvolvimento da noção de adolescência a partir do reforço da tutela no século XVI, Robert Muchembled ressalta que se tratavam de jovens machos, na medida em que as moças

¹⁴ Ao analisar o caso de Charles Dassoucy, Dominique Bertrand apontou que não seria possível buscar por uma afirmação clara de identidade *queer* nos textos do escritor – questão anacrônica –, mesmo quando as obras apresentam uma perpétua ambiguidade em torno dessa consciência. BERTRAND, Dominique. Dassoucy, un “mâle étrange” en mal de reconnaissance. Trouble dans la représentation sexuelle. In: DEBROSSE, Anne; SAINT MARTIN, Marie (Dir.). *Horizons du masculin*. Pour un imaginaire du genre. Paris: Classiques Garnier, 2020, p. 437.

¹⁵ ROSELLINI, Homosexualité et esprit fort dans la première moitié du XVIIIe siècle, p. 2.

¹⁶ TAMAGNE, *Mauvais genre?*; TIN, *L’Invention de la culture hétérosexuelle*.

¹⁷ Não eram meras eventualidades às representações e associações negativas que foram atribuídas às figuras femininas a partir da pena masculina durante o período moderno. Nesse sentido, à mulher caberia diversas reprovações, ela podia ser cruel, demoníaca, adúltera, inadequada, etc. Para uma reflexão sobre a representação da mulher a partir dos *canards*, ver LIEBEL, Silvia. *Les Médées modernes*. La cruauté féminine d’après les canards imprimés français (1574-1651). Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.pur.116547> Acesso em: 24 janeiro 2025.

vivenciavam diferentes formas de sociabilização, essencialmente reclusas nos círculos femininos.¹⁸

Na leitura de Maurice Aymard, as novas formas de sociabilidade emergentes no período moderno, como as associações livres, as reuniões em tabernas, os salões dedicados a leitura ou aos jogos, traziam em suas marcas de origem a “sua natureza quase que exclusivamente masculina, em nome de uma estrita separação dos sexos”. O que quer dizer que muitos dos locais destinados às sociabilidades, naquele período, pressupunham “uma opção pelo isolamento, pela segregação, ao preço de uma dupla ruptura: com a família, mas também com essa mistura de sexos e idades — homens e mulheres, crianças e adultos”.¹⁹ Assim, a diferença entre os sexos estava presente nas inúmeras ações dos sujeitos, desde as tarefas cotidianas aos momentos de diversão.²⁰

Nesse sentido, pode-se destacar os espaços das academias, que ganharam notoriedade ao longo do período moderno. Segundo Bernard Gaborit, a academia poderia ser definida como uma sociedade amigável que reunia sábios e letrados a partir de encontros regulares com vocação enciclopédica ou especializada, ou um lugar de aprendizagem de equitação reservada aos cavalheiros, com algumas disciplinas relacionadas.²¹ Durante o século XVII, as academias estiveram mais relacionadas às reuniões de especialistas e profissionais, como os de letras, do que propriamente a um lugar dedicado ao ensino. Conforme apurou Alain Viala, tais espaços originaram de círculos privados, tendo nascido da dinâmica interna do meio cultivado e de homens dotados de certa notoriedade: “em torno deles, um círculo de amigos, uma meia dúzia ou uma dezena ou mais, que eles persuadiam a se reunirem regularmente, cada semana ou cada quinzena”. A sociabilidade amigável presidia a fundação e as regras de funcionamento que podiam compreender um acordo verbal ou tácito, pois entre amigos não havia necessidade de inscrever os estatutos que os vinculavam por escrito.²²

As sociedades tiveram uma larga difusão, atraindo também os nobres da província e os burgueses, o que favoreceu a disseminação da prática por todo o século. Um espaço que se

¹⁸ MUCHEMBLED, Robert. *L'invention de l'homme moderne*. Culture et sensibilités en France du XVe au XVIIIe siècle. Paris: Fayard, 1988.

¹⁹ AYMARD, Maurice. Amizade e convivialidade. In: CHARTIER, Roger (Org.). *História da vida privada*, 3: da Renascença ao século das Luzes. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 436.

²⁰ BELMAS, Élisabeth. Jogos “de exercício”, divertimento e virilidade. In: CORBIN; COURTINE; VIGARELLO (Dir.). *História da virilidade*. 1. A invenção da virilidade Da Antiguidade às Luzes, p. 524.

²¹ GABORIT, Bernard. L'Académie Royale de Richelieu, entre collège, académie(s) et université? *Les Dossiers du Grihl*, v. 14, n. 2, 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/8717> Acesso em: 28 janeiro 2025.

²² Tradução livre: “Autour d’eux, un cercle d’amis, une demi-douzaine ou une douzaine au plus, qu’ils persuadent de se réunir régulièrement, chaque semaine ou chaque quinzaine”. VIALA, *Naissance de l’écrivain*, p. 18 e p. 16-17.

destacou nesse contexto foi a Academia Puteana, que sediava os encontros em torno dos irmãos Du Puy, Pierre e Jacques, reunindo uma diversidade de homens sábios, filósofos, bibliotecários, filólogos, historiadores, astrônomos e matemáticos, inclusive libertinos como La Mothe Le Vayer, Gassendi e Naudé, e lá eles compartilhavam notícias, dialogavam sobre textos diversos de autores Antigos e Modernos, temas políticos, filosóficos, científicos e teológicos.²³ A academia tinha uma ótima reputação, como se pode verificar a partir das palavras de Nicolas-Claude de Peiresc, astrônomo reconhecido, que indicou a grande estima que tinha por aquela sociedade: “Eu estimo muito (...) os encantos da academia e o dulçor da conversação de muitos dos galantes homens, com a comodidade de ver todo o tipo de bons livros que se poderia desejar”.²⁴ Os sábios estrangeiros também eram bem vindos, eles podiam participar das reuniões quando estivessem de passagem pela França, pois muitos dos seus frequentadores se correspondiam com os eruditos de outros territórios, a exemplo de Gassendi que detinha uma diversa rede de conexão com estudiosos estrangeiros, o que corroborava com a autoridade científica e a reputação internacional do gabinete. Apesar do sucesso, a academia entrou em declínio a partir dos anos de 1650, talvez pela morte de Pierre em 1651 e depois de Jacques em 1656, mas Viala apontou ter sido em decorrência do enfraquecimento da tradição humanista enciclopédica, que compreendia uma especialidade do grupo dos letrados.

Outras academias emergiram e se especializaram em questões ligadas às belas letras, como a criação e a crítica literária, campo de maior envolvimento dos literatos. Essa especialidade atraiu a atenção do poder e acabou originando a Academia Francesa em 1635, encabeçada pelo cardeal Richelieu em contato com Jean Chapelain e seu círculo privado, que incluía Valentin Conrart e Antoine Godeau. Uma institucionalização que marcou a valorização da língua francesa e a compreensão das produções textuais como um bem cultural, a Academia Francesa fomentou o espaço acadêmico e reuniu escritores para uma atuação ao lado e, em muitos casos, em favor do Estado.²⁵ Conforme pontuou Viala, o cardeal Richelieu se apoiou em

²³ Para uma maior compreensão do gabinete dos irmãos Dupuy, ver SCHNEIDER, Robert A. *The Dupuy Cabinet: “An Innocent Refuge”*. In: *Dignified Retreat: Writers and Intellectuals in the Age of Richelieu*. New York: Oxford University Press, 2019, p. 247-298.

²⁴ Tradução livre: “J’estime fort (...) les charmes de l’Academie et la douceur de conversation de tant de galantz hommes, avec la commodité de voir toute sorte de bons livres qu’on sçauroit desirer”. PEIRESC, Nicolas Claude citado por PINTARD, *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVIIe siècle*, p. 95.

²⁵ Robert Muchembled destacou como os ministros Richelieu e Mazarin passaram a reunir em torno de si “criaturas”, como nobres, eclesiásticos, burgueses de alto escalão ou mais humildes, e os próprios escritores, criando assim uma verdadeira rede de apoio e devoção ao protetor e, conseqüentemente, ao soberano, fortalecendo a fidelização e a agregação diante do astro (o símbolo solar já era reivindicado durante o reinado de Louis XIII), o que favorecia o controle do soberano a partir do apoio, como forma de validação de sua força. No século XVII, muitos nobres passaram a trocar a espada pela pluma, inspirados pelo desenvolvimento de uma polidez mundana e diante do processo de curialização das elites. MUCHEMBLEMED, *La Société polie*, p. 46-52 e p. 93 e p. 96.

um grupo dedicado a pensar as questões da língua e da estética literária, pois eles auxiliariam muito mais na sua política de centralização do que propriamente o célebre círculo dos irmãos Du Puy, que discutiam temas relacionados à ciência, filosofia e teologia, o que poderia elevar a possibilidade de conflito com as autoridades religiosas e jurídicas. Ao longo do século houve, então, uma especialização continua dos círculos e a oficialização de diferentes sociedades. Diante disso, no corpo do Estado ocorreu a criação de academias voltadas para disciplinas específicas, a exemplo da Academia de Ciências em 1666, depois a Academia de Arquitetura em 1671 e a Academia de Música em 1672.²⁶ De todo modo, uma característica comum de todos esses ambientes compreendia a presença e predominância dos homens.

Não se pode ignorar a presença feminina na organização de salões e outras atividades relacionadas ao mundo das letras,²⁷ sendo possível contabilizar pelo menos onze salões comandados por mulheres durante o século XVII na região de Paris, segundo a apuração de Anne E. Duggan. Apesar disso, a autora pontuou que a oficialização das academias acabou reforçando ainda mais as concepções de gênero do espaço sociocultural e das noções de gênero do conhecimento. Dessa forma, embora os salões eruditos da madame Marie le Jars de Gournay, de Charlotte des Ursins, viscondessa d'Auchy, e da madame Madeleine de Scudéry fossem denominados como academias, os salões emergentes após os anos de 1640 não foram mais confundidos com os espaços que eram cada vez mais pensados como instituições puramente masculinas. Uma perspectiva corroborada por Londa Schienbinger, que identificou como à medida em que o prestígio de uma determinada atividade aumentava, a participação das mulheres nessa atividade diminuía. Na época, somente uma academia, a Academia Real de Pintura e Escultura admitia mulheres, mas acabou fechado as portas para elas no ano de 1706.²⁸

Deve-se lembrar que a fronteira entre os espaços das academias e dos salões não seria simples de definir, e no próprio século XVII essa complexidade já existia, como pontuou Nicolas Schapira.²⁹ Mas, seguindo a indicação de Viala, quando as sociedades atingiam uma

²⁶ VIALA, *Naissance de l'écrivain*, p. 25-29.

²⁷ Não se deve desconsiderar a agência das mulheres escritoras no período, que irão contribuir enormemente trazendo outras representações e temas ao campo literário. Elas se tornaram figuras importante nos círculos letrados e em outras dinâmicas sociais nos séculos XVII e XVIII, tecendo articulações políticas e reflexões importantes. Após a Revolução Francesa, anunciaram o quanto as mulheres ainda não tinham os seus direitos políticos garantidos. Ver BLANC, O. *Cercles politiques et "salons" du début de la Révolution (1789-1795)*. *Annales historiques de la Révolution française*, n. 344, p. 63-92, 2006 e BRESCIANI, Maria Stella Martins. O poder da imaginação: do foro íntimo aos costumes políticos. Germaine de Staël e as ficções literárias. In: *Razão e paixão na política*. Brasília: UnB, 2002, p. 31-46. Para um panorama sobre as escritoras no século XVII, ver ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. *Três autoras francesas e a cultura escrita no século XVII: gênero e sociabilidades*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

²⁸ DUGGAN, Anne E. *Salonnières, furies and fairies: the politics of gender and cultural change in absolutist France*. Newark: University of Delaware Press, 2005, p. 42 e p. 47-48.

²⁹ SCHAPIRA, *Un professionnel des lettres au XVIIIe siècle*, p. 243.

certa especialização em questões literárias, os contemporâneos não as consideravam mais como salões, mas sim como academias. Nesse sentido, os salões estavam voltados para a sociabilidade mundana entre homens e mulheres, onde os escritores podiam apresentar os resultados dos seus trabalhos a um público escolhido, de maneira a testar seus sucessos e contribuir com a reputação dos autores. E nas academias, as discussões podiam se concentrar, sobretudo, na reflexão sobre o valor e a crítica dos textos.³⁰ Em ambos os espaços havia o encontro de homens e mulheres, embora os primeiros fossem mais numerosos e, no caso específico das academias reais, como a Academia Francesa, os seus membros eram todos homens.

Torna-se evidente, então, que os círculos vivenciados por Cyrano detinham uma vultosa presença masculina, um aspecto que deve ser considerado e que certamente perpassava as visões de mundo e a inspirações dos sujeitos da época. A convivência entre os escritores, muitas vezes derivada das suas atividades profissionais, possibilitava a composição de laços e a construção das suas afetividades, o que permitia a construção da legitimidade de cada um deles perante o núcleo que conviviam. Nas obras de Cyrano, assim como nas de Dassoucy, Chappelle, Tristan e de outros camaradas ligados a eles, são colocadas em cena inúmeras representações das trocas, dos diálogos e das relações que eram estabelecidas entre os homens. Elas evidenciavam não apenas a valorização das práticas profissionais e dos espaços acadêmicos masculinos, através da exaltação das ligações de fidelidade de perspectiva passional que clamava por uma retórica amorosa, como das reuniões e dos ambientes que eram voltados para a vivência dos prazeres mundanos.

Essas características passam às páginas. Na passagem de Dyrcona pelos outros mundos, as suas sociabilidades, às vezes mundanas e às vezes acadêmicas, eram vivenciadas através do exercício do espírito e da conversa tecida com outros homens. Em sua passagem pelo Paraíso, o viajante foi recebido por Elias, e juntos eles teceram uma longa conversa instrutiva sobre a história daquele espaço. Em razão da audácia de Dyrcona, por ter gracejado com a morte de São João Evangelista, ele foi expulso. Mas, em seguida, ele encontrou a sociedade da Lua. Durante a sua passagem pelo espaço lunar, algumas figuras masculinas se destacaram, como o demônio de Sócrates, o espanhol nativo da velha Castilha e o jovem filósofo filho do hospedeiro.

A personagem de Sócrates acompanhou o viajante ao longo de toda a sua estadia na Lua, informando-o sobre as particularidades e complexidades da sociedade dos selenitas. De certa forma, Dyrcona se colocava numa posição de iniciado, diante de um ser sábio que lhe guiava

³⁰ *Idem, Ibidem; VIALA, Naissance de l'écrivain*, p. 134-137.

durante as observações sobre as práticas e a cultura dos selenitas, o que permitia que o viajante aprendesse e adquirisse maturidade espiritual. A invocação dessa figura por parte do escritor também poderia ser compreendida como uma tônica predominante nos escritos críticos produzidos no período moderno, como atentou Jean-Pierre Cavaillé, sendo uma referência reivindicada pelos escritores libertinos como um modelo que inspirava a sabedoria, a dúvida crítica e a liberdade, e também um ser desdenhoso das religiões supersticiosas, promotor do deísmo e do ateísmo. Além disso, ele também simbolizava a perseguição dos filósofos, servindo como um modelo incarnado da ambiguidade concernente às relações dos filósofos com os poderes religioso e políticos.³¹

Dessa forma, o demônio de Sócrates, que inicialmente se comunicava em grego com o viajante, passou a atuar como um mentor, explicando os costumes da Lua e as suas afinidades filosóficas. Assim que se conheceram, Sócrates informou ao viajante a sua herança filosófica: ele tinha sido instruído por Epaminondas, visitado Drusus e conhecido Cardan, Corneille Agrippa, Campanella, La Mothe Le Vayer, Gassendi e Tristan L’Hermite quando visitou a Terra. A convivialidade com tais homens conferia-lhe a distinção, os conhecimentos e as habilidades eruditas necessárias para guiar o jovem Dyrcona. Assim, ao longo das excursões pelo satélite, eles empreendiam conversas sábias.³² Na verdade, a primeira conversa que tiveram foi quando o viajante estava na condição de macaco, pois havia sido considerado um animal pelos governantes da Lua, tendo que fazer cambalhotas para divertir a corte. De passagem, Sócrates logo reconheceu a sua natureza humana, identificando-o como um homem e não um animal. Sendo assim, o guia reconheceu a capacidade racional do viajante, enquanto um ser humano, e partir das suas conversas com o mentor, Dyrcona se sentiu aliviado ao poder exercitar a sua mente diante dos duros tratamentos recebidos assim que chegou na Lua.³³

Naquela condição, o viajante também conheceu o espanhol, quem havia sido igualmente considerado um macaco e atuava como o animal de estimação da rainha. Contudo, Dyrcona foi considerado a versão feminina do macaco e, por causa disso, eles foram destinados a dormirem juntos. Segundo o viajante, eles executaram, ponto por ponto, a vontade do príncipe, o que gerou uma grande satisfação em Dyrcona, conforme descreveu no trecho que diz: “pelo prazer que eu recebi de ter alguém com quem conversar durante a solidão da minha bestialização”. Em seguida, o viajante indicou que o espanhol era o seu macho, pois os governantes haviam

³¹ CAVAILLÉ, Jean-Pierre. *Les déniaisés*. Irréligion et libertinage au début de l’époque moderne. Paris: Classique Garnier, 2013, p. 247.

³² CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 54-60.

³³ *Idem*, p. 65.

estimado que ele era a sua fêmea.³⁴ Tais alegações poderiam ser interpretadas como indicações da relação erótica e amorosa vivenciada entre os dois homens. Na verdade, diferentes pesquisadores indicaram que a passagem compreenderia uma clara referência à homossexualidade das personagens.³⁵ Mas, por outro lado, elas podem ser pensadas como referências às experiências de homosociabilidade, isto é, a convivência quase que exclusiva com outros homens. Esse aspecto foi identificado por Rosellini, inclusive a autora também apontou que essas vivências iluminavam toda a prática de viagem de Dyrcona, que consistia em sempre fazer casal, mesmo que temporariamente, com um ser masculino, e através disso ele se inseria na sociedade a ser descoberta, escapava dos seus perigos e compreendia a sua filosofia.³⁶ Logo, as ligações que Dyrcona estabeleceu com outros homens permitiam que ele não apenas construísse uma relação com outro macho, como adquirisse novos conhecimentos.

Os encontros constituíam os espaços onde Dyrcona e o seu colega poderiam exercitar a mente e a imaginação. Uma clara representação da vivência da masculinidade dos escritores durante o século XVII, ao estarem mergulhados em reuniões e associações que empreendiam reflexões eruditas. O viajante endossou a perspectiva de que um homem poderia adquirir o conhecimento através da ligação com outro homem sábio, uma questão que foi destacada pela personagem ao indicar que ele e o espanhol passavam a noite filosofando, pois não gostavam de se entreter com coisas frívolas. Seguindo os ensinamentos de Epicuro, de que o jovem não deveria demorar para filosofar e cuidar daquilo que produz a felicidade,³⁷ o principal tema das discussões das personagens era a filosofia, abrangendo questões sobre a matéria, a infinitude e a constituição dos corpos – humanos e astrais. Eles também trataram sobre a questão do vácuo, os elementos naturais, como a água e o fogo, e refletiram sobre as propriedades dos metais, como o ouro e o ferro. A conversa também fez florescer em Dyrcona o encantamento, ao reconhecer o belo espírito do espanhol.³⁸ Nesse sentido, a conversa unia os homens e os seus debates filosóficos constituíam os seus refúgios, pois eles encontravam nesses momentos

³⁴ Tradução livre: “pour le plaisir que je recevais d’avoir quelqu’un qui m’entretint pendant la solitude de ma brutification”. *Idem*, p. 76.

³⁵ Filippo D’Angelo foi um dos pesquisadores que pontuou como o trecho sugeria as pulsões homossexuais de Cyrano através de um jogo de linguagem sinuoso e insinuante. Ao mesmo tempo, tenta manter um sentido oculto na alusão. D’ANGELO, Filippo. Libertinage, hermaphrodisme et masculinité. *Les Dossiers du Grihl*, n. 4, 2010, p. 4. Disponível em: <https://journals.openedition.org/dossiersgrihl/3964> Acesso em: 12 dezembro 2024; ALCOVER, Analyse. In: CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. CCII-CCIX; PRÉVOT, Jacques. *Cyrano de Bergerac poète et dramaturge*. Paris: Belin, 1978, p. 49.

³⁶ ROSELLINI, Homosexualité et esprit fort dans la première moitié du XVIIe siècle.

³⁷ Na Carta a Meneceu, Epicuro enfatizou a importância da filosofia na vida dos agentes, se jovem ou ancião, não se devia tardar em filosofar. EPICURO, *Cartas & máximas principais*, p. 85.

³⁸ Em um pequeno extrato, o viajante indicou: “verdadeiramente, esse pequeno Espanhol tinha o espírito belo”. Tradução livre: “véritablement, ce petit Espagnol avait l’esprit joli”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 87.

as formas de constituírem os próprios intelectos que haviam sido destituídos ao serem considerados animais pelos governantes selenitas.

A conversação filosófica também foi vivenciada no encontro que Dyrcona teve com os sábios da Lua, através do intermédio do demônio de Sócrates. O jovem filósofo, apresentado na obra como filho do hospedeiro, chegou junto do seu pai, mas era ao filho que devia ser prestado um notável respeito, pois no mundo da Lua os velhos deveriam honrar os jovens.³⁹ Na ocasião, Dyrcona e Sócrates foram recebidos para um jantar, onde juntos discorreriam sobre a filosofia do outro mundo. O filho do hospedeiro era o condutor da conversa, e ao longo da reunião ele emitiu uma série de críticas aos pensamentos, costumes e, principalmente, aos discursos religiosos da sociedade de onde o viajante tinha vindo. O jovem erudito defendia a liberdade sexual, alertava sobre a represália dos religiosos, que se opunham às “satisfações dos homens”, como a masturbação e os excessos do prazer. No mesmo encontro, ele discorreu também sobre o vegetarianismo e a sensibilidade das plantas, indicando a perspectiva de equidade entre os seres diversos; tratou sobre o tema da infinidade do universo para refutar a Criação; defendeu a mortalidade da alma e a desculpabilização dos homens não crentes. Tais considerações, de inspiração epicurista, naturalista e ateuista foram ouvidas pelo viajante, que apresentou uma perspectiva um tanto conformista diante dos pensamentos sulfurosos emitidos pelo sábio. Dessa forma, a reunião serviu para a emissão de críticas sobre os costumes da sociedade francesa e a religião cristã, um momento que permitia o exercício da liberdade de pensamento dos homens ali reunidos, evidenciando a importância dos espaços destinados à reflexão e à sociabilidade erudita para que eles tratassem de temas diversos e críticos.

Em sua passagem pelo mundo do Sol, foi a vez de Dyrcona encontrar com os filósofos Campanella e Descartes. O primeiro foi quem lhe apresentou a Província dos filósofos, local de destino *post-mortem* dos sábios que haviam morrido na Terra. Segundo o erudito, as almas dos filósofos eram únicas, pois não continham impurezas, o que permitia que os seus corpos alcançassem a esfera da luz de forma íntegra. As suas almas eram superiores, assim como o ouro, o diamante e os astros, o que explicaria o fato deles ascenderem integralmente – com o corpo e a alma – ao Sol.⁴⁰ Esse ambiente dedicado à contemplação e à valorização do conhecimento filosófico poderia ser compreendido como uma releitura do Paraíso, um espaço elevado, não somente por conta da sua localização, mas pela qualidade das almas que ali estavam, no caso os filósofos, seres portadores do conhecimento que ali poderiam usufruir

³⁹ *Idem*, p. 101-102.

⁴⁰ *Idem*, p. 311-312.

plenamente de um espírito livre.⁴¹ A partir disso, o viajante exaltou a solicitude do filósofo Campanella, que se dedicou à sua instrução e o esclarecimento das suas dúvidas sobre as particularidades do local, conforme o trecho:

*O prazer que eu recebia, ao escutar esse grande homem, (...) e eu começava frequentemente os temas sábios e curiosos, sobre os quais eu solicitava o seu pensamento, afim de me instruir. E certamente eu jamais vi uma bondade tão grande que a sua; pois ainda que ele pudesse, pela agilidade de sua substância, chegar sozinho em poucas jornadas no reino dos Filósofos, ele preferia se entediar durante muito tempo comigo do que me abandonar nestas vastas solidões.*⁴²

A satisfação de Dyrcona adivinha também da escuta e da contemplação da erudição do sábio, que permitia a sua imersão no ambiente solar, transformando o momento em uma verdadeira viagem de exploração filosófica pelo espaço dos filósofos. Ali, o viajante se sentia um tanto livre para imaginar, questionar, dialogar e, claro, filosofar a partir das instruções de concepção de mundo atomista e naturalista. A ênfase nessa vivência filosófica através da Província dos Filósofos seria indicativa da importância que os espaços destinados à reflexão adquiriram no contexto vivido pelos escritores libertinos. Em um momento onde as fronteiras disciplinares não estavam completamente definidas, as reflexões sobre diversos temas – literários, filosóficos, científicos, políticos – eram válidas nas suas reuniões ou em seus escritos, âmbitos destinados ao desenvolvimento das ideias, e também das práticas.

Os momentos de encontro entre os sábios eram onde as discussões e os múltiplos questionamentos podiam reverberar, como questões existenciais, relacionadas ao cosmos, à cultura e à sociedade ou temáticas relacionadas às religiões e às superstições. Nesse sentido, não se pode ignorar a possibilidade de que as reuniões representadas ao longo das viagens de Dyrcona estavam repercutindo o modelo dos encontros e das reflexões que os libertinos vivenciaram ao longo do século XVII. Encontros mais intimistas, tal como a reunião com o

⁴¹ APPELT, Kelly Caroline. As viagens de Cyrano de Bergerac: entre utopia e imaginação. In: LIEBEL, Silvia (Org.). *Das utopias modernas às distopias contemporâneas*: conceito, prática e representação. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012 p. 134-135.

⁴² Tradução livre: “*Le plaisir que je recevais, en écoutant ce grand homme, (...) et j’entamais souvent tout exprès des matières savantes et curieuses, sur lesquelles je sollicitais sa pensée, afin de m’instruire. Et certes je n’ai jamais vu de bonté si grande que la sienne; car quoiqu’il pût, à cause de l’agilité de sa substance, arriver tout seul en fort peu de journées au royaume des Philosophes, il aimait mieux s’ennuyer longtemps avec moi que de m’abandonner parmi ces vastes solitudes*”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 312. Grifo nosso.

jovem sábio na Lua, poderiam ocorrer, como se pode observar a partir da descrição de Guy Patin em uma carta dirigida ao seu amigo André Falconet, onde o médico compartilhou as companhias e as reflexões que perpassariam o encontro com algumas personalidades, conforme o seguinte trecho:

M. Naudé, bibliotecário de M. o Cardeal Mazarin, amigo íntimo de M. Gassendi como ele é meu, nos convidou para no próximo domingo irmos jantar e dormir nós três em sua casa de Gentilly, desde que sejamos apenas nós três e que nós ali seremos depravados, mas Deus sabe que depravação! M. Naudé naturalmente não bebe a não ser água e jamais provou vinho. M. Gassendi é tão delicado que ele não ousaria beber e imagina que o seu corpo queimaria se ele bebesse. É por isso que posso dizer a um e outro estes versos de Ovídio, “Sóbrio, ele evita o vinho e gosta apenas de água pura”. Por mim, eu posso apenas jogar pó sobre a escritura desses dois grandes homens, eu bebo muito pouco. *E, ainda assim, será uma depravação, mas filosófica, e talvez algo a mais.*⁴³

Apesar do emprego da palavra “depravação”, que naquele período poderia ser empregada para designar os excessos de ingestão de bebida e de comida ou a alegria durante o momento da refeição, Patin reconhecia que o grupo de eruditos não extrapolaria tanto assim em suas conversas filosóficas, ainda mais diante da sobriedade dos seus companheiros, que beberiam água. Na verdade, a água compreendia um dos alimentos da sabedoria, pois além de alimentar ela revigorava os sentidos, aguçava o julgamento e clarificava a mente, dispondo-a ao estudo.⁴⁴ Por isso, nessa reunião eles usufruiriam da companhia um do outro para refletirem em conjunto, um momento em que discorreriam sobre assuntos de seus interesses. Cada um deles possuía uma especialidade, Patin era médico, Naudé era bibliotecário e Gassendi era filósofo e astrônomo, apesar disso, todos eles se encontravam no entusiasmo pela cultura livresca antiga, na postura cética e relativista diante do mundo e da religião, e na valorização

⁴³ Tradução livre: “M. Naudé, bibliothécaire de M. le Cardinal Mazarin, intime ami de M. Gassendi comme il est le mien, nous a engagés pour dimanche prochain à aller souper et coucher nous trois en sa maison de Gentilly, à la charge que nous ne serons que nous trois et que nous y ferons débauche, mais Dieu sait quelle débauche ! M. Naudé ne boit naturellement que de l’eau et n’a jamais goûté vin. M. Gassendi est si délicat qu’il n’en oserait boire et s’imagine que son corps brûlerait s’il en avait bu. C’est pourquoi je puis dire de l’un et de l’autre ce vers d’Ovide, Vina fugit, Gaudet que meris abstemius undis. Pour moi, je ne puis que jeter de la poudre sur l’écriture de ces deux grands hommes, j’en bois fort peu. *Et néanmoins, ce sera une débauche, mais philosophique et peut-être quelque chose d’avantage*”. À André Falconet, le 27 août 1648. In: CAPRON, *Correspondance complète de Guy Patin et autres écrits*. Disponível em: <https://www.biusante.parisdescartes.fr/patin/?do=pg&let=0159> Acesso em: 28 novembro 2024.

⁴⁴ Autres écrits. Une thèse cardinale de Guy Patin : « La Sobriété », 1647. In: *Idem*. Disponível em: <https://numerabilis.u-paris.fr/editions-critiques/patin/?do=pg&let=8223> Acesso em: 12 fevereiro 2025.

da sabedoria como um elemento necessário ao homem para se distinguir dos pedantes e supersticiosos.

Em outro momento da carta, o médico relatou a viagem que fez ao lado de Naudé, e como a ocasião permitiu que eles pudessem tratar, muito livremente, sobre todos os tipos de assuntos, “sem que ninguém tenha ficado escandalizado”. O que quer dizer que havia a confiança e uma reciprocidade entre eles, o que favorecia a emergência de uma reflexão sobre diversos temas. Relacionado a isso, deve-se atentar que o estabelecimento de uma conversação livre com outro homem compreendia um requisito elementar da amizade que os unia, conforme indicou o tradutor de Hobbes, Samuel Sorbière, em sua obra *De l'amitié*, ao buscar por um amigo, ou melhor, em suas palavras: “um homem a quem eu pudesse comunicar tudo o que trabalho de alguma forma em meu espírito, uma pessoa que tenha afeição por mim, que tenha bom senso, *com quem eu pudesse ter uma conversa de coração aberto, com quem eu não esconda e não dissimule coisa nenhuma*”.⁴⁵ Dessa forma, a liberdade deveria reinar no diálogo com um amigo e o encontro com os pares possibilitava que essa liberdade de pensamento pudesse ser vivenciada. Assim, seria possível criar um espaço protegido para os seus exercícios espirituais.

Desde o século XVII pode ser identificada a importância que os círculos destinados aos agrupamentos de letrados e eruditos adquiriram, ambientes onde a liberdade de fala poderia ser experimentada e a diversidade de ideias favorecia a emergência de propostas inéditas e o exercício da autonomia de pensamento. E com a virada do século, tais ambientes se tornaram cada vez mais políticos. Uma questão que remete à consolidação do Estado moderno a partir do absolutismo, conforme a análise de Reinhart Koselleck em *Crítica e crise*. Segundo o autor, nesse processo, o monarca passou a deter o monopólio total a partir da dominação absoluta dos súditos – devendo-se, evidentemente, ter em conta as possibilidades de dominação da época. Deve-se lembrar que desde o século XVI, a sociedade francesa enfrentou problemas ligados à Igreja intolerante, gerando uma série de combates que impactaram a estabilidade social, política e soberana da França. Nesse sentido, a solução encontrada para mitigar os embates e conflitos compreendeu o monarca se colocar acima da religião, pois “o monarca absoluto não reconhecia nenhuma instância superior a si mesmo”. Dessa forma, o governante assumia a responsabilidade de garantir a paz e a ordem, mas também demandava que todos os seus

⁴⁵ Tradução livre: “un homme à qui je puisse communiquer tout ce qui me travaille l'esprit en quelque sorte, une personne qui ait de l'affection pour moy, qui ait bon sens, *avec qui je puisse avoir un entretien à coeur ouvert, à qui je ne cache et je ne dissimule aucune chose*”. SORBIÈRE, Samuel. *De l'amitié*. Paris: Estienne Loyson, 1660, p. 8-12. Grifo nosso.

súditos, sem exceção, se submetessem a ele. Assim, “todos os homens foram reduzidos ao mesmo ponto: ou ficam em desacordo com a própria consciência ou com os acontecimentos do século. (...) Não era mais possível conciliar a consciência e as exigências da situação”. Diante dessa dinâmica, o indivíduo deveria guardar a consciência em seu âmago interior, sendo abafada pelo peso de sua conversão ao príncipe absoluto. A sobrevivência do súdito dependia dessa conversão, que transferia a sua responsabilidade política ao soberano e destinava a sua consciência ao âmbito do privado.⁴⁶

Nesse contexto, as reuniões privadas entre os homens e os seus pares permitiram que os indivíduos encontrassem um espaço onde eles poderiam elaborar os seus pensamentos, longe do espaço público dominado pelo soberano. Assim, os sujeitos poderiam explorar diferentes temas, ideias e outras questões que não necessariamente deveriam ser discutidas amplamente. Os agentes poderiam desenvolver os seus saberes e reflexões sem o medo de se comprometerem. Foi nesse sentido que Emmanuel Bury compreendeu as atividades no âmbito da República das Letras,⁴⁷ em que os debates orais, transmitidos através das correspondências e os envios de livros e resumos, onde a vivência das academias particulares transformava os locais em espaços semi-privados, onde a liberdade de fala poderia estar presente conjuntamente ao ecletismo dos debates. Instituições de ensino como as universidades e as academias, legitimadas pelo Estado, estavam sob o domínio do poder político e religioso, o que quer dizer que havia um controle maior sobre o que poderia ser difundido nelas e o tratamento de determinados temas. Já os gabinetes de sábios e dos salões mundanos, mesmo que tivessem uma proximidade evidente com o poder, estavam mais abertos à acolhida dos pensamentos inéditos e, em alguns casos, subversivos, o que possibilitaria uma certa liberdade de reflexão entre os seus participantes, comparada às reflexões desenvolvidas nos espaços oficiais. Por isso, para Bury, os locais de debate emergentes ao longo do século poderiam ser compreendidos como entre-lugares, ao articularem os saberes especializados em paralelo com as atividades das universidades, apresentando uma receptividade evidente às novas ideias emergentes, como a nova astronomia.⁴⁸

Adicionalmente, Oded Rabinovitch identificou como, nesses espaços, os homens de letras tiveram um papel essencial na sensibilização das elites letradas em relação ao progresso científico da época. Ao analisar o período de 1643 até 1715, ele apontou que através da atuação

⁴⁶ KOSELLECK, *Crítica e crise*, p. 21-23.

⁴⁷ BURKE, Peter. A República das Letras Europeia, 1500-2000. *Estudos Avançados*, v. 25, n.72, p. 277-288, 2011.

⁴⁸ BURY, Emmanuel. Espaces publics, espaces privés: les lieux du débat au XVIIe siècle. In: MCKENNA, Antony; MOREAU, Pierre-François (Org.). *Libertinage et philosophie au XVIIe siècle*. Le public et le privé, 3. Saint-Étienne: Université de Saint-Étienne, 1999, p. 96.

desses indivíduos, um número crescente de textos foi produzido fora do contexto das instituições socialmente reconhecidas, como as universidades que naquele momento detinham o poder de legitimar os discursos explicativos sobre o mundo natural. Os escritores atuantes nesses meios eram homens que advinham de diferentes espaços sociais, tinham como ofício a escrita, o que os levou a trabalhar como secretários e preceptores dos filhos da aristocracia, fornecendo uma diversidade de serviços textuais. Eles dependiam, sobretudo, dos círculos formados pelos eruditos e amadores, sendo levados a frequentar os salões de uma elite educada e constituída pela heterogeneidade de leitores. Nesses ambientes, eles divulgavam os seus textos e, aos poucos, uma parte notável da elite cultural francesa manifestou um interesse crescente pelas ciências naturais, que era cultivava por meio do gosto, da leitura de publicações e de formas de sociabilidade emanadas do mundo das letras, segundo Rabinovitch.⁴⁹

As reuniões também permitiam que os seus participantes vivenciassem momentos agradáveis e prazerosos, uma percepção frequentemente identificada nos escritos dos libertinos. Em *Hexaméron rustique*, publicado anonimamente em 1670, mas escrito por François La Mothe Le Vayer, o autor se dedicou à descrição das reuniões vivenciadas por seis amigos, “pessoas de honra e de mérito”, reputados pelas suas ciências e suas sabedorias”, que encontraram no campo a tranquilidade para se reunirem, estudarem, lerem, comporem, discutirem e exercitarem juntos os seus corpos e os seus espíritos.⁵⁰ O texto foi dividido em seis capítulos dedicados aos seis dias, onde cada um dos sábios escolhia um tema para discutir em conjunto com o grupo, apoiados nos textos dos Antigos. A síntese dessa obra relembra o que foi relatado por Pierre Gassendi numa carta endereçada a Marc-Antoine Neuré, em memória do seu falecido amigo Gabriel Naudé, sobre as reuniões vivenciadas ao lado de homens notáveis:

Um feliz destino mantém ainda em vida homens notáveis (tu conheces pessoalmente todos), Élie Diodati e François de La Mothe Le Vayer; todos os quatro, tínhamos o hábito de nos reunir frequentemente e nos hospedar no campo; especialmente antes de Naudé partir para a Itália, há mais de vinte e dois anos. Ele mesmo relatou e descreveu certas discussões que nós tivemos todos os quatro, e em particular no seu *Recueil sur le zèle militaire*; quando

⁴⁹ RABINOVITCH, Oded. Hommes de lettres et révolution scientifique. Genèse d'un récit au temps de Louis XIV. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, v. 3, n. 78, 2023, p. 547-550.

⁵⁰ Tradução livre: “gens d'honneur et de mérite”, réputés pour leur science et leur sagesse”. JEANNERET, Michael. « Envelopper les ordures » ? Érotisme et libertinage au XVIIe siècle. *Littératures Classiques*, n. 55, 2005, p. 165. A obra *L'Hexaméron rustique* também entrou na lista do *Index*. LA MOTHE LE VAYER, François de. *Hexaméron rustique ou les six journées passées à la campagne entre des personnes studieuses*. Paris: Isidore Lisieux, 1875.

nós nos reuníamos, ele tinha o hábito de dizer que concordava com Pitágoras se ele jurasse por uma tal tétrada.⁵¹

O pequeno grupo, conhecido como Tétrada, por isso a referência a Pitágoras no excerto, reunia-se informalmente durante os anos de 1630, e conforme indicação de Georges Minois, teria se juntado a eles outros homens, como o erudito Auger de Mauléon, os advogados Charles Ferramus e René Chantecler, o orientalista Jacques Gaffarel, o guia de Saint-Gilles Étienne Pellault, e o magistrado François-Auguste de Thou.⁵² Tais encontros permitiam a vivência de uma sociabilidade mundana aliada a erudição dos homens, espaços onde também poderiam construir a própria masculinidade, a partir de uma convivência coletiva que favorecia os estudos e o cultivo de si. A literatura que trata da libertinagem aponta como a questão do grupo, ou melhor, da formação de grupos, de salões e de reuniões compostas por eruditos, é uma condição verificada entre os pensadores libertinos.⁵³ Talvez essa prática de sociabilidade possa ser compreendida como uma facilitadora do exercício da escrita libertina, pois, em suas reuniões, eles podiam debater e trocar ideias sobre múltiplos temas – científicos, filosóficos, religiosos, políticos, praticavam a leitura e a divulgação de obras, etc. –, um aspecto que, possivelmente, serviu de inspiração para os escritores, ao proporem uma filosofia alternativa e crítica, oposta às concepções dominantes da época. Assim, as reuniões poderiam servir como espaços protegidos para o desenvolvimento de ideias novas e dos seus escritos, o que explicaria também a referência às companhias e encontros em seus textos. As suas obras também foram transformadas em espaços de reflexão, de discussão e encontro com o prazer, ao colocarem em cena as discussões e representações das suas relações, indicando como a experiência de vida libertina estava ligada com os seus escritos libertinos.

Se nos escritos de Cyrano temos um elogio às discussões filosóficas entre os eruditos, em *Page disgracié*, de Tristan L’Hermite, pode ser encontrada uma valorização da

⁵¹ Tradução livre: “Un heureux destin maintient encore en vie des hommes remarquables (tu les connais personnellement entre tous), Élie Diodati et François de La Mothe Le Vayer; tous les quatre, nous avons souvent l’habitude de nous reunir et de séjourner à la campagne, et surtout avant que Naudé ne parte en Italie, il y a plus de vingt-deux ans. Il a lui-même rapporté et décrit certaines des discussions que nous avons eles tous les quatre, et en particulier dans son Recueil sur le zèle militaire; quand nous nous réunissions, il avait l’habitude de dire qu’il s’accordait avec Pythagore s’il a juré par une telle tétrade”. GASSENDI, Pierre. *Lettres latines*. Traduction par Sylvie Taussig. Turnhout: Brepols, 2003, p. 608.

⁵² MINOIS, *História do ateísmo*, p. 213.

⁵³ PINTARD, *Le Libertinage érudit dans la première moitié du XVIIe siècle*; GIAVARINI, Laurence. Écrire le groupe, écrire en groupe : pour une histoire du fait social de la littérature sous l’Ancien Régime. *Les Dossiers du Grihl*, v. 15, n. 1, 2022 Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/8103> Acesso em: 11 fevereiro 2025.

convivialidade do pajem Ariston com personalidades de diferentes meios: em momentos partilhados com o filósofo mágico, com seus distintos mestres e entre jovens estudantes. As personagens femininas se encontram em maior número na obra, mas elas foram representadas como se estivessem sempre encantadas pelo pajem, quem nem sempre retribuía seus afetos. Apenas uma delas foi destacada como virtuosa, ao demonstrar o interesse pelos estudos de física, história e anatomia. No entanto, era com os homens que o pajem conseguia se conectar, verdadeiramente, para exercitar as atividades espirituais e adquirir conhecimentos relevantes que possibilitaram a sua progressão na escrita, o que favoreceu o seu desenvolvimento como homem de letras.

O filósofo, portador da pedra filosofal, foi descrito como alguém muito sábio, conhecedor de todas as línguas e costumes do globo. O pajem ocupou a posição de iniciado e durante os dias em que estiveram juntos, o filósofo informava o pajem sobre os saberes mágicos da natureza, os encantamentos da pedra filosofal e sobre os possíveis eventos que ocorreriam em sua vida. E, por fim, o sábio reforçou ao pajem a importância da sabedoria, já que somente depois de adquiri-la é que o pajem conseguiria enfrentar os possíveis infortúnios que sofreria ao longo de sua vida. Um momento revelador sobre a importância do conhecimento e a sua finalidade enquanto uma força transformadora na vida dos indivíduos.

O conselho do filósofo fez com que o pajem estivesse disposto a aproveitar as oportunidades que aparecessem em seu caminho para adquirir novos conhecimentos. Ao atuar como o doméstico na residência de um honesto cavaleiro, o jovem estabeleceu uma relação de afeto com o seu mestre, alguém que ele honrava não somente pelo seu mérito, mas pelos favores recebidos dele. Ao perceber os “brilhos de espírito” do pajem e a sua inclinação à poesia, o honesto homem incentivou-o através da leitura dos livros e da tradução de algum epigrama latina, ou algum soneto de Petrarca. Em conjunto, eles também analisavam as suas composições, e o mestre compartilhava com ele os seus escritos. Na opinião do pajem, os textos dele não eram muito bem escritos e não possuíam um gênio feliz, “ainda que ele fosse de uma raça toda plena de belos espíritos, e de grandes poetas”.⁵⁴ Ainda assim, a atividade permitiu que o jovem avançasse na sua prática de escrita e o momento também estimulou a afeição entre eles, mesmo diante da diferença da camada social a que cada um pertencia.⁵⁵ Em seguida, o

⁵⁴ Tradução livre: “encore qu’il fust d’une race toute pleine de beaux esprits, & de grands Poëtes”. TRISTAN L’HERMITE, *Le page disgracié*, Seconde partie, 1643, p. 194.

⁵⁵ Em mais de uma ocasião, o pajem apontou a grande estima que o seu mestre tinha por ele, conforma os exemplos dos trechos seguintes: “Eu passei alguns meses nessa Casa, tão querido do meu Mestre, e dos seus próximos, que aqueles da moradia tinham inveja da minha aparente felicidade”. Tradução livre: “Je passay quelques mois en cette Maison, si chery de mon Maistre, & de ses proches, que ceux du logis portoient enuie à mon apparent

pajem passou a servir para o tio do cavaleiro, que era um homem longevo, considerado um dos maiores espíritos daquele século. O jovem aprendeu com esse novo mestre excelentes lições, principalmente a partir da leitura dos livros, pois além de ficar encarregado pela organização da sua biblioteca, ele lia durante muitas horas ao ancião que já não podia mais enxergar. Dessa forma, a convivência com homens elevados possibilitou que Ariston desenvolvesse as suas habilidades como escritor e leitor, favorecendo o exercício do seu espírito.

O prazer adquirido através da leitura dos livros, em meio à sociabilidade com os pares, também compreendia parte das atividades vivenciadas pelos jovens, conforme o relato do pajem sobre a convivência tida com um grupo de estudantes:

Nos saímos da cidade para ir caminhar, quatorze ou quinze bons meninos, entre os quais havia alguns filósofos, alguns poetas e alguns oradores, mas entre eles jovens muito debochados com um dom muito natural para amar os belos conhecimentos, mas muito preguiçosos para poder possuí-los. Nós tínhamos quatro ou cinco que estavam encarregados cada um de um livro para nos divertir. (...) Nós encontramos um lugar agradável para ler na sombra, deitados sobre o ventre na borda de um riacho, onde a grama era macia e fresca. Nós fizemos ali declamações em verso e em prosa, e nos entretemos com prazer nesse belo lugar.⁵⁶

Apesar dos jovens terem sido descritos pelo pajem como pessoas preguiçosas, identifica-se que a leitura era uma atividade desenvolvida entre eles, o que poderia favorecer a obtenção do conhecimento ao mesmo tempo que permitia o deleite. Deve-se destacar que no período moderno, desde cedo, a sociabilidade dos jovens compreendia a participação em grupos compostos por indivíduos do mesmo sexo. Segundo Robert Muchembled, os rapazes tiveram que inventar as próprias sociabilidades, pois a partir dos sinais da puberdade, aproximadamente aos 14 anos, eles eram incentivados pelos genitores a trabalharem, estudarem e ficarem a maior parte de tempo possível longe de casa, vivenciando os espaços públicos. Eles se reuniam em

bon-heur". "Mas meu Mestre parecia gostar particularmente do meu espírito". Tradução livre: "Mais mon Maître qui sembloit aymer particulièrement mon esprit". *Idem*, p. 194-195.

⁵⁶ Tradução livre: "nous sortimes de la ville, pour nous aller promener quatorze ou quinze bons garçons, entre lesquels il y auoit quelques Philosophes, quelques Poëtes & quelques Orateurs; mais parmy cela beaucoup de jeunes desbauchez d'assez bon naturel, pour aymer les belles cognoissances, mais trop paresseux pour les pouuoir posseder. Nous estions quatre ou cinq, qui nous estions chargez chacun d'un liure pour nous divertir. (...) Nous trouuâmes vn agreable endroit pour lire à l'ombre, couchez sur le ventre au bord d'un ruisseau, où le gazon estoit mol & frais. Nous y fîmes des déclamations en vers & en prose, & nous entretîmes avec plaisir en ce beau lieu". *Idem.*, p. 359-361.

bandos, “reinos da juventude”, onde juntos poderiam desbravar as suas pulsões viris antes de chegarem na idade em que deveriam se casar, idade que aumenta progressivamente ao longo da modernidade, girando em torno de 28 e 30 anos ao final do século XVIII. Esses grupos da juventude também recrutavam outros rapazes, sendo compostos conforme as ocasiões e as afinidades, e em função de suas pertencas sociais. Em oposição a isso, as meninas eram mantidas longe dos meninos, sob a tutela dos pais e de outras mulheres, para preservarem a virgindade. A sociabilidade feminina também era diferente, pois em seus grupos se misturavam todas as idades e poderiam funcionar a partir de princípios hierárquicos.⁵⁷

A partir da adolescência, os meninos já vivenciavam o mundo a partir do estabelecimento de relações com outros jovens em núcleos não mistos, espaços onde forjavam as suas virilidades e masculinidades, formulavam as suas identificações e, a partir daí, construíam as afinidades em conjunto com os seus pares. Aspectos também observados nas representações iconográficas do período, conforme apontou Nadeije Laneyrie-Dagen, ao indicar que os destinos e comportamentos dos sexos eram representadas de formas distintas em diversas obras de arte. Do jogo à educação, encontravam-se divergências entre meninos e meninas. Os primeiros eram figurados por brinquedos, além do cavalo de madeira, uma curta espada ou um tambor, jogos de agressão, ou tudo o que envolvia movimento ou barulho, e as meninas seguravam em suas mãos uma boneca ou um buquê. Os grupos também constituíam espaços discretos para as meninas, ao serem relegadas ao interior ou às imediações das casas em diversos quadros. E quanto à educação, a iconografia era, igualmente, contrastante. As meninas eram representadas nos espaços do lar e junto das suas mães, já os meninos eram, novamente, destinados a saírem de suas casas e irem até a escola. Os comportamentos de homens e mulheres adultas não eram menos opostos, e os homens eram apresentados como animais de uma vocação abertamente sociável e de um corpo extremamente presente, a partir de representações em que estavam se alimentando, bebendo e fumando, às vezes de forma um tanto desregrada, o que poderia caracterizar muito mais o macho adulto, homem do povo e das baixas categorias sociais.⁵⁸

Os homens valorizavam os prazeres da mesa. Um aspecto que pode ser identificado em *Page disgracié*, quando Ariston descreveu a convivência com os comediantes do teatro, que ele conheceu ainda jovem. Segundo o pajem, eles sempre estavam na mesa, “onde uns continuavam

⁵⁷ MUCHEMBLED, *História da violência*, p. 57.

⁵⁸ LANEYRIE-DAGEN, Nadeije. O testemunho da pintura. In: CORBIN; COURTINE; VIGARELLO (Dir.). *História da virilidade*. 1. A invenção da virilidade Da Antiguidade às Luzes, p. 451-454.

a brindar à saúde e os outros se divertiam fazendo contos para rir”.⁵⁹ A ocasião permitia que eles desfrutassem, em conjunto, das bebidas e das companhias. Um elemento também identificado nas descrições de *Voyage* de Chappelle e Bachaumont, onde os escritores não exaltaram apenas as companhias de colegas, amigos e alguns aristocratas, como os banquetes compartilhados com eles conforme viajavam pela França. Nessas ocasiões, a bebida alcoólica poderia ser reivindicada como uma fonte de prazer e celebração entre os envolvidos. Quando os viajantes passaram pela cidade de Cassis, por exemplo, eles não resistiram aos encantos do vinho “moscatel”, conforme descrito nos seguintes versos:

Que os mercadores e os barqueiros
O tornam muito respeitável:
Mas pelo Moscatel adorável
Que um sol próximo e favorável
Preservado nos queimados rochedos,
Vocês o terão, caros irmãos,
E do melhor sobre a sua mesa.⁶⁰

Segundo o historiador Didier Foucault, os libertinos eram fortemente inspirados pelos diferentes tipos de prazeres, e os momentos vivenciados à mesa compreendiam um deles. Por isso, em seus escritos, é possível encontrar descrições dedicadas à exaltação dos banquetes, que acompanhavam a ingestão de alimentos e bebidas. A referência ao vinho, como no caso do extrato acima, compreendia uma das delícias que eram desfrutadas nessas ocasiões e podiam ser exaltadas. A representatividade desses momentos de convivialidade também foi analisada por Judith Sribnai, que apontou como desde a Antiguidade os filósofos já valorizavam o banquete. Inclusive, ele foi um tema explorado por La Mothe Le Vayer a partir do banquete cético, onde rememorou que nessas ocasiões era permitida a conjunção do corpo e do espírito dos seus participantes.⁶¹ De acordo com Sribnai, o momento dedicado ao comer e beber em conjunto de outras pessoas poderia ser compreendido como um espaço de reconhecimento e estabelecimento da identidade dos seus participantes, que se viam como iguais e semelhantes.

⁵⁹ Tradução livre: “où les vns continuoient de boire des santez, & les autres s’amusoient à faire des comptes pour rire”. TRISTAN L’HERMITE, *Le Page disgracie*, Première partie, 1643, p. 97.

⁶⁰ Tradução livre: “Que les marchands & les nochers / La rendent fort considerable: / Mais pour le Muscat adorable, / Qu’un soleil proche & favorable / Confit dans les brûlans Rochers, / Vous en aurez, freres tres chers, / Et du meilleur sur vôte table.” CHAPPELLE; BACHAUMONT, *Voyage de messieurs de Bachaumont, et la Chappelle*. In: RECUEIL de quelques Pieces Nouvelles et Galantes, p. 69.

⁶¹ LA MOTHE LE VAYER, François de. Le Banquet sceptique. In: *Cinq dialogues faits à l’imitation des anciens, par Oratius Tubero*. Tome I. Francfort: Jean Savius, 1716

Mas, por outro lado, o banquete poderia compreender um momento privilegiado para a imposição e visibilidade das hierarquias e divisões sociais. Aquele que convidava era quem alimentava a si mesmo e aos outros, por isso ele teria um poder que não seria apenas simbólico.⁶² Dessa forma, a reivindicação desses momentos à mesa, pelos libertinos, agregava uma diversidade de significados que não apenas a reivindicação da glotonaria e da embriaguez, mas sim de promoção da conversação entre os participantes e, também, da legitimação das suas posições, do prazer que poderia ser vivenciado em conjunto com outros homens que os reconheciam, etc.

Nas *Avantures* de Charles Dassoucy, o encontro com outros homens ocorria também em tavernas, estalagens e nas academias de jogos.⁶³ Os jogos de mesa, por exemplo, foram evocados a partir do protagonista da obra que apreciava os jogos de azar, um elemento também explorado em *Page disgracié*, aspectos ilustrativos sobre uma sociabilidade precária que não repousava sob o princípio da unificação das relações dos homens, conforme indicou Sribnai, já que nesses ambientes eles podiam ser enganados ou traídos pelos outros.⁶⁴ Já as reuniões nas tavernas e estalagens, com frequentadores de quase todas as condições, como pessoas comuns, aristocratas que vinham se divertir na companhia de escritores e burgueses,⁶⁵ propiciavam o convívio dos homens e a possibilidade de celebração do encontro a partir de uma alimentação feita em conjunto. Numa dessas ocasiões, Dassoucy encontrou com Phillippot Savoyard, músico reconhecido pelas canções que emitia na Pont-Neuf.⁶⁶ Ele apresentou a sua “Canção lamentável e recreativa sobre a morte de um sapateiro, que cortou a sua garganta com o seu buril para se vingar da infidelidade de sua mulher”,⁶⁷ que gerou a comoção de Dassoucy,

⁶² SRIBNAI, Judith. Les amis à table : scènes de repas dans quelques romans du XVIIe siècle. *Topiques, études satoriennes / Topoi Studies, Journal of the SATOR*, v. 1, 2015, p. 3-5.

⁶³ Em *Avantures*, Dassoucy declara o seu desejo pelo jogo: “como um jogador não saberia viver sem cartas, não mais que um marinheiro sem tabaco”, a primeira coisa que ele fez foi ir ao encontro de uma Academia. Segundo ele: “eu já havia ouvido falar do mérito desse lugar, e da capacidade de vários homens galantes que divertiram muito galantemente os bem-aventurados passantes que adoravam jogar três dados”. Tradução livre: “comme un joueur ne sauroit vivre sans cartes, non plus qu’un martelot sans tabac”; “j’avois déjà ouï parler du mérite de ce lieu, & de la capacité de plusieurs galans hommes qui divertissoient fort galamment les bien-heureux passans qui aymoient à jouer à trois dez”. DASSOUCY, *Les Avantures de Monsieur D’Assoucy*, Tome premier, p. 309.

⁶⁴ SRIBNAI, Les amis à table, p. 5.

⁶⁵ FOUCAULT, Didier. Vin et libertinage au XVIIe siècle. Jocelyne Pérard, Claudine Wolikow. Boire du vin, hier et aujourd’hui, Centre Georges Chevier, 2018, p. 15.

⁶⁶ De acordo com Bertrand, Savoyard foi celebrado por Saint-Amant na Épître héroï-comique à Monseigneur le duc d’Orléans. Também houve uma coleção dedicada às suas canções, impressa sob o título RECUEIL général des chansons du capitaine Savoyard, par lui seul chantées dans Paris, 1645. Ver também RECUEIL nouveau des chansons du Savoyard Par luy seul chantées dans Paris. Paris: Veuve Jean Promé, 1665; DASSOUCY, *Les Aventures et les Prisons*, p. 625.

⁶⁷ Tradução livre: “Chanson pitoyable et recreative sur la mort d’un Cordonnier qui se coupa la gorge avec son tranchet pour se vanger de l’infidélité de sa femme”. DASSOUCY, *Les Avantures de Monsieur D’Assoucy*. Tome premier, p. 254.

fazendo com que ele reconhecesse a importância da poesia tocar os seus ouvintes, ao excitarem as suas emoções.⁶⁸ Para comemorar o encontro, os dois homens sentaram à mesa para beberem e se saudarem, conforme o trecho descritivo sobre momento:

Ah, Senhor Savoyard, eu lhe disse, seja bem reencontrado; como de Cantor para Cantor e de Poeta para Poeta só existe a mão, nossas Musas devem beber juntas. Dito isso, depois de tê-lo feito sentar-se, eu lhe dei uma fatia de patê, e para mostrar a estima que eu fazia de seu mérito, eu levei várias taças de vinho a esse cavalheiro, dizendo à saúde do grande Savoyard Príncipe dos Poetas da Samaritaine, e ele, para me prestar o mesmo, me respondeu tantas vezes dizendo, à saúde do grande Dassoucy, Príncipe dos Poetas Burlescos. Isso feito, como em encontros parecidos os grandes príncipes se presenteiam, ele me presenteou com um dos seus livros de canções, que eu peguei de sua mão peluda com toda a reverência que eu devia a uma tão bela mão e a tão belas obras. E, para não parecer menos generoso, eu lhe ofereci as minhas, mas no lugar de aceitá-las, ele me disse: Ai de mim! Senhor, se eu tivesse apenas canções dessa natureza meu pobre Parnaso logo estaria arruinado e minhas pobres Musas tão profundamente feridas. (...) Não, Senhor, guarde suas belas canções para as orelhas dos Príncipes e o gabinete dos Reis.⁶⁹

A partir dessa convivência, onde Dassoucy ofertou o que comer e ofereceu a sua afeição a partir dos prazeres da mesa, ele demonstrou a sua posição de superioridade diante do cantor,

⁶⁸ Dassoucy elogiou Savoyard: “eu lhe disse que me sentia insolvente para lhe pagar o prazer que ele havia me dado, e que ele havia razão de nomear a sua canção de lamentável e recreativa, porque em conjunto ela nos fez rir e tão bem chorar (...), e eu desafiei os mais belos espíritos do tempo a jamais poder imitá-la; e, apesar de que suas rimas fossem triviais e suas expressões banais, que tendo, por uma faculdade secreta, a força de emocionar e de fazer rir, elas eram infinitamente preferíveis a todas as rimas rasas e geladas de tantos poetas úmidos, cuja poesia insípida e sem graça não saberia nem fazer rir nem fazer chorar. Que eu não queria perder os traços de um homem tão raro e tão particular.” Tradução livre: “je luy dis que je me sentois insolvable pour luy payer le plaisir qu’il m’avoir donné, & qu’il avoit bien raison d’appeller sa chanson pitoyable & recreative, puisque tout ensemble elle nous avoit si bien fait rire & si bien pleurer (...), que je défiois les plus beaux esprits du temps de la pouvoir jamais imiter; & que bien que ses rimes fussent triviales & ses expressions vulgaires, qu’ayant par une faculté occulte la puissance d’émouvoir & de faire rire, elles estoient infiniment preferables à toutes les rimes plates & glacées de tant de Poëtes morfondus, dont la Poësie insipide & fade ne sçauroit ny faire rire ny faire pleurer. Qu’au reste je ne voulois point perdres les traces d’un homme si rare & si particulier”. *Idem*, p. 255-257.

⁶⁹ Tradução livre: “Ha, Monsieur le Savoyard, luy dis-je, soyez le bien rencontré; côme de Chantre à Chantre & de Poëte à Poëte il n’y a que la main, il faut que nos Muses boivent ensemble. Cela dit, après l’avoir fait asseoir, je luy donnay une tranche de pêté, & pour luy montrer l’estime que je faisois de son merite, je portay plusieurs razades à ce Gentil-homme, en disant à la santé du grand Savoyard Prince des Poëtes de la Samaritaine, & luy pour me rendre la pareille me risposta autant de fois en disant, à la santé du grand d’Assoucy Prince des Poëtes Burlesques. Cela fait, comme dans de semblables rencontres les grands Princes s’entre-regalent, il me regalla d’un de ses livres de chansons, que je pris de sa main veluë avec toute la reverence que je devois à une si belle main & à de si beaux ouvrages. Et pour ne paroistre pas moins genereux, je luy offris des miennes, mais au lieu de les accepter il me dit: Helas ! Monsieur, si je n’avois que des chansons de cette nature, mon pauvre Parnasse seroit bien-tost à cu, & mës pauvres Muses bien bas percées. (...) Non, Monsieur, gardez vos belles chansons pour les oreilles des Princes & le cabinet des Roys”. *Idem*, p. 248-260.

e na mesma ocasião ele foi reconhecido pelo seu companheiro como um escritor, um grande poeta burlesco que servia à corte. Nesse sentido, o trecho pareceu deixar subentendido que quem deveria ser celebrado e saudado era, na verdade, o próprio Dassoucy e não necessariamente Savoyard com suas canções. O encontro serviu para que o escritor tivesse a sua excelência honrada e a sua reputação legitimada, já que ele era um escritor atuante na corte. Ainda assim, a poesia que parecia tocar melhor os sentidos dos ouvintes e leitores era a de Dassoucy, e o encontro com o outro poeta permitia a legitimação e celebração da sua prática.

As diferentes formas de reivindicação da companhia de outros homens, manifestas nos escritos dos libertinos, seriam representativas das sociabilidades masculinas e da valorização dos espaços de homossociabilidades, que permitiam aos agentes libertinos o exercício de seus intelectos, das suas práticas, além da constituição das suas masculinidades e laços. A convivência com os pares permitia a circularidade e aproximação dos seus corpos e ideias, revelando a importância do debate, do encontro, da troca de pensamentos e, claro, dos seus escritos. A partir da escrita dos textos, os escritores poderiam experimentar um tipo de liberdade, que aliada ao prazer da convivência, permitia a aclamação da autonomia, da imaginação, do gênio libertino, e das suas amizades.

2.2. Amizades ideais

Mais de um homem do período moderno revelou a importância da amizade. Em *Voyage* de Chappelle e Bachaumont, os viajantes revelaram que entre os homens do Parlamento não existia nenhum deles que não era feliz de estar entre os seus amigos.⁷⁰ A dupla teve bons momentos ao lado de diferentes companheiros como, por exemplo, Alphonse d'Elbène, bispo de Orléans, o amigo d'Aubeville, o Senhor Coulon e o Conde de Lussan. Outro aspecto importante é que a *Voyage* constituía um relato redigido a quatro mãos, com objetivo de informar e entreter outros camaradas, os irmãos Broussin.⁷¹ Ou seja, a obra foi composta a partir

⁷⁰ O trecho em questão diz: “Não havia um homem no Parlamento que não seja feliz de estar entre os seus amigos”. Tradução livre: “Il n’y a pas un homme dans le Parlement qui ne soit ravy d’estre de ses amis”. CHAPPELLE; BACHAUMONT, *Voyage de messieurs de Bachaumont, et la Chapelle*, In: RECUEIL de quelques Pieces Nouvelles et Galantes, p. 45.

⁷¹ Aspectos que podem ser identificados a partir dos trechos: “C’est en vers que je vous écris,/ Messieurs les deux freres, nourris / Aussi bien que gens de la ville; / Aussi voit-on plus de Perdrix / En dix jours chez vous, qu’en dix mille / Chez le plus friands de Paris. Vous nous attendez à l’histoire / De ce qui nous est arrivé / Depuis que par le long pavé, / Qui conduit aux Rives de Loire.” E “Contre le serment solemnel, que nous avons fait

de um laço de reciprocidade, que foi reivindicado ao longo do texto e representado conforme alguns dos encontros vivenciados pelos personagens do escrito.

A reivindicação da temática da amizade também foi apresentada nos escritos de Cyrano, Tristan e Dassoucy, já que ela compreendia um sentimento apreciado entre os homens de letras. Segundo Frédéric Martin, os humanistas da Renascença deram um vigor novo ao sentimento, que atuava como um motor de difusão dos saberes e de fundamentação da República das Letras.⁷² Mas essa valorização dos laços entre os homens constituía um objeto muito privilegiado pelos filósofos desde a Antiguidade. Epicuro, por exemplo, foi um dos filósofos que indicou: “Dentre aquilo que a sabedoria prepara em vista de garantir a felicidade ao longo da vida, de longe o mais importante é a posse da amizade”.⁷³ Uma máxima, que de certa forma, inspirou os libertinos a valorizarem os seus amigos. Outros filósofos também influenciaram as perspectivas dos escritores, ao fornecerem explicações e exemplares sobre o sentido dessa relação. Obras como *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, *Cartas a Lucílio* de Sêneca, *Lísias* de Platão, *Da amizade* de Cícero e *Vida dos homens ilustres* de Plutarco, trataram sobre o tema e constituíram as principais referências sobre a amizade para os Modernos. Em linhas gerais, mesmo considerando as variabilidades do texto de cada um, os filósofos apresentaram a amizade como uma virtude, uma ligação que promovia a utilidade e o prazer, uma ligação espiritual e filosófica, que devia ser igualitária e recíproca, pois compreendia uma sociabilidade que era natural ao homem, o que favorecia a sua doação e afeição pelo outro. Para alguns desses filósofos, a amizade também compreendia uma ligação de valor universal, sendo considerada uma essência da vida social, uma amizade cívica, que compreendia a *philia* grega. Ela consistia em uma afinidade que promovia a aproximação dos indivíduos, beneficiando a paz civil e a perspectiva de fraternidade nas comunidades e nos grupos humanos.⁷⁴

Os ambientes humanistas da modernidade cultivaram a perspectiva da *philia*, como uma essência da vida social e valorizavam as amizades com outros homens a partir de uma ritualização dos laços, que poderia envolver a troca de correspondências, as menções em suas

Monsieur de la Chapelle, & moy, d'estre si fort-unis dans le Voyage, que toutes choses seroient en commun, il n'a pas laissé par une distinction philosophique de pretendre en pouvoir separer ses pensées; Et croyant y gagner il s'estoit caché de moy pour vous écrire; Je l'ay surpris sur le fait, & n'ay pû souffrir qu'il eût seul cet avantage, ses vers m'ont paru d'une maniere si aisée, que m'estant imagine qu'il estoit bien facile d'en faire de même, Quoyque malade, & paresseux, / Je n'ay pû m'empescher de mettre / Quelques-uns des miens avec eux; Ainsi le reste de la letre / Sera l'ouvrage de tous deux”. *Idem*, p. 35-36.

⁷² MARTIN, Frédéric. Les amitiés poétiques, représentations et réalités. In: *Les Politesse du seuil*. Poèmes liminaires et sociabilités poétiques (1598-1630). Paris: Classiques Garnier, 2022, p. 208.

⁷³ EPICURO. *Cartas & máximas principais*, p. 130.

⁷⁴ DAUMAS, Maurice. *L'Amitié dans les écrits du for privé et les correspondances de la fin du Moyen Âge à 1914*. Pau: Puppa, 2014,, p. 11-13.

publicações, a troca de presentes, a hospitalidade, a reciprocidade e o apoio cedido diante das adversidades. Contudo, deve-se lembrar que a perspectiva da *philia* também poderia compreender outros tipos de amizades, como a “amizade de preeminência”, que perpassava as relações de um rei com os seus súditos, de um pai com os seus filhos e de um marido com a sua mulher, pois elas eram baseadas no poder e no dever de proteção, onde o homem deveria exercer o cuidado, prover as necessidades e as benfeitorias aos outros.⁷⁵ Mesmo assim, a amizade, segundo os modelos antigos, compreendia um valor distinto para as relações entre os homens, pois era somente entre eles que ela poderia vigorar de forma equivalente. Nesse sentido, “a amizade era concebida como uma relação igualitária (o que excluía por definição um caráter misto) e, em sua versão elitista, de uma qualidade tão particular que as mulheres não podiam acessá-la, inclusive entre si”.⁷⁶ E dentro dessa perspectiva, o vínculo afetivo entre dois homens podia envolver tanto a devoção como a paixão, como se a afinidade compreendesse um verdadeiro encontro de almas espelhadas.

Em 1644, François de La Mothe Le Vayer publicou o segundo volume de *Opuscules ou Petits traictez*, que foi dedicado ao seu colega e amigo Gabriel Naudé. O escritor foi reverenciado a partir do trecho que diz: “Gosto mais de lhe prestar o gesto de amigo, do qual fala Plínio, o Jovem, abstendo-me de todo elogio que poderia considerar oneroso”.⁷⁷ Em seguida, o libertino explorou o tema da amizade em um texto intitulado “*De l’amitié*”. Fortemente influenciado pelas perspectivas antigas sobre a amizade, o escritor retomou algumas interpretações sobre o tema a partir das obras de Luciano, Aristóteles, Temístio, Sêneca, Diógenes, Cícero e Epicuro. Através dos exemplos, ele indicou a perspectiva de que uma relação de amizade entre dois amigos compreendia um vínculo forte, pois eles compartilhavam uma única alma, que seria atada pela afeição e pela equidade que emanava das partes envolvidas. Na sua concepção, o fruto da amizade entre dois homens advinha também da plena correspondência e da boa vontade em nutrir o afeto. Sendo assim, os dois amigos teriam os seus corações unidos, “podendo se ver e se considerar um no outro como um espelho fiel, esse que muito serve para se chegar ao conhecimento de si mesmo”. Não existiria, assim, melhor espelho no mundo do que um bom e velho amigo, já que ele seria o responsável por

⁷⁵ MARTIN, Les amitiés poétiques, représentations et réalités. In: *Les Polittesses du seuil*, p. 210-211.

⁷⁶ DAUMAS, Maurice. Corações valentes, corações ternos. A amizade e o amor na época moderna. In: In: CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, *História das emoções*: 1, p. 438.

⁷⁷ Tradução livre: “J’aime mieux vous faire le trait d’amy, dont parle Pline le jeune, m’abstenant de toute louange que vous pourriez nommer onereuse”. LA MOTHE LE VAYER, François de. *Opuscules ou Petits traictez*. Paris: Antoine de Sommerville et Augustin Couré, 1644, s.p.. Disponível em: [ark:/12148/bpt6k10403024](https://nbn-resolving.org/urn:nbn:fr:ap01-bpt6k10403024) Acesso em: 12 de dezembro 2024.

levar o seu par ao encontro da sabedoria de si mesmo.⁷⁸ A relação ideal defendida por La Mothe Le Vayer era inspirada na perspectiva de amizade fundamentada pela virtude, que foi descrita por Aristóteles, sendo considerada uma das mais raras. De todo modo, essa relação evidenciava o desejo de reconhecimento a partir de uma interação com o seu semelhante, onde o amigo era considerado igual, e a amizade era totalmente dedicada ao bem que se buscava obter para o outro.⁷⁹ Para isso ocorrer, as duas partes precisavam emanar reciprocidade, desejo, igualdade e fidelidade, somente assim eles poderiam estabelecer uma união sublime.

A deferência de La Mothe Le Vayer ao amigo Naudé e sua defesa sobre a importância da amizade e de sua virtuosidade anunciam a relevância que os laços tinham para os libertinos e eruditos do período moderno. Um aspecto que também pode ser identificado na relação mantida por Pierre Gassendi com os diversos correspondentes que mantinha através das suas cartas. Em suas correspondências, o filósofo estabelecia contato e trocava uma grande quantidade de conhecimento ao relatar e receber as diferentes perspectivas sobre as descobertas, os estudos, os avanços e a divulgação dos textos que seus correspondentes nacionais e internacionais elaboravam. A prática epistolar consistia em um modelo muito difundido entre os eruditos da época, que constituía uma atividade fundamental para o exercício dos acadêmicos, estudiosos e homens de letras em geral. Segundo Philippe-Joseph Salazar, a retórica encomiástica, identificada não apenas nas cartas como em outros textos produzidos pelos sábios, como dedicatórias, coleções de homenagens, peças de agradecimento, forneciam uma argumentação poderosa sustentada pelos valores amigáveis comumente aceitos que regiam as relações espirituais. Para o estudioso, essa argumentação seria demonstrativa da necessidade dos laços de amizade para a construção e o funcionamento dos relacionamentos intelectuais.⁸⁰ Desse modo, era compreensível a valorização e a exaltação que Gassendi dirigia aos seus destinatários, reivindicando as suas amizades e os seus laços. Por isso, em mais de uma ocasião, o filósofo evidenciou, por exemplo, a afinidade que tinha com Naudé, indicando a admiração que tinha por ele: “Continue, homem admirável, a agitar as questões sublimes, dignas da majestade da natureza, dignas de ti e dignas daqueles que têm o desejo de te imitar”.⁸¹

⁷⁸ Tradução livre: “de bonne volonté, qui fait que deux amis ayant les cœurs vnus, se peuuent voir & se considerer l’un dans l’autre comme dans vn miroir fidele, ce qui sert de beaucoup pour arriuer à la connoissance de soi-mesme, *no ay mejor espejo, que el amigo viejo*, dit l’Espanhol”. *Idem*, p. 9

⁷⁹ PREVOST, *L’amitié aux XVIe et XVIIe siècles en France*, p. 20.

⁸⁰ SALAZAR, Philippe-Joseph. La société des amis : éléments d’une théorie de l’amitié intellectuelle. *XVIIe siècle*, n. 205, Paris: PUF, oct.-déc. 1999 p. 584.

⁸¹ Tradução livre: “Continue, homme admirable, à agiter les questions sublimes, dignes de la majesté de la nature, dignes de toi et dignes de ceux qui ont le désir de t’imiter”. GASSENDI, *Lettres latines*, p. 81.

Além disso, era através das cartas que os eruditos emanavam os seus sentimentos de estima e os afetos que tinham por outros homens. Gassendi fazia questão de relembrar Naudé sobre o seu amor e o quanto ele desejava sua retribuição, como exemplificam alguns trechos das despedidas das suas correspondências: “Ame-me sempre”, “Continue a ser o mesmo e não cesse de me amar”, “ame-me eternamente como tu faz”, “Fique bem, meu caro Naudé, e continue a me amar eternamente” e “Mas adeus, enfim, homem excelente e muito caro amigo; e veja em mim aquele que tu pensas”.⁸² A admiração comum se entrelaçava com os interesses que eles mantinham pelo conhecimento científico e filosófico, a cultura livresca e a admiração que cada um portava pelos camaradas eruditos relacionados. Por isso, quando Naudé partiu para a Itália, ele pareceu atuar como uma espécie de intermediário de Gassendi diante de outros amigos sábios (as cartas também poderiam ter essa utilidade, de facilitar o pedido de serviços aos outros correspondentes e amigos), como se pode verificar em uma das cartas que o filósofo enviou para o amado, requerendo a amizade de Campanella:

Todo o corpo dos meus amigos te saúda; e sobretudo nosso amigo Elias. Da minha parte eu gostaria que tu transmitisses em meu nome a saudação ao famoso Padre Campanella, porque ele te ama fortemente. Eu o admirava anteriormente em razão de sua insígnia de erudição; mas hoje em dia eu o aprecio ainda mais por conta da tão grande afeição que ele tem por ti. Se ele não me julga completamente indigno de ocupar um lugar entre seus amigos, eu te devo-o eternamente.⁸³

A afinidade entre os eruditos era assim compartilhada, permitindo a abertura para estabelecimento de uma relação com outro sábio, o que favorecia a constituição da rede de eruditos. Ou melhor, de uma comunidade de eruditos e letrados, uma verdadeira República das Letras. Dessa forma, as amizades consolidavam a comunidade dos homens letrados tal como descreviam os filósofos antigos. Os gregos defendiam a virtude filosófica de uma vida em grupo e da *philia*, enquanto os latinos lembravam a importância da amizade como um vínculo social

⁸² Tradução livre: “Ame-moi toujours”, “Continue à être le même et ne cesse pas de m’aimer”, “aime-moi éternellement comme tu le fais”, “Porte-toi bien, mon cher Naudé, et continue à m’aimer éternellement”, “Ma adieu enfin, homme excellent et très cher ami; et vois en moi celui que tu penses”. *Idem*, p. 85, p. 89, p. 98, p. 102 e p. 127.

⁸³ Tradução livre: “Toute la cohorte de mes amis te salue; et surtout notre ami Élie. Je voudrais pour ma part que tu transmettes en mon nom le salut au fameux Père Campanella, puisqu’il t’aime grandement. Je l’admirais auparavant en raison de son insigne érudition; mais aujourd’hui je l’apprécie encore plus à cause de la si grande affection qu’il a pour toi. S’il ne me juge pas complètement indigne d’occuper une place parmi ses amis, je te le devrai éternellement”. *Idem*, p. 82.

imprescindível para a manutenção da República e o equilíbrio político, conforme a leitura de Aurélie Prevost.⁸⁴ A consolidação da comunidade de sábios era vista como um elemento imprescindível para os estudiosos, assim como para os libertinos, já que através desses espaços, eles poderiam refletir, conversar, elaborar ideias e consolidar pensamentos. Ao conversarem, eles poderiam alinhar ideias e trabalhar para se tornarem ainda mais sábios e alcançarem uma vida mais feliz.⁸⁵

O elemento passional também era largamente difundido nos espaços e escritos dos eruditos, já que existia um sentimento de consideração e de gratidão entre esses homens. As declarações de amor não eram poupadas, como se pode verificar no caso da amizade ideal que ligava Gassendi e François Luillier, pai de Chapelle. O filósofo não economizou nas referências laudatórias para o mestre de contas, que foi um dos seus principais correspondentes durante o inverno de 1632 e 1633, assim como em outros momentos de sua vida.⁸⁶ Em mais de uma correspondência, endereçada para outros eruditos, o filósofo exaltava a distinção do seu melhor amigo. Para Naudé, Gassendi disse que Luillier era o único homem com quem ele poderia viver livremente. Para o orientalista Jacques Golius, o amigo foi descrito como: “um companheiro, um amigo, um patrão, um homem único em tudo”, alguém com quem ele podia compartilhar até mesmo o interesse comum pelas línguas grega e hebraica. Para o bibliotecário e professor de política da Academia de Leyde, Daniel Heinsius, Luillier foi apontado como um homem singular. E, enfim, na carta endereçada para o professor de hebreu e astrônomo da Academia de Tübingen, Wilhelm Schickard, Gassendi informou que as cartas dele tinham chegado a partir do seu amigo intermediário, um homem que seria muito digno de receber o amor do astrônomo e de todos os outros homens de bem e eruditos. Além de reconhecê-lo como alguém incomparável, o que não devia causar, a nenhum dos seus amigos famosos, o sentimento de ciúme, segundo o filósofo.⁸⁷

⁸⁴ PREVOST, *L'amitié aux XVIe et XVIIe siècles en France*, p. 20-23.

⁸⁵ Pierre Gassendi relembrou o príncipe Louis de Valois sobre a relevância do raciocínio e da conversa com os outros para a edificação de si mesmo: “Não é com as disposições de um homem vencido pelo torpor, mas raciocinando consigo mesmo ou conversando com os outros que ele deve trabalhar para se tornar sábio e alcançar uma vida feliz”. Tradução livre: “c’est pas avec les dispositions d’un homme abattu de torpeur, mais en raisonnant avec lui-même ou en conversant avec d’autres qu’il doit travailler à devenir sage et à atteindre la vie hereuse”. GASSENDI, *Lettres latines*, p. 238.

⁸⁶ Algumas das cartas redigidas nesse período por Gassendi foram compiladas por Bernard Rochot, ver: GASSENDI, Pierre. *Lettres Familières à François Luillier pendant l’hiver 1632-1633*. Editées par Bernard Rochot. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1944 Além disso, assim como Gassendi era próximo do erudito Peiresc, Luillier também foi um dos diversos correspondentes do grande sábio: LES CORRESPONDANTS de Peiresc XVI François Luillier. *Lettres inédites écrites de Paris, a Peiresc (1630-1636)*. Publiées et annotées par Philippe Tamizey de Larroque. Paris: Leon Téchener, 1889.

⁸⁷ Tradução livre: “un compagnon, un ami, un patron, un homme unique en tout, François Luillier”. O trecho declaratório contido na carta de Wilhelm diz: “Celui qui a reçu la tienne [lettre] à la fin du mois dernier et qui

Sendo assim, a partir da pena de Gassendi, o mestre de contas foi descrito como um homem excepcional, um verdadeiro companheiro, mesmo quando eles não podiam estar juntos fisicamente. E, quando podiam, eles realizavam suas viagens pela Alemanha, Holanda e Flandres, além de ser na casa de Luillier que o filósofo escolhia se hospedar durante as estadias em Paris. Ele também foi escolhido para receber a dedicatória da grandiosa obra *De Vita et moribus Epicuri*, de Gassendi: “Ao ilustre parisiense François Luillier, muito íntegro mestre de contas, meu melhor amigo de muito tempo”.⁸⁸ Em sua escrita dedicatória, o filósofo identificou o amor, o incentivo e o reconhecimento, que recebeu do seu amigo diante do longo trabalho que teve na preparação do seu texto sobre Epicuro e a sua filosofia. Um excerto do texto evidencia os sentimentos e a legitimação que ambos os homens ofereceram um ao outro, sobre o que Gassendi escreveu:

Tu me amas ao ponto que uma vez tu entregastes teu coração, em seguida tu entregas todo o resto. (...) Porque eu conto como parte essencial da minha boa fortuna que tu, o mais letrado dos homens, gostas das mesmas letras que eu, e que tu julgastes agradável até hoje de consagrar às Musas a flor da idade que outros entregam à ambição, à cobiça ou à ociosidade, e de fornecê-la às boas artes. Por que então eu fugiria desse trabalho que não deixa de te agradar? Principalmente porque, ao atestar-te minha gratidão como um homem que me ama muito verdadeiramente, reconheço que tu saberás pessoalmente apreciar o meu pequeno presente ao mais alto grau. Sem dúvida, numerosos são os pontos que tu elucidastes graças ao teu raro conhecimento erudito sobre a Grécia, que tu tens boas razões para estimar que essa minha obra é tua, mesmo que seja apenas para isso, para utilizá-la e dela desfrutar abundantemente, para comunicá-la com tua mão generosa a quem tu quiseses.⁸⁹

me l’a fait parvenir depuis Paris, c’est Luillier, le maître des comptes, par l’intermédiaire duquel tu as eu les miennes. C’est un homme très digne de ton amour et de celui de tous ceux qui te ressemblent (les hommes de bien et les érudits), et aucun des nombreux amis tout à fait fameux que j’ai ne ressent de jalousie quand je le declare incomparable”. GASSENDI, *Lettres latines*, p. 102, p. 57, p. 122.

⁸⁸ GASSENDI, Petro. *De vita et moribus Epicuri*. Lugduni, Guillelmum Barbier, 1647. Disponível em: https://archive.org/details/bub_gb_vNvfaPI4HDAC/page/n3/mode/2up Acesso em: 17 fevereiro 2025.

⁸⁹ Tradução livre: “tu m’aimes au point qu’une fois que tu as prodigué ton coeur, tu en es ensuite prodigue dans tout le reste; (...) Car je compte pour une partie essentielle de ma bonne fortune que toi le plus lettré des hommes, tu aimes les mêmes lettres que moi, et que tu aies jugé jusque’à ce jour Plaisant de consacrer aux Muses la fleur de l’âge que d’autres adonnent à l’ambition, à la cupidité ou à la fainéantise, et de la prodiguer aux bons arts. Pourquoi fuirais-je donc ce travail qui n’est pas sans te plaire? D’autant que, sur le point de t’attester ma gratitude comme envers un homme qui m’aime vraiment beaucoup, je reconnais que tu sauras personnellement apprécier au plus haut point mon petit cadeau. Sans doute, si nombreux sont les points que tu as mis en lumière grâce à ta rare connaissance érudite de la Grèce, que tu as de bonnes raisons pour estimer que ce mien ouvrage est t’ien, fût-ce à ce seul titre, pour l’utiliser et en jouir abondamment, pour le communiquer de ta main généreuse à qui tu voudras”. GASSENDI, Pierre. *Vie et moeurs d’Épicure*. Notes, introduction et commentaires de Sylvie Taussig. Paris: Les Belles Lettres, 2006, p. 117-118.

O filósofo revelou que aquela obra não era apenas um presente ao amigo, ela compreendia uma conquista que deveria ser celebrada em conjunto, pois Luillier teria também contribuído com ela ao compartilhar com ele as suas afeições e os seus conhecimentos sobre a cultura grega. Ele era uma das principais pessoas que Gassendi esperava pelo reconhecimento de sua produção, como se ela compreendesse uma validação diante dos seus pares. Dessa forma, os laços entre esses homens permitiam o desenvolvimento dos seus trabalhos e a perpetuação no tempo das suas ações enquanto escritores. O que lembra as reflexões de Montaigne sobre a ligação profunda que ele estabeleceu com La Boétie. Uma relação excepcional de elo profundo, conforme o filósofo expressou em seus *Ensaio*s:

Nossas almas estão há tanto tempo juntas, elas se consideram em uma tão ardente afeição, e, de equivalente afeição, descobertas até o fim fundo das entranhas de uma à outra, que, não somente eu conhecia a sua como a minha, mas eu certamente teria confiado mais à ela do que a mim mesmo.⁹⁰

O laço que os unia foi descrito de forma visceral, pois ele tocava no âmago de cada um dos amigos. A relação de Montaigne e La Boétie era destacada como uma essência superior, uma amizade que estava acima do que era comum, justamente pela excepcionalidade dos dois envolvidos. Segundo Maurice Daumas, esse tipo de representação compreendia uma tentativa de consolidação da memória dos dois amigos, já que o objetivo era alcançar a imortalidade através dessa ligação excepcional: “La Boétie queria que o nome de Montaigne e o seu próprio fossem um dia incluídos ‘na lista de amigos célebres’. Porque os verdadeiros amigos têm uma existência real apenas ao serem reconhecidos como tais pelo grupo: a publicidade do laço lhes era vital”.⁹¹ Uma interpretação que poderia elucidar, em partes, a valorização que Gassendi ofereceu a Luillier em sua dedicatória, pois um amigo ideal era alguém excepcional que poderia reconhecer a potencialidade do outro, assim como o filósofo percebeu ao ter a sua obra apreciada pelo amigo. Ainda assim, não se sabe até que ponto a exaltação da relação deles

⁹⁰ Tradução livre: “Nos ames ont charrié si long temps ensemble, elles se sont considerées d’une si ardente affection, et, de pareille affection, decouvertes jusques au fin fond des entrailles l’une à l’autre, que, non seulement je connoissois la sienne comme la mienne, mais je me fusse certainement plus volontiers fié à luy de moy qu’à moy mesme”. MONTAIGNE, *Essais*, 1870-1873, p. 141-142.

⁹¹ Tradução livre: “image des grands amis est appelée à l’immortalité : (...) La Boétie voulait que le nom de Montaigne et le sien fussent un jour inscrits ‘sur la liste des amis célèbres’. Car les vrais amis n’ont de réelle existence que s’ils sont reconnus tels par le groupe : la publicité du lien leur est vitale”. DAUMAS, Maurice. L’amitié ostentatoire, XVIe-XVIIIe siècle. In: WALCH, Agnès (Éd.). *La Médiation de la vie privée XVIe-XXe siècle*. Arras: Artois Presses Université, 2012, s.p.

buscava imortalizar os seus feitos; no mínimo, esses dois homens almejavam consolidar-se conjuntamente através das suas práticas, enquanto eruditos e homens de letras, o que permitiria a validação e a obtenção de serviços perante outros sábios e diante da sociedade de letrados. No meio desse processo, os seus laços se aprofundaram e ambos perceberam que o que os unia também era decorrente de uma compatibilidade pelo desejo de preservação da liberdade, da independência na busca pelo aumento dos seus prazeres em vida. Eles eram inspirados, sobretudo, pela filosofia de Epicuro que pregava a relevância dos laços de comunidade como um meio de construir os seus conhecimentos, que os levariam ao conhecimento sobre a complexidade do desejo e, assim, eles poderiam decidir e pensar sobre o que devia ser escolhido ou rejeitado para obterem o prazer.⁹²

A amizade de Gassendi e Luillier e a reciprocidade entre eles pode ter criado as condições necessárias para que seu filho, Chapelle, obtivesse as inspirações do filósofo. Em *Opera omnia*, uma obra que condensou as anotações de Gassendi sobre as suas observações celestes ao longo do século XVII, encontram-se as menções ao amigo e ao seu filho. No quarto tomo, Luillier foi citado, pois ele teria sido o responsável pelo envio das observações feitas por Mersenne de um eclipse do Sol em Paris, tendo relatado as suas perspectivas que foram enviadas ao filósofo.⁹³ Durante a observação de um eclipse, que ocorreu no ano de 1646, Gassendi relatou ter indo até a catedral de Notre Dame, acompanhado de dois assistentes, o jovem estudioso Jean Picard e o apaixonado jovem Chapelle, a quem o filósofo encarregou de anotar a elevação do Sol.⁹⁴ A descrição do fenômeno se encontra na correspondência que foi enviada para o astrônomo Godefroy Wendelin e discorria, justamente, sobre os eclipses e as análises do filósofo sobre tais eventos.⁹⁵ A paixão que Gassendi possuía pelos astros foi, assim,

⁹² CHAUI, Marilena. *Introdução à história da filosofia*. As escolas helenísticas. v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 90.

⁹³ Sobre os eclipses, Gassendi fazia suas reflexões, medições e desenhos. Em um trecho desses relatos, encontra-se a menção de Luillier: “Ex literis itidem accipio scriptis ad me Parisiis, à Luillerio hanc Eclipsin fuisse obseruatam. Iis me Luillerius meus inter caetera sic affatur. Inclusam habebis hoc fasciculo obseruationem Eclipseos Solis, quam optimus ille Mersennus attulit ad me nudius-tertius”. GASSENDI, Petri. *Opera omnia*. Opera astronomica. Tomus quartus. Lugduni: Laurentii Anisson e Joannis Baptiste Devenet, 1658, p. 124. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb30484889g> Acesso em: 15 janeiro 2025.

⁹⁴ GASSENDI, Petri. *Opera omnia*. Epistolae et responsa auctoris. Tomus sextus. Lugduni: Laurentii Anisson e Joannis Baptiste Devenet, 1658, p. 244. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb30484889g> Acesso em 15 janeiro 2025.

⁹⁵ A carta que menciona Chapelle foi traduzida para o francês por Sylvia Taussig: “En ce qui concerne l’éclipse du soleil d’août dernier, le ciel me fut encore défavorable, et surtout ver le milieu et vers la fin. Il s’est ajouté le malheur que j’ai égaré la feuille sur laquelle j’avais consigné quelques phases, au moment où au début les nuages s’entrouvraient parfois. Je me rappelle seulement que le début s’est produit alors que Jean Picard, un jeune homme très érudit, et Claude Luillier, ce jeune homme passionné, que j’avais chargés en même temps qu’un serviteur de noter l’élévation du soleil, et cela tandis que je dirigeais moi-même une machine spéciale sur une scène voisine, avaient prononcé qu’un peu avant, l’élévation était précisément de 46 degrés; il était donc dix heurs et quatre minutes, ou un tout petit peu plus”. GASSENDI, *Lettres latines*, p. 453.

repassada para o jovem discípulo Chapelle que, ao se aproximar de Cyrano, não hesitou em transmitir seus ensinamentos ao amigo.⁹⁶ Em *Viagem à Lua* existem menções ao filósofo e diversas alusões às perspectivas filosóficas e científicas do mestre e sobre a filosofia de Epicuro.⁹⁷

Deve-se lembrar também que Luillier teve uma proximidade com outros libertinos, como Théophile de Viau que endereçou-lhe mais de uma das suas cartas latinas,⁹⁸ e Jacques des Barreaux, considerado um dos amores de Théophile. Inclusive, a relação destes últimos levantou debates entre os pesquisadores, pois as cartas que eles trocaram ao longo de suas vidas e, principalmente, durante a perseguição sofrida pelo primeiro, apresentavam ambiguidades evidentes sobre o caráter erótico da amizade masculina que estabeleciam entre si. Depois da morte do libertino, Tallemant des Réaux, reconhecido pelas suas *Historiettes*, chegou a denominar Des Barreaux como “a viúva de Theophile”.⁹⁹ Tais poetas escreveram poemas que incitavam à entrega aos prazeres, principalmente os sexuais como a sodomia, além de serem descritos como indivíduos que tinham costumes desregrados. Mesmo assim, eles eram homens eruditos, que tinham um interesse comum pela filosofia e poética antiga, pelas temáticas astronômicas e por uma aspiração à autonomia corporal e mental. Os mesmos temas com os quais Luillier possuía grande afinidade, o que explicaria sua ligação com sujeitos de espírito livre. Ao mesmo tempo, o mestre de contas estabeleceu ligações com escritores célebres como

⁹⁶ Sobre a proximidade de Chapelle com Gassendi, segundo descreveu François Bernier para Jean Chapelain: “Au reste, vous me ferez bien la grace de donner en main propre la Lettre de Monsieur Chapelle; C’est lui qui le premier m’a procuré cette familiarité avec Monsier Gassendi vôtre intime & illustre Ami, qui m’a été si avantageuse; ce qui fait que je lui suis extrêmement obligé, & que je ne puis que je ne l’aime, & ne me souvienn de lui quelque part où je sois; Comme je suis de même infiniment vôtre obligé, & tenu de vous honorer toute ma vie, tant à raison de l’inclination particuliere que vous avez toujourns eue pour moi, que pour les bons conseils dont vous m’avez assisté par vos Lettres frequentes pendant tous mes voyages, & pour la bonté que vous avez eue de m’envoyer si genereusement, sans intérêt & sans argent, jusques au bout du Monde où ma curiosité m’avoit porté, une Caisse de Livres, lors que ceux à qui je les demandois avec l’argent que j’avois fait tenir à Marseille, & qui me les eussent dû honnêtement envoyer, m’abandonnoient là, & se mocquoient de mes Lettres, me considerans comme un homme perdu qu’ils ne reverroient jamais”. BERNIER, François. *Voyages de François Bernier Docteur en Medecine de la Faculté de Montpellier*. Contenant la description des Etats du Grand Mogol, de l’Hindoustan, du Royaume de Kachemire, &c. Le tout enrichi de cartes et de figures. Tome Second. Amsterdam: Paul Marret, 1709, p. 167-168. HAB M: Gv 335:2.

⁹⁷ Sobre a filosofia epicurista de Gassendi e a sua influência em Cyrano, ver DARMON, Jean-Charles. L’épircrisme et les fables du monde: remarques sur Gassendi et Cyrano. *Littératures classiques*, n. 22, p. 87-125, 1994; DARMON, *Philosophie épicurienne et littérature au XVIIe siècle en France*; DARMON, *Le songe libertin*. Sobre a fidelidade de Cyrano aos pensamentos de Gassendi, conferir MOREAU, Isabelle. Les stratégies d’écriture libertines et l’héritage gassendien : Cyrano disciple infidèle ? *Dix-septième siècle*, v. 4, n. 233, p. 615-633, 2006.

⁹⁸ VIAU, Théophile de. Epistola. In: *Oeuvres complètes de Theophile*. Revue, annotée et précédée d’une notice biographique par M. Alleaume. Tome II. Paris: P. Jannet 1855.

⁹⁹ TALLEMENT DES RÉAUX. *Historiettes*. Édition Antoine Adam. Paris: Honoré Champion, 1960, t. II, p. 29 citado por SEIFERT, Lewis C. Théophile de Viau et l’herméneutique de l’amitié masculine. *Dix-septième siècle*, v. 1, n. 258, 2013, p. 115.

Jean-Louis de Balzac, Jean Chapelain, que possuía uma proximidade com o poder devido seu relacionamento com o ministro Richelieu e o secretário Valentin Conrart.¹⁰⁰

Uma relação bastante próxima também se estabeleceu entre o poeta Théophile de Viau e Tristan L’Hermite, o que pode ser comprovado a partir das cartas trocadas entre eles. Em *Lettres Meslées*, que reúne correspondências fictícias e pessoais, encontra-se a missiva de Théophile, na qual demonstra seu apoio diante da doença que Tristan estava enfrentando, além de revelar traços da personalidade do amigo, ao dizer: “vosso excelente gênio não desmentirá as predições que eu havia feito. De resto, não misture preocupações estrangeiras a vossa melancolia natural; e não seja triste apenas de nome”.¹⁰¹ Em sua resposta, Tristan demonstrou gratidão, ofereceu suporte ao sábio, reconhecendo sua glória e a singularidade do poeta, que também estava doente e exausto após ter enfrentado perseguições e um processo pela publicação dos seus versos licenciosos. A afinidade entre os poetas poderia ser compreendida como uma prova de amizade, relevando a importância dela como um componente que oferecia apoio e poderia corroborar com a resiliência do outro diante dos momentos de dificuldade.¹⁰²

Além disso, a amizade também unia os homens e possibilitava que eles desfrutassem da reciprocidade, do diálogo e, claro, dos prazeres da convivência igualmente nos mundos do texto. Entre o real – o mundo das amizades epistolares e da convivência praticada, dos amores e dissabores vividos –, e a representação – as amizades descritas nos textos, que assinalam os valores mais caros aos autores e representam um ideal de amizade masculino –, diversas ligações se estabelecem. As vivências do mundo real podiam servir de inspiração, a ponto de os escritores representarem os encontros e outros momentos dedicados ao convívio com os amigos e outros homens por meio da ficção.

Em *Page disgracié*, Ariston conheceu muitos amigos em sua jornada, que lhe ofereciam aprendizados e apresentavam um mundo onde era possível desfrutar de diversos prazeres. Foi o caso da ligação com um jovem escudeiro, que foi reconhecido como um homem galante, que havia enfrentando vários combates memoráveis, de espírito astuto e sensato, o que atraiu a estima do pajem. Ele era um homem que dava bons conselhos e agrada o pajem com a sua

¹⁰⁰ O mestre de contas Luillier também trocou cartas com Balzac e Chapelain, que também tinha uma proximidade com Gassendi. Chapelain também teve uma relação de amizade próxima com François Bernier. Ver a correspondência que eles trocaram em: BERNIER, *Voyages de François Bernier Docteur en Medecine de la Faculté de Montpellier*. HAB M: Gv 335:2. Sobre a relação de amizade entre Balzac e Chapelain e as suas cartas, ver JOUHAUD, *Les Pouvoirs de la littérature*, p. 97-150.

¹⁰¹ Tradução livre: “votre excellent Genie ne démentira pas les predictions que j’en ay faites. Au reste, ne meslez point de soucis étrangers à votre melancholie naturelle; & ne soyez triste que de nom”. TRISTAN L’HERMITE, *Lettres Meslées dv sievr de Tristan*, p. 395.

¹⁰² Aurélie Prevost identificou a importância da amizade para o apoio de um amigo doente ou diante de um processo judicial. PREVOST, *L’amitié aux XVIe et XVIIe siècles en France*, p. 153-156.

conversação, o que garantiu o florescimento da amizade entre eles. Segundo Ariston, o escudeiro lhe apresentava contos agradáveis, “e como ele sabia recitar bem as coisas boas”, o pajem conseguia desfrutar de um enorme prazer ao ouvi-los. O jovem se sentiu motivado com isso e, sempre que podia, aproveitava a oportunidade para estar na companhia do escudeiro e também recitar alguma bela obra das Musas que havia decorado.¹⁰³ Na verdade, a prática de recitação de versos às outras pessoas fez com que o pajem conquistasse várias amizades. Foi dessa forma que ele conheceu, por exemplo, uma tropa de comediantes, que vinham se apresentar na corte toda semana. Assim, o encontro com outros homens permitia que o pajem se sentisse estimado, reconhecido, contraindo afeições e sendo apresentado aos encantos e aos encantos das delícias, não somente dos contos, como dos jogos e das bebidas.

Ariston aprendeu a jogar com outro pajem, desenvolvendo uma paixão tão adorada quanto o amor que nutria pelos seus estudos, e não demorou muito para que, misturados aos seus livros, estivessem cartas e dados, que ele utilizava em suas apostas.¹⁰⁴ Com o jovem e cavaleiro Montagne, descrito como um homem de boa aparência, que tinha um bom coração e era extremamente habilidoso em seus exercícios, o pajem adquiriu uma ótima companhia para vivenciar os prazeres dissolutos. O cavaleiro era uma pessoa habilidosa, que falava agradavelmente, tocava alaúde, cantava, dançava e era bem visto por todas as boas companhias, o que fazia o pajem percebê-lo como um belo espírito. Contudo, Montagne não conseguia passar um dia sem fumar, nem uma semana sem cometer excessos, conseguindo superar todos os homens que compartilhavam da sua mesa no consumo de álcool. Mesmo assim, o pajem descreveu a união deles: “Nós contratamos grande amizade juntos, e foi o primeiro homem que me fez beber o vinho um pouco mais forte, porque até ali eu havia bebido somente o licor, a cerveja e a água misturada com vinho”.¹⁰⁵ A partir disso, o pajem voltou ao exercício dos jogos de azar, um velho hábito, mas que foi aflorado pela convivência com o cavaleiro que possuía uma grande familiaridade com as apostas e não ignorava as oportunidades em que podia se desafiar.

Os relatos do pajem sobre as amizades que contraiu ao longo de suas aventuras e vivências, em diferentes espaços e territórios, evidenciam como os laços afetivos estabelecidos com outros homens influenciavam sua vida, no sentido de que um amigo podia absorver as

¹⁰³ TRISTAN L'HERMITE, *Le page disgracié*. Première partie, 1643, p. 112-113.

¹⁰⁴ *Idem*, p. 32-34.

¹⁰⁵ Tradução livre: “Nos contractasmes grande amitié ensemble, & ce fut le premier homme qui me fit boire le vin vn peu fort, car jusques-là je n'auois beu que de la tisane, de la biere; ou de l'eau rougie.” TRISTAN L'HERMITE, *Le page disgracié*. Seconde partie, 1643, p. 400.

qualidades do outro.¹⁰⁶ Muitas vezes, Ariston foi levado pelas habilidades um tanto dissolutas ao conviver com indivíduos desregrados e viciosos, mas isso não o impediu de conhecer também indivíduos que exerceram influências prudentes sobre ele, como alguns de seus patronos, o jovem escudeiro, seu servo irlandês e outros sujeitos que manifestaram algum tipo de apoio e intercessão quando o pajem passava por dificuldades, além de terem incentivado sua erudição. O jovem percorreu seus caminhos tentando equilibrar sua aplicação nos estudos e na escrita com os prazeres mundanos, mas foi dessa forma que ele conseguiu vivenciar as aventuras, segundo as suas próprias palavras, mais honestas e ridículas de sua vida.¹⁰⁷ Experiências juvenis que forneceram alicerces para que o jovem Ariston se tornasse um homem.

A inclinação para a vivência dos prazeres junto dos amigos também foi um elemento representado em *Viagem à Lua*, especificamente, quando Dyrcona descobriu o ritual que envolvia a despedida dos filósofos selenitas. Quando um sábio atingia a idade em que sentia o seu espírito enfraquecer e o gelo dos anos entorpecer os movimentos de sua alma, ele reunia os seus amigos em um belo banquete, onde expunha os motivos que o levaram a se despedir da natureza e a pouco esperança que tinha em contribuir com os mais belos atos. A partir disso, os seus camaradas decidiam, se ordenavam sua morte ou se mantinham ele sob a severa ordem de viver. Quando a primeira opção era escolhida, ele fazia com que os seus estimados soubessem o dia e o local do acontecimento; para realizarem o ritual em favor do amado, eles deveriam se abster de comer por vinte e quatro horas, para darem prosseguimento ao seguinte ritual:

Eles entram no quarto do sábio onde o magnânimo os espera, recostado num leito de aparato. Cada um em sua posição voa para os abraços, e quando é a vez daquele que ele mais ama, após tê-lo beijado ternamente, ele se apoia sobre seu estômago, e juntando boca a boca, com a mão direita livre, ele afunda um punhal no coração. O amante não afasta seus lábios dos de seu amante até senti-lo expirar; ele retira então o ferro do seu seio, e fechando a chaga com a boca, ele bebe seu sangue e suga até que não posso mais beber. Logo outro o sucede e o primeiro é levado para o leito. Estando o segundo saciado, deitam-no para dar lugar a um terceiro. Enfim, estando todo o grupo satisfeito, introduz-se a cada um, após quatro ou cinco horas, uma jovem de dezesseis ou dezessete anos e, durante três ou quatro dias em que saboreiam as delícias do amor, eles são alimentados apenas com a carne do morto que

¹⁰⁶ PREVOST, *L'amitié aux XVIe et XVIIe siècles en France*, p. 214.

¹⁰⁷ TRISTAN L'HERMITE, *Le page disgracié*. Seconde partie, 1643, p. 509.

eles comem crua para que, se daqueles enlaces possa nascer alguma coisa, eles tenham certeza que é o amigo que revive.¹⁰⁸

A reciprocidade erótica da amizade entre os filósofos da Lua se misturava com o momento da refeição, indicando a celebração da encarnação do amigo, aparentemente, a única razão para o compartilhamento da jovem mulher – silenciada, assim como as personagens femininas no geral. A decisão sobre a morte também precisava perpassar pelo acordo dos seus companheiros, não sendo uma decisão individual, mas uma sentença realizada em comum acordo, o que também fazia dela uma deliberação afetiva. Durante a cerimônia, os amigos conviviam, partilhavam de todas as partes corporais do moribundo para que ele pudesse reviver a partir de cada um deles. Na interpretação de Sribnai, a partilha do corpo do amigo se confundia com a partilha amigável dos prazeres da comida e do sexo, prazeres que eram saboreados silenciosamente por cada um dos amigos. Diferentemente do modelo do banquete platônico, pois a glória da festa não residia nas palavras trocadas, mas sim nos gestos que eram envolvidos, como se aquele momento fosse um ato filosófico ao corpo amado e comido. Dessa forma, a prática da sabedoria se fundia com a prática erótica, pois filosofar era amar, e também desejar, gozar e procriar. A autora ainda defendeu a perspectiva de que ao compartilharem a comida, o sexo e os gostos, o banquete festivo dos filósofos selenitas era consilidade em um *res communis*, um espaço onde eles ocupavam, viviam, filosofavam e morriam todos juntos.¹⁰⁹

A partir disso, seria possível identificar como, durante o século XVII, a linguagem da amizade esteve próxima da linguagem do amor,¹¹⁰ o que explicaria a ênfase nas afinidades eróticas que envolviam os homens que habitavam os outros mundos. Na visita de Dyrcona ao espaço solar, o protagonista foi bombardeado com exemplos de amigos apaixonados, que podiam vivenciar as suas afinidades a partir de um verdadeiro enlace corporal. Na região onde habitavam as árvores descendentes dos carvalhos de Dodona, o viajante não apenas foi informado

¹⁰⁸ Tradução livre: “Ils entrent dans la chambre où le généreux les attend appuyé sur un lit de parade. Chacun vole à son rang aux embrassements, et quand ce vient à celui qu’il aime le mieux, après l’avoir baisé tendrement, il l’appuie sur son estomac, et joignant sa bouche à sa bouche, de la main droite qu’il a libre, il se baigne un poignard dans le coeur. L’amant ne détache point ses lèvres de celles de son amant qu’il ne le sente expirer; alors il retire le fer de son sein, et fermant sa bouche la plaie, il avale son sang et suce toujours jusqu’à ce qu’il n’en puisse boire davantage. Aussitôt un autre lui succède et l’on porte celui-ci au lit. Le second rassasié, on le mène coucher pour faire place au troisième. Enfin, toute la troupe repue, on introduit à chacun, au bout de quatre ou cinq heures, une fille de seize ou dix-sept ans et, pendant trois ou quatre jours qu’ils sont à goûter les délices de l’amour, ils ne sont nourris que de la chair du mort qu’on leur fait manger toute crue, afin que, si de ces embrassements il peut naître quelque chose, ils soient comme assurés que c’est leur ami qui revit”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 140.

¹⁰⁹ SRIBNAI, *Les amis à table*, p. 13-14.

¹¹⁰ DAUMAS, *L’amitié ostentatoire*, p 1.

sobre as diversas histórias de amor entre amigos, como observou o momento de enlace das árvores amantes. Elas confundiam os seus galhos e raízes, esforçando-se para se aproximarem e se transformarem em um corpo só. Durante a aproximação da dupla vegetação, as suas folhas começaram a se agitar ligeiramente a partir de uma emoção voluntária, como se fossem “excitadas por um trêmulo murmúrio tão delicado, que mal tocava a orelha”.¹¹¹ Tal agitação poderia ser interpretada como uma descrição do clímax que as árvores atingiram a partir do momento em que se juntaram, uma representação que se baseava numa retórica erótica-amorosa e evidenciava a possibilidade de dois seres do mesmo sexo desfrutarem do prazer em conjunto.

O caso das árvores solares serviu de inspiração para que Dyrcona ouvisse uma variedade de histórias que envolviam o amor e a afeição entre dois amigos. A partir disso, identifica-se a inspiração do escritor Cyrano nos mitos amorosos da Antiguidade, assim como fazia Théophile de Viau, que reivindicou as amizades apaixonadas entre dois homens em seus escritos inspirado pelos mitos antigos.¹¹² O laço que uniu Orestes e Pílates foi descrito para Dyrcona pela árvore da Dodona, e consistia em uma história variante do mito narrado na *Odisseia*. Segundo a árvore, os amigos enfrentarem uma batalha em conjunto, e Orestes estava obstinado em provar o prazer de vencer ou morrer na presença do seu amado Pílates. Mas ele logo percebeu que estava longe demais do amigo e que estava em perigo, o que o levou a tentar ao máximo ultrapassar a tropa de homens para socorrê-lo. Quando Orestes conseguiu se aproximar de Pílates, percebeu que ele já estava próximo da morte, até que caiu no chão sem vida. O amigo apaixonado, então, agarrou-o e juntando sua boca na dele, quis lançar a sua alma dentro do corpo do outro, e “o mais jovem desses heróis [Orestes] expirou de dor sobre o cadáver do seu amigo morto [Pílates]”. A partir daí, os corpos dos dois homens foram transformados em dois cadáveres, e unidos eles incharam a terra até brotarem dois arbustos jovens entre os ossos já brancos dos seus esqueletos. O caule e os galhos do vegetal se mantiveram emaranhados, como se tivessem pressa em crescer “e se tornarem ainda mais entrelaçados”.

Os corpos dos amigos passaram por um processo de metamorfose, que os converteu em seres vegetais, mas que mesmo naquela condição não esqueciam quem eles eram previamente ao acontecimento. Entrelaçados, os amigos mantiveram a partilha amorosa entre os seus corpos e os seus alimentos, o que permitiu a nutrição e sua transformação em uma árvore, que passou a semear os frutos da união. Os frutos eram maçãs, alimentos miraculosos, pois quando cada um comia o fruto correspondente do outro, eles ficavam loucamente apaixonados e, assim, eles

¹¹¹ Tradução livre: “excitaient en frémissant un murmure si délicat, qu’à peine effleurait-il l’oreille”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 280.

¹¹² VIAU, *Oeuvres complètes de Theophile*.

podiam se apaixonar, todos os dias, um pelo outro. Se as frutas dessa árvore fossem comidas por outros homens diferentes, a cada um deles era proporcionada uma amizade recíproca que nascia entre eles. Pois o fruto da árvore de amigos apaixonados não era nem tão doce, nem tão bonito, quanto a amizade que ele proporcionava aos homens. A virtude dessa amizade repousava no amor e no desejo que indivíduos do mesmo sexo poderiam ter um pelo outro. A união de Orestes e Pílates reverberou e serviu de inspiração para que outros amigos emergissem ao longo da história: “Vimos depois de um tempo Hércules e Teseu, Aquiles e Pátrocles, Nisos e Euríales; em suma, um mundo inumerável daqueles que através de amizades mais que humanas, consagraram sua memória ao templo da Eternidade”.¹¹³

A história sobre a união dos amigos que se transformaram em árvores amantes, que foi ouvida com muita atenção por Dyrcona, enaltecia os laços passionais que poderiam emergir através dessas amizades masculinas.¹¹⁴ O mito explicava a origem material que o amor poderia ter a partir da decomposição dos corpos dos amigos. E o amor tinha como base a amizade, um laço valioso, que permitia que dois homens pudessem experimentar seus desejos; muitas vezes, eles podiam acabar desejando um ao outro, o que não foi descrito como um problema, mas sim um modelo que descrevia como poderia ser vivida uma amizade ideal e profunda. Sendo assim, em um cenário onde um dos amigos não correspondia mais com a mesma afinidade e intensidade, tornava-se difícil e até mesmo ultrajante romper com um elo tão estimado.

2.3. Amizades traídas: as (des)amizades de Cyrano, Chapelle e Dassoucy

¹¹³ Tradução livre: “On vit depuis ce temps-là des Hercules et des Thésées, des Achiles et des Patrocles, des Nisus et des Euryales; bref, un monde innombrable de ceux qui par des amitiés plus qu’humaines, ont consacré leur mémoire au temple de l’Eternité”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 284.

¹¹⁴ Segundo Tin, Gargantua e Pantagrue de François Rabelais compreendia um caso exemplar do período da Renascença sobre a homosociabilidade. TIN, *L’invention de la culture hétérosexuelle*, p. 53 A amizade entre Pantagrue e Panurge tinha uma ligação de amizade-paixão e da amizade como um laço terno e importante da união entre esses dois homens. O que pode ter influenciado a perspectiva de Cyrano, evidenciando como outros momentos do período moderno também representavam os amores entre os homens. RABELAIS, François. *Les Horribles et espouvantables faictz et prouesses du très renommé Pantagrue, roy des Dipsodes, filz du grand géant Gargantua, composez nouvellement par Maistre Alcofrybas Nasier*. [S.l.]: [s. n.], 1533; RABELAIS, François. *Gargantua*. Lyon: François Juste, 1534-1535 e RABELAIS, François. *Pantagrue, roy des Dipsodes restitué à son naturel, avec ses faictz et prouesses espouvantables, composés par feu M. Alcofribas, abstracteur de quinte essence*. Plus, les Merveilleuses navigations du disciple de Pantagrue, dict Panurge. Lyon: Estienne Dolet, 1542.

As amizades conduziam os homens ao estabelecimento de laços, que os levava a demandar, declarar e oferecer amizade um ao outro, com o objetivo de consolidar as suas relações. Pois, naquela sociedade, o homem que tinha amigos era considerado alguém forte, e deveria estar rodeado deles. Essa perspectiva reverberou na cultura da troca de cartas, nas quais os letrados comunicavam suas afinidades uns aos outros, o que também ocorria com os textos produzidos e publicados por eles, onde reivindicavam suas amizades enaltecendo o gênio dos seus camaradas. Escritores como Cyrano, Chapelle e Dassoucy teceram elogios uns aos outros através das poesias liminares que compunham as suas obras. No entanto, essas congratulações foram contrapostas posteriormente, ao emitirem mensagens condenatórias sobre as práticas e os costumes de cada um deles. Dessa forma, eles reapresentaram, em suas obras, uma desvinculação dos elos de amizade e amor que os tinham unido durante algum tempo.

Assim, apesar dos exemplos sobre as amizades ideais ou, ao menos, daquelas que eram representadas como se o fossem nos seus textos, os três escritores representaram um caso de amizade interrompida, senão traída. Antes deles romperem por completo, mantiveram uma relação recíproca entre os anos de 1642 até o início de 1650. Diante disso, primeiro será tratado das relações amistosas que eram estabelecidas entre o trio de escritores, para depois, no segundo momento, mergulhar no cenário de ruptura.

Foi no final da década de 1640 que Dassoucy se voltou para a sua carreira como homem de letras, pois mesmo que ele já fosse conhecido pelos seus versos ao atuar como músico, ele ainda era mais reconhecido como um instrumentista do que propriamente um escritor. Voltado para o mundo das letras, Dassoucy lançou-se em cena com suas composições. A primeira delas foi *Jugement de Paris*, publicada ano de 1648, sob os cuidados da mão do impressor Toussaint Quinet, contendo uma diversidade de poemas e outros textos versificados.¹¹⁵ Após a dedicatória ao conselheiro do rei, e posteriormente ao diplomata Hugues de Lionne, pode ser encontrada uma variedade de pequenos textos que homenageiam a produção e o gênio de Dassoucy. Um deles, intitulado “*Av sot Lecteur et non av sage*”, contém a assinatura de Hercvle de Bergerac, isto é, Cyrano de Bergerac. Depois, podem ser identificadas outras peças, contendo assinaturas de escritores como Scarron, as iniciais CD, Tristan L’Hermite, L’Hermite Souliers – irmão de Tristan –,¹¹⁶ Du Pelletier, e, enfim, Chapelle, que possui dois textos intitulados “*A monsieur*

¹¹⁵ DASSOUCY, Charles. *Le Jugement de Paris en vers burlesques*. Paris: Toussaint Quinet, 1648.

¹¹⁶ Em 1649, o irmão de Tristan L’Hermite publicou a obra *Meslanges de poesies heroiques et burlesques du chevalier de Lhermite*, onde se encontra uma peça liminar assinada como C. Dassoucy e intitulada como “*A Monsieur le chevalier de Lhermite. Sur son Recueil de poësies*”. Uma peça que foi consultada na BnF de L’Arsenal. SOULIERS, Jean Baptiste. *Meslanges de poesies heroiques et burlesques du chevalier de Lhermite*. Paris: Guillaume Loyson e Jean-Baptiste Loyson, 1649.

Dassoucy svr son Jvgement de Paris”.¹¹⁷ Os nomes de Scarron, Tristan e Pelletier, assim como o do impressor Quinet – ele imprimiu as principais novidades burlescas da época, inclusive as obras de Scarron¹¹⁸ – traziam crédito e importância para o escritor, pois eles eram escritores reputados e aclamados na época, o que poderia ser interpretado como uma tentativa do músico-escritor de se lançar à cena partir de uma estratégia de sucesso.¹¹⁹ Os nomes de Cyrano e Chapelle ainda não eram completamente conhecidos na cenário das letras, mesmo que seus manuscritos já estivessem em plena circulação. Talvez Chapelle fosse mais facilmente identificado por ser filho de Luillier e também porque, até aquele momento, havia publicado alguns versos em um soneto liminar de *Triomphe des dames*, de François Du Soucy, senhor de Gerzan, em 1646.¹²⁰ Mesmo que a dupla de amigos ainda não fosse plenamente conhecida pela publicação de outras obras, seus poemas contidos na peça de Dassoucy apresentavam ao público a celebração de um laço de amizade que os ligava ao músico-escritor.

No ano de 1650 ocorreu a publicação de *L'Ovide en belle humeur*,¹²¹ sob a prensa de Charles de Sercy.¹²² Uma obra que possui uma bela ornamentação, contendo um frontispício surpreendente, além de outras ilustrações imersivas, que constam na abertura de cada um dos seus capítulos. Dassoucy dedicou seu texto ao duque Saint Aignan, que era um protetor reconhecido entre os escritores, pois ele fornecia apoio a vários deles, inclusive para Tristan. Os textos liminares dessa peça são importantes e devem ser destacados, pois constituem cinco deles assinados, na seguinte ordem, por Corneille, Chavannes, Tristan L'Hermite, Cyrano de Bergerac e Le Bret. Apesar da assinatura de Chapelle não constar nessa ocasião, os nomes de Tristan e Cyrano apareceram novamente. Além dos nomes de Corneille e Chavannes, que indicavam as novas ligações estabelecidas pelo músico-escritor, a presença de Le Bret surpreendeu, já que ele era amigo de Cyrano e estava mais correlacionado com ele do que com outros escritores da época. A partir disso, pode-se supor que ocorreu uma fusão entre os núcleos de Cyrano e de Dassoucy, um elemento revelador da familiaridade que existia entre a dupla.

¹¹⁷ DASSOUCY, *Le Jugement de Paris en vers burlesques*.

¹¹⁸ NÉDELEC, Claudine. Les imprimeurs-libraires et les textes burlesques : quelques cas de figure. Les Arrières-boutiques de la littérature. Auteurs et imprimeurs-libraires aux XVIe et XVIIe siècles, 2010, p. 12.

¹¹⁹ NÉDELEC, Claudine. Dassoucy : figurations et reconfigurations éditoriales. Séminaire doctoral, Artois- UPJV, Arras, France, 2021, p. 10. Conferir mais sobre as diferentes estratégias dos escritores durante o período moderno em VIALA, *Naissance de l'écrivain*.

¹²⁰ GERZAN, François du Soucy. *Le Triomphe des dames*. Paris: Gerzan, 1646. Disponível em: <ark:/12148/btv1b8622084d> Acesso em: 19 janeiro 2024.

¹²¹ DASSOUCY, Charles. *L'Ovide en belle humeur*. Paris: Charles de Sercy, 1650.

¹²² Ao longo de quinze anos, a obra de Dassoucy teve sete reedições, dentre elas autorizadas e contrafeitas, segundo a informação de Nédelec a partir da apuração de Georges Mongrédien. NÉDELEC, Dassoucy : figurations et reconfigurations éditoriales, p. 8.

Com relação à diversidade dos nomes identificados em *Ovide en belle humeur*, pode-se apontar que o músico-escritor estabeleceu uma boa circularidade social, o que permitiu ligação com atores de diferentes âmbitos e notoriedades, pois alguns dos nomes mencionados já faziam sucesso na cena teatral da época, como Tristan e Corneille. O primeiro foi aclamado pela sua poesia apresentada em *Plaintes d'Acante*, e também teve peças de repercussão como *La Mariane* e *La Mort de Sénèque*. No caso do segundo, ele ficou reconhecido pela sua tragédia *Cid* e pelo sucesso das peças *Horace* e *L'Ilusion comique*.¹²³ Deve-se lembrar que, no ano de 1647, Dassoucy teria se encarregado de preparar a partitura musical de peça *Andromède*, o que explicaria a aparição dos versos de Corneille entre as peças liminares da obra do músico-escritor.¹²⁴ Os outros escritores, como Cyrano e Le Bret, poderiam ser consideradas figuras ainda marginais, pois estavam no início da carreira e o segundo não possuía uma atuação vigorosa no campo das letras. De todo modo, os poemas liminares são reveladores sobre a legitimação que Dassoucy recebeu naquela época como um escritor, além de reforçar os laços que ele tecia com seus amigos e outros camaradas do mesmo ofício.

No ano de 1653 foi publicada *Poësies et lettres de Mr Dassoucy, contenant diverses pieces heroïques, satiriques et burlesques*, pelos cuidados do impressor Louys Chamhourdry.¹²⁵ Uma obra que comportava duas peças liminares, uma intitulada “*A Monsieur Dassoucy, sur ses Oeuures Meslees*” de Chapelle e outra “*Pour Monsieur Dassoucy. Aux heros de nos jours. Sonnet*”, que foi assinada por Du Pelletier. O escrito também possui versos e cartas escritas por Dassoucy, que mencionam os nomes de determinados escritores. O primeiro deles foi apresentado em “*Le Voyage de sens, ou l’auteur se raille soy mesme*”, onde o nome de Chapelle apareceu nas primeiras linhas com os seguintes versos: “Meu caro amigo de Chapelle, / Como o ouro à prova, / É um amigo de muito valor / E mesmo muito aprovado”.¹²⁶ Em outros textos, Dassoucy mencionou Scarron, Molière e Estienne L’Hermite, este último caso não se sabe ao certo se consistia em uma referência a Tristan ou ao seu irmão.¹²⁷ O dramaturgo Molière foi

¹²³ Sobre a querela que envolveu os escritores do período a partir da publicação da peça *Cid*, ver MERLIN-KAJMAN, Hélène. *Public et littérature en France au XVIIe siècle*. Paris: Les Belles Lettres, 2004, p. 121-166.

¹²⁴ SCRUGGS, Charles Eugene. *Charles Dassoucy: Adventures in the Age of Louis XIV. The Life and Works of Dassoucy with Selected Narrativas from his Aventures*. Lanham-New York-London: University Press of America, 1984, p. 5.

¹²⁵ Uma versão semelhante ou quase idêntica dessa obra também foi publicada sob o título *OEuvres messlées de Mr Dassoucy. Pieces heroïques Satiriques et Burlesques*, impressa por Jean Baptiste Loyson, se utilizando do mesmo privilégio que autorizou a impressão, em 3 de abril de 1653. Sobre o processo que envolveu essas publicações, ver NÉDELEC, Dassoucy : figurations et reconfigurations éditoriales, p. 9-12.

¹²⁶ Tradução livre: “Mon cher amy de la Chapelle, / Qui comme l’or à la coupelle, / Est vn amy fort esprouué / Et mesmement fort approuué”. DASSOUCY, Charles. *Poesies et lettres de Mr Dassoucy, contenant diverses pieces heroïques, satiriques, et burlesques*. Paris, Louys Chamhourdry, 1653, p. 136.

¹²⁷ *Idem*, p. 161, p. 162 e p. 187.

também elogiado pelo músico-escritor em seus outros escritos, como *Avantures*, ao apontar que foi acolhido por ele e o grupo de atores que convivia durante sua passagem por Lyon e depois em Avignon. Do mesmo modo que o músico, Chapelle também teve uma relação próxima com Molière, pois em uma carta, datada de 25 de abril de 1662, endereçada ao libertino François Bernier, Jean Chapelain anunciou o laço que existia entre eles, ao dizer que “o comediante Molière, amigo de Chapelle, traduziu a melhor parte de Lucrécio, prosa e verso, e [dizem] que ela é muito boa”.¹²⁸

As peças liminares, e outros textos, contidas nas três obras de Dassoucy evidenciam as relações e os contatos que o músico-escritor estabelecia,¹²⁹ além de apontarem como as amizades tecidas com Cyrano e Chapelle ainda estavam em harmonia. Segundo a pesquisadora Dominique Bertrand, foi entre os anos de 1641 e 1642 que Dassoucy conheceu Cyrano e, em seguida, Chapelle, com quem manteve uma relação próxima,¹³⁰ o que levou Alcover a nomeá-los como “trio gay”.¹³¹ Entretanto, o biógrafo de Dassoucy, Jean-Luc Hennig, apontou que a relação de amizade entre Cyrano e Dassoucy começou antes disso, em 1636 ou 1637.¹³² Esse apontamento pode ser corroborado pela informação sobre a mudança da família de Cyrano, quando seu pai vendeu suas propriedades de Mavières e de Bergerac e se mudou com a família para Paris, onde encontrou com o filho.¹³³ Na época, Dassoucy estava na cidade, pois Charles Eugene Scruggs indicou ter sido no ano de 1636 que ele foi apresentado ao rei Louis XIII, por intermédio de Saint-Simon, permanecendo na corte e atuando como músico.¹³⁴ Conjuntamente a isso, Le Bret informou no prefácio de *Histoire comique* que Cyrano foi enviado previamente para capital e lá permaneceu até os seus dezenove anos de idade. Em seguida, ele apontou que Cyrano estava numa idade onde a natureza era corrompida mais facilmente, “e a grande liberdade que ele tinha de não fazer somente o que lhe parecia bom, levou-o a uma perigosa

¹²⁸ Tradução livre: “le comédien Molière, ami de Chapelle, a traduit la meilleure partie de Lucrèce, prose et vers, et que cela est fort bien”. CHAPELAIN, Jean. *Lettres de Jean Chapelain, de l'Académie française*. t. 2. Paris: Tamizey de Larroque, 1880-1883, p. 225.

¹²⁹ Frédéric Martin foi um dos autores que demonstrou a importância dos poemas liminares para a compreensão das relações, dos núcleos e das práticas sociais existentes entre os escritores e outros agentes do período moderno. MARTIN, Les amitiés poétiques, représentations et réalités. In: *Les Politesses du seuil*, p. 207-254.

¹³⁰ ANEXXES. In: DASSOUY, *Les Aventures et les prisons*, p. 570.

¹³¹ ALCOVER, Un gay trio.

¹³² Ao menos dois capítulos da obra traçam a ligação entre Cyrano e Dassoucy. HENNIG, *Dassoucy & les garçons*, p. 252-265.

¹³³ Alcover também indicou a venda das propriedades do pai de Cyrano e a sua mudança para Paris. ALCOVER, Madeleine. Éphémérides ou biographie sommaire de Savinien de Cyrano de Bergerac. *Les Dossiers du Grihl*, n. 3, 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/3817> Acesso em: 15 janeiro 2025.

¹³⁴ SCRUGGS, *Charles Dassoucy*, p. 4.

inclinação”.¹³⁵ A perigosa inclinação foi interpretada por Alcover e Hennig como uma revelação da homossexualidade do escritor. Mas o relato não poderia, também, ser compreendido como uma indicação da proximidade de Cyrano com Dassoucy? Pois, a palavra “*penchant*” significava uma propensão ou uma inclinação natural da alma por algo ou alguém,¹³⁶ o que poderia esboçar as interações vivenciadas com outras ideias ou outros homens, a fim do escritor experimentar sua independência. Ainda assim, a reação de Le Bret revela como a proximidade de dois jovens poderia ser interpretada socialmente com um teor sexual.

Outro aspecto que corrobora a proximidade entre Cyrano e Dassoucy compreende uma passagem da obra *Pensées*, onde Dassoucy anunciou que nutriu um homem de imaginação forte por determinado tempo da sua vida, o que poderia ser compreendido como uma referência ao convívio com Cyrano.¹³⁷ Na interpretação de Hennig, o músico-escritor estaria indicando não apenas os auxílios que forneceu nos âmbitos de subsistência e educacional, como também no âmbito sexual, ocasião em que eles teriam se ligado amorosamente, pois Dassoucy vivenciava a sua homossexualidade se relacionando com homens muito mais novos do que ele, especialmente jovens, “crianças perdidas”, um pouco impetuosas e um pouco loucas.¹³⁸ Naquele momento, Cyrano possivelmente se encaixava nesse perfil.

No ano de 1639, Cyrano partiu da capital para atuar nos campos de batalha ao lado do seu amigo Le Bret no Regimento de Guardas do Rei, seguindo a campanha de Carbon de Casteljaloux.¹³⁹ Retornou a Paris somente no início de 1641. Decidido pela renúncia à carreira militar, ele iniciou seus estudos no colégio de Lisieux. Foi nesse momento que ele conheceu Chappelle, pois o jovem frequentava o mesmo espaço. Segundo Alcover, esse colégio recebia jovens de diversas famílias, o que teria favorecido o relacionamento com outros jovens dos meios aristocrático e burguês. Naquela época já circulava um rumor sobre os costumes dissolutos dos frequentadores do local, o que inspirou Charles Sorel a apontar, em *Francion*, a devassidão e o pedantismo dos seus mestres.¹⁴⁰ Conforme indicou Florence Tamagne, no período moderno, os colégios e outros espaços educativos e religiosos envolviam os meninos e

¹³⁵ Tradução livre: “où la Nature se corrompt plus aisément, et la grande liberté qu’il auoit de ne faire que ce que bon luy sembloit, le portèrent sur un dangereux penchant”. CYRANO DE BERGERAC; LE BRET, *Histoire comique, par monsieur de Cyrano de Bergerac*, s.p.

¹³⁶ Dictionnaire de l’Académie française. Paris: Jean Baptiste Coignard, 1694, t. 2, p. 210.

¹³⁷ DASSOUCY, Charles. *Les Pensées de Monsieur D’Assoucy dans le S. Office de Rome*. Paris: A. de Rafflé, 1676, p. 50.

¹³⁸ HENNIG, *Dassoucy & les garçons*, p. 253-257.

¹³⁹ Elemento corroborado a partir do que Le Bret informou no prefácio de *Viagem à Lua*. CYRANO DE BERGERAC; LE BRET, *Histoire comique, par monsieur de Cyrano de Bergerac*.

¹⁴⁰ SOREL, Charles. *Histoire comique de Francion*. Paris: Pierre Billaine, 1626. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb119457313> Acesso em: 12 março 2025.

os homens em uma convivência homosocial restrita, onde os jovens nem sempre tinham acesso ou a possibilidade de vivenciarem relações de proximidade com as meninas. Nesse caso, as práticas homossexuais podiam ser toleradas, principalmente entre os meninos, favorecendo a fluidez no exercício das suas sexualidades.¹⁴¹ Dessa forma, Cyrano e Chapelle podem ter se aproximado a partir dessa experimentação da fluidez ou a partir de uma amizade que depois se transformou em uma experiência amorosa.

Em *Avantures*, Dassoucy forneceu uma breve indicação sobre a associação da dupla, que ele conheceu e com quem, logo depois, passou a conviver e ter uma grande familiaridade. Segundo o músico-escritor, Cyrano serviu como um intermediário da sua afinidade com Chapelle, conforme ele descreveu no seguinte excerto:

O amigo C. não tinha ainda nem dezessete anos quando o falecido B. que já comia do seu pão & usava seus lençóis, me deu a honra do seu conhecimento. (...) Como nesse tempo ele era muito generoso, ele me mantinha em sua casa para jantar, & quando a hora era indevida para me retirar até minha casa, ele me cedia muito livremente a metade da sua cama.¹⁴²

A partir do relato, subentende-se que a relação entre Cyrano e Chapelle estava consolidada há algum tempo, pois os dois jovens compartilhavam a mesa e a cama, a partir da indicação do pão e dos lençóis. Em seguida, foi Dassoucy quem também passou a compartilhar a cama com Chapelle. A referência à cama poderia ser compreendida como uma indicação da relação íntima e também erótica que o trio de amigos vivenciava. Mas, além disso, a cama também poderia ser compreendida como uma alusão à inclinação homossexual desses homens? Por um lado, sim, especialmente a partir de uma observação sexualizante do século XXI. Contudo, por outro, ela podia manifestar uma relação de correspondência e mutualidade e a influência que cada um deles exercia sobre o outro. Ao estudar a sociedade elizabetana do período moderno, Alan Bray revelou que as camas podiam constituir espaços onde as pessoas conversavam e experimentavam uma troca, e ser “companheiro de cama” de alguém significava que essa pessoa era influente sobre o outro e poderia estar fazendo fortuna através disso. Em

¹⁴¹ TAMAGNE, *Mauvais genre?*, p. 30.

¹⁴² Tradução livre: “Il n’avoit pas encore dix-sept ans l’amy C. que feu B. qui mangeoit déjà son pain & usoit ses draps, me donna l’honneur de sa connoissance. (...) Comme en ce temps-là il estoit fort genereux, quand il m’avoit retenu à souper chez luy, & que pour me retirer chez moy l’heure étoit induë, il me cedit fort librement la moitié de son lit”. DASSOUCY, *Les Avantures de Monsieur D’Assoucy*. Tome second, p. 326.

outros casos, a cama compartilhada compreendia um código que indicava a influência negativa de um homem sobre o outro.¹⁴³ Sendo assim, Dassoucy estaria indicando a influência que a dupla exerceu sobre ele, que não era necessariamente positiva, envolvendo os três em uma mesma inclinação e vivência da homossexualidade. Pois, ele publicou essas reflexões em suas *Avantures*, impressas no ano de 1677, muito tempo depois da época em que Cyrano e Chapelle eram seus amigos, e já após o rompimento das relações de amizade e das acusações de ateísmo e sodomia que recebeu. Faria sentido imaginar que o músico incluísse os seus ex-amigos nos mesmos desvios que eles o imputaram no passado. Assim, o excerto não necessariamente representava a reciprocidade que envolvia o trio no âmbito do amor e da amizade, mas sim a representação de uma traição, que enobrecia a sua defesa de inocência perante a sociedade.

O músico-escritor também não deixou de explorar a dualidade do conflito homoerótico entre os amigos, ao indicar que a relação com Cyrano ficou estremecida depois que escondeu um frango do amigo que era faminto por natureza, o que contrastou com a relação harmônica que ainda mantinha com o jovem Chapelle:

Falecido B. tinha razão de querer me matar, porque em seu maior acesso famélico eu fui muito desumano ao subtrair de sua necessidade um frango castrado de Mans, que ao sair do espeto em vão, eu o escondi na minha cama, depois que o defumado abriu o apetite ao mesmo tempo que lhe apertou o coração, assim o fez reconhecer que ele não tinha em mim que o mais cruel e bárbaro amigo. Mas com o amigo C. eu jamais tive uma tão mortal diferença.¹⁴⁴

A história sobre o frango que Dassoucy escondeu em sua cama indicava que a amizade e o laço que tinha com Cyrano não eram mais os mesmos, pois a confiabilidade não existia mais, contribuindo com um rompimento definitivo da dupla. Ao se observar mais detidamente as alusões contidas no excerto, e seguindo a interpretação proposta por Filippo d'Angelo, o músico-escritor descrevia metaforicamente um conflito de natureza homossexual, ou seja, o frango seria um novo amante. A partir disso, Dassoucy estaria referenciando o convívio e as

¹⁴³ BRAY, Alain. Homosexuality and the Signs of Male Friendship in Elizabethan England. In: GOLDBERG, Jonathan (Ed.). *Quering the Renaissance*. Duke University Press: Durbam and London, 1994, p. 42-43.

¹⁴⁴ Tradução livre: “Feu B. avoit raison de me vouloir tuer, puisque dans son plus famelique accès je fus assez inhumain pour soustraire à sa nécessité un chapon du Mans, qu'en vain au sortir de la broche je fis cacher sous mon lit, puis que la fumée qui en mesme temps luy ouvrit l'appetit & luy serra le coeur, luy fit assez connoistre qu'il n'avoit plus en moy qu'un cruel & barbare amy. Mais avec l'amy C. je n'ay jamais eu de si mortel différent”. DASSOUCY, *Les Avantures de Monsieur D'Assoucy*. Tome second, p. 296-297.

relações que vivia às escondidas de Cyrano, ou ao mesmo tempo que se relacionava com o escritor e também se aproximava de Chapelle. Com relação a isso, Jacques Prévot sugeriu que o frango castrado poderia ser uma referência a Pierrotin, um dos jovens pajens companheiros de viagem de Dassoucy que teria sido raptado e castrado por um admirador poderoso. Além disso, Prévot apresentou a possibilidade de que a palavra “*chapon*” em francês na verdade se referia a Chapelle, bastaria que “*elle*” fosse substituído por “*on*”.¹⁴⁵ “Através dessa oscilação entre a terceira pessoa do feminino e o indefinido, Dassoucy estaria desejando denunciar a identidade sexual flutuante daquele que alegou atacá-lo (isto é, Chapelle) pela sua reputação de ‘homem estranho’”.¹⁴⁶

No capítulo em que Dassoucy descreveu a sua passagem por Montpellier em *Avantures*, ele revelou que as mulheres galantes o acusaram de ser um herético, não em matéria de religião, mas de amor, em referência à acusação de sodomia que Chapelle e Bachaumont lhe imputaram em *Voyage*. Nas palavras do escritor, os seus ex-amigos se basearam: “(na) quimérica imaginação já preocupada pelo renome que eu [Dassoucy] havia tomado nos longos hábitos que eu havia tido com C., falecido D. B. e falecido C.”¹⁴⁷ Embora não seja possível precisar quem era o indivíduo que foi citado com a inicial C., já que o outro C. corresponderia a Chapelle e D. B. a Cyrano, identifica-se que Dassoucy reafirma os laços com seus ex-amigos, a fim de incluí-los e comprometê-los na mesma difamação de que foi feito alvo anos antes. E qual sentido faria esse tipo de atitude? Se ele fosse culpado, era porque tinha sido influenciado pelos amigos? Ou essa seria uma estratégia para lançar a dúvida sobre a reputação dos outros? Ao causar a dúvida, ele fomentava a sua perspectiva de inocência e vislumbrava a possibilidade de absolvição diante das acusações que lhe imputaram. Assim, o véu da dissimulação e da

¹⁴⁵ PRÉVOT, *Cyrano de Bergerac poète et dramaturge*, p. 49; L’AFFAIRE Cyrano-Dassoucy. Et si Chap-on était Chap-elle ? In: CYRANO DE BERGERAC. *L’Autre Monde. Les États et Empires de la Lune. Les États et Empires du Soleil*, édition Jacques Prévot. Paris: Gallimard, 2004, p. 338-339 citado por D’ANGELO, Libertinage, hermaphrodisme et masculinité, p. 3.

¹⁴⁶ Tradução livre: “À travers cette oscillation entre la troisième personne du féminin et l’indéfini, Dassoucy aurait voulu dénoncer l’identité sexuelle fluctuante de celui qui prétendait l’attaquer pour sa renommée de ‘mâle étrange’”. D’ANGELO, Libertinage, hermaphrodisme et masculinité, p. 3. O termo “homem estranho” se encontra nos versos que Dassoucy elaborou em retaliação às mulheres de Montpellier. Elas teriam alegado, segundo o escrito de Chapelle, que o músico cometia um crime abominado por elas, isto é, a sodomia. Os versos de Dassoucy em *Avantures*, então, alegaram: “Seco e passado como eu sou, / e não tão bonito como um Anjo, / Eu faço, contudo, o que eu posso, / E não sou um homem estranho, / Rapaz leal e bom cristão / Eu amo mais do que sua conversa”. Tradução livre: “Sec et passé comme je suis, / Et non du tout si beau qu’un Ange, / Je fais pourtant ce que je puis, / Et ne suis pas un masle étrange, / Garçon loyal et bom Chrétien / J’aime plus que vostre entretien”. DASSOUCY, *Les Avantures de Monsieur D’Assoucy*. Tome second, p. 268-269. Grifo nosso.

¹⁴⁷ Tradução livre: “chimérique imagination déjà préoccupée par la renommée qui leur avoit appris les lōgues habitudes que j’avois eûes avec C. feu D.B. & feu C.”. DASSOUCY, *Les Avantures de Monsieur D’Assoucy*. Tome second, p. 114.

imaginação que envolvia os seus escritos também poderia ter envolvido as acusações dos amigos.

Não se pode ignorar o fato de que o texto de Chapelle, escrito em conjunto ao de Bachaumont, ao apontar que o escritor cometeu um crime que era considerado uma abominação pelas mulheres, isto é, a sodomia, impactou fortemente a reputação de Dassoucy.¹⁴⁸ Essa percepção também foi compartilhada por autores contemporâneos, como Gabriel Guérét, que no fim do século XVII indicou em *Promenade de Saint Cloud* a perspectiva de que Chapelle talvez não fosse verdadeiramente amigo de Dassoucy, pois a “espécie de efígie” que lançou sobre o seu Parnaso, queimaria o escritor por todos os séculos.¹⁴⁹ E até mesmo Pierre Bayle reverberou a acusação, indicando que a obra de Chapelle e Bachaumont contribuiu para tornar “odioso, desprezável e abominável o nome do senhor D’Assoucy”.¹⁵⁰ Diante disso, deve-se lembrar, rapidamente, um aspecto que já foi pontuado no Capítulo 1, sobre a questão de que, no século XVII, a reputação de sodomita, descrente ou irreverente não era o suficiente para destruir a reputação de um homem, principalmente, quando ele fazia parte do meio aristocrático. Alguns escritores da época eram conhecidos por vivenciarem costumes excessivos nesses âmbitos, como Des Barreaux, Saint-Pavin e o próprio Chapelle. Mas a vulnerabilidade social de Dassoucy, enquanto filho de um advogado e de uma musicista, pode ter contribuído para que as imputações tivessem um maior impacto em sua reputação e uma maior dificuldade ao tentar revertê-las.¹⁵¹

As difamações emitidas pelos pares de Dassoucy começaram a circular a partir do ano de 1650, pelo menos dez anos antes da obra de Chapelle ser publicada, embora ela tenha circulado alguns anos antes em formato manuscrito. Jean Royer de Prade, que era um amigo próximo de Cyrano, publicou naquele ano, em *Les Oeuvres Poétiques*, um pequeno texto que ridicularizava a pessoa de Dassoucy. A epigrama foi intitulada como “*Au mauvais Poète Burlesque*” [Ao mau poeta burlesco] e emitia uma crítica expressiva às produções do músico-escritor e à forma com que ele escrevia os seus versos:

¹⁴⁸ No trecho em específico: “un crime qui est en abomination parmi les femmes”. CHAPELLE; BACHAUMONT, *Voyage de messieurs de Bachaumont, et la Chapelle*. In: RECUEIL de quelques Pieces Nouvelles et Galantes, p. 62.

¹⁴⁹ Tradução livre: “une espèce d’effigie sur le Parnasse, qui brûlera d’Assouci dans tous les siècle”. GUÉRÉT, Gabriel. *La Promenade de Saint-cloud*. Paris: Collection Moliéresque, 1888, p. 82-83. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=8bMnAAAAYAAJ&pg=GBS.PA83&hl=pt> Acesso em: 8 outubro 2024. Apesar da edição consultada ser do século XIX, a obra foi publicada em 1669.

¹⁵⁰ BAYLE, Pierre. Dictionnaire historique e critique citado por CAVAILLÉ, *Les limites de l’acceptable*, p. 88.

¹⁵¹ *Idem*, p. 80-90.

Teus amigos e teus invejosos,
 Abrindo teu livro glorioso
 Não abrem a boca que para rir,
 E confessam igualmente,
 Soucidas que não se pode escrever,
 Versos mais ridiculamente.¹⁵²

Royer de Prade ridicularizava o músico e o estilo burlesco de Dassoucy, pois o livro glorioso citado no texto, provavelmente, era uma referência a *L'Ovide en belle humeur*, uma obra que havia sido publicada na mesma data que os versos de Prade. Nesse sentido, o poeta atacava expressamente o gênio de Dassoucy e a possibilidade de que seus amigos não estivessem lhe dizendo a verdade sobre o pouco talento que ele teria demonstrado naquela obra. Apesar dos versos de Royer de Prade terem sido publicados em 1650, não se pode ignorar a possibilidade deles terem sido escritos ao mesmo tempo que as *Lettres* de Cyrano, que foram impressas somente em 1654, pois o anagrama de Soucidas também consta em sua produção e um manuscrito das *Lettres*, datado de 1651, comprova que o libertino havia composto seus textos muito tempo antes de publicá-los.

As cartas de Cyrano compreendem uma variedade de temas, já que seus textos tratam do amor, descrevem as belezas encontradas na natureza e também emitem críticas à religião e a alguns dos seus amigos. Apesar da carta de consolação que foi escrita para Chapelle, em decorrência da morte do seu pai, Cyrano não economizou na acidez ao se manifestar contra La Mothe Le Vayer filho, Tristan L'Hermite e, claro, Dassoucy. A característica crítica que envolviam suas cartas era tão evidente que o seu impresso foi autocensurado logo após a publicação, onde a maioria dos nomes das pessoas citadas foram ocultados e outros trechos mais críticos alterados.¹⁵³ Na carta “*Contre Soucidas*”, Cyrano emitiu a sua declaração de rompimento com o amigo, deixando evidente o desprezo que estava sentido por ele. Desde as primeiras linhas, o músico foi ofendido ao ser comparado com um furúnculo, para indicar a sua insignificância perante a sociedade, como se pode observar no trecho: “você que não tem lugar nenhum no mundo, ou que é, no máximo, um furúnculo nas nádegas da Natureza; (...) você enfim, tão sujo e tão fedorento, que se desconfia (ao vê-lo) se sua mãe não te deu à luz por

¹⁵² Tradução livre: “Tes amis et tes envieux, / Ouurant ton Liure glorieux / N’ouurent la bouche que pour rire, / Et confessent éгалlement, / Soucidas qu’on ne peut escrire, / Des Vers plus ridiculement”. DE PRADE, Jean Royer. *Les Oeuvres poetiques du sievr de P.* Paris: Nicolas et Jean de La Coste, 1651, p. 24.

¹⁵³ Madeleine Alcover analisou o processo de autocensura que a obra sofreu. Conferir ALCOVER, *Cyrano relu et corrigé*.

trás”.¹⁵⁴ Junto às ofensas feitas a Dassoucy, indica-se sua inclinação à sodomia. Conjuntamente à corruptibilidade do ex-amigo, Cyrano referenciou algumas das obras do músico, como *Ovide en belle humeur* e *Jugement de Paris*, para indicar a falta de talento e a pouca capacidade que ele tinha para construir rimas mais sofisticadas:

eu quero que você morra presentemente; depois, dependendo se meu belo humor me tornar misericordioso, eu o ressuscitarei para ler a minha carta; assim então, quando para reconquistar minhas boas graças, você me dedicou uma farsa, eu sei que tudo o que é estúpido não faz rir; e ainda que, para fazer qualquer coisa bem ridícula, você só tem que falar seriamente, sua poesia é muito baixa; e penso que essa é a razão porque seu *Jugement de Paris* não tem nenhum débito.¹⁵⁵

Cyrano não apenas desaprovava os costumes devassos de Dassoucy, como ridicularizava sua pretensa genialidade, indicando como lhe faltava pouca habilidade para desempenhar o seu papel como escritor. O outrora amigo é acusado de empregar palavras baixas e tratar de temas baixos em seus textos, o que não poderia ser capaz de retirar o riso dos seus leitores, assim como não conseguia impressionar nem mesmo os seus pares. A péssima representação do músico também foi destacada a partir da sua falta de crença, que foi descrita da seguinte maneira:

Meu Deus, você desmente esses filósofos que debocham da Criação. Se ainda houver algum, desejo que o conheçam, porque eu estou certo que depois de vê-lo, eles acreditarão verdadeiramente que o homem pode ter sido feito de lama. Eles pregarão para você e o usarão para tirá-lo desse infeliz ateísmo onde você definha. Você sabe que eu não falo de coração, e que eu não sou o

¹⁵⁴ Tradução livre: “vous qui ne tenez lieu de rien au monde, ou qui n’êtes au plus qu’un clou aux fesses de la Nature; (...) vous enfin, si sale et si puant, qu’on doute (en vous voyant) si votre mère n’a point accouché de vous par le derrière”. CYRANO DE BERGERAC. *Lettres satiriques et amoureuses précédées de Lettres diverses*. Édition présentée par Jean-Charles Darmon. Paris: Éditions Desjonquères, 1999, p. 112.

¹⁵⁵ Tradução livre: “Je vous que vous mouriez tout présentement; puis, selon que ma belle humeur me rendra miséricordieux, je vous ressusciterai pour lire ma lettre; aussi bien quand pour regagner mès bonnes grâces vous me dédieriez une farce, je sais que tout ce qui est sot ne fait pas rire; et qu’encore que, pour faire quelque chose de bien ridicule, vous n’avez qu’à parler sérieusement, votre poésie est trop des Halles; et je pense que c’est la raison pourquoi votre Jugement de Paris n’a point de débit”. *Idem*, p. 112.

único que ouviu você pregar a Deus para que Ele lhe concedesse a graça de não crer Nele.¹⁵⁶

As fortes acusações impressas por Cyrano revelavam Dassoucy como um homem abominável, desprezível, sodomita, de baixa estatura e que escrevia obras com pouca qualidade. Mas, por um lado, Cyrano aponta não falar de coração, o que poderia indicar não se tratar de uma crença íntima. O escritor também indica o conflito interno vivenciado por Dassoucy, de acreditar na graça divina, embora ele preferisse não ter que acreditar. Dessa forma, o trecho, um tanto ambíguo, destaca como ambos os escritores apresentavam dúvidas ao lidarem com a fé. Além disso, segundo Alan Charles Kors, as fontes bíblicas, muitas delas lembradas pelos teólogos do período moderno, apresentavam uma correlação entre a descrença com a homossexualidade e outras luxúrias,¹⁵⁷ e que acabou sendo um tema também apontado pelos religiosos quando representavam o ser ateu. Sendo assim, as referências de Cyrano à sodomia de Dassoucy poderiam estar correlacionadas com uma indicação do desvio confessional do músico, uma perspectiva também encontrada nas acusações dos religiosos contra os libertinos. De todo modo, o objetivo era desqualificar o músico para se desvincular dele e das suas atitudes.

No final do texto de Cyrano, o escritor comparou o músico a um animal, ao indicar que ele raciocinava como um macaco, pois agia como uma espécie de marionete que não tinha capacidade de refletir por si mesmo. A perspectiva do engano, uma tópica da época, envolveu toda a reflexão de Cyrano, como se seu texto objetivasse desmascarar o falso homem que era Dassoucy.¹⁵⁸ A partir disso, ela se eximia da culpa de ter tido algum tipo de relação anterior com ele, pois a aversão que demonstrava permitia o seu distanciamento, já que somente era possível estabelecer a amizade com alguém que lhe fosse semelhante. Nesse caso, a representação do músico foi colocada em oposição à de Cyrano, que se colocou em uma posição superior, como alguém capaz de raciocinar, o que o levou a perceber e a desvelar a infâmia que estava por detrás das máscaras que encobriam Dassoucy.

Em uma outra carta, denominada “*Autre pour Soucidas, contre un partisan qui avait refusé de lui prêter de l’argent*”, Cyrano revelou como ele protestou, mais de uma vez, contra

¹⁵⁶ Tradução livre: “Ma foi, vous donnez au beau démenti à ces philosophes qui se moquent de la Création. S’il s’en trouve encore, je souhaite qu’ils vous rencontrent, car je suis assuré qu’après votre vue, ils croiront aisément que l’homme peut avoir été fait de boue. Ils vous prêcheront, et se serviront de vous-même, pour vous retirer de ce malheureux athéisme où vous croupissez. Vous savez que je ne parle point par coeur, et que je ne suis pas le seul qui vous a entendu prier Dieu qu’Il vous fit la grâce de ne point croire en Lui”. *Idem*, p. 113.

¹⁵⁷ KORS, Alan Charles. *Atheism in France, 1650-1729*. Volume I: The Orthodox Sources of Disbelief. Princeton: Princeton University Press, 1990, p. 20-21.

¹⁵⁸ CAVAILLÉ, *Les déniaisés*, p. 19.

a sua própria consciência, que se esforçava para acreditar no fato de que Dassoucy era o homem mais honesto do mundo.¹⁵⁹ O escritor percebeu os vícios do músico pelo jogo e o dinheiro, um elemento que foi explorado por Dassoucy em vários episódios da sua obra *Avantures*. A partir disso, Cyrano indicou a percepção de desonestidade da parte de Dassoucy, deixando subentendido que ele também roubava as suas ideias e os seus versos. Diante de uma relação de amizade, onde existia uma afinidade entre os seus corpos, seus pensamentos e, consequentemente, entre os seus textos, somados a um contexto onde a colaboração entre os escritores era frequente, onde existia uma reutilização dos conteúdos das obras, lugares-comuns e fórmulas de escrita tradicionais,¹⁶⁰ poderia ser uma tarefa complexa ter que se desvencilhar da genialidade do outro.¹⁶¹

Diante da revolta dos seus ex-camaradas, Dassoucy empreendeu esforços para comprovar a sua inocência e a relevância de sua genialidade entre os homens de letras. Mas ele percorreu um caminho árduo para isso. Alguns dos seus amigos já o tinham abandonado, como Cyrano, quando anos depois, em 1656, ele foi aprisionado em Montpellier, sob a acusação de sodomia, o que levou o músico a se retirar da França para tentar a sorte na corte de Savóia e em territórios italianos, já que ele temia novas perseguições. Sua acusação e a repentina fuga da capital reverberaram na obra de Chapelle e Bachaumont, o que demarcou um novo rompimento com o amigo. Através dessa ação, Chapelle tentava representar o seu distanciamento do músico, revelando os costumes desregrados dele para minimizar o laço que eles tinham anteriormente ao fato.

Depois disso, Dassoucy acabou vivenciado o enclausuramento mais duas vezes. No ano de 1667, ele foi preso no Santo Ofício de Roma, pela acusação de heresia, e em 1673 foi confinado pela terceira vez em Paris, suspeito de sodomia e da ligação com alguns meninos. Na ata de condenação do Santo Ofício de Roma, os motivos da detenção do músico foram descritos como “blasfêmias e proposições heréticas, concernentes também à imortalidade da alma e à ingestão de carnes nos dias proibidos”,¹⁶² o que indicaria a vivência profana que Dassoucy experimentava, um elemento que também foi pontuado pelos seus ex-amigos. Evidentemente que não se busca aqui acusar ou redimir o músico, o que não faz parte do

¹⁵⁹ CYRANO DE BERGERAC, *Lettres satiriques et amoureuses précédées de Lettres diverses*, p. 204.

¹⁶⁰ CHARTIER, *A mão do autor e a mente do editor*, p. 10.

¹⁶¹ A alusão ao roubo das ideias também constituiu as críticas emitidas numa carta escrita contra La Mothe Le Vayer filho. CYRANO DE BERGERAC, *Lettres satiriques et amoureuses précédées de Lettres diverses*, p. 120.

¹⁶² Tradução livre: “blasphemes et propositions hérétiques, concernant aussi bien l’immortalité de l’âme que l’ingestions de viandes aux jours interdits”. DASSOUCY, *Les Aventures et les prisons*, p. 594.

trabalho e do estudo histórico. Sendo assim, as acusações contra Dassoucy poderiam ser compreendidas como indicações de que ele tinha um espírito livre, uma condição que poderia gerar embates e suspeições sobre a sua conduta diante do contexto repressivo que vivia.

No ano de 1671, *Les Rimes redoublées* forma publicadas em Paris depois de um longo período sem publicações da parte de Dassoucy. Na obra, consta a carta contra Chapelle, quem foi identificado no título como “muito caro e muito perfeito amigo”.¹⁶³ A harmonia entre eles foi desmantelada ao longo da carta, pois o músico apontou que Chapelle era uma pessoa pouco confiável, já que ele sempre frequentava o “templo de Baco”, isto é, ele vivia sob os efeitos alcoólicos do vinho. Um homem bêbado não seria capaz de oferecer autenticidade sobre as suas palavras. Além disso, o ex-amigo foi descrito como alguém perverso e traidor, já que ele teria caluniado Dassoucy sem um motivo aparente, um amigo que ele jurou cumplicidade pública em mais de um poema liminar publicado nas obras de Dassoucy. Dessa forma, o músico reivindicava uma história de traição, um pouco semelhante ao rompimento vivenciado por Théophile e Des Barreaux, quando o primeiro foi aprisionado e o segundo não apresentou o apoio necessário ao amado.¹⁶⁴ Ao se colocar como a pessoa traída, Dassoucy demonstrava a sua indignação e apontava Chapelle como inimigo da verdade, conforme o extrato que diz:

Foi inimigo o bastante desta nobre Filha do Céu, ao usar todos os traços da mentira e da calúnia, ao me desonrar em um libelo você se desonra muito mais do que a mim, porque depois de tantos belos versos que compôs à minha glória; testemunhos imortais da amizade que me jurou, e que se vê ainda no começo das minhas Obras, você não saberia hoje em dia se retratar sem passar por um lisonjeiro ou por um perverso.¹⁶⁵

Embora Dassoucy mencione o libelo de Chapelle, ele não indicou qual foi a acusação do amigo. De todo modo, a desonra dele decorria da profanação da reputação do (ex)amigo em um texto que, mesmo na sua versão manuscrita, teve um público considerável. A lealdade que envolvia o laço de amizade foi rompida, o que transformava em contradições os antigos versos

¹⁶³ Tradução livre: “tres-cher et tres-parfait Amy”. DASSOUY, Charles. *Les Rimes Redoublées de Monsievr Dassovcy*. Paris: Clavde Nego, 1671, p. 106.

¹⁶⁴ MARTIN, Les amitiés poétiques, représentations et réalités. In: *Les Polittesses du seuil*, p. 217-225.

¹⁶⁵ Tradução livre: “vous ayez esté assez ennemy de cette noble Fille du Ciel, pour emprunter tous les traicts du mensonge & de la calomnie, pour me deshonnorer dans vn libelle qui vous deshonne bien plus que moy, puisque apres tant de beaux Vers que vous auez composés à ma gloire; témoins immortels de l’amitié que vous m’auez jurée, & que l’on void encor au commencement de mes Ouurages, vous ne sçauriez aujourd’huy vous retracter sans passer pour vn flatteur ou pour vn perverso”. DASSOUY, *Les Rimes Redoublées de Monsievr Dassovcy*, p. 107-108.

liminares que Chapelle concedeu a Dassoucy. No pequeno texto publicado em *Jugement de Paris*, Chapelle reconhecia a distinta capacidade e a bela produção de versos do amigo, pois somente um vulgar não conseguiria perceber a sua grande habilidade:

Quem disser o contrário
Demonstrará uma mente vulgar,
E mostrará que não tem bom
O julgamento.

Pois tão gentil é tua matéria,
E tão burlesca tua maneira,
Que este Livro estenderá teu nome
Até o tempo em que, como se diz,
Esperamos pela última coisa
O Julgamento.¹⁶⁶

A magnificência de Dassoucy e dos seus versos eram tão boas que eles seriam lembrados até o fim dos tempos, ao propor um jogo com a palavra julgamento, nome da obra e do julgamento final de Deus, em que ocorreria o julgamento dos vivos e dos mortos. Todo o reconhecimento e a afinidade que eles assinalaram em seus escritos acabarem sendo reescritos por eles mesmos. Diante disso, o músico revelava a importância dele compor a sua retratação pela ação do ex-amigo. O músico chegou a considerar que Chapelle talvez não tivesse a intenção de feri-lo, pois estava se divertindo, mas ainda assim, ele via como necessário apresentar uma resposta às acusações, como se pode observar no pequeno texto abaixo:

Bem sei que me dirá que esta peça foi uma brincadeira de sua mente, que não teve nenhuma intenção, assim o creio, e também perdoo a sua intenção, mas você também poderia perdoar a minha, pois você escreveu contra mim sem outra necessidade que não a de brincar e se divertir, e eu emprego só hoje a minha pluma por necessidade que tenho de me defender, e eu o sigo mesmo tão amigo, que se meu silêncio não fosse fatal à minha reputação, perdoaria ainda mais o seu, acostumado a rir de todas as tolices que dizem de mim, teria rido dessa como das outras, e você seria salvo dos golpes da minha pluma tão

¹⁶⁶ Tradução livre: “Quiconque dirá le contraire/ Fera voir une esprit vulgaire, / Et montrera qu’il n’a pas bon / Le jugement. // Car si gentille est ta matiere, / Et si burlesque tu maniere, / Que ce Livre estendra ton nom, / Jusque au temps auquel, ce dit-on, / On attend pour chose derniere / Le Jugement”. DASSOUCY, *Le jugement de Paris en vers burlesques*, s.p.

honestamente como espero ser salvo da sua: eu não gostaria nada de incomodar seu repouso no fundo de um cabaré.¹⁶⁷

A duplicidade entre a absolvição e a acusação do amigo foi conduzida com maestria pela pluma de Dassoucy, pois ele mantinha a sua posição de ataque velada e ainda abrandava o seu golpe ao inserir uma nota, na mesma página, que dizia: “Chapelle escrevendo contra Dassoucy, seu melhor Amigo inventou muito para divertir o Leitor astuto, e Dassoucy se defendendo contra seu melhor Amigo Chapelle inventou isto para divertir o astuto Leitor”.¹⁶⁸ Dessa forma, a seriedade que envolvia o rompimento deles era amenizado pelo comicidade da escrita, que apontava a possibilidade de que os ataques proferidos por Chapelle e Dassoucy, um contra o outro, estavam sob os efeitos de uma escrita de espírito divertido, que atenuava as acusações. Os efeitos polêmicos das acusações poderiam ser diminuídos e a genialidade dos escritores era valorizada, pois eles estariam em cena para divertir os leitores, até mesmo aqueles que fossem sagazes o bastante para perceber a veracidade (ou a mentira) através das suas palavras.

A outra forma que Dassoucy encontrou para contrapor os ataques de Cyrano e Chapelle foi acusá-los da mesma blasfêmia de que, no primeiro momento, ele foi feito alvo. Em uma obra publicada em 1676, denominada *Pensées*, o músico elaborou um discurso de devoção, como um crente arrependido, que defendia com convicção a fé e a importância de Deus. No entanto, a escrita de Dassoucy foi empregada com uma duplicidade tão grande que, ao tentar defender a sua crença com veemência, ele acabou dando a impressão de que estava provando o contrário. Além disso, uma parte considerável do seu texto foi dedicada à reflexão sobre os sujeitos ateus, onde as referências aos seus ex-amigos foram incluídas, sendo considerados falsos ateus em contraposição aos verdadeiros ateus, que eram mais virtuosos e poderiam ser identificados a partir da figura de Gassendi.¹⁶⁹

¹⁶⁷ Tradução livre: “Je sçais bien que vous me direz que cette piece fut vn jeu de vostre esprit que vous n’avez eu aucune intention, je le crois ainsi, aussi je pardonne à vostre intention, mais vous pouuez aussi bien pardonner à la mienne puisque vous avez écrit contre moy sans autre necessité, que celle de vous joüer & de vous diuertir, & que moy je n’employe aujourd’huy ma plume que par la necessité que j’ay de me deffendre, & je vous suis même si amy, que si mon silence n’estoit mortel à ma reputation, j’aurois encor pardonné à la vostre estant accoustumé à rire de toutes les sottises que l’on dit de moy, j’eusse ry de celle-cy comme des autres, & vous vous fussiez sauue des traits de ma plume aussi honnestement que j’espere me sauuer de la vostre: je n’eusse point esté troubler vostre repos dans le fond d’vn cabaret”. DASSOUCY, *Les Rimes Redovblées de Monsievr Dassovcy*, p. 114-115.

¹⁶⁸ Tradução livre: “Chapelle escriuant contre Dassoucy son meilleur Amy a beaucoup inuenté pour divertir le Lecteur malin, & Dassoucy se deffendant contre sō meiller Amy Chapelle a inuenté cecy pour divertir le malin Lecteur”. *Idem*, p. 108.

¹⁶⁹ DASSOUCY, *Les Pensées de Monsieur D’Assoucy dans le S. Office de Rome*.

Ao tentar confirmar o fato de que ele tratava dos indivíduos ateus em seu escrito porque continha exemplos a partir do convívio que teve com alguns deles, Dassoucy, então, decidiu referenciar os seus ex-camaradas da seguinte forma:

Eu conheci um que rompeu o pescoço em uma cave; um outro que se jogou pelas janelas, e dois outros que são os que eu mais frequentei e que me fizeram uma honra que eu não merecia, me imortalizando em seus escritos, um morreu louco, e eu peço a Deus que o outro morra mais sábio. O primeiro era um homem do qual eu posso falar bem, porque eu o alimentei por muito tempo; ele tinha a imaginação tão forte que não havia nada de tão ridículo nem de tão extravagante de que ele não fizesse uma verdade constante; e não estava contente de ser inteiramente persuadido por ela, se os outros não estivessem persuadidos como ele mesmo. Ele queria que acreditássemos que cada estrela era um mundo, e que além desses havia ainda uma infinidade de outros, e que havia vários sóis e apesar de eu lhe dar o que comer, ele brigou comigo e não se importou de romper comigo, se eu não tivesse aquiescido que havia um mundo na lua.¹⁷⁰

A descrição feita pelo músico claramente era de Cyrano, indicando que o ex-amigo além de ser ateu era também perturbado mentalmente, pois indicou que ele morreu louco. O interesse pelos corpos celestes compreendeu um elemento explorado por Cyrano a partir da personagem de Dyrcona em *Viagem à Lua*, uma obra que o músico certamente conhecia e acabou referenciando. Em seguida, Dassoucy continuou a sua reflexão, ao referenciar a ligação com Chappelle, além de indicar que ele havia sido discípulo de um filósofo, a partir de uma descrição que permite identificar Gassendi, conforme o trecho:

O outro era um espírito muito delirado, e dos mais galantes do nosso século. Ele sugou o erro com o leite a partir de um grande filósofo ateu, perfeito e realizado, mas que havia feito um mal discípulo. Este não reconhecia nada acima da natureza, atribuía tudo ao acaso, e tinha pensamentos admiráveis, que ele dizia ser mais claros que o dia. (...) Ele me assegurava que o mundo era feito de átomos, e para prová-lo, ele me deu razões tão grosseiras e tão

¹⁷⁰ Tradução livre: “J’en ay connu un qui se rompit le col dans une cave ; un autre qui se jetta par les fenestres, & des deux autres que j’ay le plus frequentez, & qui m’ont fait un honneur que je ne meritois pas, m’immortalisant dans leurs écrits, l’un est mort fol, & je prie Dieu que l’autre meure plus sage. Le premier estoit un homme dont je puis bien parler, puisque je l’ay nourry longtemps ; il avoit l’imagination si forte qu’il n’y a rien de si ridicule ny de si extravagant dont il ne se fist une tres-constante vérité ; et n’estoit pas content d’en estre entierement persuadé, si les autres n’en estoient encore persuadez comme luy-même. Il vouloit qu’on crût que chaque étoille estoit un Monde, & qu’outre ceux-là il y en avoit encore une infinité d’autres, & qu’il y avoit plusieurs Soleils, & quoique je luy donnasse à manger, il m’auroit querelé et ne se seroit pas soucié de rompre avec moy, si je ne luy eusse accordé qu’il y avoit un Monde dans la Lune”. *Idem*, p. 49-51.

extravagantes, que se Epicuro não tivesse melhores, deve ter sido um espírito bem extravagante e bem grosseiro.¹⁷¹

A partir dessa representação, Dassoucy reconduzia os seus ex-amigos, e o núcleo que eles conviviam, à suspeita da impostura do ateísmo, que estava ligada ao delírio de suas mentes e ao interesse extravagante pela compreensão da natureza e dos astros, temas que evidenciavam a pouca credibilidade que os seus ex-camaradas davam para o discurso religioso, que trazia explicações sobre o mistério dos céus. Em outro momento da obra, o músico ainda apontou que Cyrano e Chappelle podiam ser considerados falsos ateus. Ao cuspirem incessantemente contra a imagem de Deus, ambos escandalizavam e criticavam em demasia as temáticas santas, não escondendo suas críticas e desejando que fossem apontados nas ruas. A impostura deles advinha da falta de decoro e as suas críticas seriam sinais da fraqueza e do medo de assumirem a crença em um Deus.¹⁷²

No ano seguinte, em 1677, o músico retomou os ataques contra os amigos em *Avantures*, e rememorou as calúnias em um capítulo dedicado, novamente, a Chappelle, denominado: “*Ample réponse de d’Assoucy au Voyage de Monsieur Chappelle*”, que retomou a mesma carta publicada em *Rimes redoublées*. Além disso, Dassoucy buscou lembrar os seus leitores sobre a amizade deles, e incluiu a peça que o ex-amigo havia lhe dedicado, para evidenciar como existia uma cumplicidade entre eles, para depois emitir os seguintes questionamentos: “Depois destes versos que você me deu para compor o meu retrato, e tantos outros compostos à minha glória, você fez esse d’Assoucy grande, para depois de ter feito um gigante, reduzi-lo ao tamanho de um anão?”.¹⁷³ Ou ainda: “Porque então depois de tantos testemunhos recíprocos de amizade você poderia tê-lo tratado assim? Esse pobre d’Assoucy que jamais lhe fez anda, e que ficaria bem arrependido de ter lhe feito qualquer coisa”.¹⁷⁴ O pequeno texto de Chappelle foi

¹⁷¹ Tradução livre: “L’autre estoit un esprit tres-delié, & des plus galans de nostre siecle. Il avoit succé l’erreur avec le lait auprès d’un grand Philosophe Athée, parfait & accomply, mais qui en avoit fait un mauvais Disciple. Celui-cy ne reconnoissoit rien au dessus de la Nature, attribuoit tout au hazard, & avoit des pensées admirables, qu’il disoit estre plus claires que le jour. (...) Il m’asseuroit que le Monde estoit fait d’atomes, & pour le prouver, il m’apportoit des raisons si bouruës & si extravagantes, que si Epicure n’en avoit point de meilleures, il falloit que ce fut un esprit bien extravagant & bien bourru”. *Idem*, p. 51-53.

¹⁷² *Idem*, p. 46-47.

¹⁷³ Tradução livre: “Depuis ces vers que vous me donnastes pour mon Portrait, & tant d’autres que vous avez composez à ma gloire, que vous a fait ce grand d’Assoucy, pour après en avoir fait un Geant, le reduire à la taille d’un Nain?”. DASSOUCY, *Les Avantures de Monsieur D’Assoucy*. Tome second, p. 258-259.

¹⁷⁴ Tradução livre: “Porquoy donc après tant de témoignages reciproques d’amitié l’avez vous pû traiter ainsi? Ce pauvre d’Assoucy qui ne vous fit jamais rien, & qui seroit bien marry de vous avoir fait quelque chose”. *Idem*, p. 260.

(re)apresentado como uma forma de comprovar a inocência do músico, além de permitir a ênfase sobre a malignidade do amigo ter se voltado contra ele.

Além dos seus questionamentos, o escritor também preparou um verso que revelava a sua mágoa diante das acusações sofridas e reconhecia a gravidade que o ex-amigo havia cometido ao ter escrito contra ele:

Que a sua pluma criminosa,
Da qual melhor do que sua lâmina
Você fere os inocentes,
Causa uma ferida mortal
Ao seu inimigo, o bom senso
E vê-se, senhor Chapelle,
Que os mais belos espíritos do tempo
Por vezes carecem de juízo,
Assim como me faltam dez escudos brancos.¹⁷⁵

A partir desses versos verifica-se o reconhecimento do músico sobre o quanto as palavras, poderiam, muitas vezes, ferir mais do que as armas, principalmente pelo fato dos escritos reverberarem no tempo. Os escritores reconheciam, assim, a importância dos textos, que podiam ser empregados para representarem os seus confrontos com os outros, assim como os seus grandiosos laços de amizade com os mais belos espíritos da época em que viviam. As obras escritas pelos libertinos permitiam, também, a circularidade das suas ideias, das amizades e dos dilemas enfrentados no contexto. A partir delas, eles tentavam (re)construir as próprias memórias e as suas legitimações enquanto homens de letras, em busca da consolidação diante dos espaços que circulavam. Ao colocarem em cena tudo isso em suas obras, os libertinos reivindicavam os poderes dos escritos.¹⁷⁶

¹⁷⁵ Tradução livre: “Que vostre plume criminelle, / Dont mieux que de vostre allumelle / Vous ferissez les innocens, / Fait une blessure mortelle / A vostre ennemy le bons sens, / Et que l’on voit, Monsieur Chapelle, / Que les plus beaux esprits du temps / Quelquefois manquent de cervelle, / Côme je manque décus blancs”. *Idem*, p. 276.

¹⁷⁶ JOUHAUD, *Les Pouvoirs de la littérature*; SCHAPIRA, *Un professionnel des lettres au XVIIe siècle*.

CAPÍTULO 3 – PARADOXOS DA MATERIALIDADE E PUBLICAÇÃO DO TEXTO LIBERTINO

Ele prova lá dentro que todas as coisas são verdadeiras, e declara a maneira de unir fisicamente as verdades de cada contraditório, como por exemplo que o branco é negro e que o negro é branco, que podemos ser e não ser ao mesmo tempo.¹

Os textos libertinos possuem um traço em comum: a presença da contradição e a posição paradoxal dos personagens que compõem as histórias narradas. Um elemento que, por vezes, foi compreendido como não coerente e dissolvente da argumentação filosófica libertina, na verdade, se tratava de um componente importante que provocava debates, permitindo a exposição, ocultação e inversão de ideias para introdução de novos pontos de vista nas narrativas. Além disso, ele permitia a incorporação da suspensão de opiniões, multiplicando ambiguidades que possibilitavam o questionamento sobre a realidade e outros temas.

Uma das significações vinculadas à palavra paradoxo é de que ela consiste na defesa de algo contra a opinião comum. Sentido que está correlacionado com sua etimologia, pois *paradoxo* quer dizer oposto à *doxa*, onde a palavra grega *doxa* significa crença comum. A partir disso, pode-se dizer que o paradoxo se trata de uma opinião contrária ao pensamento comum. No âmbito dos estudos filosóficos da lógica, o paradoxo foi compreendido como o resultado falso de um raciocínio rigoroso, “um raciocínio cujo erro, não aparente, é deduzido do fato que a sua validade destruiria todo o saber”,² permitindo a apresentação dos possíveis erros subentendidos de determinado raciocínio. Na verdade, o paradoxo poderia ser compreendido como tudo aquilo que desafia a própria lógica, conforme indicou um dos dicionários que relacionou o paradoxo com a filosofia de Pascal, ao identificar como o filósofo reconhecia o ser humano imerso em um constante paradoxo do ser.³ Nesse sentido, o paradoxo se serve da contradição, não somente para contradizer o que seria lógico, mas para colocar em evidência

¹ Tradução livre: “Il prouve là-dedans que toutes choses sont vraies, et declare la façon d’unir physiquement les vérités de chaque contradictoire, comme par exemple que le blanc est noir et que le noir est blanc; qu’on peut être et n’être pas en même temps”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 135.

² Tradução livre: “un raisonnement dont l’erreur, non apparente, est déduite du fait que sa validité détruirait tout le savoir”. THIROUIN, Laurent. Paradoxe et contradiction dans le discours des moralistes français du XVII e siècle. *Revue des littératures et des arts*, n. 6, 1996, p. 2.

³ GRAND Larousse de la langue française en sept volumes. t. 5, O-PSI. Paris: Larousse, 1989, p. 3874-3875. Disponível: [ark:/12148/bpt6k1200551p](https://nbn-resolving.org/urn:nbn:fr:lr-12148-bpt6k1200551p) Acesso em: 12 maio 2024.

um pensamento realizado em sua simultaneidade,⁴ ou ao seu lado, servindo como um multiplicador de ideias e de posições.

Os paradoxos e as contradições são observados desde a materialidade dos textos libertinos, que, ao serem investigados, oferecem indícios sobre a constituição das práticas de escrita que foram desenvolvidas pelos seus escritores e outros agentes integrantes do campo cultural do período moderno.⁵ Ao se atentar à materialidade do *corpus*, identifica-se as constantes operações que os impressos e os manuscritos estavam incluídos naquele contexto. Impressos que estavam abertos a mobilidade, flexibilidade e variação, e manuscritos que estavam abertos as correções, eliminações e adições.⁶

Através da análise, observou-se, também, como os textos libertinos são reveladores de um contexto paradoxal, de emergência da autonomia do escritor em meio ao acirramento do poder e a dependência dos patronos.⁷ Ao serem integrantes de um mundo que exigia dos agentes o controle dos afetos, ideias e aparências, os textos de Cyrano, Dassoucy, Tristan e Chappelle representaram a clivagem perpassada pelos escritores diante da reorientação das práticas e emoções humanas frente ao estabelecimento do Estado absoluto, onde se passou a concentrar e localizar as verdades a partir da divisão das esferas pública e privada. Os textos dos escritores emergiram nesse contexto, servindo como espaços de representação e reflexão sobre as duplicidades vivenciadas, as exigências impostas e as articulações que eram possíveis de serem feitas pelos escritores em uma realidade em reformulação.

A partir disso, pode-se lançar compreensão sobre as tensões do período, a circularidade de ideias e as atuações libertinas na busca pela autonomia em meio as submissões, que, em alguns casos, poderiam oferecer benefícios. Ao se investigar os escritos dos libertinos pode-se identificar as suas percepções sobre as ações empreendidas por eles a partir de suas atuações profissionais.⁸ Assim sendo, ao se analisar a questão do paradoxo e da contradição correlacionados com a questão da materialidade das fontes e das atuações dos libertinos e seus anseios de autonomia e liberdade, buscou-se compreender as suas ideias, os questionamentos e a relevância das reflexões presentes nos textos.

⁴ THIROUIN, *Paradoxe et contradiction dans le discours des moralistes français du XVIIe siècle*, p. 2-3.

⁵ BOURDIEU, *As regras da arte*; CHARTIER, *Pierre Bourdieu e a história*; CHARTIER, *A mão do autor e a mente do editor*;

⁶ CHARTIER, *A mão do autor e a mente do editor*, p. 107-112.

⁷ JOUHAUD, *Les Pouvoirs de la littérature*; VIALA, *Naissance de l'écrivain*, p. 7-8.

⁸ SCHAPIRA, *Un professionnel des lettres au XVIIe siècle*.

3.1. As contradições dos escritos: entre publicações, censuras e edições

3.1.1. Cyrano e as viagens para os outros mundos

Em 1657 foi publicada *L'Histoire comique par monsieur de Cyrano de Bergerac. Contenant les Etats et Empires de la Lune* com edição de Charles de Sercy. A obra em questão foi preparada por Henri Le Bret, amigo de longa data de Cyrano de Bergerac, em conjunto com o impressor Charles de Sercy, quem também foi responsável por publicar outros textos do escritor. O texto, que foi impresso no formato in-12, conta com uma dedicatória a Tanneguy Renault des Boisclairs, magistrado e oficial de Borgonha e Bresse, que teria sido o último protetor de Cyrano, embora ele nunca tenha sido citado em outras produções do escritor,⁹ e um longo prefácio, ambos com possibilidade de autoria de Le Bret, haja vista o debate entre os especialistas sobre a autoria dos paratextos¹⁰ que homenageiam Cyrano e o seu texto.¹¹

Enquanto uma obra póstuma, ela apareceu dois anos depois da morte de Cyrano, em julho de 1655, portando um novo título introdutor de *Histoire comique* para a narrativa que descreve a viagem à Lua. Essa modificação buscava atenuar o texto e garantir seu caráter inofensivo, como apontou Isabelle Moreau,¹² pois o termo era comumente associado a escritos satíricos e fabulosos, conforme empregado na obra *Histoire comique de Francion*, de Charles

⁹ A onipresença de Tanneguy Renault des Boisclairs em outros textos produzidos por Cyrano foi uma questão enfatizada por Madeleine Alcover. Em suas investigações, ela apontou como Boisclairs, na verdade, tinha proximidade com Le Bret muito mais do que com Cyrano, o que explica a obra ter sido dedicada a ele já que os escritos foram publicados a partir dos esforços do amigo do escritor. ALCOVER, Madeleine. Sur les *Lettres diverses* d'Henry Le Bret, éditeur de Cyrano et prévôt de l'Église de Montauban. *Les Dossiers du Grihl*, n. 3, 2022.

¹⁰ Elizabeth Sankey aponta que Le Bret teria sido um dos únicos responsáveis pelas alterações na primeira edição da obra de Cyrano de 1657, entretanto, existem dúvidas a respeito disso. Alcover, por exemplo, pontua que Le Bret provavelmente teve companhia de um terceiro indivíduo, principalmente em relação às passagens científicas que constam no prefácio. Conferir SANKEY, Margaret; KING, M. The question of authorship in Cyrano de Bergerac's *Voyage dans la Lune*: a computer-assisted statistical analysis. In: *THE CULTURE of the Book: Essays from two Hemispheres in Honour of Wallace Kirsop*. Melbourne: Bibliographical Society of Australia and New Zealand, 1999, p. 136-147; ALCOVER, Madeleine. Statistique et critique d'attribution : l'édition posthume des *États et Empires de la Lune*. *Littératures classiques*, n. 53, 2004; ALCOVER, Madeleine. *Le Cyrano de Bergerac* de Jacques Prévot. *Les Dossiers du Grihl*, n. 3, 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/5079> Acesso em: 07 março 2025.

¹¹ CYRANO DE BERGERAC; LE BRET, *Histoire comique, par monsieur de Cyrano de Bergerac*. BNF RES P-Y2-2969. Recentemente, foi disponibilizada uma versão digital e colorida da obra, o que possibilita observar melhor os detalhes e aspectos materiais do texto, podendo ser consultada em: [ark:/12148/bpt6k87098567](http://nbn-resolving.org/urn:nbn:fr:bnf-p-y2-2969). Acesso em: 13 março 2023.

¹² MOREAU, *Guérir du sot*, p. 168.

Sorel.¹³ Embora este último tenha expressado, no prefácio de *Polyandre*, o desejo de retirar da História cômica sua reputação de obra puramente burlesca, Jean Serroy indicou que, no período, a expressão ainda poderia estar associada ao caráter satírico de determinados textos.¹⁴ O exemplar de Cyrano que se encontra na BNF possui algumas particularidades, que foram observadas somente após a descoberta de outros exemplares. Se acreditou, durante muito tempo, que esse era o único impresso original a ter sobrevivido, mas com o tempo outros exemplares foram revelados, como os de Flaubert, Houghton Library e Harvard University – se trata do mesmo exemplar – e Boston. Dessa forma, ao todo, essa edição possui três exemplares sobreviventes.

Ao se observar o texto de Flaubert e o de Harvard, pode-se identificar como eles são quase idênticos, a não ser pelas diferenças de coloração ou ornamentação da capa, que podem ter sido ocasionadas pela ação natural do tempo no caso da primeira.¹⁵ Porém, quando comparados os paratextos desses dois exemplares com o primeiro exemplar citado, que se encontra na BNF, eles possuem diferenças significativas. Pode-se observar como na dedicatória e prefácio do impresso da BNF existem indícios de que o artefato foi alterado, pois são perceptíveis na primeira página da dedicatória, ainda que discretos, os traços de uma cartonagem. Um impresso cartonado consiste na substituição de um conjunto de páginas ou folhas de um livro por outras a partir de um processo de recorte e colagem, havendo, assim, a inserção de uma ou mais páginas diferentes.¹⁶ Tecnicamente, tal procedimento objetivava deixar traços imperceptíveis de inserção, mas a partir de um exame cuidadoso foi possível encontrar detalhes aparentes de substituição, a partir de linhas ou traços de folhas que ficaram levemente proeminentes na parte central da encadernação. Existem casos em que tais traços podem aparecer também na parte lateral das folhas. Sendo assim, o exemplar da BNF consiste em um dos únicos que foi censurado em seus textos preliminares, cuja alteração pode ter ocorrido durante ou logo após a impressão do exemplar. Parte destas observações foram indicadas por Alcover, uma das principais editoras e investigadora em torno das obras e

¹³ SOREL, Charles. *Histoire comique de Francion*. Paris: Pierre Billaine, 1626. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb119457313> Acesso em: 12 março 2025.

¹⁴ SERROY, Jean. *Roman et réalité*. Les histoires comiques au XVIIe siècle. Paris: Minard, 1981, p. 418.

¹⁵ O exemplar Flaubert, que também está acondicionado na BNF, teria pertencido a Gustave Flaubert, tendo, inclusive, uma marca indicando “Vente Flaubert” em sua contracapa. Infelizmente, ainda não existe uma versão digital do objeto para consulta, mas é possível buscá-lo através do catálogo da BNF a partir do código RES 8-NFR-363. Já o exemplar de Harvard, sob o código GEN FC6 C9938 657h, consta no catálogo de Houghton Library, com acesso digital em: <https://nrs.lib.harvard.edu/urn-3:fhcl.hough:2600843>. Acesso em: 13 março 2023.

¹⁶ LES CARTONS. In: *Dominique Varry*. Introduction à la bibliographie matérielle. Disponível em: <http://dominique-varry.enssib.fr/node/37> Acesso em: 13 março 2024.

biografia de Cyrano,¹⁷ mas que não deixam de surpreender quando verificadas *in-loco*, revelando o ineditismo e a singularidade do objeto.

Com relação ao conteúdo divergente dos paratextos, na epístola dedicatória ao Des Boisclairs de Flaubert e Harvard, foi significativo observar como os trechos se tratavam de críticas dirigidas a Abel, irmão de Cyrano, os quais são omitidos do exemplar da BNF. Na dedicatória assinada por Le Bret, o agradecimento ao magistrado de Bourgogne e Bresse pelos cuidados que ele teria prestado a Cyrano, quando ele ficou doente, se contrapõe às críticas ao irmão do escritor conforme se observa a seguinte mensagem contida nos exemplares de Flaubert e Harvard:

De forma que quando você quebrou os ferros onde seu bárbaro Irmão o mantinha sob pretexto de sua doença, mas na verdade por uma covarde e cruel cobiça de seu bem, quando eu o vi em sua casa tão livre e tão bem solicitado, quando, digo eu, os seus generosos cuidados paralisaram o curso precipitado de sua doença, que o único desgosto pela inumanidade desse mau Irmão tornou tão violenta, eu lhe considerei como o milagre de nosso dias, e eu me consolei da dureza de um século onde os Homens são geralmente tão interessados, quando eu vi um Amigo tão terno e tão generoso. Foi de uma proteção tão poderosa para ele.¹⁸

Abel foi apontado como alguém ganancioso e egoísta, que não estava verdadeiramente preocupado em prestar os devidos cuidados com Cyrano, pois estava mais interessado em cobiçar os seus bens, embora o irmão tenha sido declarado herdeiro universal das posses do escritor conforme declaração do primo deles, Pierre II de Cyrano.¹⁹ Por conta do teor acusatório do trecho, o ataque de Le Bret contra Abel foi ocultado, sendo suprimido para dar destaque

¹⁷ Outras edições contemporâneas em francês das obras de Cyrano seriam: CYRANO DE BERGERAC. *L'Autre Monde ou Les Etats et Empires de la Lune*. Édition critique par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 1977; CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*; CYRANO DE BERGERAC. *Oeuvres complètes*. I. L'autre Monde ou les Etats et Empires de la Lune. Les Etats et Empires du Soleil. Fragment de physique. Edition critique par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2006.

¹⁸ Tradução livre: “De sorte que quand vous eustes brisé les fers où son barbare Frere le tenoit sous pretexte de son mal, mais en effet par vne lâche & cruelle conuoitise de son bien ; quand je le vis chez vous si libre & si bien sollicite ; quand, dis-je, vos soins genereux eurent arreste le cours precipité de sa maladie, que le seul déplaisir de l’inhumanité de ce mauuais Frere avoit rendu si violente, je vous consideray comme le miracle de nos jours, & je me consolay de la dureté d’vn siecle où les Hommes sont si generalement interessez, quand j’y vis un Amy si tendre & si genereux. Ce fut d’vne si puissante protection pour luy...”. CYRANO DE BERGERAC; LE BRET, *Histoire comique, par monsieur de Cyrano de Bergerac*, f. ã iij v° - ã iiij r°. BNF RES 8-NFR-363 (Flaubert) e FC6.C99938.657h ou 58-194 (Harvard).

¹⁹ CYRANO DE BERGERAC. *Les oeuvres libertines de Cyrano de Bergerac, parisien (1619-1655)*. Précédées d’une notice biographique, par Frédéric Lachèvre. t. I. Paris: Champion, 1921 p. XCIII-XCIV.

apenas à prestatividade de Des Boisclairs com o escritor, conforme se pode verificar no trecho do exemplar da BNF censurado:

De forma que quando você teve a vontade de lhe dar provas de sua proteção e amizade durante sua doença, da qual você interrompeu o curso pelos seus cuidados e assistências generosas que você lhe deu na extremidade dos seus males mais violentos; foi de uma proteção tão poderosa para ele.²⁰

A crítica contra Abel foi eliminada e a ênfase na generosidade do Des Boisclairs foi mantida. Contudo, as alterações não se limitaram a esse momento, sendo possível verificar também uma supressão no prefácio. Os exemplares de Flaubert e Harvard revelam o teor das críticas, que foram omitidas do exemplar da BNF. No prefácio, consta uma breve listagem de amigos que Cyrano teve ao longo de sua vida, os quais teriam o auxiliado quando ele ficou doente. Nesse momento, Rohault foi citado – o matemático Jacques Rohault que se dedicou ao estudo da física a partir do texto *Le Traité de physique*, publicado em 1671 –, como sendo um dos colegas próximos que teria descoberto a falta de cuidado com que Abel tratava Cyrano durante sua debilidade, conforme se pode observar no seguinte trecho:

tendo tanta amizade pelo Senhor de Bergerac, e tendo se interessado pelo que lhe tocava, que ele foi o primeiro que descobriu os maus tratamentos que seu irmão lhe fazia, e quem procurou cuidadosamente com todos os seus amigos o meio de lhe subtrair da crueldade desse bárbaro.²¹

Mais uma vez, Abel foi acusado de negligência, considerado um tanto impiedoso. Uma recriminação que foi retirada do exemplar da BNF, sendo substituída por um extrato muito diferente da mensagem anterior, que omite a crítica e enfatiza somente os cuidados que Cyrano

²⁰ Tradução livre: “De sorte que quand vous eustes la vónté de luy rendre des preuues de vostre protection & de vostre amitié dans sa maladie, dont vous arrestâtes le cours par vos soins & les assitances genereuses que vous luy rendistes en l’extremité de ses maux les plus violens ; ce fut d’vne si puissante protection pour luy...”. CYRANO DE BERGERAC; LE BRET, *Histoire comiqve, par monsieur de Cyrano de Bergerac*, f. ã iij v°- ã iiij r°. BNF RES P-Y2-2969.

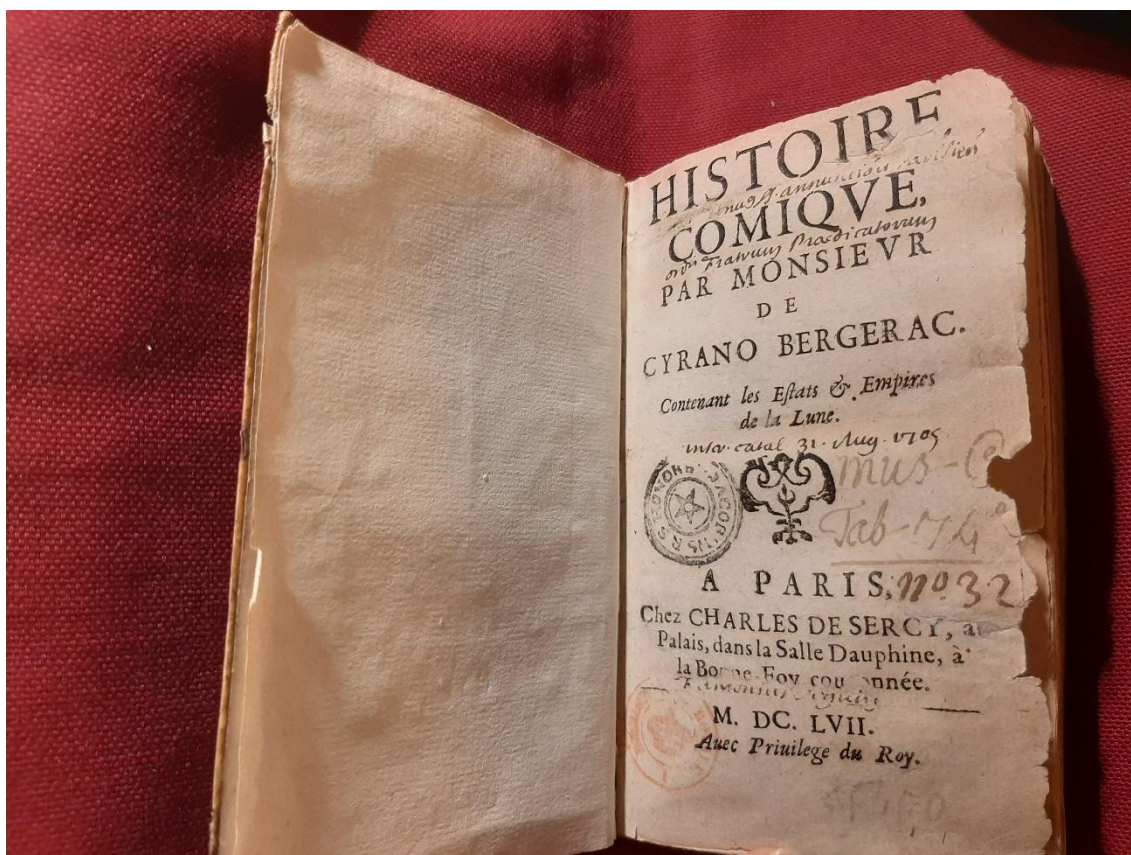
²¹ Tradução livre: “eut tant d’amitié pour Monsieur de Bergerac, et s’interessa de sorte pour ce qui le touchoit, qu’il fut le premier qui de descouurit les mauuais traitemens que luy faisoit son frere, et qui rechercha soigneusement avec tous ses amis le Moyen de le soustraire aux cruautez de ce barbare”. CYRANO DE BERGERAC; LE BRET, *Histoire comiqve, par monsieur de Cyrano de Bergerac*, s. p. BNF RES 8-NFR-363 (Flaubert), FC6.C99938.657h (Harvard).

recebeu de Rohault e outros amigos, conforme se observa no trecho repaginado: “tendo tanta amizade pelo Senhor de Bergerac, e tendo se interessado pelo que lhe tocava, ele foi o primeiro que descobriu a verdadeira causa de sua doença, e quem procurou cuidadosamente, com todos os seus amigos, os meios de dela livrá-lo”.²²

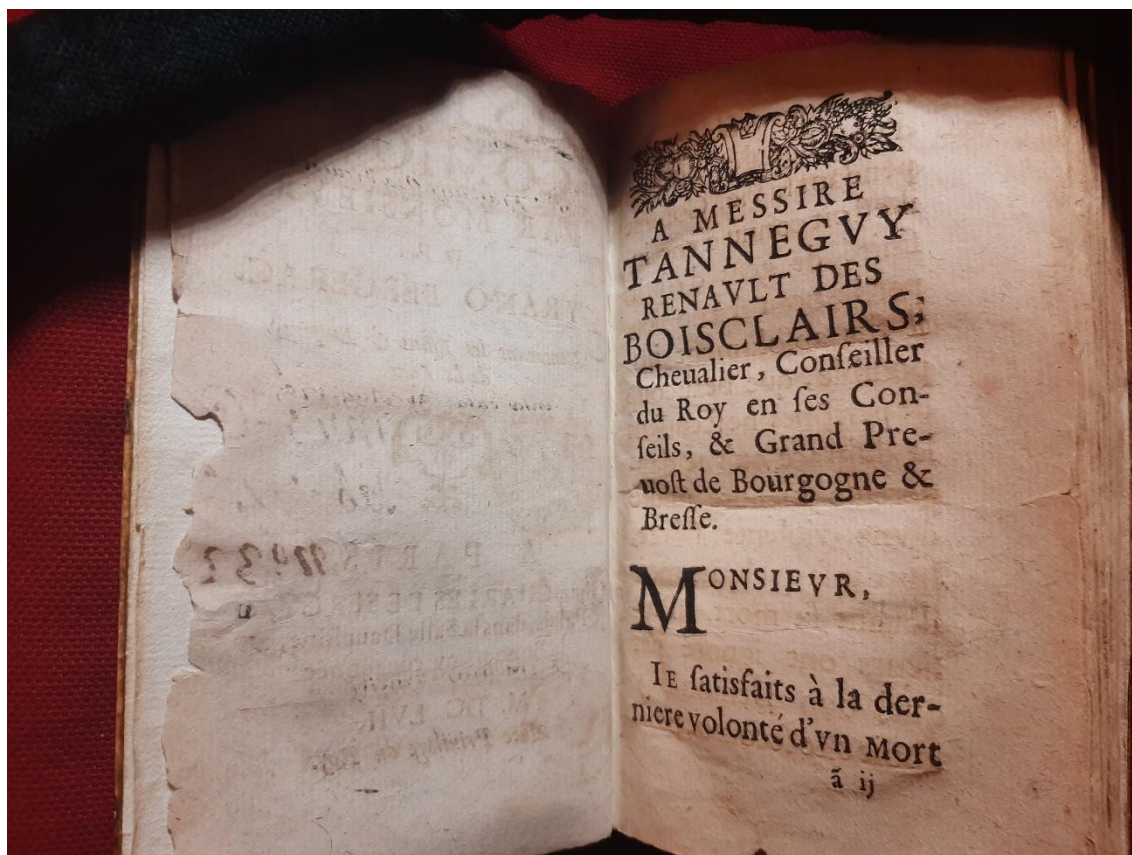
As páginas censuradas do exemplar da BNF, nas quais constam essas ocultações, possuem as marcas da cartonagem, traços materiais visíveis que se somam a outros aspectos observáveis a olho nu, como a mudança de página – frente ou verso – em que constam os textos preliminares e a alteração das figuras que ornamentam as páginas (Figura 1, 2, 3, 4 e 5). O exemplar censurado possui a seguinte ordem dos paratextos, primeiro, uma página de título (a), em seguida a dedicatória (b) que se inicia em uma nova folha de frente, ocupando exatamente sete páginas da obra. Depois, no verso da última folha da dedicatória consta o extrato do privilégio (c), em que estão ausentes os ornamentos de flores que são encontrados nos exemplares de Flaubert e Harvard, os quais são substituídos apenas por uma linha reta. Na página seguinte, sem um intervalo de uma folha em branco, consta o prefácio (d). Já nos exemplares de Flaubert e Harvard, os textos seguem a mesma ordem anterior (a, b, c, d), mas a dedicatória ocupa exatamente seis páginas de texto, ou seja, uma página a menos do que o censurado da BNF. Já o extrato do privilégio se inicia numa página de frente e não no verso da folha da dedicatória, como ocorre no exemplar da BNF. Além disso, a página do privilégio dos exemplares de Flaubert e Harvard está ornamentada com uma faixa não muito grossa com ramos de flores e folhas acima da titulação do extrato.

²² Tradução livre: “eut tant d’amitié pour Monsieur de Bergerac, et s’intéressa de sorte pour ce qui le touchoit, qu’il fut le premier qui descouvrit la véritable cause de sa maladie, et qui rechercha soigneusement, avec tous ses amis, les moyens de l’en delivrer”. CYRANO DE BERGERAC; LE BRET, *Histoire comique, par monsieur de Cyrano de Bergerac*, s.p. BNF RES P-Y2-2969.

Figura 1 – Frontispício da primeira edição póstuma de *Histoire comique*, que possui a cartonagem e a censura do prefácio

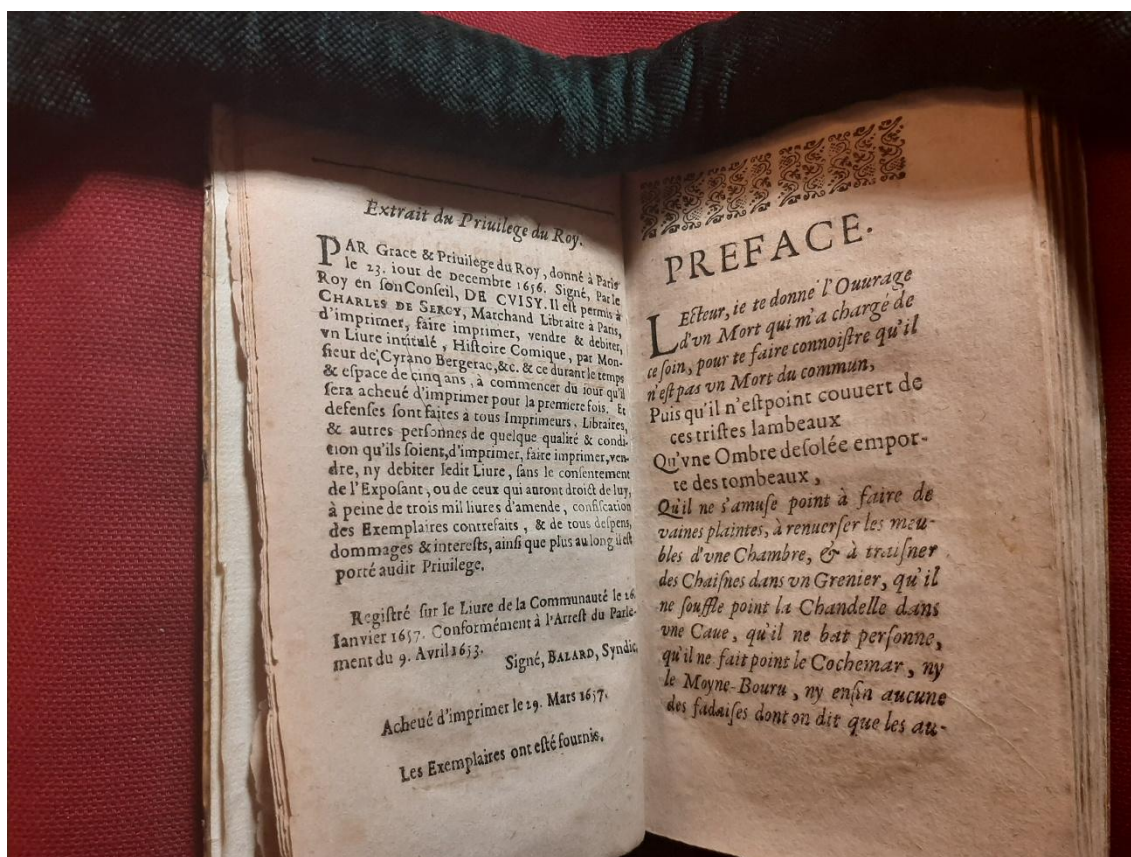


CYRANO DE BERGERAC, Savinien de; LE BRET, Henry. *Histoire comique, par monsieur de Cyrano de Bergerac*. Contenant les Estats et Empires de la Lune. Paris: Charles de Sercey, 1657. BNF RES P-Y2-2969. Disponível em: <ark:/12148/bpt6k87098567> Acesso em: 14 março 2025.

Figura 2 – Texto dedicatório de *Histoire comique*

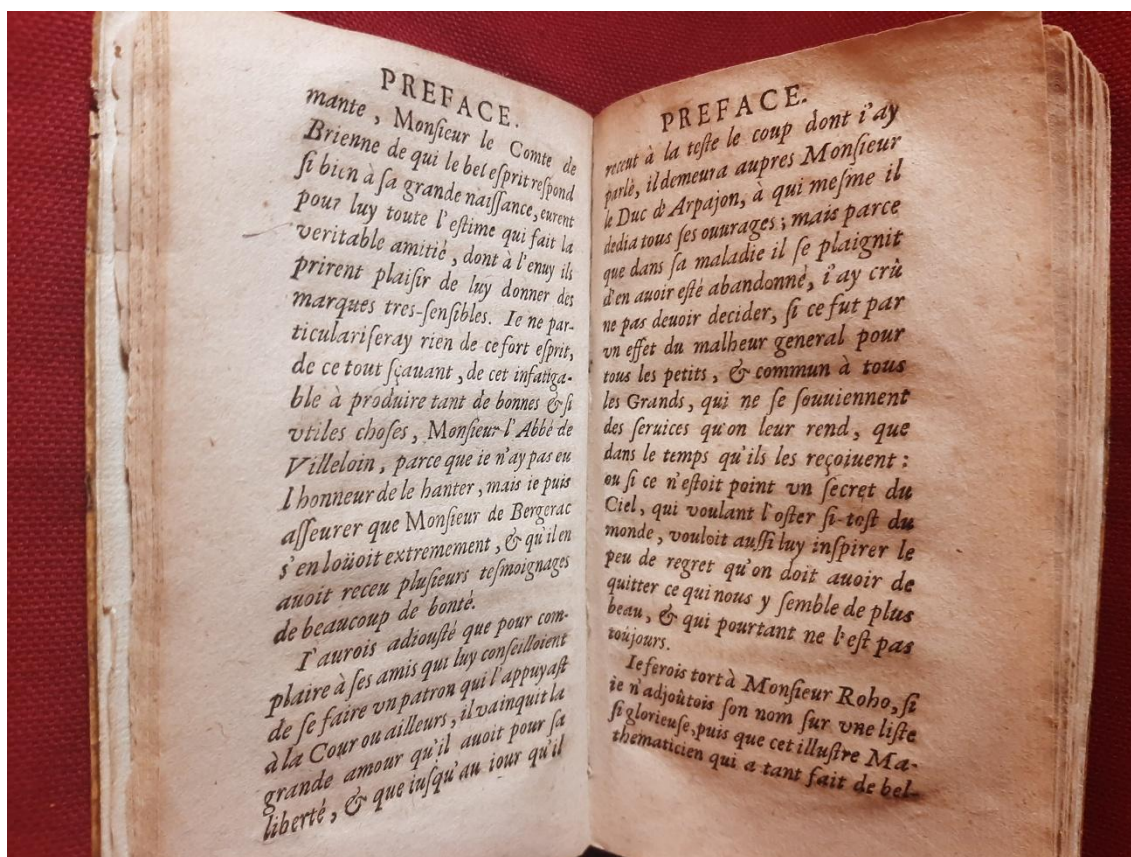
CYRANO DE BERGERAC, Savinien de; LE BRET, Henry. *Histoire comique, par monsieur de Cyrano de Bergerac*. Contenant les Etats et Empires de la Lune. Paris: Charles de Sercy, 1657. BNF RES P-Y2-2969. Disponível em: ark:/12148/bpt6k87098567 Acesso em: 14 março 2025.

Figura 3 – Extrato do privilégio e primeira página do prefácio de *Histoire comique*

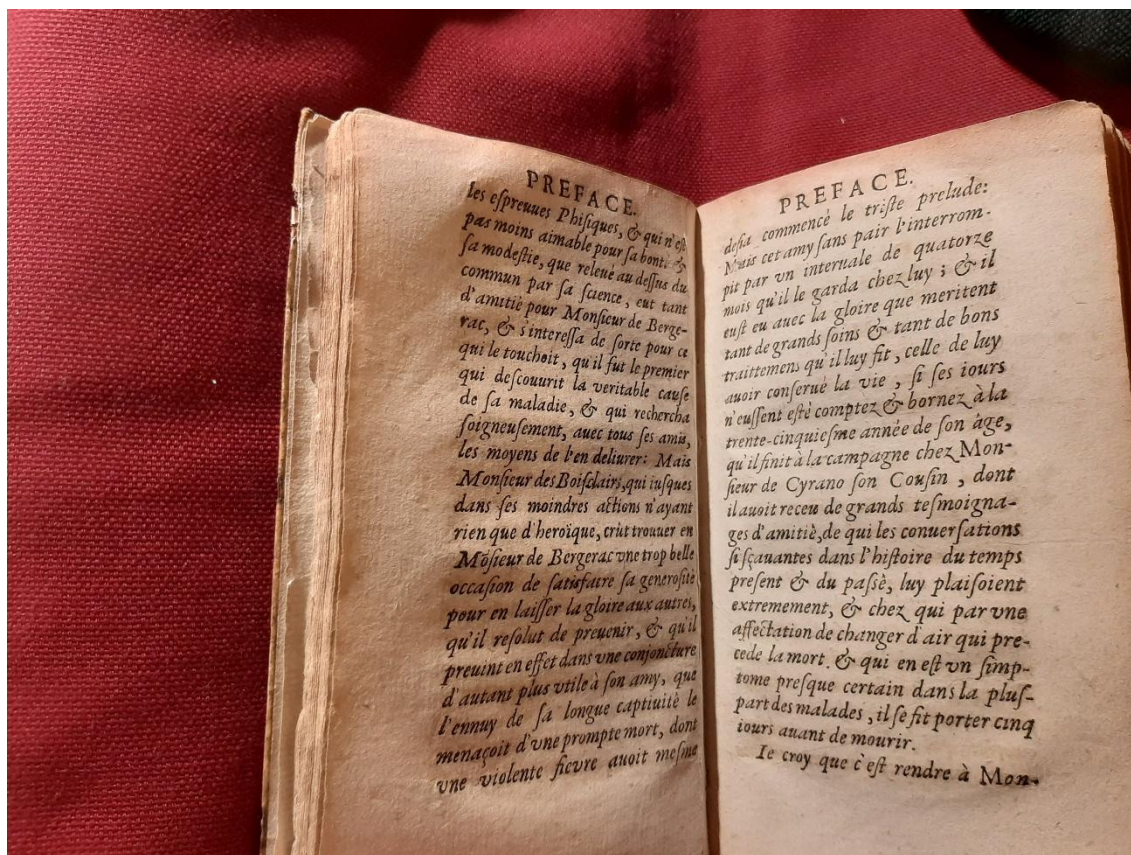


CYRANO DE BERGERAC, Savinien de; LE BRET, Henry. *Histoire comique, par monsieur de Cyrano de Bergerac*. Contenant les Estats et Empires de la Lune. Paris: Charles de Sercy, 1657. BNF RES P-Y2-2969. Disponível em: ark:/12148/bpt6k87098567 Acesso em: 14 março 2025.

Figura 4 – Prefácio de *Histoire comique* cartonagem menos aparente, mas visível



CYRANO DE BERGERAC, Savinien de; LE BRET, Henry. *Histoire comique, par monsieur de Cyrano de Bergerac*. Contenant les Estats et Empires de la Lune. Paris: Charles de Sercy, 1657. BNF RES P-Y2-2969. Disponível em: <ark:/12148/bpt6k87098567> Acesso em: 14 março 2025.

Figura 5 – Prefácio de *Histoire comique* com cartonagem evidente

CYRANO DE BERGERAC, Savinien de; LE BRET, Henry. *Histoire comique, par monsieur de Cyrano de Bergerac*. Contenant les Estats et Empires de la Lune. Paris: Charles de Sercy, 1657. BNF RES P-Y2-2969. Disponível em: ark:/12148/bpt6k87098567 Acesso em: 14 março 2025.

Apesar das diferenças observáveis nos três exemplares, eles são semelhantes quanto ao conteúdo da viagem, que se manteve inalterado nos três impressos, com erros de impressão ortográfica, de numeração das páginas, e o uso de pontos de suspensões, que se somam às variações de linhas de algumas páginas – contendo vinte seis linhas, outras vinte sete e uma com vinte e cinco linhas. Um outro elemento constituinte dos três impressos, consiste no desfecho do texto da viagem à Lua não coincidir com a descrição apresentada no início da viagem ao Sol, inserido em *Les Nouvelles oeuvres de Monsieur de Cyrano de Bergerac*. A versão final do impresso da Lua indica que depois da chegada de Dyrcona em Roma, ele foi até seu primo, que lhe emprestou dinheiro para seguir até Civitavecchia. No entanto, o viajante acabou tomando uma embarcação que o levou apenas até Marselha. Durante o trajeto de retorno, ele começou a organizar a sua narrativa sobre a viagem, mas ao ficar doente não conseguiu continuar. Por isso, indicou ter solicitado que Le Bret fosse responsável por publicar

a sua narrativa da viagem à Lua junto com a “*Histoire de la Republique du Soleil*”.²³ Já no início da narrativa da viagem ao Sol, Dyrcona relatou sua chegada em Toulon por meio de uma embarcação, e depois seguiu para casa de seu amigo Colignac em Toulouse, que nessa ocasião encorajou o viajante a elaborar um relato sobre a viagem para Lua e publicá-lo.²⁴ Ao comparar as duas descrições, ficam perceptíveis diferenças sobre a chegada de Dyrcona em Marselha ou em Toulon, e sobre o intento de publicar uma narrativa sobre a viagem à Lua a partir de dois cenários, baseado na motivação própria do narrador ou sob influência de Colignac. Discrepâncias como essas foram pontuadas pelos editores das obras de Cyrano como sendo uma lacuna difícil de preencher, que somente se tentou esclarecer a partir do contato com os manuscritos sobreviventes, que se revelaram um tanto diferentes dos impressos, não somente na parte final e inicial das histórias, como em várias outras passagens mais audaciosas do texto.

Os três manuscritos sobreviventes da *Viagem à Lua* que foram identificados nas bibliotecas de Paris, Munique e Sydney contribuíram enormemente para que fossem apuradas as diferentes características encontradas nos exemplares impressos. A partir de uma comparação entre o exemplar censurado da BNF, de Flaubert e de Harvard com os manuscritos de Paris, Munique e Sydney, verificou-se como as alterações em partes específicas dos impressos, normalmente sinalizadas com pontos de suspensão, demarcavam em torno de 561 linhas de amputações, especialmente em “passagens que polemizam a (in)existência de deus, a (i)mortalidade da alma, a criação do mundo e a (i)moralidade”, sem contar a alteração feita no título da obra que de *Les états et empires de la Lune* foi antecipado por *Histoire Comique*. Alterações que se juntam aos problemas de continuidade do texto e uma “nova conclusão em flagrante contradição com os elementos narrados”,²⁵ tornam a obra de Cyrano um exemplo máximo da efetiva intervenção editorial e da complexidade que a impressão dos seus escritos envolveu, pois não são poucas as amputações verificadas nos impressos.

A identidade de quem poderia ter feito tais alterações continua uma incógnita, mas pode ser que elas tenham sido preparadas por Le Bret numa tentativa de condensar as informações difusas contidas nos manuscritos que lhe serviram de base, como os de Paris e de Sydney (talvez?), conforme a indicação de Alcover. Alternativamente, Le Bret pode ter feito esse trabalho em conjunto com outros indivíduos, como aqueles constituintes do núcleo católico de que era aliado, pessoas que não estariam interessadas em publicar uma obra no estado em que

²³ CYRANO DE BERGERAC; LE BRET, *Histoire comique, par monsieur de Cyrano de Bergerac*, p. 190-191.

²⁴ CYRANO DE BERGERAC, *Les nouvelles oeuvres de Monsieur de Cyrano de Bergerac*. p. 1-2. BNF Z-20087 (1). Disponível em: [ark:/12148/btv1b8626237p](https://nbn-resolving.org/urn:nbn:fr:bfz-20087-1). Acesso em: 19 março 2024.

²⁵ LIEBEL, *Viagem à Lua*, p. 497-498.

ela se encontrava nas versões manuscritas. Ou ainda o próprio impressor Charles de Sercy pode ter editado a obra. Lembrando que, Roger Chartier indica o amálgama das funções de impressor, editor e revisor que existia no período moderno. Por exemplo, o historiador aponta que no Século de Ouro, o termo autor designa aquele que é o diretor de uma trupe, que compra os textos dos poetas, que aluga os espaços para sua representação.²⁶ Ele que recebe a licença para a peça e é o responsável pelo texto, pela distribuição dos papéis, pela decoração e pela trama, o que explica a atuação de Sercy com as peças do libertino. Talvez, finalmente, a obra de Cyrano ainda estivesse em processo de finalização, com aspectos faltantes, como foi o caso mais provável do texto de *Viagem ao Sol*, por conta do fim abrupto que ela possui.

Com relação às análises dos manuscritos, para Alcover pode-se dizer que o manuscrito de Paris, conforme a maneira com que foi escrito, provavelmente foi redigido por um escriba profissional, o que indicaria que ele tinha como destino a reprodução, servindo de base para uma outra cópia manuscrita ou até mesmo a impressão.²⁷ No caso do manuscrito de Munique, que conta com poucas correções e é ligeiramente menor em comparação aos outros, ele teria sido produzido com o objetivo de ser destinado ao colecionamento.²⁸ Já no caso do manuscrito de Sydney,²⁹ que aparentemente foi escrito pela mesma mão e contém folhas em branco no início e fim do texto, ele pode ter sido produzido com a finalidade de ser colocado em circulação a partir das coleções de manuscritos que eram propagados nos grupos de escritores e outros libertinos da época.³⁰

Sobre a circulação do texto manuscrito, alguns indícios observáveis em outra fonte apontam que os escritos de Cyrano percorreram um circuito de compartilhamento prévio à impressão. Um dos melhores amigos do escritor, Jean Royer de Prade, consagrou dois textos a “*L’auteur des Etats et Empires de La lune*” e “*Au Pelerin reuenu de l’autre Monde*” em seu livro *Oeuvres poétiques*, publicado em 1651. O prefácio da peça, inclusive, pode ter sido redigido por Cyrano, conforme a assinatura que consta no final do texto, contendo apenas as iniciais S. B. D. (Savinien Bergerac de ou Savinien de Bergerac), as quais poderiam ser atribuídas a ele. Em uma das epigramas de Royer de Prade, encontram-se referências sobre a obra de Cyrano, conforme se observa nos seguintes trechos, que dizem: “Eu teria feito uma

²⁶ CHARTIER, Roger. *O que é um autor?* Revisão de uma genealogia. Tradução Luzmara Curcino e Carlos Eduardo Bezerra. São Carlos: EdUFSCar, 2012, p. 48.

²⁷ CYRANO DE BERGERAC. *L’Autre monde, ou les estats et empires de la lune*. BNF, Ms. NAF 4558, [165-?].

²⁸ CYRANO DE BERGERAC. *L’autre monde ou les empires & estatz de la Lune*. BSB, Ms. Gall. 419, [16--].

²⁹ CYRANO DE BERGERAC. *L’autre monde ou les empires et estats de la Lune*. USYD, Add. Ms. 068, [entre 1620 e 1655].

³⁰ ALCOVER, Critique textuelle. In: CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. CIV, CXII e CXVI.

obra mais longa / Sobre esta grande e famosa Viagem, / Da qual teu livro nos relata; / Mas minha veia mais fértil / Se congelaria na tua presença, / E já me julgo morto / Ao ver as Pessoas do Outro mundo”.³¹ Tais alusões indicam como as narrativas de Cyrano, antes de serem impressas, contavam com uma circulação em formato manuscrito. O que quer dizer que elas foram publicadas, inicialmente no suporte manuscrito, sendo lidas e interpretadas nos núcleos e por indivíduos que o escritor frequentava e com os quais possuía proximidade. Dessa forma, seria possível dizer que entre os anos de 1650 e 1652 o escritor possivelmente já havia escrito, em formato parcial ou não, a narrativa da Lua, e que tais escritos possuíam leitores.³² Embora não seja possível precisar a dimensão dessa circulação, é um fato importante e reconhecido que os manuscritos de Cyrano foram compartilhados e discutidos previamente às suas impressões póstumas.³³

O manuscrito de Paris da viagem à Lua possui dois textos preliminares de autoria de Royer de Prade, uma epigrama que se assemelha à que foi citada anteriormente, mas que contém algumas nuances, em que se pode ler: “Aceite estes seis maus versos / Que a minha mão te escreve de avesso / Tanto em mim o medo abunda / E permite que hoje eu evite tua abordagem / Porque tal qual uma morte terrível / Eu temo as pessoas do Outro Mundo”.³⁴ E em seguida, consta o soneto cujo título é “*Autre du même au même*”, que se trata de um texto idêntico ao soneto dirigido a “*L’auteur des Etats et Empires de La lune*”, contido na coletânea de poemas *Oeuvres poétiques* de Royer de Prade. Assim, observa-se como os textos, assim como as ideias, circulavam entre os escritores daquela época, em simultaneidade aos impressos.

³¹ Tradução livre: “J’eusse fait un plus long ouvrage, / Sur ce grand et fameux Voyage, / Dont ton Livre nous fait rapport, / Mais ma veine la plus feconde, / Se glaceroit à ton abort, / Et dés-jà je me juge mort / A voir des Gens de l’autre Monde”. DE PRADE, *Les Oeuvres poétiques du sieur de P.*, p. 23. A obra não possui uma declaração direta sobre a autoria de Royer de Prade, que pode ser identificado através da inicial do seu sobrenome (P.), conforme consta na página de título do impresso.

³² Em 1643, numa carta endereçada a Spon, Guy Patin fala de um homem que teria dito que a acima da lua havia um mundo novo: “J’ai vu en cette ville un homme qui disoit qu’au-dessus de la lune il y avait un nouveau monde où étaient de nouveaux hommes, nouvelles forêts et de nouvelles mers, aussi bien qu’en celui-c”. Não se pode afirmar, com certeza, que se trata de uma referência a Cyrano e aos seus manuscritos, pois *The Man in The Moon* de Francis Godwin havia sido publicada em 1638. Patin pode ter acessado a obra de Godwin, mas não necessariamente os textos de Cyrano. À Charles Spon, le 14 décembre 1643. In: CAPRON, *Correspondance complète de Guy Patin et autres écrits*. Disponível em: <https://numerabilis.u-paris.fr/editions-critiques/patin/?do=pg&let=0093> Acesso: 28 março 2025.

³³ A circulação manuscrita da obra de Cyrano, aludida por Dyrcona em *Viagem ao Sol*, poderia ser compreendida como uma forma de “entrepreneurial publication”, que pressupõe a multiplicação dos exemplares copiados à mão”. CHARTIER, Roger. Livros falantes e manuscritos clandestinos. As viagens de Dyrcona. In: *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII*. Tradução Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: UNESP, 2007, p. 175. Ver, especificamente, LOVE, Harold. *Scribal Publication in Seventeenth-Century England*. Oxford: Clarendon Press, 1993.

³⁴ Tradução livre: “Accepte ces six méchants vers / Que ma main tescrit de travers / Tant en moy La frayeur abonde / Et permets quaujordhuy J’évite ton abord / Car autant q’une affreuse mort / Je crains les gens de Lautre monde”. BNF, Mss., NAF 4558, p. A.

As diferentes formas de publicação da obra de Cyrano são reveladoras sobre o caráter coletivo que a publicação poderia atingir durante o século XVII, conforme a indicação do historiador Nicolas Schapira ao estudar a relação que o secretário Valentin Conrart estabelecia com os escritores da sua época. Muitos autores enviavam ou trocavam peças liminares dos seus escritos, previamente à publicação, com Conrart para que ele tecesse críticas ou correções dos textos, assim, muitas dessas revisões nasciam de uma reflexão comum ao grupo de indivíduos envolvido nessa troca. Por essa razão, Schapira aponta como não era incomum a troca de textos entre os escritores previamente à impressão de suas obras, ainda que outros atores desempenhassem o papel de invenção dos textos, pois ela não podia ser dissociada do suporte através do qual os textos eram publicados.³⁵ Dessa forma, identifica-se como as práticas que envolviam a produção dos textos se mantinham coletivas naquele período, um aspecto que as obras de Cyrano exemplificam muito bem.

Já *Les Nouvelles oeuvres de Monsievr de Cyrano de Bergerac. Contenant l'Histoire comique des Estats & Empires du Soleil, plvsievr Lettres et autres pièces divertissantes*, com dedicatória ao senhor Cyrano de Mauvieres, o irmão Abel, foi impressa por Charles de Sercy no formato in-12, tendo sido publicada apenas em 1662.³⁶ Obra que contém a *Histoire comique des Estats & Empires du Soleil* e reúne outros escritos como as *Lettres*, que já haviam sido publicadas em 1654, *Entretiens Pointus*, com primeira publicação, e *Fragment de Physique*, texto que não havia sido publicado ainda e pouco conhecido, em que repousa a dúvida sobre a autoria de Cyrano. O exemplar em questão está localizado na BNF, mas ele não foi o único sobrevivente, que diferentemente dos textos da viagem à Lua, conta com vários outros exemplares e edições espalhados em diversas bibliotecas.³⁷ Contudo, nenhum manuscrito da narrativa do Sol sobreviveu para que fosse possível a análise comparativa dos textos em diferentes formatos.

O exemplar de *Les Nouvelles oeuvres*, consultado na BNF, está sem o retrato de Cyrano, ainda que teoricamente ele fizesse parte desse exemplar. Apesar disso, foi possível observar como na página de título do objeto existe uma espécie de sombreado ao fundo, com traços

³⁵ SCHAPIRA, *Un professionnel des lettres au XVIIe siècle*, p. 187-190.

³⁶ CYRANO DE BERGERAC, *Les nouvelles oeuvres de Monsievr de Cyrano de Bergerac*. BNF Z-20087 (1). Disponível em: ark:/12148/btv1b8626237p. Acesso em: 19 março 2024.

³⁷ Apenas na região parisiense existem quatro versões em bibliotecas como a BNF, Arsenal, da Sorbonne e do castelo de Chantilly. Existiriam mais três exemplares nas províncias francesas, como a de Amine, Bordeaux e Rennes e seis exemplares espalhados em bibliotecas de outros países, como na University of California e Los Angeles, Library of Congress em Washington D.C., Copenhagen, Berlin, Halle et Olomouc. Além disso, foram identificadas edições originais em uma biblioteca municipal de Moscou. ALCOVER, *Critique textuelle*. In: CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. CXXVII.

semelhantes ao contorno do retrato que comporia o exemplar. Um indício que pode ser indicativo de que o exemplar era, realmente, portador de um retrato, mas que ele pode ter se desprendido por diferentes razões. Em outro exemplar, da Universidade de Toronto, o retrato de Cyrano se encontra ocupando a primeira página de verso da obra, uma ilustração que serve como apresentação e ornamento da página de título. O retrato foi pintado por Heince e gravado por Le Doyen, conforme a indicação em letras minúsculas que consta na parte inferior da imagem. Em conjunto com o retrato, consta uma breve mensagem de homenagem ao escritor que anuncia: “A terra me fez importuno, / Eu me elevei em direção aos Céus. / Lá eu vi o Sol e a Lua, /E agora lá eu vejo os Deuses”,³⁸ breves versos que entrelaçam as narrativas sobre o mundo da Lua e do Sol com a vida de Cyrano.

Os dois exemplares consultados, da BNF e de Toronto, possuem características textuais semelhantes, mas se diferem em relação ao retrato de Cyrano, ausente do primeiro. Além disso, os exemplares possuem disparidades materiais, sendo possível identificar variações em pelo menos oito páginas devido à diferença na quantidade de linhas, e onde seria habitual dezoito linhas, algumas são mais longas, contendo dezenove. Somado a isso, existem diferenças textuais que podem ser observadas a partir de espaçamentos anormais ou da constrição das linhas, a partir das supressões e modificações verificadas em determinados passagens, o que fez com que algumas páginas sejam diferentes em cada um dos exemplares. Outras características consistiram na introdução de grafias “econômicas”, como o uso do til para abreviar as letras n ou m em palavras como por exemplo “*contenta*” ou “*complaisance*”, um elemento que aparece com mais frequência nas últimas páginas dos exemplares. Já a ordenação dos textos que compõem os exemplares segue preservado, conforme a disposição de uma página de título, a dedicatória, o prefácio, o texto de *Histoire comique*, depois *Les Nouvelles Oeuvres*, *Entretiens pointvs*, *Le Fragment de Physique* e, enfim, o privilégio.

Múltiplas variações como as citadas acima foram encontradas em outros exemplares a partir das indicações de Alcover, sendo possível observar a existência de duas versões, ou dois estados da mesma obra, em que uma seria decorrente de uma correção, e a outra não. Uma explicação para isso compreende os usos da época, em que se buscava economizar papel conservando todas as folhas impressas, inclusive aquelas não corrigidas. No momento da encadernação, a combinação dessas folhas, para a transformação em cadernos, dependia muito do acaso, seguindo a hipótese de Alcover para explicar o motivo dos exemplares analisados

³⁸ Tradução livre: “La terre me fut importune, / Je pris mon essort vers les Cieux. / J’y vis le Soleil, et la Lune, / Et maintenant J’y vois les Dieux”. CYRANO DE BERGERAC, *Les nouvelles oeuvres de Monsieur de Cyrano de Bergerac*, s. p. (Toronto).

serem diferentes entre si e apresentarem uma mistura peculiar, onde algumas páginas estavam corrigidas e outras não.³⁹ As disparidades observadas permitiram apontar como o texto de viagem ao Sol passou, efetivamente, por correções prévias, ainda na prensa. Uma característica que se soma ao fato de que a conclusão do texto parece ter sido interrompida de forma súbita, como se a história da narrativa não fosse terminar ali ou ela estivesse incompleta, o que acende a hipótese de que o texto tinha uma versão de conclusão diferente daquela impressa, a qual foi alterada e parcialmente finalizada durante o processo de impressão.⁴⁰ Também se pode supor que o manuscrito de viagem ao Sol se encontrava incompleto, sem uma conclusão, na medida em que Cyrano pode ter sido impedido de finalizar seu texto devido ao seu adoecimento, e no momento da impressão a conclusão foi mantida conforme o manuscrito ou ela foi insuficientemente alterada a ponto de ser possível identificar o fechamento abrupto da narrativa.

Os processos editoriais e as alterações que os escritos de Cyrano sofreram previamente à publicação, ou posteriormente, oferecem compreensões sobre os procedimentos que envolviam o processo de impressão dos textos durante o século XVII. Eles permitem pontuar como o paradoxo da publicação libertina se materializa em objeto, pois os textos de Cyrano apresentam múltiplas versões sobre as mesmas histórias, conforme os diferentes estados e formatos encontrados. O que se estende como uma possibilidade para todo tipo de impresso no século XVII, na medida em que os ateliês de impressão continuamente trabalhavam os textos nas próprias prensas,⁴¹ pode ser relacionado, no caso dos textos libertinos, também às contradições da obra — sejam as dos escritores, sejam as de seus censores. Na verdade, observa-se como a publicação de um texto libertino estaria, então, entrelaçada com a representação da contradição, que pode ser observada através do conteúdo e dos temas tratados, conforme a crítica e a exploração de conteúdos sobre religião, costumes, ciência, aristocracia e prazeres, em que a comunicação dos narradores dos escritos, que ora se identificam como libertinos, ora negam essa possibilidade, envolvem os leitores em um imaginário paradoxo. Desse modo, ao invés de identificar as contradições do processo editorial dos textos apenas como reveladores da repressão e censura que os escritores libertinos estavam sujeitos na época, elas podem ser compreendidas como pertencentes à cultura escrita do período moderno, em que as variações são inerentes à produção dos objetos textuais, e a prática de escrita libertina, onde a duplicidade

³⁹ Ao todo, Alcover analisou nove exemplares de diferentes bibliotecas da *Viagem ao Sol*: BNF, Arsenal, Sorbonne, Chantilly, Rennes, Amiens, Bordeaux, Washington e Los Angeles, e todos eles apresentaram variações em algum aspecto. ALCOVER, *Cyrano relu et corrigé*, p. 28-47.

⁴⁰ ALCOVER, Critique textuelle. In: CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. CXXVII.

⁴¹ CHARTIER, *O que é um autor?*

era comunicada através da contradição, permitia com que os escritores divergissem do controle e alcançassem a autonomia de imaginação e criação em seus textos.

3.1.2 Dassoucy e suas *Avantures*

Complexidades e contradições como essa podem ser identificadas em cada um dos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa, como as *Avantures* de Dassoucy podem revelar, conforme as adversidades que foram perpassadas pelo escritor para que seus impressos vissem a luz do dia. Os textos que, provavelmente, tiveram redação ao longo dos anos que Dassoucy passou afastado da corte francesa, foram condensados às revisões posteriores, até serem publicadas no ano de 1677. Ao que tudo indica, ao retornar para Paris em 1669, Dassoucy estava motivado a publicar seus textos, em oposição à *Voyage* de Chapelle e Bachaumont, onde ele foi declaradamente acusado de sodomia. Por isso, em 1670 ele busca obter o privilégio para publicação de um texto cujo título seria *Les Avantures du Sieur Charles Coypeau d'Assoucy*, conforme o documento que foi reproduzido posteriormente em *Avantures*.⁴² Porém, a aprovação levou cerca de seis meses para ficar pronta, conforme um trecho do texto intitulado “*A Monseigneur Le Chancelier, pour obtenir mon Priuilege. Requeste*”, onde Dassoucy explicita a sua queixa por ficar muito tempo na espera do documento.⁴³ Na interpretação de Jean-Luc Hennig, a chancelaria fez Dassoucy compreender, desde 1670, que os seus escritos eram impublicáveis no estado em que se encontravam por conta das menções que fazia a determinados sujeitos notáveis ou regiões, pois Dassoucy relatava em suas aventuras os locais pelos quais passou, como Turim, Mântua, Florença, Roma, além de manifestações duras e burlescas contra Charles II, duque de Mântua, e ataques proferidos contra prelados romanos. “Ora, para a corte do Louvre, tratava-se de dossiês ultrasensíveis”, em razão das tensões e rivalidades que a França enfrentava no período com os domínios da Itália.⁴⁴

A demora para obtenção do privilégio seria indicativo de que Dassoucy estava com dificuldades para que seus escritos viessem à tona, contudo, o escritor surpreendeu ao publicar

⁴² DASSOUCY, *Les Avantures de Monsieur D'Assoucy*. Tome Premier, p. 322-323.

⁴³ O escritor afirma: “d’un petit passeport / Depuis six moins je me consomme”. DASSOUCY, *Les Rimes Redoublées de Monsievr Dassovcy*, p. 48-51.

⁴⁴ Tradução livre: “Or, pour la cour du Louvre, il s’agissait de dossiers ultrasensibles”. HENNIG, *Dassoucy & les garçons*, p. 975.

no ano seguinte, em 1671, um conjunto de trinta e nove textos, em sua maioria poemas concernentes à estadia em Roma, intitulado *Les Rimes redoublées de Monsievr Dassoucy*.⁴⁵ Uma obra que, inicialmente, parece ter sido preparada às pressas, por reunir uma compilação de poemas sem coerência cronológica, mais curtos e dedicados aos mestres, amigos e apoiadores. Tal celeridade pode ser confirmada pela dedicatória e pelo prefácio, em que Dassoucy anuncia sua necessidade de torná-la pública como forma de protestar contra as acusações identificadas ao retornar ao território francês. Conforme apurou Guy Catusse, Dassoucy temia se tornar alvo de um novo cerceamento, condição que se somou ao ressentimento que ele já sentia por Chapelle devido às acusações proferidas em *Voyage*. O que explica ter sido nessa publicação que Dassoucy incluiu uma carta condenatória dedicada ao ex-amigo, o único escrito em prosa compondo o exemplar. A publicação do texto tinha urgência, pois o escritor ansiava por uma manifestação pública de sua parte, fazendo com que não somente Chapelle fosse um dos leitores destinatários de suas reclamações, como os mecenas que lhe protegeram e concederam gratificações mesmo diante das acusações,⁴⁶ para que eles vissem suas gratificações em versos, e a sociedade letrada soubesse as dificuldades que o escritor teria perpassado diante dos rumores e perseguições que sofrera.⁴⁷

No ano seguinte, em 1672, ou em 1673, já que existe uma incerteza sobre a data exata, outra edição de *Rimes redovblées* veio à cena. Uma segunda edição, que contava com uma nova dedicatória endereçada à Marguerite Louise d'Orléans – filha de Gaston d'Orléans com Marguerite de Lorraine –, onde Dassoucy revelou ter depurado seu texto após um exame rigoroso. A parte que mais sofreu alterações foi, justamente, a carta contra Chapelle, que de treze páginas contidas na primeira edição se transformou em vinte e quatro, demarcando inclusões e alterações substâncias, muitas delas tentando atenuar o tom acusatório da primeira edição, que qualificavam Chapelle como um indivíduo dissoluto, pederasta e alcoólatra.⁴⁸ A mesma carta foi reimpressa em *Aventures* no ano de 1677, mantendo variações a partir da segunda edição.

⁴⁵ DASSOUCY, *Les rimes redovblées de Monsievr Dassoucy*.

⁴⁶ O músico-escriptor teve proteção ilustres, como de Monsieur de Saint-Aignan e de Louis XIV. A primeira versão de *Rimes redoublées* foi dedicada ao conde de Lauzun, capitão da guarda do rei. *Idem*.

⁴⁷ CATUSSE, Guy. *Des Rimes Redoublées aux Aventures de Monsieur Dassoucy: Dire et redire la « médisance »*. In: BERTRAND, *Avez-vous lu Dassoucy ?*, p. 145-147.

⁴⁸ A obra não possui uma versão digitalizada, mas se encontra disponível na biblioteca do Arsenal: Dassoucy, [s. l.], 8-BL-9114. Com relação às modificações da carta, especialistas possuem interpretações diferentes sobre até que ponto as alterações feitas por Dassoucy teriam atenuado ou inflamado, ainda mais, as acusações contra Chapelle. Sobre isso, conferir MONGRÉDIEN, George. *Bibliographie des oeuvres de Dassoucy*. *Revue d'Histoire littéraire de la France*, n. 39, 1932, p. 106 e ALCOVER, *Un gay trio*, p. 269.

A publicação dessa obra é importante, pois ela está completamente relacionada com os outros escritos que serão publicados posteriormente por Dassoucy. Todos os textos publicados pelo escritor nesta época parecem interligados pelo mesmo fio condutor, ao narrarem as vivências de Dassoucy em outras cortes, os relacionamentos que ele estabeleceu com grandes patronos e personagens ilustres, e as críticas aos seus detratores, como forma de defesa das suas virtudes como escritor e músico. Além disso, conforme indicações do próprio escritor, o seu projeto inicial consistia em imprimir as *Aventures d'Italie* ao invés de *Rimes redoublées*, por isso que a segunda obra parece narrar acontecimentos concernentes ao período de 1657-1669 e ser proveniente de um recorte da primeira.⁴⁹ Não são incomuns encontrar determinadas passagens de *Rimes* referenciando o escrito da Itália, como ocorre no prefácio, onde Dassoucy indica ao leitor a necessidade que ele tinha de publicar rapidamente os seus escritos, ao dizer:

Esperando desabuser o mundo, minhas aventuras de Itália vêm ao meu socorro, eu apressei esses filhos de meu gênio Burlesco de vir ao dia, para te assegurar pela semelhança que eles possuem com os seus irmãos que o pai que os produziu ainda está aproveitando da luz, e que ele fará todos os seus esforços para te servir, te agradar e te divertir nesta vida.⁵⁰

O escritor Dassoucy reitera como o objetivo era de publicar o texto contendo as aventuras vividas por ele em terras italianas, contudo, o projeto não foi possível de ser executado naquele momento em vista da demora para obter o privilégio, o que poderia ser compreendido como um indicador de que o seu manuscrito precisava de alterações antes da impressão, alterações que poderiam atrasar ainda mais as suas publicações. O autor, assim, acabou optando pela publicação de pequenos versos e breves textos elogiosos, sem imaginar que eles lhe renderiam complicações futuras, que impactariam na continuidade de publicação dos outros escritos idealizados.

A publicação de *Rimes redoublées*, que contém a carta virulenta contra Chapelle, pode ser considerada como um dos eventos que determinou o futuro dos textos de Dassoucy. Após a publicação da obra, ocorreu uma pausa de exatamente cinco anos até que novos escritos de

⁴⁹ HENNIG, *Dassoucy & les garçons*, p. 975.

⁵⁰ Tradução livre: “attendant que pour desabuser le monde, mes aventures d'Italie viennent à mon secours, j'ay pressé ces enfans de mō Burlesque genie de venir au Jour, pour t'asseurer par la ressemblance qu'ils ont avec leurs freres que le pere qui les a produits, est encore jouissant de la lumiere, & qu'il fera tous ses efforts pour te servir, te plaire, & te divertir en cette vie”. DASSOUCY, *Les Rimes Redovblées de Monsievr Dassovcy*, p. 12.

sua autoria viessem a ser impressos. Na análise de Dominique Bertrand, uma das pesquisadoras que se dedicou à edição dos textos de Dassoucy, a carta contra Chappelle teria originado a denúncia e a terceira encarceração do escritor em Châtelet, no ano de 1673. Além da crítica ao ex-amigo, a segunda versão da carta continha uma acusação contra o sacerdote Pallu, membro da companhia do Saint-Sacrement, de ter sido o responsável pelas complicações que o escritor teve com a Inquisição em Roma. Diante desse cenário, e somada a instabilidade financeira que Dassoucy atravessava naquele momento, ele teve dificuldades em encontrar um livreiro interessado em publicar e vender as *Aventures d'Italie* que ele anunciava ser uma publicação eminente.⁵¹

Após os eventos adversos dos primeiros anos de retorno à Paris, e diante das mudanças de impressores responsáveis pelas impressões dos seus textos, Dassoucy conseguiu publicar seus escritos na seguinte ordem: *La Prison de Monsieur D'Assoucy*, em 1674, *Pensées dans le Saint Office de Rome*, em 1676, e os dois tomos de *Les Aventures de Monsieur d'Assoucy* seguido das *Aventures d'Italie*, em 1677.⁵² Conforme a cronologia das impressões, verifica-se como Dassoucy possuía um grande projeto em mãos, e embora ele tivesse intenção de publicar as *Aventures* primeiro, tais narrativas acabaram sendo uma das últimas a se integrarem na cena pública e literária francesa. Dessa forma, observa-se como os textos de Dassoucy percorreram um longo caminho, marcado por interdições e dificuldades para que fossem publicados antes da morte do escritor, que já se encontrava em uma idade avançada naquele período.

As *Avantures de Monsieur d'Assoucy*, com dedicatória ao rei Louis XIV, foram impressas em formato in-12 por Claude Audinet, contendo um retrato de Dassoucy com uma mensagem logo abaixo, anunciando sua coragem em meio às perseguições e dificuldades vivenciadas ao longo de sua vida, conforme os seguintes versos:

Contemple nesse Retrato um milagre novo;
É o Ulisses do tempo, que apesar da fúria
Dos mais fortes *Aquillons**, salvou sua embarcação,
E os mais fiéis Tiranos venceram a barbárie.
Hoje seu destino dos destinos o mais bonito
Dentre os mais felizes é bem digno de desejo.
Porque depois de mil mortes, ao sair do túmulo
Ele pode retribuir à sua querida pátria

⁵¹ DASSOUCY, *Les Aventures et les Prisons*, p. 612-613.

⁵² DASSOUCY, Charles. *La Prison de M. D'Assoucy*. Paris: Antoine de Rafflé, 1674; DASSOUCY, *Les Pensées de Monsieur D'Assoucy dans le S. Office de Rome*; DASSOUCY. *Les Avantures de Monsieur D'Assoucy*. Tome premier; DASSOUCY. *Les Avantures de Monsieur D'Assoucy*. Tome seconde; DASSOUCY, *Les Avantures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*.

Ainda antes de morrer, um desenho do seu pincel.⁵³

A comparação com Ulisses, herói que foi eternizado na *Odisseia* de Homero, não foi feita por acaso, pois Dassoucy identificava a publicação das suas obras como um grande feito, realizado perante as várias contrariedades enfrentadas, mas que se tornaram possíveis. A publicação dos escritos, além de representarem uma resposta do escritor aos seus difamadores, pode ser compreendida como uma atitude de resiliência, e até mesmo de sobrevivência de Dassoucy,⁵⁴ diante de uma sociedade que prezava pela reputação dos sujeitos.

As contradições de publicação desse exemplar se apresentam desde a página de título das *Aventures*, que referenciam Claude Audinet como sendo o impressor responsável, embora o endereço que lhe foi designado: “Au Palais, à l’entrée de la Galerie des Prisonniers, à l’Ange Gabriel”, esteja incorreto. O endereço referido era, na verdade, pertencente ao livreiro Gabriel Quinet, sobrinho de Toussaint Quinet, quem já havia publicado em 1648 o *Jugement de Paris* de Dassoucy. O artifício de troca dos endereços dos impressores, segundo Hennig, consistia em fazer com que um pequeno impressor colocasse o seu nome na peça, contando que ele tivesse cobertura (Rafflé ou Audinet) de outro grande editor, que aceitaria a responsabilidade de vender o livro (Luynes ou Quinet).⁵⁵ Assim, mais uma vez, houve esforços para que os escritos de Dassoucy viessem a ser publicados, mesmo com a possibilidade de que eles se tornassem alvos de novas censuras.

Também foi o impressor Gabriel Quinet que, em 1678 e em datas posteriores, colocou à venda os escritos *Les Aventures*, *La Prison* e *Pensées* de Dassoucy.⁵⁶ O que explica os dois tomos das *Aventures* encontrados na BNF portarem indicações de impressão de Quinet com datação de 1678. Contudo, o primeiro tomo do exemplar contém um extrato do privilégio

⁵³ Tradução livre: Contemple en ce Portrait un miracle nouveau; / C’est l’Ulysse du temps, qui malgré la furie / Des plus forts Aquilons, a sauvé son vaisseau, / Et de plus fiers Tyrans vaincu la barbarie. / Aujourd’huy son destin des destins le plus beau / Parmi les plus heureux est bien digne d’envie, / Puisqu’après mille morts, au sortir du tombeau / Il a pû redonner à sa chere patrie / Encore avant mourir, un trait de son pinceau”. DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D’Assoucy*. Tome Premier, s. p. *Deve-se ressaltar que *Aquilons* não foi traduzido por se tratar de um nome utilizado na poesia para se referir aos fortes ventos derivados de uma tempestade.

⁵⁴ A interpretação de que os textos de Dassoucy revelam características da sobrevivência e resiliência do escritor diante de eventos complexos, compreende parte da reflexão de BERTRAND, Dominique. La « merveilleuse histoire » des « disgrâces » de Dassoucy: récit de survivance et résilience ambiguë. *Études littéraires*, v. 38, n. 1, 2006, p. 77–88.

⁵⁵ HENNIG, *Dassoucy & les garçons*, p. 1075.

⁵⁶ Os textos, advindos do colecionador Octave conde de Béhague, que viveu entre 1826 e 1879 em Paris. BNF, Rothschild 1533 [VI, 8 (bis), 1-5]. Disponível em: <https://archivesetmanuscrits.bnf.fr/ark:/12148/cc358126> Acesso em: 05 março 2024.

contempla / A firmeza de um Sócrates”.⁵⁹ Embora existam diferenças entre os dois exemplares, o conteúdo da obra permaneceu o mesmo, inclusive, a numeração das páginas coincide com o conteúdo textual nos dois objetos.

Ambos os textos de *Aventures* e *Aventures d'Italie* de Dassoucy contêm indicações da continua revisão pela qual os escritos foram submetidos ao longo dos anos. Pode-se identificar em *Aventures*, por exemplo, passagens de referência ao início da guerra da Holanda, que ocorreu em 1672, ou ao tratado de Westminster, que colocou fim ao conflito, assinado em 1674.⁶⁰ Também são encontradas referências às questões “pessoais”. O escritor indicou estar ligado ao rei, evento que ocorreu somente após ele ter se tornado músico da casa real em 1673. Além disso, existem declarações sobre a sua idade, onde alegou ter setenta anos em *Aventures* – o que corresponderia ao ano de 1675 –, embora em outro momento da mesma obra e em *Aventures d'Italie*, o escritor tenha declarado já estar com setenta e dois anos – correspondente ao ano de 1677.⁶¹ Dessa forma, observa-se como “Dassoucy nos entrega os indícios que levam a pensar que a redação das *Aventures*, que iniciaram em 1699, durou ao menos quatro anos e provavelmente até a sua publicação em 1677, com o privilégio tendo sido acordado sete anos mais cedo, em 1670”.⁶²

Torna-se evidente a partir do caso dos escritos de Dassoucy que a criticidade não era o único elemento que poderia impedir ou, ao menos dificultar, o processo de publicação de textos durante o século XVII. Outros aspectos poderiam contribuir, como construções sobre a figura pública do escritor, um elemento que certamente influenciou a recepção das obras de Dassoucy pela chancelaria, assim como a dificuldade que ele teve para encontrar livreiros dispostos a publicar seus textos. Com relação às variações encontradas nos escritos, constata-se que eles percorreram exatamente sete anos até a publicação completa do projeto inicialmente idealizado por Dassoucy, o que suscitou revisões e alterações. Por isso, as variabilidades dos seus textos podem ser compreendidas como reveladoras das contradições que envolviam o processo de publicação do período moderno, elementos que podem ser observados textual e materialmente nas fontes.

⁵⁹ Tradução livre: “En ce Democrite Contemple / D’un Socrate la fermeté”. DASSOUCY, *Les Aventures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*, s.p. BML 801820. Disponível em: https://numelyo.bm-lyon.fr/f/view/BML:BML_00GOO0100137001100390025 Acesso em: 17 abril 2024.

⁶⁰ DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D'Assoucy*. Tome premier; DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D'Assoucy*. Tome seconde, p. 19.

⁶¹ DASSOUCY, *Les Aventures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*, p. 308, p. 85; DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D'Assoucy*. Tome seconde, p. 81-85.

⁶² Tradução livre: “Dassoucy nous livre ici des indices qui laissent à penser que la rédaction des *Aventures*, qui débute en 1669, a duré au moins quatre ans et probablement jusqu’à leur publication en 1677, le privilège ayant été accordé sept ans plus tôt, en 1670”. DASSOUCY, *Les Aventures et les Prisons*, p. 339.

As análises sobre as contradições entre edições e exemplares das fontes também revelam como o ato de publicar poderia significar múltiplas coisas naquele período, podendo ocorrer de diferentes formas: ela poderia significar a difusão e circulação de um texto em formato manuscrito entre pares; ser feita a partir do compartilhamento de pequenos extratos, impressos ou não; ou poderia ocorrer através da impressão propriamente dita. No último caso, o texto passava por um sistema de vigilância, institucionalizado ainda no século XVI, que implicava a submissão de um manuscrito para uma análise prévia de conteúdo para que então se obtivesse o privilégio de aprovação do texto, e aqui ele poderia ser censurado e inabilitado de ser impresso, como ocorreu com o texto de Dassoucy. Somente após isso ele era designado à impressão.⁶³ Muitas vezes, tais concessões não pressupunham uma aprovação completa do conteúdo, sendo determinado que fossem feitas modificações para a obtenção da permissão, o que explica o fato dos escritos de Cyrano e Dassoucy terem sido publicados com alterações quando da impressão. Em outros casos, a segunda edição era impressa com diferentes acréscimos e omissões, sendo possível recorrer à cartonagem, alterando uma página ou várias páginas completas a partir da reinserção de uma nova.

As modificações, inserções e diferenças entre edições dos textos no período moderno apontam que, ao passarem por várias mãos e processos diferentes, e em meio à transformação de manuscritos em impressos, seria difícil, e muito improvável, que os escritos se mantivessem iguais ao que o escritor inicialmente detinha em suas mãos. Para a cultura escrita da época, a variabilidade dos escritos, decorrente das intervenções prévias às etapas editoriais ou à publicação manuscrita, podiam ser habituais e compreendiam as práticas do meio. Com isso, a autenticidade ou legitimidade dos escritos não necessariamente eram colocadas em questão, pois acréscimos, alterações e recortes propiciavam mudanças já compreendidas de antemão como inevitáveis pelos atores sociais envolvidos.⁶⁴

3.1.3 Chapelle e a *Voyage*

⁶³ MARTIN, Henri-Jean. *Livre, pouvoirs et société a Paris au XVIIe siècle (1598-1701)*. Tome 2. Genève: Droz, 1999, p. 691.

⁶⁴ PEUREAUX, Guillaume. *De main en main. Poètes, poèmes et lecteurs au XVIIe siècle*. Paris: Hermann Éditeurs, 2021, p. 10.

Mudanças, trocas, omissões e variabilidades são alguns dos aspectos encontrados quando se analisa as edições de *Voyage* de Chapelle e Bachaumont, texto que também passou por um processo de publicação fragmentado durante o século XVII, principalmente quanto às primeiras edições. A *Voyage* foi uma obra escrita sob duas mãos, que Chapelle escreveu em conjunto de seu amigo Bachaumont, um poeta pouco reconhecido posteriormente em comparação com Chapelle e suas produções. Na realidade, François Le Coigneux Bachaumont atuava como conselheiro e clérigo no Parlamento de Paris, e era um reconhecido *frondeur*, assim como seu pai Jacques Le Coigneux, marques de Belâbre, que foi presidente no Parlamento de Paris e da Câmara de Contas e também serviu como chanceler de Gaston d'Orleans.⁶⁵ Chapelle, filho de François Luillier, tesoureiro em Paris, mestre de contas e conselheiro no Parlamento de Metz, detinha ao seu lado alguém bem posicionado socialmente e com quem compartilhava experiências de um mundo social muito próximo ao dele. Conforme o estudioso Alain Viala, era frequente, entre as famílias de toga e de oficiais, uma sólida tradição de cultura escrita, simbolizada através das suas bibliotecas bem providas. Uma tradição que se estendia do conhecimento até a prática das letras.⁶⁶

A primeira publicação de *Voyage de Messieurs de la Chapelle et de Bachaumont* ocorreu em 1661, compondo a coleção de *Nouvelles Poesies et Prose galantes. Contenant plvsievr Elegies, Stances. Sonnets, Rondeavx, Epigrammes, Bovts-Rimez et Madrigavx. Sur divers sujets les plus enjoüez de ce temps*, sob a prensa de Estienne Loyson. Trata-se de um exemplar único, que ao ser encontrado permitiu desvelar como o impresso de 1663 não era a primeira aparição do escrito, como muito tempo se acreditou.⁶⁷ Segundo as apurações do pesquisador Yves Giraud, após publicação, o exemplar foi rapidamente retirado de circulação e as suas folhas serviram de base para a composição de outra coleção: *Les Plaisirs de la poesie galante, gaillarde et amoureuse*, publicada no mesmo ano, com informações tais como local, impressor, data de impressão e privilégio ausentes. As folhas dessa coleção são as mesmas do exemplar de 1661, contendo textos similares, menos a *Voyage de Chapelle et Bachaumont*, que foi totalmente suprimida.⁶⁸ O texto somente voltou à cena em 1663, no *Recueil de Quelques Pieces Nouvelles et Galantes, tant en Prose qu'en Vers; Dont les Titres se trouveront apres la Preface*,

⁶⁵ FAMILLE Le Coigneux. In: *Racines & Histoire*, p. 2-3. Disponível em: <http://racineshistoire.free.fr/LGN/PDF/Le-Coigneux.pdf> Acesso em: 22 abril 2024.

⁶⁶ VIALA, *Naissance de l'écrivain*, p. 266.

⁶⁷ NOVELLES Poesies et Prose galantes. Contenant plvsievr Elegies, Stances. Sonnets, Rondeavx, Epigrammes, Bovts-Rimez et Madrigavx. Sur divers sujets les plus enjoüez de ce temps. Paris: Estienne Loyson, 1661. O exemplar é o único conhecido, embora sua localização atual seja desconhecida, foi analisado por Théo Henusse, em 1954. HENUSSE, Théo. *Une pièce inconnue de Molière*. Bruxelles: Biblio, 1954.

⁶⁸ CHAPELLE; BACHAUMONT, *Voyage d'Encausse*, 2007, p. 24, 25, 26.

sob a prensa de Pierre du Marteau, coleção que especialistas alegam ter sido lida por Dassoucy, informado sobre as difamações contra si.⁶⁹

Segundo Giraud, o texto de Chapelle e Bachaumont foi suprimido da edição de 1661, pois mesmo tendo uma circulação manuscrita prévia comprovada, o escrito provavelmente foi impresso sem o aval de um dos escritores, já que o privilégio cedido para *Poesies galantes* em 1661, e revogado no ano de 1662 por decisão do conselho privado do rei, produziu uma sentença em que são denunciados os abusos de indivíduos que “tomam os privilégios sobre título gerais, e depois eles adicionam quando querem e o quanto quiserem também, durante todo o tempo do privilégio, as peças separadas em verso ou em prosa” ou de terceiros que “imprimem outros livros que em sua maioria não são que coleções de peças perversas reunidas”.⁷⁰

Segundo Martin, alguns privilégios concedidos às coletâneas coletivas de poesia eram abusivamente utilizados em publicações que continham textos diferentes dos examinados, por isso que a concessão de permissão para este tipo de obras foi rigorosamente regulamentada no ano de 1662. Além disso, em três ocasiões, em 1659, 1674 e 1686, conforme os exemplos apontados por Martin, o rei revogou os privilégios gerais concedidos até mesmo para certos autores considerados dignos de confiança.⁷¹ Tais aspectos apontam, então, para as possíveis tensões entre o sistema censório e o remanejamento de textos no período.

Um dos escritores não desejava a impressão de *Voyage*, como a ocultação do nome de Bachaumont de alguns versos de *Les Plaisirs*, apesar da identificação ser encontrada em outros exemplares. Nos casos onde o nome do escritor ainda consta, ele apareceu escrito incorretamente, acrescido do l, como “Balchaumont”, modo idêntico àquele que estampa a primeira edição de 1661: *Voyage de messievr de la Chapelle et Balchaumont*. Assim, o que poderia ser visto como um mero erro tipográfico, ainda que no nome do autor que estampa a página do título, pode ser sugerido como esforços do escritor para ocultar suas filiações com o texto.

Em *Recueil de Quelques Pieces Nouvelles et Galantes, tant en Prose qu'en Vers; Dont les Titres se trouveront apres la Preface*, de Pierre du Marteau, datada de 1663, o texto de

⁶⁹ RECUEIL de quelques Pieces Nouvelles et Galantes, tant en Prose qu'en Vers; Dont les Titres se trouveront apres la Preface. Cologne: Pierre du Marteau, 1663. BNF YE-11518. Disponível em: <ark:/12148/bpt6k745869> Acesso em: 08 maio 2024.

⁷⁰ Tradução livre: “prennent des privilèges sous des titres généraux, après quoy ils adjoustent quand il leur plaist et autant qu'il leur plaist aussi, pendant tout le temps de leur privilège, des pieces detachées en vers et en prose” e “impriment d'autres livres qui ne sont la pluspart que des recueils de ces meschantes pieces ramassées”. LACHÈVRE, Frédéric. *Nouvelles glanes bibliographiques et littéraires*. Paris: Giraud-Badin, 1933, p. 180-181 citado por CHAPELLE; BACHAUMONT, *Voyage d'Encausse*, 2007, p. 25.

⁷¹ MARTIN, *Livre, pouvoirs et société a Paris au XVIIe siècle (1598-1701)*. t. 2, p. 691.

Chapelle e Bachaumont foi declarado como inédito, assim como os outros escritos que compõem a coleção. O prefácio anônimo anunciando a publicação de peças curiosas, em prosa e em verso, aponta que, apesar de terem “corrido um espaço de tempo manuscritas entre os Curiosos, (...) caíram entre as [minhas] mãos, [e] eu teria acreditado fazer injustiça aos seus autores, de deixar mais tempo para poucas Pessoas, o que merece ser visto por todo mundo”.⁷²

Contudo, o exemplar apresenta variações textuais ao ser comparado com a primeira edição de 1661. Na primeira página da obra isso fica evidente, com a correção de Balchaumont para Bachaumont e a modificação de um trecho em específico, que de “Vous vous attendez à l’Histoire” passa a “Vous nous attendez à l’Histoire”. Para Giraud, esse exemplar não se baseava no impresso de 1661, contudo, outro exemplar impresso em 1665 apresentou similaridades significativas, com as variações e faltas identificadas ao exemplar de primeira edição. Por isso, uma das hipóteses é de que a versão de 1661 foi retomada somente em 1665, a partir de três exemplares que foram impressos portando a narrativa. As diversas edições e variações dos impressos apontam para a existência de múltiplas versões do mesmo texto e de como eles estavam em plena circulação no período. Esse aspecto é também corroborado pelo fato de que, além das diferentes edições e estados das impressões, foram encontrados mais cinco manuscritos do texto, quase todos analisados por Giraud.⁷³

Quatro manuscritos seriam sobreviventes do século XVII. O primeiro deles se trata do manuscrito de Tallemant, localizado na Bibliothèque de La Rochelle, cuja cópia teria advindo da mão de Tallemant des Réaux, possivelmente baseado em uma versão de Bachaumont. Conforme aponta a análise de Yves Giraud, o texto contém anotações liminares, na marginalia das folhas, e em uma destas anotações é indicado conhecimento sobre as pessoas citadas na narrativa. Por se tratar de manuscrito advindo do núcleo de Tallemant, poeta que frequentava os mesmos círculos de letrados e eruditos que os escritores da *Voyage*, não se descarta a possibilidade de que a peça seja uma das primeiras versões do texto.⁷⁴

O segundo texto compreende o manuscrito de Conrart, que constitui a coleção de escritos de Conrart mantida na Bibliothèque de l’Arsenal. As ausências e variações dessa peça podem ser observadas em cinco extratos, se comparado com o primeiro escrito.⁷⁵ Um deles

⁷² Tradução livre: “couru un espace de temps manuscrites parmi les Curieux, (...) tombées entre les mains, j’aurois creu faire Injustice à leurs Auteurs, de laisser plus long-temps à peu de Personnes, ce qui merite d’estre veu de tout le monde”. RECUEIL de quelques Pieces Nouvelles et Galantes, p. 2-3.

⁷³ Yves Giraud, em sua edição crítica, trouxe uma compilação detalhada das edições impressas e manuscritas, para mais detalhes conferir CHAPELLE; BACHAUMONT, *Voyage d’Encausse*, 2007, p. 39-49.

⁷⁴ *Idem*, p. 39. Bibl. De La Rochelle, Mss. 672, f. 31-48.

⁷⁵ Ars., Mss. 5418, Relation d’un Voyage fait par M. de Bachaumont et M. Chapelle chez Monsieur d’Aubijoux, p. 877-885.

pode ser observado no título, que aparece registrado como *Voyage fait par M. de Bachaumont et M. Chapelle chez Monsieur d'Aubijoux*. O episódio de Dassoucy e das preciosas e momento de Scudéry estariam ausentes, depois estariam a peregrinação a Sainte-Baume, e enfim o diálogo em Encausse com o deus do rio.⁷⁶ Um aspecto tocante sobre esse manuscrito reside no verso em que Conrart é citado, que diz: “Ou chez Conrart le secrétaire / Ou chez Courbé l’homme d’affaire”. Justamente nesse trecho, existe uma rasura que enfatiza a primeira menção, mas transforma o verso seguinte em: “Chez Courbé, ce fameux libraire / Et qui plus est l’homme d’affaire”.⁷⁷

O terceiro escrito, identificado como manuscrito de Varangot, se trata de uma peça contendo várias alterações, cuja localização atual é desconhecida. Se trata de uma cópia produzida, provavelmente, entre os anos de 1661 e 1663, contendo mudanças como “d’Athoubeville” no lugar de “d’Aubeville”, “Bourg d’Ambès” no lugar de “Bec”, omissão de versos e trechos, pontuações errôneas e trocas nas letras de determinadas palavras, que modificam o sentido de frases inteiras.⁷⁸ Tais elementos revelam como o copista talvez não estivesse familiarizado com a história que transcrevia, além de ter dedicado pouca atenção e ser pouco detalhista com o que estava copiando.

Contrapondo o pouco zelo do manuscrito anterior, o quarto texto possui uma cópia cuidadosa, preparado provavelmente no final do século XVII, cuja base deve ter sido um dos impressos de 1661 ou de 1665, pois ela retoma características narrativas semelhantes dos exemplares citados, conforme a análise de Yves Girard.⁷⁹ Esse manuscrito, localizado na BNF, compõe uma grande coleção de manuscritos referente às produções de 1215 a 1676 em território francês, por isso acredita-se que ela tenha sido preparada ainda no século XVII.⁸⁰ Apesar dela conter variações textuais, elas não modificaram profundamente o escrito que parece semelhante aos outros estados existentes do texto.

O quinto manuscrito, encontrado na BNF, foi preparado no século XVIII. A peça possui dois carimbos compondo a página de título. Um deles é da Bibliothèque Royale e o outro da École Royale Militaire, local que foi fundado apenas em 1751 pelo rei Louis XV, o que indica a sua proveniência e corrobora a hipótese de que ele foi produzido posteriormente aos quatro

⁷⁶ CHAPELLE; BACHAUMONT, *Voyage d’Encausse*, 2007, p. 29.

⁷⁷ Ars., Mss. 5418, Relation d’un Voyage fait par M. de Bachaumont et M. Chapelle chez Monsieur d’Aubijoux, p. 879.

⁷⁸ CHAPELLE; BACHAUMONT, *Voyage d’Encausse*, 2007, p. 30-31.

⁷⁹ *Idem*, p. 31-32.

⁸⁰ BNF, Mss., fr. 4600, Recueil de pièces, composé en majeure partie de copies concernant principalement l’histoire de France, de 1215 à 1676. f. 145, n. 28, Voyage de Mrs de Bachaumont et de la Chapelle.

manuscritos anteriores. Na página de título do manuscrito consta a seguinte informação: “A Cologne Chez Pierre Marteau 1697”, endereço de referência ao impresso que serviu de base para a cópia. A organização da peça também é semelhante ao impresso, contendo um prefácio, o texto da *Voyage* e outras peças liminares cuja autoria foi atribuída a Chapelle.⁸¹

Cada manuscrito apresenta variações, alguns em maior e outros em menor grau. As variações são repetidas, modificadas ou ocultadas nas versões impressas, o que aumenta a complexidade do rastreio sobre de qual manuscrito teria derivado cada impresso, devido à variedade de estados de um mesmo texto. O fato é que manuscritos e impressos não eram imunes a alterações, a partir de novas cópias ou reimpressões. Essa mobilidade corrobora as contradições identificadas nos diferentes exemplares da obra. Tais características, semelhantes aos textos de Cyrano, podem ser encontradas nos escritos de Chapelle, embora não se possa comparar o nível de alteração que os impressos do primeiro sofreram, ao terem trechos que foram mutilados consideravelmente. No caso de Chapelle, as variações de suas obras se restringiram a pequenas omissões dos versos, mudanças das letras, inclusões de palavras ou breves trechos, elementos que mantiveram, em partes, a integridade da narrativa.

O caso de *Voyage* de Chapelle e de Bachaumont coloca em evidência como o suporte manuscrito poderia não ser suficiente para controlar a difusão e o acesso de múltiplos indivíduos, mesmo que esse tenha sido um dos formatos preferidos para a disseminação de textos contendo ideias dissidentes, principalmente no final do século XVII e início do XVIII, por se tratar de uma circulação que ocorria em paralelo à impressa, cujo controle era feito pelos poderes e censores.⁸² Na verdade, como pontua Antony Mckenna, a circulação exclusivamente manuscrita poderia causar uma perda de controle do autor sobre as suas produções, pois qualquer pessoa poderia imprimir-las a partir dessas cópias, não existindo uma edição clara de referência, além do risco que uma impressão baseada em cópias imperfeitas poderia causar, impactando na qualidade do texto e prejudicando a reputação do escritor. Para alguns escritores da época, existia, contudo, uma predileção pelo manuscrito, pois eles temiam que seu status de

⁸¹ BNF, Mss., fr. 15025, Voyage de messieurs de Bachaumont et la Chapelle, où l'on a joint diverses poésies du même auteur. A Cologne, chez Pierre Marteau, 1697. Esse foi um dos únicos manuscritos que não foi citado na edição crítica de Yves Giraud.

⁸² Os manuscritos filosóficos clandestinos tinham uma veiculação paralela de difusão de ideias dissidentes, conferir: MCKENNA, Antony. Les manuscrits philosophiques clandestins à l'Age classique: bilan et perspectives des recherches. *Chrétiens et sociétés*, n. 6, 1999, p. 29-44. MCKENNA, Antony et al. Les manuscrits philosophiques clandestins. In: GRÉSSILLON, Almuth; LEBRAVE, Jean-Louis (Éd.). *Écrire aux XVIIe et XVIIIe siècles*. Paris: CNRS Éditions, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.editions-cnrs.42444> Acesso em: 18 maio 2024. O tema constitui, inclusive, as pesquisas da revista científica *La lettre clandestine*. Disponível em: <https://classiques-garnier.com/la-lettre-clandestine.html> Acesso em: 18 maio 2024.

autor fosse desvalorizados ao entregarem suas produções aos livreiros. A publicação impressa continuava a ser identificada para muitos dos escritores, entre os anos de 1630 e 1640, como assimiladora daqueles que buscavam viver da escrita, mas alguns preferiam a circulação manuscrita em detrimento da impressa ao se recusarem entregar suas produções aos livreiros, com medo de ver seu status desvalorizado.⁸³ A primeira edição impressa de *Voyage* foi retirada de circulação justamente por ter ocorrido sem o controle de Chapelle e Bachaumont, o que foi suplantado novamente quando novas reimpressões vieram a público também sem o aval da chancelaria francesa.

Apesar dos esforços do Estado e da Igreja, com o gerenciamento de normas e regimes de controle sobre o que podia ser impresso e vendido na sociedade francesa, buscando o banimento de escritos duvidosos, não era possível controlar tudo, e os indivíduos encontravam formas de burlar as interdições fazendo com que a veiculação de impressos proibidos proliferasse. “De maneira paradoxal, o reforço das censuras eclesiástica e política na primeira metade do século XVII deixa, portanto, subsistir, no coração do poder, os pensamentos mais audaciosos e, potencialmente, os mais perigosos para ele”.⁸⁴ Conforme as indicações de Henri-Jean Martin, no final do século é possível identificar impressores belgas, holandeses e, até mesmo, franceses, da região de Lyon, atuando na veiculação de obras interditas e contrafeitas. Para não atrair atenção do poder e mitigar os impactos de suas ações, tais impressores não colocavam o verdadeiro endereço dos textos em suas impressões, e eles podiam cometer outros tipos de falsificações para que conseguissem vender suas produções.⁸⁵

O exemplar de *Voyage* de Chapelle e Bachaumont do ano de 1663, possui estampado em sua página de título o seguinte endereço: “À Cologne, chez Pierre Du Marteau”, caso idêntico às reedições posteriores de 1665, 1667 e 1697. O endereço, na verdade, esconde uma informação importante sobre a obra, de que ela não foi impressa em Colônia, mas sim em Amsterdam, sob a prensa de Daniel Elsevier. A obra consistia, então, em uma publicação clandestina, feita sem autorização e preparada em território estrangeiro. A criação imaginária do endereço, comumente utilizado em peças contrafeitas, servia para camuflar o impressor verdadeiro da peça e impossibilitar o seu rastreamento. Uma prática de ocultação que teve

⁸³ SCHAPIRA, *Un professionnel des lettres au XVIIe siècle*, p. 197. Roger Chartier também aponta que alguns escritores alertavam a má conduta do livreiro e como um tópico recorrente entre aqueles que estigmatizavam a impressão, “denunciando-a por corromper a integridade dos textos distorcidos por compositores ignorantes”. CHARTIER, *A mão do autor e a mente do editor*, p. 109.

⁸⁴ Tradução livre: “De façon paradoxale, le renforcement des censures ecclésiastique et politique dans la première moitié du XVIIe siècle laisse donc subsister, au coeur même du pouvoir, les pensées les plus audacieuses et, potentiellement, les plus dangereuses pour lui”. MINOIS, *Censure et culture sous l'Ancien Régime*, p. 107.

⁸⁵ MARTIN, *Livre, pouvoirs et société à Paris au XVIIe siècle (1598-1701)*. t. 2, p. 754.

aumento considerável nos anos de 1650, indicativo também sobre a emergência de peças adulteradas.⁸⁶

O endereço de Pierre Marteau era um pseudônimo distinto, sendo empregado diversas vezes em obras particularmente comprometidas, isto é, “esse nome figurou no frontispício de volumes condenados ou condenáveis: sátiras, livros filosóficos, romances licenciosos, poemas humorísticas”,⁸⁷ além de figurar em múltiplos panfletos. Essa prática demonstra como os livros estavam passíveis de sofrer falsificações no período, contudo, parece que os focos de contrafação eram os conteúdos perigosos, críticos, reflexivos e sarcásticos, ainda que o potencial de venda contasse muito e estivesse relacionado com o caráter diverso e polemista das peças. A *Voyage* se encaixava nos quesitos, pois muitos especialistas indicam a liberdade criativa com que Chapelle e Bachaumont enriqueceram o texto, existindo ao fundo um ar de improvisado e de espontaneidade no escrito, como se o texto derivasse de uma conversa humorística e prazerosa dos escritores em deslocamento,⁸⁸ mas que no fundo esconde suas críticas. Talvez tenha sido por essa razão, somada à temática da viagem que fazia sucesso na época, que a obra obteve certo sucesso, contando com várias reedições entre o final do século XVII até a primeira parte do século XVIII.

O endereço imaginário é acompanhado de outro elemento, uma esfera, ilustração estampada na página de título da peça, numa região um pouco acima da indicação do endereço em *Voyage* de Chapelle e Bachaumont. Para Martin, que reuniu diversas ilustrações das esferas e observou como possuíam pequenas variações, elas se tratavam de codificações e ocultavam informações sobre os verdadeiros impressores das obras (Figura 6, 7). As alterações e marcações nas esferas serviam de identificação para os diferentes impressores envolvidos na impressão de peças clandestinas ou falsificadas e as suas regiões, como os Elzevier e Blaeu em Amsterdam, os Elzevier e Hackius em Lyde, os Foppens de Bruxelas e impressores do sudoeste da França. Outras ilustrações, como os arcos de flores, utilizados para ornamentar os títulos das páginas dos livros, possuíam as mesmas codificações, servindo de informativos não somente sobre a origem das peças como sobre o passado clandestino das peças (Figura 8, 9, 10, e 11).⁸⁹

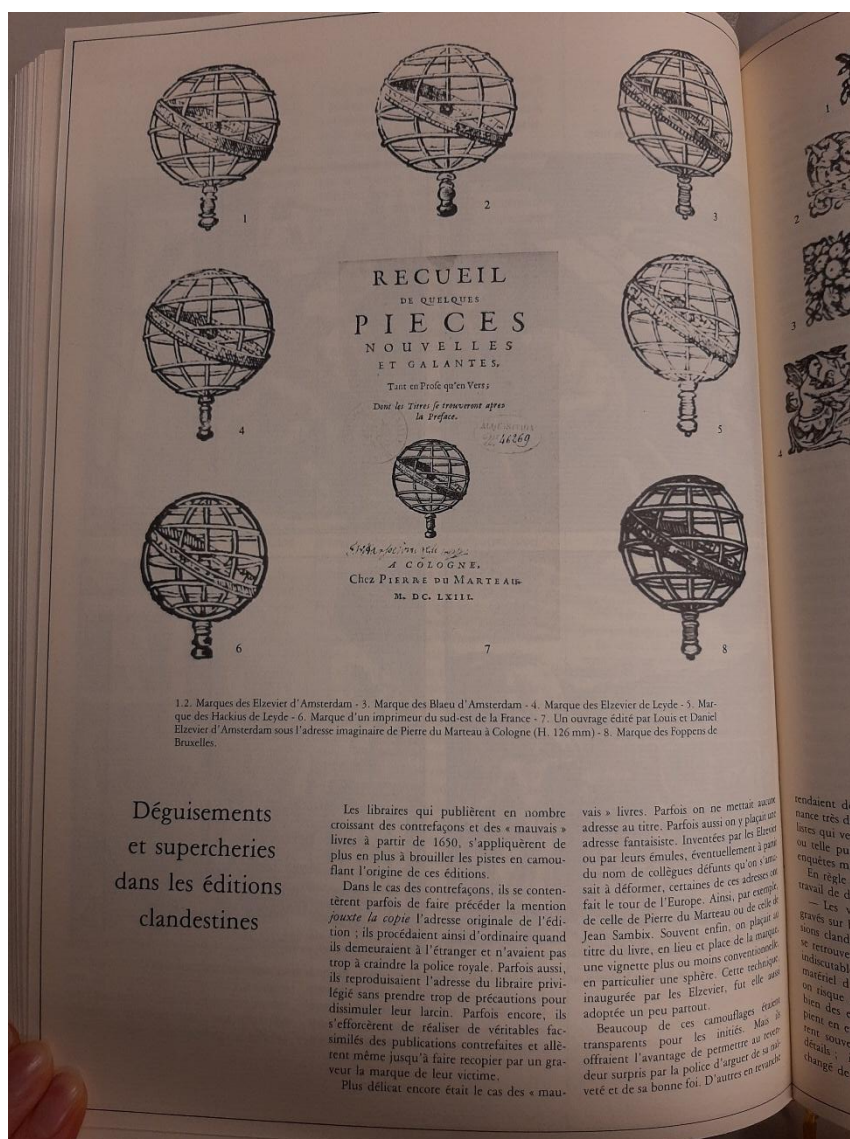
⁸⁶ CHARTIER; MARTIN, *Histoire de l'édition française*. t. I, p. 394-395.

⁸⁷ Tradução livre: “ce nom figura au frontispice des volumes condamnés ou condamnables : satires, livres philosophiques, romans licencieux, poésies badines”. JANMART DE BROUILLANT, Léonce. *La Liberté de la presse en France aux XVIIe et XVIIIe siècles*. Histoire de Pierre Du Marteau, imprimeur à Cologne (XVIIe-XVIIIe siècles). Paris: Quantin, 1888, p. 5-6.

⁸⁸ GIRAUD, Yves. L'hybridation formelle dans le *Voyage* de Chapelle et Bachaumont et les modalités de l'alternance prose/vers. In: BABY, Hélène (Dir.). *Fiction narrative et hybridation générique dans la littérature française*. Paris: L'Harmattan, 2006, p.117-118.

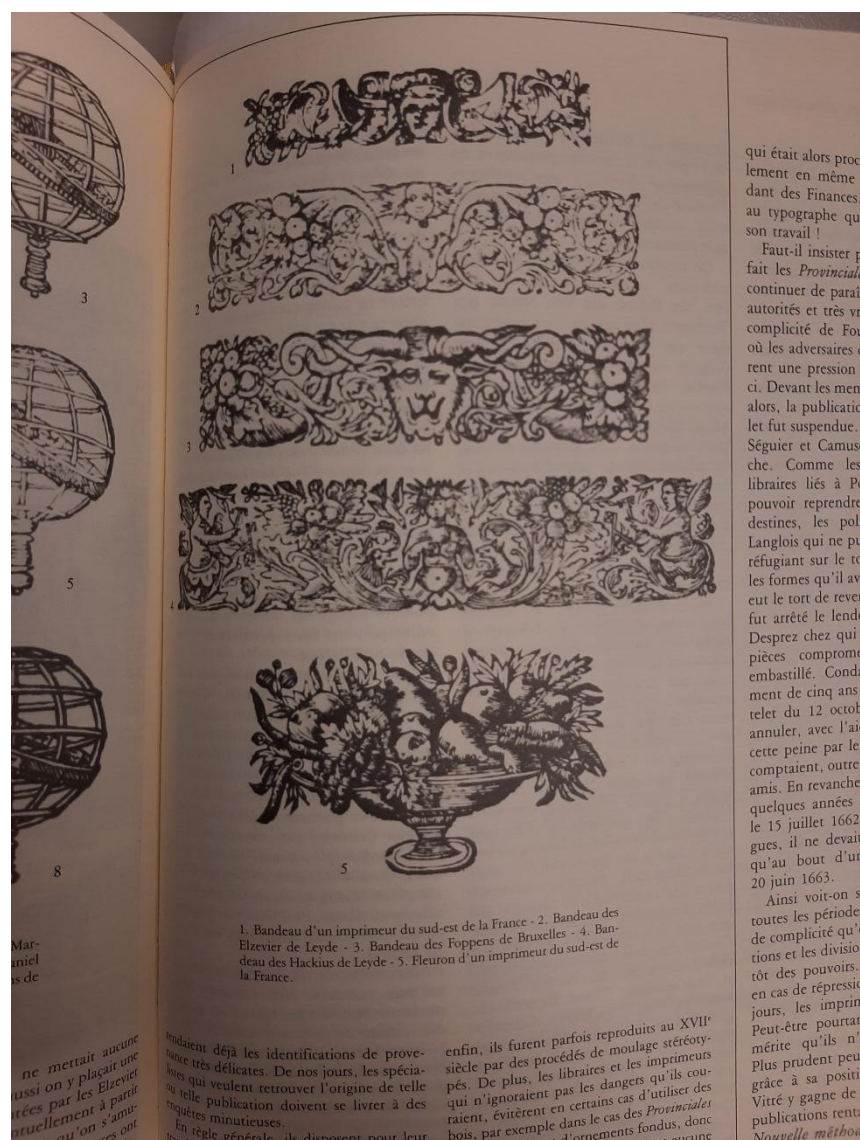
⁸⁹ CHARTIER; MARTIN, *Histoire de l'édition française*. t. I, p. 394-395.

Figura 6 - Os diferentes modelos de esferas



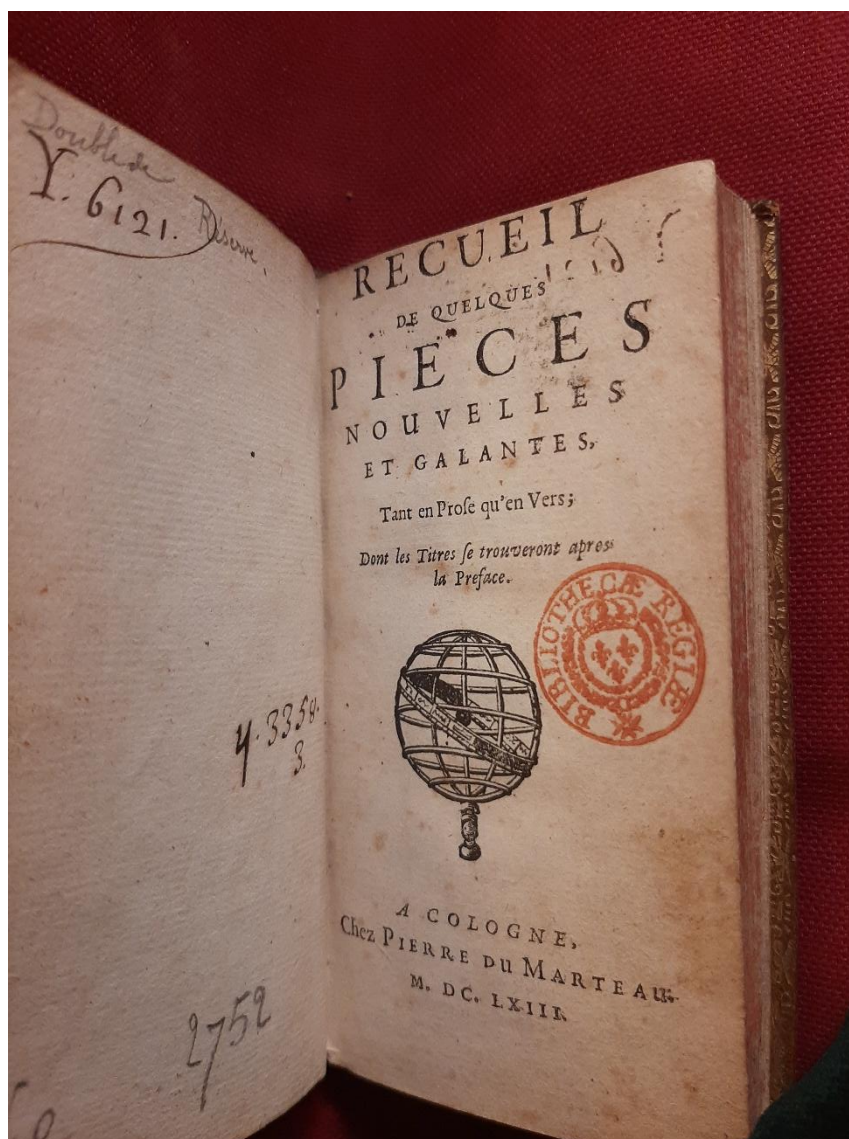
CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (Dir.). *Histoire de l'édition française*. Tome I. Le livre conquérant. Du Moyen âge au milieu du XVIIe siècle. Paris: Promodis, 1983, p. 394-395.

Figura 7 – Alguns exemplos de ornamentos e variações



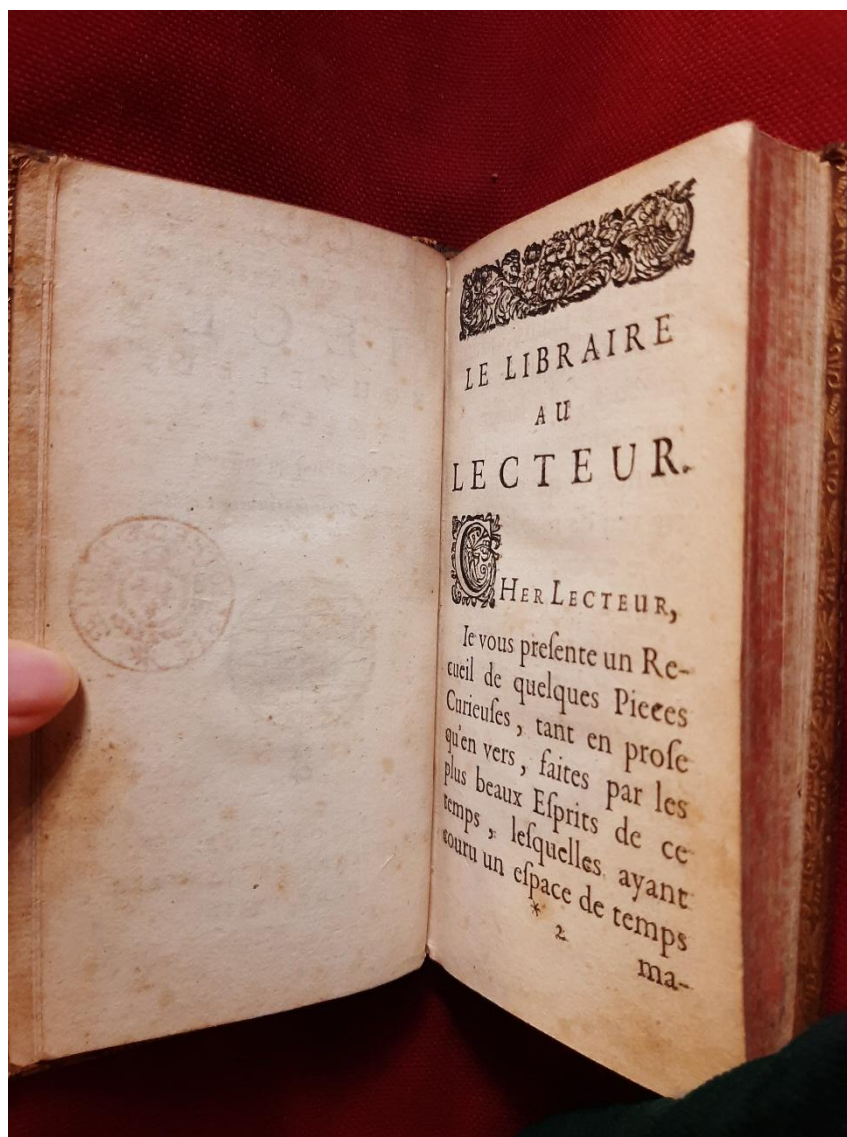
CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (Dir.). *Histoire de l'édition française*. Tome I. Le livre conquérant. Du Moyen âge au milieu du XVIIe siècle. Paris: Promodis, 1983, p. 394-395.

Figura 8 – Uma das peças contrafeitas de *Recueil de quelques pieces* que possui a esfera e o endereço imaginário



RECUEIL de quelques Pieces Nouvelles et Galantes, tant en Prose qu'en Vers; Dont les Titres se trouveront apres la Preface. Cologne: Pierre du Marteau, 1663. BNF RES-YE-2752

Figura 9 – Ornamento de flores do prefácio de *Recueil de quelques pieces*

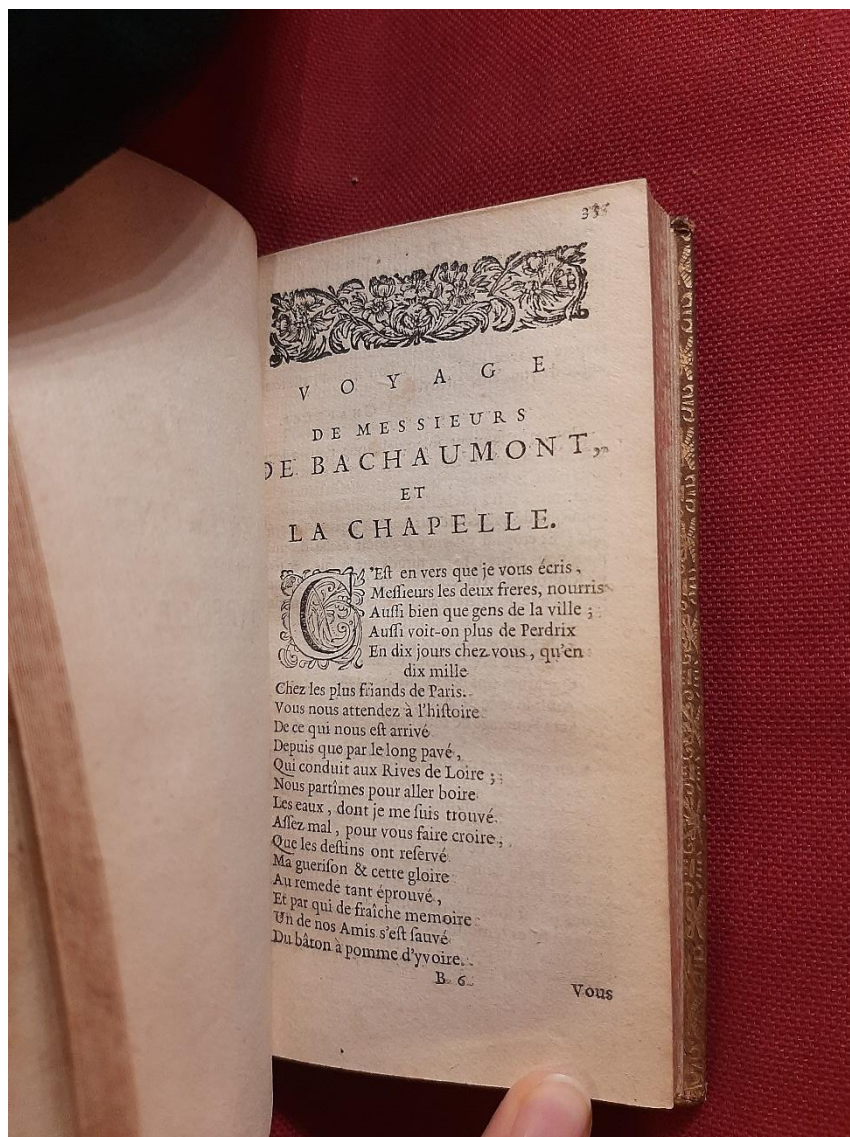


RECUEIL de quelques Pieces Nouvelles et Galantes, tant en Prose qu'en Vers; Dont les Titres se trouveront apres la Preface. Cologne: Pierre du Marteau, 1663. BNF RES-YE-2752

Figura 10 – Sumário da coleção e indicação de “*Voyage de Messieurs de Bachaumont et la Chapelle*”

Table des Pieces de ce Recueil.		
	Voyage de l'Isle d'Amour à Philis.	Pag. 3
	Voyage de Messieurs de Bachaumont & la Chapelle.	33
	Lettre de M. l'Abbé de M. Contenant le	
	Voyage de la Cour vers la frontiere d'Espagne, 1660.	76
	Relation du Voyage du Roy à Nantes, par	101
	Monsieur le Conte de St. A.	
	Responſe à Monsieur le Conte de St. A. au	98
	nom des Dames de Fontaine-bleau.	
	Sur la Question s'il faut dire, Il n'y a que	110
	vous qui sachiez, &c.	115
	Portrait de Cloris.	119
	Elegie de Madame la Contesse de la Suſe.	123
	Stances irregulieres. Rupture.	127
	Le Sapate de Monsieur le Duc de Savoye a	
	Mad. son Altesse Royale sa Mere.	135
	Sonnet du Duc de Savoye à Mademoiselle de	136
	Valois, & sa Reponſe.	142
	Le ſonge à Climene.	145
	Elegie : Les oiseaux par leurs chants, &c	148
	Elegies sur la disgrace de Monſ. F.	149
	Sonnet sur la Naissance de Madame.	150
	Au Roy sur la Mort de Madame.	ibid.
	Sonnet : Rien ne dure toujours,	
	Sonnet : Quittez cette devote humeur,	
	&c.	
	Madrigal : Tiris d'un exces de plai-	
	ſur, &c.	
	— Sur une belle Religieuse.	151
	— Qui commence, Je vous le dis	152
	au, &c.	ibid.
	* 3.	
	XXII. Al-	

RECUEIL de quelques Pieces Nouvelles et Galantes, tant en Prose qu'en Vers; Dont les Titres se trouveront apres la Preface. Cologne: Pierre du Marteau, 1663. BNF RES-YE-2752

Figura 11 – Primeira página de *Voyage* com ornamento

RECUEIL de quelques Pieces Nouvelles et Galantes, tant en Prose qu'en Vers; Dont les Titres se trouveront apres la Preface. Cologne: Pierre du Marteau, 1663. BNF RES-YE-2752

3.1.4 Tristan e *Page disgracié*

Ao se observar as contradições entre edições e os diferentes suportes das fontes, torna-se evidente como diversos artificios foram acionados para que os escritos de Cyrano, Dassoucy e Chapelles viessem a ser publicados e difundidos, talvez por conterem discussões críticas e satíricas demasiadas no que tange temáticas religiosas e os costumes da sociedade em que viviam. Em *Page disgracié*. *Ov l'on void de vifs caracteres d'hommes de tous temperamens, et*

de toutes professions, de Tristan L'Hermite, publicado em dois volumes em 1643, sob a prensa de Toussaint Quinet, também é possível observar variações em suas edições, mas, talvez, em um grau menor de alteração se comparado com as produções dos outros escritores. Ainda assim, elas anunciam contradições flagrantes, que evidenciam a singularidade da obra e as reflexões propostas por Tristan.

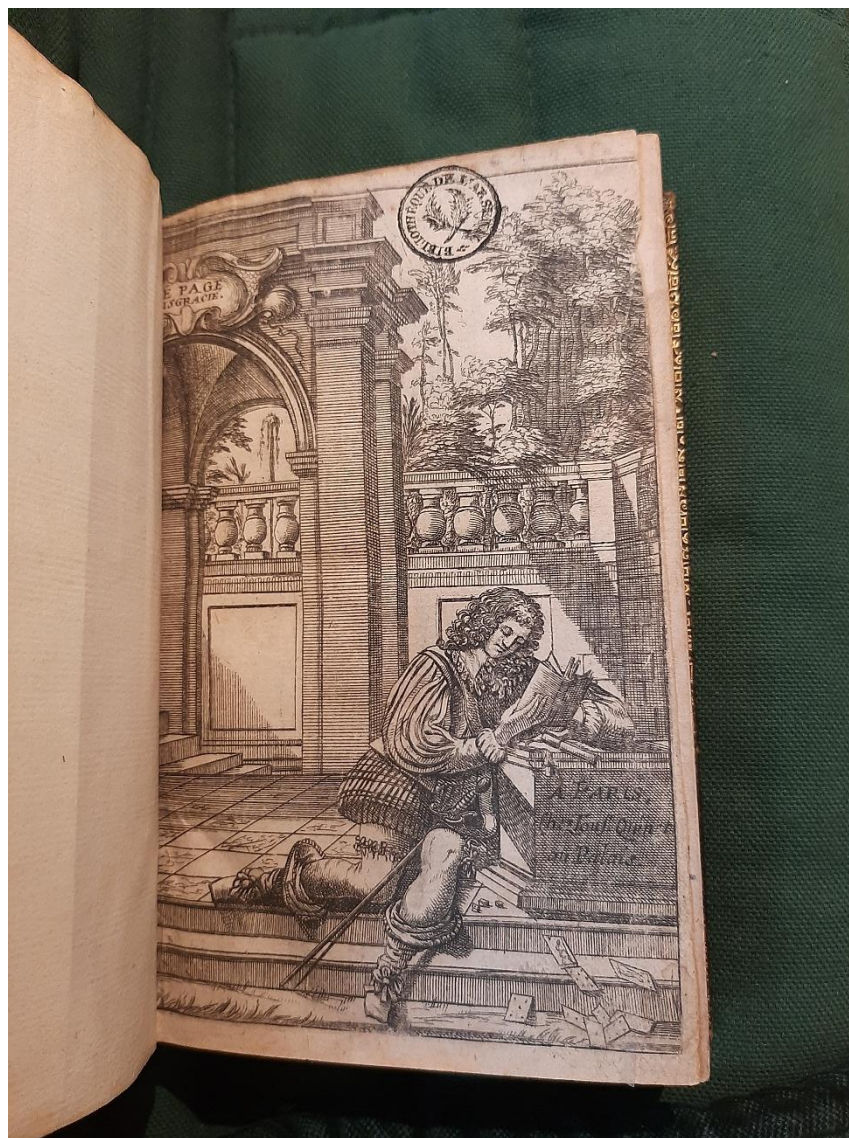
Dos quatros volumes de *Page disgracié*, localizados na Bibliothèque de l'Arsenal, dois deles foram ornamentados com belos frontispícios, atestando o cuidado que o impressor Quinet teve com a produção das peças. Dois dos volumes possuem capas de couro na cor verde escuro, ornamentadas com linhas douradas, contendo um emblema dourado e as bordas das páginas na mesma coloração.⁹⁰ As gravuras dos frontispícios ilustram um jovem, em dois cenários diferentes, lendo o livro que carrega em mãos, referência aos contextos narrados em cada um dos tomos.⁹¹ A presença das ilustrações se difere dos escritos de Cyrano e de Dassoucy, por exemplo, que no lugar delas possuem seus retratos estampados nos impressos. Tristan terá um retrato ornamentando uma de suas obras em 1648, quando da publicação de *Vers héroïques*.⁹² Ou seja, trata-se de gravuras feitas especificamente para as obras em questão, não tendo sido reaproveitada uma prancha de tema geral, o que encarecia os custos de impressão (Figura 11, 12, 13 e 14). Além dos frontispícios, mais dois paratextos compõem as obras, como a página de título e o extrato do privilégio.

⁹⁰ TRISTAN L'HERMITE, *Le page disgracié*. Première partie, 1643. BNF, Ars. 8-BL-22396 (1). Disponível em: <ark:/12148/bd6t5783913f> Acesso em: 18 março 2024. TRISTAN L'HERMITE, *Le page disgracié*. Seconde partie, 1643. BNF, Ars. 8-BL-22396 (2). Disponível em: <ark:/12148/bd6t5783914t> Acesso em: 18 março 2024.

⁹¹ Para uma análise detalhada dos frontispícios, ver BOUVARD, Émilie. Étude des deux frontispices du *Page disgracié* (Toussaint Quinet, 1643). In: BERRÉGARD, Sandrine; ADAM, Véronique (Dir). *Sur le Page disgracié*. Vingt-quatre études des Cahiers Tristan L'Hermite. Paris: Classiques Garnier, 2013, p. 225-239.

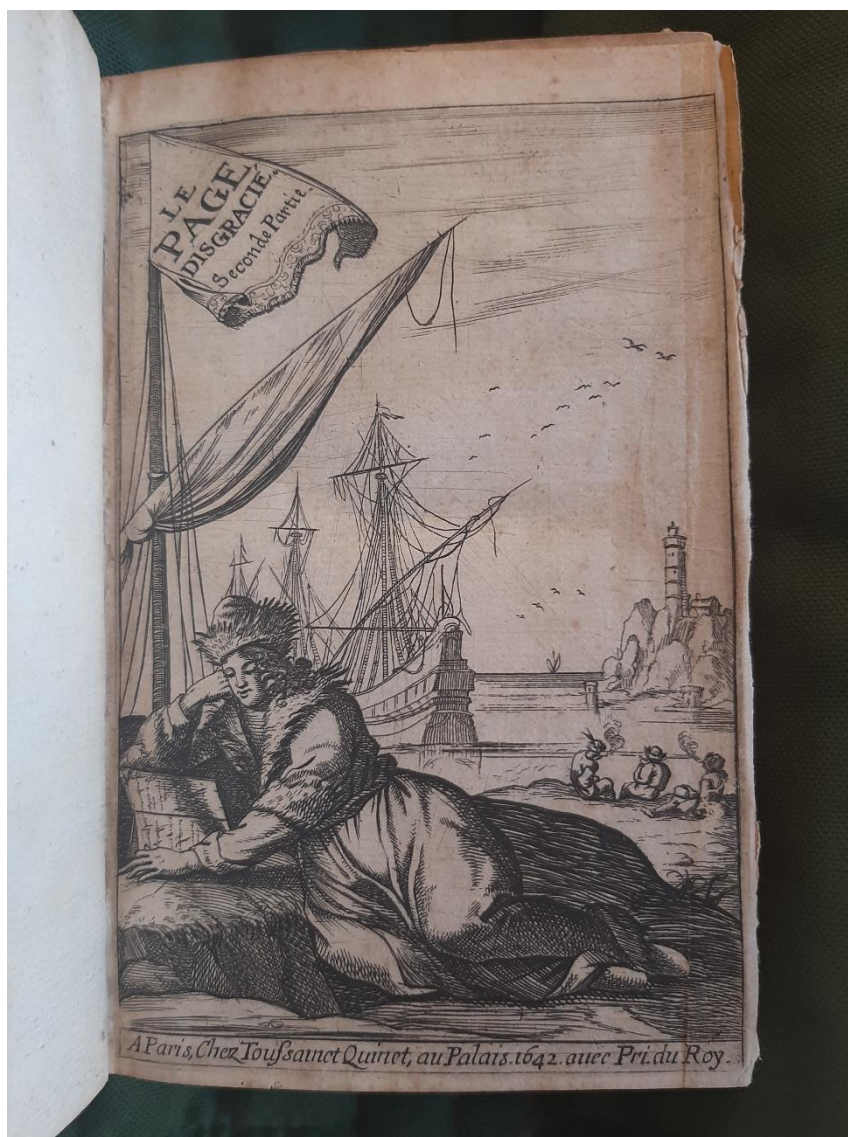
⁹² TRISTAN L'HERMITE. *Les Vers héroïques du sieur Tristan L'Hermite*. Paris: J. B. Loyson et N. Portier, 1648. O retrato de Tristan compreende o frontispício de Louis du Guernier, gravado por Pierre Daret.

Figura 11 - Frontispício da primeira parte de *Page disgracié* de 1643



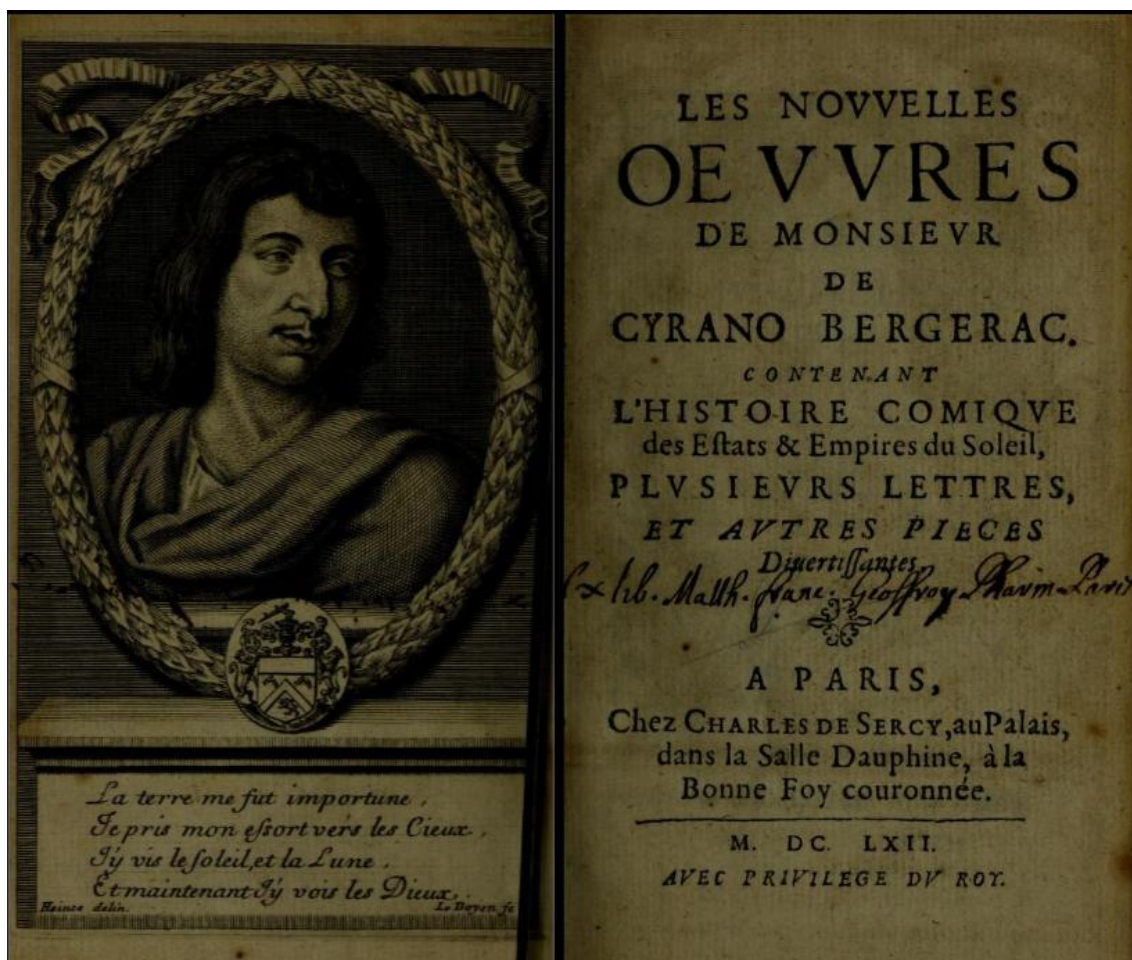
TRISTAN L'HERMITE. *Le page disgracié*. Ov l'on void de vifs caracteres d'hommes de tous temperamens, et de toutes professions. Par Mr de Tristan. Premiere partie. Paris: Tovssainct Qvinet, 1643. BNF, Ars. 8-BL-22396 (1). Disponível em: [ark:/12148/bd6t5783913f](https://nbp.paris.fr/ark:/12148/bd6t5783913f) Acesso em: 18 março 2024.

Figura 12 – Frontispício da segunda parte de *Page disgracié* 1643



TRISTAN L'HERMITE. *Le page disgracié*. Ov l'on void de vifs caracteres d'hommes de tous temperamens, et de toutes professions. Par Mr de Tristan. Seconde partie. Paris: Toussaint Quinet, 1643. BNF, Ars. 8-BL-22396 (2). Disponível em: ark:/12148/bd6t5783914t

Figura 13 – Frontispício de *Les nouvelles oeuvres de Monsievr de Cyrano*



CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Les nouvelles oeuvres de Monsievr de Cyrano de Bergerac*. Contenant l'Histoire Comique des Estats & Empires du Soleil, plvsievs letres, et avtres pieces diuertissantes. Paris: Charles de Sercy, 1662, s. p. (Toronto).

Figura 14 – Frontispício da primeira parte de *Avantures de Dassoucy*, datada 1677



DASSOUCY, Charles. *Les Avantures de Monsieur D'Assoucy*. Tome Premier. Paris: Claude Audinet, 1677.

Outro exemplar de *Page disgracié*, também publicado em 1643, localizado na Herzog August Bibliothek, se trata de uma peça que compreendia a coleção do Duque August II de Wolfenbüttel tendo se tornado parte dela entre os anos de 1652 e 1653.⁹³ Nela, constam os mesmos frontispícios, no entanto, discrepâncias se apresentam quando comparado com os volumes anteriores. Algumas das variações identificadas no exemplar compreendem a impressão em formato in-8 em que os dois volumes estão interligados, compondo o mesmo livro e possuem um prefácio, que ocupa a quinta página da primeira parte da peça. Provavelmente, o prefácio foi inserido posteriormente à impressão, sendo visível os indícios de cartonagem na margem interior da primeira página do paratexto e no verso da folha do

⁹³ Agradeço ao bibliotecário Felix Kommnick da Herzog August Bibliothek, quem me forneceu a informação, que pode ser verificada no *Bücherradkatalog*, antigo catálogo referente aos escritos que compunham a coleção do duque: Herzog August d.J. zu Braunschweig-Lüneburg: *Bücherradkatalog* Bd. 4 (BA I, 325), p. 4.102. Disponível em: <http://diglib.hab.de/mss/ba-1-325/start.htm?image=00504> Acesso em: 23 novembro 2023.

privilégio, antecedendo a página de título.⁹⁴ O texto do prefácio não contém identificação, mas as suas quatro páginas anunciam como a obra se trata de “uma espécie de papel jornal de uma vida bastante movimentada” e o quanto ela poderia agradar aquele que o lesse devido às matérias exploradas, que vão do amargo ao doce e do tranquilo ao tempestivo, demarcando a diversidade da obra.⁹⁵ Apesar das diferenças paratextuais, os exemplares da BNF e da HAB possuem uma conformidade textual, conforme se observa pela igualdade no estado do texto, na enumeração das páginas e ordem dos conteúdos apresentados.

Depois de vinte e quatro anos, em 1667, apareceu a segunda edição de *Page disgracié*. Uma publicação póstuma, impressa em formato in-12, sob os cuidados do impressor André Boutonné e do escritor Jean-Baptiste L’Hermite, irmão de Tristan. O modelo de divisão em dois tomos e os frontispícios se mantiveram idênticos, mas vários outros elementos são diferentes. O texto em si possui igualdade com o da edição de 1643, mas o número de linhas que compõem cada página, assim como a paginação dos exemplares difere completamente. Houve acréscimos, perceptíveis desde as primeiras folhas, com Tristan sendo apresentado na página de título como “M^r Tristan l’Hermite, gentil-homme ordinaire de la suite de feu Monseigneur le Duc d’Orleans” ao invés de “M^r Tristan”, conforme consta na primeira edição.⁹⁶ De certa forma, a apresentação assinala o pertencimento de Tristan à família Hermite e pontua a proximidade do escritor com o irmão do rei Louis XIII, por ter servido durante quase vinte anos a Gaston d’Orleans. Outros acréscimos importantes consistem na inclusão de uma dedicatória a Henry de Bourbon, um prefácio, e um sumário descritivo dos capítulos elaborados por Boutonné, assim como as “Remarques et observations”, formuladas por Jean Baptiste.

Os paratextos incluídos na segunda edição tiveram um papel importante, principalmente, as observações do irmão de Tristan, pois evidenciaram o aspecto autobiográfico da obra, um elemento mantido sob suspeição e contradição na primeira edição. As “Remarques et observations” preparadas por Jean Baptiste servem como chaves de leitura e de interpretação da obra, ao reunir vários nomes de pessoas notáveis em referência aos personagens que compõem a narrativa. Como Tristan não atribuiu identificação aos indivíduos referenciados, a lista do seu irmão fornece a possibilidade que o leitor descubra quem eles eram e a genealogia de suas famílias. Uma tentativa de afirmar o significado da obra, a introdução póstuma

⁹⁴ As peças foram consultadas na HAB através de um período de pesquisa com financiamento da fundação alemã Dr. Günther Findel. TRISTAN L’HERMITE, *Le page disgracié*. Premiere partie, 1643; TRISTAN L’HERMITE, *Le page disgracié*. Seconde partie, 1643. HAB A:39.10 Eth.

⁹⁵ Tradução livre: “une espece de papier journal d’une vie assez trauersée”. *Idem*, f. ãiii, HAB A:39.10 Eth.

⁹⁶ TRISTAN L’HERMITE, *Le Page disgracie*. Premiere partie, 1667.

transforma um romance ou um relato inovador e melancólico sobre um jovem pajem em uma autobiografia, que associa Tristan e suas vivências com personalidades notáveis.

Infelizmente, a obra de Tristan é mais um exemplo de um texto cujos manuscritos não sobreviveram. Eles poderiam esclarecer e introduzir novas questões sobre as narrativas, permitindo repensar as atribuições dadas na edição póstuma e possibilitar outras interpretações. Talvez esclarecimentos pudessem vir em novos volumes de *Page disgracié*, conforme o anúncio feito pelo narrador a Thirinte, personagem e receptor do relato, na parte final da obra: “É nestes dois volumes seguintes que você conhecerá o aprendizado que eu fiz no conhecimento dos homens”.⁹⁷ No entanto, textos de continuidade à obra nunca chegaram a ser impressos, o que pode significar que o trecho se tratava de uma hipérbole e que Tristan não necessariamente planejava seguir com a história, ou o escritor cogitou a possibilidade, mas acabou deixando-a inacabada.

Assim, evidencia-se como as fontes estavam imersas em uma verdadeira mobilidade dos textos, conforme as variações e transformações apresentadas e verificadas em cada um dos suportes e estados dos escritos. Os textos do período moderno e as suas materialidades evidenciam como eles estavam incluídos em uma lógica de variabilidade de produção e como as modalidades de inscrição, com formatos, ilustrações, preferências gráficas, pontuações e suas variações, promovem significações sobre as obras.⁹⁸ Portanto, os aspectos materiais são tão relevantes quanto os textuais, ao intermediarem na apreensão, recepção e difusão dos escritos. As versões, alterações e contradições dos textos libertinos, indicam como naquele período os textos eram compreendidos enquanto espaços dinâmicos, de reavaliação constante, em que a variabilidade não seria vista como um problema, pois, a variabilidade consistia em um recurso necessário para a veiculação das obras.

Um aspecto tocante sobre os textos de Cyrano, Dassoucy, Chapelle e Tristan é como cada um deles possui uma história diferente de transformação decorrente de suas publicações – ainda que cada um possua suas particularidades –, seja com imputações, inclusões, revisões ou alterações na ordem de publicação, em diferentes suportes e nos diferentes estados do mesmo texto. Características que poderiam ser encontradas em outros escritos do período, mas no caso deles estaria relacionado com a criticidade do conteúdo e as inovações propostas em suas narrativas, aspectos que poderiam dificultar a aprovação dos textos para que fossem impressos.

⁹⁷ Tradução livre: “C’est en ces deux volumes suivants que vous sçaurez l’apprentissage que j’ay fait en la cognoissance des hommes”. TRISTAN L’HERMITE, *Le page disgracié*. Seconde partie, 1643, p. 509; TRISTAN L’HERMITE, *Le Page disgracie*. Seconde partie, 1667, p. 322.

⁹⁸ CHARTIER, Roger. *Éditer et traduire*. Mobilité et matérialité des textes (XVIe-XVIIIe siècle). Paris: Seuil/Gallimard, 2021, p. 11-13.

Assim, as produções dos libertinos explicitam a especificidade da cultura escrita moderna, onde paradoxos, contradições ou duplicidades – textuais e materiais – poderiam constituir o jogo social ao qual os escritores estavam submetidos.

3.2. Amor pela liberdade e submissões aceitáveis

No prefácio de *Histoire comique, par monsieur de Cyrano de Bergerac*, existe uma menção sobre o quanto Cyrano apreciava sua independência, de modo que Le Bret sugeriu que o escritor teve que vencer “o grande amor que ele tinha pela sua liberdade” quando resolveu buscar um patrono que o apoiasse para continuar exercendo sua atividade como homem de letras.⁹⁹ Embora a menção tenha sido feita com o objetivo de indicar a falta de suporte que o escritor recebeu do duque d’Arpajon – seu principal patrono, sendo mencionado nas dedicatórias dos primeiros textos publicados do escritor –, não se pode negligenciar como a menção sobre Cyrano indica como ele era percebido pelos seus contemporâneos enquanto um indivíduo que presava pela liberdade e autonomia em sua vivência.

Algo semelhante ocorre com as percepções de Chapelle, Dassoucy e Tristan, que anunciaram como o exercício da liberdade era essencial em suas vidas através de suas obras, uma perspectiva corroborada também pelos seus contemporâneos. Um colega de Chapelle indicou que ele era alguém que privilegiava a liberdade, e em uma das cartas endereçadas a ele por Bernier, foi pontuado como ambos compartilhavam da mesma inclinação pela liberdade e independência, ao dizer: “nós temos uma particular inclinação pela Verdade, parece que nós também temos uma outra muito forte pela liberdade e a independência, por não reconhecer nenhum Mestre acima de nós, e por dizer, crer e fazer tudo a nossa fantasia, sem medo do que isso signifique”.¹⁰⁰ Essa posição vai de encontro com a autopercepção de Dassoucy, pois ele

⁹⁹ Mais especificamente, a frase em questão diz: “J’aurois adjousté que pour complaire à ses amis qui luy conseilloyent de se faire un patron qui l’appuyast à la Cour ou ailleurs, il vainquit la grand amour qu’il auoit pour sa liberté”. CYRANO DE BERGERAC; LE BRET, *Histoire comique, par monsieur de Cyrano de Bergerac*, s.p. E também: “Au reste, il ne bornait pas sa haine pour la sujétion à celle qu’exigent les Grands auprès desquels on s’attache; il l’étendait encore plus loin, et meme jusqu’aux choses qui lui semblaient contraindre les pensées et les opinions dans lesquelles il voulait être aussi libre que dans les plus indifférentes actions”. DARMON, *Le Songe libertin*, p. 10.

¹⁰⁰ Tradução livre: “nous ayons une particuliere inclination pour la Verité, il semble aussi que nous en avons une autre très-forte pour la liberté & l’indépendance, pour ne reconnoître point de Maître au dessus de nous, & pour dire, croire & faire tout à nôtre fantaisie, sans crainte de qui ce soit”. BERNIER, *Voyages de François Bernier*, p. 171.

mesmo pontua como preferia a liberdade ao invés da servidão em suas *Avantures*: “eu que sou mais amigo da minha liberdade que de bons pedaços e de boas refeições, dentre esses contínuos festins”,¹⁰¹ indicando a sua aversão aos costumes vivenciados nos banquetes aristocráticos. Para Tristan, a questão da liberdade é comumente frisada quando ele reflete sobre o seu ofício de escritor, por isso, em *Lettres Meslées*, ele anuncia: “eu nasci com uma inclinação muito livre”, “nasci muito livre para fazer o trabalho dos escravos”, frases reveladoras sobre sua aversão à submissão, mas também sobre a percepção da função exercida pelo homem de letras.¹⁰²

Não é incomum que a autonomia e a liberdade sejam dois dos elementos que apareçam associados aos libertinos, ao proporem questionamentos, a liberdade de pensamento em seus escritos, a necessidade de elaboração de opiniões próprias aos indivíduos e ao buscarem vivenciar uma vida independente. Contudo, a autonomia, assim como a liberdade, não eram compreendidas no século XVII das mesmas formas que as nações e sociedades contemporâneas, baseadas em regimes políticos democráticos, onde a autonomia é intimamente associada ao indivíduo. Os libertinos viviam em uma sociedade que clamava pela submissão dos indivíduos, ao monarca, seus poderes e as posições sociais, obrigações que influenciavam diretamente na forma como a liberdade era compreendida e vivenciada pelos agentes.

É preciso lembrar que antes de serem reputados como libertinos, os atores aqui investigados eram escritores.¹⁰³ E, nessa época, ser escritor compreendia uma operação básica, a ligação com patronos, os quais eram responsáveis por darem os suportes – materiais, eruditos e sociais – para que eles desenvolvessem suas atividades. Como bem pontuou Christian Jouhaud, os homens de letras e as suas atividades, no século XVII, beneficiavam de um reconhecimento novo e de uma crescente autonomia onde se delineavam os contornos de um status social em gestação – o nascimento do escritor –, contudo, a sua dependência no que diz respeito ao poder político, digamos do poder do Estado, nunca foi tão restritiva como naquele

¹⁰¹ Tradução livre: “moy qui suis plus amy de ma liberté que des bons morceaux & que de la bonne chere, parmy ces continuels festins”. DASSOUCY, *Les Avantures de Monsieur D'Assoucy*. Tome premier, p. 136.

¹⁰² Tradução livre: “je suis nay avec vne inclination trop libre”, “De moy qui suis né trop libre pour faire le mestier des Esclaves”. TRISTAN L'HERMITE, *Lettres Meslées dv sievr de Tristan*, p. 469 e 502.

¹⁰³ Os libertinos também exerciam outras atividades e poderiam estar presentes em diferentes extratos sociais no período moderno. Contudo, esse é um aspecto que necessita ser explorado com mais profundidade, e que poderia ser feito a partir da análise de outras fontes, como judiciárias, anuais diocesanos, anais de cidades ou vilarejos e seus regulamentos. Apesar da raridade da documentação, ela poderia trazer contribuições importantes para o campo. FOUCAULT, Didier. Le libertinage de la Renaissance à l'âge classique: un territoire pour l'historien? *Les Dossiers du Grihl*, n. 3, 2022, s.p. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/293> Acesso em: 29 março 2025.

momento.¹⁰⁴ Por conta disso, os escritores vivenciavam uma situação paradoxal, em que a autonomia poderia ser alcançada através da associação e dependência aos sujeitos poderosos, permitindo o melhor enquadramento das suas produções nos mecanismos oficiais de controle do Estado, cujo objetivo consistia em regular as publicações e as condutas dos atores envolvidos. Ainda que evasões pudessem ser forjadas dentro dessa mesma lógica, com o empreendimento de estratégias por parte dos escritores e atores envolvidos, a busca por protetores constituía uma prática comum e desejável para aqueles que exerciam as atividades literárias. A ligação com nomes poderosos possibilitava, inclusive, maior ousadia e certa evasão – dos estilos, das regras sociais, das autoridades.

É representativo o fato de que alguns dos escritores libertinos ocupavam cargos proeminentes ligados a indivíduos poderosos, vivendo próximos da alta aristocracia ou de um patriciado urbano, onde podiam desempenhar serviços de escrita e atividades correlacionadas. Esse foi o caso de François La Mothe Le Vayer, que serviu como preceptor real de dois cardeais, Richelieu e Mazarin, e Philippe d'Orléans, irmão mais novo de Louis XIV. Situação semelhante à de Gabriel Naudé, que apesar de sua formação em Medicina, atuou como bibliotecário de Mazarin e da rainha Christine da Suécia. Entre os escritores aqui estudados, estaria Cyrano, que apesar do curto período, se associou ao duque D'Arpajon. Mesmo caso de Tristan, que mesmo tendo se dedicado a Gaston d'Orleans, com quem permaneceu vinculado por quase vinte anos, desempenhou múltiplos serviços de escrita atrelado a outros nobres. E, igualmente, Dassoucy serviu a diferentes regentes ao longo de sua trajetória, como Christine da França – filha de Henri IV e Marie de Médicis –, Charles I da Inglaterra, além de ter tido uma atuação reconhecida como poeta e músico dos reis Louis XIII e Louis XIV, sendo nomeado músico da casa real nos anos finais de sua vida.

A ligação com nobres, aristocratas e outros patrocinadores poderosos era uma realidade comum, conforme pontua Schapira, o que indica como a grande maioria dos homens de letras viviam no entorno da aristocracia, exercendo diferentes cargos domésticos, como secretários, preceptores, escritores. O pesquisador atentou também para o fato de que a presença de escritores na casa de um grande personagem nem sempre significava uma ocupação em cargo doméstico, pois o indivíduo poderia ser apenas um protegido, alguém considerado próximo ou

¹⁰⁴ Tradução livre: “d’une reconnaissance nouvelle et d’une croissante autonomie où se dessinent les contours d’un statut social en gestation – naissance de l’écrivain – et pourtant leur dépendance à l’égard du pouvoir politique, disons du pouvoir d’État, semble n’avoir jamais été aussi contraignante”. JOUHAUD, *Les Pouvoirs de la littérature*, p. 10.

agradável o bastante para se conviver junto.¹⁰⁵ Talvez esse tenha sido o caso de Chapelle, que em *Voyage* representou a vivência e a recepção nas residências de indivíduos notáveis como espaços que permitiam a sociabilidade, a troca de ideias e o desfrute de diversos prazeres, como os alimentares e étlicos. Através dessa referência, o escritor indicava como a convivência com seus pares permitia a diversão e a apreciação, como ele estava em boa companhia e como essas vivências poderiam estar pautadas em outras trocas além daquela do serviço, experiências suficientemente inspiradoras para que fossem representadas em sua obra.

Chapelle também indicou em sua narrativa como ela era derivada de uma atividade ocasional, do desejo de relatar em conjunto com Bachaumont as vivências perpassadas por eles em seus deslocamentos por cidades francesas, de modo que a escrita seria uma forma de apreciação desse processo. Através dessa posição, Chapelle se apresentou como um escritor amador, atitude que poderia privilegiar a manifestação de opiniões originais – críticas, elogiosas e satíricas – em seu texto sem que, necessariamente, elas afetassem a sua posição social. A alternativa de se apresentar como um escritor amador era utilizada naquele período, sobretudo, entre os membros de correntes de pensamento consideradas minoritárias ou condenáveis, como os jansenistas e os libertinos, de acordo com a indicação do estudioso Viala. O pesquisador pontua, ademais, como os escritores amadores circulavam, principalmente, nos salões e, em menor grau, nas academias, espaços que permitiam a integração deles com a vida literária do período, um aspecto manifesto apesar das poucas publicações que alguns deles poderiam ter, como Chapelle. Dessa forma, tais escritores podiam gozar de um alto prestígio no campo literário, favorecidos pelas ideias aristocráticas e intermediações através das imagens do homem honesto e de belo espírito que compartilhavam. Ao mesmo tempo, as posições que ocupavam poderiam rivalizar com a de outros escritores, como os de profissão, pois diferentes destes últimos, eles não precisavam se importar (tanto) com as alianças do meio, podendo cultivar a arte das formas e obtendo a adesão do público letrado pelas suas produções.¹⁰⁶

Diferentemente de Chapelle, os seus colegas Cyrano, Tristan e Dassoucy não se apresentavam como escritores amadores em seus escritos. Mesmo que Cyrano tenha flertado com esse tipo de posição no início da sua carreira como escritor, ele se empenhou em produzir textos a partir de associações e lógicas de serviço, conforme o incentivo financeiro dos seus patrocinadores. Tristan e Dassoucy fizeram o mesmo, e apresentam trajetórias baseadas em ligações com protetores. Tais particularidades permitem identificar como as atuações dos três

¹⁰⁵ SCHAPIRA, Nicolas. Le « salon » écrit par les professionnels des lettres (France-XVIIe siècle). *Papers on French Seventeenth Century Literature*, v. XXXVIII, n. 75, 2011, p. 316-317.

¹⁰⁶ VIALA, *Naissance de l'écrivain*, p. 182.

escritores se aproximavam às de homens de letras profissionais ao exercerem o ofício textual como suas ocupações principais, apesar de Dassoucy sempre dividir a atividade das letras com a composição de músicas e versos. Ao se observar seus escritos, é possível identificar referências e descrições sobre as atividades que desempenhavam e as associações que tiveram ao longo de suas trajetórias. Os textos de Tristan e Dassoucy, mais precisamente, através do relato dos personagens de suas narrativas, detalham os ofícios e as condições que podiam envolver as suas atividades, assim como os percalços perpassados ao exercerem o ofício das letras.

Em *Page disgracié* de Tristan, o pajem Ariston relatou o envolvimento com diferentes patronos e indivíduos importantes, para quem atuou como preceptor, leitor, secretário e escritor. A primeira ligação do pajem com uma personalidade de grande autoridade ocorreu ainda criança, ao ser enviado para a casa de uma “alma real” para adquirir instrução e formação ao lado de um príncipe do palácio, que havia idade aproximada à do pajem. O instrutor dos jovens foi descrito como um homem das letras polido, reconhecido pela sua eloquência, que fez com que o pajem aprendesse belas coisas sobre a história e a moral.¹⁰⁷ Mais tarde, em passagem pela Inglaterra, o pajem serviu para um grande senhor como preceptor de sua filha, com objetivo de instruí-la na língua francesa. A jovem sabia muito pouco sobre fábulas e os romances heróicos, novelas e outros escritos, fazendo com que a atividade de preceptor tenha sido agradável, pois Ariston buscou apresentar as leituras que lhe interessavam à aprendiz. Através da atividade da leitura, no caminho de retorno para Paris, o pajem se ligou a outro mestre, para quem ele não prestou outro serviço além de ler, durante duas ou três horas todos os dias. Prática que permitiu a aquisição de novos conhecimentos, conforme o pajem relata sobre as atividades empreendidas ao lado do seu célebre patrono:

As vezes era alguma coisa de História, ou da poesia dos Antigos; as vezes nos revisitávamos suas próprias obras latinas e francesas, onde víamos coisas muito bonitas, mas que pareciam ter ganhado mais harmonia na primeira língua que na outra. Eu cuidava de sua biblioteca, e sem mentir, isso serviu muito ao meu progresso nas letras.¹⁰⁸

¹⁰⁷ TRISTAN L'HERMITE, *Le page disgracié*. Première partie, 1643, p. 21-23.

¹⁰⁸ Tradução livre: “Tantost c'estoit quelque chose de l'Histoire, ou de la poësie des Anciens; tantost nous reuissions ses propres ouurages latins, & françois; où l'on void de fort belles choses, mais qui semblent auoir gagné plus de bruit en la premiere langue qu'en l'autre. J'eus le soin de as biblioteque: & sans mentir cela seruit

A partir do trecho, identifica-se como o pajem observou com positividade as atividades desempenhadas no novo ambiente, pois, mais do que apenas entreter seu patrono, ele atuava de forma ativa e conjunta com o seu protetor, exercitando o que ele mais gostava de fazer, lendo romances, garantindo inspirações para a escrita dos seus versos. Em contraste à tal realidade, o pajem exerceu, posteriormente, um novo serviço para outro grande príncipe, que consistia no trabalho de decifrar cartas, além redigir, em nome do seu mestre, os bilhetes de galanteria que eram enviados a algumas das damas que ele deseja cortejar. Além disso, nas palavras de Ariston, ele exercia “outras galanterias que devo ocultar para não derogar a qualidade de secretário”.¹⁰⁹ O que demonstra como parte das atividades se tornaram monótonas, pois ele tinha menos espaço para o afloramento de sua criatividade como inventor de versos, ainda que o ofício tenha servido para aquisição de experiência, aprimoramento de sua escrita e uma proximidade com o núcleo real.

As atividades do pajem não lhe renderam apenas uma formação nobre e digna o suficiente para que ele continuasse atuando como homem de letras ao lado de grandes mestres, elas possibilitaram o seu desenvolvimento como escritor, conforme dominava a arte da escrita e adquiria conhecimentos, e as múltiplas leituras que fazia. O pajem pontuou também, em seu relato, as gratificações recebidas de seus mestres, que incluíam pratarias, pinturas em mármore, castiçais e, especialmente, somas de dinheiro. Em referência à última gratificação, a investigadora em letras Sandrine Berregard observa como a monetização derivada das atividades do pajem anuncia o processo de profissionalização de um poeta que atravessava a primeira etapa de uma promissora carreira literária, conforme se verifica no fim do escrito, em que Ariston relata os elogios recebidos sobre os belos versos que escrevia.¹¹⁰ Dessa forma, pode-se dizer que Tristan representou em seu texto o processo de constituição do pajem como um escritor, que, ao longo da jornada, descobriu o gosto pela vocação. Mas, em paralelo, o pajem tomava consciência sobre a dimensão econômica que envolvia as suas criações literárias e os percalços decorrentes da atividade, como a dependência dos mestres, a monotonia de certas atividades e o pouco espaço que ele tinha para a prática de uma escrita criativa ou diferente do que os patrocinadores exigiam e demandavam dele.

beaucoup à mon auancement aux lettres”. TRISTAN L'HERMITE, *Le page disgracié*. Seconde partie, p. 203-204.

¹⁰⁹ Tradução livre: “d’autres galanteries que je dois celer pour ne déroger point à la qualité de secrétaire”. *Idem*, p. 233.

¹¹⁰ BERREGARD, Sandrine. Diversité et unité dans *Le Page disgracié* de Tristan L’Hermite. *L’information littéraire*, n. 4, v. 59, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/inli.594.0014> Acesso em: 10 março 2024.

Nas *Aventures* de Dassoucy, as menções aos serviços que foram prestados por ele foram apresentadas, apesar de não serem o foco principal como no escrito de Tristan. Inicialmente, ainda no primeiro volume da obra, o escritor anunciou que estava deixando a corte francesa em Paris, onde servia como músico, para seguir até Savóia, pois tinha esperança de entrar para o serviço de “*Madame Royale*” Christine, filha de Henri IV. Indicações pontuais também são feitas a outras personalidades nobres com quem esteve associado e para quem ele dedicou e redigiu vários versos em outras produções, como os senhores de Vitrac, de Candele, de Mondevergues e o conde Donat. Um destaque maior foi dado ao marquês da Borgonha, que identificou o escritor pelas suas produções e fez com que Dassoucy fosse recepcionado em seu castelo, com objetivo de entretê-lo através dos cantos de um dos seus pajens, Pierrotin, execução da música com seu alaúde e leitura de suas obras. A esposa do marquês, que foi descrita como uma bela jovem, ficou encantada pela voz do pajem. Como ela havia casado recentemente, o escritor passou boa parte do seu tempo compondo versos de festins e núpcias para a jovem. Para Dassoucy, esse foi um dos motivos de sua frustração, ao se sentir entediado por estar entretendo o seu mestre com as mesmas músicas, além de ter que prestar diversas civilidades durante os jantares com os Grandes.¹¹¹ Esse foi um dos motivos que levou a desistência de Dassoucy em permanecer prestando serviços ao marquês para continuar com a sua viagem.

Em *Aventures d'Italie*, a posição de Dassoucy foi um pouco diferente, pois ele demonstra o desejo de impressionar a regente de Savóia. A Madame de Servien, quem lhe recebeu em Turim, foi a responsável por apresentá-lo e introduzi-lo na corte da regente Christine.¹¹² Mas, mesmo tendo o apoio da diplomata, Dassoucy teve que desempenhar vários esforços, além de preparar diversas músicas para serem apresentadas no jardim da princesa, fazendo com que a regente se tornasse a sua protetora. Numa tentativa de se moldar ao mundo e às atividades da corte de Savóia, o escritor relatou ter omitido as suas convicções para se tornar totalmente disponível e necessário à sua regente, como pode ser verificado no seu relato:

Durante os quatorze meses que eu permaneci nessa Corte, não é crível como eu empreguei cuidados para merecê-lo: eu não deixei passar nenhuma ocasião de me tornar necessário, apesar de que para a Igreja eu não sou um orlando de lassus*, e pelo ofício dessa Princesa eu tenha empregado muito, tendo ouvido

¹¹¹ DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D'Assoucy*. Tome Premier, p. 132-134.

¹¹² Tradução livre: “cette bonne Dame me fit paroistre mille bontez, & ne se contenta pas de m'honorer de son estime, elle daigna bien encore m'honorer de sa table & prendre ma protection dans cette Cour”. DASSOUCY, *Les Aventures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*, p. 92.

dizer muitas vezes que não se entra no Paraíso apesar dos Santos, eu os desejei tornar propícios, fazendo também música em sua Capela: Seja quando ela ouvia a Missa em seu quarto, no Santo Sudário, ou em qualquer outra Igreja, eu a seguia por tudo como um cachorro, por tudo se via meu Alaúde e Pierrotin em seguida; por esse meio eu me tornei em pouco tempo a pessoa mais devota do mundo; por que não se deve acreditar que essa piedosa Princesa, que chorava ordinariamente nos Altares, tenha acreditado satisfazer de alguma forma a sua piedade, assistindo a uma única Missa, a fez todos os dias por pelos menos duas, e mais comumente três [vezes], durante as quais eu fazia uma muito longa e muito devota Música, & sempre de joelhos.¹¹³

A partir do trecho, verifica-se como Dassoucy demonstrou a sua utilidade se mostrando devoto, tolerando a grande frequência com que a princesa ia às igrejas e tendo que preparar músicas devotas ou com referências religiosas, tudo com o objetivo de satisfazê-la. Na verdade, o escritor se tornou ainda mais devoto da própria protetora, pois era uma presença inseparável dela. O relato pode se tornar comovente quando se identifica como Dassoucy estava indicando a vivência de uma dualidade, tendo que dissimular a sua convicção pouco devota para se transformar em alguém piedoso, contrário ao que ele era em seu interior. O escritor possivelmente objetivou pontuar como os elogios prestados à sua regente através das suas músicas ou escritos não foram suficientes para prender a atenção da princesa, sendo necessário que ele se mostrasse completamente disponível a ela. De certa forma, Dassoucy enalteceu a si mesmo no trecho, ao indicar a sua tolerância diante das práticas santas como uma forma de ação que garantiria apoio da rainha e os seus serviços.

As referências ao ofício das letras identificadas nos textos de Tristan e Dassoucy apontam como a associação com grandes personalidades, através das práticas do clientelismo e do mecenato, eram importantes para que os escritores obtivessem suporte no desenvolvimento das suas atividades como escritores. Segundo Viala, tais práticas são tão antigas quanto a própria prática da literatura, mas tiveram um papel importante no campo cultural do século XVII. A associação e permanência no entorno de pessoas poderosas pelos escritores decorrente

¹¹³ Tradução livre: “durant quatorze mois que je demeuré dans cette Cour, il n’est pas croyable combien j’employé de soins pour le meriter : je ne laissois passer aucune occasion pour me rendre necessaire ; quoy que pour l’Eglise je ne sois pas un orlande de lassus, & que pour la chambre de cette Princesse je n’eusse déjà que trop d’employ, ayant maintefois oüy dire qu’on n’entre point en Paradis malgré les Saints, je voulus pour me les rendre propices, faire encore Musique à sa Chapelle : Soit qu’elle oüist la Messe dans sa chambre, au Saint Suaire, ou en quelque autre Eglise, je la suivois par tout comme un barbet, par tout on voyoit mon Luth & Pierrotin à sa suite; par ce Moyen je devins en peu de temps la plus devote personne du monde; car il ne faut pas croire que cette prieuse Princesse, qui pleuroit ordinairement aux Autels, eust crû satisfaire aucunement à sa pitié, assistant à une seule Messe il luy en faloit tous les jours pour le moins deux, & le plus solvente trois [fois], durant lesquelles je faisois une tre-longue & tres-devote Musique, & toûjours à deux genoux”. *Orlando de Lassus foi um compositor de peças litúrgicas durante a Renascença. DASSOUCY, *Les Aventures d’Italie de Monsieur D’Assoucy*, p. 168-170.

do clientelismo era uma prática derivada da estrutura medieval baseada na relação estabelecida entre vassalos e senhores feudais, cuja base consistia na fidelidade em troca de proteção e manutenção do corpo social. As clientelas se constituíam em organizações onde cada senhor possuía seus associados, sendo eles mesmos constituintes de um alto escalão, e que tinham seus próprios clientes. Os clãs possuíam um poder considerável, tal como as diferentes coalisões emergentes durante os levantes armados na França durante o período da Fronda, em que vários escritores aderiram a determinado grupo poderoso, produzindo escritos, apoiando ou polemizando no combate aos antagonistas.¹¹⁴

No âmbito do clientelismo, as ligações se fundamentavam nos empregos e vantagens fornecidas pelos patronos, ainda que existissem alterações nessas ligações, o que permitia com que um cliente pudesse mudar de patrono, optando por um em detrimento de outro em meio aos disponíveis. Os escritores vivenciavam uma lógica de serviço, o que quer dizer que a ligação com os patronos objetivava o desempenho de seus ofícios e a aquisição de vantagens. Para os mais desvalidos, essa era uma oportunidade para obtenção de apoios necessários, tal como o pajem em *Page disgracié*, que ao servir como secretário e diferentes serviços como escritor, recebeu os suportes materiais e financeiros. Uma outra maneira de vivenciar o clientelismo poderia consistir no apoio do patrono ao seu protegido para que ele viesse a obter um cargo desejado,¹¹⁵ tal como Dassoucy descreveu em suas *Aventures*, ao indicar a senhora Servien, embaixadora da França na Savóia, como sua apoiadora para ser recebido na corte de Christine da França.

Concomitante a essa atividade, havia a prática do mecenato. Uma atividade que se diferenciava da anterior, pois ela consistia no reconhecimento de um artista por uma grande personalidade, cujo objetivo consistia em apoiar o exercício da arte. O auxílio do apoiador não era derivado de um amor genuíno pela arte, ela era, na verdade, motivada pela ostentação social, já que a gratificação dada ao artista permitia o ganho de renome ao personagem social do mecenas diante da sociedade. A recompensa recebida pelo artista beneficiava conjuntamente o patrocinador, que adquiria distinção ao honrar pelo seu gesto. Por isso, na opinião de Viala, o mecenato era baseado em uma lógica de reconhecimento mútuo entre o artista e o Grande. E o escritor, ao oferecer sua obra a um personagem poderoso, atestava sua grandeza e bom gosto.

As dedicatórias que constam nos textos impressos, como poemas e epístolas elogiosas, podem ser compreendidas como espaços de referência a essa lógica, em que os escritores

¹¹⁴ VIALA, *Naissance de l'écrivain*, p. 52.

¹¹⁵ *Idem*, p. 51-53.

denominavam, elogiavam e anunciavam a inspiração que tiveram pelos seus dedicados. Apesar disso, o escritor não tinha a obrigação de servir ao personagem elogiado, assim como o mecenas não tinha a obrigação de retribuir às menções recebidas. Havia, nesse sentido, a possibilidade de escolha dos dois lados, e a gratificação, quando ocorria, significava a descontração e o prazer estético que o patrocinador obteve ao ler a obra em questão. As operações de mecenato poderiam ocorrer a partir de quatro formas conforme o estudo de Viala, que aponta como (1) ela poderia ocorrer na recompensa de uma obra que não concernia diretamente ao mecenas ou (2) através da retribuição de uma dedicatória que não designava o próprio patrono. (3) A gratificação também poderia ocorrer quando a obra elogiava diretamente uma grande personalidade. (4) E, em último caso, poderia decorrer de um patrocínio, baseada em uma lógica de serviço quase semelhante ao do clientelismo, em que o escritor atuava no serviço através da encomenda de um texto pelo patrono.¹¹⁶

Tais lógicas de associação e as proximidades dos escritores com os núcleos de indivíduos aristocratas e poderosos não consistiam em práticas estáticas, ao contrário disso, elas continham variações, mas mantinham o objetivo comum de beneficiar os atores envolvidos, como patrocinados e artistas. Apesar das dificuldades que alguns escritores poderiam sofrer para obter sucesso em suas associações, as ligações permitiam que eles encontrassem apoio para desenvolverem os seus ofícios, afetando o campo financeiro e social do escritor. O pajem em *Page disgracié*, através dos seus serviços, obteve favorecimento financeiro, e alcançou espaços altos conforme alternava e estabelecia contato com seus mestres, tornando-se um escritor requisitado. Por isso, a ligação com patronos possibilitava os apoios, grandes ou pequenos, das proteções e dos seus intermediários, os quais transformaram em ação os gestos do pajem e a sua competência com a escrita.¹¹⁷ Já Dassoucy, em *Aventures*, evidenciou os espaços conquistados em várias cortes, e quando alcançou o apoio da regente de Savóia, ele recebeu proteção assim como a validação social de que era um escritor talentoso e habilidoso. Mesmo que Dassoucy não tenha indicado o motivo da sua partida de Paris em seus escritos, provavelmente ele estava em exílio por conta dos rumores de sodomia. Sendo assim, a associação com a rainha da Savóia permitiu ao escritor um meio de validação e proteção, que garantiria a sua relevância como escritor mesmo diante das acusações que recebeu.

Validação social, apoio, proteção consistiam em alguns dos benefícios garantidos pelos escritores através da associação com indivíduos poderosos da sociedade e de frequentarem seus

¹¹⁶ *Idem*, p. 54-56.

¹¹⁷ BOMBART, Mathilde (Dir.). *Lectures de Tristan L'Hermite. Le Page disgracié*. Rennes: Pur, 2013, p. 13.

núcleos e espaços privilegiados. A falta de proteção poderia ocasionar problemas maiores, como no caso de Colletet e Berthelot, dois poetas considerados “naturalistas radicais”, que por não terem proteção acabaram sendo condenados em 1623.¹¹⁸ Muitos escritores zombeteiros conseguiram o benefício de continuarem produzindo produções dissidentes sem se inquietarem por serem protegidos e bem vistos por grandes personagens da sociedade francesa. Por isso, essas associações traziam vantagens significativas aos escritores, como a autonomia, a liberdade e o poder de agirem, ou melhor, de publicarem seus escritos com menos preocupação de serem interditos ou acusados de sedição. A submissão aparente permitia uma liberdade relativa, possibilitando que as submissões aos grandes fossem concebidas como dependências aceitáveis. Conforme aponta a pesquisa de Jouhaud, durante o século XVII, os escritores obtiveram ganhos ao vivenciarem uma dependência aceitável com seus patronos, se tornando relativamente livres em suas atuações. A dependência constitui a condição e a possibilidade da autonomia. O que quer dizer que a autonomia dos escritores era forjada dentro de uma lógica de submissão aceitável. Os indivíduos utilizavam as armas que dispunham para conquistarem o sucesso aos olhos do mundo e sobreviverem às imposições da sociedade em que viviam.¹¹⁹

Ao se observar mais detidamente as trajetórias de escritores como Tristan, Dassoucy, Cyrano e Chapelle, verifica-se como as associações que fizeram com determinados patronos possibilitaram que eles legitimassem as suas posições como escritores na sociedade francesa. Ao ter se associado a Gaston de Orleans, Tristan buscou apoio entre os aliados do duque para continuar publicando seus escritos, principalmente quando ele foi exilado de Paris. Nas ocasiões em que foi dispensado, Tristan manteve a sua lealdade, compondo e dedicando escritos ao seu mestre, fazendo com que a sociedade francesa mantivesse a lembrança da grandeza do seu patrono.¹²⁰ O período em que esteve ligado a Gaston foi de uma profícua produção de poemas e tragédias, mesmo que posteriormente o escritor tenha revelado os seus ressentimentos pela falta de reciprocidade e as dificuldades enfrentadas com a obrigatoriedade de criação quando imerso em uma lógica de serviço. Em *Le vers heroïques*, mais precisamente no poema intitulado *La Servitude*, Tristan referenciou o abandono sofrido: “Vejo que Gaston me abandona / Essa digna pessoa / Da qual eu esperava tirar minha glória e meu sustento: / Essa Divindade que eu sempre segui, / Por quem eu arrisquei minha vida; / E por quem mesmo agora eu gostaria de

¹¹⁸ MINOIS, *Censure et culture sous l'Ancien Régime*, p. 107-108.

¹¹⁹ JOUHAUD, *Les pouvoirs de la littérature*, p. 367.

¹²⁰ GATULLE, Pierre. La grande cabale de Gaston d'Orléans aux Pays-Bas espagnols et en Lorraine : le prince et la guerre des images. *Dix-septième siècle*, n. 231, v. 2, p. 301-326, 2006; BERRÉGARD, Sandrine. Tristan L'Hermite au service de Monsieur: heurs et malheurs d'un poète aristocrate en quête de reconnaissance. *Bulletin du Centre de recherche du château de Versailles*, n. 20, s.p., 2021.

estar morto”.¹²¹ As críticas, na visão do escritor, seriam válidas, pois o seu desligamento não aconteceu nos melhores termos, Tristan se viu abandonado pelo *Monsieur* e em uma situação material precária.

Alguns especialistas ainda debatem os possíveis motivos que levaram Tristan a permanecer por tanto tempo ao lado de uma pessoa controversa como o irmão de Louis XIII. Gaston d’Orléans era um personagem reconhecido pelas hostilidades mantidas com a corte e, principalmente, contra a política centralizadora de Richelieu, o que fez com que ele estivesse em uma relação de animosidade com o poder estabelecido. O desapego e sua falta de apreciação pela coroa refletiam na forma como ele tratou Tristan. De certa forma, o duque se mostrou um tanto distante dos seus protegidos, pois ele era um príncipe relutante, de certa forma dissidente, e recusava-se a se alinhar à política real imposta à nobreza. Nesse sentido, a posição do irmão do rei manifestava um certo individualismo, enquanto defensor de um espírito livre e independente, características que podem ter motivado a escolha de Tristan. Segundo Jean Serroy, com Gaston d’Orléans, o escritor podia ser ele mesmo, preservando uma solidão fiel, onde a corte real parecia para o escritor uma espécie de recrutamento. A vantagem decorrente dessa relação seria a preservação de certa independência. Seria como se Tristan identificasse a necessidade de liberdade para se consagrar a alguém, e com Gaston isso era possível pela total indiferença que demonstrava. Assim, conforme reforça Serroy, com o protetor escolhido, Tristan preservava o que era mais caro para ele, a sua liberdade, e o serviço não se confundia com a servidão.¹²²

Algo parecido ocorreu com Cyrano, que se associou entre os anos de 1652 e 1653 ao duque d’Arpajon. Foi com ele que o escritor obteve apoio para publicar a tragédia *La Mort d’Agrippine* e o seu compilado de cartas *Oeuvres diverses*, com belas dedicatórias em favor do seu patrono. Quando entrou para o serviço do duque, Cyrano residiu no palácio do mestre em Paris, elemento indicativo da dedicação do escritor. Contudo, o final do serviço terminou de forma desfavorável para o escritor, que se viu abandonado pelo duque justamente quando se viu afligido pelas suas enfermidades. Segundo Alain Mothu, na época, *La Mort d’Agrippine* ganhou notoriedade pela sua qualidade e, também, por conta dos trechos impiedosos contra a religião que possuía, o que pode ter corroborado para o desentendimento entre Cyrano e

¹²¹ Tradução livre: “Je croiy que Gaston m’abandonne / Cette digne personne / Dont j’esperois tirer ma gloire & mon suport: / Cette Divinité que j’ay toujourns suivie, / Pour qui j’ay hazardé ma vie; / Et pour qui mesme encor je voudrois estre mort”. TRISTAN L’HERMITE, *Les vers heroïques dv sievr Tristan Lhermite*, p. 148. Disponível em: ark:/12148/bpt6k5545094x ou ark:/12148/bpt6k57779w Acesso em: 07 junho 2024.

¹²² TRISTAN L’HERMITE. *Oeuvres completes* I. Prose. Direction de Jean Serroy avec la collaboration de Bernard Bray, Amédée Carriat e Marc Fumaroli. Paris: Honoré Champion, 1999, p. 17, 18, 19.

d'Arpajon: os rumores sobre as impiedades da peça talvez tenham contribuído para que o duque abandonasse por completo o escritor.¹²³

No caso de Dassoucy, as ligações com diferentes mestres, principalmente aquelas derivadas do seu período de exílio, significaram muito mais do que apenas um suporte para publicação de suas obras. As lógicas de serviço que envolviam Dassoucy significavam proteção para que ele continuasse exercendo o seu ofício, sem que novas perseguições ou imputações pudessem impactar ou frear o seu exercício das letras. No caso de Chapelle, as associações feitas tinham o objetivo de manter o seu prestígio e a sua posição social entre os sábios, sem que ele tivesse que se envolver em diferentes serviços como escritor e tivesse que publicar diversas obras para ser reconhecido.

Assim, identifica-se como as vias do clientelismo e do serviço, que permitiam que os escritores participassem da corte e dos seus núcleos, seriam eficazes para conquistarem independência e progressão em suas carreiras, o que possibilitou formas de domesticação do campo cultural, visto que os dominantes daquela sociedade não tinham motivos para desejarem a emancipação plena dos escritores.¹²⁴ Mesmo assim, os escritores encontraram os meios de construir o campo social em que estavam inscritos – o campo literário –, ainda que ele não fosse um espaço completamente autônomo; o rearranjo era possível através das ações exercidas pelos próprios escritores.¹²⁵ No caso dos escritores libertinos, essas ligações seriam muito eficazes, já que garantiriam a sustentação e proteção necessária para que publicassem obras contendo ideias críticas e dissidentes.

Ao adentrarem no jogo da dependência aceitável, os escritores libertinos recorriam à dissimulação, um elemento essencial que permitia a vivência da dualidade, da busca pela autonomia dentro de um sistema que exigia a dependência do escritor. A dissimulação possibilitava a dissociação do indivíduo, entre convicções privadas e públicas, entre o que pensavam e o que publicavam, entre o que acreditavam e pronunciavam em seus textos, permitindo o distanciamento entre diferentes áreas. E a dissimulação permitia a elaboração das suas narrativas, fazendo com que possíveis ideias dissidentes tivessem um duplo significado, ou fossem contraditas em seguida, criando significados implícitos através do que era proposto. Uma prática que envolvia a contraposição de ideias, transformando os personagens representados nos escritos em seres contraditórios. O sentido de criar o efeito de contradição

¹²³ BARGY, Hervé; MOTHU, Alain. *Cyrano de Bergerac, Cyrano de Sannois*. Turnhout: Brepols, 2008, p. 254-253.

¹²⁴ JOUHAUD, *Les pouvoirs de la littérature*, p. 367-368.

¹²⁵ BOMBART, *Lectures de Tristan L'Hermite. Le Page disgracié*, p. 19.

não buscava atentar diretamente contra o sistema, mas buscava encontrar um meio de elaborar ideias em paralelo a ele. Mais do que isso, eles estavam interessados no questionamento, sem almejar a extinção da estrutura social em que viviam. Mesmo que as ideias libertinas e a reputação de libertino pudessem conflitar diretamente com a ordem estabelecida, entre tais escritores não havia a busca por seu aniquilamento, o que havia era a proposição de uma discussão que ocorria em simultâneo, como parte da observação dos problemas que envolviam a sociedade vivida. Mesmo que essa reflexão tenha instigado a falência do sistema político *a posteriori*, não se pode projetar em tais escritores o objetivo de destruição da estrutura em que viviam ao reivindicarem a autonomia de pensamento e de corpo em seus textos. A criticidade dos libertinos não impediu com que eles agissem, desenvolvessem e forjassem as suas trajetórias como homens de letras a partir da ligação com indivíduos poderosos. Ao se utilizarem da dissimulação em seus escritos e discursos, mantinham as contradições em seus textos e preservavam a duplicidade também vivenciada no âmbito da realidade.

Não se pode ignorar o fato de que a reputação de libertino nem sempre foi escondida ou dissimulada pelos escritores assim identificados naquele momento. De acordo com a leitura de Ribard e Schapira, tais reputações não atraíram a perseguição de escritores como La Mothe le Vayer, Naudé (libertinos) ou Boisrobert (que teria permitido que a sua reputação de sodomita fosse espalhada), nomes, inclusive, que referenciam carreiras honrosas na Igreja e no aparelho do Estado. Como então eles conseguiram o sucesso e conquistaram tais posições? A questão é que a libertinagem não se tratava apenas de um “impulso intelectual tendencialmente reprimido” que organizava toda a existência de indivíduos potencialmente marginais, ela poderia ser também um meio utilizado para construir a posição de determinados escritores.¹²⁶ Em algumas ocasiões, ser libertino poderia ser um fator determinante para a distinção social do escritor, o que chamaria a atenção de patrocinadores específicos, pois ter um libertino, reputado pela sua audácia de pensamento, rendendo serviços a um patrocinador poderoso seria algo desejável, pois ele não se preocuparia com as barreiras colocadas pela moral cristã em diversos temas, como por exemplo, no campo do pensamento político, em que o libertino teceria reflexões sem inquietações.¹²⁷

Mesmo que os escritores aqui investigados tenham optado por jogar (ou não) o jogo da submissão aceitável, em seus escritos também se encontram reflexões sobre as dependências

¹²⁶ RIBARD, Dinah; SCHAPIRA, Nicolas. Commentaire de Dinah Ribard et Nicolas Schapira à la note critique de J.-P. Cavaillé. *Les Dossiers du Grihl*, n. 1-2, 2007, s.p. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/268> Acesso em: 20 junho 2025.

¹²⁷ SCHAPIRA, Nicolas. Entrevistadora: Kelly Caroline Appelt. Acervo da autora, 17 set. 2023.

que os seres humanos vivenciavam em sociedade e as representações da possibilidade de atingir a independência. Em *Viagem ao Sol* de Cyrano, as personagens das aves, tidas como as governantes do mundo solar, anunciavam o desprezo que possuíam por Dyrcona ao constatarem como os seres humanos eram inclinados a viver na servidão, conforme o trecho que diz:

Eles são (...) tão inclinados à servidão, que de medo de deixar de servir, eles vendem uns aos outros a própria liberdade. É assim que os jovens são escravos dos velhos, os pobres dos ricos, os Camponeses dos Nobres, os Príncipes dos Monarcas, e os Monarcas mesmos das leis que eles estabeleceram. Mas com tudo isso, esses pobres servos possuem tanto medo de ficar sem mestres, que [é] como se eles apreendessem que a liberdade lhes pudesse vir de algum lugar inesperado, eles criam deuses para si por toda parte, na água, no ar, no fogo.¹²⁸

As aves solares identificaram a hipocrisia vivida pela espécie humana ao respaldarem suas liberdades em costumes e leis que, muitas vezes, eram empregadas para aprisionar os indivíduos, dos mais humildes aos mais poderosos. Ou seja, trata-se de um problema da espécie. O medo humano seria, na compreensão das aves, um empecilho para o reconhecimento da liberdade e a motivação para crença em entidades supremas, tidas como controladoras do destino e da vida humana ou de tudo que fosse incompreensível. A autonomia poderia ser alcançada a partir do momento que o indivíduo se desprendesse dos seus medos e estivesse aberto para as situações inesperadas, isto é, o desconhecido ou inesperado, aquilo que precisaria ser desvelado.

De forma indireta, o extrato parece criticar a superioridade intelectual proclamada pelos humanos frente aos animais, e como eles não seriam tão racionais já que viviam em sociedades que tinham como base a servidão. Por isso, não se trata de meras eventualidades as referências aos animais e a outros seres como os dirigentes e soberanos em *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol* de Cyrano. Nos outros mundos, os seres de diversas naturezas – animais, vegetais, inanimados, recompostos – eram detentores de poder, indicando uma inversão dos valores em relação à sociedade francesa. Alguns dos seres daqueles outros mundos, como o demônio de Sócrates, o homem metamorfoseado, as aves, os bichos-homens acadêmicos, os filósofos recompostos,

¹²⁸ Tradução livre: “ils sont (...) si enclins de peur de manquer à servir, ils se vendent les uns aux autres leur liberté. C’est ainsi que les jeunes sont esclaves des Vieux, les pauvres des riches, les Païsans des Gentilshommes, les Princes des monarques, & les Monarques mesmo des Loix qu’ils ont établies. Mais avec tout cela ces pauvres serfs ont si peur de manquer de maîtres, que comme s’ils apprehendoient que la liberté ne leur vient de quelque endroit non attendu, ils se forgent des Dieux de toutes parts, dans l’eau, dans l’air, dans le feu”. CYRANO DE BERGERAC, *Les nouvelles oeuvres de Monsieur de Cyrano de Bergerac*, p. 328-329.

tiveram a importante função de orientar, servindo como os mestres e os guias do viajante em seus deslocamentos, fazendo com que ele aprendesse sobre o que desconhecia a partir do contato com as suas ideias e sociedades. A visibilidade sobre o desconhecido permitiu que Dyrcona refletisse sobre a condição humana e sobre como os humanos desempenhavam múltiplas ações sem questionarem o sentido delas.

Várias camadas de reflexão podem ser aprofundadas a partir das propostas dos escritos de Cyrano, mas a crítica à servidão humana se torna especialmente pertinente quando relacionada com o contexto paradoxal vivenciado pelos escritores durante o século XVII, sobre como os mesmos textos que enalteciam os Grandes em suas dedicatórias teciam críticas e serviam como espaços de reflexão sobre as intolerâncias derivadas daquele sistema. Constatado isso, não se busca projetar a existência de uma tensão entre escritores e seus patronos, em que os primeiros apenas desejavam se emancipar da servidão dos poderosos.¹²⁹ Não se pode negligenciar o fato de que, ao apoiarem a política monárquica e defenderem as motivações do Estado, os escritores obtinham apoios que eram relevantes principalmente quando um escrito, recentemente publicado, ultrapassava os “limites do dizível e do publicável em política ou em teologia”.¹³⁰ O que quer dizer que os escritores podiam forjar as suas autonomias conforme as associações que faziam, e a liberdade poderia ser vivida mesmo em uma situação de dependência, sem que uma anulasse a outra, uma situação totalmente paradoxal.

Dessa forma, os escritos de Cyrano, Dassoucy, Tristan e Chapelle apresentaram as contradições inerentes ao ofício das letras e como as suas práticas estavam incluídas em um contexto paradoxal como o campo literário, que possuía regras e diretrizes específicas. Mesmo assim, os escritores jogaram com essas regras, estabelecendo estratégias próprias, maneiras de jogar com o poder e também o emanando através do que escreviam em seus textos. Ao debaterem temas sob diferentes ângulos, às vezes contraditórios, suas obras serviam como meio de polemizar, introduzir, enaltecer ou abalar diversos temas diante da cena literária do período. Assim, a escrita e a imaginação detinham seus poderes, impactando fortemente a sociedade.

O amor pela liberdade de Cyrano, Dassoucy, Tristan e Chapelle não deixou de ser representado através das palavras e descrições das ações dos personagens de suas narrativas. Os personagens e narradores foram identificados como indivíduos curiosos, interessados em obterem novos conhecimentos através da observação do mundo por si mesmos. As submissões

¹²⁹ Aspecto frisado muitas vezes por Christian Jouhaud, lembrando o cuidado que se deve ter com as projeções e anacronismo. JOUHAUD, *Les pouvoirs de la littérature*, p. 257.

¹³⁰ MOREAU, Isabelle. *Stratégies d'écriture et pouvoir politique: le cas de La Mothe Le Vayer. Littératures classiques*, n. 55, v. 3, p. 147-156, 2004.

às quais tais personagens estavam dependentes não impediram que eles buscassem autonomia, ao se utilizarem da imaginação como um recurso que permitia a concepção e projeção de condições possíveis fazendo uso dos seus próprios meios, vontades e princípios. Mas os escritores alcançaram essa autonomia como resultado de ações e articulações empreendidas mesmo diante das associações de patronagem, e, assim, prepararam seus escritos e neles projetaram suas ideias de independência, mesmo estando submetidos. Tais condições são também vivenciadas pelos personagens de seus textos, transformando, assim, os seus escritos em espaços de reflexão sobre a sociedade em que viviam e sobre questões pessoais que lhe concerniam.

CAPÍTULO 4 – LIVRO, O INÍCIO DE TUDO: LEITURA, ESCRITA, DESLOCAMENTO E IMAGINAÇÃO

Os letrados gostam de fazer listas de livros próprios “a desiludir um espírito”.¹

A relação dos libertinos com os livros não se restringiu apenas ao fato deles os escreverem. Antes disso, eles eram leitores, interessados e versados em livros filosóficos, científicos, assim como poéticos e literários, pois identificavam a necessidade dos seres humanos buscarem pelos saberes, ao estarem interessados pela descoberta que o ato da leitura poderia lhes propiciar. Em suas obras, as referências ao universo livresco são constantes, sendo possível encontrar mais de um libertino com publicação de livros contendo listagens de obras a serem lidas, incluindo análises das obras e tratando sobre os espaços onde eles eram acondicionados. Um elemento que permite destacar como o contexto de aumento e proliferação dos impressos no período moderno influenciou a maneira como os indivíduos passaram a compreender os objetos textuais, valorizando-os como materiais de importância. Para os libertinos, o contato com os artefatos textuais lhes propiciava reflexões sobre a interação com as informações lidas e como elas eram absorvidas, além de reconhecerem como esse contato contribuía para o cultivo dos seus próprios conhecimentos, ao ampliarem as suas percepções sobre o mundo em que viviam.

Desse modo, os livros seriam instrumentos mediadores da obtenção de conhecimentos. Em razão disso, entre os libertinos havia um reconhecimento sobre a importância da leitura, principalmente das obras dos Antigos, ressurgentes desde o Renascimento, e de escritos filosóficos, poéticos, geográficos e científicos, alguns contemporâneos, compreendidos enquanto objetos formativos. Os livros de viagem, por exemplo, eram muito apreciados, já que através deles eles podiam se informar sobre a diversidade do mundo habitado. Assim, como um todo, a leitura permitia a instrução e a formação, ao fornecer conhecimentos sobre temas variados, como a sociedade, os seres humanos, a cultura, a política e a natureza, permitindo a ampliação da consciência e a autonomia de pensamento.

¹ Tradução livre: “Les lettrés aiment dresser les listes des livres propres “à desniaiser un esprit”. CAVAILLÉ, *Les Déniaisés*, p. 15.

Mas, para além do acesso ao conhecimento, o contato com os livros poderia propiciar outros prazeres, como a diversão, o entretenimento e a descoberta diante da imersão no mundo imaginário da ficção, que era explorado em textos epistolares, poéticos, teatrais, e em um gênero em ascensão no século XVII, como o romance. As ideias difundidas nos textos podiam inspirar, ampliar, gerar questionamentos ou interferências na vida dos leitores e leitoras. Várias obras publicadas no período trataram dos efeitos da leitura na vida dos agentes, sendo um tema explorado por diversos escritores do período, especialmente pela pluma dos religiosos, que identificavam a prática da leitura, quando em demasia, sobretudo dos romances, como alvo de desconfiança.² Os textos detinham, então, seus poderes, sendo compreendidos como causadores de perturbações profundas nas mentes ou nos corpos dos que liam, quando promoviam, por exemplo, a aquisição de vícios ou motivavam a curiosidade desenfreada deles.

Alguns libertinos também emitiram alertas sobre os romances, ao indicarem como os leitores e leitoras não poderiam se deixar seduzir pelas ilusões das fábulas ou dos sonhos, a ponto de acreditarem em tudo o que elas diziam. Era preciso que os agentes depurassem e relativizassem as informações acessadas, para bem conduzirem a imaginação. Era necessário que aprendessem a escolher, com sabedoria, os textos que seriam lidos, e empreenderem uma leitura crítica do texto acessado. Apesar da crítica, foi justamente nos romances que determinados libertinos teceram as suas reflexões, servindo-os como um espaço de elaboração, materialização, e divulgação das suas ideias, o que permitiu que eles refletissem sobre a relação dos seres humanos com o mundo imaginário, e os seus impactos ao vivenciarem a realidade. Se a dimensão criativa da imaginação fosse bem empregada, ela poderia capacitar as faculdades humanas a ponto de alcançarem a clareza, a compreensão do mundo que viviam e a autonomia de pensamento, mesmo em um contexto de racionalização dos pensamentos, ações e compreensões da natureza. A imaginação, então, poderia favorecer a obtenção de conhecimentos e o entendimento humano sobre a realidade, ao permitir uma reflexão sobre ela.

Deve-se atentar como, ao longo do século XVII francês, houve uma intensificação da atmosfera de incertezas, afetando o espírito dos agentes de letras, que passaram a refletir sobre as certezas tidas como absolutas. Esse movimento de crítica decorria da interação com os textos, tanto antigos quanto contemporâneos, através da leitura e das interpretações feitas a partir deles, um processo que oferecia novas perspectivas. As oposições ao misticismo, às ilusões e a outros tipos de enganos se apresentaram em várias produções do período, desde a pluma dos religiosos

² VOLPILHAC, Aude. « *Le Secret de bien lire* ». Lecture et herméneutique de soi en France au XVII^e siècle. Paris: Honoré Champion, 2015. A autora apresenta como ocorreu um debate profícuo entre os letrados sobre a leitura nesse século.

até a dos libertinos, evidenciado uma preocupação dos agentes de letras da época com a depuração e a distinção entre a verdade e a mentira.

Essas reflexões ocorreram em um momento em que a nova astronomia, difundida também através de livros e outros textos, passou a apresentar descobertas e perspectivas diferentes das compreensões teológico-cosmológicas de Aristóteles e Ptolomeu sobre o céu e o alinhamento dos planetas. Concomitantemente, ocorria o trabalho de erudição, principalmente dos escritores libertinos, que envolvia o estudo dos textos, tecendo análises e elaborações a partir de ideias contrastantes das perspectivas teológicas encontradas em suas leituras. Segundo Jean Delumeau, a cultura e a mentalidade europeia do fim do século XVI e ao longo do século XVII passaram por um processo de laicização progressiva e irreversível, o que pode ser relacionado à perspectiva de Tullio Gregory sobre a emergência da razão como guia no mesmo período, ainda que ela congregasse elementos mágicos, astrológicos e alquimistas. Para Gregory, os libertinos desempenharam um papel essencial nesse processo, ao se oporem aos valores estabelecidos e proporem ferramentas para a emancipação do espírito humano em seus escritos.³

Os livros, então, nunca deixaram de acompanhar os libertinos, tanto na realidade vivida por eles quanto nas suas obras ficcionais. Os livros fascinaram e intrigaram os libertinos, pois faziam com que eles fossem além, ao buscarem a experiência e o conhecimento que almejavam desvelar. Nos escritos de Cyrano de Bergerac, Tristan L'Hermite, Charles Dassoucy e Chapelle, os narradores se apresentam como sendo ávidos leitores e viajantes, que percorriam seus caminhos em busca da descoberta de saberes e da obtenção de prazeres e de refúgios, tecendo reflexões sobre as ações e as fraquezas humanas conforme se deslocavam. Por isso, neste capítulo, será tratado sobre a importância dos livros e das leituras para os libertinos, explorando como o contato com os escritos, em especial aqueles que tratavam de filosofia, ciência, assim como os relatos de viagens, inspiraram as suas reflexões filosóficas e a elaboração de suas obras ficcionais. A leitura, conjugada com a vivência do deslocamento, possibilitaram que os libertinos comparassem e debatessem sobre a sociedade e a cultura, questionando-as, e expandindo suas imaginações ao trazerem novas perspectivas para a interpretação do mundo vivido. Esse processo de reflexão permeou o contexto e o ambiente dos escritores e eruditos do século XVII, que se viam imersos em um mundo em transformação e onde os libertinos reavaliaram as percepções que sustentavam as sociedades do Antigo Regime, refletindo sobre

³ DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do paraíso?* Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2003 e GREGORY, *Genèse de la raison classique de Charron à Descartes*.

a condição humana, o papel das religiões, a necessidade da humanidade se libertar das superstições, conforme se desvelava o universo e a sua complexidade.

Para finalizar, o último ponto tratará da presença da temática dos sonhos nos escritos, que serviu como uma ferramenta de exploração da imaginação e das ilusões, e enquanto um estímulo para que os escritores tecessem suas críticas às superstições. Para os libertinos, a busca pela “liberdade de pensamento” exigia que os indivíduos desenvolvessem um espírito crítico, que estivesse aberto ao reconhecimento da impossibilidade de encontro com verdades absolutas. E onde a imaginação era utilizada como um meio de apresentação e articulação das suas perspectivas e pensamentos para os seus leitores e leitoras, ou mais precisamente, como uma forma de elucubração diante de um contexto de reformulações e dúvidas.

4.1. Leituras e imaginações: inspirações e interações com os textos

Antes de partir para a sua jornada de conhecimento na Lua, Dyrcona foi surpreendido pela aparição de um livro que o permitiu acreditar fortemente em sua “imaginação aguçada” de que o satélite lunar era um mundo como a Terra:

Eu estava de retorno ao meu alojamento e (...) eu mal havia entrado em meu quarto quando, sobre a minha mesa, eu encontrei um livro aberto que eu não havia colocado ali. Eram as obras de Cardan; e ainda que eu não tivesse intenção de lê-lo, minha vista caiu, como por força, justamente em uma história que o filósofo contava: ele escreveu que estudando uma noite à luz de velas, ele percebeu entrar, através das portas fechadas do seu quarto, dois grandes velhos, os quais, depois de muitas interrogações que lhe fizeram, responderam que eles eram habitantes da lua, e isso dito, eles desapareceram.⁴

⁴ Tradução livre: “J’étais de retour à mon logis et (...) j’étais à peine entre dans ma chambre quand, sur ma table, je trouvai un livre ouvert que je n’y avais point mis. C’étaient les oeuvres de Cardan; et quoique je n’eusse pas dessein d’y lire, je tombai de la vue, comme par force, justement dans une histoire que raconte ce philosophe: il écrit qu’étudiant un soir à la chandelle, il aperçut entrer, à travers les portes fermées de sa chambre, deux grands vieillards, lesquels, après beaucoup d’interrogations qu’il leur fit, répondirent qu’ils étaient habitants de la lune, et cela dit, ils disparurent”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 7-8.

A aparição do livro de Cardan e o episódio descrito na obra serviu de inspiração para Dyrcona, fazendo com que ele visse como factível o seu plano de subir até a Lua. O livro em questão era uma referência ao *De la subtilité et subtiles inventions*, obra publicada em 1550 e traduzida para o francês no ano de 1556, do filósofo e médico italiano Jérôme Cardan, que viveu entre 1501 e 1576.⁵ O episódio rememorado pelo narrador de *Viagem à Lua* fazia referência à uma descrição contida no livro do italiano, sobre a aparição/visão que o pai dele teria tido em 13 de outubro de 1491, onde sete homens, compostos por corpos sutis, quase como se fossem constituídos de ar, apareceram e, por terem conhecimento sobre praticamente tudo, discutiram com ele por várias horas. Contudo, Cardan não mencionou nada sobre os seres em questão terem advindo da Lua.⁶ Pode-se dizer que Cyrano fez uma releitura da descrição e a inclusão da origem dos seres em sua obra, uma projeção imaginada que permitia comprovar a presunção inicial do personagem de Dyrcona.

A suposição do narrador de que a Lua era um mundo estava baseada nas alegações dos antigos, como Pitágoras, Epicuro, Demócrito, e dos modernos, como Copérnico e Kepler,⁷ os quais teriam refletido sobre a infinidade do universo e a movimentação dos corpos celestes. Ideias que, provavelmente, foram acessadas por Dyrcona através da leitura dos seus textos. Segundo Jean-Charles Darmon, a aparição do livro de Cardan, qualificada em *Viagem à Lua* como um “milagre” ou um “acidente”, consistiu em uma proposição substitutiva ao sonho premonitório do mundo da Lua, transferindo autenticidade para o texto e a informação concedida por ele. O episódio amparou as ideias de Dyrcona, prolongando sua imaginação “aguçada” em favor de uma ideia “racional”, possibilitando que ele fosse além do imaginado ao se orientar, mais especificamente, pela tese sobre a pluralidade dos mundos.⁸ Assim, a aparição do livro corroborava uma concepção “racional” sobre o mundo, e evidenciava como o personagem estava atento às discussões difundidas nas redes de conhecimento dos eruditos da Europa do século XVII, e como ele estava interessado em compreender o funcionamento do universo e de nutrir o seu espírito.

⁵ CARDAN, Jérôme. *Les livres de Hierome Cardanvs medecin milannois, intitules De la subtilité, & subtiles inuentions, ensemble les causes occultes, & raisons d'icelles, traduis de latin en françois para Richard le Branc*. Paris: Guillaume le Noir, 1556. CHARTIER, Roger. Livros falantes e manuscritos clandestinos. As viagens de Dyrcona. In: *Inscrever e apagar*, p. 170-171.

⁶ CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, 2004, p. 8. Em nota de rodapé, Alcover informa que a aparição teria sido vivenciada pelo pai de Cardan e, o próprio Cardan teria relatado possuir um demônio pessoal além de presenciar a aparição de figuras sobrenaturais. CARDANI, Hieronymi. *Mediolanensis Medici De Rerum Varietate Libri XVII*. Basilae: Henrichum Petri, 1557, p. 629.

⁷ CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 7.

⁸ DARMON, Jean-Charles. Rhétorique du songe, fictions heuristiques et politique de la « grimace » : Cyrano sur les traces de Quevedo, de Kepler et de Campanella. *Littératures classiques*, n. 53, 2004, p. 181.

A aparição do livro de Cardan consistiu em um momento marcante da narrativa de Cyrano, dando início à peregrinação de conhecimento de Dyrcona pelo outro mundo ao favorecer suas ideias, conforme o trecho:

O que! disse a mim mesmo, depois de hoje ter ouvido falar de uma coisa, um livro que talvez seja o único no mundo onde essa matéria se trata, voar da minha biblioteca sobre a minha mesa, tornar-se capaz de razão para se abrir justamente no lugar de uma aventura tão maravilhosa, e depois fornecer à minha fantasia as reflexões e à minha vontade os projetos que eu tenho!⁹

Era como se o livro tivesse aparecido com o objetivo de comprovar as ideias do personagem. O livro foi dotado de poder pela forma com que apareceu e, mais precisamente, pelo tipo de conhecimento fornecido a Dyrcona. O saber motivou o personagem a agir – por si mesmo – diante das suas premissas, optando pela verificação de uma teoria de que havia ouvido falar. Dyrcona, então, traçou seu caminho, ele iria ter de subir até a Lua para sanar os questionamentos que lhe inquietavam, conforme ele mesmo se questionou: “eu não saberia me esclarecer dessa dúvida, se eu não subisse até lá? – E porque não?”.¹⁰

Além do livro ser uma fonte que fornecia conhecimento na obra de Cyrano, o escritor foi além ao apontar a qualidade propulsora do objeto, ao reconhecer como ele corroborou com os planos de observação do personagem. Ao seguir esse movimento, o personagem passaria por experiências, buscaria entender os efeitos e descobriria causas, seguindo um caminho semelhante ao defendido por Pierre Gassendi. O filósofo considerava essencial que o sujeito dito sábio observasse a natureza de perto, o que possibilitaria uma verificação detalhada e a investigação aprofundada das coisas.¹¹ Dessa maneira, abriu-se uma oportunidade para que

⁹ Tradução livre: “Quoi! disais-je en moi-même, après avoir tout aujourd’hui parle d’une chose, un livre qui peut-être est le seul au monde où cette matière traite, voler de ma bibliothèque sur ma table, devenir capable de raison pour s’ouvrir justement à l’endroit d’une aventure si merveilleuse, et fournir ensuite à ma fantaisie les réflexions et à ma volonté les desseins que je fais!”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 8.

¹⁰ Dyrcona se questionou: “je ne saurais m’éclaircir de ce dout, si je ne monte jusque-là? – Et pourquoi non?”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 8-9.

¹¹ SRIBNAI, Judith. *Pierre Gassendi: le voyage vers la sagesse* (1592-1655). Montréal: Presses de l’Université de Montréal, 2017, p. 254-256. Em uma carta endereçada a Naudé, Gassendi indicou como ele via de maneira positiva quem desejava compartilhar com os seus pares um acontecimento do passado, os relatos derivados das experiências vividas por alguém que as observou com os seus próprios olhos: “Car tu sais combien on accueille avec plaisir celui qui raconte un événement qu’il a lui-même vu. Il ne faut rien passer sous silence, puisque tu peux avoir là-bas au moins des témoins mieux qu’auditifs; il ne faut pas que tu méprises l’occasion que ces flammes te donnent de faire la clarté sur l’événement”. GASSENDI, *Lettres latines*, p. 81.

Dyrcona tecesse interpretações próprias, elaborando, assim, a sua apreciação sobre o universo e a sociedade em que estava imerso.

Em sua obra, Cyrano enfatizou como Dyrcona teria construído suas interpretações com base no saber fornecido pelos livros. O contato com o mundo livresco teria fortalecido os impulsos investigativos do personagem. Uma posição que encontra similaridade na visão difundida entre os libertinos sobre o livro ser um objeto provedor de conhecimentos. Teria sido nessa direção a observação de Gabriel Naudé sobre como os livros forneceria “um milhão de aberturas e de novas concepções” para aqueles que os liam.¹² Uma perspectiva corroborada pelos eruditos da época, que viam nos livros a possibilidade de sanarem suas curiosidades, da imersão no cultivo dos seus saberes, uma herança do humanismo dos séculos XV e XVI. Portanto, não era incomum que os sábios tenham se declarado curiosos e amadores dos livros, muitos deles eram, inclusive, proprietários de acervos substanciais como o próprio Naudé,¹³ e, entre as camadas mais elevadas da sociedade, as bibliotecas particulares constituíam espaços aclamados diante do contexto de multiplicação dos impressos.¹⁴ O espaço da biblioteca, inclusive, passou a se impor como o laboratório do pensamento, conforme pontuou Frédéric Barbier, não se limitando somente às coleções de livros, mas integrando conjuntos amplos, em uma perspectiva enciclopédica, e para os libertinos, esse ambiente detinha o valor de funcionar como um espaço de sociabilidade erudita.¹⁵

O interesse pelos livros era algo manifesto entre os libertinos reconhecidos como eruditos, como Naudé, mas também Charles Sorel, Guy Patin, La Mothe Le Vayer e Pierre Gassendi.¹⁶ Todos eles publicaram textos tratando da crítica ou apreciação dos livros e contendo múltiplas referências ao mundo livresco, uma constante observável também em suas cartas pessoais.¹⁷ Na carta que endereçou ao seu amigo François Luillier – pai de Chapelle –, Gassendi

¹² Tradução livre: “vne milliaie d’ouuertures & de nouvelles conceptions”. NAUDÉ, Gabriel. *Advis povr dresser vne bibliotheque*. Presenté à Monseigneur le President de Mesme. Paris: François Targa, 1627, p. 52.

¹³ Um manuscrito contendo o inventário dos livros teria sido corrigido pela própria mão de Gabriel Naudé, ver BOEUF, Estelle. *La bibliothèque parisienne de Gabriel Naudé en 1630*. Les lectures d’un *libertin érudit*. Genève: Droz, 2007.

¹⁴ MARTIN, *Livre, pouvoirs et société a Paris au XVIIe siècle (1598-1701)*, t. I, p. 474 e p. 478.

¹⁵ BARBIER, *História das bibliotecas*, p. 220.

¹⁶ O termo “*Libertins érudits*” foi cunhado por René Pintard, indicando a grande importância que os libertinos atribuíam aos livros e à erudição, ao estarem ligados às redes internacionais de conhecimento do período. Em sua obra, ele investigou, detidamente, as atividades de Diodati, Gassendi, Naudé, Patin e La Mothe Le Vayer. PINTARD, *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVIIe siècle*. É necessário pontuar como deve-se reconsiderar a separação ou distinção dos libertinos e suas práticas com base em categorias como a erudita, associada ao mental, e a dos costumes, ligada ao corporal, visto que a libertinagem poderia ser vivenciada de diferentes formas, sem que fosse possível estabelecer uma clara separação entre os pensamentos e as atitudes desempenhadas pelos indivíduos.

¹⁷ Dentre as produções, pode-se destacar NAUDÉ, Gabriel. *Advis povr dresser vne bibliotheque*. Presenté à Monseigneur le President de Mesme. Paris: François Targa, 1627; NAUDÉ, Gabriel. *Considerations politiques*

indicou a preocupação por ainda não ter recuperado alguns dos seus livros e sobre a necessidade que ele via em ordenar a sua pequena biblioteca em Digne, onde atuava como cônego desde 1622.¹⁸ Em outra carta, Gassendi anunciou o seu aborrecimento por ter efetivamente perdido determinados livros, os quais ele listou: “um tomo de *Éphémérides* d’Origant e alguns outros de matemática com o volume de Cardan... e outras peças. O excedente são apenas alguns volumes de diversidades de Camus, *Euphormion*, as epístolas de São Jerônimo, Plauto e outros similares”. Apesar disso, ele reconheceu que em breve conseguiria recompô-los à sua coleção.¹⁹ Na correspondência pessoal de Guy Patin, os livros que havia lido, e aqueles que tinha intenção de ler, eram mencionados com frequência,²⁰ assumindo a sua “caprichosa bibliomania”,²¹ além de ter declarado, em mais de uma ocasião, como a grandiosa coleção de livros que possuía lhe era muito apreciada.²²

svr les covps d'estat. Rome: [s.n.], 1639; NAUDEANA et patiniana ou singularités remarquables, prises des conversations de Mess. Naudé et Patin. Paris: Florentin et Pierre Delaune, 1701; SOREL, Charles. *La Bibliothèque Française de M. C. Sorel, ou le choix et l'examen des livres françois qui traitent de l'éloquence, de la philosophie, de la dévotion et de la conduite des mœurs*. Paris: Libraires du Palais, 1667; SOREL, Charles. *De la connoissance des bons livres, ou examen de plusieurs auteurs*. Paris: Pralard, 1671; LA MOTHE LE VAYER, François. Du Moyen de dresser une Bibliothèque d'une centaine de Livres seulement. In: *Oeuvres de François de La Mothe Le Vayer*. Tome Second. Paris: Augustin Courbé, 1654, p. 454-458; GASSENDI, *Lettres latines*.

¹⁸ Os trechos em específico seriam: “Je n’ai point encore recouvré mes livres et, tellement que je commence d’en estre en un peu d’inquiétude, tachant cependant de faire tous mes petits complimens et de ranger ma petite bibliothèque que j’ai trouvée en desordre. (...) Si vous cherchez bien dans le coffre ou dans quelqu’un des livres que j’ai laissé vous y trouverez la liste des principaux livres que j’ai emportés. J’avois mesme commencé ou voulu commencer d’y joindre la liste de ceux que je laissois, mais ma paresse ordinaire me faisant partir avec empressement fust cause que je ne l’achevai point et laissai tout en desordre, m’aidant Monsieur Vitre à jeter confusément tous les moindres livres dans ledict coffre, dont il vous aura rendu la clef. Je pense que vous vous serez souvenuz de prendre les crayons d’Épicure dans un reply de la tapisserie qui est au costé gauche de la fenestre de mon cabinet”. GASSENDI, *Lettres Familiales à François Luillier pendant l’hiver 1632-1633*, p. 18-26.

¹⁹ O trecho completo compreendia o seguinte: “J’ay oublié de vous marquer par ma prédédente que les principaux livres que j’ay trouvé perdus sont un tome des *Éphémérides* d’Origant et quelques autres de mathématiques avec le volume de Cardan ... et autres pièces. Pour le surplus ce ne sont que quelques volumes de diversitez de Camus, l’*Euphormion*, les *Épîtres* de St Jérôme, le *Plaute* et autres semblables qui ne sont pas de tant d’importance ou qu’on peut facilement recouvrer”. *Idem*, p. 72.

²⁰ Havia uma preocupação específica com as produções italianas e, Patin e Naudé as percebiam como importantes de serem lidas pelos franceses. Para uma reflexão sobre o conhecimento italiano e o seu intercâmbio com o território francês, ver: CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Les athées italiens dans les conversations entre Naudé et Guy Patin. *La Lettre clandestine*, n. 31, p. 219-239, 2023. Disponível em: <https://hal.science/hal-03795011/document> Acesso em: 18 julho 2024.

²¹ Tradução livre: “capricieuse bibliomanie”. À Charles Spon, le 20 décembre 1652. In: CAPRON, *Correspondance complète de Guy Patin et autres écrits*. Disponível em: <https://www.biusante.parisdescartes.fr/patin/?do=pg&let=0299> Acesso em: 15 agosto 2024.

²² A sua biblioteca era um bem precioso: “Sa collection de livres était ce que Patin avait de plus précieux : *est lumen oculorum meorum et laborum solatium*. ‘J’ai fait moi seul toute ma bibliothèque et acheté tous mes livres, j’en ai pour plus de 40 000 francs’, déclarait-il fièrement à Falconet le 3 juin 1661. Dans ses lettres de 1662, Patin a dit à Reiner von Neuhaus (18 mai) avoir plus de quinze mille livres dans sa bibliothèque, et quatorze mille à Giulio Torrini (26 décembre). Il a mentionné son trésor pour la dernière fois dans sa lettre du 25 septembre 1665 à Falconet: ‘J’ai céans les maçons qui m’ont fait remuer la moitié de mon étude et ôter plus de 6 000 volumes de leur place pour les laisser travailler à un gros mur mitoyen qu’il faut refaire’. Annexe. La bibliothèque de Guy Patin et sa dispersion In: CAPRON, *Correspondance complète de Guy Patin et autres*

Alguns dos textos libertinos continham análises sobre os livros, consistindo em uma listagem de obras e contendo indicações sobre as leituras a serem feitas a partir deles. Nas produções de Naudé e Patin, verificou-se a constância na referência aos textos italianos, de escritores como Maquiavel, Pomponazzi, Vanini, Marsílio Ficino, Cremonini, Cardan e de vários outros “letrados confirmados: professores, poetas, historiadores, libelistas”.²³ Os livros deste último, que serviram de inspiração para Dyrcona, conforme o episódio de aparição do livro em *Viagem à Lua*, tiveram uma repercussão importante através das publicações de Naudé. Os textos do autor italiano foram considerados relevantes pelo libertino, pois promoveriam a instrução dos leitores sobre a lei da natureza, que deveria ser independente da revelação, e reflexões sobre a finitude da alma e a relação do ser humano com a religião. Mesmo que o próprio libertino tenha admitido a suspeição e inconstância em matéria de religião de Cardan, ele não hesitou em recomendar as suas obras aos leitores.²⁴ Na compreensão de Jean-Pierre Cavaillé, essa atitude demonstrava um interesse especial da parte dos libertinos pela tradição filosófica heterodoxa, visto que grande parte das suas recomendações recobria autores profanos, ou que no mínimo eram suspeitos de irreligião. Entretanto, eles ocupavam uma parte substancial das sugestões de Naudé, assim como de outros libertinos.²⁵

Nesse sentido, entre os libertinos, não havia apenas um vislumbre por aqueles que escreviam ideias dissonantes e colocavam em causa os dogmas da fé cristã, mas sim uma disposição em buscar pela instrução a partir dos livros que tratavam de filosofias ditas ateias, inspiradas no naturalismo italiano e nas heranças textuais do Renascimento, que ofereciam aos libertinos perspectivas novas sobre a física, a cosmologia, a teorização da matéria e da alma, permitindo-lhes refletir sobre o lugar do ser humano no universo. Aspectos que favoreciam a construção de uma reflexão mental libertina sobre a necessidade dos agentes empregarem a razão em favor da emancipação da consciência. A valorização de filosofias heterodoxas mobilizou mais de um libertino durante o século XVII. Gassendi foi um dos que tentou reabilitar

écrits. Disponível em: <https://www.biusante.parisdescartes.fr/patin/?do=pg&let=8012> Acesso em: 15 agosto 2024.

²³ CAVAILLÉ, Les athées italiens dans les conversations entre Naudé et Guy Patin, p. 224.

²⁴ Cardan possuía um espírito inconstante, especialmente em matéria de religião: “Tudo o que se dizia de Deus, do Paraíso, do Purgatório, dos Infernos, da Imortalidade da alma, do estado da alma após a morte, eram coisas muito problemáticas para ele”. Tradução livre: “Tout ce qu’on dit de Dieu, du Paradis, du Purgatoire, des Enfers, de l’Immortalité de l’Ame, de *statu animarum post mortem*, lui étoient des choses fort problematiques”. NAUDÉ, Gabriel; PATIN, Guy. *Naudeana et patiniana*. Ou singularitez remarquables, prises des conversations de Mess. Naudé & Patin. Seconde edition revuë, corrige et augmentée d’additions au Naudeana qui ne sont point dans l’édition de Paris. Amsterdam: François Vander Plaats, 1703, p. 16.

²⁵ CAVAILLÉ, Jean-Pierre. L’Italie déniaisée dans les *Naudeana* de Guy Patin. *Les Dossiers du Grihl*, n. 3, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/dossiersgrihl.6079> Acesso em: 15 agosto 2024.

o epicurismo preparando um livro dedicado à vida e obra de Epicuro.²⁶ O seu objetivo era desconstruir a visão negativa que foi atrelada ao filósofo desde a Antiguidade, defendendo suas ideias como significativas diante das críticas e desconfianças, muitas delas provenientes de partidários cristãos. A filosofia epicurista abolia a preocupação dos deuses com os seres humanos e colocava foco no prazer, isto é, a necessidade de que os indivíduos desfrutassem dele para que fossem capazes de atingir a felicidade. Havia também a proposição do atomismo de Demócrito, contendo apontamentos em favor da mortalidade da alma conjuntamente à defesa da não temeridade da morte.

Já o interesse de Naudé que recaiu sob as obras de Cardan perpassou pelo reconhecimento da sabedoria à qual o italiano era portador, “uma mente extremamente viva, objeto de muita inveja e calúnia justamente por sua inteligência fora do comum”.²⁷ Um ser complexo, cheio de excessos imaginativos e ousado em matéria de religião. A sua contribuição decorria justamente da erudição, que transparecia em suas obras, trazendo reflexões aprofundadas sobre política, medicina e religião, o que quer dizer que a leitura dos seus livros trazia reflexões pertinentes sobre diferentes campos aos leitores. A maior crítica de Naudé sobre Cardan consistiu no suposto dom sobrenatural que ele declarou ser possuidor, pois indicou ter sido guiado por um demônio pessoal, quem teria favorecido sua aquisição de conhecimento e suas visões sobre o futuro. Os excessos imaginativos teriam aguçado a genialidade do filósofo, mesmo que o libertino os tenha identificado como decorrentes do humor melancólico do sábio.²⁸ Os livros de Cardan também foram considerados relevantes por Patin, que os via com bons olhos por conta do italiano ter sido um ávido leitor, ou seja, ele era alguém respeitável em razão de sua erudição, e que transparecia conforme a leitura de suas obras.²⁹ Desse modo, ler

²⁶ GASSENDI, Pierre. *De vita et moribus Epicuri Libre Octo*. Lyon: Guillaume Barbier, 1647. HAB M: Lg 746.

²⁷ Tradução livre: “un esprit extrêmement vif, objet de beaucoup d’envie et de médisances justement à cause de son intelligence hors du commun”. SCHINO, Anna Lisa. Les maladies de l’imagination. Sorcellerie, génie, ravissement extatique et songe prophétique. *Libertinage et philosophie à l’époque classique (XVI-XVIII siècle)*, n. 16, 2019, p. 39.

²⁸ NAUDÉ, Gabriel. *Vita Cardani ac de eodem iudicium*. In: *Hieronymi Cardani Opera omnia*. Lugduni: Ioannis Antonii Huguetan et Marci Antonii Ravaud, 1663. Para uma análise a respeito da imaginação e da relação sua relação com o delírio ou a bruxaria, conferir *Idem*.

²⁹ Em uma carta endereçada a Hugues II de Salins, Patin apontou a qualidade dos livros de Cardan: “Les deux livres que me mandez de Cardan sont bons comme les livres de Cardan : uterque liber sapit indolem et retinet ingenium Cardanii, qui a été un rusé Italien, grand fourbe, mais qui avait beaucoup lu. Son Proxenetes de civili prudentia est le meilleur de tous ses livres, il se trouve de Genève in 12 à bon compte. Il y a là-dedans un chapitre intitulé Artificum præcepta specialia, dans lequel se peuvent lire les fourberies et les fraudes de plusieurs médecins. Ce diable d’homme savait tout le mal et ne faisait guère de bien. Son livre de Sapientia est plein de finesses morales et politiques. Pour ses *Contradictions*, il y en a une augmentation des deux tiers dans le recueil de ses œuvres qui a été fait à Lyon depuis peu, en dix tomes inf° de l’an 1663”. À Hugues II de Salins, le 22 février 1667. In: CAPRON, *Correspondance complète de Guy Patin et autres écrits*. Disponível em: <https://www.biusante.parisdescartes.fr/patin/?do=pg&let=0901> Acesso em: 22 agosto 2024.

Cardan faria com que os leitores contatassem a imensidão do seu conhecimento, uma oportunidade valiosa para quem almejava adquirir sabedoria.

Nos escritos de Cyrano, além de Cardan, foram citados Epicuro, Demócrito, Ptolomeu, Henri-Corneille Agrippa, Jean Trithème e Campanella. Isso evidencia um interesse comum entre os libertinos por leituras que lhes possibilitavam a reflexão, a autonomia de pensamento e a crítica às imposições religiosas e civis do período em que viviam.³⁰ Segundo Tullio Gregory, a erudição dos libertinos, apoiada na literatura da Antiguidade e da Renascença, permitiu que eles dissimulassem e difundissem temas difíceis de serem propostos de outra forma no contexto em que viviam, especialmente em meio às polêmicas céticas, antimetafísicas e antiteológicas do século XVII. A partir dessas leituras, os libertinos elaboravam interpretações próprias e novas sobre a Antiguidade sob a perspectiva renascentista. Suas fontes revelaram um interesse particular pelos autores doxográficos ou historiadores como Diógenes Laércio e Diodoro de Sicília, moralistas como Plutarco, e críticos das superstições religiosas como Luciano.³¹ Eles também redescobriram as obras de Epicuro e Sexto Empírio, e selecionaram textos e temas que favoreciam perspectivas antiteológicas, como a *Física* de Aristóteles. Para tecerem a crítica das tradições pagãs e da superstição, voltaram-se para Cícero, com destaque para as obras *De natura deorum* e *De divinatione*, além do interesse pela *História Natural* de Plínio. No caso de Platão, apesar de ser visto com desconfiança pelos libertinos, foi utilizado a partir das contribuições práticas, pedagógicas e políticas sobre as leis e os mitos religiosos, seguindo as interpretações históricas que remontavam a Pomponazzi e Montaigne. E entre os autores da Renascença, se interessaram por Maquiavel, o já citado Cardan, Bodin, Charron e Vanini.³²

Dessa forma, Gregory pontuou como o conhecimento fornecido pelos escritos, principalmente dos autores antigos, serviram para que os libertinos expressassem uma razão mundana que proporcionava uma fecunda reserva de argumentos contra as superstições, os mitos, as tradições religiosas, seguindo um “itinerário de uma ‘filosofia livre’”, ateia e

³⁰ CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Libertinage, irrégion, incroyance, athéisme dans l'Europe de la première modernité (XVIe-XVIIe siècles). Une approche critique des tendances actuelles de la recherche (1998-2002). *Les Dossiers du Grihl*, n. 1-2, 2007. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/279> Acesso em: 20 junho 2025.

³¹ Alguns libertinos explicitaram os seus autores prediletos. A listagem de Gassendi compreendia Charron, Montaigne, Justo Lípso, Seneca, Plutarco, Cícero, Lucrécio, Horácio, Juvenal, Luciano e Erasmo. As leituras prediletas de Naudé eram semelhantes, onde se pode destacar Seneca, Plutarco, Juvenal, Horácio, Montaigne e Charron. Já a lista de Guy Patin incluía os “deuses tutelares” e detinha alguns nomes como Erasmo, Scaliger, Muret, Charron, Heinsius, Grotius, Saumásio, Fernel, Naudé, M. de Sales, Justo Lípso e François Rabelais. GASSENDI, *Lettres latines*, p. 2; NAUDÉ, Gabriel. *Considerations politiques svr les covps d'estat*. Rome: [s.n.], 1639, p. 2-31. CAPRON, *Correspondance complète de Guy Patin et autres écrits*. Disponível em: <https://www.biusante.parisdescartes.fr/patin/?do=pg&let=0251> Acesso em: 15 agosto 2024.

³² GREGORY, *Genèse de la raison classique de Charron à Descartes*, p. 82-84.

materialista”, manifesta a partir dessas leituras.³³ Em alguns casos, as fontes eram citadas explicitamente e em outros momentos elas seriam detectáveis pelas proposições, de todo modo, essas leituras compreendiam uma cultura libertina que era compartilhada, sendo transmitida através das gerações. O que permitiu que um jovem escritor como Cyrano apresentasse, em 1650, referências semelhantes àsquelas reivindicadas pela geração anterior de libertinos, em torno de Théophile de Viau, Pierre Gassendi, Gabriel Naudé, Guy Patin e François de La Mothe Le Vayer, com atuação nos anos de 1620 e 1640, momento em que a maioria das suas obras foram produzidas, ainda que tenham publicações posteriores a tal período. Assim, os seus escritos serviram como vetores de informação para a geração futura de 1650 e 1660, representada por Cyrano, Chapelle, Dassoucy e Tristan L’Hermite, embora o último tenha iniciado a sua carreira como escritor antes desse período.

Para Roger Chartier, a sociedade dos letrados, da qual os libertinos faziam parte, era constituída pelo comércio dos escritos e esse exercício era o que fundamentava a cumplicidade intelectual estabelecida entre eles.³⁴ Conforme se verifica na *Voyage* de Chapelle e Bachaumont, ao visitarem o palácio e agraciarem o belo jardim em que o conde d’Aubijoux se recolhia, “Ele destinou esse lugar para se retirar em particular com dois ou três dos seus Amigos, ou quando está sozinho se entretendo com seus livros, para não dizer com a sua Mestra”.³⁵ Um elogio semelhante pode ser encontrado na descrição de Dyrcona em *Viagem ao Sol*, sobre os bons momentos que ele passou ao lado de Colignac e Cussan, ao desfrutarem em conjunto dos prazeres do estudo e da conversação:

De todos aqueles [prazeres] que o espírito pode encontrar no estudo e na conversação, nenhum nos faltava; e *nossas bibliotecas unidas como nossos espíritos*, chamavam todos os eruditos em nossa sociedade. Nós misturamos a leitura com a conversação; a conversação à boa refeição; essa à pesca ou à caça, às caminhadas; e em uma palavra, nos desfrutamos por assim dizer e de

³³ *Idem*, p. 84.

³⁴ CHARTIER, Roger. Livros falantes e manuscritos clandestinos. As viagens de Dyrcona. In: *Inscriver e apagar*, p. 210.

³⁵ Tradução livre: “Il a destiné ce lieu pour se retirer en particulier avec deux ou trois de ses Amis, ou quand il est seul s’entretenir avec ses livres, pour ne pas dire avec sa Maîtresse”. RECUEIL de quelques Pieces Nouvelles et Galantes, tant en Prose qu’en Vers; Dont les Titres se trouveront apres la Preface. Cologne: Pierre du Marteau, 1663, p. 57.

nós mesmos, e de tudo que a natureza produziu de mais doce para nosso uso, e apenas [colocamos] a razão para limitar os nossos desejos.³⁶

Essa pequena comunidade, baseada em sociabilidades eruditas e livrescas, conforme a indicação de Chartier, compreendia a instrução, a partir do contato com os textos, como uma atividade prazerosa, que poderia ser compartilhada com os seus pares. Através desses encontros ocorriam as leituras e as conversas, possibilitando o compartilhamento de conhecimentos, servindo como inspiração e garantindo a familiaridade com os escritos, fazendo com que eles exercitassem a razão e outros prazeres corporais. Tal perspectiva foi empregada nos escritos dos libertinos em antagonismo às práticas supersticiosas, que podiam permear as relações exteriores a esses pequenos núcleos de erudição e prazer.

A utilidade dos livros para Naudé talvez possa ser justificada pelo fato dele ter atuado como bibliotecário, ao servir a Henri de Mesmes, Mazarin e Christine da Suécia na organização das suas bibliotecas. Em *Advis pour dresser une bibliothèque* e *Bibliographia politica*, ele indicou a necessidade de constituir um local destinado à conservação e consulta dos livros como a biblioteca, que possibilitaria a reunião e organização dos textos para as mentes que tivessem interessadas no cultivo do conhecimento. A constituição de uma biblioteca universal colocaria à disposição “pública” diferentes tipos de livros, sem que fossem negligenciadas as aparições do momento, inclusive aquelas obras mais vãs e perigosas para a fé, sendo dispostas para “todo mundo sem excluir [uma] alma vivente”. Contudo, Naudé explicitou como o objetivo principal para a constituição de uma biblioteca compreendia a atração de “pessoas de mérito”, eruditos como Gassendi e Grotius, que eram afeitos pelos livros e se sentiriam motivados a frequentar o ambiente repleto de diferentes obras para desenvolverem os seus estudos.³⁷ Ou seja, mesmo que houvesse um esforço da parte do libertino no reconhecimento da importância da ampliação e divulgação do conhecimento através do acesso aos livros, a sua visualização de uma biblioteca ideal ainda permanecia restrita a um público seletivo.

³⁶ Tradução livre: “De tous ceux que l’esprit peut trouver dans l’étude et la conversation, aucun ne nous manquait; et nos bibliothèques unies comme nos esprits, appelaient tous les doctes dans notre société. Nous mêlions la lecture à l’entretien; l’entretien à la bonne chère; celle-là pêche ou à l’achasse, aux promenades; et em um mot, nous jouissions pour ainsi dire et de nous-même, et de tout ce que la nature a produit de plus doux pour notre usage, et ne [mettions] que la raison pour borne à nos désirs”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 171-172. Grifo nosso.

³⁷ Tradução livre: “tout le monde sans excepter [une] ame vivante” e “personnes de mérite”. NAUDÉ, Gabriel. *Mascurat*, p. 244-246 citado por MOREAU, *Guérir du sot*, p. 1093.

Conforme pontuou Isabelle Moreau, naquele período o ambiente da biblioteca ainda não detinha a função de instrução ou a vocação política que a República iria lhe conferir.³⁸ Por isso, o interesse de Naudé estava voltado para a difusão do saber entre aqueles considerados sábios, que seriam pessoas dotadas de um espírito naturalmente forte, sendo capazes de compreender a complexidade dos livros que liam e que favoreceria a colaboração e a troca de ideias entre eles. Por isso, o libertino via como necessário que os frequentadores já tivessem um espírito forte para poderem tirar proveito das leituras, como também pontuou La Mothe Le Vayer, ao precisar a necessidade de ter uma sutileza de espírito, um pensamento afiado e um gênio próprio, para que fosse possível ultrapassar a profundidade e as dificuldades da aplicação às letras.³⁹ A posição um tanto elitista era uma manifestação frequente entre os libertinos, ao se identificarem como “espíritos fortes”, os quais seriam desiludidos e afastados daqueles “espíritos fracos” (“*l’esprit faible*”), que possuíam pouco ou nenhum julgamento crítico. O termo “espírito forte”, “*l’esprit fort*” em francês, assim como a expressão “*déniaisé*”, serviam como identificações para que os libertinos se diferenciasssem daqueles que acreditavam nas fábulas religiosas e a praticavam com convicção.⁴⁰ O termo constituía um caráter exclusivista, pois reconhecia os libertinos como privilegiados por não fazerem “profissão de crer em nada que eles pudessem ver e tocar”⁴¹, ou por não serem facilmente persuadidos pelo discurso religioso. Constituía uma forma de oposição aos que acreditavam, para evidenciar como eles eram diferentes dos “espíritos fracos”, vistos como difíceis de serem reabilitados por conta da falta de julgamento que possuíam ao estarem inclinados à credulidade.⁴² Nesse sentido, os livros seriam as sementes dos libertinos, pois somente os espíritos fortes estariam preparados para cultivá-los, trazendo conforto aos seus julgamentos e enriquecendo seus saberes.⁴³

O “que o inteligente teria sobre o tolo, se pensasse o que o tolo pensa?”, questionou Cyrano em um dos seus textos epistolares, pontuando como um sábio deveria julgar o vulgar, e

³⁸ *Idem*, p. 1093.

³⁹ La Mothe Le Vayer aconselhou: “je vous diray pourtant qu’il vaudroit beaucoup mieux s’appliquer à toute autre chose qu’aux lettres, si nous ne nous sentons assez du Genie qu’elles demandent, & si nous ne possédons cette pointe d’esprit, ou cette lumière sèche d’Heraclite, qui fait qu’on surmonte facilement ce qu’elles ont d’obscur & de pénible”. LA MOTHE LE VAYER, *Oeuvres de François de La Mothe Le Vayer*. Tome Second, p. 233.

⁴⁰ CAVAILLÉ, Jean-Pierre. *Postures libertines*. La culture des esprits forts. Toulouse: Anacharsis Éditions, 2011, p. 6.

⁴¹ Tradução livre: “profession de ne rien croire que ce qu’ils peuvent voir et toucher”. COTIN, Charles. *Discovers a Theopompe, svr les Forts Esprits du temps*. [s. l.]: [s. n.], 1629, p. 5. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=7nhMWhvonKgC&printsec=frontcover&hl=fr&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false Acesso em: 07 agosto 2024.

⁴² LEDUC-FAYETTE, Denise. Les « esprits forts » au « grand siècle ». *Revue philosophique de la France et de l'étranger*, n. 1, v. 126, p. 55-60, 2001.

⁴³ MOREAU, *Guérir du sot*, p. 1099.

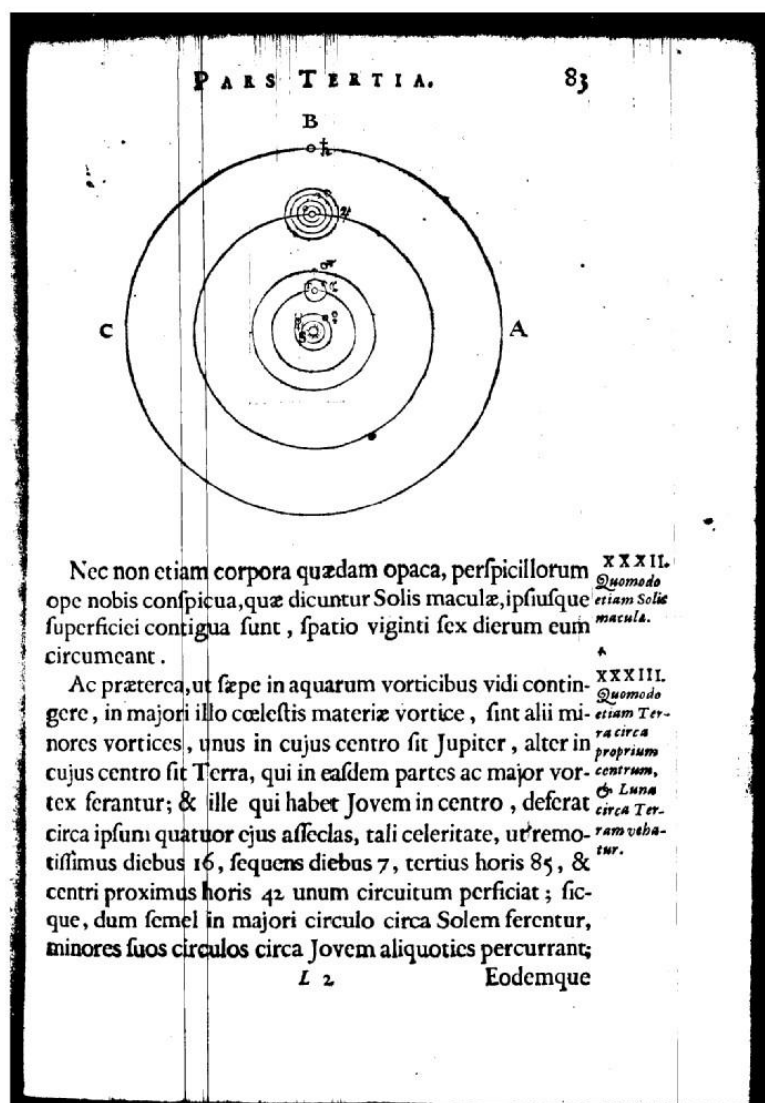
não julgar como o vulgar.⁴⁴ O escritor estava indicando a disparidade que via entre os sábios e os vulgares, e como a ignorância prevalecia na sociedade em que ele vivia. De forma quase unânime, os libertinos reconheciam a ignorância como uma característica inerente à grande massa da população, apontando-a com pouca distinção e como supersticiosa por seguir os preceitos religiosos sem questionamento. Em alguns casos, o sábio podia se tornar alvo de perseguição dos ignorantes justamente por desconhecerem as suas reflexões e questionamentos. Em *Viagem ao Sol*, Dyrcona foi acusado de magia e conjuração com o diabo pelos camponeses de Toulouse. A suspeita veio à tona ao verificaram sua bagagem, que possuía, junto de outras produções,⁴⁵ um livro denominado *Physique* de René Descartes.⁴⁶ Ao folhearem a peça, ficaram espantados com as ilustrações de círculos que o filósofo utilizou para distinguir o movimento dos planetas, mas que fez com que todos se voltassem contra Dyrcona, indicando que ele teria traçado os círculos para invocar Belzebu. A situação se agravou quando abriram o livro em uma página onde continha as explicações sobre o ímã e a figura representativa de uma pedra metálica.

⁴⁴ Tradução livre: “qu’aurait l’habile par-dessus le sot, s’il pensait ce que pense le sot?”. CYRANO DE BERGERAC, *Lettres satiriques et amoureuses précédées de lettres diverses*, p. 87.

⁴⁵ Antes de ser encontrado pelos camponeses, Dyrcona afirmou ter carregado a sua mula com livros que visavam entretê-lo no trajeto que ia percorrer: “je chargeai un mulet; et je sortis environ sur les trois heures, monté sur un très bon coureur. Je n’allais pourtant qu’au pas, afin d’accompagner ma petite bibliothèque, et pour enrichir mon âme avec plus de loisir des libéralités de ma vue”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 177.

⁴⁶ O livro em questão é uma referência à obra de DESCARTES, René. *Principia philosophiae*. Amstelodami: Ludovicum Elzevirium, 1644, que contou com uma tradução para o francês em 1647. Disponível em: [ark:/12148/bpt6k574928](https://nbn-resolving.org/urn:nbn:br:12148-bpt6k574928). Acesso em: 8 agosto 2024. A escolha de Cyrano foi interessante, pois no ano de 1663 algumas obras de Descartes foram incluídas no Index.

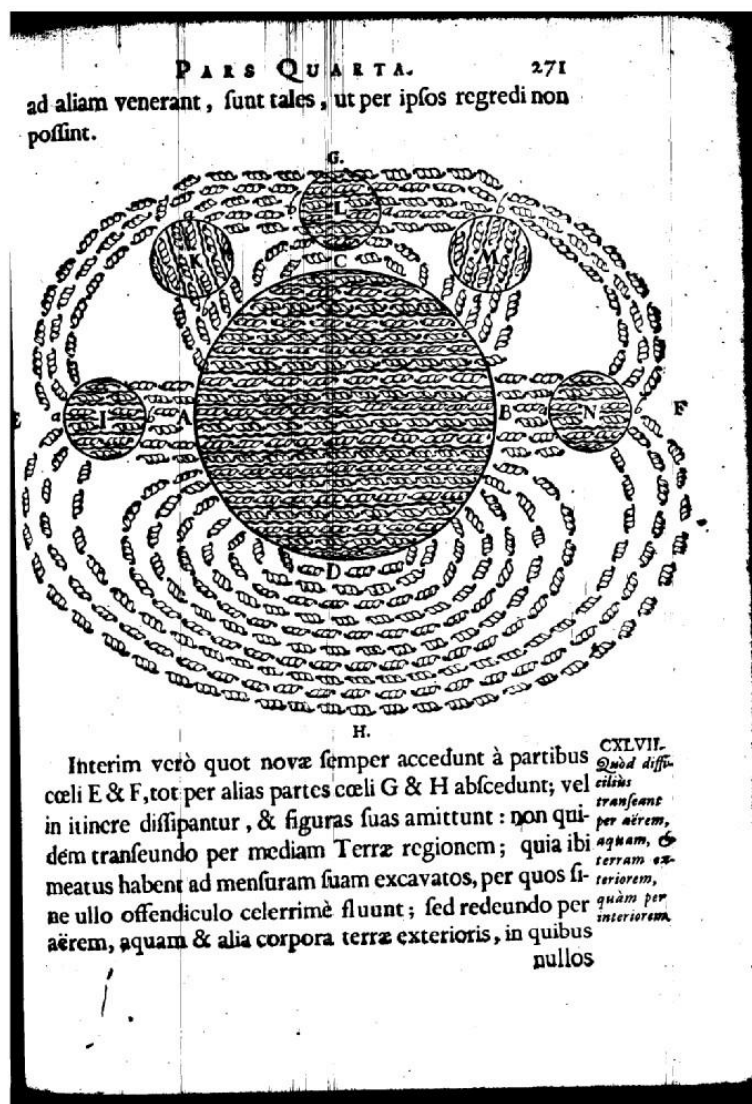
Figura 15 – Figura sobre o movimento dos planetas de *Principia philosophiae* de Descartes, aludida por Dyrcona



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Fonte: DESCARTES, René. *Principia philosophiae*. Amstelodami: Ludovicum Elzevirium, 1644, p. 83.
Disponível em: [ark:/12148/bpt6k574928](https://nbn-resolving.org/urn:nbn:br:12148-bpt6k574928) Acesso em: 8 agosto 2024.

Figura 16 – Figura de *Principia philosophiae* de Descartes referenciada por Dyrcona



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

A obra possuía várias outras ilustrações, utilizadas para explicar e exemplificar os aspectos científicos que o filósofo estava tratando. Fonte: DESCARTES, René. *Principia philosophiae*. Amstelodami: Ludovicum Elzevirium, 1644, 271. Disponível em: ark:/12148/bpt6k574928 Acesso em: 8 agosto 2024.

Ao avistarem a imagem, um dos camponeses a relacionou com “o sapo que eles haviam encontrado no cocho do estábulo do seu primo Fiacre, quando seus cavalos morreram”.⁴⁷ A partir daí, eles passaram a ver Dyrcona de forma diferente e indicaram que ele era um praticante de bruxaria, fazendo com que um dos religiosos do vilarejo se declarasse fortemente contra o livro em questão, anunciando que o objeto não deveria ser tocado, pois se tratava de um grimório, e a mula que estava transportando o viajante seria o diabo.⁴⁸ Deve-se atentar como um lugar comum nas acusações de feitiçaria do século XVII, o reconhecimento de que o indivíduo teria feito um pacto com Satã e a partir daí ele obtido conhecimentos sobre os segredos da natureza, as propriedades ocultas das plantas, os metais e as pedras. Essa magia natural estaria interligada aos signos obscuros, que fariam a invocação dos mortos, e à leitura de elementos.⁴⁹

O vocábulo grimório referia-se aos livros de magia, contendo descrições de feitiços e rituais, podendo reunir um conglomerado de ensinamentos e conhecimentos místicos, que supostamente eram utilizados pelos iniciados na cultura oculta. O livro mágico era problemático, pois ele era compreendido como um objeto ligado ao mundo dos mortos e correlacionado, principalmente, aos ambientes longínquos e escuros, como as grotas ou cavernas, que proporcionariam o contato com o outro mundo. A potência desses livros, na verdade, derivava menos do seu conteúdo do que propriamente dos espaços subliminares pelos quais eles passaram até chegarem às mãos dos mortais. Mesmo assim, eram considerados como instrumentos de difusão do conhecimento diabólico para os humanos e, por causa disso, apresentavam uma escrita complexa, difícil de ser decifrada, habitualmente incompreensível ou até invisível. Por isso, bastava abri-los para que emergissem os demônios.

Segundo o estudo feito por François Delpech, o imaginário em torno do livro mágico, que foi disseminado com mais força a partir da Renascença pela cultura escrita erudita, transbordou para domínios alheios aos seus contextos e ambientes de origem ao longo do período moderno. Deste modo, Delpech pontou como as representações difundidas sobre os feitiçeiros, fossem eles modestos herboristas ou curandeiros ignorantes do campo, enfatizavam a perspectiva de que eles eram sujeitos envoltos por escritos, como os grimórios. A partir desse ponto, identifica-se como houve uma correlação entre o bruxo, o mágico, com o livro em sua

⁴⁷ Tradução livre: “le crapaud qu’on avait trouvé dans l’auge de l’écurie de son cousin Fiacre, quand ses chevaux moururent”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 183

⁴⁸ *Idem*, p. 180-184.

⁴⁹ MANDROU, Robert. *Magistrados e feitiçeiros na França do século XVII*. Uma análise de psicologia histórica. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 65.

versão demoníaca, passando a permear o imaginário dos agentes.⁵⁰ Assim, o livro de ciência, representado a partir da obra de Descartes em *Viagem à Lua*, contendo ilustrações diferentes e incompreensíveis aos olhos dos camponeses, explica o fato do sacerdote de Toulouse ter identificado a peça como um livro maligno, representante do mundo “diabólico” com o qual Dyrcona, supostamente, mantinha contato.

Ainda que o livro de magia pudesse fornecer conhecimento e uma competência mágica ao seu leitor, “na mesma moeda”, ele caía sob seu domínio, já que os livros de magia continham esse duplo poder,⁵¹ fossem impressos ou manuscritos, de arrastarem o leitor para a imaginação narrativa conforme gerava uma espécie de encantamento. A leitura dessas obras, a depender da situação, poderia levar à ocorrência de episódios misteriosos, como a morte ou o adoecimento de alguém, e, propriamente, o enfeitiçamento do leitor pelo seu conteúdo.⁵² Nesse sentido, os livros de magia eram identificados como objetos que exerciam força sobre seus leitores. Era uma força de atração, semelhante a que foi descrita por Dyrcona no início de *Viagem à Lua*, ao encontrar o livro de Cardan aberto, e sem que ele tivesse a intenção, ou conseguisse evitar, a sua vista foi levada, “como por força”, diretamente ao encontro do texto que descrevia a história de aparição dos velhos selenitas.⁵³ Assim, o livro era poderoso e o de magia poderia ser mais ainda ao gerar um encantamento.

Outros tipos de livros também eram valiosos pelo poder que se acreditava que forneciam. Conforme a indicação de Chartier, por toda a cristandade, a Bíblia foi assimilada como poderosa, sendo que seu uso tinha mais a ver com a sua presença próxima ao corpo do que propriamente com a leitura do seu texto. Havia, portanto, o reconhecimento da potência mágica da Bíblia como protetora pelo seu contato e não propriamente através da leitura do seu texto.⁵⁴ Ela também poderia servir como um talismã capaz de afastar os sortilégios.⁵⁵ Em

⁵⁰ DELPECH, François. Grimoires et savoirs souterrains. In: COURCELLES, Dominique de Courcelles (Ed.). *Le pouvoir des livres à la Renaissance*. Paris: Publications de l'École nationale des chartes, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.enc.1019> Acesso em: 4 setembro 2024.

⁵¹ CHARTIER, *A mão do autor e a mente do editor*, p. 119.

⁵² FABRE, Daniel. O livro e sua magia. In: CHARTIER, Roger (Dir.). *Práticas de leitura*. Iniciativa de Alain Paire. Tradução Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p. 212.

⁵³ CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 7-8.

⁵⁴ Muitas vezes, os escritos podiam funcionar como amuletos de proteção e, antes de serem lidos, os livros de horas, bilhetes ou cartas – contendo orações ou textos retirados dos evangelhos –, eram aproximados dos corpos dos seus portadores. Esse ato poderia, por exemplo, curar o corpo de um enfermo ou atender alguma outra prece e servir ao amparo. Em outros casos, os textos podiam ser ingeridos, pois acreditava-se que a leitura era um “alimento”, ou que os seus poderes médicos seriam manifestos através da deglutição. Foi o que pontuou Fernando Bouza, indicando outros exemplos e as percepções culturais dos agentes sobre as formas de escrito no contexto moderno espanhol, cf.: BOUZA, Fernando. *Hétérographies*. Formes de l'écrit au siècle d'or espagnol. V. 1. Madrid: Casa de Velázquez, 2010, p. 3-34.

⁵⁵ CHARTIER, Roger. Livros falantes e manuscritos clandestinos. As viagens de Dyrcona. In: *Inscriver e apagar*, p. 179.

Pensées de Monsieur Dassoucy dans le S. Office de Rome, Charles Dassoucy advertiu como ele não ousava ler a Bíblia por si mesmo, pois tinha receio de não compreender nada do que estava escrito.⁵⁶ Essa declaração irônica poderia ser relacionada com a representação protetora das Sagradas Escrituras, considerada um objeto protetor mesmo quando não era lido. No entanto, o testemunho de Dassoucy pode ser interpretado como uma crítica ao conhecimento teológico, propondo uma inversão sobre a sua capacidade de leitura e compreensão da Bíblia, visto que algumas das críticas dos libertinos também compreendiam a identificação dela como uma fábula. O trecho também parecia se referir à heresia protestante, que enfatizava a leitura e a interpretação individual do texto sagrado, em contraste a prática católica, que reconhecia a mediação da leitura através de um guia. Dessa forma, a observação do escritor ironizava a percepção sobre o poder da Bíblia e o fato de que o objeto sagrado passou a ser questionado.⁵⁷

As compreensões sobre os livros poderiam ser diferentes conforme o repertório dos sujeitos. Segundo a catalogação de Chartier, os “populares” liam, sobretudo, livros que tratavam de temas religiosos, como os livros de horas, sendo possuidores de uma quantidade pequena de peças textuais se comparada à quantia de livros possuída pelos agentes das camadas mais elevadas da sociedade.⁵⁸ Mesmo assim, não se pode desconsiderar a possibilidade de que eles pudessem ter acesso a outros tipos de leituras a partir de outros meios que não somente a posse do livro. A oralidade, nesse período, poderia ser considerada uma das principais formas de difusão do conhecimento livresco,⁵⁹ além dos livros da *Bibliothèque bleue*, que consistia na impressão de contos e historietas em pequenos formatos e em uma qualidade inferior, tendo um custo menos elevado, mas que podia recobrir diversos gêneros, sendo colocados à disposição de um vasto público.⁶⁰ A questão podia ser a significação, onde sábios e ignorantes atribuíam

⁵⁶ O trecho específico diz: “Moy (...) qui n’ay jamais eu la hardiesse de mettre le nez dans la Bible, pource que j’aurois peur de n’y rien comprendre”. DASSOUCY, *Les Pensées de Monsieur Dassoucy dans le S. Office de Rome*, p. 23.

⁵⁷ Pesquisadores chamaram a atenção sobre a interação dos libertinos com a Bíblia, principalmente, sobre a exegese crítica do texto sagrado e a argumentação de que o texto era, no mínimo, duvidoso. Sobre isso, ver: CHARLES-DAUBERT, Françoise. La Bible des libertins. In: ARMOGATHE, Jean Robert. *La Bible de tous les temps : le Grand siècle et la Bible*. Paris: Beauchêne, 1989, p. 667-690; OSTROWIECKI, Hélène. La Bible et les libertins. *XVIIe siècle*, p. 43-55, 1998; FOUCAULT, Didier. Libertinisme et détournement de l’autorité biblique dans l’œuvre de Vanini. In: FOUCAULT, Didier; PAYEN, Pascal (Dir.). *Les Autorités*. Dynamique et mutations d’une figure de référence à l’Antiquité. Grenoble: Jérôme Millon, 2007b, p. 87-106.

⁵⁸ CHARTIER, *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*, p. 92-99.

⁵⁹ Chartier sempre enfatizou esse aspecto em suas produções, ver CHARTIER, *A ordem dos livros*; CHARTIER, *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*; CHARTIER, *A mão do autor e a mente do editor*.

⁶⁰ LIEBEL, Silvia. La nature des canards. In: *Les Médées modernes*, p. 27-49. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.pur.116532>

Deve-se lembrar como Dassoucy referenciou, em *Aventures*, os livros azuis de canto a partir do seu encontro com Savoyard, indicando como, apesar do tema que tratavam, eles tinham o poder de emocionar: “il tira de sa poche un petit livre couvert de papier bleu, & l’ayant donné à un jeune garçon qui luy servoit de guide, ils unirent tous deux leurs voix, & vous deux le chapeau sur l’oreille, ils chanterent ces agreables chansons. *Helas*

sentidos e importâncias diferentes para os textos,⁶¹ elevando a possibilidade de que símbolos e ilustrações em um livro científico como o de Descartes fossem interpretados como sortilégios, e não à luz das discussões científicas com as quais os eruditos estavam mais familiarizados. Além disso, a perseguição de Dyrcona seria reveladora da ignorância dos seus acusadores, que interpretavam um livro virtuoso a partir de suas próprias superstições.

Deve-se atentar como, naquele período, existia um embaraço em torno da compreensão do que era a magia natural, o que explicaria a correlação feita pelos ignorantes entre os estudos científicos, sobre a física do livro que Dyrcona portava, com o ocultismo. Alguns libertinos, como Cyrano, compartilhavam a opinião de Giovanni Baptista della Porta, Paracelso, Campanella e Naudé de que a magia poderia ser definida como uma ciência da natureza.⁶² Por isso, Michèle Rosellini destacou que, em *Apologie pour les grands personnages fausement soupçonnés de magie*, notadamente no capítulo intitulado “Que as matemáticas fizeram suspeitos como mágicos muitos daqueles que as praticaram”,⁶³ Naudé apontou como charlatões buscavam enganar as pessoas ao promover uma confusão em torno do significado da “magia natural”. Segundo ele, existiam dois tipos de magia natural, uma que produzia unguentos e poções usando a química, e a outra que utilizava a mecânica para fazer autômatos e máquinas maravilhosas. Ou seja, essa magia não tinha relação com a magia diabólica, já que as suas produções não resultavam de efeitos mágicos, mas de um empenho e uma investigação, propriamente, humana. Mesmo assim, alguns preferiam associar tais produções aos “efeitos” sobrenaturais. Para os libertinos, esse tipo de engano decorria da incapacidade que alguns indivíduos tinham em compreender os mecanismos e a investigação da natureza, sendo conveniente atribuí-las “à operação dos demônios e não à indústria dos homens”. A confusão, propositalmente mantida pelos pseudo-mágicos, que faziam disso o seu negócio, perpetuava a

mon amy doux, etc. Et cette autre que chantoit autrefois Gautier-Garguille. Baisez-moy Julienne. / Jean Julien je ne puis. Après celle-cy il en chanta une de sa façon toute nouvellement fabriquée, dont le titre estoit celuy-cy. Chanson pitoyable et recreative sur la mort d’un Cordonnier qui se coupa la gorge avec son tranchet pour se vanger de l’infidélité de sa Femme. Comme les choses excellentes touchent vivement les sens, cette chanson la plus excelente que j’aye jamais oüy de cette nature, toucha si vivemens ce Cavallier & moy, que cette eau lachrymale qui se fait par la vehemente concussion du cerveau, s’exhale par nous yeux en tant de goures, que je puis dire qu’à force de rire je ne vis jamais tant pleurer. Ce bons Religieux qui avoient participé à nostre repas, ne pûrent s’empescher de participer à nostre plaisir. Cette musique finie au contentement de tous les auditeurs”. DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D’Assoucy*. Tome premier, p. 253-256.

⁶¹ CHARTIER, Roger. Livros falantes e manuscritos clandestinos. As viagens de Dyrcona. In: *Inscrever e apagar*, p. 179.

⁶² ALCOVER, Madeleine. *La pensée philosophique et scientifique de Cyrano de Bergerac*. Paris-Genève: Droz, 1970, p. 46.

⁶³ NAUDÉ, Gabriel. *Apologie pour tous les grands personnages qui ont esté fausement soupçonnés de magie*. Paris: Fr. Targa, 1625.

suspeita em detrimento dos verdadeiros sábios: “as mentes crédulas prevaleceram e ‘fizeram, por sua ignorância, que os mais excelentes matemáticos sempre fossem suspeitos de magia”.⁶⁴

Segundo Cyrano, não se deveria abraçar uma opinião somente porque uma maioria compartilhava dela, ou porque ela foi proferida por alguém notável. Seria necessário invocar a razão para tecer questionamentos em busca de comprovação dos fundamentos e proposições de uma dada opinião. Para isso, era indispensável a apresentação de fortes argumentos para fins de comprovação.⁶⁵ Aqueles que não conseguiam desviar das percepções endossadas por terceiros, e acreditavam em superstições, eram “espíritos fracos”, a exemplo dos camponeses de Toulouse. O desconhecimento era o que causava o engano, pois os agentes faziam mal uso da razão que detinham, não sendo capazes de exercê-la com a eficácia necessária por medo ou receio de empregarem a capacidade criativa das suas imaginações.⁶⁶ O que seria esclarecedor sobre os libertinos buscarem se distinguir dos vulgares, já que estes julgavam antes de compreenderem ao temerem o que era desconhecido.

A partir disso, Cyrano apontava como a cultura popular era pouco consciente das capacidades da razão, sendo potencial vítima dos enganadores, que se aproveitavam de suas fragilidades para explorá-la em benefício próprio. O escritor introduzia, assim, a temática sobre a impostura política das religiões. Um tema comumente explorado pelos libertinos, mas que era sinalizado havia tempo, conforme se identificou nos escritos de Lucrécio, onde ele apontou como os poderes civis e religiosos exploravam o medo supersticioso dos indivíduos para exercerem sua dominação.⁶⁷ Ao refletir sobre o tema, Jean-Pierre Cavaillé indicou como a dominação política compreendia uma problemática para os libertinos, visto que as leis que estruturavam as sociedades humanas eram impostas aos agentes à medida que se apoiavam na religião como garantia de sua legitimidade. No livro anônimo e clandestino *Theophrastus redivivus* existem reflexões sobre isso, como no trecho que evidencia a interferência da religião

⁶⁴ Tradução livre: “les esprits crédules l’ont emporté et ont ‘fait en sorte par leur ignorance, que les plus excellents mathématiciens ont toujours été soupçonnés de magie”. ROSELLINI, Michèle. La physique sorcière de Cyrano de Bergerac. In: MARTIN, Christophe (Ed.). *Raconter d’autres partages*. Littérature, anthropologie et histoire culturelle. Lyon: ENS Éditions, 2017, s.p. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.enseditions.8290> Acesso em: 12 agosto 2024.

⁶⁵ CYRANO DE BERGERAC, *Lettres satiriques et amoureuses précédées de lettres diverses*, p. 86.

⁶⁶ Em *Viagem ao Sol*, as aves são as portadoras da razão que identificam a falha de aplicação dela entre os seres humanos. VOLPILHAC, Aude. « Le rossignol trouvera bon de parler lui-même de soi-même ». Discours animal et subversion libertine dans les *États et Empires de la Lune et du Soleil* de Cyrano de Bergerac. *Itinéraires*, n. 2, 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/itineraires/8257> Acesso em: 10 agosto 2024.

⁶⁷ Lucrécio já dizia: “[tempestades] dos ventos surgem, acalmam-se, e tudo/ que se enfurece reverte ao normal, o furor aplacado/ e outras coisas que os mortais percebem passar-se/ seja na terra ou no céu, a mente em medo suspendem, / e o pavor dos deuses deixa seus ânimos baixos,/ e os impelem, oprimidos, ao chão, uma vez que a/ ignorância das causas os faz transferir para os deuses/ a dominância das coisas, a conceder-lhes o reino”. LUCRÉCIO, *Sobre a natureza das coisas*, p. 391.

nas leis: “O princípio e a origem de todas as leis residem em fábulas e em ficções: porque, quando os primeiros príncipes e chefes dos povos viram que a esperança e o medo eram os meios mais eficazes para reinar sobre a multidão, eles introduziram os discursos religiosos que se apoiam inteiramente sobre essas duas paixões”.⁶⁸ A partir dessa perspectiva, os casos de possessão, a partir de acusações de bruxaria, ateísmo, e outros tipos de heresias e perseguições aos indivíduos que agiam diferente durante o século XVII, seriam decorrentes de uma atividade impostora das religiões, que buscava propagar o medo entre os crentes, fazendo com que eles se tornassem arguidores da perseguição, impelindo os agentes à subjugação das leis da Igreja e do Estado.⁶⁹

Segundo a perspectiva libertina, essa compreensão poderia movimentar os indivíduos na busca pelo conhecimento para que se tornassem mais conscientes e adquirissem discernimento. Contudo, tal visão consistia em uma atitude individual, centrada na fuga do indivíduo das imposições da vida pública, voltando-se para si mesmo, buscando o encontro com a natureza, tal como o fizeram os personagens dos escritos de Cyrano, Dassoucy, Tristan e Chapelle. Para Cavaillé, a tese sobre a impostura política das religiões seria inseparável da valorização libertina de uma vida conforme a natureza e da busca pela felicidade, envolvendo o corpo e o espírito nesse processo em um permanente confronto, na vida cotidiana, com as leis e as regras morais fundamentadas religiosamente para fins políticos, as quais se opunham aos desejos e aspirações naturais dos libertinos, tanto em matéria de sexualidade quanto de alimentação, bebidas e “passatempos”.⁷⁰ A busca pela satisfação de suas aspirações e da sabedoria exigia que os libertinos primassem pela prudência e a sensatez, numa tentativa de se

⁶⁸ Tradução livre: “Le principe et l’origine de toutes les lois résident dans les fables et les fictions : car, quand les premiers princes et chefs des peuples virent que l’espoir et la crainte étaient les plus efficaces moyens pour régner sur la multitude, ils introduisirent les discours des religions qui s’appuient entièrement sur ces deux passions”. THEOPHRASTUS redivivus, t. II, p. 868 traduzido e citado por CAVAILLÉ, *Postures libertines*, p. 161.

⁶⁹ Para Cavaillé, a tese sobre a impostura da religião transformava profundamente a percepção da esfera política: “car elle implique une vision foncièrement immanentiste de l’histoire humaine, qui plus est appréhendée à travers les notions, négatives d’un point de vue axiologique, de tromperie, de mensonge et de subordination. Il est tout à fait remarquable que le corps politique apparaisse dans cette thèse comme proprement fondé par et sur l’imposture, et que cette imposture première, fondamentale, fondatrice, soit la religion, autrement dit une imposture qui affecte l’ensemble des croyances et des valeurs partagées par le plus grand nombre, des règles, des lois et des coutumes qui structurent la vie communautaire, une imposture qui affecte et peut-on dire infecte les rapports de pouvoirs, et plus largement la totalité des relations sociales. Par la religion qui le fonde, qui en assure la cohésion, qui en constitue le lien, le corps politique apparaît comme le règne de l’imposture et du mensonge. Nous trouvons des pages très fortes à ce sujet dans la tradition identifiée comme libertine, de Cardan à Vanini, et de Naudé qui ne s’en émeut guère, jusqu’à l’anonyme auteur de Theophrastus redivivus, qui est sans doute le texte plus radical et le plus développé à ce sujet”. *Idem*, p. 151.

⁷⁰ *Idem*, p. 164.

esquivaram de uma transgressão aberta dos códigos de moralidade impostos no contexto em que viviam.

A falta de sensatez, comum entre os vulgares, fazia com que eles incidissem sobre o erro, tendo dificuldades em elaborar uma opinião que lhes fosse própria. Muitos preferiam seguir as crenças de terceiros na ausência de compreensão, derivada da falta de repertório ou do medo supersticioso que limitava suas percepções sobre o mundo ao seu redor. A partir dessa perspectiva, pode-se compreender a crítica aos ignorantes e religiosos, que foi expressa em *Viagem ao Sol*, no episódio de recepção da obra de Dyrcona, que narrava o seu deslocamento para a Lua. Inicialmente, os ignorantes teceram elogios ao folhearem a obra, pois temiam serem mal interpretados, haja vista que o texto tinha recebido a aprovação nas assembleias em que foi apresentado: “mas a superstição disfarçada de remorso, de que os dentes são bem afiados, sob a camisa de um tolo, lhe corroeram todo o coração, que eles preferiram bem renunciar à reputação de filósofo, a qual lhes era uma vestimenta mal feita, do que responder por ela no dia do Juízo”.⁷¹ Diante disso, houve um contraste nas opiniões, entre os “hábeis” e os “idiotas”, em que “cada família se dividiu, e os interesses dessa querela foi tão longe, que a cidade foi dividida em duas facções, a Lunar, e a Antilunar”.⁷² Esse movimento acabou favorecendo a circulação do texto, que teve cópias manuscritas sendo “vendidas sob o manto”, permitindo que nobres, mulheres e religiosos pudessem tomar conhecimento dela, conforme a descrição do viajante. No entanto, a notoriedade da peça corroborou com a ira dos parlamentares de Toulouse, que haviam reprovado a história de Dyrcona, culminando na sua acusação como feiticeiro. Apesar disso, o viajante se defendeu, afirmando que o texto de que faziam tanto caso não passava de um *pot-pourri*, uma coleção de contos de pouca importância.⁷³ Na sua concepção, os indivíduos

⁷¹ Tradução livre: “Mais la superstition travestie en remords, de qui les dents sont bien aiguës sous la chemise d’un sot, leur rongea tant le cœur, qu’ils aimèrent mieux renoncer à la réputation de philosophe, laquelle aussi bien leur était un habit mal fait, que d’en répondre au jour du Jugement”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 167-168.

⁷² Tradução livre: “Chaque famille se divisa, et les intérêts de cette querelle allèrent si loin, que la ville fut partagée en deux factions, la lunaire et l’antilunaire”. *Idem*, p. 168.

⁷³ A tentativa de dispersão sobre a importância do conteúdo das suas reflexões era comum entre os libertinos. Esse tipo de argumento se encontra também em um manuscrito de Guy Patin, endereçado a um dos seus filhos, contendo passagens contra os jesuítas, a memória do cardeal Richelieu, e extratos hostis combatendo o clero, a teologia, além de discussões sobre a imortalidade da alma. O texto inicia da seguinte forma: “Mon fils, Je parle à vous, comme si c’étoit icy mon Testament. Tous ces Cahiers, que vous voyez icy, sont un Farrago, un Pot-pourri, et un Ramas, sans aucun ordre, de quantité de choses fort différentes, que j’ay apprises, et ay ouï dire, des uns et des autres. (...) Il y a quelques points bien libres, et bien délicats, tant du Faict de la Religion, que du Gouvernement des Princes, qu’il vaudroit mieux bien sçavoir, et les avoir dans l’esprit, que les rédiger par écrit : car, ces choses sont meilleures à taire, qu’à estre divulguées. Je les ay néanmoins écrites, tant pour moy, que pour Vous. Faites-en vôtre profit : mais ne les montrez jamais à personne, non plus que si elles n’étoient pas écrites”. CAVAILLÉ, Jean-Pierre. “Ne prester ces cahiers à personne”: la préface aux “Patiana” de Munich. *La Lettre Clandestine*, n. 19, 2011, p. 4.

eram pouco conscientes das sutilezas do seu texto, não sendo capazes de perceberem a ironia, que procurava mais divertir do que tratar de temas sérios. Pois, como reconheceu Dassoucy em *Les Aventures d'Italie*, nem todos podiam compreender os seus pensamentos escritos: “É certo que a metade do mundo que leu esses versos não penetrou no meu pensamento: também não é para todo o mundo que eu assim escrevo, mas somente para todos aqueles que têm muita fineza para me decifrar”.⁷⁴ Um argumento defensivo, muito utilizado pelos escritores libertinos, procurando dispersar a censura ou a reprimenda dos seus textos, já que através deles teciam diversas críticas e reflexões audaciosas, principalmente, contra a teologia ou o clero, além de indicarem que os mais sábios seriam mais aptos a compreender as reflexões apresentadas em suas obras.

Dassoucy, por sua vez, indicou em *Aventures* como os ímpios odiavam os bons, os loucos desprezavam os sábios, e os tolos não tinham maior objeto de aversão do que os homens espirituais e esclarecidos.⁷⁵ Contudo, Dassoucy propôs uma interpretação diferente de Cyrano, ao pontuar como as perseguições que ocorriam entre os ímpios e os bons, os loucos e os sábios, os tolos e os esclarecidos decorriam de um plano de criação divina, em que Deus teria criado os tolos para a utilidade dos sábios, conforme destacou no excerto:

ainda que eu tenha dificuldade em compreender como um pai tão bom e tão sábio pôde alguma vez ter filhos tão tolos e tão maus, e como essa primeira matéria [a costela de Adão] que serviu para criar o primeiro homem, pôde se alterar tanto pela sucessão do tempo, para produzir homens tão maus e povos inteiros tolos, para fazer passar uma criança de nove anos por mágico, e aos setenta anos procurar fogo dentro do gelo para torná-lo culpado de crimes dos quais a natureza não é mais capaz.⁷⁶

As imputações destacadas no final do trecho, contra a criança de nove anos e o idoso de setenta anos, referiam-se às incriminações que o próprio Dassoucy teria recebido, enfatizando

⁷⁴ Tradução livre: “Il est certain que la moitié du monde qui a lû ces vers n’a pas pénétré dans ma pensée : aussi ce n’est pas pour tout le monde que j’ai écrit ainsi, mais seulement pour tous ceux qui ont assez de finesse pour me déchiffrer”. DASSOUCY, *Les Aventures d'Italie de Monsieur D’Assoucy*, p. 260.

⁷⁵ O trecho em específico que diz: “Les méchants haïssent les bons, les fous méprisent les sages, & les sots n’ont point de plus grand objet de leur aversion que les hommes spirituels & éclairés”. DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D’Assoucy*. Tome second, p. 1.

⁷⁶ Tradução livre: “quoy que j’aye bien de la peine à comprendre comme un pere si bon & si sage ait jamais pû faire des enfans si sots & si méchants, & comment cette premiere matiere qui servit à ce premier homme, ait pû s’estre assez alterée par la succession des tems, pour produire des hommes assez méchants & des peuples entiers assez sots, pour faire passer un enfant à neuf ans pour magicien, & à soixante-dix chercher du feu dedans la glace pour le rendre coupable des crimes dont la nature n’est plus capable”. *Idem*, p. 18-19.

como ele era alvo de perseguições ao longo de toda a sua vida. A partir desse ponto de vista, os seres humanos teriam se tornado intolerantes, maldosos e ignorantes desde a Criação, ainda que fosse possível ser feita uma distinção entre os maus e os bons. Na verdade, os maus eram responsáveis pela perseguição dos bons e a ignorância dos ímpios servia de fundamento para a virtude dos bons e a sapiência dos sábios. Por isso, o escritor buscou reforçar a ideia de que, na verdade, os tolos hostilizavam os sábios, pois estes últimos eram perspicazes, esclarecidos e, conseqüentemente, superiores. O que explicaria o porquê dele ter sofrido tantas perseguições ao longo da sua vida: ele não tinha nem seis anos de idade quando as crianças da sua vizinhança, “vindas do sangue mais abjeto e grosseiro do povo”, o perseguiram com pedras por ele ser mais racional do que elas. Aos nove anos de idade, ele foi considerado mágico pelo “povo tolo de Calais”, pois era dotado de um espírito vivo ao conseguir falar, além do francês, o grego e o latim. Segundo Dassoucy, os seus detratores não conseguiam imaginar que ele pudesse ser tão sábio sem que tivesse a intercessão de um espírito maligno.⁷⁷ Outras impertinências ocorreram na sua fase adulta, em diferentes lugares, e se mantiveram até ele atingir uma idade avançada:

Esses vermes tolos e ímpios me desvalorizaram na Inglaterra. A minha sorte não foi mais doce em Turin, e toda a estima que eu adquiri diante das Suas Altezas Reais não pode me salvar dos atentados desses tolos, cujo número é tão grande, que Salomão dizia que ele era infinito. Hoje esses mesmos tolos coroaram sua obra, e fizeram tanto por seus cuidados e pelas suas penas, que eles me tornaram em Roma o mais glorioso e a mais ilustre perseguido do Universo.⁷⁸

A desvalorização sofrida na Inglaterra pode ser uma referência de Dassoucy ao momento conturbado, entre 1623 e 1629, após a união de Charles I com a francesa Henriette-Marie, que se tornou alvo de desconfianças ao se estabelecer na corte inglesa, principalmente por ser católica, ocasionando a hostilização e a expulsão da maioria dos seus acompanhantes franceses do território inglês. Dassoucy possivelmente estaria entre eles, ao seguir os passos do compositor Ennemond Gaultier, que compunha para a rainha consorte.⁷⁹ No caso de Turin, o

⁷⁷ *Idem*, p. 4-6.

⁷⁸ Tradução livre: “cette vermine de sots & méchants me devaliserent en Agleterre. Mon sort ne fut pas plus doux à Thruin, & toute l’estime que j’acquis auprès de Leurs Altesses Royales, ne me put pas sauver des atteintes de ces sots, dont le nombre est si grand, que Salomon a dit qu’il estoit infiny. Aujourd’huy ces memes sots ont couronné leur ouvrage, & ont tant fait par leurs soins & pas leurs peines, qu’ils m’ont rendu dedans Romes le plus glorieux & le plus ilustre persecuté de l’Univers”. *Idem*, p. 6-7.

⁷⁹ Maiores detalhes sobre essa desordem na corte da Inglaterra, ver HENNIG, *Dassoucy & les garçons*, p. 135-141.

escritor esteve em mais de uma ocasião, mas ele poderia estar se referindo ao final decepcionante da sua segunda estadia, quando foi dispensado dos seus serviços – de composição e escrita – por Christine de France.⁸⁰ As diferentes ocorrências foram interpretadas por Dassoucy como aversões comumente dirigidas a pessoas superiores como ele, o que explicaria ter sido perseguido em mais de uma ocasião. O que também serviu como justificativa para o aprisionamento no Santo Ofício de Roma, onde o escritor permaneceu do final de dezembro de 1667 até setembro ou outubro de 1668.

Mesmo diante das adversidades, ele perseverou e buscou tirar proveito delas, transformando os seus escritos em veículos da crítica aos perseguidores – ex-amigos, religiosos, falsos religiosos, populares, etc. –, declarando a sua interpretação sobre os fatos. Ao fazer isso, ele proclamou a relevância da razão e da reflexão, indicando o seu mérito enquanto escritor. Ele tomou a escrita como um meio de representação sobre si, de enfrentamento das acusações, para contrapô-las ao revelar as imperfeições e “a iniquidade dos maus, a ignorância dos simples e a malícia dos tolos, a crueldade dos ‘*Dragomans*’ e a tirania dos Astaroths serão as sombras que, até o fim dos séculos, servirão de relevo à minha glória, e de prêmio à minha virtude”.⁸¹ O escritor também alertou sobre como os seres humanos acreditavam facilmente em boatos, julgando somente pelo o que tinham ouvido dizer, uma ação que foi vista por ele como incoerente.⁸²

Na compreensão de Jacques Prevot, Dassoucy teria se utilizado da escrita para obter uma posição de destaque entre as pessoas de espírito, comprovando seu mérito e reafirmando a sua originalidade perante seus pares, colocando-se como mais um entre eles.⁸³ A escrita dos livros poderia, inclusive, ser utilizada como uma forma de conquistar a legitimidade e garantia de que o nome do autor fosse conservado à posteridade. Essa percepção pode ser identificada em um episódio de *Avantures*, na travessia de Borgonha, em que Dassoucy foi surpreendido por um grupo de homens a cavalo que passaram a questionar a sua identidade. Depois de se apresentar como um compositor de músicas, versos e livros, um dos homens solicitou que o escritor mostrasse o que carregava em sua bagagem. Apesar de desconfiando, ele abriu a sua

⁸⁰ A passagem por Turin é descrita com detalhes em DASSOUCY, *Les Avantures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*.

⁸¹ Tradução livre: “l’iniquité des méchants, l’ignorance des simples & la malice des sots, la cruauté des Dragomans la tyrannie des Astorits seront les ombres qui jusques aux dernies siecles, serviront de relief à ma gloire, & de prix à ma vertu”. DASSOUCY, *Les Avantures de Monsieur D'Assoucy*. Tome premier, s.p.

⁸² No prefácio de *Avantures*, Dassoucy revelou que escrevia para os leitores indignados contra o verme picante e obcecado pela impertinência do demônio do ouvir dizer, segundo o trecho: “Aussi ce n’est pas pour eux que j’écris, mais pour toy, genereux Lecteur, qui justement indigne contre cette vermine picquante toûjours obsédée de l’impertinence du Démon de l’oüyr dire”. *Idem*, s. p.

⁸³ PRÉVOT, Jacques (Ed.). *Libertins du XVIIe siècle*. T. 1. La Pléiade. Paris: Gallimard, 1998, p. 1512.

bolsa que estava repleta de livros, contendo três livros diferentes, “bem encadernados e bem dourados”, contendo o seu nome gravado nelas. Os cavaleiros perguntaram se ele era, então, o autor daqueles livros e o escritor disse que sim, o que fez com que a voz de um dos homens sobressaísse dizendo “Você é o Senhor Dassoucy” e o convidou para que ele fosse até o seu castelo para que pudessem brindar e lerem as obras em conjunto. Este era o marquês da Borgonha, que demonstrou encantamento ao receber alguém como Dassoucy, isto é, um escritor e músico de aparente sucesso em sua residência.⁸⁴ Assim, verifica-se como o escritor se utilizou dos seus livros como uma forma de garantir autoridade à sua identidade, o que fez com que ele fosse tratado de forma distinta.

A partir dos exemplos dos escritos de Cyrano e Dassoucy, tornou-se evidente como os libertinos buscavam se distinguir dos ignorantes, e essa distinção compreendia a separação dos filósofos e eruditos, enquanto desiludidos, do povo, como ignorante e fanático.⁸⁵ Cyrano, em seus textos, teceu elogios aos filósofos, enquanto Dassoucy fez algo semelhante, mais direcionado aos poetas. Cada um, a seu modo, exaltou indivíduos que compartilhavam uma percepção positiva sobre o mundo dos escritos. Para os libertinos, a dificuldade e falta de discernimento, que atingia os ignorantes, era decorrente de uma resistência natural do ser humano ao bom senso, um aspecto que seria próprio do espírito, fazendo com que os indivíduos criassem sujeições – imaginárias – para não pensarem e viverem livremente. Uma das formas de romper com essa tendência seria o cultivo de si, através da exposição às “vivas fontes” dos

⁸⁴ Dassoucy estava referenciando as seguintes peças: DASSOUCY, *Le Jugement de Paris en vers burlesques*; DASSOUCY, *L'Ovide en belle humeur*; DASSOUCY, Charles. *Le Ravissement de Proserpine*. Paris: Pierre David e Edme Pepingue, 1653. O trecho em questão: “Voyant donc que ce digne voleur amateur des Muses, ne me parloit point de ma bourse, & ne me demandoit que des livres, m'estant un peu rassuré, je luy presentay tous mës ouvrages burlesques dans trois livres differens, bein reliez, & bien dorez, dans lesquels après les avoir ouverts, il ne témoigna pas moins d'estonnement à la lecture de mon nom, que j'en avois témoigné à sa reencontre. Quoy, me dit-il, estes vous l'Auteur de ces livres? Oüy, monsieur, luy dis-je : Vous estes don Monsieur d'Assoucy. Pour vous servir. Je ne veux pas, me dit-il, que vous passiez outre; je vous retiens pour tout aujourd'huy, & je veux s'il vous plaist, puis que la fortune m'a favorisé de vostre reencontre, faire connoissance avec vos Muses, & que nous bûvions ensemble”. DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D'Assoucy*. Tome premier, p. 119-122. Grifo nosso.

⁸⁵ Segundo Dassoucy, a voz do povo poderia significar a voz dos ignorantes, conforme a reflexão feita por ele no segundo volume de *Avantures*: “Je sçay bien que quelque sot me dirá que la voix du peuple est la voix de Dieu, mais aussi je sçay qu'il y aure quelque sage qui dirá que la voix du peuple est la voix des sots. Ils ont tous raison, & ce seroit folie de disputer contre une si constante verité; mais le tout est de bien s'entendre, car il y a autant de difference entre le peuple & la lie du peuple, comme il y a de difference entre la lie & le vin. Le vin nourrit & alimente, & on ne se sert de la lie que pour en écurer les plats & les pots. Mais afin que l'on ne prenne pas la lie pour le vin, ny le vin pour la lie, il faut que l'on sçache que ce n'est pas toujours la soye ny la toile qui distingue les sots d'avec les sages. Tel qui sous un habit de bure paroits un homme vulgaire, n'est rien moins que de la lie du peuple; & tel qui dans son bel habit paroist un sage & fort honeste homme, n'est bien souvent qu'un sot empaqueté de soye, une hapelourde bien enchassée, un faux brillant, à qui, pour se faire distinguer du commun, de rien ne luy servente ces apparences trompeuses, si les belles qualitez de l'ame n'en font la difference. Aussi quoy que le vin soit bien prés de la lie, le peuple sage est bien éloigné des mauvaises qualitez de cette lie populaire”. DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D'Assoucy*. Tome second, p. 39- 43.

bons autores antigos e modernos”, os livros que serviriam como fundamentos para a formação dos seus julgamentos.⁸⁶ O bom senso, nesse sentido, não poderia ser transmitido, mas poderia ser cultivado a partir da exposição às discussões e aos diversos textos e livros, que auxiliariam na formação de uma compreensão e de um senso preparado para fazer o julgamento das coisas e dos conhecimentos adquiridos. O espírito deveria ser estimulado e nutrido, mas isso dependia também dos saberes que eram experimentados pelos sujeitos. Dessa forma, o interesse dos libertinos pelo mundo dos livros era justificado, pois os textos forneciam os saberes necessários que auxiliavam na constituição do bom senso de cada indivíduo. Os leitores seriam estimulados a conhecerem a si mesmos, a formularem interpretações próprias, criando proposições ou refutando aspectos que divergiam.⁸⁷

O contato com o mundo dos livros, e a erudição propriamente, também tinha um papel importante no combate ao fanatismo. O libertino La Mothe Le Vayer alertou sobre os prazeres da vida erudita, que faria com que os indivíduos atingissem uma alegria secreta, ao se verem isentos dos erros e das perturbações espirituais que afligiam aqueles que viviam na ignorância.⁸⁸ Por isso, ao percorrer o mundo da Lua, Dyrcona se viu completamente fascinado ao descobrir como os habitantes do outro mundo liam. Os selenitas desenvolveram um mecanismo próprio de leitura, que transformava a forma como os textos podiam ser acessados e compreendidos. Ao invés dos livros serem lidos, eles eram ouvidos, de acordo com a descrição que ele deu sobre o mecanismo:

As caixas, isto é, suas coberturas, me pareciam admiráveis pelas suas riquezas; uma era talhada de um único diamante, mais brilhante sem comparação com os nossos; a segunda parecia uma monstruosa pedra partida em duas. (...) Ao abrir a caixa, eu encontrei dentro algo de metal quase igual aos nossos relógios, repleto de uma infinidade de pequenas molas e de máquinas imperceptíveis. *É um livro de verdade, mas um livro miraculoso que não possui nem folhas nem letras; enfim é um livro onde, para apreender, os olhos são inúteis; só precisamos de orelhas.* Quando alguém deseja ler, ele liga essa máquina, com uma grande quantidade de todas os tipos de chaves, depois ele vira a agulha sobre o capítulo que ele deseja escutar, *e ao mesmo tempo sai dessa noz como da boca de um homem, ou de um instrumento de música, todos*

⁸⁶ Tradução livre: “vives sources” des bons auteurs ancies et modernes”. MOREAU, *Guérir du sot*, p. 1090.

⁸⁷ MOREAU, Isabelle. Collections et bibliothèques selon Gabriel Naudé. In: NÉDELEC, Claudine (Éd.). *Les Bibliothèques, entre imaginaires et réalités*. Arras: Artois Presses Université, 2009, p. 159-176.

⁸⁸ O trecho em específico seria: “deuons nous ressentir de plus sensibles plaisirs de la veuë intelectuelle, & de cette joye secrette qui naist de se voir exempt de tant d’erreus & de tempestes spirituelles, qui affligent nuict & jour le reste des hommes qui sont enconre dans l’ignorance”. LA MOTHE LE VAYER, *Oeuvres de François de La Mothe Le Vayer*. Tome Second, p. 232-233.

os sons distintos e diferentes que servem, entre os Grandes lunares, à expressão da linguagem.⁸⁹

O objeto era fascinante, pois as informações podiam ser desfrutadas através dos sentidos, como a audição. As expressões da linguagem, aprisionadas no escrito, ganhavam liberdade ao ecoarem pelo ar. A invenção diz muito sobre a percepção da leitura oralizada durante o período moderno, como identificou Claudine Nédélec, ao reconhecer como a tópica da oralização da leitura nos escritos de Cyrano ressoava enquanto um ideal, o de “transformar a leitura, operação material de decifração silenciosa, em oralização, em conversação; transformar, dentro e através do próprio texto, a relação abstrata do texto com o leitor em uma relação real, concreta, vivida, de dois homens que se escutam e se falam”.⁹⁰ Outros estudos também apontaram como os romances, produzidos durante os séculos XVI e XVII, conservavam uma evidente dimensão oral, sendo possível identificar referências textuais ligadas à conversação, através da construção das narrações, mediante intervenções diretas por parte dos narradores.⁹¹ A leitura, naquele contexto, era perpassada, então, pela oralidade e o leitor poderia ser um ouvinte da palavra lida, e, de acordo com Chartier, os escritos do período podiam ser dirigidos tanto aos ouvidos como aos olhos, o que fazia com que os textos da época abarcassem formas e procedimentos aptos à submissão das exigências da performance oral.⁹²

Ainda seguindo a interpretação de Nédélec, nos escritos de Cyrano, os livros também se tornavam os personagens das narrativas, ao terem os seus conteúdos reverberados nas

⁸⁹ Tradução livre: “Les boîtes, c’est-à-dire leurs couvertures, me semblèrent admirables pour leurs richesses; l’une était taillé d’un seul diamante, plus brillant sans comparaison que les nôtres; la seconde ne paraissait qu’une monstrueuse perle fendue en deux. (...) A l’ouverture de la boîte, je trouvai dedans un je ne sais quoi de métal quase tout semblable à nos horloges, plein d’un nombre infini de petits ressorts et de machines imperceptibles. *C’est un livre à la vérité, mais c’est un livre miraculeux qui n’a ni feuillets ni caractères; enfin c’est un livre où, pour apprendre, les yeux sont inutiles; on n’a besoin que d’oreilles.* Quand quelqu’un donc souhaite lire, il bande, avec une grande quantité de toutes sortes de clefs, cette machine, puis il tourne l’aiguille sur le chapitre qu’il désire écouter, *et au même temps il sort de cette noix comme de la bouche d’un homme, ou d’un instrument de musique*, tous les sons distincts et différents qui servent, entre les Grands lunaires, à l’expression du langage. Lorsque j’eus réfléchi sur cette miraculeuse invention de faire des livres, je ne m’étonnai plus de voir que les jeunes hommes de ce pays-là possédaient davantage de connaissance à seize et à dix-huit ans que les barbes grises du nôtre”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 136-137. Grifo nosso.

⁹⁰ Tradução livre: “transformer la lecture, l’opération matérielle de déchiffrement silencieux, en oralisation, en conversation ; transformer, dans et par le texte même, le rapport abstrait du texte au lecteur en un rapport réel, concret, vécu, de deux hommes qui s’écoutent et se parlent”. NÉDÉLEC, Claudine. « Ecoute, lecteur... » : la représentation de la lecture dans *L’Autre monde* de Cyrano de Bergerac. *Les Dossiers du Grihl*, Hors-série, n. 1, 2022, s.p. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/421> Acesso em: 9 setembro 2024.

⁹¹ ESMEIN-SARRAZIN, Camille. Review *L’oralité dans le roman (XVI^e et XVII^e siècles)*, éd. Marie-Gabrielle Lallemand et Pascale Mounier. *Cahiers de recherches médiévales et humanistes*, 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/crmh/16388> Acesso em: 9 setembro 2024.

⁹² CHARTIER, *A ordem dos livros*, p. 17.

conversas que foram empreendidas por Dyrcona com os outros agentes que encontrou em sua jornada pelo outro mundo. O conteúdo dos livros era transformado em um conteúdo vivo, sendo retomado por Dyrcona em suas falas ou de outros personagens. À vista disso, ele identificou o motivo pelo qual os jovens selenitas eram mais sábios do que os terráqueos: eles escutavam os livros em diversas ocasiões do dia, uma praticidade que permitia aumentar a aquisição de conhecimento. Nesse sentido, a atividade de leitura permitia a instrução das mentes, tudo isso através da assimilação de vozes dos grandes escritores que eram emitidas pelas caixas falantes:

Quando eu refleti sobre essa milagrosa invenção de fazer livros, eu não me surpreendi mais de ver que os jovens homens desse país possuíam mais conhecimento aos dezesseis e dezoito anos que os barbas brancas do nosso. *Porque sabendo ler assim que falar, eles nunca estão sem leitura*; no quarto, na caminhada, na cidade, em viagem, a pé, a cavalo, eles podem ter no bolso, ou pendurados em suas selas, uns trinta livros que eles só precisam tocar/esticar uma mola para ouvir o capítulo somente, ou vários, se eles estão no humor de escutar todo um livro. Assim você tem eternamente em torno de você todos os grandes homens mortos e vivos que você se *entretém de viva voz*.⁹³

A experiência de leitura dos selenitas intercambiava duas ações, como a leitura e a fala, pois ao escutarem os livros, era como se as palavras dessem a vida aos seus escritores. A escuta permitia a criação de uma representação, fazendo com que “os grandes homens mortos e vivos”, percebidos através de uma ausência, fossem (re)apresentados como uma presença sobre o que haviam escrito.⁹⁴ Assim, os leitores da Lua assimilavam as palavras como se estivessem, efetivamente, vivenciando diálogos de uma conversa.

Ao se referir ao processo de escuta dos livros, Dyrcona utilizou a palavra em francês “*entretiennent*”, que nos dicionários franceses do século XVII possui uma diversidade de acepções, podendo ser empregada para descrever a atividade de conversação e o passatempo

⁹³ Tradução livre: “Lorsque j’eus réfléchi sur cette miraculeuse invention de faire des livres, je ne m’étonnai plus de voir que les jeunes hommes de ce pays-là possédaient davantage de connaissance à seize et à dix-huit ans que les barbes grises du nôtre. *Car sachant lire aussitôt que parler, ils ne sont jamais sans lecture*; dans la chambre, à la promenade, en ville, en Voyage, à pied, à cheval ils peuvent avoir dans la poche, ou pendus à l’arçon de leurs selles, une trentaine de ces livres dont ils n’ont qu’à bander un ressort pour en ouïr un chapitre seulement, ou bien plusieurs, s’ils sont en humeur d’écouter tout un livre. Ainsi vous avez éternellement autour de vous tous les grands hommes et morts et vivants qui vous *entretiennent de vive voix*”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 137. Grifo nosso.

⁹⁴ Segundo Chartier, os significados correspondentes à palavra representação compreendiam duas famílias de sentidos aparentemente contraditórias: por um lado, a representação fazia ver uma ausência, e de outro, era a apresentação de uma presença. CHARTIER, O mundo como representação, p. 184.

das conversas.⁹⁵ Mais uma vez, é possível identificar a associação da leitura com a perspectiva da oralização. De modo similar, em *Le Page disgracié* de Tristan L’Hermite, o narrador Ariston utilizou o verbo “*entretenir*” para referenciar a prática de narrar histórias para as outras pessoas. O jovem pajem foi um leitor precoce, que começou a ler aos quatro anos de idade e adquiriu o gosto particular pela leitura de romances, assim como Michel de Montaigne,⁹⁶ e em seguida, o pajem recontava “agradavelmente” as mesmas histórias para os seus avós.⁹⁷

Mesmo depois de ter sido enviado ao colégio para ser instruído na língua latina, Ariston não abandonou o fascínio pelas peças que qualificou como inúteis, tais como os romances e contos fabulosos.⁹⁸ Ainda assim, ele se orgulhava da sua memória, que servia como um “arsenal” dos textos lidos. Uma condição que permitiu a ele encantar “todas as orelhas ouvintes”,⁹⁹ conforme descreveu com orgulho: “Eu reservava conversas para todos os tipos de diferentes pessoas, e ocupações agradáveis para todas as idades. Eu podia agradável e facilmente contar todas as Fábulas que são conhecidas, desde aquelas de Homero e de Ovídio, até aquelas de Esopo e de *Peau d’asne*”.¹⁰⁰ A paixão de Ariston pelo universo da imaginação e da leitura não omitia a experiência do prazer adquirido com elas, que poderia ser renovado por meio da oralização. Também foi através dessas leituras que ele adquiriu habilidades pertinentes para que pudesse se comunicar satisfatoriamente com os seus ouvintes.

⁹⁵ As palavras pesquisadas nos dicionários foram “*entretenir*” e “*entretien*”. Dictionnaire François contenant les mots et les choses, plusieurs nouvelles remarques sur la langue Française, ses expressions propres, figurées et burlesques, la prononciation des mots les plus difficiles, le genre des noms, le régime des verbes. Par Pierre Richelet. Genève: Jean Herman Widerhold, 1680, p. 292; Dictionnaire universel contenant generalement tous les mots françois tant Vieux que modernes, & les termes de toutes les sciences et des arts. Recueilli & compilé par feu Antoine Furetiere. Tome premier. La Haye: Arnout & Reinier Leers, 1690.

⁹⁶ Em seus *Ensaio*s, Montaigne declarou ter adquirido o gosto pela leitura a partir das fábulas de Metamorfoses de Ovídio, optando por se privar de qualquer atividade para que pudesse lê-las: “Le premier goust que j’eus aus liures, il me vint du plaisir des fables de la Metamorphose d’Ovide ; car, enuiron l’eage de sept ou huit ans, je me desrobois de tout autre plaisir pour les lire”. MONTAIGNE, *Essais*, 1870-1873 p. 128.

⁹⁷ Tradução livre: “Je vous dire que je n’avais guère plus de quatre ans que je savais lire, et que je commençais à prendre plaisir à le lecture des romans que je debtais agréablement à mon Aïeule et à mon grand-père”. TRISTAN L’HERMITE, *Le page disgracié*. Première partie, 1643, p. 18.

⁹⁸ Ao longo do século XVII, houve uma reflexão profunda entre os letrados a respeito dos romances, que se referia as obras escritas em prosa, “contendo aventuras fabulosas” e surpreendentes, segundo o *Dictionnaire de l’Académie française* de 1694. Alguns libertinos teceram fortes críticas sobre eles, como Sorel e Naudé, o que explicaria a indicação de Ariston sobre a “futilidade” do gênero. Sobre a críticas do período, ver ESMEIN-SARRAZIN, Camille. Du discours critique à la critique littéraire au XVIIe siècle: le cas du roman. *Littératures classiques*, v. 1, n. 86, 2015, p. 145-156. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-litteratures-classiques-2015-1-page-145?lang=fr> Acesso: 20 junho 2025.

⁹⁹ Ariston declarou: “J’estois le viuant repertoire des Romans, & des comptes fabuleux”. TRISTAN L’HERMITE, *Le page disgracié*. Première partie, 1643, p. 38.

¹⁰⁰ Tradução livre: “j’estois capable de charmer toutes les oreilles oysiues ; je tenois em reserue des entretiens pour toutes sortes de diferentes personnes, & des amusemens pour tous les ages. Je pouuois agreablement & facilement debiter toutes les Fables qui nous sont connus, depuis celles d’Homere & d’Ouide, jusqu’à celles d’Esopo & de Peau d’asne”. *Idem, Ibidem*.

O interesse do pajem pelos romances, contos, e consequentemente pela leitura, favoreceram a sua aproximação com uma jovem inglesa, para quem ele serviu como preceptor da língua francesa. Inicialmente, ele recitava apenas pequenos contos para ela. Depois, passou a narrar as aventuras dos romances, já que ela não conhecia as fábulas e romances heroicos pelos quais ele tinha grande estima.¹⁰¹ Segundo o testemunho do pajem, a jovem sentiu-se lisonjeada por estar se tornando “sábua, sem que essa aquisição lhe custasse muito esforço”, pois ela precisava somente prestar atenção nele para receber a sua leitura.¹⁰² Aos poucos, a dupla se aproximou, oportunizando a sedução. As leituras dos textos de ficção serviram como pretexto para a conquista, pois o pajem e a estudante liam e contavam histórias de amor ao longo dos dias, favorecendo seu envolvimento.¹⁰³ Revela-se, assim, “a perigosa sedução” que a leitura de histórias imaginárias poderia exercer sobre as mulheres.¹⁰⁴ Os livros também constituíam a paisagem da gruta do jardim que a inglesa utilizava para se refrescar nas noites de verão na companhia do pajem, conforme ele indicou em seu relato: “Minha Mestra havia trazido nesse belo lugar quantidade de livros divertidos, que víamos em torno da sua cama sobre tábuas suspensas, mas eles lhe serviam apenas como pretexto para se poder entreter particularmente comigo”.¹⁰⁵ Dessa forma, identifica-se como as histórias imaginárias, acessadas através da leitura oralizada, assim como os livros, serviam de inspiração, pretexto, ou melhor, enquanto representações de uma afeição que passou a ser experimentada no mundo real, alinhando as dimensões textuais e imaginárias com os sentimentos dos personagens.

Em contraste com essa experiência, durante o período em que Ariston prestou serviço para um dos grandes mestres do seu tempo, ele teve que redobrar o foco nos estudos ao se defrontar com uma virtuosa jovem. O pajem a descreveu como alguém que possuía um espírito bastante curioso, manifestando o desejo de aprender sobre diferentes temas, como física, história e até anatomia. Os interesses da jovem fizeram com que ele tivesse que se voltar para os livros, redobrando suas leituras, para alcançar a instrução e a satisfação da jovem:

¹⁰¹ *Idem*, p. 275-276.

¹⁰² O trecho completo: “devenir sçauante, sans que cette acquisition luy coûtast beaucoup de peine, puis qu’elle n’auoit qu’à me donner de l’attention pour receuoir tout emma lecture”. *Idem*, p. 277-278.

¹⁰³ BUZON, Christine de. Les passions libertines dans *Le Page disgracié* de Tristan, ou être “comme le jouet des passions, des astres et de la Fortune”. In: MCKENNA, Antony; MOREAU, Pierre-François (Dir.). *Libertinage et philosophie au XVIIe siècle* 4. Gassendi et les gassendistes et Les Passions libertines. Saint-Étienne: Publications de L’Université de Saint-Étienne, 2000, p. 166.

¹⁰⁴ ADAM, Véronique. Fiction et cadres de référence dans *Le Page disgracié*. In: BOMBART, Mathilde (Dir.). *Lectures du Page disgracié*. Paris: PUR, 2013, p. 4.

¹⁰⁵ Tradução livre: “Ma Maistresse auoit fait apport en ce beau lieu quantité de liures diuertissans, qu’on voyoit au tour de son lict sur des tablettes suspenduës, mais ils ne luy seruoient gueres que de pretexto pour se pouuoir entretenir particulièrement avec moy”. TRISTAN L’HERMITE, *Le page disgracié*. Première partie, 1643, p. 429.

Quando ela me testemunhou o seu desejo, eu não fazia outra coisa que ler sobre essa matéria [física], a fim de poder instruí-la. (...) Outras vezes ela me demandou alguma coisa sobre a História e me ordenou a noite de ir *entretê-la* pela manhã, e eu passava toda a noite fortalecendo o meu espírito sobre esse tipo de conhecimento. Me lembro que um dia ela me testemunhou o desejo de aprender anatomia e eu trabalhei sobre isso, por três ou quatro dias, fazendo observações sobre os Laurens, Ambroise Paré e outros autores que escreveram sobre isso na medicina, que eu poderia passar por um instruído cirurgião em muitos lugares.¹⁰⁶

A curiosidade da jovem estava voltada para temas específicos, por isso a intensificação dos estudos, fazendo com que o pajem tivesse que alterar o gênero das obras que vinha lendo. Sem escolha, o pajem buscou suprir o seu conhecimento em relação às matérias que a jovem ansiava aprender, pois conforme La Mothe Le Vayer alertou, os indivíduos deveriam buscar primeiro pela própria instrução antes de partirem para a instrução dos outros.¹⁰⁷ Esse aspecto é também endossado por Naudé, que reconhecia a importância dos agentes se colocarem à disposição da formação do “caráter”, de nutrirem o próprio espírito, para adquirirem os conhecimentos necessários sobre as coisas. Desse modo, as leituras dos textos, assim como sua verbalização, favoreciam a instrução mútua dos leitores e de seus ouvintes.

Além disso, pode-se identificar através da história de Ariston como a obra de Tristan traz uma perspectiva de compreensão sobre os textos não apenas como disseminadores do conhecimento herdado da Antiguidade e do Renascimento, mas também como meios de exercício livre da imaginação dos leitores, proporcionando o prazer, especificamente, através dos gêneros ficcionais, como o romance, o teatro e a poesia. Tal compreensão emergiu de forma gradual ao longo do século XVII, tornando relevante as suas reflexões, assim como aquelas trazidas nas obras de Cyrano, Dassoucy, e Chapelle, sobre os livros e a relação que os indivíduos podiam estabelecer com os textos. Para os libertinos, os livros eram importantes, pois permitiam o desenvolvimento dos seus trabalhos, de erudição e escrita, como também de reflexão, anotação, troca, e evidentemente, de prazer quanto à aquisição de saberes (ou descobertas) e

¹⁰⁶ Tradução livre: “lors qu’elle m’auoit tesmoigné ce desir, je ne faisois plus autre chose que lire de cette matiere, afin de l’en pouuoir instruire (...). Quelquefois elle me demandoit quelque chose de l’Histoire, & me comandoit le soir de l’en venir *entrettenir* le matin, & je passois tout ela nuict à me fortifier l’esprit sur cette sorte de cognoissance. Il me souvient qu’un jour elle me tesmoigna quelque desir d’apprendre l’Anathomie, & que je truaillay de telle sorte em trois ou quatre jours, à faire des observations sur du Laurens, Ambroise Paré, & d’autres Autheurs qui ont escrit sur cette partie de la Medecine, que j’eusse peu passer en beaucoup de lieux pour vn docte Chirurgien”. TRISTAN L’HERMITE, *Le page disgracié*. Seconde partie, 1643, p. 205-207. Grifo nosso.

¹⁰⁷ O trecho em específico diz: “Il est besoins (...) que nous nous remplissions de tout ce qui peut servir à nostre instruction, deuant que de mettre la main à la plume pour instruire les autres”. LA MOTHE LE VAYER, *Oeuvres de François de La Mothe Le Vayer*. Tome Second, p. 233, p. 238.

como entretenimento. Uma interação que poderia ser transformadora, impactando as suas percepções, gerando novas perspectivas que se voltavam para a compreensão da realidade vivida, em um contexto repleto de questionamentos. Nesse sentido, o século XVII poderia ser compreendido como um verdadeiro laboratório de reflexão sobre os efeitos da literatura, conforme reconheceu Aude Volpilhac. Mas se pode ir além, identificando o século como um laboratório de reflexão sobre os efeitos dos escritos em geral. Volpilhac ainda apontou como os indivíduos da época demonstraram interesse em analisar, e compreender, os efeitos dos textos sobre os agentes, leitores e leitoras, assim como sobre as suas mentes.¹⁰⁸

Talvez tenha sido nessa direção a percepção de Ariston, que passou a identificar o seu gosto pelas histórias imaginárias, não mais enquanto um vício impune, mas como um meio eficaz contra a melancolia.¹⁰⁹ O pajem detalhou a perspectiva em um trecho onde discorria sobre as atividades que desempenhava para o marquês de Villars: “Com frequência, eu lhe contava alguma aventura nova que eu havia aprendido, outras vezes era uma velha história renovada que eu havia capturado, ou em *Decamerão* de Boccaccio, ou sobre Straparola, Pogge Florentin, o Fuggilozio, as *Serées* de Bouchet, e outros autores, que queriam caridosamente se aplicar à cura da melancolia”.¹¹⁰ A partir disso, pode-se compreender como as mensagens dos livros podiam imprimir efeitos poderosos sobre os espíritos, assim como sobre as imaginações dos seus leitores. No sentido das leituras causarem verdadeiras impressões nas mentes, tal como o processo sofrido pelas folhas dos livros quando estavam na prensa, conforme propôs Volpilhac.¹¹¹ Desse modo, as palavras, tal como as sensações, as imagens e as representações acessadas durante o processo de decifração do texto, causariam impressões nas mentes dos indivíduos, impactando as suas imaginações e os seus julgamentos – e aqui também se identifica uma relação com a proposta dos livros sonoros descritos na obra de Cyrano –, e afetando os seus pensamentos. Pois, como Dyrcona atentou em *Viagem ao Sol*, o cérebro constituía o

¹⁰⁸ VOLPILHAC, « *Le Secret de bien lire* », p. 153 e p. 311.

¹⁰⁹ BUZON, Christine de. Les passions libertines dans *Le Page disgracié* de Tristan, ou être “comme le jouet des passions, des astres et de la Fortune”. In: MCKENNA; MOREAU, *Libertinage et philosophie au XVIIe siècle* 4, p. 171.

¹¹⁰ Tradução livre: “bien solvante, je luy contoys quelque auanture nouuelle, que j’auois apprise, d’autresfois, c’estoit vne vieille histoire renouuelée que j’auois prise, ou dans le decameron de Bocace, ou dans Straparole, Pauge Florentin, le Fugiliosio, les *Serées* de Bouchet, & autres Autheurs, qui se sont voulus charitablement appliquer à guerir la melancholie”. TRISTAN L’HERMITE, *Le page disgracié*. Seconde partie, 1643, p. 269-270.

¹¹¹ Para Volpilhac, faria mais sentido pensar em uma cultura da impressão no lugar de uma cultura do impresso, pois no século XVII, a reflexão sobre o texto passou a incluir observações sobre os efeitos dos textos em relação aos leitores. A partir da metáfora da impressão, os escritores do período estariam pensando o texto em termos da impressão no cérebro dos leitores. VOLPILHAC, « *Le Secret de bien lire* », p. 311.

assento da inteligência, o lugar onde se realizava a compreensão e ocorria a potência do raciocinar.¹¹²

A leitura poderia impactar, especificamente, a memória dos leitores, como ocorreu com Ariston, ao indicar que a sua mente ficou repleta de histórias baseadas nos livros que havia lido, como se ele tivesse sempre consigo uma “biblioteca portátil”.¹¹³ A memória do pajem havia armazenado o conhecimento livresco, bastando recorrer à ela quando julgasse necessário, principalmente, durante as conversas empreendidas com outras pessoas. Essa capacidade rememorativa era decorrente de uma rotina recheada de leituras, já que o pajem alegou passar cerca de cinco ou seis horas do seu dia lendo. Mesmo assim, essa atividade não diminuía a paixão que ele tinha pela aprendizagem e o interesse por novos livros. Desse modo, as leituras geravam verdadeiras impressões nos sujeitos, gravando mensagens em suas memórias, a exemplo do pajem, que adquiriu diversos conhecimentos, que serviam quase como um guia.

A memória compreendia um local de armazenamento, desempenhando uma função semelhante ao espaço da biblioteca que abrigava os livros. Esse ambiente poderia consistir em um refúgio perfeito para os espíritos reflexivos como os libertinos. Por isso que Laurence Tricoche-Rauline alegou como a biblioteca poderia trazer alívio aos libertinos, diante da “perdição” do mundo que lhes inspirava a desilusão. Um ambiente em que o indivíduo experimentava a reclusão e a própria solidão, podendo refletir sobre os próprios pensamentos.¹¹⁴ Assim, a biblioteca podia servir como um refúgio, tal como ela favorecia o encontro com as delícias, conforme alegou Gassendi,¹¹⁵ a partir do contato com os livros.

Mas a reclusão proporcionada pela biblioteca não seria similar àquela experimentada em um ambiente como a prisão? Assim como a biblioteca, a prisão provocava um afastamento da sociedade. O aprisionamento foi um elemento representado nos escritos libertinos em mais de uma ocasião, conduzindo os seus personagens a descrevem os momentos difíceis.¹¹⁶ Isso

¹¹² Na verdade, Dyrcona utilizou o termo cocção, indicando o conceito de digestão, ao reconhecer o cérebro como esse local de compreensão e formulação dos pensamentos humanos. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 221.

¹¹³ Segundo Ariston: “sans qu’il fut besoin d’auoir des liures, ma memoire me seruoit de Biblioteque portatiue”. TRISTAN L’HERMITE. *Le page disgracié*. Seconde partie, 1643, p. 425-426.

¹¹⁴ TRICOCHÉ-RAULINE, *Identité(s) libertine(s)*, p. 62-64.

¹¹⁵ Em uma carta endereçada ao príncipe Louis de Valois, em 1644, Gassendi pontuou: “Tu as apparemment retrouvé ce qui fait tes délices, visitant ta bibliothéque et tes livres”. GASSENDI, *Lettres latines*, p. 389.

¹¹⁶ Todos os escritores aqui estudados apresentaram essa referência ao aprisionamento, em diferentes formatos e momentos das suas narrativas. No caso de Chapelle, essa interpretação se encontra em uma carta que descreve o período que passou confinando no espaço religioso de Saint-Lazare. SRIBNAL, “Je ne vous ferai point ici la description de la maison de Saint-Lazare”. Essa peça está incluída numa edição de *Voyage de Chapelle e Bachaumont*, publicada no século XIX, que também possui a carta que Chapelle escreveu contra suas tias, por elas terem sido as responsáveis por enviá-lo ao espaço punitivo: CHAPELLE; BACHAUMONT, *Oeuvres de Chapelle et de Bachaumont*, 1854.

quando o próprio escritor não havia passado pela mesma experiência, como era o caso de Dassoucy, tendo sido preso três vezes ao longo de sua vida. Porém, em alguns casos era nesse lugar de reclusão que se dava o contato com os livros. Um exemplo disso foi de Dyrcona, que foi enclausurado em uma torre em Toulouse, após ter sido acusado de magia. Em uma ocasião, ele revelou aos seus amigos que estavam em liberdade que não lhe faltava nada naquele local, exceto os livros.¹¹⁷ Eles então providenciaram os materiais e durante todo o confinamento o viajante se dedicou intensamente à leitura, principalmente dos livros de ciência, levando-o a realizar experimentos. O que culminou na construção de uma máquina, denominada de icosaedro, que acabou ascendendo aos céus, transportando Dyrcona até o mundo solar. A ascensão, um acontecimento emblemático e simbólico sobre a libertação do viajante, também evidencia como os livros ofereceram inspirações para ele, a ponto de libertá-lo. Os livros podiam, então, acolher os leitores a partir dos seus interesses pessoais, estimulando as suas mentes, como impulsionaram a inventividade e a imaginação flamejante do viajante.

Os livros também serviam como entretenimento durante o período de reclusão, pois quando Dassoucy esteve preso em Roma, ele alegou ter se munido de uma pena e de vários outros materiais, como tinta, livros, cartas, alaúdes, fazendo com que ele se sentisse o homem mais feliz do mundo,¹¹⁸ mesmo estando encarcerado em um ambiente representativo do controle e da reclusão. Mais uma vez, os livros contrastavam com a realidade opressora que os libertinos enfrentavam no âmbito da realidade, fazendo com que eles valorizassem os textos e a escrita, não somente por fornecerem saberes, mas por permitirem um acolhimento em seus momentos de maior vulnerabilidade.¹¹⁹ Apesar disso, Dassoucy relembrou as restrições impostas à sua atividade de escrita durante o encarceramento, quando ele teve que diminuir a sua atividade: “Evitei tudo o que poderia prejudicar a minha saúde e alterar o meu temperamento. Eu não deixei, entretanto, de escrever aos meus amigos, e de compor algumas cartas, para obrigar os meus Juízes a pensarem em mim”.¹²⁰

¹¹⁷ Dyrcona declarou: “Il ne manque rien, leur dis-je, sinon des livres”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 202.

¹¹⁸ O trecho em questão: “Aussi pour dire la verité, je contribuois beaucoup à mon divertissement : car avec une Plume & de l’Encre, des Livres, des Cartes, des Luths & des Voix, je suis par tout, hormis dans le cachot, le plus heureux de tous les hommes. DASSOUCY, *La Prison de Monsievr Dassoucy*, p. 85-86.

¹¹⁹ BELLEMARE, Alex. Sociabilités carcérales : la représentation de la prison chez Cyrano et Dassoucy. In: ABDELA, Sophie et al. (Dir.). *La sociabilité du solitaire*. Pratiques et discours de l’intimité, de l’exclusion et du secret à l’époque moderne. Paris: Hermann, 2016, p. 26.

¹²⁰ Tradução livre: “j’évitois ce qui pouvoit nuire à ma santé, & alterer mon temperament. Je ne laissois pas pourtant d’écrire à mes amis, & de composer quelques Lettres, pour obliger mës Juges à penser à moy”. DASSOUCY, *La Prison de Monsievr Dassoucy*, p. 113-114.

Em um contexto onde as mentes e os corpos dos sujeitos estavam sob um controle extremo – não somente em relação à repressão estatal, que ocorria de maneira nem constante, nem metódica como alegou Robert Muchembled,¹²¹ mas em relação à interiorização das normas sociais, dos costumes, das leis, da religião, do agir em público conforme as condutas esperadas –, o espaço do escrito servia como um lugar relevante para que os libertinos pudessem expressar as suas imaginações e elucubrações. Por essa razão, Darmon indicou como os escritos de Cyrano, enquanto imagens de pensamentos registradas em textos, possibilitavam as “experiências de pensamento”, revelando como a ficção literária poderia servir aos escritores para a exploração de experiências mentais.¹²² Pois a experiência de pensamento era mais do que uma simples narrativa de uma experiência fictícia.¹²³ Ainda que as narrativas de Cyrano apresentem fortes características como essa, as obras de Dassoucy, Tristan e Chappelle também exploram suas elucubrações, através de reflexões poéticas sobre as ações humanas, a religião, os costumes, reivindicando uma liberdade de espírito através de diferentes modos de expressão, conforme a união da prosa e dos versos verificada em seus escritos.

Dessa forma, a reflexão sobre o contato dos libertinos com os livros, a partir da leitura e da escrita, abre um espaço para se pensar as atitudes em relação aos escritos e as suas compreensões como objetos materiais, que intermediavam as trocas e podiam suscitar questionamentos sobre os usos libertinos do livro.¹²⁴ A relação próxima com os textos permeava a cultura libertina e as reflexões empreendidas pelos libertinos. Por isso, além desse contato ser visto enquanto um possibilitador da instrução, os livros seriam capazes de inspirar, motivar reflexões, incitando o exercício da livre imaginação e fornecendo prazeres, como a aquisição de conhecimento e a inserção no espaço da imaginação. De todo modo, os livros incitavam o exercício da leitura, da escrita, da escuta, da descoberta e do deslocamento das mentes libertinas para diferentes lugares e mundos.

¹²¹ MUCHEMBLEMED, *O orgasmo e o Ocidente*, p. 139.

¹²² DARMON, *Le songe libertin*, p. 11. Darmon atentou sobre essa perspectiva a partir dos trabalhos de SORENSEN, Roy. *Though experiments*. Oxford: Oxford University Press, 1992; SWIRSKI, Peter. *Between literature and Science*. Poe, Lem, and Exploration in Aesthetics, Cognitive Science and Literary Knowledge. Montréal: MacGill University Press, 2000 e MURZILLI, Nancy. La possibilisation du monde : littérature et expérience de pensée. *Critique*, n. 682, p. 204-234, 2004.

¹²³ TORERO-IBAD, *Libertinage, science et philosophie dans le matérialisme de Cyrano de Bergerac*, p. 116.

¹²⁴ BOMBART, Mathilde Bombart. Le libertin et ses livres. *Acta fabula*, v. 8, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.fabula.org/acta/document3077.php> Acesso em: 27 agosto 2024.

4.2. Libertino, um ser em movimento através das viagens: fabulações e prazeres do deslocamento

“A mais ordinária, como a mais útil das nossas ocupações, é viajar pelos vastos países deste grande mundo. Nós observamos curiosamente os costumes dos povos, o caráter dos climas e a natureza de todas as coisas que podem merecer nossa atenção”.¹²⁵ Tal mensagem expressou o pequeno rei dos animais solares, um dos habitantes da região opaca do Sol que detinha a capacidade de se metamorfosear, para informar Dyrcona sobre as atividades empreendidas por eles em suas viagens. Essa ideia, de que os seres do Sol eram viajantes, já havia sido apontada pelo demônio de Sócrates na *Viagem à Lua*, onde ele afirmou ter nascido no astro solar e deter a capacidade de se transmutar de corpo, conseguindo dar à matéria a figura e a forma essencial das coisas que almejava se metamorfosear.¹²⁶ Essa capacidade permitia que os sujeitos espirituais, de origem solar, pudessem percorrer o universo, já que se transmutavam no que desejavam conforme os ambientes frequentados. Uma habilidade que possibilitou que o demônio visitasse o espaço terrestre, onde conheceu figuras notáveis em diferentes períodos históricos, como Epaminondas, Brutus, Druso, Cardan, Agrippa, Trithème, Johannes Faust, La Brosse, César, Campanella, La Mothe Le Vayer, Gassendi, Tristan L’Hermite, Diogenes e Alexandre.¹²⁷ Assim, a informação recebida por Dyrcona em sua visita ao Sol tornou-se mais clara e indicativa sobre como a viagem compreendia um meio de instrução para os solares, ao visitarem outras culturas e interagirem com outros agentes, como governantes, filósofos e eruditos. Era através do deslocamento que eles conseguiam ampliar as suas percepções sobre o universo, já que as viagens propiciavam o contato com ambientes e seres diferentes. Desse

¹²⁵ Tradução livre: “La plus ordinaire, comme la plus utile de nos occupations, c’est de voyager par les vastes contrées de ce grand monde. Nous remarquons curieusement les moeurs des peuples, le génie des climats et la nature de toutes les choses qui peuvent mériter notre attention”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 241.

¹²⁶ Na Lua, o demônio de Sócrates cedeu tais informações para Dyrcona no seguinte trecho: “Il me répondit (...) qu’ils étaient des corps, mais non pas comme nous ni comme aucune chose que nous estimions telle, parce que nous n’appelons vulgairement corps que ce qui peut être touché; qu’au reste, il n’y avait rien en la nature qui ne fût matériel, et que, quoiqu’ils le fussent eux-mêmes, ils étaient contraints, quand ils voulaient se faire voir à nous, de prendre des corps proportionnés à ce que nos sens sont capables de connaître”. E no Sol, os animais metamorfoseados explicaram para Dyrcona quem era os habitantes que compunham a parte luminosa do astro: “C’est nous qu’au monde de la terre vous appelez des esprits, et votre présomptueuse stupidité nous a donné ce nom, à cause que n’imaginant point d’animaux plus parfaits que l’homme, et voyant faire à de certaines créatures des choses au-dessus du pouvoir humain, vous avez cru ces animaux-là des esprits. Vous vous trompez toutefois; nous sommes des animaux comme vous; car encore que, quand il nous plaît, nous donnions à notre matière, comme tu viens de voir, la figure et la forme essentielles des choses auxquelles nous voulons nous métamorphoser, cela ne conclut pas que nous soyons des esprits”. *Idem*, p. 63 e p. 245.

¹²⁷ *Idem*, p. 55-61.

modo, os sujeitos do Sol eram agentes de movimento, que vivenciavam a dinâmica de mobilidade como parte das suas naturezas, e das suas alterações corporais, conforme se metamorfosearem ao imaginarem no que se transformariam, e depois voltando à condição inicial dos seus corpos espirituais.¹²⁸

A mobilidade dos habitantes do Sol possui uma inspiração na viagem como uma atividade de movimento, experimentação e ampliação dos conhecimentos, um pensamento identificado entre os libertinos do século XVII. Além disso, as fontes aqui analisadas de Cyrano, Dassoucy, Tristan e Chapelle discorrem sobre viagens, sejam elas imaginárias ou reais, que são contadas pelos narradores das obras, como se elas constituíssem uma forma de elaboração dos caminhos que percorriam.¹²⁹ Dito isso, é importante destacar, conforme a observação de Isabelle Brian, que a viagem com o propósito de aprendizado, acúmulo e comparação de conhecimentos compreendia as principais ambições dos humanistas do Renascimento. Uma perspectiva que permaneceu no período posterior, e onde a erudição foi relacionada com a viagem, ganhando relevância e a especificidade de servir como um recurso de compreensão e descoberta do mundo, assim como um divertimento a partir do seu relato. A partir disso, os deslocamentos compreendiam como uma ação enriquecedora sobre as experiências humanas, ampliando os conhecimentos adquiridos previamente, através das leituras que os eruditos faziam em seus gabinetes e das conversas que empreendiam em suas reuniões.¹³⁰

¹²⁸ O pequeno ser indicou para Dyrcona no que consistia o processo de movimento que envolvia a sua metamorfose: “Aussi est-ce pourquoi tu nous as vus danser auparavant de faire ce grand homme, parce qu’il a fallu pour le produire nous donner tous les mouvements généraux et particuliers qui sont nécessaires à le constituer, afin que cette agitation serrant nos corps peu à peu et les absorbant en un, chacun de nous par son mouvement créât, en chaque partie, le mouvement spécifique qu’elle doit avoir”. *Idem*, p. 246.

¹²⁹ A autora Laurence Rauline alertou, através do que apurou Normand Doiron, sobre os tipos comuns de deslocamentos durante o período clássico. Compreendendo a viagem, a errância e a caminhada. No primeiro caso, o viajante seria aquele que seguia ou descobria a rota. No segundo, o errante se deslocava ao acaso, sem reconhecer uma rota propriamente dita. E no terceiro, o caminhante seguia uma rota, “mas como Montaigne, se afasta[va] sem cessar”. RAULINE, Laurence. Parole libertine et art de voyager. In: BERTRAND, *Avez-vous lu Dassoucy?*, p. 228 e DOIRON, Normand. *L’Art de voyager*. Le déplacement à l’époque classique. Paris: Presses de l’Université de Laval, Klincksieck, 1995. Ao se observar as travessias efetuadas pelos personagens das obras de Cyrano, Dassoucy, Tristan e Chapelle, verifica-se como elas variavam entre os três tipos, contendo um pouco de caminhada, de errância e a ocorrência da viagem propriamente dita. Além disso, a literatura apontou como cada uma das obras possui particularidades que permitem classificá-las em diferentes gêneros de viagens. Nesse sentido, a *Viagem à Lua* e a *Viagem ao Sol* de Cyrano compreenderiam viagens imaginárias, as *Aventures* de Dassoucy e *Le page disgracié* de Tristan consistiriam em viagens burlescas e picarescas, e, por fim, a *Voyage* de Chapelle e Bachaumont seria uma caminhada galante. Variações nesses enquadramentos também ocorreram. REQUEMORA, Sylvie. *Voguer vers la modernité*. Le Voyage à travers les genres au XVIIe siècle. Paris: PUPSP, 2012. Mesmo com as especificidades de representação de cada deslocamento nas obras, essa condição não impede que as fontes sejam analisadas em conjunto, já que compartilham elementos em comum, como a reflexão libertina, a crítica, a ironia, a reflexão filosófica e a proposta de autonomia corporal e de pensamento dos personagens, que são levados a percorrer trajetos mais guiados pelo acaso do que caminhos pré-definidos.

¹³⁰ BRIAN, Isabelle. Voyage et pratiques savantes et érudites (XVII^e-XIX^e siècle). *Viatica*, n. 10, 2023, s.p. Disponível em: <http://journals.openedition.org/viatica/2452> Acesso em: 18 setembro 2024.

Deve-se pontuar, como destacou Normand Doiron, que a concepção humanista sobre a viagem compreendia o deslocamento como um instrumento de obtenção dos saberes, baseado em um método, uma teoria do *tour*, que estava estritamente ligada ao renascimento do estoicismo e do platonismo. Nesse sentido, a viagem servia como uma escola, proporcionando ensinamentos aos que a experienciavam, porque no centro dessa concepção se encontrava a perspectiva de que o mundo era um livro.¹³¹ Portanto, não era incomum encontrar a percepção entre os eruditos do século XVII de que “grandes viagens tinham muita relação com grandes leituras”, seguindo a observação do libertino Samuel Sorbière.¹³² A metáfora do “grande livro do mundo”, conforme a aceção de René Descartes, correlacionava os livros, objetos fornecedores do conhecimento, com as viagens, pois ambas as experiências, de leitura e de viagem, possibilitavam a experimentação e a aquisição de saberes aos indivíduos, proporcionando também a edificação de si mesmos.¹³³ Uma visão que esclarece o motivo pelo qual os libertinos tinham um grande interesse pelos livros que tratavam de viagens, notadamente aquelas com destinos a territórios mais longínquos.

O contato com os relatos e as descrições sobre outras regiões do globo ampliavam os saberes dos libertinos sobre o espaço geográfico, e traziam novas perspectivas sobre culturas e espaços diferentes dos seus, levando-os a uma melhor compreensão do mundo que habitavam. Para aqueles que não podiam viajar para territórios mais afastados da Europa, era através do contato com a “biblioteca do viajante” – isto é, dos livros contendo relatos de viagem – que se abria a possibilidade de expandirem suas mentes. Seguindo a exposição de Sylvie Requemora, tais livros traziam visões e novas compreensões, podendo gerar uma verdadeira abertura em seus espíritos, lhes tornando mais perspicazes e críticos.¹³⁴ Existia, inclusive, um interesse

¹³¹ DOIRON, Normand. Voyage galant et promenade chez La Fontaine. Le papillon et la nymphe. *XVIIe siècle*, n. 187, 47e année, n. 2, p. 185 citado por TRICOCHÉ-RAULINE, *Identité(s) libertine(s)*, p. 403.

¹³² BRIAN, Voyage et pratiques savantes et érudites (XVII^e-XIX^e siècle).

¹³³ O filósofo René Descartes pontuou a importância da viagem: “E, resolvendo-me a não mais procurar outra ciência além da que poderia encontrar-se em mim mesmo, ou então no *grande livro do mundo*, empreguei o resto da juventude em viajar, em ver cortes e exércitos, em conviver com pessoas de diversos temperamentos e condições, em recolher várias experiências, em experimentar-me a mim mesmo nos encontros que o acaso me propunha, e, por toda parte, em refletir sobre as coisas de um modo tal que pudesse tirar algum proveito”. DESCARTES, René. *Discurso do método*. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 13. Grifo nosso.

¹³⁴ “Le voyage est donc pour les libertins un instrument fondamental du “déniaissement” des esprits dans la mesure où le décalage géographique permet un décalage intellectuel lui-même instrument de vérité”. REQUEMORA, Voyage et libertinage, p. 118 e p. 134. Segundo Pintard, La Mothe Le Vayer teria percebido como, em nenhum outro lugar, ele encontraria uma mina mais rica de documentos sobre as contradições da inteligência humana do que nas descrições de países estrangeiros, o que fazia com ele os lesse com paixão: “Tout était bon à son appétit: Diodore de Sicile et Jean Léon, les *Lettres* des Jésuites et les *Tables* de Mercator. Sur chaque contrée il pouvait se vanter de connaître une monographie, l’Irlande de Camden, la *Chine* de Herrera, la Moscovie de Sigismond d’Herberstein, la *Turquie* de Busbecq, l’*Éthiopie* de Louis Barthema, l’*Islande* de Blefken, la *Sarmatie* de Gaguin, la *Perse* de Joseph Barbaro, les *Indes occidentales* d’Oviedo et les *Indes orientales* de Tavernier”.

específico pelas descrições concernentes aos continentes asiático, africano e sul-americano. O sonho de uma viagem para o Oriente era frequente entre os libertinos.¹³⁵ E conforme faziam suas leituras, eles passavam a identificar as particularidades de cada região, tecendo comparações sobre os costumes, idiomas e crenças dos outros lugares com as práticas europeias. Tal como fez La Mothe Le Vayer em *Prose chagrine*, ao evocar as suas percepções sobre a “*Rélation de Syrie*”, em que ele pontuou as especificidades dos costumes da França e da Síria, indicando diferenças significativas entre as localidades, a ponto de refletir mais detidamente sobre a forma como os indivíduos viviam no continente europeu.¹³⁶ Na compreensão de Requemora, quando o libertino se mostrou mais atraído pelo pensamento pirrônico foi, justamente, quando ele passou a estudar com mais frequência os textos sobre as viagens, passando a identificar as provas das contradições dos seres humanos, do sistema das opiniões comuns e dos dogmatismos.¹³⁷ A partir disso, a autora defendeu a perspectiva de que essas leituras forneciam aos libertinos informações importantes, levando-os a identificarem as contradições sobre o que diziam, por exemplo, as Sagradas Escrituras e o que era propagado pelos teólogos, ou em relação às ideias defendidas pelos antigos, favorecendo o questionamento sobre a realidade vivida e a natureza humana. Mesmo que as reflexões dos antigos servissem de inspiração para os libertinos, eles reabilitavam as suas discussões alinhando-as com os seus

d'Acosta. Il s'instruisait aussi auprès de tous les grands decouvreurs, de Jean de Bethencourt et de Marco Polo a Champlain, a Pyrard de Laval, a Jean Mocquet, au P. Trigault, en passant par Pigafetta, par Thomas Cavendish ou par Mendes Pinto. Mais plus il avançait dans la connaissance de cette littérature, plus ses investigations se faisaient curieuses et actives. Friand de parfums qui ne fussent pas éventés, il courait aux étalages des libraires, ou frappait aux portes de bibliophiles bien munis. C'est sans doute par un manuscrit qu'il connut la description des cotes de l'est de l'Afrique par Odoardo Barbosa; c'est en tout cas fort peu de temps apres leur publication qu'il lut bon nombre d'ouvrages parus aux environs de 1630 : le *Traité de la navigation* de Pierre Bergeron est de 1629; le *Voyage fait par terre depuis Paris jusques à la Chine*, par le sieur de Feynes, de l'annee suivante; de 1631, la *Relation du voyage de Perse fait par le R.P. Pacifique des Provins*, ainsi que la *Relation de la Cochinchine* du P. Christoforo Borri; en 1632 enfin furent mis sous presse le *Grand voyage au pays des Hurons* de Gabriel Sagard, et la *Brieve relation du Voyage de la Nouvelle-France*, par le P. Paul Le Jeune: or, des 1633, il avait annote, extrait, utilize tous ces ouvrages". PINTARD, *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVIIe siècle*, p. 139.

¹³⁵ Sylvie Requemora indicou o mesmo que René Pintard, ao observar como os libertinos desejavam partir para o Oriente. François Bernier foi um dos poucos que efetivamente realizou o sonho, percorrendo diferentes regiões como Palestina, Síria, Egito, Deli, Laore, Caxemira, Bengala. As referências e descrições dos deslocamentos podem ser encontradas em algumas de suas obras: BERNIER, François. *Histoire de la derniere revolution des etats du grand Mogol*. Paris: Claude Barbin, 1670; BERNIER, François. *Suite des mémoires du sieur Bernier sur l'empire du grand Mogol*. Paris: Claude Barbin, 1671 e BERNIER, *Voyages de François Bernier Docteur en Medecine de la Faculté de Montpellier*. Tome Second. Sobre a viagem e os libertinos, ver REQUEMORA, *Voyage et libertinage*, p. 120.

¹³⁶ PROSE chagrine. Seconde partie. Paris: Augustin Courbé, 1661, p. 60-72. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6259401n/f5.item> Acesso em: 02 outubro 2024.

¹³⁷ REQUEMORA, *Voyage et libertinage*, p. 119.

questionamentos modernos, relativizando as informações que acessavam e tecendo as suas próprias reflexões.¹³⁸

As viagens experimentadas a partir dos relatos textuais levavam os libertinos a tecerem reflexões sobre a própria realidade, servindo como inspirações, acesso ao conhecimento e o entretenimento através da diversão. Em um pequeno livro denominado *Principes de cosmographie*, publicado anonimamente em 1647 e posteriormente atribuído a Tristan L'Hermite, é possível encontrar uma correlação entre a viagem e a leitura. No prefácio, propõe-se que a obra traria um excelente benefício ao leitor, ao oferecer informações relevantes sobre a geografia de vários territórios, de tal forma que a sua leitura conseguiria substituir a realização de uma viagem:

Se necessário for que tenhas viajado encontrarás aqui algo para refrescar tua memória, do que fazer segundas viagens, que te custariam menos dinheiro e trabalho que as primeiras; e quando teu humor ou teus afazeres não te tenham

¹³⁸ As fontes dialogam, em certa medida, com o pensamento, as discussões e práticas científicas que emergiram no período moderno. Um elemento destacado na minha dissertação: APPELT, Kelly Caroline. *Pensamento libertino e ciência no século XVII: Viagem à Lua e Viagem ao Sol* de Cyrano de Bergerac. Dissertação (Mestrado em História) –Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Foi entre os séculos XVI e XVII que se desenvolveu a chamada Revolução Científica, momento em que se acentuaram a reflexão, a observação e a curiosidade dos seres humanos em relação à natureza (plantas, animais e astros) e ao corpo humano. ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Tradução Antonio Angonese. São Paulo: Edusc, 2001; LESTRINGANT, Frank. *A oficina do cosmógrafo: ou a imagem do mundo no Renascimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. O domínio científico esteve, nesse período, em plena ebulição, e não se pode ignorar o papel dos livros e de outros textos emergentes nesses séculos como materiais fundamentais para a difusão do conhecimento científico (geográfico, astronômico, medicinal) e sua transmissão tanto às gentes de ciência quanto aos demais indivíduos da sociedade. HADDAD, Thomás A. S. Diálogos entre a história da ciência e a história do livro: considerações preliminares. *Circumscribere*, v. 15, 2015, p. 5. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/circumhc/article/viewFile/23627/16926> Acesso em: 22 junho 2025. Ver também: HADDAD, Thomás A. S. Lunar maps and astronomical careers in 17th-century Iberian Peninsula. *Circumscribere*, v. 10, p. 40-51, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/circumhc/article/view/7150/5414> Acesso em: 22 junho 2025; HADDAD, Thomás A. S. Um império de outro mundo: a Lua dos Austrais e a Lua dos astrônomos. In: GESTEIRA, Heloisa Meireles; CAROLINO, Luís Miguel; MARINHO, Pedro (org.) *Formas do Império: ciência, tecnologia e política em Portugal e no Brasil, séculos XVI ao XIX*. São Paulo: Paz e Terra, 2014, p. 121-140. Os estudos sobre a relação do libertinismo com o pensamento científico no período moderno constitui um tema amplamente estudado, como se pode verificar a partir dos seguintes trabalhos: ALCOVER, Madeleine. *La pensée philosophique et scientifique de Cyrano de Bergerac*. Paris-Genève: Librairie Droz, 1970; NÉDELEC, Claudine. Cyrano de Bergerac, entre science et fiction. *L'information littéraire*, v. 57, n. 1, p. 20-27, 2005. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-l-information-litteraire-2005-1-page-20?lang=fr> Acesso em: 23 junho 2025; AÏT-TOUATI, Frédérique. *Fictions of the cosmos: science and literature in the seventeenth century*. Translated by Susan Emanuel. Chicago: The University of Chicago Press, 2011; AÏT-TOUATI, Frédérique. Les maîtres des nuées : machines et cosmologie au temps de Louis XIV. *Revue Fontenelle*, n. 13, p. 38-51, 2021; REQUEMORA, Voyage et libertinage; REQUEMORA, *Voguer vers la modernité*; LIBRAL, Florent. Entre science et fiction: le voyage cosmique comme exercice spirituel (Cyrano et Kircher). *RILUNE — Revue des littératures européennes*, n. 11, p. 35-58, 2017. Disponível em: https://rilune.org/images/Numero_Undici/11_3_LIBRAL.pdf Acesso em: 23 junho 2025; VAN DAMME, Subversive Freedom; VAN DAMME, La mappemonde sceptique; VAN DAMME, Stéphane. *Les voyageurs du doute. L'invention d'un altermondialisme libertin (1620-1820)*. Paris: Fayard, 2023.

permitido ver outros países além de teu lugar natal, se quiseses aprender os nomes de muitos povos, de muitos Mares, Rios, Montanhas, Ilhas, Promontórios, Reinos, Províncias e Cidades, tu não terás nada além do que o trabalho de ler.¹³⁹

As histórias narradas seriam, então, capazes de atingir a imaginação dos leitores a ponto de transportá-los, levando-os a uma imersão no que era relatado e à inserção no universo imaginário do texto. Além disso, é importante ressaltar como esse tipo de escrito, repleto de descrições espaciais, favorecia o desvelamento de saberes geográficos, os quais se tornaram indispensáveis para o desenvolvimento de reflexões divergentes à geografia dominante, que era comumente descrita nos relatos das ordens missionárias. Desse modo, o contributo da viagem, conforme Stéphane Van Damme apontou a partir do que Daniel Roche escreveu, era a abertura para o debate que ela viabilizava, fazendo com que a descoberta do mundo se tornasse um fundamento do pensamento e desenvolvimento das reflexões dos eruditos,¹⁴⁰ incluindo os libertinos.

No “Prélude” de *Page disgracié* de Tristan, o narrador Ariston anunciou como a sua narrativa, embora mesclasse elementos inventivos, colocava em cena os episódios vividos por ele ao longo de sua vida, como suas viagens e seus amores, já que eles eram repletos de “imprevistos”. É justamente por conta dessa diversidade, segundo o próprio narrador, que as histórias ali contadas seriam capazes de agradar os leitores em potencial, ao mesclarem as experiências de vida do pajem com os seus deslocamentos.¹⁴¹ Desse modo, Tristan construiu uma narrativa que convidava o leitor a percorrer, em conjunto com o personagem do pajem, espaços diferentes, atravessando a França – Limousin, Paris, Fontainebleau, Poitiers, Bordeaux, Niort, Clérac –, passando por Inglaterra, Escócia, etc.¹⁴² A temática da viagem foi entrelaçada com a leitura, pois ao longo dos percursos do pajem, os livros foram utilizados como meios de

¹³⁹ Tradução livre: “S’il faut que tu aye voyagé tu trouueras icy dequoy rafraischir ta memoire, & dequoy faire de seconds voyages, qui te cousterent moins d’argent & de peine que les premiers; & quand ton humeur ou tes affaires ne t’auroient pas permis de voir d’autres païs que ton lieu natal, si tu veux apprendre les nomes de beaucoup de peuples, de beaucoup de Mers, Fleuves, Montagnes, Isles, Promontoires, Royaumes, Prouinces & Citez, tu n’as rien qu’à prendre la peine de lire”. PRINCIPES de cosmographie. Tirez d’un manuscrit de Viette, & traduits en françois. Corrigées & augmentées. Rouen: Jean Behourt, 1647, s. p. Disponível: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3103786/f9.item> Acesso 3 de outubro 2024.

¹⁴⁰ VAN DAMME, La mappemonde sceptique, p. 82

¹⁴¹ O trecho em questão seria: “Le recit des choses qui sont inventees a sans doute beaucoup plus d’agrémens, que la relation des veritables : pour ce que d’ordinaire les euenemens d’une vie se trouuent ou comuns, ou rares. Toutesfois la mienne à esté jusqu’à cette heure si trauersée, & mes voyages & mes amours sont si remplis d’accidents, que leur diuersité vous pourra plaire”. TRISTAN L’HERMITE, *Le page disgracié*. Premiere partie, 1643, p. 5

¹⁴² GROVE, Laurence. L’invitation au voyage: Tristan autor du monde. *Cahiers Tristan L’Hermite*, n. XXXVII, 2015, p. 7-10.

aquisição de novos conhecimentos, e mais precisamente, como objetos promotores do prazer, ao gerarem o entretenimento ao pajem. Em um dos deslocamentos que realizou ao lado de sua amada inglesa – para quem ele atuava como preceptor –, o pajem relatou como passou grande parte do percurso lendo em voz alta o romance *Astrée*, uma leitura de várias horas.¹⁴³ A leitura compreendia, nesse sentido, um entretenimento durante o trajeto de viagem, seguindo o modelo de Montaigne, que não viajava sem que estivesse na companhia dos seus livros.¹⁴⁴

A correlação entre a viagem e a leitura pode ser identificada também no frontispício que compõe o segundo volume da peça de Tristan, onde o pajem foi representado lendo, imerso em uma paisagem marítima com barcos e um porto compondo o fundo da imagem. Possivelmente, ele estava lendo uma das cartas que lhe foram endereçadas pela favorita de sua amante inglesa, após o rompimento amoroso que tiveram, e que o levou a abandonar sua corte numa rota de fuga para o norte da ilha britânica. Segundo Émilie Bouvard, o frontispício não necessariamente estava representando um momento específico da narrativa de Tristan, já que cada elemento da imagem faz rememorar ao leitor diferentes instantes e acontecimentos perpassados pelo pajem ao longo da narrativa.¹⁴⁵ Desse modo, o frontispício favorecia não somente a imersão do leitor no universo imaginário elaborado por Tristan, como propiciava uma transição para a segunda parte da sua trama, que descrevia a partida de Ariston para a Escócia, além dos esforços despendidos por ele para retornar ao território francês e os diferentes encontros e serviços que ele prestou durante essa trajetória.

¹⁴³ TRISTAN L'HERMITE, *Le page disgracié*. Première partie, 1643, p. 374. Além de Tristan referenciar o romance pastoral *Astrée* de Honoré d'Urfé, ele também enaltecia a a produção, considerando uma das obras mais sábias e agradáveis: “Personne n’ignore que c’est vn des plus sçauans, & des plus agreables Romans qui soiet em lumiere, & que son illustre Autheur s’est acquis par là vne reputation merueilleuse”. O texto foi publicado em diversas partes e fez muito sucesso entre os leitores mundanos do século XVII: URFÉ, Honoré. *Première partie de L’Astree*. Paris: Toussaints du Bray, 1612. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1191689>

¹⁴⁴ Segundo o que foi relatado em seus ensaios: “Je ne Voyage sans livres, ny en paix, ny en guerre : toutefois il se passera plusieurs jours, et des mois, sans que j eles emploie ; ce sera tantost, fois je, ou demain, ou quand il me plaira : le temps court et s’en v ace pendant, sans me blecer; cari l ne se peult dire combien je me repose et sejourne em cette consideration, qu’ils sont à mon costé pour me donner du plaisir à mon heure, et à recognoistre combien ils portent de secours à ma vie. C’est la meilleure munition que j’aye trouvé à cet humain Voyage; et plains extremement les hommes d’entendement qu’il ont à dire.” MONTAIGNE, *Essais*. Tome troisième, 1828, p. 288.

¹⁴⁵ BOUVARD, Émilie. Étude des deux frontispices du *Page disgracié* (Toussaint Quinet, 1643). In: BERRÉGARD; ADAM, *Sur le Page disgracié*, p. 233.

Figura 17 – Ariston imerso em sua leitura no frontispício da segunda parte de *Page disgracié* de 1643



Fonte: TRISTAN L'HERMITE. *Le page disgracié*. Ov l'on void de vifs caracteres d'hommes de tous temperamens, et de toutes professions. Par Mr de Tristan. Seconde partie. Paris: Toussaint Quinet, 1643. BNF, Ars. 8-BL-22395 (2). Disponível em: ark:/12148/bd6t5783914t. Acesso em: 18 março 2024.

O frontispício clamava pela contemplação, evocando, a partir da composição do cenário, que o leitor adentrasse no espaço da leitura assim como fazia o personagem representado. A presença da temática marítima, ao fundo, estaria relacionada com a proposta da viagem, sendo um lugar explorado com recorrência nos escritos de viagem do século XVII para descrever o tema iniciático do deslocamento, já que o mar compreendia um atributo da elaboração do

simbolismo da navegação.¹⁴⁶ O tema marítimo ainda permitia referenciar os meios de deslocamento utilizados pelo pajem em sua passagem da França até a Inglaterra, e outras regiões percorridas. Além disso, a representação do pajem lendo no frontispício fazia um convite ao leitor, de que ele adentrasse no universo de Ariston e embarcasse no mesmo barco que ele. Juntos, eles contemplariam os movimentos e os reflexos das representações do texto, que, ao narrar as aventuras e os percalços do pajem, também refletia as vivências do próprio Tristan, enquanto leitor e escritor, ao se interpretar as suas narrativas enquanto autobiografias.¹⁴⁷ Deve-se atentar sobre como essa não foi a única oportunidade em que o autor buscou explorar a temática da viagem, sendo um tema prevalecente em outras produções como *La Lyre*, publicada em 1641, e a comédia *Le parasite*, datada de 1654.¹⁴⁸ Desse modo, as viagens de Ariston permitiam a elaboração de um escritor em gestação, onde as suas peregrinações o levavam a tecer observações sobre a humanidade e a traçar a sua própria compreensão sobre o mundo.

As viagens eram compreendidas como um elemento constitutivo do conhecimento do erudito, sendo “uma etapa necessária na formação do indivíduo em uma perspectiva pedagógica, seja como fator de risco, um ascetismo, um mal necessário embora justificado pelo objetivo a ser alcançado”.¹⁴⁹ A partir da ótica de Gassendi, a experiência da viagem poderia ser filosófica ao permitir o acesso aos saberes, principalmente quando relacionados à física e à astronomia. A respeito desse processo, Judith Sribnai indicou como havia uma associação entre a figura do sábio com a do explorador moderno e curioso, uma analogia também encontrada em Francis Bacon, que sugeriu que o erudito percorreria o “pequeno globo do mundo intelectual”, assim como o explorador dava a volta ao mundo. Esse tipo de aproximação entre o sábio e o viajante também serviu, segundo a perspectiva da autora, para a depreciação da figura do erudito, que, muitas vezes, se fechava entre quatro paredes, conforme observou Gassendi.¹⁵⁰

¹⁴⁶ REQUEMORA, *Voguer vers la modernité*, p. 567.

¹⁴⁷ Segundo Bouvard, a leitura de um livro que foi escrito por ele mesmo possibilitaria um olhar sobre si. Ler a si mesmo levaria a compreensão, a observação e a construção de quem ou o que gostaria de ser: “Lire le livre qui s’écrit et compose son être intime, c’est aussi faire preuve à l’égard de soi-même de cette lucidité dont est capable le mélancolique. Se lire pour se comprendre, s’écrire pour se voir tel que l’on est ou se construire tel qu’on le souhaite, et s’amuser de soi avec mélancolie, c’est aussi le projet du Page – et un sourire s’esquisse sur nos frontispices”. BOUVARD, Émilie. *Étude des deux frontispices du Page disgracié* (Toussaint Quinet, 1643). In: BERRÉGARD; ADAM, *Sur le Page disgracié*, p. 237.

¹⁴⁸ TRISTAN L’HERMITE. *La lyre dv sievr Tristan*. Paris: Avgustin Covrbé, 1641; TRISTAN L’HERMITE. *Le Parasite, comedie par M^r Tristan*. Paris: Avgvstin Covrbé, 1654.

¹⁴⁹ BRIAN, *Voyage et pratiques savantes et érudites (XVII^e-XIX^e siècle)*.

¹⁵⁰ SRIBNAI, *Pierre Gassendi*, p. 41

Por mais que eu possa enaltecer os eruditos que abundam nas cidades, que se fecham entre quatro paredes por um mudo desgosto da natureza, pois eles se ocupam da verdade e do conhecimento das coisas somente nos livros, mas negligenciam as coisas em si, não se pode dizer com qual veneração e benevolência eu acolho em minha casa o pequeno número daqueles que, de tempos em tempos, retiram os seus pés das Musas para contemplar de rosto descoberto a própria majestade da natureza.¹⁵¹

Desse modo, a prática era vista como essencial para que o erudito pudesse reter conhecimentos. Para além do isolamento em seu pequeno gabinete, repleto de livros, folhas e outros instrumentos, o indivíduo precisava percorrer o mundo em busca de saberes e curiosidades visando a sua autonomia de pensamento. E o deslocamento permitiria o contato com a natureza, que deveria ser dedicado à experimentação e também à busca por novas fontes de saberes, materiais, vestígios arqueológicos, paisagens, minerais, espécimes da flora e da fauna e outros componentes ainda não observados *in-loco*. A viagem era uma incentivadora do estabelecimento desse contato.¹⁵² E, para além disso, ela oferecia a oportunidade para que o sábio mergulhasse profundamente na natureza, na busca de decifração do espaço habitado, servindo de base para a formulação de teorias, explicações e cálculos conforme a imersão e a observação.¹⁵³

Sendo assim, as representações sobre a experiência prática do saber através da viagem podem ser identificadas nas produções filosóficas e literárias do século XVII, como nos textos de Naudé, La Mothe Le Vayer, Patin e Gassendi. Nos escritos epistolares deste último, meio pelo qual ele se comunicava com os sábios de diversas localidades da Europa, o tema da viagem era frequente. Em alguns dos seus deslocamentos, o filósofo contou com a companhia de outras

¹⁵¹ Tradução livre: “Aussi vrai que je peux magnifier les érudits dont les cités abondent, qui s’enferment entre quatre murs par un muet dégoût de la nature, parce qu’ils s’occupent de la vérité et de la connaissance des choses seulement dans les livres, mais négligent les choses elles-mêmes, on ne peut dire avec quelle vénération et quelle bienveillance je recueille chez moi le petit nombre de ceux qui retirent de temps en temps leur pied de chez les Muses pour contempler à visage découvert la majesté même de la nature”. GASSENDI, *Lettres latines*, p. 4.

¹⁵² BRIAN, *Voyage et pratiques savantes et érudites (XVII^e-XIX^e siècle)*.

¹⁵³ Para Galileu, a compreensão da natureza se daria por meio da observação e, mais do que isso, através do aprendizado humano de uma das línguas em que ela poderia ser des/escrita: a matemática: “La philosophie est écrite dans ce vaste livre qui constamment se tient ouvert devant nos yeux (je veux dire l’Univers), et l’on ne peut le comprendre si d’abord on n’apprend à connaître la langue et les caractères dans lesquels il est écrit. Or, il est écrit en langue mathématique, et ses caractères sont les triangles, les cercles, et les autres figures géométriques, sans lesquels il est humainement impossible d’en comprendre un mot -sans lesquels on erre vainement en un labyrinthe obscur”. GALILÉE. *L’Essayeur*. Les Belles Lettres, 1980. In: *Le Opere di Galileo Galilei*. Firenze: Barbèra, 1899-1909, t. VI, p. 232 citado por ALUNNI, Charles. De l’écriture de la mutation à la mutation de l’écriture : de Galileo Galilei et Leonardo da Vinci au “technogramme”. In: NICOLAS, François (Éd.). *Les mutations de l’écriture*. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2013. Grifo nosso. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.psorbonne.1761> Acesso em: 25 setembro 2024.

peessoas, tal como o seu amigo François Luillier, quem o acompanhou em uma viagem para os Países Baixos no ano de 1629, com o objetivo de cumprirem uma missão científica em nome de Peiresc.¹⁵⁴ Após essa viagem, Gassendi chegou a enviar ao sábio uma descrição das paisagens atravessadas.¹⁵⁵ Nesse caso, o prazer da viagem podia ser redobrado, pois conseguia compartilhar com outro sábio como ele as descobertas e experiências do deslocamento. Além dessa ocasião, Gassendi efetivou muitas outras viagens, tanto que ele se via como um homem do mundo, pouco importando a nação em que estivesse para que ele se sentisse em casa, indicando a convicção na concepção do universalismo, conforme as propostas de filósofos antigos como Diógenes, Sócrates e Cícero.¹⁵⁶ Uma tal perspectiva estaria correlacionada com o modo de vida que os seres espirituais do Sol descreveram para Dyrcona. Sendo assim, ser erudito nesse período compreendia o deslocamento como um elemento fundamental, uma experiência que garantia a formação de julgamento e servia como um meio do sábio se libertar das múltiplas fronteiras.¹⁵⁷

Para Dassoucy, a viagem detinha a capacidade de garantir o aprendizado. Ele destacou isso na epístola e no prefácio de suas *Aventures*, ao indicar os ensinamentos obtidos ao superar as provações enfrentadas em seus deslocamentos: “depois de ter vagado por muito tempo contra o vento e a maré sobre um mar tempestuoso, ter[ia] finalmente alcançado um porto feliz”.¹⁵⁸ No entanto, os maiores beneficiados com as suas obras seriam os leitores que entrariam em contato com as histórias dos seus percursos e adversidades, tendo a oportunidade de se tornarem mais sábios ao receberem os estímulos imaginativos dos seus escritos. Um aspecto que ele fez questão de frisar ao se referir ao “sábio leitor” com as seguintes palavras:

¹⁵⁴ Segundo Sylvie Taussig, teria sido nessa mesma viagem que Gassendi e Luillier visitaram, em Amsterdam, o gabinete de curiosidades de Wassenaer. Eles também teriam passado pela abadia e a biblioteca de Saint-Vass, as igrejas, os túmulos e o teatro anatômico em Leyde, e em Dordrecht teriam escutado as dissertações de Beeckman sobre o movimento do vácuo e o peso do ar. O deslocamento deles teria, então, favorecido a aquisição de novas percepções e conhecimentos filosóficos e científicos. GASSENDI, *Lettres latines*, p. 50.

¹⁵⁵ *Idem*, p. 34

¹⁵⁶ Em uma carta de resposta a Jacques Golius, datada de 8 de março 1630, Gassendi declarou: “J’appartiens au monde et tant que cela va bien (et cela peut facilement bien aller) peu importe dans quelle nation je me trouve”. Em nota, Sylvie Taussig referenciou um trecho onde o filósofo escreveu em *Vie de Peiresc* que o ser humano não pertencia a uma única região, mas ao mundo como um todo: “[Peiresc] pensait dès lors qu’un esprit libre pouvait quitter le préjugé selon lequel le vulgaire pense que la loi naturelle, c’est tout ce qui lui est d’usage, et que rien ne se fait de bon qui appraise comme étant étranger à ses mœurs. Quand, tout ayant été discute, il aura vu que toutes les autres nations aussi justifient leur mœurs par leurs bonnes raison et que chacune récuse les pratiques de toutes les autres, alors il peut élever sa propre pensée au-dessus du comportement vulgaire et, s’il est disposé à défendre son système, il se montrera cependant équitable envers tous les hommes et deviendra, comme Socrate, non pas seulement le citoyen d’une région, mais celui de l’univers tout entier”. *Idem*, p. 57 e p. 68

¹⁵⁷ PINTARD, *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVIIe siècle*, p. 101.

¹⁵⁸ Tradução livre: “après avoir long-temps vogué contre vent & marée sur une mer orageuse, ay finalement attrapé un heureux Port”. DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D’Assoucy*. Tome premier, s. p.

Leia então, e lendo aproveite das minhas desgraças; ria, sábio Leitor, e rindo das minhas loucuras, torne-se ainda mais sábio às minhas custas, e se nesse início você encontrar alguma coisa digna do teu espírito, não desconsidere em me acompanhar até o fim da minha viagem, cuja sequência milagrosa te fará um quadro da vida humana ainda mais digno de ser conservado.¹⁵⁹

Compreende-se a partir do trecho como Dassoucy estava propondo uma metáfora da contemplação, como se as suas obras fossem quadros a serem observados e admirados. Nesse caso, a temática da viagem serviria à ambição de instruir e de agradar os leitores, conforme pontuou Laurence Rauline, o que permitia que a aprendizagem ocorresse simultaneamente à diversão, conforme a leitura dos textos avançava.¹⁶⁰

Essa preocupação estaria relacionada com o aumento de leitores interessados nas narrativas de viagem. Um tipo de escrito que, inicialmente, era destinado a uma minoria, como os humanistas e cosmógrafos, mas que durante o século XVII ultrapassou as fronteiras dos especialistas, atraindo um grande “público cultivado” e se tornando uma de suas leituras preferidas.¹⁶¹ O libertino Charles Sorel foi um dos escritores que observou esse efeito na obra *La Bibliothèque Française*, ao reconhecer a predileção por esse tipo de narrativa entre os públicos: “Também se diz que os Livros de Viagem são os Romances dos Filósofos, seja para mostrar que os Filósofos obtêm tanto prazer neles, quanto as Pessoas do Mundo encontram em seus Romances, ou que eles consideram Fábulas as mais grandes Verdades de todos esses Livros, ao preço da certeza de sua Ciência”.¹⁶² Identifica-se, então, como a narrativa de viagem transcendeu as fronteiras do meio cultivado, passando a interessar “as pessoas do mundo”.

Esse aspecto pode ser correlacionado com o anúncio do impressor Augustin Courbé, na obra *Le Parasite* de Tristan, a respeito de uma nova publicação que estava a caminho de sua prensa. Ele ressaltou aos leitores que, mesmo aqueles que não eram familiarizados com a leitura

¹⁵⁹ Tradução livre: “Ly donc, & lisant profite de mès disgraces ; ry, sage Lecteur, & tout riant de mès folies, fay-toy encore plus sage à mès dépens ; & si dans ce debut tu trouve quelque chose digne de ton esprit, ne dédaigne jusqu’à la fin de mon Voyage, dont la suite miraculeuse te fera un tableau de la vie humaine d’autant plus digne d’estre conservé”. *Idem, ibidem*.

¹⁶⁰ RAULINE, Laurence. Parole libertine et art de voyager. In: BERTRAND, *Avez-vous lu Dassoucy?*, p. 228.

¹⁶¹ REQUEMORA, Sylvie, p. 249-250 citado por APPELT, Kelly Caroline. *Pensamento libertino e ciência no século XVII: Viagem à Lua e Viagem ao Sol* de Cyrano de Bergerac. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019, p. 91.

¹⁶² Tradução livre: “Aussi dit-on, Que les Liures de Voyages sont les Romans des Philosophes, soit pour monstrier que les Philosophes y prennent autant de plaisir, que les Gens du Monde sont dans leurs Romans, ou qu’ils tiennent pour des Fables les plus grandes Veritez de tous ces Livres-là, au priz de la certitude de leur Science”. SOREL, Charles. *La Bibliothèque Française de M. C. Sorel, ou le choix et l’examen des lires françois qui traitent de l’éloquence, de la philosophie, de la dévotion et de la conduite des moeurs*. Paris: Libraires du Palais, 1667, p. 148.

de narrativas de viagem, conseguiriam se divertir com a futura publicação de Tristan, pois ela trazia aventuras e informações relevantes sobre outras regiões do mundo:

Minhas prensas se preparam para a impressão do seu Romance da *Coromene*, que é uma outra peça onde o Teatro se estende sobre todo o Mar Oriental, e onde os Personagens são os maiores Príncipes da Ásia. Aqueles que são versados pela História não tomarão um prazer medíocre, e mesmo as pessoas que não tenham feito leitura de algum Livro de viagem em seus bairros não deixarão, na minha opinião, de provar bastante do dulçor ao ler as maravilhosas aventuras que se encontram como quadros, da pluma de Mr Tristan.¹⁶³

A temática da viagem parecia deter prestígio o suficiente para ser sinalizada, o que poderia elevar o interesse da obra aos futuros leitores. Um aspecto tocante do trecho é como o escrito de Tristan foi comparado a um quadro, uma tela que deveria ser apreciada e do mergulho na sua história através da imaginação dos leitores, fornecendo informações e belas descrições que divertiam. Em *Le page disgracié*, Ariston também propôs como a leitura sobre a geografia ou as viagens forneceriam instruções sobre os espaços que almejava visitar ao reencontrar o seu filósofo, o que conheceu durante o deslocamento para Londres, mas com a infeliz separação quando o pajem seguiu para a Inglaterra. Na sua percepção, era através desses leituras que ele se informaria sobre os espaços que almejava conhecer, conforme o excerto: “[Eu] não sonhava mais que ler os livros de Geografia, e de diversas viagens, para considerar lá dentro a temperatura dos climas, e a natureza e costume dos povos, que eu me propus de ir visitar com o meu instruído guia, quando ele vir me encontrar aqui, segundo os seus sermões”.¹⁶⁴

O tema da viagem detinha, portanto, preponderância naquele contexto, passando a integrar diferentes gêneros e textos. Esse feito pode ser relacionado com o que o historiador Paul Hazard constatou em seu estudo sobre a “crise de consciência europeia”, sobre a narrativa de viagem constituir um gênero literário de fronteiras imprecisas, podendo conter de tudo um

¹⁶³ Tradução livre: Mes presses se preparent pour l'impression de son Roman de la Coromene, qui est vne autre piece dont le Theatre s'estend sur tout ela Mer Orientale, & dont les Personnages sont les plus grands Princes de l'Asie. Ceux qui sont versez dans l'Histoire n'y prendront pas vn medíocre plaisir, & mesmes les personnes qui n'auront fait lecture d'aucun Livre de Voyage em ces quartiers, ne laisseront pas à mon auis, de gouter beaucoup de doucer à lire les merueilleuses auentures qui s'y trouueront comme peintes, de la plume de M^r Tristan”. TRISTAN L'HERMITE. *Le Parasite Comedie*. Paris: Avgvstin Courbé, 1654, f. ã iij.

¹⁶⁴ Tradução livre: “[Je] ne songeay plus qu'à lire dans des liures de Geographie, & de diuers voyages, pour considerer là dedans la temperature des climats, & la nature & coustume des peuples, que je me proposois d'aller visiter avec mon docte guide, quand il seroit venu me reprendre-là, selon ses sermens”. TRISTAN L'HERMITE, *Le page disgracié*. Premiere partie, 1643, p. 251-252.

pouco – dissertações eruditas, catálogos de museus ou histórias de amor. Mesmo com tanta variabilidade, a viagem triunfava: “Podia ser um relato pesado, sobrecarregado de ciência, ou um estudo psicológico, ou um simples romance, ou tudo ao mesmo tempo. Podiam criticá-lo ou elogiá-lo, mas tanto os elogios quanto as críticas mostravam o lugar importante que ocupava, e a impossibilidade de viver sem ele”.¹⁶⁵ Assim, o relato de viagem permitia a conexão e a difusão de saberes geográficos, culturais e científicos para um público ampliado, congregando múltiplos conhecimentos e diferentes abordagens, que ampliavam ainda mais a sua importância e o seu interesse para os leitores.

A plasticidade das narrativas de viagem também fascinava os libertinos, pois, ao lê-las, encontravam inspirações que se alinhavam à liberdade criativa que exploravam em seus textos. Nessas obras, no caso de Cyrano, Dassoucy, Tristan e Chapelle, tratavam de viagens que revelavam regiões do globo, as disparidades dos costumes, os diferentes modos de pensar, proporcionando conhecimento, autonomia e oportunidades para o desenvolvimento de críticas através das experiências dos personagens. Os saberes adquiridos com as viagens permitiam que os libertinos questionassem as estruturas de pensamento da sociedade em que viviam, desenvolvendo seu ceticismo e a oposição ao dogmatismo reinante no território francês.

Essas propostas possibilitaram a exploração de regiões mais distantes como o céu, fomentando as imaginações e ampliando a percepção dos agentes sobre o cosmos. A questão sobre a imensidão do mundo poderia provocar questionamentos nos indivíduos, sobre a emergência do universo, a existência da humanidade e o seu fim. Nesse sentido, a viagem servia como um instrumento de “desencantamento”, na medida que expandia os espíritos, transformando os escritos dos libertinos em campos de reflexão, onde eles teciam suas elucubrações e investigações sobre as “verdades” propagadas pelas instâncias de poder. Nesse sentido, o projeto viático do libertino poderia compreender uma empreitada científica conforme indicou Requemora,¹⁶⁶ que possibilitava desvelar um mundo diferente e muito maior do que os seres humanos imaginavam, transformando os espaços – terrenos e extraterrenos – em temas de investigação e de exploração imaginários, o que poderia elevar a compreensão humana sobre a própria existência e a conjuntura em que viviam.

Alguns libertinos se aprofundaram mais na reflexão e promoção da “nova ciência”, como foi o caso de Cyrano em *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol* ao propor deslocamentos extraterrestres. A nova astronomia, impulsionada pelos trabalhos de Galileu Galilei e Johannes

¹⁶⁵ HAZARD, *A Crise da consciência europeia*, p. 25

¹⁶⁶ REQUEMORA, *Voguer vers la modernité*, p. 823.

Kepler, emergiu com força no século XVII, apresentando a importância dos instrumentos e da observação do céu, o que permitiu formular interpretações desse espaço distintas daquelas descritas pelo âmbito teológico. O céu como morada de Deus, segundo o Novo Testamento, passou a ser visto como um campo de estudo, um ambiente que poderia ser investigado a partir dos olhos e cálculos humanos.¹⁶⁷ Assim, da mesma forma que as viagens podiam ser interessantes para os sujeitos da época porque desvelavam características diversas e diferentes sobre a Terra, os estudos astronômicos conseguiram mostrar como o céu era um espaço intrigante por ser insuficientemente conhecido, que desvendava a grandiosidade e complexidade do mundo habitado. Os saberes geográficos e astronômicos podiam se sobrepor, permitindo a ampliação de conhecimento sobre o universo, conforme verificou Dyrcona ao ascender ao céu com auxílio de uma máquina tipo icosaedro que o levou até o Sol. Durante esse trajeto de ascensão, o viajante enfatizou como a experiência permitiu que ele visualizasse com mais clareza o movimento do planeta Terra e as suas regiões:

Eu conheci muito distintamente, como outra vez eu havia suspeitado ao subir a Lua, que na verdade é a terra que gira do oriente ao ocidente ao entorno do sol, e o sol em torno dela, porque eu via próximo da França, o pé da bota da Itália, depois o mar Mediterrâneo, depois a Grécia, depois o Bósforo, o Ponto Euxino, a Pérsia, as Índias, a China, e enfim o Japão, passar sucessivamente cara a cara do buraco do meu compartimento; e algumas horas depois da minha elevação, todo o mar do Sul havia virado deixando em seu lugar o continente da América. Eu distingui claramente todas essas revoluções.¹⁶⁸

As observações do viajante indicavam como a sua leitura estava em consonância com as reflexões sobre o movimento dos corpos celestes que havia sido apontado nos escritos de Kepler e Galileu.¹⁶⁹ Em seguida, Dyrcona analisou os planetas, como Vênus, Mercúrio, e os pequenos mundos que se moviam em torno de astros como Júpiter, indicando o seu

¹⁶⁷ DELUMEAU, *O que sobrou do paraíso?*, p. 269 e p. 371. A quarta parte da obra (p. 373-506), em específico, traz reflexões importantes sobre como os seres humanos alteraram a sua relação com a religião e passaram a compreender o céu.

¹⁶⁸ Tradução livre: “Je connus très distinctement, comme autrefois j’avais soupçonné en montant à la lune, qu’en effet c’est la terre qui tourne d’orient en occident à l’entour du soleil, et non pas le soleil autour d’elle; car je voyais en suite de la France, le pied de la botte d’Italie, puis la mer Méditerranée, puis la Grèce, puis le Bosphore, le Pont-Euxin, la Perse, les Indes, la Chine, et enfin le Japon, passer successivement vis-à-vis du trou de ma loge; et quelques heures après mon élévation, toute la mer du Sud ayant tourné laissa mettre à sa place le continent de l’Amérique”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 213.

¹⁶⁹ KEPLER, Johannes. *Astronomia Nova*. Heidelberg: Vögrlin, 1609; KEPLER, Johannes. *Somnium*. Frankfurt: Sagani Silesiorum, 1634.; GALILEI, Galileu. *Sidereus nuncius*. Venice: Thomas Baglionum, 1610.

conhecimento sobre os satélites desses globos. Após várias linhas refletindo sobre eles, o viajante passou a elucubrar ideias sobre a emergência da humanidade e as possíveis gerações anteriores a ela:

Há muitos séculos atrás, além dos quais não apareceu nenhum vestígio do gênero humano: pode ser que anteriormente a terra era um sol povoado de animais proporcionais ao clima que os havia produzido; e pode ser que esses animais eram os demônios que a Antiguidade conta tantos exemplos. Porque não? Não se poderia fazer que esses animais, desde a extinção da terra, ainda vivessem por lá há algum tempo, e que a alteração do seu globo não tenha destruído ainda toda a raça?¹⁷⁰

Os trechos indicam como à medida que o universo era desvelado, o seu funcionamento e sua composição eram melhor compreendidos, o que abria a possibilidade de que os indivíduos fizessem suas elucubrações, construindo imaginações e questionamentos sobre os espaços e a emergência da humanidade. Por isso os libertinos apreciavam as viagens, pois o deslocamento permitia o encontro com “as maravilhas” do mundo, conforme indicou a Dyrcona o guia Campanella, quando eles estavam na região solar denominada como Província dos filósofos. De acordo com o sábio, o viajante deveria se sentir bem-aventurado de ter a oportunidade de ver com os seus próprios olhos as maravilhas do Sol, que consistia em “um bem, para os habitantes do seu globo”, pois sem o viajante, eles “estavam em perigo de viver em uma grosseira ignorância, e de experimentar mil dulçores sem saber de onde elas vinham”.¹⁷¹ A prática da viagem levava, então, os envolvidos ao encontro de novas descobertas, estimulando questionamentos, reflexões e imaginações, alcançando desde os escritores e personagens da obra até os leitores dela.

Os viajantes das obras libertinas também eram levados a experimentar sensações corporais, muitas vezes prazerosas, durante os seus deslocamentos. Conforme ocorreu com Dyrcona em sua elevação para o Sol, ao ter relatado como ele começou a sentir alegria, um contentamento que “colava sobre o seu sangue” e parecia atingir a sua alma, até que ele

¹⁷⁰ Tradução livre: “Il y a des siècles fort éloignés, au-delà desquels il ne paraît aucun vestige du genre humain: peut-être qu’auparavant la terre était un soleil peuplé d’animaux proportionnés au climat qui les avait produits; et peut-être que ces animaux-là étaient les démons de qui l’Antiquité raconte tant d’exemples. Pourquoi non? Ne se peut-il pas faire que ces animaux, depuis l’extinction de la terre, y ont encore habité quelque temps, et que l’altération de leur globe n’em ait pas détruit encore toutes la race?” CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 215.

¹⁷¹ Tradução livre: “un bien, pour les habitants de votre globe”; “ils étaient en danger de vivre dans une grossière ignorance, et de goûter cent douceurs sans savoir d’où elles viennent”. *Idem*, p. 317.

percebeu como o seu corpo se tornava transparente, mesmo que os seus órgãos tenham mantido uma cor aproximada do natural. A metamorfose pela qual passou o viajante também atingia os seus movimentos, que ocorriam de forma diferente naquele mundo, não precisando mais tocar o chão, tal como ele indicou: “eu rolava sempre como uma bola, sem que eu me encontrasse incomodado de caminhar com a cabeça, não mais que com os pés. (...) Sobre qualquer lugar do meu corpo que eu me colocasse, sobre a barriga, sobre as costas, sobre um cotovelo, sobre uma orelha, eu lá me encontrava de pé”.¹⁷² Ao desbravar um ambiente ainda pouco conhecido, como o Sol, a imaginação do escritor concebia, através de Dyrcona, mudanças e experiências imaginativas suficientemente distintas daquelas vividas na Terra, identificando a imaginação como uma aliada na projeção das alterações corporais que o personagem podia sentir em um espaço extraterrestre. Dessa forma, a chegada em outro mundo, de natureza diferente, ocasionava alterações corporais e a experimentação de movimentos que faziam com que o viajante desfrutasse o prazer do deslocamento, caracterizando positivamente as transformações vivenciadas conforme prosseguia e era levado ao encontro da sua própria subjetividade.

A viagem permitia que os libertinos experimentassem uma espécie de autonomia dos seus corpos e dos seus pensamentos de acordo com as descobertas dos seus trajetos. Por isso o deslocamento poderia ser como um pretexto para os jogos libertinos, burlescos e irônicos, de desbravamento do imaginário e da escrita enquanto criação imaginativa, ao tratarem de temas existenciais, reflexivos e filosóficos. Na travessia de Dassoucy pela Europa, ele indicou o prazer que tinha em realizar a sua caminhada a pé, pois ela permitia a imersão na natureza, demarcando o que seria considerado como viver bem em liberdade,¹⁷³ ao buscar se deleitar com essa experiência:

Me importa pouco que me vejam ir a pé desde que eu encontre meu prazer e minha saúde. Quando eu vou a pé, como esse movimento é natural, e que o outro é contra a intenção da natureza que nos deu os pés assim bem como ao resto dos animais, afim de nos servir sem incomodar ninguém, eu experimentei todos os dulçores que o exercício comunica àqueles que, como, eu conhecem o benefício e a utilidade dele. Quando eu faço uma viagem a pé, não é para poupar elogio de um cavalo, no lugar de ter todo o dia os ferros aos pés e os obstáculos nas pernas, e as duas mãos ocupadas, uma no freio e outra a enforçar sua cabeça, qual prazer de ir com os braços pendentes com um bom par de sapatos chatos, e sem medo de romper o pescoço, ou de atingir os olhos

¹⁷² Tradução livre: “je roulais souvent comme une boule, sans que je me trouvasse incommode de cheminer avec la tête, non plus qu’avec les pieds. (...) Sur quelque endroit de mon corps que je me plantasse, sur le ventre, sur le dos, sur un coude, sur une oreille, je m’y trouvais debout”. *Idem*, p. 233.

¹⁷³ DASSOUCY, *Les Aventures et les Prisons*, p. 77-78.

em algum galho de árvore; *de caminhar em um campo como um Filósofo que faz uma volta para ir em seu jardim*; de andar tanto sobre o veludo verde de um tapete gramíneo, e costeando um pequeno fluxo da água e pisando os pés nos mesmos traços que as Fadas dançando em roda deixaram as impressões nas flores de um prado.¹⁷⁴

A trajetória de descoberta permitia a apreciação de uma vida independente, através da caminhada, reconectada com a natureza e a sua riqueza. Esse contato permitiria a aquisição de conhecimentos e levaria a uma elaboração individual – poética, imaginativa e filosófica – sobre a experiência perpassada. A imersão na natureza, descrita de forma tão poética e paradisíaca por Dassoucy – um elemento também identificado nos textos de Cyrano, principalmente quando Dyrcona chega na Lua e no Sol e descreve a natureza dos outros mundos evocando os jardins do Paraíso –, possibilitaria que ele vivenciasse a sua independência como um filósofo afastado das atribulações do mundo ao longo da caminhada.¹⁷⁵ Desse modo, ele experimentava uma vida solitária, tranquila e filosófica, limitada à experimentação e às suas atividades de meditação e descoberta. Essa constância somente seria possível a partir da contemplação e do contato com a natureza, ao se voltar para os acontecimentos terrenos, ao tecer um elogio ao que seria uma imersão ideal:

Que prazer (...) de ficar o tanto que se quiser e de contemplar o tanto quanto o agrada cada objeto que lhe pareça agradável; de colher espinheiro ou a rosa mosqueta sobre um arbusto; (...) repousar à beira de uma lagoa de um riacho ou de algum pequeno rio, de lá ver as ondas fluírem e os pequenos peixes nadarem, de passar o calor do dia tanto ao frescor das águas, como ao ombro de alguma grande árvore espessa, e sem temer que vão lhe fechar as portas de uma cidade, dormir ao doce som do murmúrio dos Zéfiro ou da música dos pássaros; que delícia depois de ter feito três lugares a pé, de se encontrar

¹⁷⁴ Tradução livre: “Il m’importe peu qu’on me voye aller à pied pourveu que j’y trouve mon plaisir & ma santé. Quand je vais à pied, comme ce mouvement est naturel, & que l’autre est contre l’intention de la nature qui nous a donné des pieds aussi bien qu’au reste des animaux, afin de nous en servir sans incommoder personne, j’éprouve toutes les douceurs que l’exercice ce comunique à ceux qui comme moy en connoissent le profit & l’utilité. Quand je fais une Voyage à pied, ce n’est pas pour épargner le loüage d’un cheval, au lieu d’avoir le jour les fers aux pieds & les entraves aux jambés, & les deux mains occupées, l’une à la bride & l’autre à enforcer son chapeau, quel plaisir les bras pendans avec une bonne paire de souliers plats, & sans craindre de se rompre le col, ou de se crever les yeux à quelque branche d’arbre; *de se promener dans une campagne comme um Philosophe qui fait un tour d’allée dans son jardin*; de marcher sur le velours verd d’un tabis herbu, & tantost costoyant um petit ruisseau fouler aux pieds les mesme traces que les Fées dansant en rond laissé empreintes dans l’émail d’une Prairie”. DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D’Assoucy*. Tome premier, p. 104-108. Grifo nosso.

¹⁷⁵ Dyrcona também reconhecia a importância da caminhada, no trecho: “Je pense que je n’eusse jamais fini ma promenade, car l’agréable diversité du lieu me faisait toujours découvrir quelque chose de plus beau”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 274.

inesperadamente sobre o alto de um pequeno monte, e ver seu abrigo, e para contemplá-lo com o maior contentamento e lazer, se sentar sobre a madeira e o tomilho.¹⁷⁶

O excerto seria representativo sobre a perspectiva de um filósofo que vivenciava em seu jardim terreno o prazer natural do mundo à sua volta, o que pode ser correlacionado com o alerta emitido por Lucrécio, ao indicar como os indivíduos deveriam apreciar a vida no agora, desconsiderando a busca por um “império inane que nunca se mostra a nenhuma pessoa” no *post-mortem*.¹⁷⁷ Uma posição filosófica aproximada da consideração de Montaigne, sobre a necessidade de os indivíduos buscarem pela glória através de uma existência tranquila, que somente seria possível de alcançar se eles a procurassem em seu particular.¹⁷⁸ Essa percepção havia sido declarada anteriormente por Epicuro, na Carta a Meneceu, sobre a tranquilidade [*ataraxia*] da alma ser o fim de uma vida bem-aventurada, em que não haveria nem dor ou temor.¹⁷⁹

A imersão na natureza, através de suas viagens, levaria os libertinos a vivenciarem os prazeres naturais – já que o prazer era o princípio e o fim de uma vida afortunada –,¹⁸⁰ que afetavam os corpos e sentidos, conforme o exemplo de Dassoucy que descreveu como ele se deleitava com os aromas da vegetação, apreciando a vista natural, e sentindo o toque do vento e das plantas em sua pele. Tais prazeres afetavam os seus espíritos, despertando as suas imaginações, gerando-lhes pensamentos, reflexões e contentamentos conforme usufruíam dos espaços de tranquilidade. Uma percepção correlacionada com a confissão de Montaigne sobre os benefícios da peregrinação que realizou pelo mundo, ao indicar o seu próprio exemplo na declaração: “eu corri, de uma extremidade do mundo a outra, buscar um bom ano de tranquilidade prazerosa e alegre, eu que não tinha outro fim a não ser viver e me regozijar”.¹⁸¹

¹⁷⁶ Tradução livre: “Quel plaisir (...) de rester tant qu’on veut & de contempler tant qu’il vous plaist chaque objet qui vous paroist agreable; de cuëillir l’aubépine ou la roze muscade sur un buisson; (...) vous reposer sur le bord d’un étang, d’un ruisseau ou de quelque petite riviere, d’en voir couler les ondes & nager les petits poissons, de passer le chaud du jour tantost à la fraîcheur des eaux, & tantost à l’ombre de quelque grand arbre touffu, & sans craindre qu’on vous ferme les portes d’une ville, s’endormir au doux murmure des Zephirs ou à la musique des oyseaux; quel delice après avoir fait ainsi trois lieuës à pied, de se trouver inopinément sur le haut d’un petit tertre, y voir son giste, & pour le contemples avec plus d’aize & de loisir, s’asseoir sur le tin & le jerpolet”. DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D’Assoucy*. Tome premier, p. 107-109.

¹⁷⁷ LUCRÉCIO, *Sobre a natureza das coisas*, p. 219.

¹⁷⁸ MONTAIGNE, *Essais*. Tome troisième, 1828, p. 15.

¹⁷⁹ EPICURO, *Cartas & máximas principais*, p. 87.

¹⁸⁰ Epicuro indicou suas Máximas principais: “Nenhum prazer é em si mesmo mau, mas aquilo que produz alguns deles traz consigo perturbações muitos maiores do que os prazeres”. *Idem*, p. 87 e p. 128.

¹⁸¹ Tradução livre: “je courrois, d’un bout du monde à l’autre, chercher un bon an de tranquillité plaisante et enjouee, moy qui n’ay aultre fin que vivre et me rejouir”. MONTAIGNE, *Essais*. Tome troisième, 1828, p. 309.

Assim, a caminhada de Dassoucy, bem como de Dyrcona, possibilitava a apreciação da natureza de forma mais detida, um aspecto que evidencia como os escritores libertinos identificavam a viagem como um meio de encontrar a natureza, esse ambiente em que poderiam ser o que eles gostariam de ser sempre: filósofos livres em seus pequenos impérios naturais.

O elogio à natureza também compreende uma característica encontrada em *Voyage* de Chapelle e Bachaumont. O texto, redigido como se fosse uma carta que alternava verso e prosa, descreve o deslocamento de dois amigos – Chapelle e Bachaumont – que saíram de Paris afim de aliviarem as suas dores estomacais nas águas termais de Encausse.¹⁸² Um pretexto ideal para que rememorassem os bons momentos da viagem e os encontros que tiveram com seus pares, indicando as delícias experimentadas ao longo do caminho – muitas delas gastronômicas –, como quando descreveram o belo jardim de um dos seus amigos por onde passaram:

Apesar da injustiça do curso
Nesse agradável eremitério,
Ele flui docemente os seus dias,
E vive ali verdadeiramente sábio
(...) Nós passamos os dias inteiros em uma pequena ilha firme e mantida
assim própria como um jardim, no qual se encontra, como por milagre, uma
fonte que jorra e vai molhar o alto do berço de grandes ciprestes que o
circundam.¹⁸³

A descrição evidencia a afeição dos escritores pelos temas naturais, como a água, o jardim e a busca por tecerem uma descrição galante, tratando de aspectos agradáveis do deslocamento, como se o relato fosse derivado de uma conversa, ou melhor, de uma escrita prazerosa que era tecida conforme os escritores se movimentavam.¹⁸⁴ Uma apreciação descritiva endereçada aos irmãos Broussin: “nós não deixamos ainda de lhes enviar o relato de tudo o que se passou na nossa Viagem, tão particular, que vocês serão seguramente

¹⁸² Encausse-les-Thermes ficava a 16 km de Saint-Gaudens, e era reconhecida pelas suas águas termais. CHAPELLE; BACHAUMONT, *Voyage d'Encausse*, p. 82.

¹⁸³ Tradução livre: Malgré l'injustice des cours/ Dans cet agreable hermitage/ Il coule doucement ses jours, *Et vit en véritable sage.* (...) Nous passions les journées entieres dans une petite Isle plantée, & ténue aussi propre qu'un jardin, & dans laquelle on trouve, comme par miracle, une fontaine qui jaillit, & va mouiller le haut d'un berceau de grands cyprès qui l'environnent”. CHAPELLE; BACHAUMONT, *Voyage de messieurs de Bachaumont, et la Chapelle*. In: RECUEIL de quelques Pieces Nouvelles et Galantes, p. 57-69. Grifo nosso.

¹⁸⁴ GIRAUD, Yves Giraud. L'hybridation formelle dans le Voyage de Chapelle et Bachaumont et les modalités de l'alternance prose/vers. In: BABY, Hélène (Dir.). *Fiction narrative et hybridation générique dans la littérature française*. Paris: L'Harmattan, 2006, p. 117-118.

satisfeitos”.¹⁸⁵ Contudo, essa descrição bem humorada e agradável abrigava no âmago uma reivindicação de independência, como se Chappelle e Bachaumont buscassem pelos seus jardins para ali viverem sabiamente e prazerosamente, em meio as conversas com seus pares, a contemplação da natureza e o fluxo das águas, que lhes traziam diversões.

Justamente na localidade de Encausse, quando estavam sentados na borda das águas terapêuticas e examinando as razões dadas por Descartes e Gassendi sobre o fluxo e refluxo das marés, os viajantes foram surpreendidos com um encontro admirável de:

Um velho grisalho, pálido e seco,
Cuja barba e cabeleira
Pendiam mais baixo do que a cintura.
Assim pintamos Melquisedeque,
Ou melhor, essa é a figura
De um certo velho Bispo Grego
Que fazia o salamaleque
Dizia a todos a boa aventura.¹⁸⁶

A aparição triunfante compreendia o deus do rio, que foi associado a Melquisedeque, um contemporâneo de Abrão conforme descrito no Velho Testamento. Inicialmente, os viajantes se afastaram do rio temendo o surgimento do velho, mas a curiosidade deles foi maior que o pavor, pois derivava do desejo de saber, ao demonstrarem um genuíno interesse em descobrir o que aquele homem tinha a dizer. O que suspendia qualquer possibilidade do medo supersticioso, sobre aparições fantasmagóricas, de lhes consumir.¹⁸⁷ Um indicativo sobre a valorização de Chappelle e Bachaumont da curiosidade, como se ela fosse uma preciosidade a ser perseguida ao longo da viagem, pode ser observada nos seguintes trechos: “A curiosidade de saber o que era, nos fez avançar mais”; “Uma descrição magnífica, que foi feita outrora desse lugar nos deu curiosidade de ir ver” e, mais especificamente, diante da aparição do homem, indicaram como: “A curiosidade prevaleceu (...) e nós resolvemos, ainda com alguns pequenos

¹⁸⁵ Tradução livre: “Nous ne laissons pas neantmoins de vous envoyer le recit de tout ce qui s’est passé dans nôtre Voyage, si particulier, que vous en serez assurément satisfaits”. CHAPPELLE; BACHAUMONT, *Voyage de messieurs de Bachaumont, et la Chapelle*. In: RECUEIL de quelques Pieces Nouvelles et Galantes, p. 36.

¹⁸⁶ Tradução livre: “Un vieillard tout blanc, pâle et sec,/ Dont la barbe & la chevelure/ Pendoit plus bas que la ceinture./ Ainsi l’on peint Melchisedec,/ Ou plutôt telle est la figure/ D’un certain vieux Evesque Grec, Qui fesant le salamelec,/ Dit à tous la bonne âventure”. *Idem*, p. 48-49.

¹⁸⁷ RAULINE, Laurence; ROCHE, Bruno. Introduction. In: CHAPPELLE; BACHAUMONT, *Voyage à Encausse*, p. 22.

batimentos no coração, aguardar esse velho extraordinário”.¹⁸⁸ Eles então permaneceram onde estavam observando o sujeito, que em seguida se revelou:

Eu sou o deus desse rio,
 Que de uma urna jamais seca
 Que inclina ao pé dessa pequena colina
 Toma conta dessa pradaria,
 De derramar incessantemente a água
 Que a torna tão verde e florida
 Há oito dias manhã e noite
 Vocês vêm me ver regularmente,
 Sem crer me visitar.
 (...) Nesse pequeno vale campestre
 Sejam então muito bem vindos:
 Cada um de vocês aqui será mestre;
 E porque vocês desejam conhecer
 As causas do fluxo e refluxo,
 Eu vos instruirei aqui,
 E logo eu vos farei parecer
 Que os raciocínios espinhosos
 De todos os tempos são os atributos
 Da fraqueza do vosso ser;
 Porque todos os ditos e os reditos
 Dos velhos sonhadores de antigamente
 Não são que contos d’Amadis.
 (...) Ele então nos pegou os dois pela mão, e nos fez sentar sobre a grama ao seu lado. Nós nos olhamos frequentemente sem nada dizer, muito espantados de nos ver conversando com um rio.¹⁸⁹

Os viajantes foram convidados a contemplarem o deus do rio para obterem instruções sobre o que estavam refletindo previamente à sua aparição. A fala do velho apontava para a limitação humana que se embaraçava com raciocínios complexos ou com os “ditos e reditos”.

¹⁸⁸ Tradução livre: “La curiosité de sçavoir ce que c’estoit, nous fit avancer plus”; “Une description magnifique, qu’on a fait autrefois de cette place nous donna la curiosité de l’aller voir”; “la curiosité prevalut (...) nous résolûmes, bien qu’avec quelques petits battemens de Coœur, d’attendre le vieillard extraordinaire”. CHAPELLE; BACHAUMONT, *Voyage de messieurs de Bachaumont, et la Chapelle*. In: RECUEIL de quelques Pieces Nouvelles et Galantes, p. 62, p. 68, p. 49.

¹⁸⁹ Tradução livre: “Je suis le Dieu de ce Ruisseau,/ Qui d’une urne jamais tarie,/ Qui panche au pied de ce Côteau,/ Prens le soin dans cette Prairie,/ De verser incessamment l’eau,/ Qui la rend si verte, & fleurie./ Depuis huit jour matin & soir/ Vous me venez réglément voir,/ Sans croire me rendre visite,/ (...) Dans ce petit valon champêtre/ Soyez donc les tres bien vênus/ Châchun de vous y sera Maître:/ Et puisque vous voulez connoître/ Les causes du flux & reflux,/ Je vous instruiray là-dessus,/ Et vous feray bien tôt paroître/ Que les raisonnemens cornus/ De tous temps sont les attributs/ De la faiblesse de vôtre estre;/ Car tous les Dits, & les Redits / De ce Vieux rêveurs de jadis,/ Ne sont que contes d’Amadis./ (...) Il nous prit lors tous deux par la main, & nous fit assoir sur les gazon à ses costez. Nous nous regardions assez souvent sans rien dire, fort estonnez de nous voir en conversation avec un Fleuve”. *Idem*, p. 49-50.

Muitas vezes, os seres humanos tomavam informações como verídicas sem que houvesse o questionamento sobre elas. As sensações e os raciocínios humanos podiam elevar a produção de fábulas.¹⁹⁰ Para evitar isso, seria necessário o questionamento, a criticidade, a aquisição de sabedoria, que poderiam ser alcançados através do bom uso da imaginação, da reflexão e do contato com a natureza. O trecho também parece emitir uma crítica sobre “os velhos sonhadores de antigamente”, que poderiam ser interpretados como os Antigos. Com relação a isso, deve-se atentar que o questionamento dos antigos não significava ignorar as suas propostas filosóficas e conhecimentos, pois os libertinos se ampararam neles para elaborar suas reflexões, mas cabia relativizar as informações, se utilizando delas como inspirações para o desenvolvimento de novas percepções. Cabia uma reavaliação delas a partir de uma perspectiva moderna, onde a questão da imaginação seria muito relevante, pois ela permitia que os libertinos elaborassem novas formulações ao desbravarem questões, ideias, e levando em consideração como ela favorecia o apontamento sobre o provável ou o verossímil, se descolando da perspectiva de que existiria uma verdade plena sobre a realidade e o mundo.¹⁹¹

A partir disso, pode-se identificar como os libertinos buscavam apontar as vulnerabilidades humanas, reconhecendo o ser humano como um indivíduo frágil em comparação ao animal, que já nascia instruído, enquanto os humanos dependiam de cuidados, segundo a indicação de Tristan em seu poema *Les misères humaines, à monsieur de Saintot trésorier de la maison du Roi*:

O Mar produz mil peixes
De todos os tipos de formas
Que nascem instruídos a nadar,
E repentinamente ao serem eclodidos
Sabem tomar o seu Apanágio
Sobre o grande Domínio das ondas

(...) O homem nasce sem estar vestido,
Sem conselho, força nem virtude,
Privado de todos os conhecimentos;
E não possui a não ser que gemidos
Para opor às inclemências
Dos astros e dos Elementos

Quando chega na estação
Onde a claridade da razão
Começa a resplandecer em sua alma;

¹⁹⁰ TRICOCHE-RAULINE, *Identité(s) libertine(s)*, p. 468.

¹⁹¹ *Idem*, p. 472.

Ele recebe esse novo dia
Apenas para melhor sentir a chama
Que acende a tocha do Amor.¹⁹²

O conhecimento começava a resplandecer nas almas humanas com o tempo, por isso a necessidade de os indivíduos lutarem contra as ilusões, que podiam lhes distanciar do desenvolvimento do julgamento e da sabedoria. Dito isso, era necessário que o ser humano se aplicasse para alcançar a claridade da razão. Buscando o contato com a natureza, que despertaria a curiosidade e possibilitaria o aprendizado e a obtenção de saberes, conforme a situação de aparição do deus do rio para Chappelle e Bachaumont, simbolizando os ensinamentos naturais aos humanos, que os levaria a refletir sobre si mesmos e o universo. Esse processo experimental e prazeroso, de imersão no mundo podia ser alcançado, portanto, através da viagem, levando à expansão das percepções dos personagens das obras libertinas.

A valorização do corpo e da natureza, enquanto uma herança renascentista, era reabilitada a partir dos escritos de Epicuro e Lucrécio, também verificada entre os modernos como Montaigne e Gassendi, sendo reempregada por Cyrano, Dassoucy, Tristan e Chappelle através dos personagens dos seus escritos. Segundo Françoise Charles Daubert, o libertinos buscaram na Antiguidade os modelos de vida independente, para desenvolverem as suas reflexões sobre o mundo e o lugar do ser humano nesse espaço sem a autoridade e a ortodoxia religiosa.¹⁹³ Desse modo, a perspectiva inspirava os escritores a reivindicarem a autonomia, uma vez que o contato com a natureza e os seus prazeres favorecia a libertação dos temores humanos, diante das superstições e dos pensamentos preconcebidos, possibilitando o alcance da plenitude, que deveria ser experimentada no plano terreno. Os libertinos, então, reutilizaram esse saber e tentaram aplicá-lo na vivência dos seus personagens, desenvolvendo os seus exercícios de pensamento nos escritos e reivindicando a crítica diante do contexto coercitivo em que viviam.

A valorização do prazer através da viagem compreendia um elemento central da crítica libertina, pois ela era vista como algo primordial para a experiência humana no mundo, já que

¹⁹² Tradução livre: “La Mer produit mille poissons/ De toutes sortes de façons/ Qui naissent instruis à la nage,/ Et qui soudain qu’il sont esclous/ Sçauent prendre leur Apanage/ Sur le grand Domaine de flots./ (...) L’homme naist sans estre vestu;/ Sans Conseil, force ny vertu,/ Priué de toutes cognoissances;/ Et n’a que des gemissemens/ Pour oposer aux inclemences/ Des Astres et des Elemens/ Lors qu’il arrive en la saison/ Où la clarté de la raison/ Commence à luire dans son ame;/ Il ne reçoit ce nouueau jour/ Que pour mieux ressentir la flâme/ Qu’alume le flambeau d’Amour. TRISTAN L’HERMITE. *La lyre du sieur Tristan*, 1641, p. 114-115.

¹⁹³ CHARLES-DAUBERT, *Les libertins érudits en France au XVIIe siècle*, p. 5-6.

o ser humano era um ser de movimento, e onde a obtenção do prazer dependia do movimento.¹⁹⁴ Até mesmo as aves em *Viagem à Lua* de Cyrano, que tinham aversão aos seres humanos devido à sua prepotência, desejaram uma mensagem positiva a Dyrcona ao libertá-lo do cativeiro em que o submeteram, acusado de prejudicar sua espécie: “Vá então em paz e viva feliz!”.¹⁹⁵ A instrução foi seguida pelo viajante, pois após ter sido deixado em uma floresta, ele anunciou: “ali eu comecei a desfrutar o prazer da liberdade, e de comer aquele mel que fluía pela longa casca das árvores”.¹⁹⁶ Os elogios eram destinados a todas as ações que podiam (e)levar o indivíduo, desfrutando do prazer através de ações como: a leitura, a caminhada, a liberdade, os jogos, as conversas com os pares, a contemplação, as delícias das comidas e bebidas, que aguçavam a curiosidade.

Contudo, essa valorização poderia ser vista como um problema, haja vista a condenação religiosa à busca do prazer, que teria levado à perdição da humanidade conforme a descrição de expulsão de Adão do Paraíso por não ter resistido à maçã. Uma possibilidade de resolução seria a reivindicação do prazer, e de outros tópicos ligados à liberdade, através da viagem que gerava um distanciamento geográfico dos locais onde ocorriam as perseguições. Por isso, mais de um pesquisador pontuou que as viagens empreendidas pelos personagens nos escritos libertinos, em sua maioria, eram dirigidas para longe de Paris, de onde comumente partiam.¹⁹⁷ O deslocamento de Dassoucy, assim como o de Chapelle e Bachaumont, talvez pudessem ser descrições decorrentes de um exílio experimentado no plano da realidade, inspirando as histórias que compõem as suas narrativas. No caso do primeiro, o escritor havia deixado a capital após ter sido encarcerado em Montpellier – a primeira ocasião de outras duas, já que posteriormente ele foi preso em Roma e em Paris – sob a suspeita de sodomia. Tal fato foi rememorado no escrito de Chapelle e Bachaumont, ao encontrarem uma revolta popular em Montpellier contra Dassoucy, reforçando o crime e a fuga do ex-amigo. A segunda obra pode ser interpretada sob essa perspectiva, já que Chapelle era reconhecido entre os seus contemporâneos como alguém de costumes dissolutos, o que pode tê-lo levado a buscar o exílio antes de se tornar um alvo como Dassoucy. O escrito de Tristan possui mais descrições de

¹⁹⁴ GASSENDI, Pierre. *De la Phantasie ou imagination. Syntagma philosophicum*. Physique, Section III, Livre 8. Traduction et introduction Sylvie Taussig. Turnhout: Breplos, 2018, p. 31.

¹⁹⁵ Tradução livre: “Va donc en paix et vis joyeux!”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 274.

¹⁹⁶ Tradução livre: “Là je commençai à goûter le plaisir de la liberté, et celui de manger le miel qui coulait le long de l'écorce des arbres”. *Idem, Ibidem*.

¹⁹⁷ CATUSSE, Guy. Les prisons de Monsieur Dassoucy. *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, n. 39, p. 119-139, 2007; HENNIG, *Dassoucy & les garçons*; RAULINE, Laurence; ROCHE, Bruno. In: CHAPELLE; BACHAUMONT, *Voyage à Encausse*, 2008, p. 8.

perseguições do que propriamente de aprisionamentos, que eram decorrentes das atitudes precipitadas do pajem ou derivadas do descontentamento dos mestres e serviçais com quem convivia. Tristan parece ter usado a referência ao tema da perseguição como um dispositivo literário para sugerir as intolerâncias que indivíduos, como os libertinos, podiam enfrentar na sociedade francesa, mais do que uma referência a um exílio pessoal. As narrativas de Cyrano expressam o desejo de evasão de Dyrcona, que, ao se sentir incompreendido nos espaços que frequentava, enfrentou encarceramentos no plano ficcional, indicando como as perseguições aos libertinos podiam ocorrer na realidade. Apesar das diferenças, todas as obras propõem um afastamento da capital, o que pode ser interpretado como uma busca pela autonomia, onde o distanciamento geográfico permitia que os personagens vivenciassem a liberdade que tanto almejavam, algo complexo de experimentar diante do acirramento do controle estatal no século XVII.

Segundo a interpretação de Bruno Roche e Laurence Rauline, na *Voyage de Chapelle e Bachoumont*, seria possível encontrar “a construção polêmica de um itinerário da Fronda”, que (re)introduzia os escritores em um meio *frondeur*. Em um momento onde a escrita se transformou em um ato, uma arma central de luta contra o poder, seguindo as indicações de Christian Jouhaud, os estudiosos identificaram que os libertinos estavam reagindo em uma época polêmica como a da Fronda.¹⁹⁸ Mais precisamente, os viajantes estavam reagindo contra o abuso tirânico da política e da corrupção da capital, buscando pela vivência dos prazeres interioranos, distanciados do centralismo do poder, e de um maior contato com a natureza. Mais do que os lugares visitados, Roche e Rauline observaram como Chapelle et Bachoumont se encontraram com personagens que encarnavam uma forma de oposição à monarquia, a partir de um ciclo constituído por homens que já haviam tido algum tipo de conflito com o poder.¹⁹⁹

¹⁹⁸ *Idem*, p. 30. A obra em questão que trata sobre o momento polêmico da Fronda e a proliferação de mazarinadas é: JOUHAUD, *Mazarinades*.

¹⁹⁹ Roche e Rauline destacaram a escolha dos lugares visitados, como as águas de Loire, enquanto uma rememoração prestigiosa dos Valois. O vale de Loire também seria representativo, pois serviu como exílio de Fouquet. Segundo os autores, a insistência pelo deslocamento Sudoeste faz lembrar Bordeaux, onde Condé tentou um levante, entre setembro de 1651 e agosto de 1653. Outras cidades da região poderiam ser destacadas, como Agen, que foi um local de batalha durante a Fronda onde os rebeldes somente abdicaram depois do bloqueio do exército real em Bordeaux. O Oeste e Sul da França também compreendia regiões de conflito com os protestantes. “Les eaux de la Garone, envahissantes au point d’être comparses à une mer, offrent un témoignage symbolique de la violence répressive du pouvoir en Guyenne. À Narbonne, c’est même Neptune et Jupiter, la pluie et le tonnerre – représentant Louis XIII et Richelieu – qui unissent leurs forces. À virulence du discours des deux libertins contre cette ville, qui ne leur inspire que dégoût et mépris, peut être attribué un sens historique et politique. Le duc de Montmorency qui, dans le Languedoc, s’était allié à Gaston d’Orléans pour lutter contre le pouvoir de Richelieu, avait été jugé et condamné à mort à Toulouse. Louis XIII et Richelieu, venus assister au jugement, avaient subi sur leur Chemin un terrible orage qui avait inondé la plaine, à Narbonne. Chapelle et Bachoumont, insistant sur leur déplaisir à subir un épisode comparable d’inondations

Como, por exemplo, Gaston d'Orléans, um símbolo evidente de oposição à denunciada tirania de Richelieu e depois de Mazarin. Além dele, foram citados: o barão de Blot, cujo nome era Claude Chouvigny, que tinha um gosto pelo pensamento audacioso e pertencia ao meio libertino; antigos *frondeurs*, como François-Jacques d'Amboise, conde d'Aubijoux, que servia a Gaston d'Orléans e recebeu muito bem os viajantes, assim como havia recebido Molière em seus deslocamentos; e M. de Jonzac, conhecido por ser um tanto liberal durante o período da quaresma.²⁰⁰

Desse modo, as viagens dos personagens das narrativas libertinas podiam representar um afastamento da realidade opressora, permitindo que os escritores exercitassem suas críticas e conseguissem penetrar em outra, que os levaria à descoberta de novos conhecimentos – conforme adquiriam “experiência” sobre o mundo – e, mais do que isso, a um encontro com a própria subjetividade, favorecendo a libertação mental e corporal. A viagem possibilitava a vivência de uma transgressão às regras e às submissões dos espíritos, onde a imaginação detinha um papel importante, enquanto um poder criativo, que carregava consigo a ameaça de um desvio radical às crenças e às representações comuns.²⁰¹ As narrativas e as viagens dos libertinos se tornavam, assim, meios de reflexão e de inscrição de dúvidas, anseios, imaginações, sonhos e encantamentos dos escritores. Apreciações que emergiam tanto ao desvelarem o mundo quanto ao sonharem com o que ele poderia ser.

4.3. Sonho(s) libertino(s): apreciações, críticas e inquietações oníricas

Misture com a tua sabedoria uma pequena dose de loucura.²⁰²

Ao longo deste capítulo, a questão sobre a dinâmica da mente sempre esteve em suspenso, conforme se abordava outros tópicos. Contudo, especificamente, as criações ou os delírios da mente constituíam um aspecto abordado nas fontes a partir da temática onírica. Um

catastrophiques, ravivent le souvenir de cet épisode de répression”. RAULINE, Laurence; ROCHE, Bruno. Introduction. In: CHAPELLE; BACHAUMONT, *Voyage à Encausse*, 2008, p. 31-32.

²⁰⁰ *Idem*, p. 34-36.

²⁰¹ CHARLES-DAUBERT, Françoise. La Bible des libertins. In: ARMOGATHE, *La Bible de tous les temps*, p. 329.

²⁰² Tradução livre: “Mêle avec ta sagesse une petite dose de folie” Horat. L. 4, od. 12, v. 27 citado por MONTAIGNE, *Essais*. Tome troisième, 1828, p. 309.

elemento indicativo sobre como esses “delírios” imaginativos e a própria faculdade da imaginação atraíam a curiosidade dos libertinos, levando-os a refletir e a utilizá-los como fornecedores de hipóteses na elaboração de seus escritos. A reflexão também pode ser relacionada com a temática do “irracional”, que esteve viva entre as gentes de letras do século XVII, ao se observar as produções de teólogos, demonólogos, filósofos, moralistas, médicos, físicos do contexto.²⁰³ As leituras sobre as obras do período revelam um aspecto ainda mais importante: de uma redução ideológica acompanhada de uma recuperação estética dos conteúdos irracionais das imaginações culturais, conforme indicação de Pierre Ronzeaud.²⁰⁴ Essa flutuação seria sugestiva de uma compreensão dupla, tanto negativa como positiva, a respeito das ilusões e o que elas forneceria aos seres humanos e às suas faculdades mentais.

A reflexão sobre temas ilusórios e imaginativos ocorria em um momento de reflexão profunda, isto é, da crise de consciência europeia,²⁰⁵ em que os libertinos estavam se questionando e tecendo críticas aos sistemas de valores, principalmente, teológicos, e reconhecendo a importância de tornar a razão humana independente do céu,²⁰⁶ o que proporcionaria a autonomia de pensamento aos indivíduos e uma reformulação dos seus campos de estudos. Dessa forma, a reflexão sobre as superstições e os limites sobre o que seria irracional, ou não, se tornaram importantes nesse momento, numa tentativa de compreensão e redefinição dos entendimentos sobre as dimensões humanas e as suas experiências.²⁰⁷

²⁰³ RONZEAUD, Pierre. Préface. *L'irrationnel au XVIIe siècle. Littératures classiques*, n. 25, 1995, p. 7. Outros temas relacionados com o irracional também devem ser destacados, como a possessão diabólica, a bruxaria e o misticismo, os quais foram debatidos recorrentemente ao longo do século XVII. Em muitos escritos eles constituíram uma preocupação expressiva, mobilizando diversos âmbitos da sociedade, como físico, médico, cultural, social, religioso e político. Apesar da vasta produção de análises sobre essas temáticas no período moderno, pode-se citar os estudos de: CERTEAU, *A Fábula mística séculos XVI e XVII*, v. 1 e v. 2; DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009; GINZBURG, Carlo. *História noturna: decifrando o sabá*. Tradução Nilson Moulin Louzada. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012; LIEBEL, Silvia. *Demonização da mulher: a construção do discurso misógino no Malleus Maleficarum*. Monografia (Graduação em História). UFPR, Curitiba, 2004; MANDROU, *Magistrados e feiticeiros na França do século XVII*; MUCHEMBLED, Robert. *Uma história do diabo: séculos XII-XX*. Rio de Janeiro: Bom texto, 2001.

²⁰⁴ RONZEAUD, *Préface. L'irrationnel au XVIIe siècle*, p. 7-8.

²⁰⁵ O termo foi utilizado por Paul Hazard em uma obra que explora a crise entre os anos de 1680 e 1715. No entanto, Jean-Robert Armogathe se utilizou dele para apontar a “primeira crise de consciência europeia”, identificada anteriormente ao período abordado por Hazard, no prefácio de *Genèse de la raison classique de Charron a Descartes* de Tullio Gregory. HAZARD, *A Crise da consciência europeia*; GREGORY, *Genèse de la raison classique de Charron a Descartes*, p. 1-10.

²⁰⁶ *Idem*, p. 70.

²⁰⁷ Nesse mesmo contexto, Richard Popkin identificou o desenvolvimento de um forte ceticismo na sociedade francesa do século XVII, atingindo os libertinos. Embora exista uma discordância com a interpretação que o autor fez sobre a experiência da libertinagem e do ceticismo, principalmente de La Mothe Le Vayer e Pierre Gassendi, a obra evidencia a mobilização das mentes em relação à dúvida durante o período moderno. POPKIN, Richard H. *História do Ceticismo de Erasmo a Spinoza*. Tradução Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000. Em *História do ateísmo*, Georges Minois considerou mais condizente a interpretação de Gianni Paganini, que compreendeu o ceticismo dos anos 1600 como um movimento voluntário de liberação das

Em sua investigação sobre a genealogia do romance, Michel Fournier indicou como o mundo da imaginação esteve em foco no campo das letras do século XVII, onde passou a não mais abranger toda a experiência do indivíduo, mas a se localizar entre o mundo da razão e o da memória.²⁰⁸ No decorrer dos séculos seguintes, a imaginação se tornou um campo da subjetividade, a ponto de não mais causar perturbações à razão.²⁰⁹ Assim, a crítica à imaginação e aos outros fenômenos relacionados ao universo do irracional – como as superstições, fábulas, sonhos e premonições, representadas nas produções romanescas do período – desempenhou um papel importante para a reflexão sobre o próprio romanesco, impactando na sua apreciação. As críticas ao mundo das fabulações revelam a intensa meditação dos escritores do período, que se viam diante da emergência de uma nova racionalidade, que não rejeitava completamente a força da imaginação, mas apontava para uma forma diferente de se perceber o mundo, podendo se utilizarem dela para explorar o suspeito e o desconhecido. Nesse sentido, as reflexões sobre a imaginação ocorriam em paralelo ao desenvolvimento do pensamento racional, que possibilitava aos libertinos identificar os seus escritos como espaços de elaboração da razão e, também, de um mundo imaginado.

Seria, pois, necessário mergulhar no universo das ilusões para que os indivíduos identificassem as sujeições que os impediam de pensar livremente. Essas reflexões atingiam os libertinos, principalmente porque eles eram fortemente críticos às ilusões, notadamente às superstições. Contudo, as representações oníricas ofereciam a eles uma possibilidade de explicação sobre o ilusório. Assim, as reflexões e alusões às imaginações, através dos sonhos, possibilitavam que os libertinos propusessem leituras críticas sobre o universo e os seres, e uma visualização sobre como seria se pudessem vivenciá-los, observá-los e compreendê-los de outra

crenças. Ver MINOIS, *História do ateísmo*, p. 214 e conferir também PAGANINI, Gianni. *Scepsi moderna, interpretazioni dello scetticismo de Charron a Hume*. Consenza: Il Busento, 1991.

²⁰⁸ Em *Viagem ao Sol*, Dyrcona observou na Província dos Filósofos três rios, nomeados Memória, Imaginação e Julgamento, que podem ser compreendidos como exemplos de como naquele contexto os agentes estavam compreendendo essa mudança, localizando os diferentes campos. O viajante descreveu o que viu: “Trois grands fleuves arrosent les campagnes brillantes de ce monde embrasé. Le premier et le plus large se nome la Mémoire; le second, plus étroit, mais plus creux, l’Imagination; le troisième, plus petit que les autres, s’appelle Jugement. Sur les rives de la Mémoire, on entend jour et nuit un ramage importun de geais, de perroquets, de pies, d’étourneaux, de linottes, de oinsons, de toutes les espèces qui gazouillent ce qu’elles ont appris. La nuit ils ne disent mot, car ils sont pour lors occupés à s’abreuver de la vapeur épaisse qu’exhalent ces lieux aquatiques. (...) Le Fleuve de l’Imagination coule plus doucement; as liqueur, légère et brillante, étincelle de tous côtés. Il semble, à regarder cette eau d’un torrent de bluettes humides, qu’elles n’observent em voltigeant aucun ordre certain. (...) la rivière du Jugement; son canal est profond, son humeur semble froide; et lorsqu’on em répand sur quelque chose, elle sèche au lieu de moullier. Il croît parmi la vase de son lit des plantes d’ellébore, dont la racine, qui s’étend en longs filaments, nettoie l’eau de sa [bourbe]. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 323-326.

²⁰⁹ FOURNIER, Du monde imaginé au monde imaginaire, p. 121-122.

perspectiva, ao passo em que os personagens dos seus escritos experimentavam um pouco do sonho libertino de viver bem e livremente.

Nos escritos de Cyrano, as alusões aos sonhos constituíam uma reflexão primordial de exploração das ideias sobre a nova astronomia e as experiências do personagem Dyrcona nos mundos da Lua e do Sol. Conforme indicou Jean Charles Darmon, em sonho tudo era possível, abrindo uma série de possibilidades para os escritores.²¹⁰ A partir dessa proposta, eles também podiam usar fabulações oníricas como um subterfúgio contra as censuras, se utilizando do “como se” para indicar que os sonhos eram apenas sonhos.²¹¹ Em *Viagem à Lua*, o vocábulo do sonho apareceu no diálogo de Dyrcona com M. de Montmagny, o governador de Nouvelle-France, um dos primeiros lugares visitados pelo viajante antes dele construir a máquina que o levou até a Lua. Na ocasião, Dyrcona desejava explicar o significado de infinito para o seu interlocutor, ao dizer: “Quando você *sonha* com esse nada, você o *imagina* tudo ao menos como o vento, como o ar; e isso é alguma coisa; mas o infinito, se você não o compreende em geral, você o concebe ao menos em partes, porque não é difícil de figurar a terra, o fogo, a água, o ar, os astros e os céus. Ora o infinito não é nada que uma tecitura sem bordas de tudo isso”.²¹² No trecho, os termos como ‘sonha’ e ‘imagina’ foram relacionados com a ideia do pensamento, onde o sonho poderia favorecer uma elucubração imaginativa, indicando como as fabulações eram processadas pelo pensamento humano. Além disso, a criatividade imaginativa poderia favorecer as explicações, permitindo que Dyrcona introduzisse uma nova teoria de compreensão sobre o universo – como se Cyrano estivesse seguindo a tradição do *Somnium* de Kepler –,²¹³ sobre a sua infinidade, transformando o infinito em uma ideia menos abstrata para o seu interlocutor. A perspectiva de mundo infinito em Cyrano também teria como fonte de inspiração a obra de Lucrécio, embebido pela filosofia de Epicuro, que também se fez presente nos escritos dos modernos Gassendi e Montaigne, auxiliando na elaboração do escritor sobre o

²¹⁰ O dramaturgo religioso Pedro Calderón de la Barca já havia alertado, em 1626, que a vida era apenas um sonho, e os sonhos não seriam nada mais do que apenas sonhos: “Toute la vie n’est qu’un songe, et les songes rien que des songes”. CALDERÓN DE LA BARCA, Pedro. *La Vie est un songe*. Paris: Flammarion, 1992 citado por GARNIER, Guillaume. *Songes et voyages imaginaires aux XVIIe et XVIIIe siècles. Annales de Bretagne et de Pays de Ouest*, n. 113-4, 2006, p. 187.

²¹¹ Darmon pontuou como os aspectos imaginativos e oníricos foram recorrentemente reivindicados nas obras de Cyrano. DARMON, *Le songe libertin*, p. 176.

²¹² Tradução livre: “Quand vous *songez* à ce néant, vous vous l’*imaginez* tout au moins comme du vent, comme de l’air, et cela est quelque chose; mais l’infini, si vous ne le comprenez en général, vous le concevez au moins par parties, car il n’est pas difficile de se figurer de la terre, du feu, de l’eau, de l’air, des astres, des cieux. Or l’infini n’est rien qu’une teneur sans bornes de tout cela”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 24. Grifo nosso.

²¹³ KEPLER, Johannes. *Somnium*. Frankfurt: Silesiorum, 1634.

espaço e servindo como uma inspiração poética de “invenção de uma literatura do infinito”, como se pode identificar em *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol*.²¹⁴

Em sua investigação sobre a imaginação, J. M. Cocking apontou que durante o Renascimento, o termo “imaginar” foi utilizado para se referir ao “pensar” e ao “espetacular”, diante da busca por um pensamento correto que servisse para cada propósito.²¹⁵ De certa forma, essa perspectiva foi parcialmente retomada nos trabalhos de Gassendi, ao anunciar como a imaginação detinha uma relação com o pensamento e a razão.²¹⁶ A sua percepção era, portanto, de que o pensamento poderia ser quase a mesma coisa do que o imaginar,²¹⁷ existindo um intercâmbio entre eles,²¹⁸ o que poderia explicar a forma como Dyrcona empregou os termos “sonha” e “imagina” no diálogo destacado mais acima. A partir disso, identifica-se como Cyrano buscou refletir sobre essa imaginação a partir do sonho, que sempre reincidia sobre o viajante das suas narrativas como um meio de elucubração da vivência e dos deslocamentos.

Os sonhos sobre a viagem também teriam uma particularidade, sendo o resultado de uma reflexão voluntária ou de um pensamento furtivo do indivíduo em seu estado de vigília, conforme apontou Guillaume Garnier, e que poderia ressurgir no sonho. Em alguns casos, os sonhos podiam ser acentuados conforme os desejos de viagem se fortaleciam, oferecendo uma nova dimensão para a imaginação do indivíduo. Nesse sentido, os sonhos poderiam revelar os pensamentos humanos em seus estados mais naturais, assim como seus desejos.²¹⁹ Embora não se tratasse de um sonho propriamente dito, o episódio miraculoso de aparição do livro de Cardan para Dyrcona poderia ser compreendido por essa perspectiva, pois o viajante já havia anunciado previamente ter se deslumbrado pelo globo lunar, indicando a ideia de que a Lua poderia ser

²¹⁴ DARMON, *Le songe libertin*, p. 90-91.

²¹⁵ COCKING, J. M. *Imagination*. A study in the History of Ideas. New York: Routledge, 1991, p. 140.

²¹⁶ BELLIS, Delphine; GARBNER, Daniel; PALMERINO, Carla rita. Pierre Gassendi. Humanism, Science and the birth of modern philosophy. New York/London: routledge, 2023, p. 42-43.

²¹⁷ Para uma perspectiva filosófica sobre a imaginação de Cyrano, ver TORERO-IBAD, *Libertinage, science et philosophie dans le matérialisme de Cyrano de Bergerac*, p. 94-121.

²¹⁸ A imaginação e a sua reverberação no corpo humano, conforme a leitura de Sylvie Taussig sobre a perspectiva de Gassendi: “L’imagination est à la rigueur un automatisme comme la respiration ou la digestion : le mouvement des esprits ne s’arrête jamais, que la personne soit éveillée ou endormie, saine d’esprit ou au contraire malade. Le rôle de l’imagination, produit de la faculté essentiellement motrice qui réside dans les sens et de la perception née de ce mouvement qui déclenche la sensation proprement dite, c’est de transmettre à l’entendement les renseignements sur le monde extérieur qu’il ne pourrait pas percevoir sinon ; elle est ce qui transforme des données sensorielles en « plis », c’est-à-dire en signes ; en ce sens elle est déjà une pensée, dans la mesure où elle élabore et transforme des impulsions sensorielles, que les objets perçus soient présents ou absents ; elle suscite une forme de pensée totalement différente de la pensée intellectuelle, un raisonnement que l’on peut modéliser sous la forme du syllogisme, que les animaux pratiquent concrètement, dans l’articulation de l’universel et du particulier, même s’ils ne peuvent le nommer et s’ils n’en ont pas la conscience explicite, faute de maîtriser la copule et tout ce qu’elle implique”. GASSENDI, *De la Phantasie ou imagination*. Section III, Livre 8, p. 29.

²¹⁹ GARNIER, Guillaume. Songes et voyages imaginaires aux XVIIe et XVIIIe siècles. *Annales de Bretagne et de Pays de Ovest*, n. 113-4, 2006, p. 187.

um mundo. A aparição do livro veio coroar o pensamento inicial de Dyrcona, incentivando a elucubração de suas ideias e o desenvolvimento dos meios necessários para que ele atingisse o espaço. Já na narrativa da viagem para o mundo solar, os sonhos prévios ao deslocamento anunciavam o voo pelos céus, como se consistissem em mensagens antevendo os acontecimentos futuros da trama.

Em *Viagem ao Sol*, o sonho sobre o outro mundo sobreveio a Colignac, um dos amigos que recebeu Dyrcona em Toulouse. Pela manhã, quando estavam reunidos no jardim, mesmo tendo afirmado que viu coisas “muito ridículas”, demonstrando o seu embaraço com a visão que tinha tido, decidiu contar o sonho para os ouvintes Dyrcona e Cusson: “Eu imaginei, (...) estar no sol, e que o sol era um mundo. Eu ainda não havia me desiludido disso, sem o relinchar do meu cavalo que, me acordando, me fez ver que eu estava em minha cama”.²²⁰ O seu relato complementava o sonho que Dyrcona havia tido, e que foi incitado a narrar. Inicialmente, ele advertiu sobre o seu temperamento bilioso e melancólico, aspectos que teriam afetado os seus sonhos, conforme relatou:

Desde que eu estou no mundo, meus sonhos sempre me representaram as cavernas e o fogo. Em minha mais bela idade, parecia para mim que dormindo, se tornado leve, eu subiria até as nuvens, para evitar a raiva de uma tropa de assassinos que me perseguiam; mas no final de um esforço muito longo e muito vigoroso, ele sempre se reencontrava com alguma muralha, depois de ter voado por cima de muitas outras, ao pé daquela, sobrecarregado de trabalho, eu não carecia ter parado. (...) Eu não tive sonhos muito parecidos com aquele, desde que eu me conheci, exceto esta noite, depois de ter voado muito tempo como de costume e de ter escapado muitas vezes dos meus perseguidores, ao fim me parecia que eu os havia perdido de vista, e que, *em um céu livre e forte iluminado*, meu corpo aliviado de todo o peso, eu persegui minha viagem até um palácio, onde se formava o calor e a luz. (...) Aí está, Senhores, todo o meu sonho, que eu não estimo que seja um puro efeito dessas duas qualidades que predominam em meu temperamento.²²¹

²²⁰ Tradução livre: “Je me suis imaginé, (...) être dans le soleil, et que le soleil était un monde. Je n’en serais pas même encore désabusé, sans le hennissement de mon barbe* qui, me réveillant, m’a fait voir que j’étais dans mon lit”. *A tradução de *barbe* como cavalo levou em consideração o contexto da frase, assim como a indicação de que *barbe* consistia em um cavalo: “Cheval de cette partie de la côte d’Afrique, qu’on appelle la Barbarie. *Il a acheté deux beaux Barbes. Les Barbes ont beaucoup de vitesse*”. Dictionnaire de l’Académie française. Deuxième édition. Paris: Jean-Baptiste Coignard, 1718, p. 131. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 175.

²²¹ Tradução livre: “depuis que je suis au monde, mès songes m’ont sans cesse représenté des cavernes et du feu. Dans mon plus bel âge, il me semblait en dormant que, devenu léger, je m’enlevais jusqu’aux nues, pour éviter la rage d’une troupe d’assassins qui me poursuivaient; mais qu’au bout d’un effort fort long et fort vigoureux, il se rencontrait toujours quelque muraille, après avoir volé par-dessus beaucoup d’autres, au pied de laquelle,

O sonho de Dyrcona poderia ser compreendido como um excesso da imaginação, que decorria, justamente, do seu humor melancólico. A imaginação, atormentada pela grande quantidade de vapores dos temperamentos melancólicos, causaria ao indivíduo uma série de imagens e visões, que, em sua maioria, apresentavam o anúncio sobre um acontecimento futuro.²²² Nesse caso, a imaginação do melancólico, na concepção de La Mothe Le Vayer, era desordenada, irregular, ao ser permeada por uma infinidade de sonhos fragmentados.²²³ Porém, o fato de um indivíduo ser melancólico nem sempre significava que os seus sonhos constituíam completas desordens de espírito. Essa podia ser uma condição primordial, que o levaria a atingir um estado de grande criatividade intelectual, o que quer dizer que existia um aspecto positivo nesse temperamento, ao proporcionar um estado de profunda meditação. Foi nesse sentido que Naudé reconheceu as qualidades do humor melancólico, ao observar como eles tornavam os indivíduos “mais capazes e mais hábeis nas ciências, mais prontos à pesquisa das causas, mais perseverantes em contemplar e meditar profundamente sobre um tema”.²²⁴ Essas características manifestam-se no relato de Dyrcona e explicariam o fato dos seus sonhos terem lhe feito voar entre as nuvens e viajar para um local onde se produzia o calor e a luz, como se ele estivesse se deslocando para o Sol, onde seria instruído ao entrar em contato com os saberes do mundo iluminado.

O voo de Dyrcona em sonho também aludia à fuga diante das perseguições sofridas em Toulouse. Ele foi advertido e acusado pelos parlamentares, sendo considerado um bruxo por ter escrito sobre o seu deslocamento até a Lua. Na avaliação de Madeleine Alcover, as perseguições sofridas por Dyrcona, no plano da ficção, eram semelhantes àquelas ocorridas no âmbito da

accablé de travail, je ne manquais point d'être arrêté. (...) Je n'ai guère eu que des songes semblables à celui-là, depuis que je me connais, hormis que cette nuit, après avoir longtemps volé comme de coutume et m'être plusieurs fois échappé de mes persécuteurs, il m'a semblé qu'à la fin je les ai perdus de vue, et que, dans *un ciel libre et fort éclairé*, mon corps soulagé de toutes pesanteur, j'ai poursuivi mon voyage jusque dans un palais, où se composent la chaleur et la lumière. (...) Voilà, Messieurs, mon songe tout au long, que je n'estime qu'un pur effet de ces deux qualités qui prédominent à mon tempérament". CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 175-176. Grifo nosso.

²²² SCHINO, Les maladies de l'imagination, p. 44.

²²³ Uma opinião um tanto crítica, principalmente em relação aos sonhos proféticos. *Idem*, p. 44-45. LA MOTHE LE VAYER, François de. Du sommeil et des songes. In: *Opuscules ou petits traictez*. Paris: Antoine Sommaville et Avgvstin Covrbé, 1643.

²²⁴ Tradução livre: “plus capables et plus habiles aux sciences, plus prompts à la recherche des causes, plus perseverans à contempler et mediter profondement sur un sujet”. NAUDÉ, Gabriel. *Apologie pour tous les grands personnages qui ont esté faussement soupçonnez de magie*. Paris: Fr. Targa, 1625, p. 470-471 citado por SCHINO, *Les maladies de l'imagination*, p. 41. A autora também indicou como essa perspectiva de Naudé, sobre a relevância da habilidade melancólica, detinha a influência de Marcilio Ficino e Giordano Bruno, que indicavam como as personalidades dotadas de uma inteligência extraordinária era sombreada pelos estados catatônicos e êxtase, momentos de grande concentração que poderiam elevar as capacidades dos espíritos e das imaginações. Os estados de “contração de espírito, por exemplo, afetavam, sobretudo, o indivíduo genial. (cf. p. 40)

realidade, com a censura das obras de Cyrano.²²⁵ Pois, as primeiras edições de *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol* foram publicadas postumamente com diversos trechos dos textos amputados. Uma ação derivada, provavelmente, dos editores Le Bret e Charles de Sercy, que objetivavam atenuar a criticidade das obras para garantir uma autorização da Chancelaria para que os textos fossem publicados. O problema era a reivindicação de uma imaginação livre, que tanto Dyrcona como Cyrano fizeram em seus escritos. Nesse sentido, os sonhos dos personagens nas obras poderiam ser indicativos do anseio de evasão de um ambiente de perseguição, diante do contexto de intensificação do controle estatal francês, em que os libertinos eram perseguidos, conforme o caso exemplar de Théophile de Viau, condenado após a publicação dos seus poemas satíricos.

Os escritos de Cyrano sugerem, ainda, uma perspectiva positiva sobre os “sonhadores”. Conforme se pode observar a declaração de Dyrcona quando ele esteve diante do lago do Sono, localizado no Sol, na região da Província dos filósofos, onde ele se encontrou com Campanella. O sábio incentivou o viajante a desfrutar da maravilha que era sonhar naquele ambiente, já que ali todo sonho poderia ser sábio, conforme a conversa que tiveram:

Durma então, duma! eu o deixo; tanto os sonhos que temos aqui são completamente perfeitos, que algum dia você se lembrará confortavelmente daqueles que teve. Eu me divertirei, contudo, visitando as raridades do lugar, e depois eu virei encontrá-lo. Creio que ele não discursou mais, ou que o vapor do sonho já me colocou fora do estado de poder ouvi-lo. Eu estava no meio de um sonho mais sábio e melhor concebido do mundo, quando meu filósofo veio me acordar. (...) Para mim, eu penso que esse lago evapora um ar que contém a propriedade de depurar inteiramente o espírito de embaraço dos sentidos; porque ele não apresenta nada ao seu pensamento que não pareça o aperfeiçoar e o instruir: *é o que faz que eu tenha o mais grande respeito do mundo por esses filósofos que chamamos de sonhadores*, dos quais nós, ignorantes, zombamos.²²⁶

²²⁵ CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 176.

²²⁶ Tradução livre: “Dormez donc, dormez! je vous laisse; aussi bien les songes qu’on fait ici sont tellement parfaits, que vous serez quelque jour bien aise de vous ressouvenir de celui que vous allez faire. Je me divertirai cependant à visiter les raretés du lieu, et puis je vous viendrai rejoindre. Je crois qu’il ne discourut pas davantage, ou bien la vapeur du sommeil m’avait déjà mis hors d’état de pouvoir l’écouter. J’étais au milieu d’un songe le plus savant et le mieux conçu du monde, quand mon philosophe me vint éveiller. (...) Pour moi je pense que ce lac évapore un air qui a la propriété d’épurer entièrement l’esprit de l’embarras des sens; car il ne se presente rien à votre pensée qui ne semble vous perfectionner et vous instruire: *c’est ce qui fait que j’ai le plus grand respect du monde pour ces philosophes qu’on nome rêveurs*, dont nos ignorants se moquent”. *Idem*, p. 320-321. Grifo nosso.

Os sonhos podiam, então, ser uma importante fonte de conhecimento para os sábios, aqueles que se deixavam adentrar em um estado meditativo e de profunda reflexão, tanto que o viajante foi incentivado pelo filósofo a experimentar a sensação de vivenciar um sonho perfeito, que levaria Dyrcona a compreender as causas e o universo à sua volta. A referência aos “sonhadores” poderia ser uma referência aos sujeitos que estavam entregues aos devaneios e às imaginações, indicando como eles eram incompreendidos naquele contexto, mas ao experimentar o sonho perfeito, o viajante passou a compreender a experiência de uma capacidade excepcional, de se fechar em seu mundo, concentrado sobre ele mesmo e o seu sonho, favorecendo a sua instrução. O que poderia rememorar às descrições de “contrações de espírito”, explicadas por Marcílio Ficino e Giordano Bruno, consistindo em uma característica identificada entre as personalidades dotadas de uma inteligência extraordinária, onde o espírito poderia concentrar-se sobre si mesmo, levando o espírito a aprimorar suas capacidades, especialmente a imaginação.²²⁷

Dessa forma, o sono e o sonho eram importantes, pois mesmo diante das abstrações, eram condições que poderiam elevar os conhecimentos humanos, como ocorreu com o viajante e pode explicar a incidência da temática nos escritos de Cyrano, principalmente na *Viagem ao Sol*. Uma característica que levou o estudioso Alain Mothu a questionar se toda a narrativa sobre o mundo solar não seria derivada de um sonho do personagem Dyrcona, que estaria apenas recontando os seus detalhes aos leitores:

Na verdade, todo o Sol a partir do primeiro adormecer pode ser observado como um vasto sonho, pois não é dito em nenhum momento que Dyrcona acordou (o que não impede de sonhar que ele volte a adormecer, acorde-se, etc.), ou uma vasta ópera de alucinações. Mesmo as “metáforas realizadas”, muito abundantes nessa parte do Sol, (andar sobre o dia, morrer de tristeza, ser comido pelas moscas, romper o espírito, ser ferido pela verdade, derramar uma enxurrada de lágrimas) poderiam testemunhar seu onirismo, metáforas e jogos de palavras que se resolvem frequentemente em imagens em nossos sonhos.²²⁸

²²⁷ SCHINO, Les maladies de l’imagination, p. 40.

²²⁸ Tradução livre: “à vrai dire, tout le Soleil à partir du premier endormissement, peut être regardé comme un vaste rêve, puisqu’il n’est dit nulle part que Dyrcona se réveillera (ce qui ne l’empêche pas de rever qu’il s’endort de nouveau, se réveille, etc.) ou un vaste opéra d’hallucinations. Même les ‘métaphores réalisées’, très abondantes dans cette partie du Soleil, (marcher sur le jour, mourir de tristesse, être mangé par les mouches, crever d’esprit, être blessé par la vérité, répandre un déluge de pleurs,...), pourraient témoigner de son onirisme, métaphores et jeux de mots se résolvant fréquemment en images dans nos rêves (Freud l’a rappelé après

Mesmo diante dessa possibilidade, o viajante poderia estar apenas interessado em descrever o seu maravilhamento com a experiência da ascensão ao Sol, um local considerado virtuoso por ser a fonte de fogo e calor, dois elementos tidos como indispensáveis para o processo vital.²²⁹ Esse ambiente, então, teria a capacidade de modificar as impressões, as sensações e as interações do viajante, pois ele adentrou em outro mundo. Além disso, Cyrano pode ter se utilizado desse aspecto para descrever o Sol a partir de fins poéticos e maravilhosos, o que explicaria a insistência na temática dos sonhos, elevando a perspectiva maravilhosa. Ainda assim, o sonho constitui um elemento importante na narrativa, sendo mencionado em diversos momentos, pois permitia explicar o mundo diferente em que o viajante estava imerso. Através deles, o personagem podia propor hipóteses, explicações e um relato de valor contemplativo para os leitores, especialmente através das descrições do ambiente e da vegetação solar, valorizando as cores e formas que impressionavam tanto o seu olhar, podendo causar o mesmo efeito nos leitores.

Mas o sonho perfeito que Dyrcona teve no astro iluminado contrastava com os sonhos perturbadores do âmbito da realidade do viajante, quando ainda estava em Toulouse e indicou ter sonhado com seus perseguidores, misturando realidade e fantasia. Em função disso, após ouvir os relatos de Colignac e Dyrcona, o amigo deles, Cussan, respondeu dizendo que tudo aquilo não passava de um “pot-pourri”, um emaranhado de todas as coisas que eles haviam pensado ou experienciado durante o dia, indicando como eles não deveriam lhes dar tanta importância, pois os relatos eram monstruosas quimeras:

um conjunto de espécies confusas que a fantasia, a qual durante o sono não é mais guiada pela razão, nos apresenta sem ordem, e das quais, todavia, distorcendo-as, acreditamos espremer o verdadeiro sentido, e tirar dos sonhos, como oráculos, uma ciência do futuro; mas, pela minha fé, eu não encontrei nelas nenhuma outra conformidade, senão que os sonhos, como os oráculos, não podem ser compreendidos.²³⁰

d’autres”. MOTHU, Alain. Sauvages et drogues d’Ancien Régime. In: HARRY, Patricia; MOTHU, Alain; SELLIER, Philippe. Dissidents, excentriques et marginaux de l’Âge classique autour de Cyrano de Bergerac. Bouquet offert à Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2006, em nota rodapé 56, p. 148-149.

²²⁹ CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, reflexão de Alcover em nota de rodapé 1033-1047 e 1069, p. 209-210.

²³⁰ Tradução livre: “un assemblage d’espèces confuses que la fantaisie, qui dans le sommeil n’est plus guidée par la raison, nous presente sans ordre, et dont toutefois en les tordant nous croyons épreindre le vrai sens, et tirer des songes comme des oracles une Science de l’avenir; mais, par ma foi, je n’y trouvais aucune autre conformité, sinon que les songes, comme les oracles, ne peuvent être entendus”. *Idem*, p. 177.

O ponto de vista de Cussan apresentava uma forte oposição aos sonhos, descrevendo-os como ocorrências ordinárias, decorrentes da fantasia desenfreada que atinge a mente humana durante o sono. Uma perspectiva que poderia ser aproximada da crítica libertina dirigida contra os sonhos, mais especificamente, contra os sonhos premonitórios. Esse tema se apresentou em muitos dos escritos libertinos do século XVII, como de Naudé, Gassendi, La Mothe Le Vayer, Sorel e os aqui estudados como Cyrano, Dassoucy e Tristan. A partir disso, os libertinos buscavam separar as elucubrações mentais da ordem sobrenatural, demonstrando uma resistência às superstições, ao identificarem os sonhos como acontecimentos derivados de um estado de profundo relaxamento, no qual os indivíduos poderiam reviver as experiências perpassadas em vigília. O que possibilitava reconhecer o sonho como uma produção completamente humana, a qual não poderia oferecer um perigo diabólico e nem mesmo a capacidade reveladora de adivinhação.²³¹ Sendo assim, os sonhos compreendiam uma ação natural e demasiadamente humana.

Com efeito, o debate a respeito do caráter profético dos sonhos era um tema discutido havia muito tempo, sendo possível encontrar reflexões a respeito disso, além das temáticas atinentes aos oráculos e fantasmas, nos escritos Antigos, conforme indicação de La Mothe Le Vayer em um capítulo dedicado exclusivamente ao debate “*Du sommeil et des songes*”.²³² A reflexão entre os filósofos da Antiguidade também conduziu o pensamento de Gassendi, que reiterou como os sonhos não deveriam nem escravizar ou perturbar os indivíduos quando eram reconhecidos como naturais.²³³ Foi nesse sentido o questionamento de La Mothe Le Vayer, especificamente sobre os sonhos divinatórios, no trecho que diz: “se Deus desejasse que nós tivéssemos esse conhecimento do futuro que dizem que nos vem dos Sonhos, não é provável que ele nos daria visões claras e inteligíveis, das quais ele nos gratificaria de dia, e não de noite?”.²³⁴ Sendo assim, não faria sentido buscar por respostas ou profecias através dos sonhos, sendo os sonhos proféticos desprovidos de qualquer fundamento, pois eles são disposições corporais naturais, não tendo nada de obscuro ou duvidoso, e decorrentes do acaso e de uma rememoração das vivências humanas diárias.

²³¹ GASSENDI, *De la Phantasie ou imagination*, Section III, Livre 8, p. 27-28.

²³² LA MOTHE LE VAYER, *Oeuvres de François de La Mothe Le Vayer*. Tome Second.

²³³ GASSENDI, *De la Phantasie ou imagination*, Section III, Livre 8, p. 29.

²³⁴ Tradução livre: “si Dieu vouloit que nous eussions cette connoissance de l’auenir qu’on dit qui nous vient des Songes, n’est-il pas vray-semblable qu’il nous la donneroit par des visions claires & intelligibles, dont il nous gratifieroit le jour, & non pas la nuit? LA MOTHE LE VAYER, *Oeuvres de François de La Mothe Le Vayer*. Tome Second, p. 17.

Em *Page disgracié* de Tristan destaca-se o trecho em que o pajem apontou ter sentido medo quando teve que dormir sobre uma árvore na floresta: “Minha cama não era nem mole nem cômoda, mas eu não deixei de ali dormir um muito bom sono, se não fossem as imagens assustadoras do meu medo que me impediram, e o barulho contínuo que fizeram alguns animais que depois me disseram ser os touros selvagens”.²³⁵ Apesar disso, ele ali permaneceu, e mesmo que tenha sido afetado pelos temores, que provavelmente lhe visitaram em seus sonhos, ele enfrentou as suas próprias inquietações e aquelas que advinham da natureza – dos animais da floresta –, não recorrendo às explicações sobrenaturais ou ao exercício de algum rito religioso para sentir menos medo. Através desse episódio, Tristan parece indicar como a indiferença às imagens assustadoras seria uma possibilidade, não buscando relevância nelas conforme a perspectiva de outros escritores libertinos.

No caso da reivindicação dos sonhos a partir das reflexões de Dyrcona, em seu deslocamento pelo espaço solar ele demonstrava uma visão dupla, que identificava a capacidade poderosa da imaginação através do sonho, ao possibilitar a modificação dos seres humanos e dos seus pensamentos, elevando os seus conhecimentos, as suas reflexões e o reconhecimento de suas limitações. Mas que também reconhecia como os sonhos divinatórios podiam ser negativos, pois seu excesso poderia distorcer a percepção da realidade e o raciocínio humano, causando temores e superstições. Nesse caso, os escritos de Cyrano apresentavam a sua crítica, sem deixar de indicar como as imaginações proporcionadas pelos sonhos poderiam elevar a criatividade humana. Além disso, ele se utilizou do tema para indicar novas perspectivas e questionamentos sobre o mundo e os indivíduos, que possibilitariam aos seus leitores refletir e atentar para suas fraquezas, buscando corrigir as próprias imperfeições ao se tornarem mais críticos e autônomos.

A adivinhação através dos sonhos também era condenada pelos religiosos do período moderno, ao reconhecerem como o futuro era reservado a Deus. Ademais, a comunicação exclusiva com ele e a verdadeira interpretação sobre as causas divinas deveriam ser atribuições dos profetas e santos, enquanto mensageiros do divino que tinham acesso à revelação sem desvios. Essa posição parte de uma tentativa de reafirmar a necessidade de mediação da Igreja e se posicionar contra a relação pessoal com Deus aventada por Lutero. Ao longo do século XVII, a claridade dos sonhos também passou a ser compreendida como uma marca

²³⁵ Tradução livre: “Mon lit n’estoit ny mol ny commode, mais je n’eusse pas laissé d’y dormir d’un assez bon somme, n’eust esté les images effroyables de ma crainte qui m’en empeschoient, & le bruict continuel que faisoient certains animaux qu’on me dit depuis estre des boeufs sauuages”. TRISTAN L’HERMITE, *Le page disgracié*. Seconde partie, 1643, p. 5-6.

inconfundível de divindade em contraposição aos sonhos obscuros, que podiam ser considerados suspeitos, assim como seriam suspeitos aqueles que se diziam ser intérpretes e os reivindicavam para justificar os seus saberes.²³⁶

Embora pareça ter existido um certo alinhamento entre os religiosos e os libertinos em relação à condenação dos sonhos premonitórios, identifica-se uma contraversão nos escritos de Cyrano, Dassoucy e Tristan, onde os sonhos vividos pelos personagens de suas obras revelavam acontecimentos futuros. Essa aparente contradição poderia ser entendida como uma crítica aos intérpretes ou, mais significativo do que isso, como um convite dos mensageiros libertinos ao encantamento, à desordem e à mobilidade, às metamorfoses ou aos enigmas e às explosões metafóricas, enquanto personagens mascarados²³⁷ que incitavam a surpresa e despertavam a curiosidade de seus leitores, diante das caminhadas que faziam em direção à emancipação. Os escritores em questão propuseram uma releitura dos sonhos divinatórios, já que eles não eram recebidos pelos santos, mas sim pelos personagens “suspeitos” das suas obras. Suspeitos, pois as narrativas representaram múltiplas ocasiões em que eles eram considerados suspeitos de magia, de irreligião, de sodomia, etc. Os personagens eram audaciosos, assim como eram os seus sonhos, o que permitia que os escritores das obras se utilizassem disso para reivindicarem a proposta libertina de autonomia e criticidade.

Em outro momento de *Page disgracié*, a referência ao sonho premonitório ocorreu quando o pajem encontrou com o filósofo da pedra filosofal, por quem Ariston ficou encantado, pois ele prometeu dar os meios necessários para que o pajem parecesse mais honrado para o mundo, isto é, de fazê-lo enriquecer através da produção de ouro. O homem pareceu muito convincente, pois indicava ter profecias através dos sonhos:

Dentre essas coisas que ele me disse, com um grande zelo, ele não pôde me impedir de descobrir que ele havia tido visões ao dormir, que tinham a profecia, e que a maioria dos acontecimentos de importância lhes eram anunciados sempre dessa maneira. Ele me advogou que ele havia tido toda minha representação no espírito, dois dias antes de me ver, e que eu tinha aparecido em sonho (...), mas mesmo assim ele iria tentar evitar minha

²³⁶ DAVID, Hélène. *Le songe au xviiiè siècle, ou la mise à l'épreuve du sujet et de ses limites*: l'exploration des confins. Littératures. Université Charles de Gaulle – Lille III, 2016, p. 82, p. 107 e p. 111.

²³⁷ SELLIER, Philippe. Por une carte du songe. La littérature du XVIIè siècle français. *French Studies in Southern Africa*, n. 6, 1977, p. 31 citado por DAVID, *Le songe au xviiiè siècle, ou la mise à l'épreuve du sujet et de ses limites*, p. 119.

companhia, e meu conhecimento, porque no sonho onde ele apareceu, ele teve alguma outra visão muito assustadora.²³⁸

O filósofo trouxe esperança para o pajem, mesmo que ele tenha previsto infortúnios. Contudo, Ariston indicou mais adiante que o presságio de um infortúnio poderia ser evitado se ele agisse de forma sábia e se o filósofo descrevesse exatamente o que iria ocorrer. Essa poderia ser uma oportunidade para que ele desenvolvesse as habilidades necessárias para se tornar mais sábio, habilidades que permitiriam alterar o curso dos eventos. Somente um verdadeiro sábio poderia triunfar diante das inclinações da “violência divina” dos acontecimentos.²³⁹

Em *Pensées dans le S. Office*, ainda que Dassoucy tenha relatado ter tido, em sonho, uma visão sobre a sua prisão – revelada anos depois, quando foi aprisionado no Santo Ofício de Roma –, ele indicou a perspectiva de que o sonho poderia ser um momento de experiência do divertimento. Um momento em que os indivíduos seriam levados ao encontro das fantasias próprias da natureza, estando livres de uma racionalização sobre elas, podendo expandir-se prazerosamente. Essa reflexão foi apresentada de forma paradoxal, já que ele mencionou o acesso ao conhecimento do futuro, que seria possível através de uma intervenção divina, refletindo sobre a previsibilidade através dos sonhos:

me disseram que durante o sono a alma é mais desprendida das conexões do corpo; e que estando assim desembaraçada de suas ocupações ordinárias, onde ela está como encadeada durante a vigília, ela tem mais liberdade de agir segundo a divindade de sua Natureza, e toma expansão durante o repouso assim prazerosamente como um valete que, enquanto seu Mestre ronca, vai jogar uma partida de boliche. (...) a Alma vai assim se divertir, e de onde eles sabem que ela se destaca dessa forma do corpo para ir penetrar nas coisas futuras, e se fazer por si mesma sábia do que vai acontecer, porque deixando a fé de lado, que nos interdita de atribuir esse conhecimento a não ser a um único Deus, não se vê razão nem exemplo que nos tenha aprendido nem persuadido que nossa Alma pode jamais conhecer coisa alguma do futuro, sem a assistência do bom ou do mau espírito. É, portanto, bem mais razoável atribuir essa coisa a um poder que nos é conhecido, e do qual não podemos de forma alguma duvidar, a não ser alegar canções que não provam nada, para

²³⁸ Tradução livre: “Parmy ces choses qu’il me dit, auev vn grand zele, il ne put s’empescher de me découurir qu’il auoit des visions en dormant, qui tenoient de la prophetie, & que la pluspart des euenemens d’importance luy estoient tousjours annoncez em cette maniere. Il adūa qu’il auoit toute ma representation dans l’esprit, deux jours auparauant que de me voir, & que je luy estois apparu en songe (...), mais toutefois il auoit essayé d’euter ma compagnie, & ma connoissance, pource que dans le songe où je luy estois apparu, il auoit eu qualqu’autre vision tres-épouuentable”. TRISTAN L’HERMITE, *Le page disgracié*. Première partie, 1643, p. 200-201.

²³⁹ PLAZENET, Laurence. Il (ne) faut (pas) parier : Le jeu et sa morale dans *Le Page disgracié* (1643). *Études Épistémè*, n. 39, 2021, § 43-44.

atribuir essas maravilhas a um poder que nos é desconhecido, e do qual nós não temos nenhum exemplo.²⁴⁰

O escritor reconheceu a capacidade convidativa dos próprios sonhos, possibilitando que ele desfrutasse de divertimento enquanto o pensamento estivesse descolado do juízo racional durante o sono. Rejeitando o caráter profético dos sonhos, Dassoucy reserva o conhecimento das coisas futuras unicamente a Deus e mantém o sonho como a possibilidade de explorar a liberdade de agir segundo a natureza, um divertimento natural, que não deveria ser recusado.

Nos escritos de Dassoucy, assim como em Cyrano, se encontra um claro elogio ao sono, como se ele servisse como um amparo diante das adversidades sofridas ao longo da vida humana. Nesses casos, os sonhos podiam sobrevir como se fossem imagens anunciativas de acontecimentos futuros, conforme descrito no trecho seguinte:

Eu me joguei sobre uma outra [cama] entre os braços de Morfeu, que me recebeu tão graciosamente, que tendo já o vinho no cérebro, e no coração a tristeza, todas as drogas amaciantes, não foi necessário me deitar para dormir. (...) eu sonhava que eu revia meu baú todo repleto de dinheiro, quando eu me senti acordar em sobressalto por um barulho de vozes confusas e mal articuladas, e de golpes muito fortes como se quisessem arrombar minha porta.²⁴¹

As visões de Dassoucy acabaram se confirmando, ao ser informado de que as moedas admiradas em sonho tinham sido recuperadas. Ele havia perdido todas elas após ser enganado

²⁴⁰ Tradução livre: “m’ont dit que durant le dormir l’ame est plus détachée des liens du corps; & qu’ainsi estant désemparée de ses occupations ordinaires, ou elle est comme enchainée durant le veiller, elle a plus de liberté d’agir selon la divinité de sa Nature, & prendre l’essor durant le repos aussi plaisamment qu’un valet, qui cependant que son Maître ronfle, va jouer une partie aux quilles. (...) l’Ame se va divertir ainsi, & d’où ils sçavent qu’elle se détache ainsi du corps, pour aller penetrer dans les choses futures, & se faire par soy mesme sçavante de l’avenir, puisque laissant la foy à part, qui nous defend d’attribuer cette connoissance qu’à un seul Dieu, on ne voit point qu’il y ait de raison ny d’exemple qui nous ait appris ny persuadé que nostre Ame puisse jamais connoistre aucune chose de l’avenir, sans l’assistance du bon ou du mauvais esprit. Ils est donc bien plus raisonnable d’attribuer cette chose à un pouvoir qui nous est connu, & dont nous ne pouvons aucunement douter, que d’alleguer des chansons qui ne preuvent rien, pour attribuer ces merveilles à un pouvoir qui nous est inconnu, & dont nous n’avons aucun exemple.” DASSOUCY, *Les Pensées de Monsieur D’Assoucy dans le S. Office de Rome*, p. 123-126.

²⁴¹ Tradução livre: “je me jettay sur un autre [lit] entre les bras de Morphée, qui me receut si gracieusement, qu’ayant desja le vin dans le cerveau, & dans le cœur la tristesse, toutes drogues assoupissantes, il ne falut point me bercer pour m’endormir. (...) je songeois que je revoyois ma cassette toute pleine d’écus, quand je me sentis éveillé en surfault par un bruit de voix confuses & mal articulées, & de plusieurs grands coups comme si l’on eust voulu enfoncer ma porte. DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D’Assoucy*. Tome premier, 1677, p. 37-38.

por um ladrão – *tueur du temps* – em um jogo de cartas assim que iniciou a sua viagem. Embora esse sonho tenha revelado algo positivo, em outros momentos, eles anunciavam acontecimentos mais complexos, como a destinação do escritor às prisões. O que quer dizer que os seus sonhos forneciam saberes, mesmo que fossem referentes às desventuras que vivenciaria na realidade, preparando Dassoucy como se fossem ensaios. Dessa vez, o seu sono foi interrompido, não somente pelo sonho premonitório, mas pelo homem que veio lhe buscar para colocá-lo na prisão:

Eu dormia um sono muito bom, e tendo chegado a manhã eu estava terminando de sonhar que eles viriam me prender, quando um homem honesto que nunca tinha estado em tal ocasião (...) entrou no meu quarto, e ele não me surpreendeu, porque meu talento não falhou por quarenta anos em me revelar tudo o que me aconteceria de sinistro, meu sonho, ou melhor, minha revelação me preparou para recebê-lo.²⁴²

Nessa ocasião, o escritor passou quase doze dias aprisionado, mas conseguiu sair triunfante ao ser acolhido por Monsieur de Vitrac. Mesmo assim, foi uma experiência marcante, que se repetiu em outras ocasiões. Segundo Alex Bellemare, que analisou a representação da prisão nos escritos de Cyrano e de Dassoucy, a retomada de assuntos ligados à perseguição pode ser compreendida como uma reação do segundo escritor ao trauma sofrido nessas ocasiões.²⁴³ Por isso os sonhos referenciando seus aprisionamentos eram tão frequentes em escritos como *La Prison de Monsieur D'Assoucy*, publicada em 1674, *Pensées dans le Saint Office de Rome*, datada de 1676, e os dois tomos de *Les Aventures de Monsieur d'Assoucy* seguido das *Aventures d'Italie*, publicados em 1677.²⁴⁴ A lembrança sobre um passado traumatizado, rememorado diversas vezes, servia como um meio de elaboração para Dassoucy, ou mais do que isso, como

²⁴² Tradução livre: “je dormois d’un tres-bon somme, & le matin étant venu j’achevois de songer que l’on me venoit arrester, lorsqu’un honneste homme qui ne va jamais dans de pareille occasion (...) entra dans ma chambre, il ne me surprit pas, car mon genie n’ayant point manqué depuis quarante ans de me reveler tout ce qui m’est arrivé de sinistre, mon songe, ou plutost ma revelation m’avoit préparé à le recevoir”. DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D'Assoucy*. Tome second, p. 132

²⁴³ BELLEMARE, Alex. Sociabilités carcérales : la représentation de la prison chez Cyrano et Dassoucy. In: ABDELA, Sophie et al. (Dir.). *La sociabilité du solitaire*. Pratiques et discours de l’intimité, de l’exclusion et du secret à l’époque moderne. Paris: Hermann, 2016, p. 21-22.

²⁴⁴ DASSOUCY, *La Prison de M. Dassoucy*; DASSOUCY, *Les Pensées de Monsieur D'Assoucy dans le S. Office de Rome*; DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D'Assoucy*. Tome premier; DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D'Assoucy*. Tome second; DASSOUCY, *Les Aventures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*.

uma forma de resistência, “uma formação de si” e de tomar sua alma de volta a partir da sua escrita.²⁴⁵

Como muito bem lembrou Bellemare, na prisão se podia sonhar com a liberdade e a possibilidade de ser mais livre quando se estivesse fora dela, já que o indivíduo enclausurado estava sempre sujeito a uma economia de servidão regida pelos seus protetores.²⁴⁶ Uma vez que o indivíduo se via fora, a prisão se tornava um lugar de abjeção e da liberdade perdida. Dessa forma, a questão da liberdade sempre esteve presente na reflexão sobre o enclausuramento, assim como no sonho. Enquanto um desejo que inspirava os personagens dos escritos libertinos, os sonhos permitiam que eles encontrassem a(s) liberdade(s) – que poderia ser ao descobrir o mundo da Lua ou do Sol, ou percorrer as regiões da Europa, ou caminhar e contemplar as belezas naturais do caminho, sem ter que prestar obediência a não ser a si mesmo. O sonho compreendia, assim, um meio exploratório do próprio imaginário sobre a vivência de uma autonomia plena para os libertinos, o que também possibilitava que os escritores refletissem sobre sua condição deles e as perseguições sofridas.

Deve-se lembrar como todo sonho também traz consigo a ideia de que, em algum momento, é preciso acordar. Talvez essa tenha sido a grande mensagem apresentada pelos libertinos em seus escritos, sobre como os indivíduos deveriam mergulhar no universo das ilusões para que identificassem as sujeições, as limitações e outros elementos que podiam impedi-los de pensar e viver livremente. A imaginação, nesse sentido, poderia promover alguma resistência – contra as superstições – e auxiliar na projeção de um mundo desmistificado, que não era perfeito e magnífico enquanto uma obra da Providência,²⁴⁷ mas que poderia ser (re)construído a partir dos seus questionamentos e novas compreensões.

²⁴⁵ MÉCHOULAN, Éric. Les écrits de prison et la microphysique du pouvoir. *Les dossiers du Grihl*, n. 1, 2011, § 12 citado por BELLEMARE, Alex. Sociabilités carcérales : la représentation de la prison chez Cyrano et Dassoucy. In: ABDELA, Sophie et al. (Dir.). *La sociabilité du solitaire*. Pratiques et discours de l'intimité, de l'exclusion et du secret à l'époque moderne. Paris: Hermann, 2016, p. 22.

²⁴⁶ BELLEMARE, Alex. Sociabilités carcérales : la représentation de la prison chez Cyrano et Dassoucy. In: ABDELA, *La sociabilité du solitaire*, p. 23.

²⁴⁷ TRICOCHE-RAULINE, *Identité(s) libertine(s)*, p. 620-621.

CAPÍTULO 5 – O ‘EU’ EM CENA E A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA

Dou à minha alma ora um aspecto, ora outro, segundo o lado por onde a examino. Se falo de mim de diversos modos é porque me observo de diversos modos. Em mim encontram-se, de um jeito ou de outro, todas as contradições: envergonhado, insolente, casto, libidinoso, tagarela, taciturno, trabalhador, lânguido, engenhoso, tolo, triste, jovial, mentiroso, sincero, sábio, ignorante, e generoso, e avarento e pródigo: vejo tudo isso em mim de certa maneira, conforme eu me examino e quem se estuda bem atentamente encontra em si, e até em seu próprio julgamento, essa volubilidade e essa discordância.¹

Foi o que escreveu Montaigne em seus *Ensaaios*, ao reivindicar a escrita em primeira pessoa, um elemento que, posteriormente, também foi mobilizado pelos escritores libertinos em seus textos. O ‘eu’ foi colocado em cena de forma equívoca e paradoxal, manifestando-se e representando-se por meio das vivências perpassadas pelos protagonistas das obras aqui analisadas.² A primeira pessoa empregada pelos narradores parece desviar a atenção da identidade de seu falante,³ que constitui uma representação multifacetada e inconstante, sendo reivindicada a partir de uma escrita equívoca e dissimulada.⁴

A partir do jogo de representações paradoxais do ‘eu’ – tema de reflexão do primeiro item deste capítulo –, os libertinos inscrevem suas imaginações, apontam suas críticas e elaboram suas ideias, transformando os escritos em espaços de criação e ação, permitindo a exploração da liberdade criativa e do exercício da autonomia.⁵ Ao recorrerem à ficção, os textos libertinos representam o encontro das personagens com a própria subjetividade, que estimula a proposição e emissão de ideias, questionamentos e reflexões nos escritos. Tal constatação possibilita identificar os textos libertinos como espaços de refúgio, utilizados pelos escritores

¹ MONTAIGNE, Michel. *Os ensaios*: uma seleção. Tradução Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 155.

² D’ANGELO, « Je suis le héros véritable de mon roman ». Disponível em: <http://journals.openedition.org/ccrh/237> Acesso em: 11 março 2025.

³ VAN DAMME, *Libertinage de mœurs / libertinage érudite*, p. 11.

⁴ A equivocidade comunicativa compreendia uma prática dissimulativa. MOREAU, *Guérir du sot*, p. 251; CAVAILLÉ, *Dis/simulations*.

⁵ O encontro com a subjetividade é um elemento apontado em TRICOHE-RAULINE, *Identités libertines*. A filósofa Sylvie Giocanti indica que o escrito literário permite a elaboração de uma ação frente às diversas formas de servidão (religiosa, política, moral, intelectual, estética e literária) que assolavam o contexto dos libertinos. GIOCANTI, Sylvie. *La liberté est-elle pensable chez les libertins du XVIIe siècle? La Mothe Le Vayer (De la liberté et de la servitude, 1643), Sorbière (Discours sceptiques, 1657), l’anonyme du Theophrastus redivivus (1659): entre scepticisme et naturalisme, 2021, s.p..*

para expressar suas visões de mundo, apontar suas ideias, reivindicações e críticas frente aos dogmas e repressões da sociedade francesa do século XVII.

No segundo momento deste capítulo será refletido como a escrita constitui um importante meio para ação dos libertinos no contexto em que viviam, viabilizando a difusão de suas ideias críticas.⁶ Por meio dela, os escritores evidenciam o valor do gênio libertino,⁷ a relevância da exploração da imaginação, da busca pelo prazer, do riso e do divertimento, que viabilizam suas elaborações diante das opressões da sociedade. A partir disso, os libertinos evidenciam e anunciam a necessidade dos indivíduos se tornarem os inventores dos seus próprios caminhos.

5.1. Reclamações do eu, contradições e imaginações privadas

Os textos de Cyrano, Dassoucy, Tristan e Chapelle são narrados em primeira pessoa, onde, na maioria dos casos, o personagem narrador assume a identidade dos próprios escritores. Em *Aventures*, Dassoucy se declarou como a personagem principal da narrativa ao dizer: “Eu sou o herói verdadeiro do meu romance”.⁸ De forma semelhante, Chapelle e Bachaumont anunciaram em *Voyage*: “É em verso que eu vos escrevo (...)/ Do que aconteceu conosco/ Desde que, pelo longo caminho/ Que conduziu aos rios de *Loire*/ Nós partimos para ir beber/ As águas”,⁹ indicando como eles eram os narradores do texto que escreviam e que tratariam de suas experiências. Nas obras de Cyrano e Tristan, a indicação de que os narradores eram os

⁶ A ação através da escrita e da publicação das obras constitui uma reflexão de JOUHAUD, *Les Pouvoirs de la littérature*; SCHAPIRA, *Un professionnel des lettres au XVII^e siècle*.

⁷ O termo gênio podia ter uma conotação sobrenatural, no caso da Antiguidade, mas foi no período moderno que passou a ser compreendido como espírito, consciência, inteligência, entre outros significados relacionados. Para uma compreensão sobre a história do termo, ver: MCMAHON, Darrin. *Divine Fury: a history of genius*. New York: Basic Books, 2013. Os libertinos do século XVII indicam uma percepção prévia, ainda inicial, do gênio enquanto espírito relacionado à condição natural humana de criação e elucubração própria. Será, então, no século XVIII, a partir das reflexões de filósofos como Diderot, Helvétius e La Mettrie, que emergirão definições mais encorpadas, reconhecendo a capacidade da mente humana de pensar e refletir por si mesma, desde que fosse devidamente instigada. DIDEROT, Denis. *Carta sobre os cegos para o uso dos que vêem* (1749). São Paulo: Abril Cultural, 1979; HELVÉTIUS, Claude Adrien. Do Espírito. In: Condillac, Helvétius, Degerando. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973; LA METTRIE, Julien Offray de. *L’homme machine / Man a machine*. In: *Man a machine*. La Salle: The Open Court, 1953.

⁸ Tradução livre: “Je suis le Heros veritable de mon Roman”. DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D’Assoucy*. Tome Premier, s. p.

⁹ Tradução livre: “C’est en vers que je vous écris, (...)/ De ce qui nous est arrivé/ Depuis que par le long pavé/ Qui conduit aux rives de Loire;/ Nous partîmes pour aller boire/ Les eaux”. CHAPELLE; BACHAUMONT, *Voyage de messieurs de Bachaumont, et la Chapelle*. In: RECUEIL de quelques Pieces Nouvelles et Galante, p. 35. BNF YE-11518.

próprios escritores foi menos direta. No entanto, ao identificarem Dyrcona e Ariston, respectivamente, como narradores dos seus textos – anagramas dos seus nomes – a relação entre as identidades dos narradores e dos autores se tornou aparente.¹⁰ O que poderia significar que o que eles descreviam em seus textos aconteceu ou, ao menos, se relacionava com os acontecimentos vividos pelos escritores.

As similaridades entre a vida e obra dos escritores não se limitam apenas à identificação com os narradores, sendo comum encontrar acontecimentos descritos nos textos que possuem relação com os eventos pessoais e os contextos vividos pelos autores. No texto de Cyrano, quando Dyrcona descreveu em *Viagem ao Sol* o processo de redação do manuscrito sobre o deslocamento para a Lua, identifica-se a referência sobre uma experiência efetivamente vivida pelo escritor. Da mesma forma, em *Le Page disgracié*, o pajem Ariston descreve as ligações que teve com diferentes patronos ao longo da sua trajetória para se tornar um escritor profissional. Essas ligações, em sua maioria, refletem o percurso do próprio Tristan até se tornar um escritor reconhecido. Em *Voyage* de Chapelle e Bachaumont, a semelhança entre o narrado e o vivido se encontram, principalmente, nas descrições dos banquetes e personagens aristocratas que atravessam a narrativa. Essas referências são indicativas sobre os espaços sociais que os escritores ocupavam e pelos quais transitavam no âmbito das suas vidas reais. Em *Aventures* de Dassoucy, as descrições sobre as suas atuações, enquanto músico e poeta na corte, somadas aos relatos sobre os infortúnios vividos – como o aprisionamento – e as difamações proferidas pelos seus ex-amigos, foram circunstâncias efetivamente vivenciadas pelo escritor.

Episódios referindo-se à perseguição ou aprisionamento dos personagens podem ser identificados em todos os escritos aqui analisados. Esse aspecto estaria correlacionado com o contexto enfrentado pelos escritores libertinos, onde medidas repressivas eram utilizadas para combater ideias ou práticas dissidentes. Além disso, essas experiências foram vivenciadas pelos próprios escritores. Dassoucy, por exemplo, foi encarcerado três vezes, e um desses episódios foi relatado por ele na obra *Prison*. Mesmo que os outros escritores não tenham sofrido a mesma

¹⁰ A questão dos nomes dos narradores das obras libertinas, assim como os pseudônimos que foram escolhidos por alguns deles para serem indicadas nas páginas dos textos publicados, foi destacada pelos pesquisadores. Eles indicariam não apenas as estratégias de escritas empregadas pelos libertinos para se defenderem da censura ou perseguições, como os efeitos da prudência libertina. MOREAU, *Guérir du sot*; TRICOCHÉ-RAULINE, *Identité(s) libertine(s)*, p. 95-102; Joan Dejean também apontou a manipulação dos nomes ou omissão deles por parte dos libertinos. Por exemplo, em seus textos eles omitiram os primeiros nomes, como Tristan L'Hermite que omitiu o François, Cyrano de Bergerac omitiu Savinien e Chapelle que omitiu completamente o nome Claude-Emmanuel Luillier das suas publicações. Já Dassoucy omitiu o seu nome do meio Coypeau e o sobrenome d'Assoucy foi transformado em Dassoucy. DEJEAN, *Libertine strategies*, p. 3-8.

experiência, as condenações em território francês foram frequentes, principalmente na primeira metade do século XVII. Um caso notável foi o do poeta libertino Théophile de Viau, condenado em 1623, cuja sentença teve grande repercussão e esteve relacionada com outras histórias de escritores punidos pelas suas ideias, consideradas ateias ou licenciosas. Esses eventos possivelmente motivaram os escritores a referirem-se à perseguição em suas obras, refletindo como ela ainda era vigente na sociedade em que viviam e para demonstrar a inocência dos indivíduos considerados ímpios.

Ao se implicarem nas tramas através dos personagens e das situações de “obra imitando a vida”, Cyrano, Dassoucy, Tristan e Chapelle tiveram seus escritos interpretados como fontes comprovadoras de que eles viviam uma vida “verdadeiramente” libertina e errante, conforme as descrições e construções dos personagens das obras, uma leitura comumente encontrada nos trabalhos produzidos durante os séculos XIX e XX.¹¹ Essa ideia, contudo, se torna questionável ao se observar como as ambiguidades e as contradições das obras eram provenientes de uma dualidade constitutiva da postura e da escrita libertina. O que não torna simples a tentativa de separação das vivências dos personagens entre reais ou imaginárias, ou se os personagens seriam libertinos ou não, ou apenas uma coisa ou outra, já que eles emitiam múltiplas vozes, algumas céticas, dissimuladas, críticas, divertidas, filosóficas e etc, o que permitia que os narradores emitissem uma multiplicidade de discursos, alguns conformistas, mas em outros instantes dissolutos, oferecendo um leque vasto de interpretações aos seus leitores.

Algumas pesquisas, como de Jean-Charles Darmon, Laurence Tricoche Rauline e Stéphane Van Damme, apontaram que ao dizerem ‘eu’ nos seus escritos, os libertinos morstram que são um outro.¹² Segundo Van Damme, o emprego da primeira pessoa a partir da pena de Théophile de Viau, através de *Première journée*, apresenta um componente paradoxal, pois, durante o século XVII, havia uma teoria dos pronomes e das suas funções que possibilitava que o emprego da primeira pessoa operasse um desvio de atenção sobre a identidade do locutor do texto. Dessa forma, se o escritor diz ‘eu’, isto quer dizer que ele espera que sua identidade seja esquecida. “Porque ‘eu’ pode designar qualquer pessoa, se não nos dermos ao trabalho de referi-

¹¹ Esse foi o caso, principalmente, nas produções de GAUTIER, Théophile. *Les Grotesques*. Paris: Michel Lévy Frères, 1853; BRUN, *Savinien de Cyrano Bergerac*; BRUN, *Autour du XVIIe siècle*. Trabalhos mais recentes fizeram aproximações entre a obra e vida e trataram da autorrepresentação nos escritos de forma menos redutora: ALCOVER, Madeleine. Analyse. In: CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. CLXIV-CCIX. BERTRAND, *La « merveilleuse histoire » des « disgrâces » de Dassoucy*; DANDREY, Patrick. *Le page disgracié de Tristan l'hermite ou le « roman de sa vie »*. *Revue d'histoire littéraire de la France*, v. 114, n. 1, p. 169-181, 2014; LEPLATRE, Olivier. Narcisse lisant (sur deux frontispices du *Page disgracié de Tristan L'Hermite*). *Littératures*, n. 78, s. p., 2018.

¹² CYRANO DE BERGERAC, *Lettres satiriques et amoureuses précédées de Lettres diverses*, p. 7; TRICOCHÉ-RAULINE, *Identité(s) libertine(s)*, p. 257; VAN DAMME, *Libertinage de mœurs/ libertinage érudit*, p. 10-12.

lo a um nome próprio” e, na narrativa de Théophile, o ‘eu’ trata-se de um narrador anônimo.¹³ A partir disso, pode-se apontar que os escritores libertinos se utilizam de uma série de feitos de linguagem que viabilizam a formação e deformação desse ‘eu’ ao longo das suas narrativas. A escrita equívoca, que enseja dissimular as ideias, torna-se uma aliada da ficção, que permite a exploração de imaginações, de propostas dissidentes e outras reivindicações.¹⁴ Dessa forma, o que era verdadeiro aparece misturado com o imaginado, ou ao contrário, fazendo com que a verdade factual fosse minada pela intrusão da ficção na história.¹⁵ Os escritos poderiam, assim, ser compreendidos como simulacros, representações da(s) realidade(s), onde os limites entre o verdadeiro e o imaginado estão entrelaçados, não sendo possível traçar separações, já que as suas bases hipotéticas são instáveis e variáveis.

Apesar das similaridades entre as histórias narradas nas obras e as vidas dos escritores libertinos, não são raros os momentos em que os narradores dos textos defendem o caráter ficcional das produções, o que poderia atenuar as implicações de suas subjetividades e as contestações que seriam feitas a partir delas. Em *Viagem ao Sol*, Dyrcona alertou que o escrito que escreveu, denominado *Etats et Empires de la Lune*, se tratava de um emaranhado – *pot-pourri* – de contos ridículos, combinando diversas ideias sem necessariamente seguir uma ordem, tratando-se de uma espécie de historieta.¹⁶ Com isso, o protagonista buscava amenizar o fato dos magistrados de Toulouse terem se horrorizado com o texto, já que propunha que a Lua era um mundo habitado. Em suas *Aventures*, Dassoucy referiu-se aos seus escritos como verdadeiros romances ou aventuras, indicando a imprevisibilidade do que estava narrando, assim como o caráter imaginativo dos textos em questão.¹⁷ Em *Page disgracié*, o narrador seguiu a mesma linha dos anteriores e, através do narrador Ariston, Tristan referenciou mais de uma vez o seu escrito como um “poema ilustre, “uma história deplorável”, “uma pintura bela” ou “uma história de coisas que são inventadas”.¹⁸

A realidade e a imaginação reivindicadas pelos escritores possibilitavam a criação de um paradoxo sobre a definição dos textos e sobre as propostas narradas. Essa reflexão levaria a um questionamento sobre até que ponto as reivindicações do eu, contidas nos textos,

¹³ Tradução livre: “Car ‘je’ peut designer n’importe qui, si l’on ne prend pas la peine de le renvoyer à un nom propre”. *Idem*, p. 11.

¹⁴ Determinadas pesquisas apontam a importância da dissimulação para os libertinos. MOREAU, *Guérir du sot*, p. 251; CAVAILLÉ, *Dis/simulations*; D’ANGELO, « Je suis le héros véritable de mon roman ».

¹⁵ SRIBNAI, Judith. *Figurations et relations*. Le sujet dans les romans à la première personne et les textes philosophiques du XVIIe siècle. Thèse (Doctorat en Langue et littérature Françaises) – Université Paris-Sorbonne, Paris, 2011b, p. 177.

¹⁶ CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 168.

¹⁷ DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D’Assoucy*. Tome Premier.

¹⁸ TRISTAN L’HERMITE. *Le Page disgracie*. Première partie, 1643, p. 2-5.

consistiam em referências ao verdadeiro eu dos escritores. O efeito de verossimilhança transformava o imaginado em algo palpável, a ponto de parecer real. Dessa forma, os escritores criavam uma “ilusão” em torno da verdade. Ao misturarem elementos reais com os imaginados, mesmo que uma verdade fosse proferida simultaneamente nos escritos, ela acabava se confundindo com o imaginado. Isso impossibilitava a decifração, permitindo que segredos fossem mantidos, mesmo quando aparentemente revelados. Sendo assim, pode-se concordar com a leitura feita por Filippo d’Angelo, que indicou como os textos de Tristan e Dassoucy, assim como os de Cyrano, serviam como uma demonstração de que, ao contrário da ideia corrente segundo a qual o romance em primeira pessoa era apenas um produto derivado do gênero autográfico, a ficção autodiegética poderia representar uma modalidade autônoma de representação de si, ou melhor, uma abordagem narrativa alternativa à própria abordagem autobiográfica.¹⁹

As contradições dos escritos libertinos integravam vários aspectos dos textos, desde a definição do gênero até em relação às histórias e propostas narradas pelos personagens que as compunham. Em *Page disgracié*, a contradição pode ser identificada desde o primeiro capítulo em que o narrador Ariston pontuou como a história que iria contar estava próxima da sua realidade, ao indicar o seguinte: “a verdade só se apresentará ali [na narrativa] tão mal vestida que poderemos dizer que ela está completamente nua”.²⁰ Apesar do pajem assim indicar que a história que ele iria contar estava relacionada à sua experiência pessoal, logo em seguida ele pontua que aquela narrativa seria “uma fiel cópia de um lamentável Original, como um reflexo no espelho”.²¹ Ou seja, mesmo que houvesse relação entre o narrado e o vivido, Tristan reforçava que a sua narrativa consistia em uma reprodução duplicada sobre a perspectiva do narrador, isto é, uma representação. Dessa forma, o elemento autobiográfico aparece de forma ambígua e contraditória, à medida em que o narrado na obra não pretendia ser uma réplica fiel, mas sim um reflexo. Tristan manteve, ao longo de sua narrativa, certa ambiguidade sobre o caráter autobiográfico do seu escrito ao optar por modificar o nome do narrador do texto e ocultar os nomes dos personagens mencionados ao longo da história. A incógnita sobre a possibilidade desses sujeitos serem reais e sobre as histórias narradas serem verdadeiras assim permanece. O escritor, possivelmente, estava convencido da vulnerabilidade do seu texto, pela criticidade das ideias ali propostas e, também, pelo fato de se tratar de uma narrativa escrita em

¹⁹ D’ANGELO, « Je suis le héros véritable de mon roman », p. 53.

²⁰ Tradução livre: “la Verité s’y presentera seulement si mal-habillée qu’on pourra dire qu’elle est toute nue”. TRISTAN L’HERMITE, *Le Page disgracie*. Première partie, 1643, p. 4.

²¹ Tradução livre: “vne fidele copie d’un lamentable Original; c’est comme vne reflexion de miroir”. TRISTAN L’HERMITE. *Le Page disgracie*. Première partie, 1667, p. 3.

primeira pessoa sobre a história de uma pessoa comum, em um momento em que esse recurso era comumente empregado em textos que descreviam as histórias e vidas de figuras notáveis. Por conta disso, era necessário manter as oposições e as contradições no seu discurso, o que permitia a dissociação sobre o proposto.

O aspecto autobiográfico da obra de Tristan não foi um elemento destacado pelos contemporâneos até o ano de 1667, talvez por não ter sido compreendido como algo original ou interessante o bastante naquele momento, o que explicaria o motivo da obra não ter tido novas edições durante vinte e quatro anos.²² A segunda edição do texto passou por alterações que acabaram direcionando o aspecto autobiográfico da narrativa. Na epístola dedicatória dessa versão para Henri de Bourbon – duque de Verneuil, filho de Henri IV com Henriette d’Entragues –, o impressor André Boutonné observou como aquela obra seria bem-recebida pelo duque, pois o jovem Tristan havia sido bem-acolhido na corte de Henri IV, tendo sido educado ao lado do duque de Verneuil.²³ Esse período da vida de Tristan foi, inclusive, mencionado na narrativa, onde o pajem relatou ter habitado na corte de um grande governante. O filho do governante, que tinha idade aproximada à do pajem, era receptor das leituras do jovem e juntos eles recebiam as lições de um mesmo preceptor.²⁴

Já no prefácio da obra, o texto de Tristan foi descrito como “o Romance de sua vida”, onde “ele quis pintar a si mesmo e representar com vivacidade de seu espírito, [...] as vantagens de seu nascimento e os infortúnios de sua sorte”.²⁵ O impressor Boutonné e Jean-Baptiste L’Hermite, irmão de Tristan, buscaram não deixar dúvidas sobre o caráter autobiográfico do escrito. Além disso, Jean-Baptiste L’Hermite foi responsável pela inclusão de pequenos textos – denominados *clefs* – ao final da obra, os quais identificavam os nomes dos indivíduos citados ao longo da narrativa, na tentativa de esclarecer as supostas passagens obscuras da primeira edição e as personalidades que estiveram ligadas ao escritor. Dessa forma, a segunda edição teve um papel crucial e transformador sobre a forma como o escrito passaria a ser compreendido pelos contemporâneos e pela posteridade, fazendo com que ele fosse identificado como um

²² BERREGARD, Sandrine. *Tristan L’Hermite, « hériter » et « précurseur »*. Imitation et innovation dans le carrière de Tristan L’Hermite. Tübingen: Gunter Narr Verlag Tübingen, 2006, p. 320.

²³ O trecho da dedicatória indica o seguinte: “si vous luy faites maintenant un aussi fauorable acceüil, que celuy qu’il a receu tant de fois de vostre Altesse”. TRISTAN L’HERMITE, *Le Page disgracie*. Premiere partie, 1667, s.p.

²⁴ O episódio é descrito no quarto capítulo da obra, intitulado “Comme le Page-disgracié entre au service d’un Prince” TRISTAN L’HERMITE. *Le Page disgracie*. Premiere partie, 1643, p. 21 e TRISTAN L’HERMITE, *Le Page disgracie*. Premiere partie, 1667, p. 14.

²⁵ Tradução livre: “le Roman de sa vie”; “il s’est voulu peindre soy-mesme, [...] les auantages de sa naissance & les mal-heurs de sa fortune”. *Idem*, s.p.

texto autobiográfico, que relacionava os eventos narrados com os acontecimentos perpassados em vida por Tristan.²⁶

Em *Voyage* de Chapelle e Bachaumont as referências autobiográficas poderiam ser observadas a partir do uso de nomes de pessoas reais, sem que houvesse o esforço da parte dos escritores para tentar camuflar as alusões que faziam. Eles mesmos se identificaram como sendo os narradores, deixando em aberto a possibilidade de terem vivenciado, ou não, as experiências descritas na obra. O relato consistia no relato da viagem que fizeram por regiões da França, onde descreviam as experiências cotidianas de suas travessias. Um elemento expressivo sobre o procedimento narrativo de Chapelle e Bachaumont era que muitos dos personagens citados pareciam ter alguma proximidade com os escritores ou, no mínimo, eram conhecidos por eles – como Claude Chauvigny, Dassoucy, Senhor Le Bailleaul, marquês de Jonzac, Senhor Tallemant, Senhor de Bonneville, Senhor d'Aubijoux, Scudéry, Valentin Conrart, Augustin Courbé, Madame de Castellane, os irmãos Senhores Broussins –, fazendo com que a verossimilhança do relato fosse muito eficaz, como se eles estivessem descrevendo situações que realmente haviam acontecido. Contudo, Yves Giraud alertou para o fato de que, mesmo que existissem proximidades entre a obra e a viagem que Chapelle e Bachaumont haviam feito, algumas descrições não correspondiam à realidade, tal como o encontro com o deus do rio Job, que explicou as causas do fluxo e do refluxo das águas; o encontro que tiveram com Dassoucy em Montpellier, onde foi descrito que ele poderia ser queimado vivo pelo crime de sodomia numa conversa com as preciosas que indicaram o crime do músico-escritor; além da suposta visita à Notre-Dame de la Garde, onde não conseguiram se encontrar com Scudéry.²⁷ Outras descrições estavam também passíveis de terem sido descritas de modo diferente de como havia acontecido na realidade, visto que os narradores objetivavam contruir uma obra que tivesse uma boa relação das suas aventuras.²⁸

No caso de *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol* de Cyrano, as contradições e ambiguidades se apresentam de forma um pouco diferente. O nome do narrador Dyrcona foi revelado apenas na segunda narrativa, o que quer dizer que, ao longo do escrito sobre a Lua, não existiam indicações sobre a denominação do narrador, gerando o questionamento sobre quem seria o

²⁶ Não se sabe por qual motivo Jean Baptiste fez as inserções nas obras de Tristan, mas uma das hipóteses levantadas por Jean Serroy sugere que o irmão buscava promover uma memória nobre e positiva sobre a sua família, por isso ele buscou aliar Tristan a indivíduos notáveis em seu texto. SERROY, Jean. In: TRISTAN L'HERMITE. *Oeuvres complètes*. Tome I. Prose. Direction Jean Serroy avec collaboration de Bernard Bray, Amédée Carriat e Marc Fumaroli. Paris: Honoré Champion, 1999, p. 194-195.

²⁷ CHAPELLE; BACHAUMONT, *Voyage d'Encausse*, 2007, p. 16.

²⁸ CHAPELLE; BACHAUMONT, *Voyage de messieurs de Bachaumont, et la Chapelle*, In: RECUEIL de quelques Pièces Nouvelles et Galantes, p. 35.

viajante, se ele seria o próprio Cyrano ou outro indivíduo, cuja identidade por trás dos relatos em primeira pessoa era desconhecida. Apesar do nome do viajante ter sido ocultado no primeiro texto, outros nomes foram citados, denominações que faziam referência a pessoas existentes no mundo real como Sócrates, Campanella e Descartes, mas que foram ficcionalizados.²⁹ Dessa forma, existia uma limitação parcial entre realidade e imaginação.

Através da ambiguidade criada, Cyrano conseguia se dissociar do seu narrador, fazendo que a dúvida estivesse sempre presente. Quando a identidade de Dyrcona foi revelada em *Viagem ao Sol*, um anagrama do nome do autor, a indeterminação se manteve. Além disso, o nome do narrador não foi repetido muitas vezes, fazendo com que a fronteira de divisão entre os dois mundos – o real e o imaginário – fosse perpetuada. Assim como na referência à determinadas personagens. O personagem de Sócrates, por exemplo, que serviu como guia do viajante no mundo da Lua, foi tratado como um sábio, tendo declarado conhecer diversos filósofos da Terra, embora fosse declarado que ele era um ser originário do Sol, ou seja, se tratava de uma inspiração, uma representação do filósofo.³⁰ Os personagens de Campanella e Descartes foram identificados como indivíduos que haviam morrido na Terra, mas que foram incorporados pelo Sol e desde então viviam como filósofos naquele mundo. Eles seriam as representações dos filósofos terráqueos, não sendo necessariamente compreendidos como os verdadeiros filósofos. Talvez eles pudessem ser entendidos como as versões imaginadas daqueles seres, como eles poderiam ser se fosse possível que os seres humanos reintegrassem outro mundo após a morte. Eles foram os mentores de Dyrcona na Província dos Filósofos, localizada mundo solar, e serviam como conselheiros do viajante, indicando como funcionava aquele espaço e declarando concepções filosóficas naturalistas a respeito do universo. Embora Descartes tenha sido citado, o viajante encontrou com ele apenas no final do escrito, e no momento que eles iriam iniciar o diálogo foram interrompidos pelo término da obra. As múltiplas representações sobre si e sobre outros nos escritos de Cyrano se tornaram parte dos diferentes mundos inventados pelo escritor, possibilitando que seus personagens pudessem vivenciar múltiplas personalidades, sendo eles mesmos, outros ou algo aproximado entre as duas coisas.

Aspectos semelhantes podem ser encontrados nos textos Dassoucy, em que ambiguidades reverberavam. O escritor se declarou no prefácio das *Aventures* como sendo o

²⁹ SRIBNAI, *Figurations et relations*, p. 284.

³⁰ Segundo Jean-Pierre Cavaillé, a invocação da figura de Sócrates compreendia uma tônica predominante nos escritos críticos, como uma referência e um modelo que inspirava à sabedoria, à dúvida e à liberdade para os libertinos. Além disso, ele também representava um ser desdenhoso das religiões supersticiosas, promotor do deísmo e do ateísmo. CAVAILLÉ, *Les déniaisés*, p. 247.

herói da narrativa, mas, em um momento posterior, ele propôs algo diferente, anunciando que, na realidade, “o herói verdadeiro do romance” seria o seu companheiro de viagem, o pajem Pierrotin.³¹ Ao longo da história narrada por Dassoucy houve uma tentativa de dissociação entre o Dassoucy-narrador e o Dassoucy-escritor, mesmo que seus textos estivessem descrevendo a trajetória do próprio autor. Pierrotin era, na verdade, um personagem coadjuvante, mas que foi considerado o verdadeiro herói justamente no momento em que Dassoucy foi acusado de descrença por outro personagem. Dessa forma, o narrador introduziu uma espécie de contradição que tornava ambíguo e difícil de distinguir quem era o verdadeiro protagonista daquela história, e sobre até que ponto as descrições da narrativa eram referências aos acontecimentos reais ou derivadas da imaginação do escritor. O mesmo se aplica ao personagem “*tuer du temps*”, que iludiu Dassoucy na obra, fazendo com que ele perdesse seu tempo e dinheiro para apostar no jogo de cartas. O escritor oferece, assim, múltiplas saídas ao leitor, múltiplas possibilidades de leitura e interpretação, impossibilitando a distinção entre si e o narrador. Dessa forma, em suas obras, tudo compreende “efeitos de espelho e de cintilações, jogos de anamorfoses entre Dassoucy-escritor e Dassoucy-herói, leitor real e leitor fictício, texto e peritexto, nada é exatamente a imagem exata da realidade, mas também nada de essencial é pura imaginação”.³²

O jogo de ilusão, distorção e ambivalência do discurso englobam profundamente a proposta de Dassoucy, pois mesmo quando o escritor parecia estar dizendo a verdade, torna-se difícil identificá-la ao se apresentar um argumento contraditório, que confirma o oposto. Parte desse processo criativo, que servia como uma forma de dissociação e distanciamento entre a obra e a opinião do escritor, foi revelado em um trecho dos versos que Dassoucy preparou em oposição a Chapelle e as acusações que eles trocaram entre si, que dizia:

Leitor piedoso e caridoso,
Use aqui da sua caridade,
Chapelle te contou bem,
D’Assoucy te faz semelhante:
Mais para dizer a verdade,
Um e outro do seu lado

³¹ No capítulo oitavo foi onde Dassoucy anunciou a frase que indicativa de que Pierrotin era o herói da narrativa: “Pierrotin le Heros de mon veritable Roman”. DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D’Assoucy*. Tome Premier, 1677, p. 210.

³² Tradução livre: “Effets de miroir et de miroitement, jeux d’anamorphoses entre Dassoucy-écrivain et Dassoucy-héros, lecteur réel et lecteur fictif, texte et peritexte, rien n’est tout à fait l’image exacte de la réalité mais rien d’essentiel ne relève non plus de la pure imagination”. CATUSSE, *D’un bon usage de l’équivoque*, s. p. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ccrh/241> Acesso em: 22 abril 2024.

Não escrevem de verdade,
Acredite, Leitor, que é uma fábula
E que o truque é inventado.³³

Na compreensão de Dassoucy, toda história seria derivada de uma fábula, o que permitia que seus escritos não tivessem um comprometimento narrativo com os eventos reais e lhe autorizava a se aventurar pelo universo da imaginação. Foi dessa mesma forma que ele considerou o texto de Chapelle – a *Voyage* onde Dassoucy foi apontado como sodomita. Dessa forma, a ficcionalização proposta pelo escritor, que satirizava e teatralizava as suas narrativas, impossibilitava que as histórias narradas por ele fossem lidas como verdadeiras, assim como o texto de Chapelle, que constrangia Dassoucy e com quem ele rivalizava, não poderia ser considerado um relato verdadeiro, mas sim uma invenção. Ao culpar o outro por não escrever a verdade, mas de fabular igualmente a ele, Dassoucy fazia com que as acusações – e oposições dos discursos – sobre ele fossem anuladas, o que permitia que a sua narrativa apologética fosse visualizada como produto da imaginação, não proveniente de uma questão pessoal. Com isso, a afirmação de que ele era o herói da sua narrativa também poderia ser compreendida como uma ficcionalização do seu texto, fazendo com que os limites entre a realidade e a imaginação não fossem localizados e fossem incorporados numa história que por si só conduzia às distorções.

A distorção ocorria, pois, os reflexos dos espelhos – as histórias narradas – não representavam o real, apenas refletiam aproximações e, a depender da distância de observação, as deformações ficavam menores ou maiores. O “sentido se dissimula[va] nos desdobramentos” dos reflexos. “A verdade se esconde, mas existe”.³⁴ As distorções e contradições dos escritos de Tristan, Cyrano e Dassoucy possibilitavam que os escritores se aprofundassem em temas complexos, às vezes interditos e suspeitos, principalmente aqueles que se relacionavam com questões pessoais, e polêmicos sobre a religião, a liberdade, o prazer, o conhecimento e os costumes. Através dos jogos de distorções e contradições dos discursos, os escritores poderiam vivenciar uma espécie de autonomia através da imaginação, onde experimentavam um pouco do que propunham em suas narrativas, isto é, a autonomia de si, de criação e de liberdade de pensamento. Essas questões eram exploradas por meio de imaginações privadas, quer dizer,

³³ Tradução livre: “Lecteur pieux et charitable, / Uze icy de ta charité, / Chapelle t’en a bien consté, / D’Assoucy t’en fait le semblable: / Mais pour dire la verité, / L’un et l’autre de son costé / N’a rien écrit de veritable, / Croy, Lecteur, que c’est une fable / Et que le tour est inventé”. DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D’Assoucy*. Tome second, 1677, p. 282-283.

³⁴ ONFRAY, *Contra-história da filosofia*, os libertinos barrocos, III, p. 200.

inquietações ligadas às esferas psíquicas e subjetivas de cada libertino, como a busca pela liberdade, o desejo de vivenciar múltiplos prazeres, o anseio pelo conhecimento e, talvez, a vontade de não mais precisar ocultar as suas ambições internas ou forçar-se a manter discrição em seus questionamentos. Contudo, essas experiências imaginativas se chocavam com o imaginário público, entendido como o “conjunto de imagens visuais e verbais gerado por uma sociedade na sua relação consigo mesma”, que englobava o sistema de representações coletivas e compartilhadas pelos agentes.³⁵ Esse lugar comum, reforçado pelas instituições e pelos poderes, impunha limites ao que podia ser pensado, dito e experimentado. Por isso, as contradições identificadas nas obras possibilitavam o aprofundamento das reflexões e dos pensamentos dos libertinos. As viagens, as conversas e os encontros vividos pelos narradores de seus textos, apesar de parecerem paradoxais, ao serem observados com mais atenção, tornam-se claros como as águas que restauraram a saúde de Chappelle e Bachaumont em *Voyage*. Os trajetos lhes permitiam a visualização de novas possibilidades, recompondo o desejo e a curiosidade de conhecimento, o *libido sciendi*, de cada um dos viajantes.³⁶

Em *Viagem ao Sol* de Cyrano pode-se encontrar uma explicação que se relaciona com a proposta dos escritores libertinos, de como eles escondiam, através do véu ficcional e da imersão no mundo imaginário, as suas convicções. O trecho em questão consistia na descrição que Dyrcona recebeu de um dos filósofos encontrados no mundo solar, Campanella – em referência ao filósofo calabrês –, sobre como na Província dos Filósofos a transparência, não somente corporal como mental, era um valor importante, pois era a forma como os sábios comunicavam suas ideias. Conforme a explicação de Campanella:

a grande parte dos filósofos não falam com a língua; quando eles querem comunicar os seus pensamentos, eles se purificam através dos impulsos de suas fantasias de um escuro vapor*, sob o qual eles comumente mantêm suas concepções encobertas; e assim que eles fazem descer em seu lugar essa escuridão do baço que as enegreceu, como os seus corpos se tornam então diáfanos, pode-se observar através de seus cérebros o que eles lembram, o que imaginam, o que julgam, e em seus fígados e corações, o que eles desejam e o que eles resolvem; porque embora esses pequenos retratos sejam mais

³⁵ FRANCO JUNIOR, Hilário. *Cocanha: uma história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 16.

³⁶ Sobre a curiosidade na Época Moderna, ver JACQUES-LEFÈVRE, Nicole; HOUDARD, Sophie. *Curiosité et Libido sciendi de la Renaissance aux Lumières*. Lyon: ENS Éditions, 1998.

imperceptíveis do que qualquer coisa que possamos imaginar, temos neste mundo os olhos claros para distinguir facilmente até as mais pequenas ideias.³⁷

O trecho é revelador sobre a proposta dos escritores libertinos, sobre como as suas ideias eram comunicadas através da representação dos seus pensamentos, que eram construídos a partir da escrita como se fossem imagens a serem contempladas, mas que pareciam encobertas pela névoa da contradição, não sendo facilmente decifradas à primeira vista. Contudo, em uma segunda ou terceira leitura, depois que os leitores conseguem adentrar nos universos construídos pelos escritores e sob um olhar atento aos detalhes, seria possível desvelar os pensamentos que foram atados às figuras representadas através dos textos. Seria, na verdade, como se os escritores tivessem construído seus escritos como se fossem figuras, que estavam sob um jogo de luzes, que ora iluminam e ora apagam, criando um cenário claro-opaco conforme a expressão de Michel Onfray, onde a mensagem principal era revelada ao mesmo tempo em que era ocultada a partir da contemplação.³⁸ Esse seria um panorama semelhante ao que foi descrito pelo sábio a Dyrcona, sobre como as ideias dos filósofos solares, comumente encobertas, eram depuradas e compreendidas quando se tornavam transparentes, e o que inicialmente parecia confuso se tornava claro através dos olhos daqueles que eram treinados para distinguir facilmente as mais pequenas ideias.

Não se pode ignorar que a proposta de Cyrano, assim como a de outros escritores que empregaram a primeira pessoa com contornos paradoxais em seus textos, aproxima-se da herança de Montaigne, que declarou ser ele mesmo a matéria dos seus *Ensaïos*.³⁹ Além disso,

³⁷ Tradução livre: “la plus grande part des philosophes ne parlent pas avec la langue; mais quand ils veulent communiquer leur pensée, ils se purgent par les élans de leur fantaisie d’une sombre vapeur*, sous laquelle ordinairement ils tiennent leurs conceptions à couvert; et sitôt qu’ils ont fait redescendre en son siège cette obscurité de rate qui les noircissait, comme leur corps est alors diaphane, on aperçoit à travers leurs cerveau ce dont ils se souviennent, ce qu’ils imaginent, ce qu’ils jugent, et dans leurs foie et leur coeur, ce qu’ils désirent et qu’ils résolvent; car quoique ces petits portraits soient plus imperceptibles qu’aucune chose que nous puissions nous figurer, nous avons en ce monde-ci les yeux assez clairs pour distinguer facilement jusqu’aux mindres idées”. CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 330. *O vapor era compreendido na época, conforme o *Dictionnaire de l’Académie Française*, como uma fumaça que poderei se elevar até o estômago ou das entranhas em direção ao cérebro. O termo servia para designar muitas coisas, como transtornos físicos e mentais, sendo “todos ligados à invasão do cérebro por estas matérias ‘ascendentes e impuras’”. O que seria indicativo de uma referência aos humores, que pode ter sido empregado por Cyrano para referenciar as emoções humanas e como os filósofos solares seriam sensíveis à essa percepção. VIGARELLO, Georges. Alegria, tristeza, terror... A mecânica clássica dos humores. In: CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, *História das emoções*: 1, p. 321.

³⁸ ONFRAY, *Contra-história da filosofia*: os libertinos barrocos, III.

³⁹ LIAROUTZOS, Chantal. Le Page disgracié, ou l’essai de soi. In CHEVALIER, Anne; DORNIER, Carole. *Le Récit d’enfance et ses modèles*. Caen: Presses universitaires de Caen, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.puc.10026> Acesso em: 10 março 2025.

o filósofo indicou, ao longo de sua obra, a incostância do seu relato, conforme pode-se verificar no trecho:

Não posso ter certeza de meu objeto: ele segue confuso e cambalenate, com uma embriaguez natural. Pego-o neste ponto, como ele é, no instante em que me interesse por ele. Não pinto o ser, pinto a passagem. [...] É um registro de ocorrências diversas e mutáveis, de ideias indecisas, e se calar, contrárias: seja que sou outro eu mesmo, seja que apreendo os assuntos por outras circunstâncias e considerações. Tanto assim que talvez me contradiga, mas, como dizia Dêmades, não contradigo a verdade.⁴⁰

A inconstante “pintura” de Montaigne buscava representar a mutabilidade e a contradição do ser humano, enquanto um agente em contínua mudança ao longo do tempo.⁴¹ Assim como o corpo humano passa por alterações na passagem da infância à velhice, seus pensamentos também estariam sujeitos a mutações. Sendo assim, o filósofo buscou se manter fiel às contradições e variabilidades que são inerentes ao gênero humano. Por isso, a representação de si mesmo como um ser em constante mutação deveria refletir em sua escrita, que apresentam uma modificação e diversificação do próprio eu. Além disso, ao indicar que faria uma “pintura da passagem” através dos escritos, subentende-se que se trata, propriamente, de fazer uma representação que, por sua própria natureza, exibe uma incostância, transmitindo a ausência por meio de uma presença mascarada de seu referente.⁴²

Apesar dos textos de Cyrano, Tristan, Chappelle e Dassoucy compartilharem semelhanças e contradições em relação à proposição da primeira pessoa pelas vozes narrativas dos seus escritos, deve-se atentar para um componente diferente de *Aventures* de Dassoucy. Segundo o pesquisador Catusse, mesmo que Dassoucy tenha se declarado o personagem principal do seu texto e, em seguida, tenha negado essa possibilidade, os seus textos fazem referências a vivências complexas que ele atravessou, principalmente no que tange às perseguições e às prisões, vivências que foram relatadas com mais profundidade em *Pensées* e *Prison*. E no caso de narradores como Dyrcona, Ariston e, em partes Chappelle, eles poderiam ser compreendidos como invenções criadas no papel, ainda que vários críticos tenham apontado que eles vivenciavam o que escreviam. Sem desconsiderar o fato de que Cyrano e Tristan se

⁴⁰ MONTAIGNE, *Os ensaios*, p. 258.

⁴¹ Para uma reflexão filosófica a respeito da representação do eu nos escritos de Montaigne, ver BIRCHAL, Telma de Souza. *O eu nos Ensaios de Montaigne*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

⁴² CHARTIER, O mundo como representação.

utilizavam de elementos autobiográficos para enriquecerem as suas ficções, Catusse apontou como as alusões biográficas nos textos de Dassoucy tinham um caráter diferente, ao servirem como uma forma de autorreferência, o que possibilitava ao escritor advogar em causa própria, por isso o foco em narrar as dificuldades perpassadas ao longo da sua vida.⁴³ Havia um desejo de autojustificação nos textos de Dassoucy, pois buscava defender a virtude da narrativa e sua honestidade, o que poderia transmitir uma perspectiva de inocência do músico-escritor em relação a seus supostos delitos.

A reivindicação do eu nos escritos libertinos permitia que os escritores se afirmassem livremente face às exigências morais do período, mesmo que naquele contexto o discurso referencial sobre si, entre as pessoas ordinárias, fosse tido como algo condenável.⁴⁴ Na verdade, as narrativas que tratavam sobre a vida de alguém compreendiam uma tradição já consolidada a partir do gênero das memórias ou das autobiografias religiosas, às quais eram destinadas a narrar a vida de indivíduos notáveis e ilustres.⁴⁵ Ao serem reivindicadas em outras situações, elas eram consideradas e poderiam ser interpretadas como se o indivíduo estivesse elogiando a si mesmo em seu escrito, como se ele estivesse atribuindo a si a importância de uma autoridade. Dessa forma, referenciar-se a si mesmo nos escritos poderia ser compreendido como alguém que estava pecando pela vaidade ou imprudência da própria referência e, nesse caso, a vaidade despontaria a irritação dos outros, podendo destruir a credibilidade do discurso do escritor.⁴⁶ Era como se houvesse uma inversão completa sobre o que seria comum e relevante de ser compartilhado com o público. Por isso, se fazia necessário a busca pelo equilíbrio.

Do jeito deles, os escritores libertinos buscaram pelo equilíbrio através da manutenção das contradições em seus textos, com o jogo de afirmação e negação do conteúdo biográfico a respeito do que estava sendo relatado. O uso de fórmulas dissimulatórias, decorrente de uma postura prudente, servia para abrandar as autorreferências, ao mesmo tempo que poderia

⁴³ CATUSSE, D'un bon usage de l'équivoque.

⁴⁴ TRICOCHÉ-RAULINE, Laurence. Les libertins érudits ou la morale des corrompus. *Études de lettres*, n. 3-4, 2015, p. 247.

⁴⁵ D'ANGELO, « Je suis le héros véritable de mon roman », p. 6. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ccrh/237> Acesso em: 11 março 2025. Não se pode desconsiderar que, no mesmo período, emergiram escritos biográficos de filósofos antigos e modernos. Segundo a pesquisa de Dinah Ribard, essa prática permitia a representação de um modo de vida filosófico e da ação dos biógrafos no controle do curso e da fortuna das doutrinas. Gassendi, por exemplo, preparou duas biografias, uma referente ao seu amigo Nicolas-Claude de Peiresc e outra dedicada ao Epicuro. A emergência desses escritos pode ter servido de inspiração para os libertinos. RIBARD, Dinah. *Raconter vivre penser*. Histoire(s) de philosophes 1650-1766. Paris: École de Hautes Études en Sciences Sociales/Vrin, 2003.

⁴⁶ FUMAROLI, Marc. *Ego scriptor*: rhétorique et philosophie dans le *Discours de la méthode*. In: MECHOULAN, H. (Dir.). *Problématiques et réception du Discours de la méthode et des Essais*. Paris: Vrin, 1988, p. 42. Ver também: DE SÁ, Luiz César. Alegorias de uma guerra poética: figuras da autoridade na França do século XVII. *Rev. Hist.* (São Paulo), n. 181, p. 1-33, 2022.

ampliar ou acentuar a equivocidade das vozes narrativas. Os limites entre o real e o fictício tornavam-se difíceis de serem identificados, não porque os escritores buscavam mentir sobre o que eram, mas porque desejavam representarem-se diferentes do que eram.⁴⁷ As fórmulas dissimulatórias eram utilizadas com consciência, objetivando a desvinculação parcial sobre os discursos dos textos, o que também poderia garantir o contorno de possíveis censuras.

A referência ao eu permitiu que os escritores fizessem uma exposição deliberada de si, evidenciando os poderes do indivíduo diante das esferas dominantes, apesar das problemáticas que tais reivindicações poderiam ocasionar para eles.⁴⁸ As representações de si e o reconhecimento das experiências pessoais de sujeitos desconhecidos ou “sem nomes” eram transformadas nos objetos principais das suas histórias, além de serem os propulsores das suas reflexões. O interesse dos leitores seria despertado pelo esclarecimento gradual de quem eram os personagens ao longo da leitura, em vez da obra ser baseada em uma autoridade preexistente. Assim, a autoridade foi transferida para a trama particular, como se os escritos fossem relatos retrospectivos sobre as existências desses personagens.⁴⁹

Deve-se lembrar a polêmica literária que envolveu a publicação das *Lettres* de Guez de Balzac em 1624, texto que chegou a ser relacionado à expressividade de uma libertinagem política e moral. O livro era composto de cartas, muitas delas autênticas, endereçadas aos mais variados destinatários, incluindo sujeitos que tinham cargos estatais, religiosos, homens de letras e membros da família do escritor. Naquele momento, o gênero epistolar detinha pouco prestígio em comparação com outros, mas Balzac enfatizou com a sua publicação a singularidade do seu escrito, mesmo que ele se distanciasse dos modelos estéticos e morais da literatura pastoral, encomiástica e amorosa, mais comum entre os primeiros trinta anos de século XVII.⁵⁰ A exploração da inventividade era algo que interessava o escritor, o que pode

⁴⁷ D'ANGELO, « Je suis le héros véritable de mon roman », p. 6.

⁴⁸ As leituras de Tricoche-Rauline são essenciais sobre essa reflexão da identidade, cf. TRICOCHÉ-RAULINE, *Identité(s) libertine(s)*. Já Sribnai, embora não ofereça uma análise dos textos libertinos, propriamente, identifica como os textos narrados em primeira pessoa durante o século XVII poderiam ser compreendidos como elaborações positivas, que permitiam a apresentação das identidades dos sujeitos em relação aos outros e em paralelo a eles. SRIBNAI, Laurence. *Récit et relation de soi au XVIIe siècle*. Paris: Classiques Garnier, 2013. Outras pesquisas que analisaram o romance em primeira pessoa a partir da perspectiva da libertinagem, seriam: D'ANGELO, Filippo. *Le moi dissocié*. Libertinage et fiction dans le roman à la première personne. Thèse (Doctorat en Littérature française) – Université Stendhal-Grenoble, Grenoble, 2008; DEJEAN, *Libertine Strategies*; BUZON, Les passions libertines dans *Le Page disgracié* de Tristan, ou être “comme le jouet des passions, des astres et de la Fortune”. In: MCKENNA; MOREAU, *Libertinage et philosophie au XVIIe siècle* 4, p. 154-174; DARMON, *Le songe libertin*; TORERO-IBAD, *Libertinage, science et philosophie dans le matérialisme de Cyrano de Bergerac*; VAN DAMME, Stephanie. *L'épreuve libertine : morale, soupçon et pouvoirs dans la France baroque*. Paris: CNRS éditions, 2008.

⁴⁹ SRIBNAI, *Figurations et relations*, p. 177

⁵⁰ Para uma análise mais completa sobre querela, conferir BOMBART, Mathilde. Des écritures en polémique: autor de la querelle des *Lettres* de Guez de Balzac (1624-1630). *Littératures classiques*, n. 1, v. 59, 2006, p. 173-

explicar ele ter se aventurado nesse gênero. Ao mesmo tempo, a possibilidade de uma inventividade que fugia das convenções era justamente o que foi observado como polêmico por determinados homens de letras do período. Além disso, a partir desse episódio, tornou-se evidente que existia uma disparidade entre os gêneros literários e o quanto uma proposta inovadora poderia transformar a recepção e como o texto seria interpretado pela sociedade letrada.

Tristan L'Hermite também publicou um texto epistolar, denominado *Lettres Meslées*, em 1642, no qual reuniu poesia e prosa combinando cartas fictícias e pessoais.⁵¹ A obra é composta, em sua maioria, por cartas endereçadas ao escritor. Em dois casos, ele inseriu suas respostas, nas cartas de Théophile de Viau e de Saint-Aignan, embora a maioria das outras epístolas não possua identificação. O escritor fornece poucas informações sobre as cartas, nenhuma data aparece, o que impossibilita o estabelecimento de marcos cronológicos. Isso foi interpretado por Jean Serroy como uma tentativa de Tristan manter-se, mais ou menos, anônimo, mesmo diante de referências particulares sobre sua vida.⁵² Além de apresentar uma reflexão melancólica em seus textos, o escritor expressou veneração e dedicação aos seus possíveis apoiadores ao preparar sete epístolas dedicatórias.⁵³ Ao mesmo tempo, indicou certa insatisfação com seu destino como escritor, revelando-se alguém apaixonado por sua liberdade. Segundo Sandrine Berregard, esse antagonismo reflete a poética paradoxal na qual Tristan estava imerso à época da preparação da obra.⁵⁴ Esse aspecto também reverbera na forma como a primeira pessoa se manifesta no texto, apresentando-se de maneira ambígua, assim como ocorre em *Page disgracié*, que foi escrito e publicado em um período muito próximo ao de *Lettres Meslées*.⁵⁵

191. Também deve-se indicar o estudo que investiga as controvérsias a partir dos escritos de Balzac: DE SÁ, *Auctoritas e controvérsia nas práticas letradas francesas (1540-1630)*.

⁵¹ TRISTAN L'HERMITE, *Lettres Meslées dv sievr de Tristan*.

⁵² TRISTAN L'HERMITE, *Oeuvres completes*. I. Prose, p. 65-67.

⁵³ Dentre os dedicados, estavam o arquiduque do governo dos Países Baixos, ilustres princesas estrangeiras e Gaston d'Orléans.

⁵⁴ BERRÉGARD, Sandrine. Tristan galant ?. In: ROUSSILLON, Marine et al. *Littéraire - Tome 1*. Arras: Artois Presses Université, 2018, parágrafo 10. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.apu.18167> Acesso em: 18 março 2025.

⁵⁵ A proximidade entre as publicações foi apontada por Jean Serroy e Artur Techmański. Além disso, Techmański indicou que Maurice Lever e René Demoris indicam a data de 1642 a respeito da primeira edição de *Page disgracié*, embora ela tenha sido disponibilizada para venda em 1643. Conferir: SERROY, Jean. Note sur la présente édition. In: TRISTAN L'HERMITE, *Oeuvres completes*. I. Prose, p. 203; TECHMANSKI, Artur. *Le Page disgracié* de Tristan L'Hermite et l'écriture de soi. Problématique d'une oeuvre ambiguë. *Romanica Cracoviensia*, v. 15, 2015, p. 312; LEVER Maurice. *Le roman français au XVIIe siècle*. Paris: PUF, 1981; DEMORIS, René. *Le roman à la première personne*. Du classicisme aux lumières, Geneve: Droz, 2002.

Anos mais tarde, em 1654, Cyrano publicou suas *Lettres*, uma composição que foi apresentada conjuntamente da comédia *Le Pédant Joué* na coleção *Les oeuvres diverses*.⁵⁶ Seus textos epistolares abrangem uma variedade de temas, reunindo cartas “diversas”, satíricas e amorosas. Em algumas delas, encontram-se referências a colegas como Le Bret, Tristan, Scarron, Dassoucy, La Mothe Le Vayer e Chapelle. Em outras, ele explorou descrições poéticas sobre a natureza, o amor e temas relacionados à crítica ao dogmatismo, às superstições, à religião e ao pedantismo. Ao longo da leitura dessa obra, observa-se o emprego do ‘eu’ e a presença de referências pessoais, como sua doença e a proximidade com determinadas figuras mencionadas anteriormente. De todo modo, a referência à primeira pessoa está envolta em uma proposição paradoxal. Conforme pontua Darmon, a identidade metamórfica do escritor parece nascer a partir dos feitos da linguagem que a expõem, a formam, a deformam e a transformam de uma carta para outra. Seria como se o escritor tivesse preparado enigmas para os quais os leitores possuísem apenas algumas chaves interpretativas. Nesse sentido, ele conferiu à sua obra uma dimensão abertamente fictícia, na qual os elementos de origem biográfica transparecem e oscilam continuamente entre mundos possíveis e o mundo real.⁵⁷ O que, de certa forma, foi apontado por Cyrano na epístola dedicatória da peça, ao dizer: “esse livro contém quase que um amontoado confuso dos primeiros caprichos ou, para melhor dizer, das primeiras folias da minha juventude”.⁵⁸

A particularidade dos escritos libertinos ao recorrerem ao eu e às questões particulares e aliadas ao gênero romanesco em seus textos permitiu a ampliação dos espaços contraditórios e paradoxais em suas narrativas, possibilitando que os escritores ampliassem o repertório de reflexões. O “eu” se tornou múltiplo, sendo um componente que se metamorfoseava nos escritos, permitindo que os escritores vivenciassem não somente o papel de escritores, mas também dos narradores, viajantes, filósofos, inventores e vários outros seres que compunham seus escritos. Eles ofereciam uma oportunidade para que os escritores confrontassem a si mesmos, e a sociedade francesa como um todo, através do eu multifacetado, que tecia não somente críticas, mas indicava novas possibilidades através das invenções próprias, colocando o ser humano como inventor de si mesmo e do seu próprio mundo e não mais a Providência.

⁵⁶ CYRANO DE BERGERAC, *Les oeuvres diverses*.

⁵⁷ CYRANO DE BERGERAC, *Lettres satiriques et amoureuses précédées de Lettres diverses*, p. 7-8.

⁵⁸ Tradução livre: “Ce livre ne contient presque qu’un ramas confus des premiers caprices, ou pour mieux dire des premières folies de ma jeunesse”. CYRANO DE BERGERAC, *Les oeuvres diverses*, f. ã ij.

5.2. A importância da escrita e a valorização do gênio libertino

A escrita compreendia uma prática relevante para os libertinos, uma atividade decorrente das suas atuações como escritores e, também, como um meio de reflexão prazerosa, de contemplação de si, que poderia ser oferecido ao outro ou a si mesmo, proporcionando o deleite do encontro com a própria subjetividade. Foi nessa direção que Gassendi seguiu ao encorajar o seu melhor amigo Luillier a escrever, conforme o breve extrato que diz:

Isso me faz pensar como felizmente você teria sucesso se quisesse se dar o trabalho de fazer alguns pequenos ensaios, não com a intenção de imprimi-los, mas somente para passar algumas horas do tempo, para alegrar seus amigos mais íntimos e para preparar para si o prazer de rever em seus velhos dias algumas impetuosidades do seu espírito durante o vigor desta idade.⁵⁹

A escrita permitia o encontro com as próprias ideias, além disso, ela favorecia a recordação, a análise dos pensamentos daquele que escrevia, como um exercício testemunhal do espírito, permitindo a formulação de memórias sobre determinados eventos. Em mais de uma ocasião, os protagonistas das obras de Tristan e Dassoucy relembrou os episódios vivenciados durante a infância, que se somaram às retrospectões sobre as experiências da fase adulta, e no caso dos textos de Dassoucy também da velhice. Nos escritos de Cyrano e Chapelle, os episódios de infância dos narradores não são apontados, mas de forma semelhante às obras dos escritores citados anteriormente, mantiveram as rememorações sobre as experiências e deslocamentos vividos pelos narradores, o que permitia realçar as virtudes dos protagonistas diante de suas travessias e a contemplação sobre os eventos narrados.

Ao analisar as obras de Dassoucy, Dominique Bertrand identifica que o escritor utiliza a escrita como meio de se fazer notar e de comprovar o seu retorno a Paris, o que reafirmaria seu triunfo diante das “desgraças” enfrentadas ao longo da vida.⁶⁰ Além de refutar as acusações

⁵⁹ Tradução livre: “Celle me faict penser combien heusement vous réussiriez si vous vouliez vous donner la peyne de faire quelques petitz essais, non pas à dessein de les faire imprimer, mais seulement pour y passer quelques heures de temps, pous en resjouyr vos amis plus inthimes et pour vous préparer le plaisir de revoir en vos Vieux jours quelques sailies de votre esprit durant la vigueur de cet aage”. GASSENDI, *Lettres Familières à François Luillier pendant l’hiver 1632-1633*, p. 104-105.

⁶⁰ Em *Rimes redoublées*, Dassoucy enfatizou não perder a oportunidade de ser visto: “Et comme il va de ma gloire que le monde qui me fait l’honneur de s’entretenir assez souvent de moy, sçache que je ne suis point encore vne Anatomie, je ne laisse passer aucune occasion de me faire voir. Je vais tous le jours au Louvre, au Palais & à la

de seus ex-amigos Cyrano e Chapelle, o músico-escritor também contestou os ataques de Loret, que teria criticado seus versos burlescos e, supostamente, afirmado que Dassoucy havia morrido numa fogueira em Montpellier.⁶¹ Apesar da referência a essa calúnia, a acusação de morte não foi encontrada nos textos de Loret, elevando as dúvidas sobre a existência desse libelo.⁶² De todo modo, o músico-escritor declara estar vivo e exalta a potência do seu gênio por meio de seus escritos, como uma contribuição para a preservação de sua imortalidade. Esse aspecto pode ser observado no trecho em que Dassoucy enfatiza a inferioridade de seu difamador diante da perenidade de sua própria obra: “Hoje esse mau poeta [Loret] foi mentir no outro mundo, e eu ainda estou neste aqui, sua calúnia já está extinta com sua vida, e as minhas produções mais duráveis do que seus escritos. Sua calúnia será vista enquanto o mundo souber ler”.⁶³ Através dessa declaração, Dassoucy também evidencia a importância dos seus escritos na defesa de sua inocência contra as acusações de seus detratores. Para ele, seus leitores contemplavam um verdadeiro “quadro da vida humana”, digno de integridade e preservação, pois suas obras ressoavam a superação das perseguições de seus algozes. Assim, ao lerem suas obras, os leitores lhe fariam justiça.⁶⁴ Dessa maneira, o escritor reconhecia a importância dos seus livros triunfarem da mesma maneira que ele teria triunfado sobre as adversidades da vida.⁶⁵

Ao rememorar os próprios feitos em sua obra, Dassoucy propunha a sua superação e enaltecia suas ações, de um ser humano ordinário que, ainda assim, requeria ter sua história contada por sua capacidade de superar as perseguições sofridas, que merecia ser relatado. Apoiado nesses termos, ele reconhece o desejo de se tornar memorável para a posteridade, conforme expresso no prefácio de *Avantures d'Italie*:

Comedie, & afin que tout le monde en soit generalement persuade, je vay encore tous les matins, acheter la viande moy-mesme à la Boucherie, & le beurre au marchê”. DASSOUCY, *Rimees redoublées*, p. 3; BERTRAND, La « merveilleuse histoire » des « disgrâces » de Dassoucy.

⁶¹ A acusação de morte foi invocada por Dassoucy em uma passagem da obra de *Avantures d'Italie*: “Je trouvè encore plusieurs autres de mes amis, qui sur la foy de ce mauvais Gazetier, m’assurerent serieusement que j’estois mort. De sorte, qu’autant pour les desabuser, que pour les remercier du souvenir qu’ils avoient eu de moy, priant Dieu por les ames des Trepassez, il me salut pour me rendre palpable boire avec eux, & les mener au Cabaret”. DASSOUCY, *Les Avantures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*, p. 84-85.

⁶² Um elemento também corroborado no estudo de CATUSSE, D’un bon usage de l’équivoque. Conferir também a edição das obras de Dassoucy de Bertrand, ver DASSOUCY, *Les Aventures et les prisons*.

⁶³ Tradução livre: “Aujourd’huy ce mauvais Poète [Loret] est allé mentir en l’autre monde, & moy je suis encore en celuy-cy, sa calomnie est déjà étainte avec sa vie, & dans mes productions plus durables que ses écrits. Sa calomnie se verra autant de temps que le monde sçaura lire”. DASSOUCY, *Les Avantures de Monsieur D'Assoucy*. Tome seconde, 1677, p. 156.

⁶⁴ Tradução livre: “tableau de la vie humaine”. DASSOUCY, *Les Avantures de Monsieur D'Assoucy*. Tome premier, 1677.

⁶⁵ Em um trecho específico da epístola dedicatória oferecida ao duque de Saint Agnan, Dassoucy indicou o êxito do seu escrito diante dos seus inimigos: “ele triunfará de todos os seus inimigos como seu autor triunfou de todas as suas desgraças”. Tradução livre: “il triomphera de tous ses ennemis comme son auteur à triomphé de toutes ses disgraces”. DASSOUCY, *Les Avantures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*, s. p.

por essa generosa audácia [de um particular que buscava despertar o interesse do público pela sua história] que é fundada numa série de perseguições sem exemplo, que espero me tornar considerável à posteridade; porque apesar dos esforços daqueles que pela sua honra fizeram bem de fechar os olhos para as minhas estranhas *Avantures*, elas são lidas e serão relidas tanto que o mundo souber ler. O tempo e a paciência te ensinarão [leitor] o segredo.⁶⁶

A audácia de ter se colocado em cena foi justificada pelo escritor como um elemento necessário para contraposição das acusações de que foi feito alvo, se utilizando do escrito para elaborar uma defesa em causa própria.⁶⁷ Ao longo desse processo, o escritor rememorou, inevitavelmente, situações dolorosas, como sua saída repentina de Paris, a instabilidade vivenciada a partir desse momento e diante da procura de novos patrocinadores, que se somaram às perdas nos jogos, às lembranças das acusações dos ex-amigos e às experiências de encarceramento.⁶⁸ Tais vivências envolviam uma carga emocional forte, que não deixou de ser aludida nos escritos a partir da referência às lágrimas e ao sentimento de desespero, aspectos constantemente expressados pelo protagonista das obras. Essas referências emocionais tristes compreendiam mais um elemento que colaborava com a comprovação da inocência do músico-escritor e de anúncio da subjetividade narrativa.

A expressividade melancólica de Dassoucy pode ser compreendida à luz do contexto pessimista que o século XVII perpassava. Conforme Georges Minois, os agentes do período refletiram sobre as suas angústias, que podiam ser justapostas às alegrias, como se pode ler nas reflexões de Robert Burton em *Anatomia da melancolia*, escrito publicado em 1621, que indica a complexidade de se encontrar a satisfação plena:

⁶⁶ Tradução livre: “par cette genereuse audace qui est fondée sur une suite de persecutions qui n’ont point d’exemple, que j’espere me rendre considerable à la posterité; puisque malgré les efforts de ceux qui pour leur honneur font bien de fermer les yeux à mes estranges Avantures, elles sont leües & seront releües tant que le monde sçaura lire. Le temps & la patience t’en apprendront le secret”. DASSOUCY, *Les Avantures d’Italie de Monsieur D’Assoucy*, s.p. BML 801820. Disponível em: https://numelyo.bm-lyon.fr/f_view/BML:BML_00GOO0100137001100390025 Acesso em: 17 abril 2024.

⁶⁷ Diferentes pesquisas realçaram a característica de defesa *pro domo* elaborada por Dassoucy através das suas obras, principalmente aquelas que estiveram vinculadas ao projeto de publicação de *Avantures*. Sobre esse processo de publicação, ver o capítulo 2. Dentre os trabalhos que apontaram a defesa do músico-escritor, dois se destacam: CATUSSE, D’un bon usage de l’équivoque; DASSOUCY, *Les Aventures et les prisons*; BERTRAND, Dominique. Le “sens de l’humour” dans Les Aventures de Dassoucy. *Loxias*, Séminaires de l’axe 3 du CTEL (2009-2011), 2012. Disponível em: <https://hal.science/hal-04524018/document> Acesso em: 06 março 2025; CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Diffamation imprimée et renommée d’auteur. Le cas Dassoucy au XVIIe siècle. *Communications*, n. 93, p. 203-215, 2013. Disponível em: www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_2013_num_93_1_2725 Acesso em: 10 março 2025.

⁶⁸ Todos os escritos publicados ao longo dos anos de 1670 e 1677 possuem referências às realidades vividas pelo escritor e os seus encarceramentos. Apesar disso, apenas uma das obras foi intitulada *La Prison*. De todo modo, o cárcere constitui um tema recorrente nos textos de Dassoucy. Sobre isso, ver CATUSSE, *Les prisons de Monsieur Dassoucy*; BELLEMARE, Alex. Sociabilités carcérales : la représentation de la prison chez Cyrano et Dassoucy. In: ABDELA, *La sociabilité du solitaire*.

A vida é fastidiosa e dura mesmo para quem a vive melhor; é uma tristeza de nascer, uma dor de viver, uma pena de morrer (...) pois não existe prazer aqui no mundo ao qual não esteja misturado um pouco de tristeza; o arrependimento segue-o de perto. Se me alimento com abundância, quase sempre fico doente ou enjoado; se vivo frugalmente, minha fome e minha sede não se acalmam; não me sinto bem nem quando estou satisfeito nem quando estou em jejum; se vivo honestamente, ardo de concupiscência; se me entrego ao prazer, canso-me e maltrato minha alma, prejudico-a, assim como ao meu corpo. Para tão ínfima quantidade de alegria, quanta tristeza; após tão pouco prazer, tão grande miséria!⁶⁹

Apesar da perspectiva depressiva, o escritor pontua a necessidade de visualizar a vida e a condição humana, como ela é atravessada por contradição, instabilidades, tribulações e, claro, prazeres, mas que logo são seguidos de novos impasses. Os libertinos, por sua vez, atentam que para contrapor as tristezas seria importante buscar os prazeres terrestres como o do riso. Por isso, mesmo diante de um cenário complexo, Dassoucy não deixou de cultivar o riso, que em diversas circunstâncias se misturou às lágrimas,⁷⁰ conforme verifica-se na seguinte passagem: “Mas como frequentemente molhamos os olhos pela força do rir, e molhamo-los ainda pela força de chorar, a fortuna não tardou em me molhar os olhos e a mudar minhas lágrimas de alegria em verdadeiras lágrimas de dor”.⁷¹ O riso e o choro podiam consistir em emoções distintas, mas com uma consequência comum: elas tinham o poder de impactar os seres e de encher os olhos humanos de lágrimas. Além disso, os textos do músico-escritor anunciam a perspectiva de que o riso poderia sobrevir ao ser humano como uma forma de abrandar as dores causadas pelos infortúnios, conforme o trecho de *Avantures*, onde após ter sido liberado do encarceramento em Montpellier, Dassoucy revela: “ter rido muito com meus amigos do que lá havia acontecido comigo”.⁷²

Em *Page disgracié* de Tristan, os dilemas perpassados pelo pajem também motivaram o riso. Ariston residia no castelo de um grande mestre para quem servia e executava atividades de escrita e leitura e, ao ser questionado pelo mestre, sobre estar contente naquela residência, o pajem anunciou suas lamúrias e revelou estar sendo perseguido por um pequeno inimigo, conforme a descrição:

⁶⁹ BURTON, Anatomie de la mélancolie, 2, 3, 5, 1 citado por MINOIS, Georges. *A idade de ouro: história da busca da felicidade*. Tradução Christiane Fonseca Gradwohl Colas. São Paulo: Unesp, 2011, p. 191.

⁷⁰ BERTRAND, Le “sens de l’humour” dans Les Aventures de Dassoucy, p. 6 e 11.

⁷¹ Tradução livre: “Mais cōme on se moüille souvent les yeux à force de rire, & qu’on se les moüille encore à force de pleurer, la fortune ne tarda gueres à me moüiller les yeux & à changer mēs larmes de joye em de veritables larmes de douleur”. DASSOUCY, *Les Avantures de Monsieur D’Assoucy*. Tome premier, p. 178.

⁷² Tradução livre: “avoir bien ry avec mes amis de ce qui m’y estoit arrivé”. DASSOUCY, *Les Avantures de Monsieur D’Assoucy*. Tome seconde, p. 157.

contando-lhe todas as minhas queixas, fiz-lhe uma ingênua e fiel relação da querela do galo e da sua cruel morte, sem esquecer que o anão o usou como os tupinambás e os *margajats*, que fazem boa refeição dos seus inimigos quando eles podem tê-los mortos ou vivos. O bom senhor não pode ouvir essa prazerosa narrativa sem que as lágrimas viessem aos olhos pela força de rir, e então me amou toda a sua vida.⁷³

A gargalhada emitida pelo mestre depois de ouvir o relato do pajem revela que, mesmo diante do infortúnio, o trágico poderia ser misturado ao cômico. Ao referenciar as práticas antropofágicas dos habitantes das Américas, o protagonista cria uma representação marcada pela comicidade pitoresca, como na disputa entre o anão e o galo, que viabiliza o riso do mestre. Segundo Sandrine Berregard, a descrição do anão e de outras personagens na obra de Tristan constituem representações que remetem a uma tradição burlesca,⁷⁴ o que permite introduzir uma estética cômica ao relato, de modo a subverter as convenções narrativas e proporcionar o riso. Além disso, ao evidenciar o riso do seu mestre, o pajem aponta a possibilidade de tornar agradável um relato sobre os seus males. A situação desagradável viabilizou a construção de uma perspectiva cômica, irônica e, de certa forma, absurda, causando o divertimento no ouvinte. Nesse sentido, o elemento cômico intercorre os percalços do protagonista, constituindo um meio de afrontar as adversidades da vida e de elevar o divertimento aos seus interlocutores e, conseqüentemente, aos leitores.⁷⁵

A comicidade compreende um aspecto importante, que pode ser identificado nas fontes a partir do emprego do verbo rir, *rire* em francês, sendo reivindicado em diversas ocasiões pelos narradores das obras. Inclusive, Dassoucy é um dos escritores que convida os seus leitores a rirem das suas aventuras: “ria, sábio leitor, e, rindo das minhas folias, faça-te ainda mais sábio

⁷³ Tradução livre: “luy racontant tous mès griefs, je luy fiz vne une naïfue & fidele relation de la querele du coq d’inde*, & de sa cruelle mort, sans oublier que le nain en auoit vsé comme les tapinamboux, & les margajats, qui font bonne chere de leurs ennemis, quand ils les peuuent auoir morts ou vifs. Le bon Seigneur, ne peut entendre ce Plaisant recit sans que les larmes luy vinssent aux yeux à force de rire, & m’ayma depuis toute sa vie”. TRISTAN L’HERMITE, *Le page disgracié*. Seconde partie, 1643, p. 267-268. *Coq d’Inde compreendia um galo um pouco maior do que o habitual, segundo informação do Dictionnaire de l’Académie Française, 1694. Tome 1, p. 246.

⁷⁴ BERREGARD, Sandrine. Diversité et unité dans *Le Page disgracié* de Tristan L’Hermite. *L’information littéraire*, n. 4, v. 59, 2007, p. 15. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/inli.594.0014> Acesso em: 10 março 2024.

⁷⁵ Não se pode desconsiderar que o riso poderia atingir os indivíduos de maneiras diferentes, dependendo do contexto social e histórico em que estavam inseridos. Sendo assim, nem tudo que fazia rir as personagens da obra poderia causar o mesmo efeito nos leitores. Para uma análise histórica sobre o riso, ver MINOIS, *História do riso e do escárnio*. Sílvia Liebel também apontou que, enquanto um produto cultural, o riso é mutável, indicando, a partir da reflexão de Peter Gay, que as formas do riso constituem expressões características de mentalidades individuais, hábitos de classe e estilos culturais, isto é, fazem parte do contexto que o indivíduo está incluído. LIEBEL, *O mundo às avessas na Europa dos séculos XVI e XVII*, p. 70.

às minhas custas”.⁷⁶ Dessa forma, os leitores ririam em conjunto com o narrador e as personagens do texto, a partir de uma tradição cômica muito antes agigantada por François Rabelais.⁷⁷ A experiência do riso também compõe determinados episódios das obras de Cyrano, *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol*, e da *Voyage* de Chapelle e Bachaumont, a partir de situações que os protagonistas dos textos libertinos riem e, em outros momentos, as gargalhadas são emitidas pelas outras personagens que compõem as narrativas.

Em *Viagem à Lua*, o sorriso de Dyrcona se revela quando ele se depara com as inversões de mundo da sociedade da Lua, que foi descrita de forma contrária aos costumes da França, espaço de onde o viajante era originário. A partir disso, pode-se destacar três momentos. Primeiro, quando um dos jovens filósofos da Lua se revoltou contra seu pai, agredindo-o e condenando-o a andar sobre os dois pés, já que os selenitas andavam sobre quatro patas, o narrador declara morder os seus lábios para tentar não rir do episódio que qualificou como uma verdadeira representação de mundo invertido. Em outro momento, o viajante descobre que na Lua, os seres malvados são castigados e condenados à morte natural e depois enterrados. A descrição de uma morte tranquila, tal como o esperado e idealizado pelo imaginário ocidental europeu, foi (re)apresentada como um castigo no contexto lunar, indicando uma perspectiva irônica, que inevitavelmente causou o riso em Dyrcona. Numa outra circunstância, o protagonista soltou uma bela gargalhada depois de descobrir que a medalha figurando um membro viril, ostentada pelos machos da Lua, compreendia um símbolo de honra e distinção entre os nobres e os plebeus, que foi compreendido como uma perspectiva extravagante pelo viajante.⁷⁸

Os risos do narrador viabilizavam a ironia de um mundo em que os costumes e as percepções de seus habitantes compreendem inversões de uma realidade conhecida. Conforme a leitura de Silvia Liebel, o espaço lunar consiste em um mundo no qual a Terra é vista como a Lua, pois o escritor Cyrano inverteu, a um só tempo, a dimensão física relacional entre os astros e a percepção de uma humanidade que acreditava ser o centro do universo.⁷⁹ Sendo assim, as práticas e os valores da sociedade dos selenitas são apresentados como opostos aos da Terra, gerando um contraste que autoriza o riso de Dyrcona. Suas gargalhadas emergem em meio à comicidade, ao espanto e, também, ao fascínio diante da excentricidade do outro mundo, uma graça que nascia da perplexidade provocada pela observação e vivência das inversões.

⁷⁶ Tradução livre: “ry, sage Lecteur, & tout riant de mës folies, fay-toy encore plus sage à mës dépens”. DASSOUCY, *Les Aventures de Monsieur D'Assoucy*. Tome premier, s. p.

⁷⁷ MINOIS, *História do riso e do escárnio*.

⁷⁸ CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*.

⁷⁹ LIEBEL, *Viagem à Lua*, p. 503.

Mas os risos de Dyrcona não foram os únicos a serem representados nas obras, já que ele se tornou um dos motivadores das gargalhadas dos outros. Inicialmente, os selenitas riam da sua “espécie inusitada”.⁸⁰ A desconfiança com relação a seu ser levou-o a participar de diferentes audiências convocadas pelos magistrados da Lua para discutir sua natureza, sobre o que ele poderia ser – um macaco, um papagaio ou um avestruz. Durante uma das audiências, o viajante foi interrogado sobre temas filosóficos e astronômicos e, em determinado momento, alegou que aquele mundo era apenas uma Lua. Tal defesa provocou gargalhadas nos selenitas que participavam do julgamento, o que indicava o desprezo e a percepção de que era impossível o viajante estar correto. Os religiosos também reprovam as proposições do viajante, a ponto de eles publicarem um decreto que proibia os selenitas de pensarem que Dyrcona possuía razão.⁸¹

Já os filósofos da Lua, com uma perspectiva mais crítica, riram quando Dyrcona expressou dúvidas sobre a alma humana ser imortal, diferentemente da dos animais. Um dos sábios o repreendeu dando uma gargalhada e indicou que aquela posição era reveladora do orgulho e da prepotência humana, pois, além de defender a mortalidade da alma, ele reconhecia a capacidade dos animais raciocinarem.⁸² Dessa forma, o mundo da Lua constituía um espaço onde os indivíduos eram avessos aos dogmas religiosos da sociedade francesa da qual o viajante havia partido.

Contudo, mesmo em um espaço distinto, o viajante não deixou de ser alvo das intolerâncias. Assim como no Sol, ao se tornar prisioneiro das aves, que abominam os seres humanos por conta da sua prepotência e egocentrismo. Diante das hostilidades sofridas pelo viajante, o demônio de Sócrates lembrou Dyrcona que, no fim das contas, ele carregava o sofrimento do mundo e que a banalidade se apresentava na Lua assim como na Terra, pois as duas sociedades não suportavam o pensamento de coisas com que não estavam acostumadas, isto é, com as diferenças.⁸³ Dessa forma, os escritos de Cyrano apresentam a perspectiva de que a ignorância poderia atingir todas as espécies e sociedades. Esse cenário, no entanto, poderia ser revertido caso os indivíduos buscassem o conhecimento, a reflexão, o questionamento, aspectos capazes de romper com o dogmatismo. Nesse sentido, conforme indicou Liebel, os outros mundos representados por Cyrano funcionam como espelhos disformes, nos quais os

⁸⁰ *Idem*, p. 507.

⁸¹ CYRANO DE BERGERAC, *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, p. 90, 97, 98 e 142.

⁸² O trecho em específico diz: “Quoi! me répliqua-t-il en s’éclatant de rire, vous estimez votre âme immortelle privativement à celle des bêtes! Sans mentir, mon grand ami, votre orgueil est bien insolent!”. *Idem*, p. 144.

⁸³ *Idem*, p. 53.

indivíduos podem se contemplar, ainda que de maneira turva. E, no avesso das práticas terrestres, pode-se identificar a crítica à sociedade de seu tempo.⁸⁴

Na *Voyage* de Chapelle e Bachaumont, os risos atingem os viajantes a partir da interação com personagens cômicas, como as preciosas de Montpellier. Ao estabelecerem um diálogo, elas emitiram julgamentos sobre as personalidades e obras de Ménage, Chapelain, Scudéry, Pellison e Voiture. E, ao apontarem a inclinação sodomita de Dassoucy, lamentaram que os senhores da Academia de Paris, reconhecidos como “belos espíritos”, estariam sujeitos à mesma infâmia, o que seria revelador da ignorância e presunção que afetava tais mulheres. Chapelle e Bachaumont riram da lamentação das preciosas, conforme descrito no seguinte trecho: “a vontade de rir nos tomou tão furiosamente, que ela nos fez sair do quarto e da habitação para ir explodir de riso à nossa maneira na estalagem”.⁸⁵ Essa atitude dos viajantes pode ser compreendida como uma forma de depreciação e um meio de apontar sua superioridade, pois, conforme a análise de Laurence Rauline, a referência à generalização das preciosas sobre a homossexualidade nos círculos letrados parisienses seria oriunda de uma frustração sexual.⁸⁶

A reivindicação do riso permitia que os protagonistas dos textos manifestassem seus questionamentos, suas ideias e, também, a superioridade dos libertinos. Pode-se observar que numa passagem de *Page disgracié*, Ariston zomba as imprecações praticadas por um escudeiro ciumento. O rival estava secretamente apaixonado pela mesma jovem que o pajem amava. Sendo assim, ele passava os dias espionando o pajem e a amada e, frequentemente, olhava para o céu fazendo muitas caretas, que o pajem interpretava como imprecações lançadas pelo escudeiro contra ele. Ainda assim, o pajem identificou a impossibilidade de conter o seu riso diante daquelas práticas supersticiosas.⁸⁷ A partir disso, ele o despreza, anunciando sua desconsideração quanto à possibilidade de que alguma instância ou entidade mágica pudesse vingar o escudeiro. O seu riso compreendia, então, uma demonstração da crítica às crenças e práticas supersticiosas que fundamentavam a religião.

⁸⁴ LIEBEL, *Viagem à Lua*, p. 509.

⁸⁵ Tradução livre: “L’envie de rire nous prit si furieusement, qu’il nous falut quitter la chambre, & le logis, pour em aller éclater à notre aise dans l’hostellerie”. CHAPELLE; BACHAUMONT, *Voyage de messieurs de Bachaumont, et la Chapelle*. In: RECUEIL de quelques Pieces Nouvelles et Galantes, p. 64.

⁸⁶ RAULINE, Laurence. Le *Voyage* de Chapelle et Bachaumont: les itinéraires du divertissement ou les voies obliques de la critique politique. In: BERTRAND, Dominique (Ed.). *Le Rire des voyageurs (XVIe-XVIIe siècles)*. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal, 2007, p. 112.

⁸⁷ “Cependant l’escuyer qui m’auoit empoisonné, & qui pousoit souuent son cheual par curiosité deuant la portiere où j’estois, enrageoit de toute as force d’appercevoir l’estat de ma gloire, & de la bonne intelligence où j’estois avec cette belle maistresse, qu’il adoroit secrettement, & dont il n’estoit point fauorisé. Je luy voyois souuent leuer les yeux au Ciel, & faire d’estranges grimaces, & quoy que je me doutasse bien que c’estoient autant d’imprecations qu’il faisoit pour moy, je ne me pouuois empescher d’en rire”. TRISTAN L’HERMITE, *Le page disgracié*. Première partie, 1643, p. 375-376.

Sendo assim, o riso identificado nos escritos libertinos seria revelador de uma oposição e, também, de uma espécie de lamentação sobre o contexto vivido. No século XVII francês, como apontou Georges Minois, a exigência política de ordem conjuntamente às normas de decoro social, que reforçam os interditos teológicos, impactam na expressividade do riso, que deveria ser expresso de forma contida e de maneira discreta. Os tratados de civilidade da época, inclusive, apontam que mostrar os dentes e a língua ao rir compreendia um inconveniente.⁸⁸ Sendo assim, na interpretação do historiador, o riso dos libertinos tinha pouca alegria, compreendendo um riso pessimista, portador de um sentimento de que o mundo constituía uma “asneira” digna da comicidade, tal como La Mothe Le Vayer aponta: “Toda a nossa vida é, na verdade, uma fábula; nosso conhecimento, uma asneira; nossas certezas, uma ilusão; resumindo, todo esse mundo é apenas uma farsa, uma perpétua comédia”.⁸⁹ A partir disso, o riso possibilitaria realçar os absurdos que acometiam a humanidade e a sociedade, o que permitiria contrapor a realidade e questioná-la, propondo críticas e evidenciando a importância das ideias libertinas.

A partir disso, os escritos libertinos apresentam resistências diante dos limites fixados. Para Bruno Roche, o riso poderia servir como um regulador emocional da atividade passional dos libertinos, funcionando como um instrumento que conduz o indivíduo ao poder de ação, de emitir as suas críticas e de reconhecer a sua superioridade, mesmo diante dos problemas da sociedade e das repressões da época em que viviam.⁹⁰ A ação estaria interligada com a escrita, com a proposição de ideias e com a reivindicação da imaginação, como fez Dassoucy, ao recorrer ao riso e ao divertimento para atingir a serenidade e aliviar o sofrimento diante das situações degradantes vividas. Um aspecto que pode ser verificado na obra *La Prison*, onde o músico-escritor descreveu as principais atividades exercidas por ele durante sua passagem pelo cárcere:

Eu tentei (...) lá não morrer; E para isso eu me divertia tanto que isso fosse possível. Pegava meu alaúde, quando cansava do meu alaúde, pegava minha teorba, e cantava minhas árias aos meus filhos, que me eram ainda mais agradáveis já que nós músicos somos mais encantados com o mérito das nossas produções; E, quando eu estava entediado de todas essas belas coisas, eu pegava as cartas e me divertia neste livro. O quê?! você tocava sozinho, disse Éraсте. Não, eu o disse, eu tinha um camarada muito complacente que

⁸⁸ MINOIS, *História do riso e do escárnio*, p. 229.

⁸⁹ LE VAYER, François La Mothe. *Dialogues d’Orasius Tubero*. 1716, t. I, p.5 citado por MINOIS, *História do riso e do escárnio*, p. 262

⁹⁰ ROCHE, *Le rire des libertins dans la première moitié du XVIIe siècle*.

me fazia passar todas as noites inteiras. Além disso, não me faltava conversação; e apesar de ela ter sido limitada a três ou quatro pessoas de espírito, quando eu estava cansado de ouvir belas coisas, eu ia me divertir com os Senhores Cavaleiros da Serpette (...) Às vezes eu lhes fazia visita, e lhes compunha cartas, as quais teriam feito uma coleção mais grossa que as cartas de Balzac e Voiture.⁹¹

O divertimento apontado pelo músico-escritor compreendia uma reabilitação da tradição epicurista da diversão, conforme destacou Bertrand.⁹² Esse elemento também foi revitalizado pela pluma de Montaigne, que situou sua prática de diversão como vizinha à de Epicuro, ao propor a transferência do pensamento de coisas desagradáveis para agradáveis, algo que poderia ser realizado por meio da escrita.⁹³ Dessa forma, além da música e da conversa, que podiam ser utilizadas em nome do entretenimento, Dassoucy reconheceu a escrita de seu livro – referenciando a obra *La Prison* – e de outros textos epistolares, que conduziam o exercício reflexivo sobre sua subjetividade, como momentos de divertimento. Diante disso, a escrita viabilizava um caminho para o encontro com a satisfação, que deveria ser alcançada por meio da transformação dos incômodos do espírito e do corpo aos aspectos prazerosos. Além disso, mesmo em um cenário desfavorável, o músico-escritor escolhe representar suas vivências através da escrita, pois escrever constituía um estado privilegiado do parecer. Segundo a interpretação de Jouhaud, a escrita permitia a construção de um parecer que podia ser pensado, carregado de substância e, também, ambíguo.⁹⁴ O que possibilita dizer que o músico-escritor buscava se tornar visível, contemplado por si mesmo e pelos outros.

A elaboração da escrita viabiliza a contemplação da transformação das experiências desagradáveis em agradáveis. Dessa forma, cabia um questionamento sobre a relevância de se narrar a história de uma pessoa comum. O narrador de *Page disgracié*, de Tristan, refletiu sobre o tema, ao emitir os seguintes questionamentos aos seus leitores: “Como terei eu a ousadia de

⁹¹ Tradução livre: “J’essayois (...) de n’y pas mourir; & pour cet effet je m’y divertissois autant qu’il m’estoit possible. Je prenois mon Luth, quand j’estois las de mon Luth, je prenois mon Theorbe, & faisois chanter mès Airs à mès Enfas, qui m’estoient dautant plus agreables, que nous autres Musiciens sommes plus enchantez du merite de nos Productions; & quand j’estois ennuyé de toutes ces belles choses, je prenois des Cartes, & me divertissois dans ce livre. Quoy vous jouiez tout seul, dit Eraste. Non, luy dis-je, j’avois un camarade assez complaisant pour m’y faire passer des nuits toutes entieres: Outre cela, je ne manquois point de conversation; & quoy qu’elle fust bornée à trois ou quatre gens d’esprit, quand j’estois las d’ouïr les belles choses, je m’allois divertir avec Messieurs les Chevaliers de la Serpette. (...) Quelquesfois je leur faisois des visites, & leur composois des Lettres, dont on auroit fait un recüeil plus gros que le Lettres de Balzac & de Voiture”. DASSOUCY. *La Prison de M. D’Assoucy*, p. 105-108.

⁹² BERTRAND, La « merveilleuse histoire » des « disgrâces » de Dassoucy, p. 82.

⁹³ DARMON, *Philosophie épicurienne et littérature au XVIIe siècle en France*, p. 349 e MONTAIGNE, *Essais*. Tome troisième, 1828, p. 292.

⁹⁴ JOUHAUD, *Mazarinades*, p. 101.

trazer à luz aventuras tão pouco consideráveis? E como é possível que você [leitor] encontre algum dulçor em matérias nas quais encontrei tanta amargura? E o que me foi tão difícil de suportar lhe seja agradável de ler?”.⁹⁵ Apesar da dúvida, o narrador reconhece que a composição daquele relato pretendia lhe agradar, pois a sua própria representação – e contemplação – proporcionaria, acimada de tudo, prazer.⁹⁶ A escrita sobre si viabilizava a diversão a partir da elaboração e da transformação dos infortúnios em passagens cômicas, instrutivas e prazerosas, o que proporcionaria a satisfação a partir da própria contemplação. Nesse sentido, o prazer da escrita estava voltado para o narrador, o que também pode ser interpretado à luz da tradição epicurista mencionada anteriormente, que destaca a importância da transformação de pensamentos desagradáveis em agradáveis, em nome do divertimento e diante das atividades de reflexão e narração.

A satisfação e a diversão poderiam estar presentes, justamente, nos poderes de transformação da escrita e da narração sobre determinado evento, conforme outro trecho da obra de Tristan, onde o pajem apresentou um exemplo de como suas histórias de adversidades se tornaram agradáveis aos olhos dos outros. Após narrar os infortúnios e amores vivenciados na Inglaterra por um homem com quem dividia o quarto durante sua estadia em Paris, o pajem obteve certo prestígio. A história chegou aos ouvidos de uma jovem, que ficou completamente encantada pela bravura do pajem, e assim, o seu espírito se tornou ainda mais admirável para ela, pois os infortúnios perpassados demonstravam a coragem de Ariston de ter atravessado tantos países e escapado de adversidades e perigos.⁹⁷ A partir disso, o pajem representa através desse episódio como as suas vivências complexas podiam ser transformadas em narrativas agradáveis, indicando a sua superação. A partir da sua capacidade de elucubração da história, o pajem buscava evidenciar a sua capacidade e despertar admiração.

Além disso, Ariston alegou que os leitores também poderiam encontrar algo de agradável na sua narrativa, já que ele teve uma vida tão atribulada que a diversidade dos eventos vividos, como viagens, amores e encontros, poderia interessar aos leitores. Dessa forma, a variedade da obra servia como justificativa para sua relevância, que permitia destacar os eventos ordinários da vida do pajem em nome da representação de sua superação, elevando a importância da escrita como um meio de valorizar as ações e as reflexões ali apresentadas. Essa

⁹⁵ Tradução livre: “Comment auray-je la hardiesse de mettre au jour des avariantures si peu considerable? & comment est-il possible que vous rencontriez quelque douceur em des matieres où j’ay trouué tant d’amertume? & que ce qui me fut si difficile à supporter, vous soit agreable à lire?”. TRISTAN L’HERMITE, *Le page disgracié*. Première partie, 1643, p. 2.

⁹⁶ O trecho em específico, que diz: “je ne pretends que de m’y plaindre”. *Idem*, p. 3.

⁹⁷ TRISTAN L’HERMITE, *Le page disgracié*. Seconde partie, 1643, p. 162-163.

justificativa poderia incluir o interesse do escritor de encontrar uma maneira de conciliar diversas expectativas – dele como escritor, dos patrocinadores e dos seus leitores – tornando a obra propícia à obtenção de múltiplas aprovações.⁹⁸ Assim, por meio das aventuras de *Page disgracié*, Tristan identifica a escrita não apenas como um meio de exercer a diversão e a persuasão, mas também como um instrumento alinhado aos seus próprios interesses.

Em outros escritos libertinos encontram-se indicações de uma tentativa de alinhar o prazer do escritor por meio da escrita com o divertimento que poderia ser proporcionado aos leitores. Tal aspecto foi explorado no prefácio de *Entretiens Pointus* de Cyrano, conforme o seguinte trecho que diz:

É porque, leitor, não debes culpar essas contrariedades e falsidades manifestas que, por vezes, se encontrarão nestes *Entretiens*; *non se quis nada além de se divertir*, e tantos belos espíritos que aqui ocupam sua posição, tratando-se às vezes uns aos outros, e frequentemente a si mesmos, de estúpidos e insensatos, testemunham suficientemente que não querem ser acreditados, mas apenas admirados, e que esse prazer é o seu único objeto. Segue, então, suas intenções, meu caro leitor, e sem examinar as coisas, toma parte em seus divertimentos, que te serão agradáveis e repulsivos, dependendo se fores semelhante ou diferente deles.⁹⁹

O escritor reconhece que a sua obra compreende uma diversão de espírito, que poderia ser marcada por contradições decorrentes da exploração da sua criatividade e dos limites da linguagem. Pois, a escrita deveria ser constituída pelo prazer. Dessa forma, Cyrano relembra a importância da apreciação e da contemplação do seu texto, que poderia gerar um fascínio justamente pelo fato dele buscar o divertimento. Nesse sentido, o propósito da escrita, da sua criação, estaria relacionado com a obtenção do prazer do escritor, e, dependendo da relação que o leitor estabelecesse com tais divertimentos, ele poderia vivenciar os mesmos efeitos. Assim, o escritor e o leitor, cada um da sua maneira, deveria buscar pela própria satisfação a partir do contato com o texto.

⁹⁸ VIALA, *Naissance de l'écrivain*, p. 168-169.

⁹⁹ Tradução livre: “C’est pourquoi, Lecteur, ne blâme point ces contrariétés et faussetés manifestes qui se trouveront par fois en ces *Entretiens*; *on n’a voulu que se divertir*, et tant de beaux Esprits qui tiennent ici leur rang, se traitant ici par fois les uns les autres, et souvent eux-mêmes, de stupides et d’insensés, témoignent assez qu’ils ne veulent pas être crus, mais seulement admirés, et que ce plaisir est leur seul objet. Suis donc leurs intentions, mon cher Lecteur, et sans épilucher les choses, prends part à leurs divertissements, qui te seront agréables ou dégoûtants, selon que tu leur seras semblable ou dissemblable”. CYRANO DE BERGERAC, *Oeuvres diverses*, p. 163. Grifo nosso.

Em *Dialogues faits à l'imitation des Anciens*, François de La Mothe Le Vayer indica uma perspectiva semelhante, ao anunciar na carta de abertura da obra, que ele pretendia satisfazer o seu próprio gênio através da elaboração dos seus diálogos:

mas ache bom que para lhe satisfazer eu não me desobrigo de mim mesmo, e para agradar o seu humor eu não trairei meu próprio gênio. (...) Assim não me propus outro objetivo que minha própria satisfação, quando eu fiz eleição desse gênero de escrita por diálogo, tão desprezado, mesmo negligenciado hoje em dia.¹⁰⁰

A partir do trecho, o escritor não nega a tentativa de agradar ao leitor,¹⁰¹ mas relembra a importância de manter-se fiel a si mesmo, buscando por um contentamento interior através da escrita, antes de procurá-lo fora de si ou em algo externo. Assim como os outros escritores libertinos, La Mothe Le Vayer evidencia a importância da escrita como um meio de reflexão e de encontro com o próprio deleite. Nesse sentido, o libertino revela a importância do prazer, que deveria ser buscado na atividade de sua pluma.

Os escritores libertinos anunciam, assim, como a escrita proporcionaria um meio de divertimento interior e que poderia ser compartilhado. Ao oferecerem o relato de suas viagens aos irmãos Broussin, Chapelle e Bachaumont prometem que a história narrada seria agradável e divertida para eles.¹⁰² Segundo Laurence Tricoche-Rauline e Bruno Roche, os viajantes sinalizam, mais de uma vez, que eles não frustrariam os seus leitores, ao elaborarem uma “boa relação” das aventuras, dos prazeres e divertimentos que atravessaram os caminhos até chegaram na região de Encausse.¹⁰³ Nesse sentido, os escritores revelam o desejo de elaboração de um relato que fosse agradável para si mesmos e, também, para os seus leitores. Na passagem

¹⁰⁰ Tradução livre: “mais trouuuez bom que pour vous satisfaire je ne me desoblige pas moy-mesme, et que pour complaire à vostre humeur je ne trahisse point mon propre Genie. (...). Aussi ne me suis je proposé autre but que ma propre satisfaction, lors que j’ay fait élection de ce genre d’écrire par dialogues, si méprise, voire delaissé aujourd’huy. LA MOTHE LE VAYER, François. *Quatre dialogues faits à l’imitation des anciens*, par Orasius Tubero. I. Francfort: Jean Sarius, 1630, p. 2-4.

¹⁰¹ Isabelle Moureau apontou o possível elitismo de La Mothe Le Vayer, que preferia satisfazer um leitorado escolhido em vez dos vulgares. Uma certa erudição seria necessária para que o leitor pudesse se aventurar pela obra do libertino. MOREAU, *Guérir du sot*, p. 229-233.

¹⁰² Conforme o trecho que diz: “Bien que nous ne soyons pas tout à fait asseurez de quelle façon vous avez traité nôtre absence; & si vous meritez le soin que nous prenons de vous rendre ainsi conte de nos actions; Nous ne laissons pas neantmoins de vous envoyer le recit de tout ce qui s’est passé dans nôtre Voyage, si particulier, que vous en serez asseurément satisfaits”. CHAPELLE; BACHAUMONT, *Voyage de messieurs de Bachaumont, et la Chapelle*. In: RECUEIL de quelques Pieces Nouvelles et Galantes, p. 36. RAULINE, Laurence; ROCHE, Bruno. Introduction. In: CHAPELLE; BACHAUMONT, *Voyage à Encausse*, 2008, p. 9.

¹⁰³ *Idem*, p. 9.

pela cidade de Marselha, por exemplo, conforme apontado por Rauline,¹⁰⁴ os viajantes destacam que não iriam detalhar com profundidade as vivências naquela região a partir da seguinte mensagem: “Vocês já ouviram falar tanto de Marselha, que entretê-los presentemente com isso seria repetir as mesmas coisas, e talvez aborrecê-los. Todo mundo sabe que Marselha é rica, ilustre, sem igual”.¹⁰⁵ O local constituía um espaço amplamente referenciado nos textos de viagem da época. Sendo assim, os viajantes buscaram reduzir as descrições sobre a região, com o objetivo de evitar repetições e tornar o relato o mais agradável e divertido possível.

A prática da escrita envolvia um tipo diversão que remetia à importância do prazer, que também servia como uma forma de persuadir o leitor sobre a relevância do encontro com a satisfação por meio da leitura. A busca por agradar, sem uma finalidade moral e edificante, representada nos escritos libertinos, relaciona-se diretamente com o burlesco, que oferecia aos libertinos uma forma de colocar em cena debates, conflitos, controvérsias envoltas em ironias, riso e divertimento. Um tipo de divertimento que permitia um distanciamento crítico para que os escritores emitissem suas reflexões.

O burlesco, que poderia constituir em uma paródia, de reescritura de epopeias antigas a partir de uma escrita revitalizada e cômica, também seria definido como uma estética e um estado de espírito, uma atitude “agradável, alegre”, que poderia beirar o ridículo.¹⁰⁶ Nesse sentido, essa abordagem poderia ser transmitida a partir de diferentes escritos, na poesia mundana, no romance, no teatro, no panfleto político e na reescrita de obras eruditas. Textos com essas características tiveram uma proliferação marcante durante o século XVII, principalmente, no período da Fronda, a partir da difusão de libelos em versos. Nas obras dos escritores libertinos, esse tom também é acionado por meio do riso e do jogo entre o tratamento de temáticas sérias e a inserção de aspectos cômicos.

O burlesco oferecia um traje zombeteiro para os textos libertinos e permitia a inserção de inversões, que abalavam os valores morais, políticos e espirituais sobre os quais a sociedade francesa do século XVII era baseada. Em seus escritos, ele se manifestava, por exemplo, por meio do riso e da presença de personagens cômicas – o poeta Savoyard em *Avantures* de Dassoucy, o anão em *Page disgracié* de Tristan, os selenitas em *Viagem ao Sol* e *Viagem à Lua*

¹⁰⁴ RAULINE, Laurence. Le *Voyage* de Chappelle et Bachaumont: les itinéraires du divertissement ou les voies obliques de la critique politique. In: BERTRAND, *Le Rire des voyageurs (XVIe-XVIIe siècles)*, p. 111.

¹⁰⁵ Tradução livre: “Vous avez tant oüy parler de Marseille, que de vous en entretenir presentement ce seroit repeter les memes choses, & peut-estre vous ennuyer. Tout le monde sçait que Marseille est riche, ilustre, & sans pareille”. CHAPPELLE; BACHAUMONT, *Voyage de messieurs de Bachaumont, et la Chappelle*. In: RECUEIL de quelques Pieces Nouvelles et Galantes, p. 67.

¹⁰⁶ LECLERC, Jean. *L'antiquité travestie et la vogue du burlesque en France (1643-1661)*. Québec: Les Presses de l'Université de Laval, 2008, p. 12.

e as preciosas em *Voyage* de Chapelle e Bachaumont. Além disso, ele também poderia ser acionado a partir das inversões de mundo, das transgressões e, em alguns casos, no emprego de expressões consideradas vulgares. Segundo Claudine Nédélec, o burlesco se apresenta a partir de uma desordem, mas que pretende mostrar a ordem, isto é, o ordenamento que se impunha, no contexto, à escrita, aos indivíduos e às demais esferas da sociedade.¹⁰⁷

Na busca pela emancipação das ideias, o burlesco compreendia um elemento explorado pelos libertinos como um recurso paradoxal, que viabilizava as suas reivindicações.¹⁰⁸ A partir do seu uso, os escritores poderiam emitir as suas críticas em suas obras de modo a seduzir um público de espírito livre.¹⁰⁹ Além disso, o burlesco também viabilizava a valorização do gênio libertino, conforme apontou Dassoucy em seus escritos. O músico-escritor, que se considerava o “imperador burlesco”, defende essa forma de expressão enquanto um esforço de imaginação que constitui a pedra de toque do belo espírito.¹¹⁰ Sua prática dependia de uma habilidade e de um gênio particular:

Não basta ter o espírito como qualquer outro, é necessário ser dotado de um gênio todo particular, que é tão raro principalmente no nosso clima, que fora duas pessoas, das quais a França quer que eu seja uma, cada um sabe que tudo o que se meteu com esse burlesco não fez senão que rabiscar papel (...) além disso, não basta que ele seja fino em seus pensamentos e agradável em seus encontros, é necessário que sob pena de servir de bufão para os lacaios e de divertimento às criadas, ele siga de muito perto o heroico, não somente na pureza da dicção, mas na força da expressão, que seja conciso, figurado e, ainda, se possível místico, como se pode ver todas as minhas obras burlescas, onde o sentido oculto vale muitas vezes mais do que o sentido literal.¹¹¹

¹⁰⁷ NÉDÉLEC, Claudine. *Les états et empires du burlesque*. Paris: Honoré Champion, 2004, p. 405.

¹⁰⁸ CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Hypocrites, hérétiques, déistes et athéistes dans les écrits de Dassoucy. In: BERTRAND, *Avez-vous lu Dassoucy?*, p. 273.

¹⁰⁹ DASSOUCY, *Les Aventures et les Prisons*, p. 52.

¹¹⁰ Em *Avantures d'Italie*, o escritor aponta essa autopercepção: “ce Charles d’Assoucy d’Empereur du Burlesque qu’il estoit, premier de ce nom”. DASSOUCY, *Les Avantures d'Italie de Monsieur D’Assoucy*, p. 264.

¹¹¹ Tradução livre: “il ne suffit pas d’avoir de l’esprit comme un autre, il faut estre doué d’un genie tout particulier, qui est si rare principalement en nostre climat, que hors de deux personnes, dont la France veut que je sois l’une, chacun sçait que tout ce qui s’est meslé de ce Burlesque n’a fait que barboüiller du papier. (...) outre cela ce n’est pas encore assez qu’il soit fin dans ses pensees & Plaisant dans ses rencontres, il faut que sur peine de servir de bouffon aux Laquais & de divertissement aux Servantes, qu’il suive de bien près l’heroïque, non seulement dans la pureté de la diction, mais dans la force de l’expression, qu’il soit concis, figure, & encore mistique, s’il est possible, comme on peut voir dans tous mës ouvrages burlesques, où le sens qui est caché vaut souvent mieux que le sens litteral”. *Idem*, p. 251-253, p. 257-258.

Ainda que o burlesco pudesse introduzir contradições na escrita, ele deveria ser conciso e, também, dissimulado, contendo um sentido oculto, o que necessitava de uma escrita habilidosa, conforme destacou Dassoucy, que solicitava do leitor certos conhecimentos e competências para compreender as ironias e os paradoxos da sua escrita. O escritor defende, de certa forma, que somente o público cultivado e curioso poderia compreender a sutileza dos seus textos. A partir disso, o libertino introduz a perspectiva da sua superioridade, da importância da sua escrita para o exercício de suas ideias. Sendo assim, o texto libertino se transforma em um espaço de ação, servindo como um instrumento de reivindicação dos valores libertinos – autonomia, crítica, ironia, questionamento – e de experimentação, para a exploração da imaginação e da criatividade.

Os textos libertinos se tornam verdadeiros refúgios de reflexão, de encontro com a subjetividade em meio às imposições do contexto vivido, o que também podia ser viabilizado a partir do emprego do burlesco, que favorecia não apenas a inserção da comicidade nas obras, como a reivindicação de formas de escrita, de rejeição da univocidade do pensamento, viabilizando o desbravamento de uma dada autonomia criativa.¹¹² Entre as obras aqui investigadas, pode-se identificar essa presença, que também se relacionava com os gêneros das obras dos escritores libertinos. A obra de Chappelle é atravessada pela dimensão cômica e burlesca, mesmo tendo sido classificada como uma narrativa epistolar. Os críticos destacam que ela também poderia ser compreendida como uma “carta-relação”,¹¹³ pois conjuga prosa e verso e reivindica uma certa ficcionalidade mesmo diante da (auto)representação dos escritores Chappelle e Bachaumont.¹¹⁴ A polifonia das formas constitui uma das estéticas do burlesco, que pode ser igualmente identificada nos escritos de Cyrano, Dassoucy e Tristan a partir dos seus “romances cômicos”.

Em *Bibliothèque françoise*, datada de 1667, Charles Sorel incluiu entre os “romances cômicos” a *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol*, de Cyrano, e *Page disgracié*, de Tristan.¹¹⁵ As obras de Dassoucy não foram incluídas na classificação, pois elas ainda não haviam sido publicadas. No texto, Sorel estabelece uma subdivisão entre os romances satíricos e burlescos, definindo-

¹¹² A pesquisadora Claudine Nédélec indica que o burlesco do século XVII rejeita “razões claras e distintas”, a univocidade do pensamento e da escrita; ele prefere a dúvida às certezas estabelecidas, a investigação aberta e a experimentação de todas as possibilidades à confiança numa verdade dada de antemão. NÉDELEC, Claudine. *Le burlesque au Grand Siècle : une esthétique marginale? Dix-septième*, v. 3, n. 224, 2004, p. 436.

¹¹³ CHAPPELLE; BACHAUMONT, *Voyage d'Encausse*, 2007, p. 19.

¹¹⁴ RAULINE, Laurence; ROCHE, Bruno. Introduction. In: CHAPPELLE; BACHAUMONT. *Voyage à Encausse*, 2008.

¹¹⁵ SOREL, Charles. *La Bibliothèque Françoise de M. C. Sorel, ou le choix et l'examen des livres françois qui traitent de l'éloquence, de la philosophie, de la dévotion et de la conduite des moeurs*. Paris: Libraires du Palais, 1667, p. 190, p. 198.

os como narrativas que discorriam sobre as vidas de homens comuns, marcados por seus erros, contradições e momento cotidianos, o que poderia abrir espaço para a sátira. Essa compreensão possibilita entender o lugar que os textos libertinos ocupam nesse panorama, os usos da primeira pessoa e a criatividade explorada pelos libertinos por meio da escrita.

O próprio Sorel já havia explorado o gênero em 1626, por meio da *Histoire Comique de Francion*,¹¹⁶ uma obra que apresenta reivindicações libertinas e uma postura crítica revestida de comicidade. Seus apontamentos sobre o gênero romanesco são importantes, pois indicam o interesse e o florescimento dessa forma narrativa no século XVII. No entanto, segundo Jean Serroy, os romances cômicos ainda se mantinham à margem, devido ao seu caráter múltiplo, inconstante e ilimitado.¹¹⁷ É precisamente esse aspecto que desperta o interesse dos escritores libertinos pelo romance cômico, ao viabilizar o uso da liberdade para contestações e reivindicações de autonomia, de imaginação e de divertimento. Um gênero literário marcado pela recusa às regras estilísticas e narrativas viabilizava a inserção da liberdade. Sendo assim, ele podia atrair, principalmente, os espíritos independentes do século, que buscavam se exprimir de forma livre e autônoma.¹¹⁸

Deve-se atentar que, no século XVII, os romances cômicos podiam ser chamados de histórias cômicas e eram dedicadas às descrições das condições materiais de vida e dos costumes dos protagonistas. A influência do gênero veio da Espanha, a partir do romance picaresco, que obteve certo sucesso desde o século XVI com a anônima obra *La Vie de Lazarillo de Tormès*, publicada em 1554. Depois, no século XVII, o *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes, datado de 1605, teve uma influência especial para as produções francesas, principalmente quanto à crítica romanesca desenvolvida a partir do espaço do romance. A comicidade e a presença da primeira pessoa também podiam ser representadas, tal como se encontra em textos identificados como romances cômicos. Para Nathalie Grande, tais textos podiam ser descritos como anti-romances, pois os seus escritores recusavam as convenções que fundamentavam a ficção heroica ou pastoral, como, por exemplo, a idealização dos personagens e dos cenários bucólicos.¹¹⁹ Seria como se o escrito cômico constituísse um contraponto ao

¹¹⁶ SOREL, Charles. *Histoire comique de Francion*. Paris: Pierre Billaine, 1626. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb119457313> Acesso em: 12 março 2025.

¹¹⁷ SERROY, Jean. *Roman et réalité*. Les histoires comiques au XVIIe siècle. Paris: Minard, 1981, p. 15.

¹¹⁸ Tradução livre: “Dans la mesure où il est considéré pas les gens de lettres eux-mêmes comme réservé à des fantaisies sans conséquence et, comme tel, regardé comme entité négligeable, le roman comique offre à ces penseurs libres – qui sont précisément pour la plupart, des libres penseurs – um refuge idéal. Que Théophile, Sorel, Tristan, Cyrano, fassent ainsi confiance à l’Histoire comique traduit non seulement les rapports privilégiés que celle-ci entretient avec le mouvement libertin, mais influe aussi, tout naturellement, sur son développement”. *Idem*, p. 16.

¹¹⁹ GRANDE, Nathalie. *Le Roman au XVIIe siècle*. Le exploration du genre. Paris: Bréal éditions, 2002, p. 30.

heroísmo verdadeiro.¹²⁰ Segundo Maurice Lever, os romances cômicos realizam o paradoxo de inscrever a recusa do romanesco no interior do espaço tradicional do romance.¹²¹

Para Serroy, Tristan encontrou na história cômica uma forma romanesca que lhe permitia se mostrar e ser visto, tal como era. Afinal, o escritor compreendia que, em um romance pessoal, a verdade que importa é a do ser íntimo que se revela através dele.¹²² Mas, deve-se manter certa cautela, pois a forma da história cômica permitia que os escritores libertinos dissimulassem suas referências privadas. Além disso, mesmo diante da emergência desse tipo de narrativa, ela permanecia como uma espécie de subgênero literário que não necessariamente seria levado tão a sério, o que quer dizer que a época poderia compreendê-lo como um entretenimento sem consequências, longe das ambições elevadas que poderiam ser expressas pelas obras pertencentes à poesia lírica, religiosa ou da cena trágica.¹²³ Essa característica constituía, justamente, um elemento importante que foi explorado pelos libertinos, pois, fazendo passar como “*plaisanteries*” as suas ideias mais audaciosas, eles convertiam o romance cômico em um laboratório de experimentação, de fórmulas originais, tomando distância de outros gêneros ligados às regras,¹²⁴ e, assim, experimentando uma dada liberdade de criação. O romance cômico, constituído pela fidelidade ao real e aliado à exigência ficcional, contava com uma plasticidade grande, que favorecia o seu remodelamento para exploração de diversos experimentos. Ele poderia, assim, reunir práticas de escrita pessoal que concederiam um espaço literário ainda privado de reconhecimento oficial.¹²⁵

A escrita libertina se utiliza da potência da forma cômica para lançar as suas perspectivas de autonomia, pois, durante o século XVII, o ato de representar ficcionalmente passou a não ser mais compreendido como a retratação de um “encadeamento analógico dos espelhos da divindade”, e sim em uma oportunidade de estabelecimento do encontro – imaginário – com os outros, ou, até mesmo com eles mesmos.¹²⁶ No entanto, deve-se atentar que os críticos do período apontam que um bom romance deveria se afastar do sonho e de outras fabulações que estivessem associadas a ele e às proposições de uma imaginação desenfreada. Os poetas não deveriam levar longe demais a liberdade que a poesia lhes dava direito de usar.¹²⁷ Os libertinos,

¹²⁰ DÉMORIS, *Le Roman a la première personne*, p. 18.

¹²¹ LEVER, *Le roman français au XVIIe siècle*, p. 83.

¹²² SERROY, *Roman et réalité*, p. 383.

¹²³ SERROY, Jean. Note sur la présente édition. In: TRISTAN L'HERMITE, *Oeuvres complètes*. I. Prose, p. 193.

¹²⁴ SERROY, *Roman et réalité*, p. 17.

¹²⁵ TRICOCHÉ-RAULINE, *Identité(s) libertine(s)*, p. 128, 129 e p. 132.

¹²⁶ SRIBNAI, Judith. Représentation et altérité dans *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* de Cyrano de Bergerac», *Sociocriticism*, v. XXXIV, n. 1-2 s. p., 2019.

¹²⁷ FOURNIER, Du monde imaginé au monde imaginaire. In: *Généalogie du roman*, p. 125.

por sua vez, jogam com as imposições e não deixam de reivindicar suas imaginações através dos escritos. Pois, conforme apontou Paul Hazard, a natureza libertina é espontaneamente rebelde, indócil, obstinada.

Sua cultura aristocrática apenas lhes reforça a dúvida. São como mil riachinhos rasos, correndo por toda parte nos domínios do espírito, para engrossar o rio da incredulidade. *Inteligência que pretende pensar por si mesma, vontade que se recusa a se deixar reduzir*; (...) gente para quem o mistério não passa de um enigma decifrável, e se não o decifram, deixam de considerá-lo, pouco lhes importa: vivem ao lado da religião, não dentro dela. Já que há trevas, e já que não podemos dissipá-las, aproveitemos ao menos esta vida mortal; saboreemos com elegância os prazeres que ela nos oferece; e depois, cedamos ao destino.¹²⁸

Os libertinos buscam pensar por si mesmos através dos seus escritos, onde propõem suas críticas, reflexões e ideias de uma dupla autonomia, a do espírito e a dos sentidos. Os textos dos escritores libertinos reúnem tais reivindicações ao apontarem a relevância da busca pelo prazer do espírito e do divertimento a partir da escrita que, conjugada ao riso e à sua reivindicação burlesca, elevava o prazer corporal. Os males que assolavam os seus tempos poderiam ser superados, justamente, a partir da escrita, que viabilizava a ação e permitia que os escritores transmitissem visões de mundo autônomas, indicando a necessidade de a humanidade repensar a própria trajetória.

¹²⁸ HAZARD, *A Crise de consciência europeia*, p. 131.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O libertino, lembremos a etimologia, quer se libertar: todos compartilham esse mesmo desejo. Pensas livremente para viver livremente.¹

“O caminho da morte é tão grande que todo mundo entra nele”.² No ano de 1655, Cyrano e Tristan faleceram. Anos mais tarde, em 1677, foi a vez de Dassoucy, e em 1686, Chapelle foi o último do quarteto a se despedir. O tempo vivido não passa de um momento extremo de percursos, amizades e laços, que acabaram sendo rompidos ao longo de suas vidas, enquanto indivíduos independentes que eram. Suas obras, contudo, permaneceram, contaram com algumas reedições posteriores – *Voyage* de Chapelle, por exemplo, teve múltiplas reimpressões no final do século XVII e início do século seguinte –, mas, com o passar do tempo, elas parecem ter ficado à sombra do Grande Século.

Os estudos desenvolvidos durante o século XIX, como a obra *Grotesques* de Théophile Gautier, indicam os libertinos como escritores de “segunda ordem”, em comparação com as “estátuas triunfais” correspondentes aos considerados clássicos.³ A imagem comiserada dos libertinos, expressa por Gautier, pode ser reconhecida como um reflexo do discurso institucional francês e da história literária de sua época, em que as “estátuas” dos autores clássicos já haviam sido erguidas e eram consideradas “inquebráveis”. Dessa forma, “nada mais se pode fazer a não ser adorná-las com medalhões de escritores que só poderiam ser de segunda categoria, pois a primeira já estava constituída sobre princípios indiscutíveis”.⁴ Além disso, os olhos pareciam se voltar mais facilmente para os aclamados, vistos como exemplos da ordem e da harmonia, do que para um punhado de escritores, supostamente, obscuros.

¹ ONFRAY, *Contra-história da filosofia: os libertinos barrocos*, II, p. 25.

² Tradução livre: “Le chemin de la mort est si grand que tout le monde y entre”. NAUDÉ, Gabriel. *Naudaena et Patiniana*. Paris: Florentin et Pierre Delaulne, 1701, p. 18. Disponível em: [ark:/12148/bpt6k6281564v](https://nbn-resolving.org/urn:nbn:fr:shs-2019-06-00001). Acesso em: 29 março 2025.

³ O trecho em específico diz: “dès lors, j’indiquai l’intérêt qu’offrirait l’étude de la préciosité, du burlesque, du libertinage, et de l’alliage à doses inégales de ces trois éléments hétérogènes, mais non contradictoires, dans les auteurs de second ordre, dont on dresserait, pour ainsi parler, les médaillons autour des statues triomphales de leurs majestueux contemporains”. GAUTIER, *Grotesques*, p. VI citado por CAVAILLÉ, Pourquoi les libertins ne sont pas des classiques, p. 383. GAUTIER, Théophile. *Les Grotesques*. t. 1, 2. Paris: Desessart, 1844.

⁴ Tradução livre: “les statues sont déjà érigées, infrangibles, et on ne peut faire autre chose que de les orner des médaillons d’écrivains qui ne sauraient être que des écrivains de deuxième ordre, puisque le premier ordre est déjà constitué sur des principes indiscutables”. CAVAILLÉ, Pourquoi les libertins ne sont pas des classiques, p. 383.

Aspectos como o clássico, o equilibrado e o conformado, que foram frequentemente associados ao século XVII e seus atores, desconsideram, inevitavelmente, o contexto de transformação e o florescimento de ideias e debates diversos e relevantes de que o período foi palco e aos quais os agentes estiveram expostos. O mesmo século é trabalhado por outras forças.⁵ Os libertinos, suas ideias e seus textos podem ser compreendidos como essas forças, que emitem discordâncias e promulgam a não conformidade com a ordem estabelecida ao defenderem a autonomia, ao proporem a busca pela independência de espírito e de corpo, por meio da leitura, da viagem, da reflexão e da imaginação. Tudo o que propunha o movimento dos indivíduos, a descoberta e a dissonância, constituíam aspectos que autorizavam a emissão de ideias libertinas. Sendo assim, nos escritos libertinos pode-se encontrar cores, sabores, amizades, amores, conversas, sonhos, livros, viagens, prazeres, risos, divertimentos e uma profusão de ideias e agitações, tudo o que se opunha aos dogmas cristãos e à ordem estabelecida da sociedade francesa. Tais elementos também podem ser compreendidos como desestabilizantes das construções e da harmonia do Grande Século. Nesse sentido, os libertinos podem ser compreendidos como uma força implosiva, que minava os ordenamentos a partir de suas ações e escritos e que deveriam ser silenciados.

Os textos de Cyrano, Chapelle, Dassoucy e Tristan apresentam questionamentos e proposições favoráveis à insubordinação frente às coerções e os males, apontando a necessidade da humanidade se desprender delas para alcançar o contentamento, a emancipação dos corpos e das ideias em direção ao pensamento crítico. Assim, os libertinos podem ser compreendidos como agentes, que, mediante o emprego de suas plumas, traçaram formas e representações similares de possíveis caminhos a serem seguidos, indicando a importância do conhecimento, da crítica, do deslocamento, da reflexão e da dúvida como propulsoras de questionamentos e de ideias que viabilizariam a aproximação da liberdade que ansiavam por alcançar.

Ao se analisar os textos dos escritores libertinos, suas proposições e reflexões, pode-se observar a circularidade de ideias, que também repercutia por meio dos laços pessoais e profissionais que os uniam e foram representados em suas obras, com menções que evidenciavam suas ligações. Os vínculos profissionais e passionais, como as amizades, viabilizavam a promoção de ideias e podiam legitimar suas concepções e elaborações. Ainda que suas atuações estivessem associadas a relações com o poder e figuras poderosas, isso não invalida a importância da escrita e da produção libertina como espaço de elucubração, reivindicação e circulação de ideias. Por conta disso, os libertinos tomavam precauções,

⁵ ONFRAY, *Contra-história da filosofia: os libertinos barrocos*, II, p. 265.

envolvendo suas propostas em figuras de dissimulação e contradição, o que permitia indicar seus posicionamentos dissidentes como visto nas investigações empreendidas ao longo dos capítulos. Assim, o quarteto de escritores libertinos pode ser conectado e pensado de forma articulada, a partir de práticas e ideias comuns.

As personagens das obras libertinas percorreram outros mundos, espaços e territórios buscando conhecimento e autonomia para vivência de prazeres corporais, de pensamentos e divertimentos terrenos. Suas ideias se encontravam no jardim das delícias, na árvore do conhecimento, nas viagens, nas imaginações, nos movimentos e caminhos experimentados. O conhecimento seria elevado a partir do encontro com os encantos da natureza e dos espaços que visitavam. Tais elementos permitiam que os escritores libertinos observassem, por meio dos protagonistas de suas obras, uma natureza que operava por si mesma, composta por outros seres – animais, vegetais e espirituais –, que possuíam suas lógicas próprias, o que proporcionava a comparação, a reflexão e o passatempo, permitindo contraposições aos dogmas religiosos, sociais e políticos, já que, para eles, os seres humanos deveriam vivenciar o aqui e o agora, sem o medo, a culpa e a vergonha que as imposições cristãs poderiam gerar aos indivíduos.

Assim, suas obras apresentam perspectivas sobre a necessidade dos seres humanos transcenderem as opressões sofridas, como as imposições para manifestações de crença, as acusações de magia e de ateísmo, os aprisionamentos, o controle dos impulsos sexuais, das emoções e a desqualificação de todo pensamento crítico e diferente – do questionamento propriamente dito –, por exemplo. Esses aspectos podem ser reconhecidos como pontos de convergência nos escritos libertinos, a partir das experiências vividas pelas personagens. Tais elementos refletem, de maneira disforme, o contexto vivido pelos libertinos do século XVII. Um período que perpassou pelo acirramento do controle do Estado, que, aliado às religiões e às instituições, impôs condutas, normas e regras – isto é, ordens – para refrear a diferença, a oposição e os transtornos.⁶ Também compreendeu um momento pessimista, que deveria abafar as alegrias, embora os indivíduos tenham buscado maneiras de se encontrar com a própria felicidade, ainda que imperfeita.⁷ Somado a isso, o período vivenciou uma série de indagações a partir do desenvolvimento de novos saberes e conhecimentos que, concomitantemente à veiculação das informações a partir dos textos, assim como a partir das conversas desenvolvidas nos pequenos grupos privados e nas esferas eruditas, viabilizaram a dúvida e o questionamento em mentes da época. A partir disso, os escritores libertinos desenvolveram anseios e perguntas

⁶ MUCHEMBLED, *La Société policée*; MUCHEMBLED, *História da violência*.

⁷ MINOIS, *A idade de ouro*, p. 186-188.

próprias, buscaram conhecimentos e informações a partir dos seus livros, de suas conversas e dos deslocamentos geográficos, o que permitiu reforçar ou acalmar as dúvidas sobre o que lhes parecia suspeito. E, assim, (re)criaram movimentos e novas experiências a partir de caminhos diversos e plurais, abertos à construção da independência dos seres.

Nesse sentido, o emprego da ficção tornou-se uma aliada, conjuntamente, aos sonhos, aos risos e aos divertimentos. Tais elementos inspiravam e permitiam o desenvolvimento do gênio libertino, o praticar de sua criatividade e de sua arte de escrita – dissimulada, equívoca e paradoxal –, não apenas em nome de seu prazer e talento, mas também como uma forma de reivindicar sua capacidade de elaboração de pensamentos, ideias, críticas e a autonomia nas suas atividades e práticas. A partir disso, os escritores libertinos também demonstravam sua superioridade – como espíritos livres –, que deveriam se distanciar dos ignorantes que não teriam capacidade de compreendê-los ou às suas profundidades. Por isso, por meio dos textos, eles buscavam demonstrar erudição de forma a embasar a emissão de suas reivindicações e a defesa de suas habilidades, como o cultivo da própria sabedoria e dos seus espaços de refúgio. Esses espaços promoviam momentos de conversas, de convivência com os pares através das reuniões, de frequência de bibliotecas – onde podiam acessar os livros que difundiam saberes importantes –, de experimentar a reflexão – como a referência ao ‘eu’ –, e o compartilhamento de ideias. Todos esses elementos permitiam a elevação do ser libertino – literalmente no caso de Dyrcona, que se eleva até os mundos da Lua e do Sol através de máquinas voadoras –, pois o levavam a um momento de encontro com as próprias convicções, para pensarem sobre seus conhecimentos, desejos e caminhos a serem seguidos.

De todos esses elementos emerge a relevância do estudo dos escritores libertinos e de suas produções, pois eles clamavam pela dúvida, emitiam críticas sociais, questionavam as intolerâncias, as superstições, os dogmatismos e tudo o que poderia submeter os corpos e as mentes dos indivíduos ao controle. Dessa forma, os libertinos poderiam ser compreendidos como “mil riachinhos rasos”⁸ que, correndo por toda parte nos domínios do espírito, engrossavam o rio dos questionadores que viveram durante o século XVII. Não à toa, os textos representam o encontro dos protagonistas com as águas. Chappelle é surpreendido pelo deus do rio, Dyrcona descobre a fonte dos sonhos e os três rios – correspondente à memória, à imaginação e ao julgamento –, Dassoucy é transportado pelas águas de uma cidade a outra, assim como Ariston, que é levado ao encontro de novas aventuras em territórios diferentes. A água, enquanto uma representante da sabedoria, clarificava a mente através da sua translucidez, preparando os

⁸ HAZARD, *A Crise de consciência europeia*, p. 131.

viajantes para a aquisição de saberes diversos. Suas trajetórias possibilitavam que os viajantes adquirissem habilidades, exercitassem suas autonomias e enfrentassem os seus medos e os desafios da vida. Uma das amantes de Ariston, inclusive, alertou-o sobre a necessidade de tornar-se sábio. Pois somente um verdadeiro sábio, que utiliza seus conhecimentos, conseguiria triunfar diante das inclinações da “violência divina” dos acontecimentos e infortúnios da vida.⁹

Ao ser expulso do Paraíso, Dyrcona, assim como Adão e Eva, foi enviado para um mundo imperfeito – a Lua, mas que muito se parecia com a Terra –; desamparado, ele tenta lá construir, com dificuldade, a sua felicidade.¹⁰ Pois, os infortúnios perpassados, muitas vezes, podiam ser desesperadores. Da mesma forma, os outros protagonistas tentam encontrar alegrias, apesar de tudo. Essa busca pelo divertimento poderia elevar o (auto)conhecimento, as compreensões sobre os gostos, os desejos e as aspirações dos personagens. Assim, as mazelas da vida poderiam ser superadas.

Ao se tornarem os refúgios dos escritores libertinos, suas ficções não deixaram de refletir e representar similaridades com realidade vivida por eles. Dessa forma, as produções do quarteto anunciavam possibilidades de como seria viver uma vida libertina durante o século XVII, voltada para a emissão de críticas aos dogmatismos, para a identificação da prepotência humana, da hipocrisia do mundo e da necessidade de se buscar os prazeres em meio aos controles e perseguições aos sujeitos dissidentes. No entanto, o contexto passou por flutuações e transformações, que viabilizaram o florescimento de novas ideias, perspectivas e compreensões do mundo, da vida humana e da natureza, relacionadas com as transformações de outros âmbitos – sociais, culturais e políticos –, que impulsionaram a reflexão libertina na busca pela autonomia. Esse ponto, observado nos textos dos escritores aqui analisados, compreende um elemento relevante para indicar uma compreensão mais valorosa sobre o ser libertino e a libertinagem do século XVII, a partir da perspectiva da autonomia que legitima suas atuações no período.

Pode-se identificar nos textos analisados as representações de ideias, ações e reflexões por meio das vivências de personagens que se mostram críticos, sagazes, irônicos e, também, um tanto dissimulados, ora emitindo, ora ocultando discursos libertinos. Pois a escrita permitia a demonstração de um parecer, que muitas vezes podia representar-se ambíguo.¹¹ Ainda que se tratem de obras ficcionais, não se pode desconsiderar as imbricações delas com a realidade dos escritores, conforme já indicado na introdução deste trabalho. Dessa forma, pode-se indicar que

⁹ PLAZENET, Il (ne) faut (pas) parier, § 43-44.

¹⁰ MINOIS, *A idade de ouro*, p. 186 -192.

¹¹ JOUHAUD, *Mazarinades*, p. 101.

os escritos estavam inseridos em um contexto histórico e em um campo cultural e, em alguma medida, em um grupo, que compartilhavam perspectivas, reflexões e pensamentos. Um ambiente que abarcava também reflexões e elaborações que se relacionam com as representações. Ao se contextualizar as fontes e seus agentes, pode-se compreender, com mais objetividade, os processos e as transformações que atravessaram a sociedade francesa do período moderno. Os escritores e as suas obras estavam imersos em uma realidade histórica concreta, cujas marcas se entrelaçam às representações e visões de mundo emitidas pelos escritos.

Suas produções, assim, adquirem potência, justamente por estarem incluídas em um contexto onde os agentes, ao emitirem questionamentos da ordem estabelecida, criavam novas possibilidades de compreensão sobre a própria realidade. Uma composição de realidade que poderia ter reverberado ao longo dos séculos, mas acabou sendo sombreada pela construção do Grande Século. Ao voltar a análise e o foco para o *corpus*, pode-se encontrar os indícios das oposições e questionamentos que permearam o século XVII, tal como as ações, ideias e reflexões empreendidas pelos libertinos nesse processo. A partir disso, pode-se vislumbrar uma outra perspectiva para o período, de uma realidade que era muito mais reluzente, complexa e dinâmica que os ornamentos erigidos e venerados. Como já foi aventado anteriormente ao longo do trabalho, a partir da leitura de Onfray, o “sentido se dissimula[va] nos desdobramentos” dos reflexos. “A verdade se esconde, mas existe”.¹² Na verdade, seriam múltiplas verdades, múltiplas possibilidades, que não podem ser observadas senão desviando das grandes construções que velam a entrada no século.

O florescimento de ideias críticas, de questionamentos e de uma dada autonomia, tal como representaram os libertinos e seus escritos, reativa a necessidade de aprofundamento e compreensão sobre as particularidades do século XVII, elevando a importância do período como um momento dinâmico em que seus agentes vivenciaram debates, confrontos e alterações que se contrapõem às representações clássicas – como um período harmônico, ordenado e conformado – sobre a época, as produções, os indivíduos e os governos.

Os trabalhos em língua portuguesa sobre os libertinos franceses do século XVII a partir de uma perspectiva histórica ainda são escassos, por isso a presente pesquisa pode impulsionar o desenvolvimento de futuros trabalhos sobre tais escritores e suas ideias. O estudo poderia elevar, inclusive, a disposição de investigação de outros campos, numa perspectiva interdisciplinar, convergindo o âmbito histórico, literário e filosófico, pois as obras libertinas

¹² ONFRAY, *Contra-história da filosofia: os libertinos barrocos*, III, p. 200.

são polifônicas, apresentam uma diversidade de temas, de formas – misturando mais de um gênero em uma mesma obra – e aspectos que poderiam ser esclarecidos a partir do diálogo entre os diferentes campos de conhecimento. Adicionalmente, seria enriquecedor se as obras dos libertinos pudessem contar com edições críticas e traduções para a língua portuguesa, pois somente as obras de Cyrano possuem versões nesse idioma, o que viabilizaria o acesso e ampliaria as possibilidades de estudo, de leitura, de reflexões e de discussões a partir do contato com as obras e as suas ideias. Os libertinos, inclusive, atentaram para a relevância de uma boa leitura e de como o contato com os livros poderia abrir novas e diversas perspectivas para os/as leitores/as e instrumentalizar os espíritos questionadores.

Ao longo da pesquisa, foi possível observar que os textos de Cyrano, Chapelle, Dassoucy e Tristan possuem múltiplas similaridades, como as expressões de ideias libertinas, a busca por autonomia, um arsenal poético rico, as formas literárias semelhantes, e, também, aproximações no que concerne a materialidade dos escritos. A partir da análise da materialidade, pode-se identificar nas fontes as particularidades que envolvem as produções textuais dos libertinos – de manuscritos e impressos – durante o período moderno, a partir de uma mobilidade, de alterações, releituras, reutilizações de conteúdo, contínuas revisões e uma série de aspectos que se apresentam nos textos e os inscrevem numa variabilidade de versões e edições, apresentando-se como peças preciosas de serem analisadas para o entendimento das práticas e particularidades que envolviam a atuação dos escritores, assim como a escrita, a produção e a difusão dos materiais libertinos ao longo do todo o século XVII.

Também não se deve desconsiderar o estabelecimento de aproximações e de investigações a partir de outros textos do quarteto, obras que ainda são pouco exploradas pela crítica, como as suas peças teatrais, seus versos e suas obras no gênero epistolar. Além disso, foi possível identificar como as reivindicações de Cyrano, Chapelle, Dassoucy e Tristan também possuem similaridades com outras obras de libertinos, como Pierre Gassendi, Gabriel Naudé, François Bernier, Guy Patin, Charles Sorel, François La Mothe Le Vayer pai e filho, Molière e outros. Assim, seria pertinente que futuras pesquisas pudessem alinhar outras conexões, promovendo uma ampliação na circularidade de suas ideias, identificando pontos de maior influência a partir de uma análise de rede, por exemplo. Além disso, não se pode desconsiderar a importância de se estabelecer conexões com os libertinos de outras localidades da Europa – como do Sacro Império, das cidades italianas, dos Países Baixos, da Espanha, Inglaterra –, para uma ampliação da percepção sobre o fenômeno da libertinagem, de suas ações e ideias, numa escala internacional. Pesquisas tratando sobre a convergência entre as reflexões dos escritores libertinos do século XVII com outros agentes do período também poderiam

contribuir e diversificar a discussão, elevando a percepção sobre as apropriações libertinas, a intertextualidade e as similaridades e diferenças entre as reflexões e atuações dos escritores do período moderno.

Os libertinos também possuem intercâmbios com os escritores e sábios humanistas do século XVI, tendo reabilitado e explorado diversas reflexões apontadas pelos agentes do século predecessor, da mesma forma que as ideias dos libertinos do século XVII possuem uma influência importante para os iluministas do século XVIII. Nesse sentido, investigações que explorassem relações com os dois períodos, entre suas aproximações e diferenças, aprofundamentos de ideias, percepções e recepções, poderiam indicar um melhor entendimento sobre os desdobamentos e anseios libertinos, as influências, inspirações, continuidades e rupturas de perspectivas ao longo dos dois séculos, sem deixar de reconhecer o valor de cada instante e das reflexões libertinas como produtoras de verdadeiras transformações para o longo período que recobre esses três séculos.

Ao longo da pesquisa também foi possível mapear a comunicação dos escritores libertinos com mulheres libertinas, como no caso de Chapelle, que referenciou Ninon de Lenclos em uma de suas produções. Os estudos sobre as mulheres libertinas ainda constituem um campo pouco explorado, especialmente no campo histórico, o que poderia contribuir enormemente para a percepção sobre a circularidade de ideias libertinas e suas particularidades conforme os sexos.

O estudo dos libertinos do século XVII e das reflexões veiculadas e representadas através de suas obras se desdobra, assim, em novas perspectivas sobre os contextos históricos e os agentes, assim como novas conexões entre sujeitos, diferentes épocas e espaços. A investigação, ainda, pode promover um despertar a respeito dos limites que são impostos ao pensável, sobre as imaginações, as ideias, as ações humanas e as suas relações – com o mundo, com a natureza, com os prazeres, com outros agentes. Refletir sobre tudo isso eleva o significado e a preciosidade do pensamento crítico proposto pelos libertinos, como um artifício essencial para subversão das imposições, das construções sobre os indivíduos e os contextos, além de viabilizar o confronto das arbitrariedades que assolam as sociedades de diferentes épocas. Afinal, pensar livremente e imaginar viver livremente podem indicar a saída das sombras.

REFERÊNCIAS

Fontes

À André Falconet, le 27 août 1648. In: CAPRON, Loïc (Ed.). *Correspondance complète de Guy Patin et autres écrits*. Paris: Bibliothèque interuniversitaire de Santé, 2018. Disponível em: <https://www.biusante.parisdescartes.fr/patin/?do=pg&let=0159> Acesso em: 28 novembro 2024.

À Charles Spon, le 14 décembre 1643. In: CAPRON, Loïc (Ed.). *Correspondance complète de Guy Patin et autres écrits*. Paris: Bibliothèque interuniversitaire de Santé, 2018. Disponível em: <https://numerabilis.u-paris.fr/editions-critiques/patin/?do=pg&let=0093> Acesso: 28 março 2025.

À Charles Spon, le 20 décembre 1652. In: CAPRON, Loïc (Ed.). *Correspondance complète de Guy Patin et autres écrits*. Paris: Bibliothèque interuniversitaire de Santé, 2018. Disponível em: <https://www.biusante.parisdescartes.fr/patin/?do=pg&let=0299> Acesso em: 15 agosto 2024.

À Hugues II de Salins, le 22 février 1667. *Correspondance complète de Guy Patin et autres écrits*, édités par Loïc Capron. Paris: Bibliothèque interuniversitaire de santé, 2018. Disponível em: <https://www.biusante.parisdescartes.fr/patin/?do=pg&let=0901> Acesso em: 22 agosto 2024.

ACTE de condamnation du 22 mars 1668 e COPIE du procès-verbal contre le musicien D'Assoucy, arrêté le 8 mars 1673. In: DASSOUCY COYPEAU, Charles. *Les aventures et les prisons*. Édition critique par Dominique Bertrand. Paris: Honoré Champion, 2008.

ANEXXES. In: DASSOUCY, Charles. *Les Aventures et les prisons*. Édition critique par Dominique Bertrand. Paris: Honoré Champion, 2008.

Ars., Mss. 5418, Relation d'un Voyage fait par M. de Bachaumont et M. Chapelle chez Monsieur d'Aubijoux.

ATOS dos Apóstolos (VI:9). In: *Bíblia Sagrada*. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus Editora, 2017.

AUTRES écrits. Une thèse cardinale de Guy Patin : « La Sobriété », 1647. In: CAPRON, Loïc (Ed.). *Correspondance complète de Guy Patin et autres écrits*. Paris : Bibliothèque interuniversitaire de Santé, 2018. Disponível em: <https://numerabilis.u-paris.fr/editions-critiques/patin/?do=pg&let=8223> Acesso em: 12 fevereiro 2025.

BNF, Rothschild 1533 [VI, 8 (bis), 1-5] Disponível em: <https://archivesetmanuscrits.bnf.fr/ark:/12148/cc358126> Acesso em: 05 março 2024.

CARDAN, Jérôme. *Les livres de Hierome Cardanvs medecin milannois, intitules De la subtilité, & subtiles inuentions, ensemble les causes occultes, & raisons d'icelles, traduis de latin en françois para Richard le Branc*. Paris: Guillaume le Noir, 1556.

CARDANI, Hieronymi. *Mediolanensis Medici De Rerum Varietate Libri XVII*. Basilaë: Henrichum Petri, 1557.

CHAPELAIN, Jean. *Lettres de Jean Chapelain, de l'Académie française*. Tome 2. Paris: Tamizey de Larroque, 1880-1883.

CHAPELLE; BACHAUMONT. *Voyage de messieurs de Bachaumont, et la Chapelle*. In: RECUEIL de quelques Pieces Nouvelles et Galantes, tant en Prose qu'en Vers; Dont les Titres se trouveront apres la Preface. Cologne: Pierre du Marteau, 1663. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k745869.image> Acesso em: 13 fevereiro 2025.

CHAPELLE; BACHAUMONT. *Oeuvres de Chapelle et de Bachaumont*. La Haie: Quillau, 1755. Disponível em: https://books.google.com.br/books?redir_esc=y&hl=fr&id=-785AAAcAAJ&q=nous+ne+songions+pas#v=onepage&q&f=false Acesso em: 01 agosto 2022.

CHAPELLE; BACHAUMONT. *Oeuvres de Chapelle et de Bachaumont*. Nouvelle édition. Révue et corrigé sur les meilleurs textes notamment sur l'édition de 1732. Précédée d'une notice par M. Tennat de Latour. Paris: P. Jannet, 1854. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k27711n/f156.item.zoom> Acesso em: 01 agosto 2022.

CHAPELLE; BACHAUMONT. *Voyage d'Encausse*. Établissement du texte, introduction et notes par Yves Giraud. Paris: Honoré Champion, 2007.

CHAPELLE; BACHAUMONT. *Voyage à Encausse*. Saint-Étienne: Institut Claude Longeon, 2008.

CHARRON, Pierre. *Les Trois vérités contre les athées, idolâtres, juifs, mahumetans, hérétiques et schismatiques, le tout traité en trois livres*. Bourdeaux: Sébastien Millanges, 1593.

CHARRON, Pierre. *De la sagesse*, 1601/1604, texte revu par Barbara de Negroni. Paris: Fayard, 1986.

COTIN, Charles. *Discovrs a Theopompe, svr les Forts Esprits du temps*. [s. l.]: [s. n.], 1629. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=7nhMWhvonKgC&printsec=frontcover&hl=fr&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false Acesso em: 07 agosto 2024.

CYRANO DE BERGERAC. *L'autre monde ou les empires & estatx de la Lune*. BSB, Ms. Gall. 419, [16--].

CYRANO DE BERGERAC. *L'autre monde ou les empires et estats de la Lune*. USYD, Add. Ms. 068, [entre 1620 e 1655].

CYRANO DE BERGERAC. *L'Autre monde, ou les estats et empires de la lune*. BNF, Ms. NAF 4558, [165-?].

CYRANO DE BERGERAC. *Les oeuvres diverses*. Paris: Charles de Sercy, 1654.

CRYANO DE BERGERAC, Savinien de. *La Mort d'Agrippine*. Tragedie par Mr de Cyrano Bergerac. Paris: Charles de Sercy, 1654.

CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Les nouvelles oeuvres de Monsieur de Cyrano de Bergerac*. Contenant l'histoire comique des Estats & Empires du Soleil, plvsievr lettres et avtres pieces diuertissantes. Paris: Charles de Sercy, 1662.

CYRANO DE BERGERAC. *Les oeuvres libertines de Cyrano de Bergerac, parisien (1619-1655)*. Précédées d'une notice biographique, par Frédéric Lachèvre. Tome I. Paris: Champion, 1921.

CYRANO DE BERGERAC. *Oeuvres diverses*: Lettres satiriques, amoureuses, etc. Les entretiens pointus, Le pédant joué, comédie, La mort d'Agrippine, tragédie. Nouvelle édition par Frédéric Lachèvre. Paris: Libraire Garnier, 1933.

CYRANO DE BERGERAC. *Viagem aos Impérios do Sol e da Lua*. Tradução José Maria Machado. São Paulo: Edição Clube do Livro, 1955.

CYRANO DE BERGERAC. *L'Autre Monde ou Les Estats et Empires de la Lune*. Édition critique par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 1977.

CYRANO DE BERGERAC. *Lettres satiriques et amoureuses précédées de lettres diverses*. Édition présentée par Jean-Charles Darmon. Paris: Éditions Desjonquères, 1999.

CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004.

CYRANO DE BERGERAC. *Oeuvres complètes*. I. L'autre Monde ou les Etats et Empires de la Lune. Les Etats et Empires du Soleil. Fragment de physique. Edition critique par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2006.

CYRANO DE BERGERAC. *Viagem à Lua*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Globo, 2007.

CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Les nouvelles oeuvres de Monsievr de Cyrano de Bergerac*. Contenant l'Histoire Comique des Estats & Empires du Soleil, plvsievr letres, et avtres pieces diuertissantes. Paris: Charles de Sercy, 1662. BNF Z-20087 (1). Disponível em: <ark:/12148/btv1b8626237p>. Acesso em: 19 março 2024.

CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Les nouvelles oeuvres de Monsievr de Cyrano de Bergerac*. Contenant l'Histoire Comique des Estats & Empires du Soleil, plvsievr letres, et avtres pieces diuertissantes. Paris: Charles de Sercy, 1662. (Toronto).

CYRANO DE BERGERAC, Savinien de; LE BRET, Henry. *Histoire comique, par monsieur de Cyrano de Bergerac*. Contenant les Estats et Empires de la Lune. Paris: Charles de Sercy, 1657. Código de consulta: BNF RES P-Y2-2969. Disponível em: <ark:/12148/bpt6k87098567>. Acesso em: 13 março 2023.

CYRANO DE BERGERAC, Savinien de; LE BRET, Henry. *Histoire comique, par monsieur de Cyrano de Bergerac*. Contenant les Estats et Empires de la Lune. Paris: Charles de Sercy, 1657. Código de consulta: BNF RES 8-NFR-363 (Flaubert).

DASSOUCY, Charles. *Le Jugement de Paris en vers burlesques*. Paris: Toussaint Quinet, 1648.

DASSOUCY, Charles. *L'Ovide en belle humeur*. Paris: Charles de Sercy, 1650.

DASSOUCY, Charles. *Poesies et lettres de Mr Dassoucy, contenant diverses pieces heroïques, satiriques, et burlesques*. Paris: Louys Chamhoudry, 1653.

DASSOUCY, Charles. *Le Ravissement de Proserpine*. Paris: Pierre David e Edme Pepingue, 1653.

DASSOUCY, Charles. *Les rimes redoublées de Monsievr Dassovcy*. Paris: Clavde Nego, 1671.

DASSOUCY, Charles. *Les rimes redoublées de Monsievr Dassovcy*. Paris: Clavde Nego, [s. l.], 8-BL-9114.

DASSOUCY, Charles. *La Prison de M. D'Assoucy*. Paris: Antoine de Rafflé, 1674.

DASSOUCY, Charles. *Les Pensées de Monsieur D'Assoucy dans le S. Office de Rome*. Paris: Antoine de Rafflé, 1676.

DASSOUCY, Charles. *Les Aventures de Monsieur D'Assoucy*. Tome premier. Paris: Claude Audinet, 1677. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb30033421s> Acesso em: 22 maio 2022;

DASSOUCY, Charles. *Les Aventures de Monsieur D'Assoucy*. Tome seconde. Paris: Claude Audinet, 1677. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb30033421s> Acesso em: 22 maio 2022.

DASSOUCY, Charles. *Les Aventures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*. Paris: Antoine de Rafflé, 1677. BNF RES-LN27-69. Disponível em: <ark:/12148/btv1b8626246n> Acesso em: 13 abril 2024.

DASSOUCY, Charles. *Les Aventures d'Italie de Monsieur D'Assoucy*. Paris: Antoine de Rafflé, 1677. BML 801820. Disponível em: https://numelyo.bm-lyon.fr/f_view/BML:BML_00GOO0100137001100390025 Acesso em: 17 abril 2024.

DASSOUCY, Charles. *Les Aventures de Monsieur D'Assoucy*. Tome II. Paris: G. Quinet, 1678. BNF RES 8-LN27-694 (A, 2). Disponível em <ark:/12148/bpt6k8705703h> Acesso em: 15 abril 2024.

DASSOUCY, Charles. *Les Aventures de Monsieur D'Assoucy*. Tome I. Paris: G. Quinet, 1678. BNF RES 8-LN27-694 (A,1). Disponível em <ark:/12148/bpt6k8705675n> Acesso em: 15 abril 2024.

DASSOUCY, Charles. *Aventures burlesques de Dassoucy*. Nouvelle édition avec préface et notes par Émile Colombey. Paris: Adolphe Delahays, 1858.

DASSOUCY, Charles. *Les Aventures et les Prisons*. Édition critique par Dominique Bertrand. Paris: Honoré Champion, 2008.

DE PRADE, Jean Royer. *Les Oeuvres poetiques dv sievr de P.* Paris: Nicolas et Jean de La Coste, 1651.

DESCARTES, René. *Principia philosophiae*. Amstelodami: Ludovicum Elzevirium, 1644. Disponível em: [ark:/12148/bpt6k574928](https://nbn-resolving.org/urn:nbn:br:arquivado-12148-bpt6k574928) Acesso em: 8 agosto 2024.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DICTIONNAIRE François contenant les mots et les choses, plusieurs nouvelles remarques sur la langue Française, ses expressions propres, figurées et burlesques, la prononciation des mots les plus difficiles, le genre des noms, le régime des verbes. Par Pierre Richelet. Genève: Jean Herman Widerhold, 1680.

DICTIONNAIRE universel contenant generalmente tous les mots François tant Vieux que modernes, & les termes de toutes les sciences et des arts. Recueilli & compilé par feu Antoine Furetiere. Tome premier. La Haye: Arnout & Reinier Leers, 1690.

DICTIONNAIRE de l'Académie française. Paris: Jean Baptiste Coignard, 1694.

Dictionnaire de l'Académie Française, 1694.

DICTIONNAIRE de l'Académie française. Deuxième édition. Paris: Jean-Baptiste Coignard, 1718.

DICTIONNAIRE etymologique de la langue latine. Histoire des mots par Alfred Ernout et Alferd Meillet, Abbeville: Klincksieck et Cie, 2001.

DICTIONNAIRE du Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales (CNRTL). Lexicographie de Affranchi, ver em: <https://www.cnrtl.fr/definition/academie4/affranchi> Acesso em: 06 fev. 2024.

EPICURO. *Cartas & máximas principais*: “Como um deus entre os homens”. Tradução, apresentação e notas Maira Cecília Gomes dos Reis. Introdução Tim O’Keefe. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2020.

GALILEI, Galileu. *Sidereus nuncius*. Venice: Thomas Baglionum, 1610.

GARASSE, François. *La Doctrine curieuse des beaux esprits de ce temps, ou pretenduz tels, contenant plusieurs maximes pernicieuses à l'Estat, à la Religion et aux bonnes Mœurs, combattue et renversee par le P. François Garassus de la Compagnie de Jésus*. Paris: Sébastien Chappelet, 1623. Disponível em: https://books.google.fr/books?id=T9jr06mM3NYC&printsec=frontcover&hl=fr&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false Acesso em: 24 junho 2025.

GASSENDI, Pierre. *De vita et moribvs Epicvri Libre Octo*. Lyon: Guillaume Barbier, 1647. HAB M: Lg 746.

GASSENDI, Petri. *Opera omnia*. Epistolae et responsa auctoris. Tomus sextus. Lugduni: Laurentii Anisson e Joannis Baptiste Devenet, 1658. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb30484889g> Acesso em 15 janeiro 2025.

GASSENDI, Petri. *Opera omnia*. Opera astronomica. Tomus quartus. Lugduni: Laurentii Anisson e Joannis Baptiste Devenet, 1658. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb30484889g> Acesso em: 15 janeiro 2025.

GASSENDI, Pierre. *Lettres Familières à François Luillier pendant l'hiver 1632-1633*. Editées par Bernard Rochot. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1944.

GASSENDI, Pierre. *Lettres latines*. Traduction par Sylvie Taussig. Turnhout: Brepols, 2003.

GASSENDI, Pierre. *Lettres latines*. Tome I. Traduction Sylvie Taussig. Turnhout: Brepols, 2004.

GASSENDI, Pierre. *Vie et moeurs d'Épicure*. Notes, introduction et commentaires de Sylvie Taussig. Paris: Les Belles Lettres, 2006.

GASSENDI, Pierre. *De la Phantasie ou imagination. Syntagma philosophicum*. Physique, Section III, Livre 8. Traduction et introduction Sylvie Taussig. Turnhout: Brepols, 2018.

GASSENDI, Petro. *De vita et moribus Epicuri*. Lugduni, Guillelmum Barbier, 1647. Disponível em: https://archive.org/details/bub_gb_vNvfaPI4HDAC/page/n3/mode/2up Acesso em: 17 fevereiro 2025.

GUÉRET, Gabriel. *La Promenade de Saint-cloud*. Paris: Collection Moliéresque, 1888. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=8bMnAAAAYAAJ&pg=GBS.PA83&hl=pt> Acesso em: 8 outubro 2024.

GERZAN, François du Soucy. *Le Triomphe des dames*. Paris: Gerzan, 1646. Disponível em: <ark:/12148/btv1b8622084d> Acesso em: 19 janeiro 2024.

Herzog August d.J. zu Braunschweig-Lüneburg: Bücherradkatalog Bd. 4 (BA I, 325), p. 4.102. Disponível em: <http://diglib.hab.de/mss/ba-1-325/start.htm?image=00504> Acesso em: 23 novembro 2023.

HISTOIRE nouvelle, merveilleuse et espouvantable d'un jeune homme d'Aix en Provence emporté par le diable et pendu à un amandier, pour avoir impiement blasphémé le saint nom de Dieu et mesprisé la sainte Messe, deux siens compagnons estans demeurez sans aucun mal. Paris: Fleury Bourriquant, 12 Janvier de la presente année 1614.

KEPLER, Johannes. *Astronomia Nova*. Heidelberg: Vögrlin, 1609.

KEPLER, Johannes. *Somnium*. Frankfurt: Sagani Silesiorum, 1634.

LA MOTHE LE VAYER, François. *Quatre dialogues faits a l'imitation des anciens, par Orasius Tubero*. I. Francfort: Jean Sarius, 1630.

LA MOTHE LE VAYER, François de. *Dv sommeil et des songes*. In: *Opuscules ou petits traictez*. Paris: Antoine Sommaville et Avgvstin Covrbé, 1643.

LA MOTHE LE VAYER, François de. *Opuscules ou Petits traictez*. Paris: Antoine de Sommaville et Augustin Couré, 1644. Disponível em: <ark:/12148/bpt6k10403024> Acesso em: 12 de dezembro 2024.

LA MOTHE LE VAYER, François de. *Oeuvres de François de La Mothe Le Vayer*. Tome Second. Paris: Augustin Courbé, 1654.

LA MOTHE LE VAYER, François de. Le Banquet sceptique. In: *Cinq dialogues faits à l'imitation des anciens, par Oratius Tubero*. Tome I. Francfort: Jean Savius, 1716.

LA MOTHE LE VAYER, François de. *Hexaméron rustique ou les six journées passées à la campagne entre des personnes studieuses*. Paris: Isidore Lisieux, 1875.

LES CORRESPONDANTS de François Bernier pendant son Voyage dans l'Inde. Lettres inédites de Chapelain. Par L. de Lens. Angers: Tous Les Libraires, 1872.

LES CORRESPONDANTS de Peiresc XVI François Luillier. Lettres inédites écrites de Paris, a Peiresc (1630-1636). Publiés et annotés par Philippe Tamizey de Larroque. Paris: Leon Téchener, 1889.

LOYAC, Jean de. *Le libertin converti*. Oeuvre qui fait voir la faiblesse de forts esprits de ce temps, et la fausseté de leurs maximes. Paris: T. du Bray, 1635.

LUCRÉCIO. *Sobre a natureza das coisas*. Tradução, notas e paratextos Rodrigo Tadeu Gonçalves. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MERSENNE, Marin. *L'impiété des déistes, athées et libertins de ce temps, combattue et renversée de point en point par raisons tirées de la philosophie et de la théologie, ensemble la réfutation du Poème des Déistes*. Paris: Bilaine, 1624. Disponível em: https://archive.org/details/bub_gb_PUpEp_m433YC/page/n3/mode/2up Acesso em: 24 junho 2025.

MONTAIGNE, Michel. *Essais*. Tome troisième. Paris: Lacheverdiere, 1828.

MONTAIGNE, Michel de. *Essais*: texte original de 1580, avec les variantes des Editions de 1582 e 1587, publié par R. Dezeimeris et H. Barckhausen. Bordeaux: Féret et fils, 1870-1873.

MONTAIGNE, Michel. *Os ensaios*: uma seleção. Tradução Rosa Freire d'Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

NAUDÉ, Gabriel. *Apologie pour tous les grands personnages qui ont esté faussement soupçonnez de magie*. Paris: Fr. Targa, 1625.

NAUDÉ, Gabriel. *Advis povr dresser vne bibliotheqve*. Présenté à Monseigneur le President de Mesme. Paris: François Targa, 1627.

NAUDÉ, Gabriel. *Considerations politiques svr les covps d'estat*. Rome: [s.n.], 1639.

NAUDÉ, Gabriel. *Vita Cardani ac de eodem iudicium*. In: *Hieronymi Cardani Opera omnia*. Lugduni: Ioannis Antonii Huguetan et Marci Antonii Ravaud, 1663.

NAUDÉ, Gabriel. *Naudaena et Patiniana*. Paris: Florentin et Pierre Delaulne, 1701. Disponível em: <ark:/12148/bpt6k6281564v> Acesso em 29 março 2025.

NAUDÉ, Gabriel; PATIN, Guy. *Naudeana et patiniana*. Ou singularitez remarquables, prises des conversations de Mess. Naudé & Patin. Seconde edition revuë, corrige et augmentée d'additions au Naudeana qui ne sont point dans l'edition de Paris. Amsterdam: François Vander Plaats, 1703.

NAUDEANA et patiniana ou singularités remarquables, prises des conversations de Mess. Naudé et Patin. Paris: Florentin et Pierre Delaune, 1701.

NOUVELLES Poesies et Prose galantes. Contenant plvsievs Elegies, Stances. Sonnets, Rondeavx, Epigrammes, Bovts-Rimez et Madrigavx. Sur divers sujets les plus enjouéz de ce temps. Paris: Estienne Loyson, 1661.

PRINCIPES de cosmographie. Tirez d'un manuscrit de Viette, & traduits en françois. Corrigées & augmentées. Rouen: Jean Behourt, 1647. Disponível: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3103786/f9.item> Acesso 3 de outubro 2024.

PROSE chagrine. Seconde partie. Paris: Augustin Courbé, 1661. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6259401n/f5.item> Acesso em: 02 outubro 2024.

RABELAIS, François. *Les Horribles et espoventables faictz et prouesses du très renommé Pantagruel, roy des Dipsodes, filz du grand géant Gargantua, composez nouvellement par Maistre Alcofrybas Nasier*. [S.l.]: [s. n.], 1533.

RABELAIS, François. *Gargantua*. Lyon: François Juste, 1534-1535.

RABELAIS, François. *Pantagruel, roy des Dipsodesm restitué à son naturel, avec ses faictz et prouesses espoventables, composés par feu M. Alcofribas, abstracteur de quinte essence*. Plus, les Merveilleuses navigations du disciple de Pantagruel, dict Panurge. Lyon: Estienne Dolet, 1542.

RECUEIL de pièces, composé en majeure partie de copies concernant principalement l'histoire de France, de 1215 à 1676. f. 145, n. 28, Voyage de Mrs de Bachaumont et de la Chapelle. BNF, Mss., fr. 4600.

RECUEIL de quelques Pieces Nouvelles et Galantes, tant en Prose qu'en Vers; Dont les Titres se trouveront apres la Preface. Cologne: Pierre du Marteau, 1663. BNF YE-11518. Disponível em: <ark:/12148/bpt6k745869> Acesso em: 08 maio 2024.

RECUEIL de quelques Pieces Nouvelles et Galantes, tant en Prose qu'en Vers; Dont les Titres se trouveront apres la Preface. Cologne: Pierre du Marteau, 1663.

RECUEIL général des chansons du capitaine Savoyard, par lui seul chantées dans Paris. Paris: Promé, 1645.

RECUEIL nouveau des chansons du Savoyard Par luy seul chantées dans Paris. Paris: Veuve Jean Promé, 1665.

ROSTAND, Edmond. *Cyrano de Bergerac*. Comédie héroïque en 5 actes et en vers. Paris: Théâtre de la Porte Saint-Martin, 1897. Disponível em: <ark:/12148/btv1b84060> Acesso em: 23 janeiro 2025.

SAINT-ÉVREMOND, Charles de Marguetel de Saint-Denis. *OEuvres de M. de Saint-Évremond, avec la vie de l'auteur par M. des Maizeaux, membre de la Société Royale*. Nouvelle édition. Tome troisième, [s.n.], Paris, 1753.

SORBIÈRE, Samuel. *De l'amitié*. Paris: Estienne Loyson, 1660.

SOREL, Charles. *Histoire comique de Francion*. Paris: Pierre Billaine, 1626. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb119457313> Acesso em: 12 março 2025.

SOREL, Charles. *La Bibliothèque Française de M. C. Sorel, ou le choix et l'examen des livres françois qui traitent de l'éloquence, de la philosophie, de la dévotion et de la conduite des mœurs*. Paris: Libraires du Palais, 1667.

SOREL, Charles. *De la connoissance des bons livres, ou examen de plusieurs auteurs*. Paris: Pralard, 1671.

SOULIERS, Jean Baptiste. *Meslanges de poesie heroiques et burlesques du chevalier de Lhermite*. Paris: Guillaume Loyson e Jean-Baptiste Loyson, 1649.

THEOPHRASTUS redivivus. Edizione prima e critica a cura di G. Canziani e G. Paganini, v. I. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1981.

THEOPHRASTUS redivivus. Edizione prima e critica a cura di G. Canziani e G. Paganini, v. II. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1982.

TRISTAN L'HERMITE. *La lyre du sievr Tristan*. Paris: Avgustin Covrbé, 1641.

TRISTAN L'HERMITE. *Lettres Meslées du sievr de Tristan*. Paris: Avgvstin Covrbé, 1642.

TRISTAN L'HERMITE. *Le page disgracié*. Ov l'on void de vifs caracteres d'hommes de tous temperamens, et de toutes professions. Par Mr de Tristan. Premiere partie. Paris: Tovssaint Qvinet, 1643. BNF, Ars. 8-BL-22396 (1). Disponível em: <ark:/12148/bd6t5783913f> Acesso em: 18 março 2024.

TRISTAN L'HERMITE. *Le page disgracié*. Ov l'on void de vifs caracteres d'hommes de tous temperamens, et de toutes professions. Par Mr de Tristan. Seconde partie. Paris: Tovssaint Qvinet, 1643. BNF, Ars. 8-BL-22396 (2). Disponível em: <ark:/12148/bd6t5783914t> Acesso em: 18 março 2024.

TRISTAN L'HERMITE. *Le page disgracié*. Ov l'on void de vifs caracteres d'hommes de tous temperamens, et de toutes professions. Par Mr de Tristan. Premiere partie. Paris: Tovssaint Qvinet, 1643. HAB A:39.10 Eth.

TRISTAN L'HERMITE. *Le page disgracié*. Ov l'on void de vifs caracteres d'hommes de tous temperamens, et de toutes professions. Par Mr de Tristan. Seconde partie. Paris: Tovssaint Qvinet, 1643. HAB A:39.10 Eth.

TRISTAN L'HERMITE, Stances. In: *Vers heroiques du s. Tristan*. Paris: Pierre des-hayes, 1648. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=mullAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_book_other_versions_r&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false Acesso em : 07 fevereiro 2024.

TRISTAN L'HERMITE. *Les vers heroiques du sievr Tristan Lhermite*. Paris: Jean Baptiste Loyson e Nicolas Portier, 1648. Disponível em: <ark:/12148/bpt6k5545094x> ou <ark:/12148/bpt6k57779w> Acesso em: 07 junho 2024.

TRISTAN L'HERMITE. *Le Parasite Comedie*. Paris: Avgvstin Courbé, 1654.

TRISTAN L'HERMITE. *Le Page disgracie ov l'on void de vifs caractères d'hommes de tous temperamens, et de toutes professions*. Première partie. Paris: Andre Bovtonne, 1667. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb31497228p> Acesso em: 13 julho 2022.

TRISTAN L'HERMITE. *Le Page disgracie ov l'on void de vifs caractères d'hommes de tous temperamens, et de toutes professions*. Seconde partie. Paris: Andre Bovtonne, 1667. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb31497228p> Acesso em: 13 julho 2022.

TRISTAN L'Hermite. *Le Page disgracié*. Édition de Jacques Prévot. Paris: Folio Classique, Éditions Gallimard, 1994.

TRISTAN L'HERMITE. *Oeuvres complètes* I. Prose. Direction de Jean Serroy avec la collaboration de Bernard Bray, Amédée Carriat e Marc Fumaroli. Paris: Honoré Champion, 1999.

URFÉ, Honoré. *Première partie de L'Astree*. Paris: Toussaints du Bray, 1612. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1191689>

VANINI, Giulio Cesare. *Oeuvres philosophiques de Vanini, traduits pour la première fois par M. X. Rousselot*. Paris: Librairie de Charles Gosselin, 1842.

VIAU, Théophile de. *Oeuvres complètes de Theophile*. Revue, annotée et précédée d'une notice biographique par M. Alleaume. Tome I e II. Paris: P. Jannet, 1855.

VOYAGE de messieurs de Bachaumont et la Chapelle, où l'on a joint diverses poésies du même auteur. A Cologne, chez Pierre Marteau, 1697. BNF, Mss., fr. 15025.

Bibliografia

ADAM, Antoine. *Théophile de Viau et la libre pensée française en 1520*. Paris: Droz, 1935.

ADAM, Véronique. Fiction et cadres de référence dans *Le Page disgracié*. In: BOMBART, Mathilde (Dir.). *Lectures du Page disgracié*. Paris: PUR, 2013.

AÏT-TOUATI, Frédérique. *Fictions of the cosmos: science and literature in the seventeenth century*. Translated by Susan Emanuel. Chicago: The University of Chicago Press, 2011.

AÏT-TOUATI, Frédérique. Les maîtres des nuées : machines et cosmologie au temps de Louis XIV. *Revue Fontenelle*, n. 13, p. 38-51, 2021.

ALCOVER, Madeleine. *La pensée philosophique et scientifique de Cyrano de Bergerac*. Paris-Genève: Droz, 1970.

ALCOVER, Madeleine. *Cyrano relu et corrigé (Lettres, Etats du Soleil, Fragment de Physique)*. Genève: Droz, 1990.

ALCOVER, Madeleine. Un gay trio: Cyrano, Chapelle, Dassoucy. In: HEYNDELS, R.; WOSHINSKY, B. (Éd.). *L'Autre au XVIIe siècle*. Actes du quatrième colloque du Centre international de Rencontres sur le XVIIe siècle (University of Miami, 23-25 avril 1998). Biblio 17, v. 117, Tübingen, 1999.

ALCOVER, Madeleine. Analyse. In: CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec *Le Fragment de physique*). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover, Paris, Honoré Champion, 2004.

ALCOVER, Madeleine. Biographie. In: CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec *Le Fragment de physique*). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover, Paris, Honoré Champion, 2004.

ALCOVER, Madeleine. Critique textuelle. In: CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec *Le Fragment de physique*). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004.

ALCOVER, Madeleine. Statistique et critique d'attribution : l'édition posthume des *États et Empires de la Lune*. *Littératures classiques*, n. 53, 2004.

ALCOVER, Madeleine. Éphémérides ou biographie sommaire de Savinien de Cyrano de Bergerac. *Les Dossiers du Grihl*, n. 3, 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/3817> Acesso em: 15 janeiro 2025.

ALCOVER, Madeleine. Le *Cyrano de Bergerac* de Jacques Prévot. *Les Dossiers du Grihl*, n. 3, 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/5079>. Acesso em: 07 março 2025.

ALCOVER, Madeleine. Sur les *Lettres diverses* d'Henry Le Bret, éditeur de Cyrano et prévôt de l'Église de Montauban. *Les Dossiers du Grihl*, n. 3, 2022.

ALUNNI, Charles. De l'écriture de la mutation à la mutation de l'écriture : de Galileo Galilei et Leonardo da Vinci au "technogramme". In: NICOLAS, François (Éd.). *Les mutations de l'écriture*. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.psorbonne.1761> Acesso em: 25 setembro 2024.

APPELT, Kelly Caroline. As viagens de Cyrano de Bergerac: entre utopia e imaginação. In: LIEBEL, Silvia (Org.). *Das utopias modernas às distopias contemporâneas: conceito, prática e representação*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

APPELT, Kelly Caroline. *Pensamento libertino e ciência no século XVII: Viagem à Lua e Viagem ao Sol* de Cyrano de Bergerac. Dissertação (Mestrado em História) –Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

AYMARD, Maurice. Amizade e convivialidade. In: CHARTIER, Roger (Org.). *História da vida privada*, 3: da Renascença ao século das Luzes. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BALBOA, Samuel Herrera. *Pierre Gassendi: el proyecto de una filosofía de la naturaleza en los albores de la filosofía moderna*. Barcelone: Herder, 2019.

BARBIER, Frédéric. *História das bibliotecas: de Alexandria às bibliotecas virtuais*. Tradução Regina Salgado Campos. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018.

BARGY, Hervé; MOTHU, Alain. *Cyrano de Bergerac, Cyrano de Sannois*. Turnhout: Brepols, 2008.

BELLEMARE, Alex. Sociabilités carcérales : la représentation de la prison chez Cyrano et Dassoucy. In: ABDELA, Sophie et al. (Dir.). *La sociabilité du solitaire*. Pratiques et discours de l'intimité, de l'exclusion et du secret à l'époque moderne. Paris: Hermann, 2016.

BELLIS, Delphine; GARBNER, Daniel; PALMERINO, Carla Rita. Pierre Gassendi. Humanism, Science and the Birth of Modern Philosophy. New York/London: routledge, 2023.

BELMAS, Élisabeth. Jogos “de exercício”, divertimento e virilidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). *História da virilidade*. 1. A invenção da virilidade Da Antiguidade às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2022.

BÉLY, Lucien. *La France au XVIIe siècle*. Puissance de l'État, contrôle de la société. Paris: Presses Universitaires de France, 2015.

BERMANN, Mathieu. *Les Contes et nouvelles en vers de La Fontaine*. Licence et mondanité. Paris: Classiques Garnier, 2016.

BERNIER, François. *Histoire de la derniere revolution des etats du grand Mogol*. Paris: Claude Barbin, 1670.

BERNIER, François. *Suite des mémoires du sieur Bernier sur l'empire du grand Mogol*. Paris: Claude Barbin, 1671.

BERNIER, François. *Voyages de François Bernier Docteur en Medecine de la Faculté de Montpellier*. Contenant la description des Etats du Grand Mogol, de l'Hindoustan, du Royaume de Kachemire, &c. Le tout enrichi de cartes et de figures. Tome Second. Amsterdam: Paul Marret, 1709. HAB M: Gv 335:2

BERREGARD, Sandrine. *Tristan L'Hermite, « hériter » et « précurseur »*. Imitation et innovation dans le carrière de Tristan L'Hermite. Tübingen: Gunter Narr Verlag Tübingen, 2006.

BERREGARD, Sandrine. Diversité et unité dans *Le Page disgracié* de Tristan L'Hermite. *L'information littéraire*, n. 4, v. 59, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/inli.594.0014> Acesso em: 10 março 2024.

BERRÉGARD, Sandrine. Tristan galant ?. In: ROUSSILLON, Marine et al. *Littéraire - Tome I*. Arras: Artois Presses Université, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.apu.18167> Acesso em: 18 março 2025.

BERRÉGARD, Sandrine. Tristan L'Hermite au service de Monsieur : heurs et malheurs d'un poète aristocrate en quête de reconnaissance. *Bulletin du Centre de recherche du château de Versailles*, n. 20, s.p., 2021.

BERTRAND, Dominique (Éd.). *Avez-vous lu Dassoucy?* Actes du colloque du Centre d'études sur les réformes, l'humanisme, et l'âge classique, CERHAC, Clermont-Ferrand, 25-26 juin 2004. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal, 2005.

BERTRAND, Dominique. La « merveilleuse histoire » des « disgrâces » de Dassoucy: récit de survivance et résilience ambiguë. *Études littéraires*, v. 38, n. 1, 2006.

BERTRAND, Dominique. Le “sens de l'humour” dans Les Aventures de Dassoucy. *Loxias*, Séminaires de l'axe 3 du CTCL (2009-2011), 2012. Disponível em: <https://hal.science/hal-04524018/document> Acesso em: 06 março 2025.

BERTRAND, Dominique. Dassoucy, un “mâle étrange” en mal de reconnaissance. Trouble dans la représentation sexuelle. In: DEBROSSE, Anne; SAINT MARTIN, Marie (Dir.). *Horizons du masculin*. Pour un imaginaire du genre. Paris: Classiques Garnier, 2020.

BIANCHI, Lorenzo. *Tradizione libertina e critica storica, da Naudé a Bayle*. Milano: Franco angeli, 1988.

BIANCHI, Lorenzo. Per una biblioteca libertina: Gabriel Naudé e Charles Sorel. *Bibliothecae selectae da Cusano a Leopardi, a cura di Eugenio Canone*. Estrato: Olschki: 1993.

BIET, Christian. Emoções experimentais: teatro e tragédia no século XVII francês. Afetos, sentidos, paixões. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). *História das emoções*: 1. Da Antiguidade às Luzes. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

BIRCHAL, Telma de Souza. Aquele que busca a Deus, o incrédulo e o *honnête-homme*: natureza e sobrenatureza nestes três tipos de homem. *Kriterion*, v. 47, n. 114. 2006.

BIRCHAL, Telma de Souza. *O eu nos Ensaaios de Montaigne*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BLANC, O. Cercles politiques et “salons” du début de la Révolution (1789-1795). *Annales historiques de la Révolution française*, n. 344, p. 63-92, 2006.

BOEUF, Estelle. *La bibliothèque parisienne de Gabriel Naudé en 1630*. Les lectures d'un libertin érudit. Genève: Droz, 2007.

BOMBART, Mathilde. Des écritures en polémique: autor de la querele des *Lettres* de Guez de Balzac (1624-1630). *Littératures classiques*, n. 1, v. 59, 2006.

BOMBART, Mathilde (Dir.). *Lectures de Tristan L'Hermite. Le Page disgracié*. Rennes: Pur, 2013.

BOMBART, Mathilde Bombart. Le libertin et ses livres. *Acta fabula*, v. 8, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.fabula.org/acta/document3077.php> Acesso em: 27 agosto 2024.

BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, Jean et al. (Org.). *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Gênese e estrutura do campo literário. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BOUVARD, Émilie. Étude des deux frontispices du *Page disgracié* (Toussaint Quinet, 1643). In: BERRÉGARD, Sandrine; ADAM, Véronique (Dir.). *Sur le Page disgracié*. Vingt-quatre études des Cahiers Tristan L'Hermite. Paris: Classiques Garnier, 2013.

BOUZA, Fernando. *Hétérographies*. Formes de l'écrit au siècle d'or espagnol. V. 1. Madrid: Casa de Velázquez, 2010.

BRAY, Alain. Homosexuality and the Signs of Male Friendship in Elizabethan England. In: GOLDBERG, Jonathan (Ed.). *Queering the Renaissance*. Duke University Press: Durham and London, 1994.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. O poder da imaginação: do foro íntimo aos costumes políticos. Germaine de Staël e as ficções literárias. In: *Razão e paixão na política*. Brasília: UnB, 2002.

BRIAN, Isabelle. Voyage et pratiques savantes et érudites (XVII^e-XIX^e siècle). *Viatica*, n. 10, 2023. Disponível em: <http://journals.openedition.org/viatica/2452> Acesso em: 18 setembro 2024.

BRUN, Pierre-Antonin. *Autour du XVIIe siècle*. Les libertins, Maynard, Dassoucy, Desmarets, Ninon de Lenclos, Carmain, Boursault, Mérigon, Pavillon, Saint-Amant, Chaulieu, Manuscrits inédits de Tallemant des Réaux. Paris: H. Falque et F. Perrin, 1901.

BRUN, Pierre-Antonin. *Savinien de Cyrano Bergerac*. Sa vie et ses oeuvres d'après des documents inédits. Thèse de doctorat présentée à la Faculté des Lettres de Paris. Paris: Armand Colin & Cie, 1893.

BURKE, Peter. *A Fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Tradução Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

BURKE, Peter. A República das Letras Europeia, 1500-2000. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 25, n. 72, p. 277-288, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/msSV7r4KVgMtYYNPWj9NNZs/?format=pdf&lang=pt> Acesso 24 junho 2025.

BURY, Emmanuel. Espaces publics, espaces privés: les lieux du débat au XVIIe siècle. In: MCKENNA, Antony; MOREAU, Pierre-François (Org.). *Libertinage et philosophie au XVIIe siècle*. Le public et le privé, 3. Saint-Étienne: Université de Saint-Étienne, 1999.

BUZON, Christine de. Les passions libertines dans *Le Page disgracié* de Tristan, ou être "comme le jouet des passions, des astres et de la Fortune". In: MCKENNA, Antony; MOREAU, Pierre-François (Dir.). *Libertinage et philosophie au XVIIe siècle* 4. Gassendi et les gassendistes et Les Passions libertines. Saint-Étienne: Publications de L'Université de Saint-Étienne, 2000.

CAMENIETZKI, Carlos Ziller. Dissimulações honestas e cultura científica na Idade Barroca. *Sigila*, Paris, n. 8, 2001.

CAPRON, Loïc (Ed.). *Correspondance complète de Guy Patin et autres écrits*. Paris: Bibliothèque interuniversitaire de Santé, 2018. Disponível em: <https://www.biusante.parisdescartes.fr/patin/?do=pg&let=0251> Acesso em: 21 outubro 2024.

CASSAN, Michel. Guerres de Religion, pacification, réconciliation. In: COLLARD, Franck; COTTRET, Monique (Dir.). *Conciliation, réconciliation aux temps médiévaux et modernes*. Nanterre: Presses Universitaires de Paris Nanterre, 2012.

CATUSSE, Guy. D'un bon usage de l'équivoque: les *aventures* de Dassoucy. *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, n. 33, 2004. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ccrh/241> Acesso em: 22 abril 2024.

CATUSSE, Guy. Des *Rimes Redoublées* aux *Aventures de Monsieur Dassoucy*: Dire et redire la « médisance ». In: BERTRAND, Dominique (Éd.). *Avez-vous lu Dassoucy ? Actes du colloque international du CERHAC (Clermont-Ferrand, 25-26 juin 2004)*. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal, 2005.

CATUSSE, Guy. Les prisons de Monsieur Dassoucy. *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, n. 39, p. 118-139, 2007. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ccrh/3369> Acesso em: 10 março 2025.

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. *Dis/simulations*. Jules-César Vanini, François La Mothe Le Vayer, Gabriel Naudé, Louis Machon et Torquato Accetto. Religion, morale et politique au XVIIe siècle. Paris: Honoré Champion, 2002.

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Les libertins. L'envers du grand siècle. *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, n. 28-29, p. 1-22, 2003. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ccrh/842> Acesso em: 02 maio 2021.

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Hypocrites, hérétiques, déistes et athéistes dans les écrits de Dassoucy. In: BERTRAND, Dominique (Éd.). *Avez-vous lu Dassoucy? Actes du colloque du Centre d'études sur les réformes, l'humanisme, et l'âge classique, CERHAC, Clermont-Ferrand, 25-26 juin 2004*.

CAVAILLE, Jean-Pierre. Pourquoi les libertins ne sont pas des classiques: réflexion critique sur la naissance d'une catégorie historiographique à partir des ouvrages de Pierre Brun. *Dix-septième siècle*, v. 3, n. 224, p. 381-397, 2004. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-dix-septieme-siecle-2004-3-page-381?lang=fr> Acesso em: 9 setembro 2021.

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Libertinage, irrégion, incroyance, athéisme dans l'Europe de la première modernité (XVIe-XVIIe siècles). Une approche critique des tendances actuelles de la recherche (1998-2002). *Les Dossiers du Grihl*, n. 1-2, 2007. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/279>

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Libérer le libertinage: une catégorie à l'épreuve des sources. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, n. 1, v. 64, jan.-fev., 2009.

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. "Ne prester ces cahiers à personne": la préface aux "Patiana" de Munich. *La Lettre Clandestine*, n. 19, 2011.

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Le "libertinage érudit": fertilité et limites d'une catégorie historiographique. *Les Dossiers du Grihl*, n. 3, 2011. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/4827> Acesso em: 18 junho 2025.

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. *Postures libertines*. La culture des esprits forts. Toulouse: Anacharsis Éditions, 2011.

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Libertine and Libertinism: Polemic Uses of the Terms in Sixteenth- and Seventeenth Century English and Scottish Literature. *Journal for Early Modern Cultural Studies*, v. 12, n. 2, p. 12-36, 2012. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23242162> Acesso em: 30 janeiro 2022.

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Diffamation imprimée et renommée d’auteur. Le cas Dassoucy au XVIIe siècle. *Communications*, n. 93, p. 203-215, 2013a. Disponível em: www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_2013_num_93_1_2725 Acesso em: 10 março 2025.

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. *Les Déniaisés*. Irréligion et libertinage au début de l’époque moderne. Paris: Classiques Garnier, 2013b.

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. *Les limites de l’acceptable*. Mémoire pour l’Habilitation à diriger des Recherches – Université Toulouse 2 Jean Jaurès, 2016.

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. L’Italie déniaisée dans les *Naudeana* de Guy Patin. *Les Dossiers du Grihl*, n. 3, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/dossiersgrihl.6079> Acesso em: 15 agosto 2024.

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Les athées italiens dans les conversations entre Naudé et Guy Patin. *La Lettre clandestine*, n. 31, p. 219-239, 2023. Disponível em: <https://hal.science/hal-03795011/document> Acesso em: 18 julho 2024.

CERTEAU, Michel de. *A Fábula mística séculos XVI e XVII*. v. 1 e v. 2. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

CHARLES-DAUBERT, Françoise. Libertinage et la recherche contemporaine. *XVIIe siècle*, v. 149, n. 4, p. 409-422, oct.- déc., 1985. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9735208w/f3.item> Acesso em: 24 junho 2025.

CHARLES-DAUBERT, Françoise. La Bible des libertins. In: ARMOGATHE, Jean Robert. *La Bible de tous les temps : le Grand siècle et la Bible*. Paris: Beauchêne, 1989.

CHARLES-DAUBERT, Françoise. *Les libertins érudits en France au XVIIe siècle*. Vendôme: PUF, 1998.

CHARTIER, Roger. Pamphlets et gazettes. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (Dir.). *Histoire de l’édition française*. Tome 1. Paris: Fayard-Cercle de la librairie, 1989.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v. 5, n. 11, 1991.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução Mary del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CHARTIER, Roger. Pierre Bourdieu e a história. *Topoi (Rio Jan.)*, v. 3, n. 4, p. 138-182, 2002.

CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CHARTIER, Roger. Livros falantes e manuscritos clandestinos. As viagens de Dyrcona. In: *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII*. Tradução Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: UNESP, 2007, p. 163-204.

CHARTIER, Roger. *O que é um autor?* Revisão de uma genealogia. Tradução Luzmara Curcino e Carlos Eduardo Bezerra. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. Tradução George Schlesinger. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

CHARTIER, Roger. *Éditer et traduire*. Mobilité et matérialité des textes (XVIe-XVIIIe siècle). Paris: Seuil/Gallimard, 2021.

CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (Dir.). *Histoire de l'édition française*. Tome I. Le livre conquérant. Du Moyen âge au milieu du XVIIe siècle. Paris: Promodis, 1983.

CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (Dir.). *Histoire de l'édition française*. Tome 1. Paris: Fayard-Cercle de la librairie, 1989.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia*. As escolas helenísticas. V. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

COCKING, J. M. *Imagination*. A study in the History of Ideas. New York: Routledge, 1991.

COSTA, Leila de Aguiar. *Antigos e modernos: a cena literária na França do século XVII*. São Paulo: Nankin: Edusp, 2009.

COSTA, Leila de Aguiar. Um faro para a modernidade: breves notas sobre o(s) outro(s) mundos(s) de Cyrano de Bergerac. *Carnets*, n. 3, p. 1-15, 2011. p. 1-15, 2011. Disponível em: <http://journals.openedition.org/carnets/5868> Acesso: 23 junho 2025.

CYRANO DE BERGERAC, Savinien de; LE BRET, Henry. *Histoire comique, par monsieur de Cyrano de Bergerac*. Contenant les Estats et Empires de la Lune. Paris: Charles de Sercy, 1657. FC6.C99938.657h ou 58-194 (Harvard)

D'ANGELO, Filippo. « Je suis le héros véritable de mon roman » : l'équivocité de la voix narrative dans les récits à la première personne au XVIIe siècle. *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, n. 33, 2004. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ccrh/237> Acesso em: 11 março 2025.

D'ANGELO, Filippo. *Le moi dissocié*. Libertinage et fiction dans le roman à la première personne. Thèse (Doctorat en Littérature française) – Université Stendhal-Grenoble, Grenoble, 2008.

D'ANGELO, Filippo. Libertinage, hermaphrodisme et masculinité. *Les Dossiers du Grihl*, n. 4, 2010. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/3964> Acesso em: 12 dezembro 2024.

DANDREY, Patrick. *Le page disgracié* de Tristan l'hermite ou le « roman de sa vie ». *Revue d'histoire littéraire de la France*, v. 114, n. 1, p. 169-181, 2014.

DARMON, Jean-Charles. L'épirucrisme et les fables du monde: remarques sur Gassendi et Cyrano. *Littératures classiques*, n. 22, p. 87-125, 1994.

DARMON, Jean-Charles. *Philosophie épicurienne et littérature au XVIIe siècle en France*. Études sur Gassendi, Cyrano de Bergerac, La Fontaine, Saint-Évremond. Paris: Press Universitaires de France, 1998.

DARMON, Jean-Charles. L'imagination de l'espace entre argumentation philosophique et fiction de Gassendi à Cyrano. *Études littéraires*, v. 34, n. 1-2, p. 217-240, 2002. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/etudlitt/2002-v34-n1-2-etudlitt694/007564ar/> Acesso em: 24 junho 2025.

DARMON, Jean-Charles. Entre le monde de *La Mort d'Agrippine* et *L'Autre Monde* des oiseaux-juges: variations lucrétienues sur la mort et critique du politique selon Cyrano de Bergerac. *Littératures classiques*, v. 55, n. 3, p. 187-224, 2004a.

DARMON, Jean-Charles. *Le Songe libertin*. Cyrano de Bergerac d'un monde à l'autre. Paris: Klincksieck, 2004b.

DARMON, Jean-Charles. Libertinage et politique: remarques sur l'utilité et les incertitudes d'un questionnement. *Littératures classiques*, v. 55, n. 3, p. 7-20, 2004. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-litteratures-classiques1-2004-3-page-7?lang=fr> Acesso em: 09 setembro 2021.

DARMON, Jean-Charles. Rhétorique du songe, fictions heurísticas e politique de la « grimace » : Cyrano sur les traces de Quevedo, de Kepler et de Campanella. *Littératures classiques*, n. 53, 2004d.

DAUMAS, Maurice. L'amitié ostentatoire, XVIe-XVIIIe siècle. In: WALCH, Agnès (Éd.). *La Médiasation de la vie privée XVe-XXe siècle*. Arras: Artois Presses Université, 2012.

DAUMAS, Maurice. *L'Amitié dans les écrits du for privé et les correspondances de la fin du Moyen Âge à 1914*. Pau: Puppa, 2014.

DAUMAS, Maurice. Corações valentes, corações ternos. A amizade e o amor na época moderna. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História das emoções: 1. Da Antiguidade à Luzes*. Tradução Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2020.

DAVID, Hélène. *Le songe au XVIIIe siècle, ou la mise à l'épreuve du sujet et de ses limites: l'exploration des confins*. Littératures. Université Charles de Gaulle – Lille III, 2016.

DE SÁ, Luiz César. *Auctoritas e controvérsia nas práticas letradas francesas (1540-1630)*. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

DE SÁ, Luiz César. Alegorias de uma guerra poética: figuras da autoridade na França do século XVII. *Rev. Hist.* (São Paulo), n. 181, p. 1-33, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2022.182413> Acesso: 20 junho 2025.

DEJEAN, Joan. Une autobiographie en procès. L'affaire Théophile de Viau. *Poétique*, n. 48, p. 431-448, nov. 1981.

DEJEAN, Joan. *Libertine strategies*. Freedom and the novel in seventeenth-century. Columbus: Ohio State University Press, 1981.

DEJEAN, Joan. *The Reinvention of Obscenity*. Sex, Lies and Tabloids in Early Modern France. Chicago/London: University of Chicago Press, 2002.

DEL PRETE, Antonella. L'Italie et la libre-pensée : un amour durable (1990-2017). *Dix-septième siècle*, v. 4, n. 281, p.587-598, 2018. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-dix-septieme-siecle-2018-4-page-587?lang=fr> Acesso: 23 março 2025.

DELPECH, François. Grimoires et savoirs souterrains. In: COURCELLES, Dominique de Courcelles (Ed.). *Le pouvoir des livres à la Renaissance*. Paris: Publications de l'École nationale des chartes, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.enc.1019> Acesso em: 4 setembro 2024.

DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente (séculos 13 e 18)*. Bauru: EDUSC, vol. 1. 2003.

DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do paraíso?* Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DEMORIS, René. *Le roman à la première personne. Du classicisme aux lumières*, Geneve: Droz, 2002.

DENIS, Jacques. *Sceptiques ou libertins de la première moitié du xviiie siècle*: Gassendi, Gabriel Naudé, Guy Patin, La Mothe Le Vayer, Cyrano de Bergerac. Mémoires de l'Académie de Caen. Genève, 1884.

DOIRON, Normand. *L'Art de voyager*. Le déplacement à l'époque classique. Paris: Presses de l'Université de Laval, Klincksieck, 1995.

DUGGAN, Anne E. *Salonnières, furies and fairies: the politics of gender and cultural change in absolutist France*. Newark: University of Delaware Press, 2005.

DUPAS, Matthieu. La sodomie dans l'affaire Théophile de Viau : questions de genre et de sexualité dans la France du premier XVIIe siècle. *Les Dossiers du Grihl*, n. 4, p. 1-21, 2010. Disponível em: <https://journals.openedition.org/dossiersgrihl/3934> Acesso em: 5 janeiro 2024.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do estado e civilização*. V. 2. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

ESMEIN-SARRAZIN, Camille. Du discours critique à la critique littéraire au XVIIe siècle: le cas du roman. *Littératures classiques*, v. 1, n. 86, 2015. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-litteratures-classiques-2015-1-page-145?lang=fr>

ESMEIN-SARRAZIN, Camille. Review *L'oralité dans le roman (XVI^e et XVII^e siècles)*, éd. Marie-Gabrielle Lallemant et Pascale Mounier. *Cahiers de recherches médiévales et humanistes*, 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/crmh/16388> Acesso em: 9 setembro 2024.

FABRE, Daniel. O livro e sua magia. In: CHARTIER, Roger (Dir.). *Práticas de leitura*. Iniciativa de Alain Paire. Tradução Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

FAMILLE Le Coigneux. In: *Racines & Histoire*. Disponível em: <http://racineshistoire.free.fr/LGN/PDF/Le-Coigneux.pdf> Acesso em: 22 abril 2024.

FEBVRE, Lucien. *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FOUCAULT, Didier. *Un philosophe libertin dans l'Europe baroque*. Giulio Cesare Vanini. Paris: Champion, 2003.

FOUCAULT, Didier. *Histoire du libertinage des goliards au marquis de Sade*. Paris: Perrin, 2007.

FOUCAULT, Didier. Libertinisme et détournement de l'autorité biblique dans l'œuvre de Vanini. In: FOUCAULT, Didier; PAYEN, Pascal (Dir.). *Les Autorités*. Dynamique et mutations d'une figure de référence à l'Antiquité. Grenoble: Jérôme Millon, 2007b.

FOUCAULT, Didier. Pires que des hérétiques? Les Églises chrétiennes face aux libertins aux XVI^e et XVIII^e siècles. Communication au colloque Mazamet, « La dissidence occidentale dans tous ses états... », 15 septembre 2012. In: ALBERT, Jean-Pierre Albert; BRENON, Anne; JIMENEZ, Pilar (Dir.). *Dissidence en Occident des débuts du christianisme au XX^e siècle*. Le religieux et le politique. Toulouse: Méridiennes/Presses universitaires du Mirail, 2016.

FOUCAULT, Didier. *1619. Vanini, un libertin sur le bûcher*. Portet-sur-Garonne: Editions Midipyrénéennes, 2018.

FOUCAULT, Didier. Vin et libertinage au XVII^e siècle. Jocelyne Pérard, Claudine Wolikow. Boire du vin, hier et aujourd'hui, Centre Georges Chevier, 2018.

FOUCAULT, Didier. Le libertinage de la Renaissance à l'âge classique: un territoire pour l'historien? *Les Dossiers du Grihl*, n. 3, 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/293> Acesso em: 29 março 2025.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOURNIER, Michel. Du monde imaginé au monde imaginaire. In: *Généalogie du roman*. Paris: Hermann, 2013.

FRISCH, Andrea. *Forgetting Differences*. Tragedy, Historiography, and the French Wars of Religion. Edinburg University Press: Edinburgh, 2015.

FUMAROLI, Marc. *Ego scriptor: retórica e filosofia dans le Discours de la méthode*. In: MECHOULAN, H. (Dir.). *Problématiques et réception du Discours de la méthode et des Essais*. Paris: Vrin, 1988.

GABORIT, Bernard. L'Académie Royale de Richelieu, entre collège, académie(s) et université? *Les Dossiers du Grihl*, v.14, n. 2, 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/8717> Acesso em: 28 janeiro 2025.

GARNIER, Guillaume. Songes et voyages imaginaires aux XVIIe et XVIIIe siècles. *Annales de Bretagne et de Pays de Ouest*, n. 113-4, 2006.

GATULLE, Pierre. La grande cabale de Gaston d'Orléans aux Pays-Bas espagnols et en Lorraine : le prince et la guerre des images. *Dix-septième siècle*, n. 231, v. 2, p. 301-326, 2006.

GAUTIER, Théophile. *Les Grotesques*. Paris: Michel Lévy Frères, 1853.

GENGOUX, Nicole. L'incroyance a toujours existé. Le *Theophrastus redivivus*. In: TIZZIANI, Manuel; SEGUIN, Susana (Dir.). *Généalogie de l'incroyance au XVIIe siècle*. Lyon: Publications de l'ENS de Lyon, 2022.

GIAVARINI, Laurence. Écrire le groupe, écrire en groupe : pour une histoire du fait social de la littérature sous l'Ancien Régime. *Les Dossiers du Grihl*, v. 15, n. 1, 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/8103> Acesso em: 11 fevereiro 2025.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. *História noturna: decifrando o sabá*. Tradução Nilson Moulin Louzada. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

GIOCANTI, Sylvia. Ce que le libertinage politique, s'il existe, doit au scepticisme. *Littératures classiques*, v. 55, n. 3, p. 53-67, 2005. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-litteratures-classiques1-2004-3-page-7?lang=fr> Acesso em: 09 setembro 2021.

GIOCANTI, Sylvia. Scepticisme ou libertinage? Le cas de La Mothe Le Vayer. n. 4, v. 233, p. 701-716, 2006. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-dix-septieme-siecle-2006-4-page-701?lang=fr> Acesso em: 21 fevereiro 2025.

GIOCANTI, Sylvie. La liberté est-elle pensable chez les libertins du XVIIe siècle? La Mothe Le Vayer (De la liberté et de la servitude, 1643), Sorbière (Discours sceptiques, 1657), l'anonyme du Theophrastus redivivus (1659): entre scepticisme et naturalisme, 2021.

GIRAUD, Yves Giraud. L'hybridation formelle dans le Voyage de Chapelle et Bachaumont et les modalités de l'alternance prose/vers. In: BABY, Hélène (Dir.). *Fiction narrative et hybridation générique dans la littérature française*. Paris: L'Harmattan, 2006.

GODARD DE DONVILLE, Louise. *Le Libertin des origines à 1665: un produit des apologètes*. Paris, Seattle, Tübingen: Biblio 15, 1989.

GRAND Larousse de la langue française en sept volumes. Tome 5, O-PSI. Paris: Larousse, 1989. Disponível: <ark:/12148/bpt6k1200551p> Acesso em: 12 maio 2024.

GRANDE, Nathalie. *Le Roman au XVIIe siècle*. Le exploration du genre. Paris: Bréal éditions, 2002.

GREGORY, Tullio. *Genèse de la raison classique de Charron à Descartes*. Traduit par Marilène Raiola. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

GRIFFEJOEN, Constance. « Vous sçavez que j'ay le bruit... ». Tristan L'Hermite et les ambiguïtés du *kleos* libertin. *Cahiers Tristan L'Hermite*, n. XXXV, 2013.

GROS, Jean-Michel. *Les dissidentes de la philosophie à l'âge classique*. Paris: Honoré Champion, 2009.

GROUSSET, René. Les Libertins. In: *OEuvres posthumes*. Essais et poésies, recueillis et publiés avec les notices par R. Doumic et P. Imbart de la Tour. Paris: Hachette, 1886.

GROVE, Laurence. L'invitation au voyage: Tristan autor du monde. *Cahiers Tristan L'Hermite*, n. XXXVII, 2015.

HADDAD, Thomás A. S. Lunar maps and astronomical careers in 17th-century Iberian Peninsula. *Circumscribere*, v. 10, p. 40-51, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/circumhc/article/view/7150/5414> Acesso em: 22 junho 2025.

HADDAD, Thomás A. S. Um império de outro mundo: a Lua dos Austrais e a Lua dos astrônomos. In: GESTEIRA, Heloisa Meireles; CAROLINO, Luís Miguel; MARINHO, Pedro (Org.). *Formas do Império: ciência, tecnologia e política em Portugal e no Brasil, séculos XVI ao XIX*. São Paulo: Paz e Terra, 2014. P. 121-140.

HADDAD, Thomás A. S. Diálogos entre a história da ciência e a história do livro: considerações preliminares. *Circumscribere*, v. 15, p. 1-7, 2015. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/circumhc/article/viewFile/23627/16926> Acesso em: 22 junho 2025.

HANSEN, João Adolfo. O Discreto. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Libertinos Libertários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 77-102.

HARDY, Martine. *Ninon de Lenclos (1623-1705), le parcours d'une libertine au XVIIe siècle*. Mémoire de maître en Histoire de la Faculté des Arts et Sciences, Université de Montréal, 2011.

HARTH, Erica. *Cyrano de Bergerac and the Polemics of Modernity*. New York/London: Columbia University Press, 1970.

HAZARD, Paul. *A Crise da consciência europeia: 1680-1715*. Tradução Maria de Fátima Oliva do Coutto. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

HENNIG, Jean-Luc. *Dassoucy & les garçons*. Paris: Fayard, 2011.

HENUSSE, Théo. *Une pièce inconnue de Molière*. Bruxelles: Biblio. 1954.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *Cocanha: uma história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HORSLEY Adam. *Libertines and the Law*. Subversive Authors and Criminal Justice in Early Seventeenth-Century France. Oxford: Oxford University Press, 2021.

ISRAEL, Jonathan I. *Iluminismo radical: a filosofia e a construção da modernidade, 1650-1750*. Tradução Claudio Blanc. São Paulo: Madras, 2009.

JACQUES-LEFÈVRE, Nicole; HOUDARD, Sophie. *Curiosité et Libido sciendi de la Renaissance aux Lumières*. Lyon: ENS Éditions, 1998.

JANMART DE BROUILLANT, Léonce. *La Liberté de la presse en France aux XVIIe et XVIIIe siècles*. Histoire de Pierre Du Marteau, imprimeur à Cologne (XVIIe-XVIIIe siècles). Paris: Quantin, 1888.

JEANNERET, Michel. *Éros rebelle, littérature et dissidence à l'âge classique*. Paris: Éditions du Seuil, 2003.

JEANNERET, Michael. « Envelopper les ordures » ? Érotisme et libertinage au XVIIe siècle. *Littératures Classiques*, n. 55, 2005.

JOUHAUD, Christian. *Mazarinades: la Fronde des mots*. Paris: Flammarion, 2009.

JOUHAUD, Christian. *Les Pouvoirs de la littérature*. Histoire d'un paradoxe. Paris: Gallimard, 2000.

JOUHAUD, Christian. *Sauver le Grand-Siècle?* Présence et transmission du passé. Paris: Seuil, 2007.

JOUHAUD, Christian. *Mazarinades: la Fronde des mots*. Paris: Flammarion, 2009.

KAHN, Didier. Cyrano, la république et la révolution d'Angleterre. *Les Dossiers du Grihl*, n. 3, 2010. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/3789> Acesso em: 20 junho 2025.

KORS, Alan Charles. *Atheism in France, 1650-1729*. Volume I: The Orthodox Sources of Disbelief. Princeton: Princeton University Press, 1990.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Tradução Luciana Villas-Boas Castelo-Branco. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 1999.

LACHÈVRE, Frédéric. *Le libertinage devant le Parlement de Paris*. Le procès du poète Théophile de Viau (11 juillet 1623- 1 septembre 1625), publication intégrale des pièces inédites des Archives nationales. Paris: Honoré Champion, 1909.

LACHÈVRE, Frédéric. *Les recueils collectifs de poésies libres et satiriques publiés depuis 1600 jusqu'à la mort de Théophile (1626)*. Paris: Honoré Champion, 1914.

LACHÈVRE, Frédéric. *Le Libertinage au XVIIe siècle*. Le Procès de Théophile de Viau. V. I. et II. Genève: Slatkine Reprints, 1968.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. *O Estado monárquico, França, 1460-1610*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. *Brève histoire de l'Ancien Régime*. Du XVe au XVIIIe siècle. Paris: Fayard, 2017.

LANEYRIE-DAGEN, Nadeije. O testemunho da pintura. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). *História da virilidade*. 1. A invenção da virilidade Da Antiguidade às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2022.

LECLERC, Jean. *L'antiquité travestie et la vogue du burlesque en France (1643-1661)*. Québec: Les Presses de l'Université de Laval, 2008.

LEDUC-FAYETTE, Denise. Les « esprits forts » au « grand siècle ». *Revue philosophique de la France et de l'étranger*, n. 1, v. 126.

LEPLATRE, Olivier. Narcisse lisant (sur deux frontispices du *Page disgracié* de Tristan L'Hermite). *Littératures*, n. 78, s. p., 2018.

LESTRINGANT, Frank. *A oficina do cosmógrafo: ou a imagem do mundo no Renascimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

LES CARTONS. In: *Dominique Varry*. Introduction à la bibliographie matérielle. Disponível em: <http://dominique-varry.enssib.fr/node/37>. Acesso em: 13 março 2024.

LEVER, Maurice. *Le roman français au XVIIe siècle*. Paris: Presses Universitaires de France, 1981.

LIAROUTZOS, Chantal. Le Page disgracié, ou l'essai de soi. In CHEVALIER, Anne; DORNIER, Carole. *Le Récit d'enfance et ses modèles*. Caen: Presses universitaires de Caen, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.puc.10026> Acesso em: 10 março 2025.

LIBRAL, Florent. Entre science et fiction: le voyage cosmique comme exercice spirituel (Cyrano et Kircher). *RILUNE – Revue des littératures européennes*, n. 11, p. 35-58, 2017. Disponível em: https://rilune.org/images/Numero_Undici/11_3_LIBRAL.pdf Acesso em: 23 junho 2025.

LIEBEL, Silvia. *Demonização da mulher: a construção do discurso misógino no Malleus Maleficarum*. 78 p. Monografia (Graduação em História). UFPR, Curitiba, 2004.

LIEBEL, Silvia. *O mundo às avessas na Europa dos séculos XVI e XVII: humor, sandice e crítica social*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

LIEBEL, Silvia. *Les Médées modernes*. La cruauté féminine d'après les canards imprimés français (1574-1651). Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.pur.116547> Acesso em: 24 janeiro 2025.

LIEBEL, Silvia. *Viagem à Lua: utopia, viagem imaginária e o mundo de ponta cabeça em Cyrano*. *Revista MORUS – Utopia e Renascimento*, v. 11, n. 2, p. 491-512, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/37931/1/silviaViagemLua.pdf> Acesso em: 26 março 2021.

LIEBEL, Silvia. Abrir janelas nas almas dos homens: notas historiográficas nos 500 anos da Reforma Protestante. *História Unisinos*, v. 24, n. 3, p. 418-431, set.-nov., 2020. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/hist.2020.243.07> Acesso em: 24 junho 2025.

LIEBEL, Silvia. A queda da marquesa d'Ancre impressa dos dois lados do canal da Mancha (1617). *Rev. hist.*, São Paulo, n. 183, p. 1-30, 2024. Disponível em : <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/215039> Acesso em: 24 junho 2025.

LOVE, Harold. *Scribal Publication in Seventeenth-Century England*. Oxford: Clarendon Press, 1993.

MACHADO, Maria. *La Mort d'Agrippine, De Cyrano de Bergerac: Uma Tragédia Sem Eternidade*. Dissertação (Mestrado em Literaturas Românicas Modernas e Contemporâneas) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2002.

MANDROU, Robert. *Magistrados e feiticeiros na França do século XVII*. Uma análise de psicologia histórica. São Paulo: Perspectiva, 1979.

MARTIN, Frédéric. *Les Polittesses du seuil*. Poèmes liminaires et sociabilités poétiques (1598-1630). Paris: Classiques Garnier, 2022.

MARTIN, Henri-Jean. *Livre, pouvoirs et société a Paris au XVIIe siècle (1598-1701)*. Tome 1. Genève: Droz, 1999.

MARTIN, Henri-Jean. *Livre, pouvoirs et société a Paris au XVIIe siècle (1598-1701)*. Tome 2. Genève: Droz, 1999.

MASTEN, Jeffrey, *Textual Intercourse: Collaboration, Authorship, and Sexualities in Renaissance Drama*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MCKENNA, Antony. Les manuscrits philosophiques clandestins à l'Age classique: bilan et perspectives des recherches. *Chrétiens et sociétés*, n. 6, 1999.

MCKENNA, Antony. *Molière dramaturge libertin*. Paris: Honoré Champion, 2005.

MCKENNA, Antony. Pascal et Molière: la philosophie libertine de la sociabilité. In: *TEATRO do mundo. Linguages barrocas do teatro europeu*. v. 2. Porto: Centro de Estudos Teatrais da Universidade do Porto/Núcleo de Estudos Literários, 2007. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/13264694/teatro-do-mundo-aleph20letrasuppt-universidade-do-porto> Acesso em: 5 maio 2022.

MCKENNA, Antony et al. Les manuscrits philosophiques clandestins. In: GRÉSSILLON, Almuth; LEBRAVE, Jean-Louis (Éd.). *Écrire aux XVIIe et XVIIIe siècles*. Paris: CNRS Éditions, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.editions-cnrs.42444> Acesso em: 18 maio 2024.

MCMAHON, Darrin. *Divine Fury: a history of genius*. New York: Basic Books, 2013.

MÉCHOULAN, Eric. From Moralists to Libertines. In: PRENDERGAST, Christopher (Ed.). *A History of Modern French Literature: from the Sixteenth Century to the Twentieth Century*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2016.

MERLIN-KAJMAN, Hélène. *Public et littérature en France au XVIIe siècle*. Paris: Les Belles Lettres, 2004.

MINOIS, Georges. *Censure et culture sous l'Ancien Régime*. Paris: Fayard, 1995.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Tradução Maria Elena Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MINOIS, Georges. *A idade de ouro: história da busca da felicidade*. Tradução Christiane Fonseca Gradwohl Colas. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

MINOIS, Georges. *História do ateísmo: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias*. Tradução Flávia Nascimento Falleiros. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

MONGRÉDIEN, George. Bibliographie des oeuvres de Dassoucy. *Revue d'Histoire littéraire de la France*, n. 39, 1932.

MOREAU, Isabelle. Stratégies d'écriture et pouvoir politique: le cas de La Mothe Le Vayer. *Littératures classiques*, n. 55, v. 3, p. 147-156, 2004.

MOREAU, Isabelle; HOLTZ, Grégoire (Dir.). « *Parler librement* »: La liberté de parole au tournant du XVI^e et du XVII^e siècle. Lyon: ENS Éditions, 2005.

MOREAU, Isabelle. Les stratégies d'écriture libertines et l'héritage gassendien : Cyrano disciple infidèle ? *Dix-septième siècle*, v. 4, n. 233, p. 615-633, 2006.

MOREAU, Isabelle. *Guérir du sot*. Les Stratégies d'écriture des libertins à l'âge classique. Paris: Honoré Champion, 2007.

MOREAU, Isabelle. Collections et bibliothèques selon Gabriel Naudé. In: NÉDELEC, Claudine (Éd.). *Les Bibliothèques, entre imaginaires et réalités*. Arras: Artois Presses Université, 2009.

MOREAU, Pierre-François. Libertinage, clandestinité, libertinisme. In: BAHIER-PORTE, Christelle; MOREAU, Pierre-François; REGUIG, Delphine (Dir.). *Liberté de conscience et arts de penser (XVI^e-XVIII^e siècle)*. Mélanges en l'honneur d'Antony McKenna. Paris: Honoré Champion, 2017.

MORI, Gianluca. *L'Ateismo dei moderni*. Filosofia e negazione di Dio da Spinoza a d'Holbach. Roma: Carocci Editore, 2016.

MORI, Gianluca. *Athéisme et dissimulation au XVII^e siècle*. Guy Patin et le *Theophrastus redivivus*. Paris: Honoré Champion, 2022.

MORINET, Mathilde. « Je pourrai m'y amuser en passant » : les voyages en France de La Fontaine et de Chapelle et Bachaumont. *Transnationalité & Transculturalité*, v. 7, 2016.

MOTHU, Alain. Sauvages et drogues d'Ancien Régime. In: HARRY, Patricia; MOTHU, Alain; SELLIER, Philippe. *Dissidents, excentriques et marginaux de l'Âge classique autour de Cyrano de Bergerac*. Bouquet offert à Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2006.

MOTHU, Alain; STENZEL, Hartmut; CAVAILLÉ, Jean-Pierre; LOJACONO, Ettore. Discussion. Faut-il finer avec les libertins ? *Littératures classiques*, v. 92, n. 1, 2017.

MUCHEMBLED, Robert. *L'invention de l'homme moderne*. Culture et sensibilités en France du XV^e au XVIII^e siècle. Paris: Fayard, 1988.

MUCHEMBLED, Robert. *La Société poliee*. Politique et politesse en France du XVIe au XXe siècle. Paris: Seuil, 1998.

MUCHEMBLED, Robert. *Uma história do diabo: séculos XII-XX*. Rio de Janeiro: Bom texto, 2001.

MUCHEMBLED, Robert. *O orgasmo e o Ocidente*. Uma história do prazer do século XVI a nossos dias. Tradução Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MUCHEMBLED, Robert. *História da violência: do fim da Idade Média aos nossos dias*. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MURZILLI, Nancy. La possibilisation du monde : littérature et expérience de pensée. *Critique*, n. 682, 2004.

NÉDELEC, Claudine. *Les états et empires du burlesque*. Paris: Honoré Champion, 2004.

NÉDELEC, Claudine. Cyrano de Bergerac, entre science et fiction. *L'information littéraire*, v. 57, n. 1, p. 20-27, 2005. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-l-information-litteraire-2005-1-page-20?lang=fr> Acesso em: 23 junho 2025.

NÉDELEC, Claudine. Les imprimeurs-libraires et les textes burlesques : quelques cas de figure. Les Arrières-boutiques de la littérature. Auteurs et imprimeurs-libraires aux XVIe et XVIIe siècles, 2010.

NÉDELEC, Claudine. Dassoucy : figurations et reconfigurations éditoriales. Séminaire doctoral, Artois- UPJV, Arras, France, 2021.

NÉDELEC, Claudine. « Ecoute, lecteur... » : la représentation de la lecture dans *L'Autre monde* de Cyrano de Bergerac. *Les Dossiers du Grihl*, Hors-série, n. 1, 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/421> Acesso em: 9 setembro 2024.

ONFRAY, Michel. *Contra-história da filosofia: os libertinos barrocos*, III. Tradução Eduardo Bandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

OSTROWIECKI, Hélène. La Bible et les libertins. *XVIIe siècle*, p. 43-55, 1998.

OSUNA, Camila Arbué; MUSICH, Walter N. Comedia y barroco. Narrativas del cuerpo en los círculos teatrales libertinos. *Caiana*, n. 2, p. 1-14, ago. 2013. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/3646> Acesso em: 16 agosto 2023.

PAGANINI, Gianni. *Scepsi moderna, interpretazioni dello scetticismo de Charron a Hume*. Consenza: Il Busento, 1991.

PAGANINI, Gianni. *Introduzione alle filosofie clandestine*. Roma/Bari: Laterza, 2008.

PARROTT, David. *1652. The Cardinal, the Prince, and the Crisis of the Fronde*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

PERRENS, François-Tommy. *Les libertins en France au XVIIe siècle*. Paris: Léon Chailley, 1896.

PEUREAUX, Guillaume. *De main en main. Poètes, poèmes et lecteurs au XVIIe siècle*. Paris: Hermann Éditeurs, 2021.

PINTARD, René. *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVIIe siècle*. Genève: Editions Slatkine, 2000.

PLAZENET, Laurence. Il (ne) faut (pas) parier : Le jeu et sa morale dans *Le Page disgracié* (1643). *Études Épistémè*, n. 39, 2021.

POPKIN, Richard H. *História do Ceticismo de Erasmo a Spinoza*. Tradução Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

PREVOST, Aurélie. *L'amitié aux XVIe et XVIIe siècles en France*. Normes, réalités et représentations. Tome 1: Une étude. Thèse (Doctorat d'Histoire) – Université Lumière Lyon 2, Lyon, 2011.

PRÉVOT, Jacques (Ed.). *Libertins du XVIIe siècle*. T. 1. La Pléiade. Paris: Gallimard, 1998.

PRÉVOT, Jacques. *Cyrano de Bergerac poète et dramaturge*. Paris: Belin, 1978.

RABINOVITCH, Oded. Hommes de lettres et révolution scientifique. Genèse d'un récit au temps de Louis XIV. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, v. 3, n. 78, 2023.

RAULINE, Laurence. Parole libertine et art de voyager. In: BERTRAND, Dominique (Éd.). *Avez-vous lu Dassoucy?* Actes du colloque du Centre d'études sur les réformes, l'humanisme, et l'âge classique, CERHAC, Clermont-Ferrand, 25-26 juin 2004. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal, 2005.

RAULINE, Laurence. Le *Voyage* de Chapelle et Bachaumont: les itinéraires du divertissement ou les voies obliques de la critique politique. In: BERTRAND, Dominique (Ed.). *Le Rire des voyageurs (XVIe-XVIIe siècles)*. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal, 2007.

RAULINE, Laurence; ROCHE, Bruno. Introduction. In: CHAPPELLE; BACHAUMONT. *Voyage à Encausse*. Saint-Étienne: Institut Claude Longeon, 2008.

REQUEMORA, Sylvie. Voyage et libertinage, ou l'usage du genre hodéporique comme "machine à déniaiser" dans la littérature française du XVIIe siècle. *Annali d'Italianistica*, v. 21, p. 116-136, 2003. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24009858> Acesso em: 21 setembro 2024.

REQUEMORA, Sylvie. *Voguer vers la modernité*. Le Voyage à travers les genres au XVIIe siècle. Paris: PUPSP, 2012.

RIBARD, Dinah. *Raconter vivre penser*. Histoire(s) de philosophes 1650-1766. Paris: École de Hautes Études en Sciences Sociales/Vrin, 2003.

RIBARD, Dinah; SCHAPIRA, Nicolas. Commentaire de Dinah Ribard et Nicolas Schapira à la note critique de J.-P. Cavaillé. *Les Dossiers du Grihl* [Online], n. 1-2, 2007.

ROCHE, Bruno. *Le rire des libertins dans la première moitié du XVIIe siècle*. Paris: Honoré Champion, 2011.

ROCHE, Bruno. Bruno Roche. Le Rire d'Éros ou le libertinage de l'imagination. In: VAILLANT, Alain. *Esthétique du rire*. Paris: Presses universitaires de Paris-Ouest, 2012.

ROCHE, Bruno. Le rire du page ou les métamorphoses du libertinage flamboyant. In: BOMBART, Mathilde. *Lectures de Tristan L'Hermite. Le Page disgracié*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2013.

ROCHE, Bruno. *Lumières épicuriennes au XVIIe siècle*. La Mothe le Vayer, Molière et La Fontaine, lecteurs et continuateurs de Lucrèce. Paris: Honoré Champion, 2020.

RONZEAUD, Pierre. Préface. L'irrationnel au XVIIe siècle. *Littératures classiques*, n. 25, 1995.

ROSELLINI, Michèle. Homosexualité et esprit fort dans la première moitié du xvii^e siècle: indices poétiques d'une « invisible affinité ». *Les Dossiers du Grihl*, n. 4, 2010. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/3949> Acesso em: 12 dezembro 2024.

ROSELLINI, Michèle. La physique sorcière de Cyrano de Bergerac. In: MARTIN, Christophe (Ed.). *Raconter d'autres partages*. Littérature, anthropologie et histoire culturelle. Lyon: ENS Éditions, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.enseditions.8290> Acesso em: 12 agosto 2024.

ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Tradução Antonio Angonese. São Paulo: Edusc, 2001.

SAINT-JACQUES, Denis; VIALA, Alain. À propos du champ littéraire. Histoire, géographie, histoire littéraire. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, v. 49, n. 2, p. 395-406, 1994. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1994_num_49_2_279266 Acesso em: 22 junho 2025.

SALAZAR, Philippe-Joseph. La société des amis : éléments d'une théorie de l'amitié intellectuelle. *XVIIe siècle*, n. 205, Paris: PUF, oct.-déc. 1999.

SANKEY, Margaret; KING, M. The question of authorship in Cyrano de Bergerac's Voyage dans la Lune: a computer-assisted statistical analysis. In: THE CULTURE of the Book: Essays from two Hemispheres in Honour of Wallace Kirsop. Melbourne: Bibliographical Society of Australia and New Zealand, 1999.

SCHAPIRA, Nicolas. *Un professionnel des lettres au XVIIe siècle*. Valentin Conrart : une histoire sociale. Seyssel: Champ Vallon, 2003.

SCHAPIRA, Nicolas. Le « salon » écrit par les professionnels des lettres (France-XVIIe siècle). *Papers on French Seventeenth Century Literature*, v. XXXVIII, n. 75, 2011.

SCHAPIRA, Nicolas. Entrevistadora: Kelly Caroline Appelt. Acervo da autora, 17 set. 2023.

SCHINO, Anna Lisa. Les maladies de l'imagination. Sorcellerie, génie, ravissement extatique et songe prophétique. *Libertinage et philosophie à l'époque classique (XVI-XVIII siècle)*, n. 16, 2019.

SCHINO, Anna Lisa. Les athéismes libertins au XVII^e siècle. *La Lettre clandestine*, n. 31, p. 19-42, 2023.

SCHNEIDER, G. *Der Libertin*. Zur Geistes- und Sozialgeschichte des Bürgertums im 16 und 17 Jahrhundert. Stuttgart: Metzler, 1970.

SCHNEIDER, Robert A. The Dupuy Cabinet: “An Innocent Refuge”. In: *Dignified Retreat: Writers and Intellectuals in the Age of Richelieu*. New York: Oxford University Press, 2019. p. 247-298.

SCHOLAR, Richard. La force de l’imagination de Montaigne : Camus, Malebranche, Pascal. *Littératures classiques*, n. 45, p. 127-138, 2002. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/licla_0992-5279_2002_num_45_1_1863 Acesso em 24 junho 2025.

SCRUGGS, Charles Eugene. *Charles Dassoucy: Adventures in the Age of Louis XIV. The Life and Works of Dassoucy with Selected Narrativas from his Aventures*. Lanham-New York-London: University Press of America, 1984.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire*. New York: Columbia University Press, 1992.

SEIFERT, Lewis C. Théophile de Viau et l’herméneutique de l’amitié masculine. *Dix-septième siècle*, v. 1, n. 258, 2013, p. 115.

SERROY, Jean. *Roman et réalité*. Les histoires comiques au XVIIe siècle. Paris: Librairie Minard, 1981.

SERROY, Jean. Note sur la presente édition. In: TRISTAN L’HERMITE. *Oeuvres complètes*. I. Prose. Direction Jean Serroy avec collaboration de Bernard Bray, Amédée Carriat, Marc Fumaroli. Paris: Honoré Champion, 1999.

SORENSEN, Roy. *Though exeriments*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

SRIBNAI, Judith. Être empereur en son jardin: libertés et contraintes du roman personnel dans *Les Aventures de Monsieur Dassoucy*. [S. l.], p. 3-4.

SRIBNAI, Judith. “Je ne ferai point ici la description de la Maison de Saint-Lazare”: pratique et politique de la frontière carcérale chez Chapelle. *Les Dossiers du Grihl*, v. 1, n. 5, 2011a. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/4912>. Acesso em: 11 março 2025.

SRIBNAI, Judith. *Figurations et relations*. Le sujet dans les romans à la première personne et les textes philosophiques du XVIIe siècle. Thèse (Doctorat en Langue et littérature Françaises) – Université Paris-Sorbonne, Paris, 2011b.

SRIBNAI, Judith. Les amis à table : scènes de repas dans quelques romans du XVIIe siècle. *Topiques, études satoriennes / Topoi Studies, Journal of the SATOR*, v.1, 2015.

SRIBNAI, Judith. *Pierre Gassendi: le voyage vers la sagesse (1592-1655)*. Montréal: Presses de l’Université de Montréal, 2017.

SRIBNAI, Judith. Représentation et altérité dans *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* de Cyrano de Bergerac. *Sociocriticism*, v. XXXIV, n. 1-2, s. p., 2019.

SRIBNAI, Laurence. *Récit et relation de soi au XVIIe siècle*. Paris: Classiques Garnier, 2013.

SWIRSKI, Peter. *Between literature and Science*. Poe, Lem, and Exploration in Aesthetics, Cognitive Science and Literary Knowledge. Montréal: MacGill University Press, 2000.

TAMAGNE, Florence. *Mauvais genre?* Une histoire des représentations de l'homosexualité. Paris: LM, 2001.

TECHMANSKI, Artur. *Le Page disgracié* de Tristan L'Hermite et l'écriture de soi. Problématique d'une oeuvre ambiguë. *Romanica Cracoviensia*, v. 15, 2015.

THIROUIN, Laurent. Paradoxe et contradiction dans le discours des moralistes français du XVII^e siècle. *Revue des littératures et des arts*, n. 6, 1996.

TIN, Louis-Georges. *L'Invention de la culture hétérosexuelle*. Paris: Éditions Autrement (Collection Mutations/Sexe en tous genres, n. 249), 2008.

TORERO-IBAD, Alexandra. Libertinage, science et philosophie dans le matérialisme de Cyrano de Bergerac. Paris: Honoré Champion, 2009.

TRICOCHE-RAULINE, Laurence. *Identité(s) libertine(s)*. L'écriture personnelle ou la création de soi. Paris: Honoré Champion, 2009.

TRICOCHE-RAULINE, Laurence. Les libertins érudits ou la morale des corrompus. *Études de lettres*, n. 3-4, 2015.

VAN DAMME, Stéphane. *Théophile de Viau et les jésuites*. Procès et polémique littéraires au XVII^e siècle. Contribution à une histoire des pratiques textuelles. Mémoire présenté en vue de diplôme de l'E.H.E.S.S. sous la direction de Roger Chartier, juin 1994.

VAN DAMME, Stéphane. Libertinage de moeurs/ libertinagem érudit. Le travail de la distinction. *Les Dossiers du Grihl*, n. 3, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/dossiersgrihl.4826> Acesso em: 09 março 2025.

VAN DAMME, Stéphane. Violences fondatrices? Les épreuves aux origines de l'identité libertine sous l'Ancien Régime. *Les Dossiers du Grihl*, n. 1, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/dossiersgrihl.722> Acesso em: 22 junho 2025.

VAN DAMME, Stéphane. Subversive Freedom: Libertine Anthropology and the Geography of Knowledge in Seventeenth-Century France. *Early Modern French Studies*, v. 37, n. 2, p. 108-125, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/20563035.2015.1118248> Acesso em: 20 junho 2019.

VAN DAMME, Stéphane. La mappemonde sceptique: une géographie des « libertins érudits ». *Littératures classiques*, n. 92, v. 1, p. 77-112, 2017. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-litteratures-classiques-2017-1-page-77.htm> Acesso em: 17 outubro 2024.

VAN DAMME, Stéphane. Libertinage de moeurs / libertinagem érudit. Le travail de la distinction. *Les Dossiers du Grihl*, n. 3, 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/4826> Acesso em: 11 março 2025.

VAN DAMME, Stephanie. *L'épreuve libertine* : morale, soupçon et pouvoirs dans la France baroque. Paris: CNRS éditions, 2008.

VAN DAMME, Stéphane. *Les voyageurs du doute. L'invention d'un altermondialisme libertin (1620-1820)*. Paris: Fayard, 2023.

VIALA, Alain. *Naissance de l'écrivain*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1985.

VIGARELLO, Georges. Alegria, tristeza, terror... A mecânica clássica dos humores. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História das emoções: 1. Da Antiguidade à Luzes*. Tradução Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2020.

VIGARELLO, Georges. A virilidade moderna: convicções e questionamentos. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). *História da virilidade. 1. A invenção da virilidade Da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2022.

VILLALTA, Luiz Carlos. Libertinagens e livros libertinos no mundo lusobrasileiro (1740-1802). In: MEGIANI, Ana Paula Torres; ALGRANTI, Leila Mezan (Org.). *O império por escrito: formas de transmissão da cultura letrada no mundo ibérico (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Alameda/Fapesp/ Cátedra Jaime Cortesão, 2009, p. 511-550.

VILLALTA, Luiz Carlos. Leituras Libertinas. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v. II, p. 76-97, 2012.

VOLPILHAC, Aude. « *Le Secret de bien lire* ». Lecture et herméneutique de soi en France au XVIIe siècle. Paris: Honoré Champion, 2015.

VOLPILHAC, Aude. « Le rossignol trouvera bon de parler lui-même de soi-même ». Discours animal et subversion libertine dans les *États et Empires de la Lune et du Soleil* de Cyrano de Bergerac. *Itinéraires*, n. 2, s. p. 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/itineraires/8257> Acesso em: 10 agosto 2024.

ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. *Três autoras francesas e a cultura escrita no século XVII: gênero e sociabilidades*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.